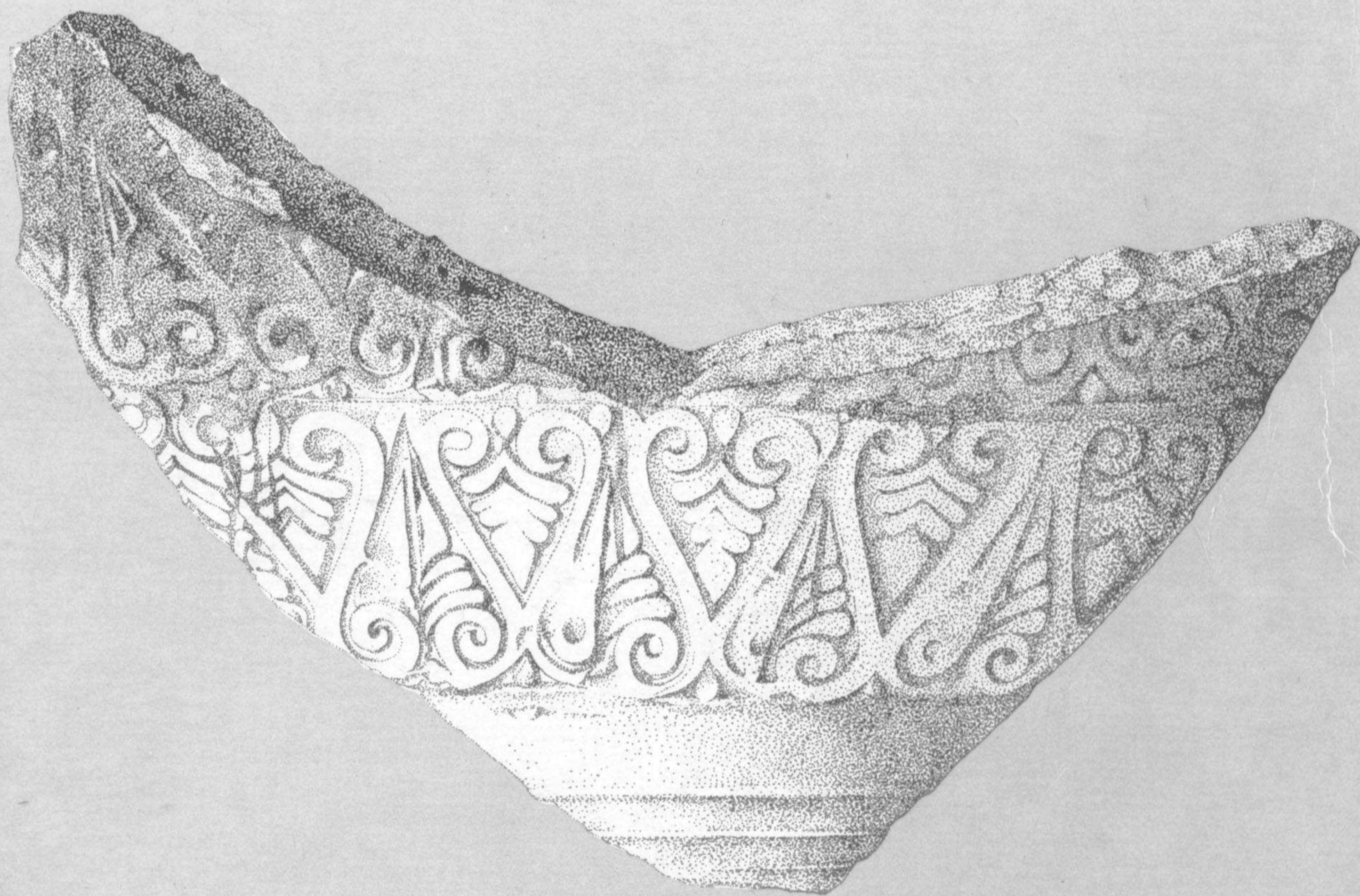


XELB 1



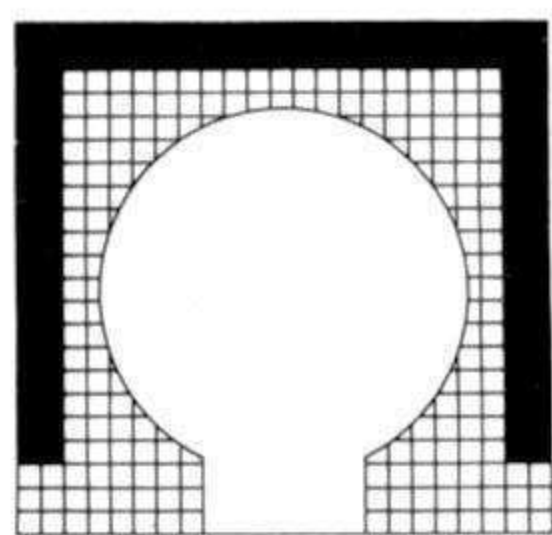
Cerâmicas Muçulmanas Do Castelo De Silves

Rosa Varela Gomes

X E L B 1

REVISTA DE ARQUEOLOGIA, ARTE, ETNOLOGIA E HISTÓRIA

1988



MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA
CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES



XELB 1 — REVISTA DE ARQUEOLOGIA, ARTE, ETNOLOGIA E HISTÓRIA

1988

Esta publicação contou com o patrocínio das seguintes entidades:

REGIÃO DE TURISMO DO ALGARVE
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO: Mário Varela Gomes.
AUTORES: Artur Nobre de Gusmão, José António Correia Viola, Rosa Varela Gomes.
ORIENTAÇÃO GRÁFICA: Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes.
CAPA: Leonel Moura
DESENHO: Ivone Beirão, Leonel Moura, Margarida Carmo, Mário Varela Gomes, Noémia Morais, Rosa Cabrita Reis, Rui Cunha, Silvia de Freitas.
FOTOGRAFIA: Mário Varela Gomes, Manuel Ribeiro
RESTAURO: Cecilia Rosalino, Céu Mateus, Graça Fonseca, Isabel Nunes, João Pedro de Azevedo, Luís Miguel Cabrita, Maria Lúcia Cabrita.
COMPOSIÇÃO IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO: Tipografia Henry Gris, Ld.
CORRESPONDÊNCIA: Museu Municipal de Arqueologia, 8300 Silves, Portugal

(Aceita-se permuta / On prie l'échange / Exchange wanted / Sollicitiamo intercambio / Tauschverkehr erwünscht).

A Arqueologia é hoje essencial para o estudo e compreensão da História. Os achados arqueológicos são documentos históricos por direito próprio muitas vezes tão ou mais importantes que os textos escritos. Exactamente como qualquer historiador, o arqueólogo estuda, procura compreender e reconstituir, através de um dado ou acontecimento, o passado de toda uma Civilização. As alterações no mundo material resultantes da acção humana e os restos materiais de um quotidiano de milénios, no seu conjunto, constituem assim os chamados testemunhos arqueológicos. Estes testemunhos fazem parte da nossa ancestral existência, e a busca desse passado tem sido uma constante na vida das comunidades; sem esse conhecimento, qualquer grupo, qualquer cultura não estará completa porque lhe faltam os elos que a ligam ao seu passado.

A pesquisa arqueológica é, pois, reconhecida como necessária para o conhecimento das nossas origens. Sem essas investigações caímos muitas vezes em erros fáceis e o que parece ser, muitas vezes não o será. O estudo adequado dos materiais encontrados em estratos arqueológicos, absolutamente definidos e acompanhados de análises químicas bastante sofisticadas, permitem datações muito precisas que já desfizeram bastantes erros e corrigiram "verdades históricas".

Desde alguns anos tem esta Edilidade vindo a subsidiar e apoiar, das formas mais variadas, as escavações no Castelo de Silves e a suportar na totalidade as que se processaram no edifício da rua da Porta de Loulé, onde se constrói, presentemente, o Museu Arqueológico. Apoiou e incentivou as reedições das Monografias de São Bartolomeu de Messines e do Algez, publicou dois pequenos trabalhos, inéditos, sobre os Bispos D. Jerónimo Osório e D. Alvaro Pais, criou, e mantém em funcionamento, a oficina de restauro de material arqueológico, estrutura essencial para que o futuro Museu possa desenvolver em pleno a função para que foi instituído. Criaram-se bolsas de estudo para estudantes de fracos recursos económicos, em suma, dentro das possibilidades e limites orçamentais, temos desenvolvido uma política cultural que, embora não seja ainda a que necessitamos, tem sido, até ao momento, a que nos foi possível concretizar.

Pretende-se com esta pequena introdução explicar o porquê da presente edição por parte da Câmara Municipal. Trata-se de uma obra de grande importância que versa as "Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves", e por isso valoriza a cidade, dando dela conhecimento, não só aos investigadores e interessados na sua história, mas também a todos os Silvesenses do que foi a vivência das populações islâmicas na nossa terra.

A Arqueologia medieval está, finalmente, a dar os primeiros passos, e a publicação deste livro é um contributo para o seu conhecimento e é, também, um especial agradecimento à autora, Dra. Rosa Varela Gomes, que, desde há alguns anos, aqui tem desenvolvido intensa actividade, chamando a atenção dos especialistas para as grandes potencialidades que o nosso concelho detém neste ramo científico.

O PRESIDENTE DA CÂMARA



(JOSÉ ANTÓNIO CORREIA VIOLA)

CERÂMICAS MUÇULMANAS DO CASTELO DE SILVES

ROSA VARELA GOMES

Esta obra é a dissertação do Mestrado de História da Arte, apresentada, pela autora, na Univerdade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de História da Arte, em 1987, e sob a orientação do Sr. Professor Doutor Artur Nobre de Gusmão.

ÍNDICE

	Págs.
APRESENTAÇÃO	11
AGRADECIMENTOS	15
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
I. 1. OS ESTUDOS MUÇULMANOS EM PORTUGAL	19
I. 2. SILVES – ALCÁÇOVA E MEDINA	23
I. 3. PERSPECTIVAS E OBJECTIVOS	43
CAPÍTULO II – A EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA	
II. 1. METODOLOGIA	49
II. 2. ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA	51
II. 3. INTERPRETAÇÃO	70
CAPÍTULO III – AS CERÂMICAS	
III. 1. AS PRODUÇÕES MAIS RECUADAS – INÍCIOS DO EMIRATO (CAMADA 8)	87
III. 2. AS PRODUÇÕES DOS FINAIS DO EMIRATO (CAMADA 6)	101
III. 3. AS CERÂMICAS CALIFAIAS (CAMADA 5)	104
III. 4. AS CERÂMICAS TAIFAS (CAMADA 4)	111
III. 5. AS CERÂMICAS ALMORÁVIDAS (CAMADA 3)	115
III. 6. AS CERÂMICAS ALMOADAS (CAMADA 2)	118

CAPÍTULO IV – CERÂMICAS E HISTÓRIA

IV. 1. A EVOLUÇÃO FORMAL E DECORATIVA, POSSÍVEL, DA CERÂMICA DO SÉCULO VIII AO SÉCULO XIII	155
IV. 2. CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE ALGUNS TEMAS DECORATIVOS	170
IV. 3. CONCLUSÕES FINAIS	173

CAPÍTULO V – CATÁLOGO

NOTA PRÉVIA	179
V. 1. CERÂMICAS DA CAMADA 8	181
V. 2. CERÂMICAS DA CAMADA 6	196
V. 3. CERÂMICAS DA CAMADA 5	199
V. 4. CERÂMICAS DA CAMADA 4	206
V. 5. CERÂMICAS DA CAMADA 3	212
V. 6. CERÂMICAS DA CAMADA 2	219

BIBLIOGRAFIA

287

APRESENTAÇÃO

Não creio que sejam estes o tempo e o lugar certos para uma apreciação do trabalho da Autora que amavelmente me pediu uma "Apresentação". Essa apreciação crítica fê-la, em devida oportunidade, o Júri para o efeito expressamente constituído, como determinam disposições legais específicas, relativamente às Teses de Mestrado em História da Arte.

*A esta, dedicada às **Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves**, reconheceu o respectivo Júri que me honrei de integrar na minha condição de "orientador", o mérito para a atribuição, por unanimidade e com a mais alta classificação do grau de Mestre, à Lic^a. Rosa Maria Gonçalves Varela Gomes.*

Assim, viu a Autora consagrado, com justiça, o seu esforço na última prova de um Curso em que revelou sempre grandes qualidades de estudo e de investigação com esclarecido critério. Assim se viu a Fundação Calouste Gulbenkian bem gratificada com o apoio que desde o começo dera aos trabalhos agora passados às páginas do livro.

Contudo, não só a gentileza do convite mas, igualmente, a minha admiração pelas pesquisas que acompanhei e "vivi" tão de perto quanto me foi possível, como o grande apreço pelos resultados originais conseguidos e demonstrados, não me permitiram esquivar-me a este público testemunho. Dou-o, pois, com todo o gosto.

Poderia e talvez devesse ficar por aqui.

Seria porém injustiça ou má consciência não pedir a quem leia este livro, uma reflexão sobre o seu pleno significado, mesmo para lá do seu já reconhecido valor intrínseco. Julgo que de facto nos rasga novos horizontes conquistados com determinação e rigor científico, quanto aos "tempos muçulmanos" no nosso território, que bem merecem maior empenhamento da historiografia portuguesa. Como também o merece a quase mítica Silves.

*Na modéstia do título, **Cerâmicas Muçulmanas** por um lado, **Castelo de Silves**, por outro, assoma o "tesouro" que devemos receber gratos, como um **presente feito do passado**, ou que, para mim é equivalente de um **passado feito do presente**. Ambivalência, melhor do que ambiguidade, no sortilégio de uma História da Arte.*

Silves, os seus filhos e os responsáveis mais directos e imediatos pela sua autenticidade, estão certamente gratos a Mestre Rosa Varela Gomes, pela luz que nos traz para melhor se desvendar e reconhecer o burgo de outrora. A História de Silves ganha novos e mais ambiciosos mas justos contornos de uma História da História de Silves dos tempos Muçulmanos e, nessa perspectiva, todos nós, silvenses ou não, identificados com a História do nosso país, deveremos estar gratos. Hoje espreitam-nos das entranhas dum

pedaço do Castelo alinhamentos de pedras e muros, testemunhos de um estar e viver, como também lembranças de lutas e de paz, de arte e de cultura. E como não haveríamos de nos lembrar olhando o que Mestre Rosa Varela Gomes como por magia nos pôs a descoberto, aquela famosa Evocação de Silves, do poeta e rei Mutamid de Sevilha, ao pedir a Abu Bakr que o lembre em Silves, perguntando se ainda se lembram dele e saúde o Palácio das Varandas da parte de quem fora um donzel que sempre sentiu perpétua nostalgia daquele alcácer.

Rosa Varela Gomes pareceu-me uma e outra vez intrigada e preocupada com secretos meandros de relacionamento que pedem clarificação de conceitos e fronteiras da História da Arte e da Arqueologia Medievais.

É grande a contribuição que as Cerâmicas Muçulmanas de Silves e as suas escavações no velho Castelo trazem para a História da Arte em Portugal, como poderia igualmente dizer: para a Arqueologia Medieval em Portugal.

E aqui é fenómeno raro também.

Não vem de há muito o assim mesmo já hoje relativo à vontade com que falamos ou escrevemos sobre Arqueologia Medieval. E, contudo, até podia afirmar-se que a História da Arte Medieval nasceu com a Arqueologia Medieval. Brutails com o seu *Précis d' Archéologie du Moyen-Age*, antecede muito obras como a de H. Focillon, o autor da Arte do Ocidente que é também o da Vida das Formas.

Tivemos, por algum tempo, uma linhagem de "analistas" paralela à dos Espanhóis que nunca perdemos mas que entre nós afrouxou bastante. É grato e importante verificar como ultimamente se refresca com uma juventude interessada e de real merecimento.

É uma memória fundamental do nosso país, como todos sabemos que está a ressurgir em novas leituras.

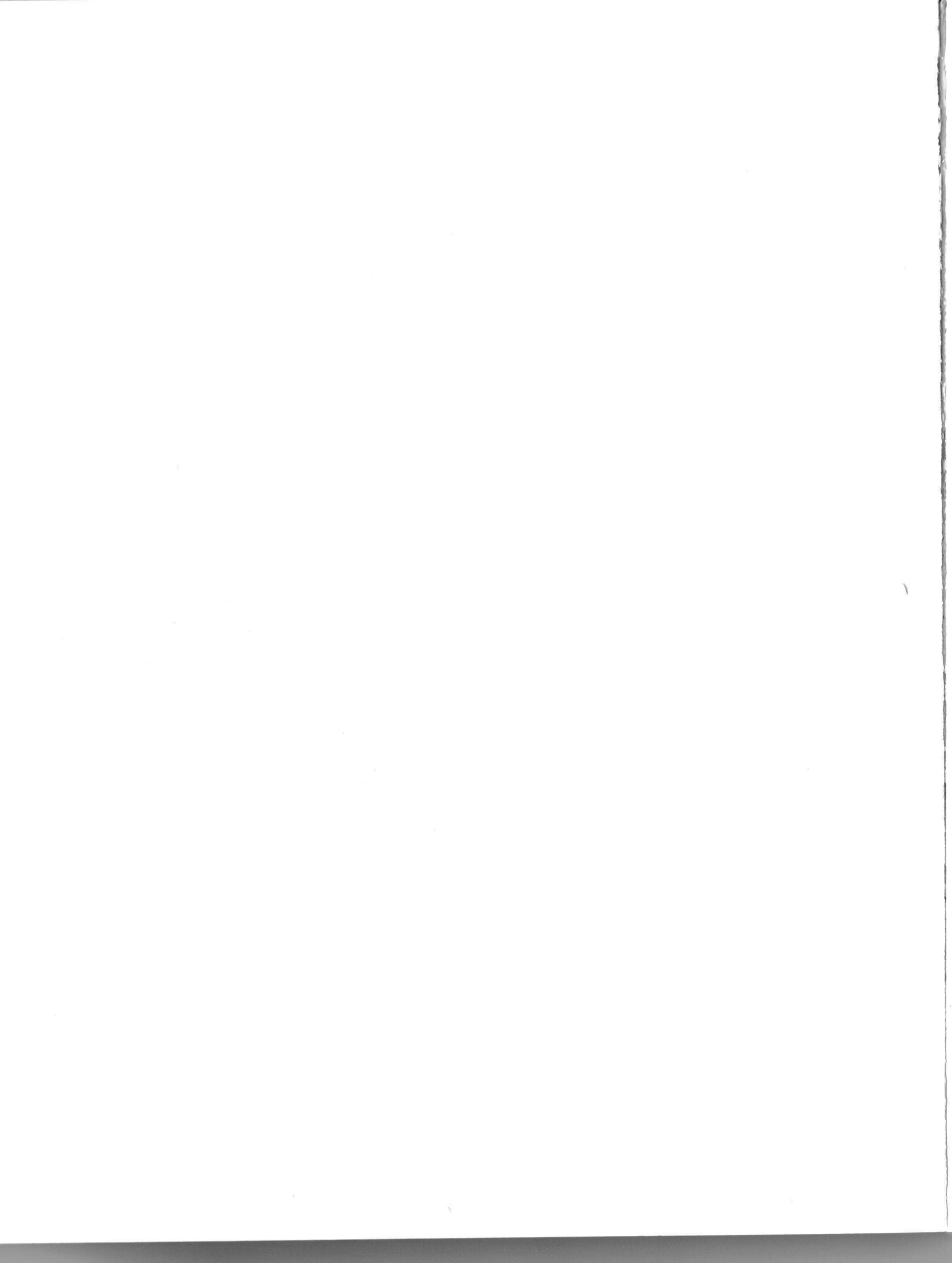
Não tenho qualquer dúvida em reafirmar que esta, a que este livro nos propõe, é das mais significativas.

Saudêmo-lo, pois, como merece.

Lisboa, 18 de Novembro de 1988


(ARTUR NOBRE DE GUSMÃO)

Para a Rosinha, o Mário e os meus Pais



AGRADECIMENTOS

A realização do trabalho, agora apresentado, não seria possível sem a colaboração e o interesse dedicado de numerosas pessoas, assim como sem o apoio económico de algumas instituições públicas e privadas. Cumpre-nos, pois, aqui expressar, a todas aquelas entidades, o nosso reconhecimento.

Não podíamos deixar de, em primeiro lugar, manifestar a nossa gratidão ao Sr. Doutor Artur Nobre de Gusmão, nosso Professor no Mestrado em História da Arte, que, benevolmente, não só nos sugeriu este tema de trabalho para tese, como o aceitou dirigir. Os seus ensinamentos foram muitos, transmitidos durante as aulas onde constantemente deixava transparecer o sentido Universal da Arte, das artes de muitas sociedades, como durante a elaboração deste estudo. O Professor Doutor Artur Gusmão não só nos apoiou em termos teóricos como visitando, em vários momentos, as escavações do Castelo de Silves nos incentivou a continuarmos ajudando-nos, também, com os seus conselhos a resolver diversos problemas que iam surgindo. Devemos-lhe, ainda, a paciência que teve em nos ouvir, durante estes últimos dois anos, indicando-nos caminhos a percorrer e oferecendo-nos a sua opinião, e experiência, cada vez que a solicitámos.

Ao entusiasmo e à dedicação de José Luís Cabrita pela Arqueologia, e pelo património em geral, do concelho de Silves devemos, igualmente, esta intervenção. De facto, a escavação do Castelo, pondo a descoberto as velhas estruturas do palácio cantado por Al-Mutamide e o conhecimento do passado islâmico da cidade, era um velho sonho deste nosso Amigo que, enquanto simples cidadão de Silves, Presidente da sua Associação de Defesa do Património ou vereador camarário, responsável pelo Pelouro da Cultura, sempre soube, muitas vezes sózinho mas sem desânimos, apoiar e estimular as investigações histórico-arqueológicas. Foi, ainda, José Luís Cabrita, numismata com profundos conhecimentos, que fez a leitura das moedas portuguesas incluídas nesta tese.

Ao Doutor Caetano de Mello Beirão, então Director do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul e nosso Amigo de há muitos anos, somos devedores da confiança científica que em nós depositou, dando os pareceres favoráveis à realização das escavações e acompanhando-nos interessadamente, *in loco*, em todas as campanhas. Este mesmo arqueólogo pôs à nossa disposição não só material técnico do S.R.A.Z.S. como promoveu a vedação da área escavada.

Estamos, também, gratos ao Sr. Professor Doutor Telles Antunes, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pela leitura que fez do *dirham* almoada, pela sugestão, depois comprovada de que o motivo de uma das estampilhas poderia ser um onagro ou zebro, assim como por ter aceite estudar o abundante espólio osteológico exumado.

Ao Dr. Fernando Real, geólogo do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, agradecemos as indicações referentes à existência de óxido de cobalto, na Península, e ao Sr. Professor Doutor Armando Santinho Cunha, informações, de carácter antropológico e patológico, sobre os esqueletos descobertos e a preparação do seu estudo.

Sendo os trabalhos arqueológicos não só morosos mas bastante dispendiosos, prolongando-se para além das escavações, estes devem a principal participação económica à Fundação Calouste Gulbenkian; a quem muito temos de agradecer na pessoa do seu Director do Serviço de Belas-Artes. Esta mesma Instituição pagou a análise de 14C, feita, em Lyon, que datou o nível mais antigo da ocupação islâmica no Castelo de Silves; a primeira realizada em Portugal para o período muçulmano.

Outro importante apoio, financeiro e logístico, foi-nos oferecido pela Câmara Municipal de Silves, competindo-nos referir o grande interesse que os seus sucessivos presidentes, José Francisco Viseu e José Correia Viola, mostraram pela recuperação do passado histórico-monumental de Silves. De igual modo todos os vereadores deste Município, sem excepções, têm reconhecido o esforço do nosso trabalho, apoiando-nos a diferentes níveis. No entanto, não poderíamos esquecer, neste momento, a acção que tem tido, já ao longo de alguns anos, a vereadora Dra. Maria da Soledade Martins ajudando-nos a resolver problemas que permitiram o bom andamento, diário, dos trabalhos.

O Instituto Português do Património Cultural não só nos autorizou, anualmente, as escavações como nos subsidiou as mesmas.

Por fim, cumpre-nos agradecer a todos quantos durante os trabalhos de campo connosco colaboraram, sobretudo ao grande número de jovens de Silves, assim como aos técnicos de restauro e aos desenhadores que, tanto no terreno como no gabinete, sempre ofereceram o melhor do seu esforço e saber. Para todos vai o nosso muito obrigado.

CAPÍTULO I

“Me comunicó Gabriel, sobre él sea la paz, que en los confines de Occidente (al-Magrib) hay una isla llamada al-Andalus. Mi comunidad la conquistará después de mí y en ella los hombres que mueran serán mártires y los vivos serán combatientes felices. Las nubes los llevarán al lugar de la reunion el día del Juicio” (Maomé, segundo ‘Abd al-Malik ibn Habib, trad. de Bermejo, J.L., 1983, El nombre de Al-Andalus, p. 310).



INTRODUÇÃO

I.1. OS ESTUDOS MUÇULMANOS EM PORTUGAL

I.1.1. Tradição e História

Para além de certas características antropológicas, físicas e culturais, sobretudo mais reconhecíveis no Sul do País, e de aspectos técnicos ligados à agricultura, é no vocabulário e na tradição oral que a permanência muçulmana, em Portugal, melhor ficou registada. As lendas, sobre mouros e mourinhas encantadas, persistem entre nós, sendo sinónimo de riqueza para quem os encontrar, em especial nas noites de S. João ou de Lua cheia ⁽¹⁾. Com aquele povo está conotada não só a noção do seu poder económico, que as lendas deixam transparecer, mas, também, a ele se liga a antiguidade de muitos locais assim como outras formas narrativas do maravilhoso.

O interesse pelos vestígios clássicos, greco-romanos, preteriu, de certo modo, o gosto por obras posteriores, nomeadamente as islâmicas, devendo-se, esse facto, possivelmente a questões de ordem sócio-política: a proximidade ainda recente da ocupação do reino de Granada e, ainda, as ameaças constantes às estruturas do poder europeu. Contudo, D. João V, em 1721 e por decreto, manda proteger monumentos que incluem, além dos edifícios, “as Estatuas, Mármore e Cippos em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Fenices, Gregos, Romanos, Goticos, Arabicos, ou Laminas, ou Chapas de qualquer metal...”⁽²⁾.

Mas, será só no século XIX e nos inícios do XX, com os movimentos românticos, que os intelectuais “redescobrem” as civilizações não europeias e as grandes obras construídas durante a permanência muçulmana tanto no Oriente como em Espanha. A Giralda de Sevilha, a Mesquita de Córdoba, a cidade califal de Medina-az-Zahra, a Alhambra de Granada ou, mesmo, a Aljaferia de Saragoça ⁽³⁾, passam a fazer parte do fascínio oriental que se irá reflectir em variadas formas da manifestação artística, como na arquitectura,

(¹) Dias, J.L., 1944, Etnografia da Beira, Lendas, Costumes, Crenças, e Superstições, vol. I, pp. 65, 66; Domingues, J.D.G., 1958, Guia Turístico de Silves, pp. 37-39; Oliveira, F.X. d'A., 1898, As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve, p. 222.

(²) Almeida, L.F. de, 1965, Alguns Documentos para a História da Arqueologia em Portugal, p. 104.

(³) Gualis, G.M.B., 1983, Zaragoza Musulmana, p. 72; Grabar, O., 1984, La Alhambra: Iconografía, Formas y Valores, p. 18; Irvings, W., 1963, Cuentos de la Alhambra; López-Cuervo, 1985, Medina-Az-Zahra, Ingeniería y Formas, p. 30.

que adoptou soluções e elementos decorativos próprios da arte muçulmana, ou num importante ramo da pintura.

Entre nós, Alexandre Herculano integra a História “sarracena” na própria História de Portugal, ou desenvolve-a em paralelo com a da fundação da nacionalidade; escreve romances com personagens “mouras”, e um deles é, mesmo, passado em Córdova, “nos paços de Azzahrat” (4). Para Garrett a alcáçova de Silves serve de cenário para nos narrar, em poesia, os amores de uma princesa cristã com o último rei muçulmano daquela cidade (5).

Atribuíram-se, neste período, edifícios aos “mouriscos” em várias localidades, como em Silves, e os “temas árabes” chegam a fazer parte do concurso para provimento do lugar de professor, da 13ª cadeira, da Academia de Belas-Artes de Lisboa (6). Em 1892, realiza-se, em Lisboa, o Congresso Internacional de Orientalistas onde um dos temas diz respeito a Silves (7).

Desenvolve-se o interesse por estes assuntos, em especial, com os trabalhos epigráficos de lápides ou de pequenas caixas de marfim, interpretação de textos, ou estudos numismáticos de peças encontradas, muitas vezes, isoladas (8).

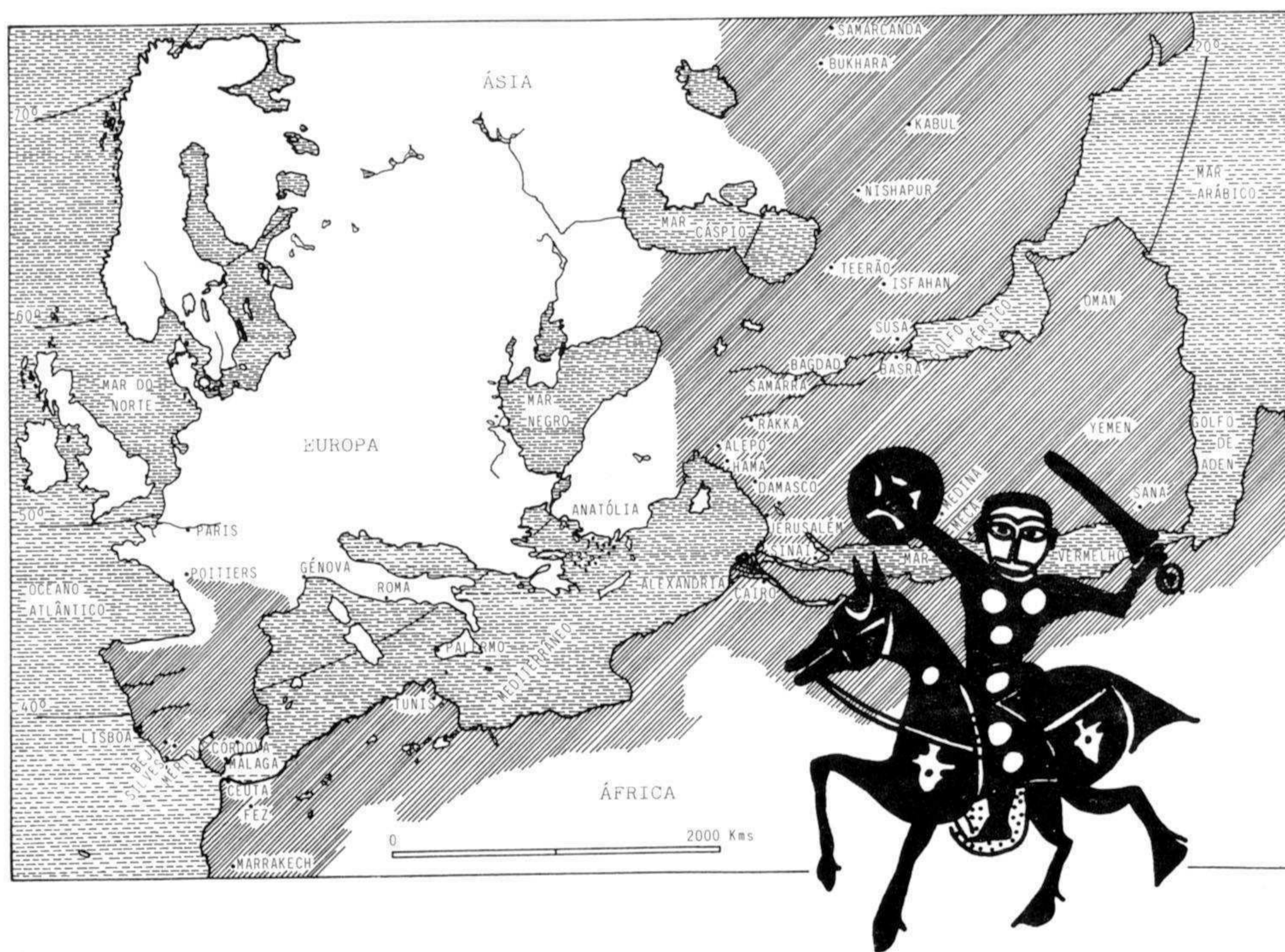


Fig. I.1. O mundo islâmico no século VIII.

(4) Herculano, A., 1847, História de Portugal, Tomo II, p. 53; 1858, O Alcaide de Santarém, p. 15.

(5) Garret, A., 1962, Camões e D. Branca, pp. 62-90.

(6) Cunha, A.J., 1905, Extractos das Respostas à Circular Dirigida pela Mesa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses às Câmaras Municipais do Paiz, p. 445; Dias, E.R., 1901, Noticias Archeologicas Extrahidas do “Portugal Antigo e Moderno” de Pinho Leal, com Algumas Notas e Indicações, pp. 44, 45; Leal, P., 1873, Portugal Antigo e Moderno, p. 165; N/A, 1842, Portugal-Silves, pp. 209, 210; N/A, 1894, Antigas Fortificações, p. 9; N/A., 1908, Academia das Belas Artes de Lisboa, pp. 306, 307.

(7) Fabricius, A.K., 1892, La Première Invasion des Normands dans l’Espagne Musulmane en 844.

(8) Botto, C.M., 1899, Glossario Critico dos principais monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique, pp. 63, 117; Figanier, J., 1949, Moedas Árabes, I parte; 1959, Moedas Árabes, II parte; Lopes, D., 1895, Cousas Arabico-Portuguesas – Cêrco de Silves, p. 273; 1896, Cousas Arabico-Portuguesas, p. 204; Nykl, A.R., 1941, Incrições Árabes Existentes no Museu Archeológico do Carmo, pp. 11, 12; Rios, A. de los, 1886, Secção de Archeologia, p. 100; Vargas, M.F., 1907, Appenso ao Catalogo das Moedas e Medalhas do Museu do Carmo – Moedas Arabico-Hispanicas, p. 230.

Os fragmentos de cerâmica, provenientes de recolhas casuais (Silves, Cacela e Senhora da Cola), integravam colecções particulares e o espólio do Museu Etnológico Português, em cujo plano de organização existia uma secção denominada “Epocha Arabica”⁽⁹⁾ que resistiu até 1979; altura do encerramento daquela instituição ao público. Este espólio começou por ser publicado, acompanhado de pequenas descrições e respectivo desenho, por Leite de Vasconcellos no *Arqueólogo Português* ⁽¹⁰⁾. José Queiroz ⁽¹¹⁾, na introdução à obra “Cerâmica Portuguesa”, assinala a importância dos “árabes” em relação a novas formas e técnicas de fabrico de artefactos em cerâmica. Conhecedor dos belíssimos objectos provenientes da Alhambra escolhe, como exemplo nacional, um tabuleiro proveniente de “escavações” em Silves, que descreve e atribui ao século XI, não o tendo, no entanto, reproduzido.

I.1.2. Investigação arqueológica

As escavações arqueológicas em níveis muçulmanos, no Sul de Portugal (fig. I.2), iniciam-se, em 1958, com Abel Viana no denominado Castro de Nossa Senhora da Cola (concelho de Ourique). Naquele mesmo ano, e nos seguintes, aquele investigador publica, pela primeira vez, a planta de uma fortificação muçulmana e, também, os materiais exumados datando, erradamente, as cerâmicas recolhidas como do período califal. Em dois trabalhos, anteriores a este, Abel Viana, ou com colaboração, já tinha dado a conhecer as cerâmicas muçulmanas, acompanhadas de fotografias e das suas dimensões, dos museus de Beja e de Lagos ⁽¹²⁾, embora nestes estudos não chegue a fazer qualquer sistematização cronológica-estilística.

A partir dos anos setenta principiam as escavações no Cerro da Vila, em Vilamoura, no concelho de Loulé, onde a ocupação muçulmana se sobrepõe a importantes estratos romanos e tardo-romanos. Nesta estação as, poucas, peças muçulmanas publicadas foram datadas, por Luís de Matos ⁽¹³⁾, como sendo dos séculos X e XI.

As investigações em Mértola, realizadas continuamente desde 1978, vieram oferecer novas perspectivas ao estudo das cerâmicas do período muçulmano em Portugal pois, foi já exumada uma importantíssima colecção, onde se destacam as peças decoradas pelo processo da corda seca, embora carente de dados estratigráficos, significativos, e classificadas num lato período de tempo que abrange os séculos X ao XIII ⁽¹⁴⁾.

(9) Vasconcellos, J.L., 1915, *Historia do Museu Etnologico Português*, pp. 34-39.

(10) Vasconcellos, J.L., 1902, *Candeias Arabes do Algarve*, pp. 119-123; 1918, *Pelo Sul de Portugal*, pp. 133-135, fig. 15; 1930-31, *Excursão pelo Baixo-Alentejo*, p.240, fig. 7.

(11) Queiroz, J., 1907, *Ceramica Portuguesa*, p. 10.

(12) Viana, A., 1946, *Museu Regional de Beja. Alguns Objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da Época Romana; Cerâmica Argárica; Cerâmica Árabe*, pp. 27, 32; 1958, *Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique)*, p. 30, est. IX; 1959, *Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo-Alentejo I-Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique)*, pp. 8,21; est. XII; 1961-62, *Notas Várias, Circunstâncias Habituais da Exploração Arqueológica em Portugal*, fig. 165; Viana, A., Formosinho, J. e Ferreira, O.V., 1953, *De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos*, est. IV.

(13) Matos, J.L., 1971, *Cerro da Vila, Escavações de 1971*, p. 212; 1972, *Cerro da Vila – Campanha de Trabalhos de 1972*; 1983, *Malgas Árabes do Cerro da Vila*; 1984, *Cerro da Vila (Algarve)*, p. 140.

(14) Torres, C., 1982, *A Alcáçova de Mértola, História e Arqueologia*, p. 89.

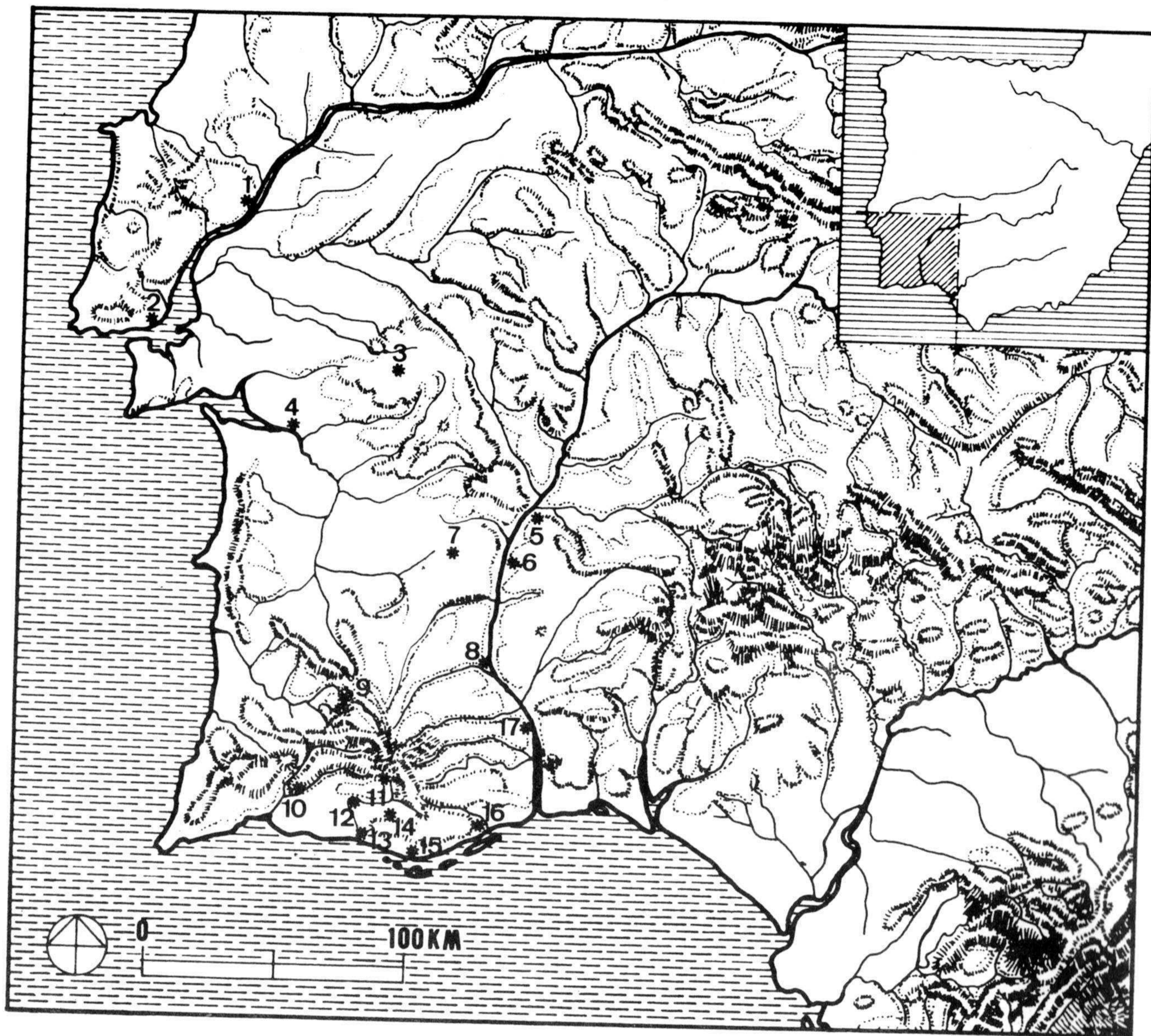


Fig. 1. 2. As principais estações arqueológicas do período muçulmano, no Sul de Portugal. 1 - Santarém; 2 - Lisboa; 3 - Évora; 4 - Alcácer do Sal; 5 - Moura; 6 - Serpa; 7 - Beja; 8 - Mértola; 9 - Senhora da Cola; 10 - Silves; 11 - Salir; 12 - Paderne; 13 - Vila Moura; 14 - Loulé; 15 - Faro; 16 - Tavira; 17 - Alcoutim.

No começo dos anos oitenta iniciaram-se as escavações no poço-cisterna almoada de Silves, onde pudemos atribuir algumas das cerâmicas aos períodos almorávida e almoada⁽¹⁵⁾. Esta estrutura, entulhada nos finais do século XVI, tem facultado materiais maioritariamente desta época.

(¹⁵) Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 1986, Cerâmicas Estampilhadas, Muçulmanas e Mudéjares, do Poço-Cisterna de Silves, p. 138.

Na mesma altura foi escavada uma habitação rural, assim como um conjunto de silos, no sítio de Vale de Boto (Castro Marim), e os materiais encontrados, não estratificados, foram atribuídos aos séculos X-XIII ⁽¹⁶⁾.

Em 1984 iniciámos as escavações no Castelo de Silves; onde a abundante colecção de cerâmica já recolhida, integra uma desenvolvida sucessão estratigráfica e será objecto do presente estudo.

I.2. SILVES – ALCÁÇOVA E MEDINA

I.2.1. Localização e estratégia de implantação ⁽¹⁷⁾

A actual cidade de Silves, a velha *Xelb* do *Gharb* muçulmano, foi erguida num, não muito grande, cerro do Barrocal algarvio, com 56m de altura, que se individualiza no seio de uma veiga fértil protegida, dos ventos e dos homens, pelos relevos que a envolvem. Fica sobranceira ao rio Arade e ladeada pelo norte por outra linha de água, a ribeira do Enxerim, hoje quase desaparecida. A sua situação apresenta aspectos estratégicos e defensivos comuns a outras cidades, nomeadamente nas, de mais antiga fundação muçulmana, da zona do Rif ⁽¹⁸⁾.

Silves localiza-se sobre as principais vias de comunicação, controla o acesso através do Arade, ou no seguimento das estradas que acompanham as várzeas que tanto se dirigem até S. Bartolomeu de Messines como a Monchique, por entre vales largos, atingindo as serras onde estreitos e ancestrais caminhos permitiam, neste caso, a ligação, terrestre, com o Baixo-Alentejo.

Outras antigas vias conduziam, por terra, até à, bem próxima, costa; pelo Porto de Lagos, para ocidente, e pelas várzeas de Lagoa, Algoz e Alcantarilha para oriente.

O rio Arade será, no entanto, não só uma das maiores e remotas vias de penetração nesta área do barlavento mas, também, um elemento fundamental para a criação de depósitos aluvionares propícios à agricultura.

A proximidade marítima da cidade, a cerca de 15Kms da costa, assim aberta ao Oceano, mas entre o Atlântico e o Mediterrâneo, com acesso fácil a mares ricos em peixe, mariscos e sal, a sua implantação junto a grandes jazigos de minério de cobre, rodeada por relevos florestados, e a amenidade do seu clima, serão outros factores decisivos no seu precoce povoamento, desenvolvimento e permanência através dos séculos.

Encontramos, junto a Silves, um relevante conjunto de estações arqueológicas, muitas das vezes, intensamente ocupadas desde a Proto-história à Época Medieval. Uma delas, situada a menos de um quilómetro a poente de Silves, numa elevação denominada Cerro da Rocha Branca ou da Guerrilha, sobranceira ao Arade, foi habitada, pelo menos, desde os

⁽¹⁶⁾ Gonçalves, V., Catarino, H. e Arruda, A.M., 1980, O Sítio Romano-Árabe do Vale do Boto. Notícia da sua Identificação, p. 74; Catarino, H., Arruda, A.M. e Gonçalves, V., 1981, Vale do Boto: Escavações de 1981, no Complexo Árabe/Medieval, p. 16.

⁽¹⁷⁾ “O Algarve presta-se especialmente a uma destrinça de elementos de civilização, por ser uma região aberta a influências mediterrâneas e por isso desenvolvida e organizada quando o resto do país permanecia perdido no isolamento e na barbárie; ... pela existência de centros importantes na época muçulmana, alguns com autonomia política (Silves,...); pela tradição mourisca mais vivaz do que em qualquer outra província; pela vida própria, que provém tanto das montanhas que o isolam de Portugal... como da costa que o torna solidário dessa espécie de pré-mediterrâneo constituído pelo golfo luso-hispano-marroquino” (Ribeiro, O., 1961, Geografia e Civilização, pp. 82, 83).

⁽¹⁸⁾ Cressier, P., 1983, Fortifications du Rif p. 46.

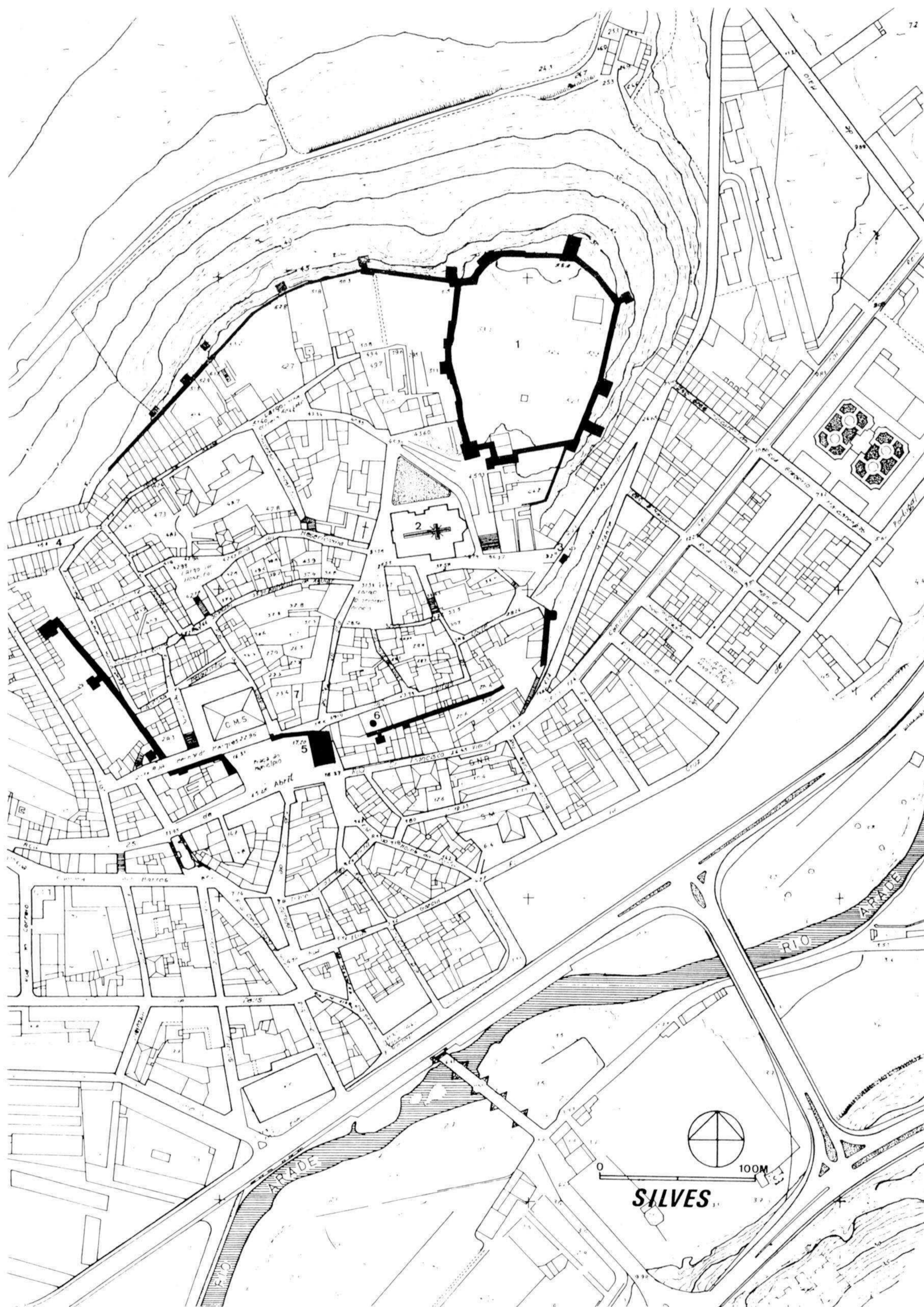


Fig. I.3. A cidade de Silves (1 - alcáçova; 2 - Sé, onde a tradição diz ter existido a Mesquita Maior; 3 - Porta do Sol; 4 - Porta da Azoia; 5 - Porta de Loulé; 6 - Poço-cisterna; 7 - Hammam).

finais da Idade do Bronze. Terá sido um assentamento do tipo das feitorias fenício-púnicas do Ocidente Peninsular, defendido por muralhas de aspecto ciclópico e torres, oferecendo um rico espólio da Idade do Ferro, romano, tardo-romano e mulçumano.

Até ao momento, na actual área urbana de Silves, apenas se recolheram dois percutores neolíticos, um punhal e uma ponta de seta da Idade do Bronze ⁽¹⁹⁾, um fragmento rolado de *sigillata sudgálica* (no pátio anexo ao poço-cisterna), cerâmica romana descoberta, por Estácio da Veiga, na Cisterna dos Cães do Castelo de Silves ⁽²⁰⁾, e algumas, poucas, moedas romanas tardias.

Cremos que o estabelecimento do Cerro da Rocha Branca seria o primitivo núcleo urbano que deu origem à cidade, tendo-se a sua transferência processado para o actual local, possivelmente, em época tardo-romana. Estácio da Veiga ⁽²¹⁾ noticia que à saída de Silves, em direcção ao Porto de Lagos, e perto do referido cerro, se encontraram moedas, de uma oficina pseudo-autónoma, com a legenda CILPES (fig. I.4.) ⁽²²⁾.

Três lápides romanas e um possível templo dedicado a Neptuno, referido nos “Excerptos” de Francisco Escoto (1707) e por Frei Vicente Salgado ⁽²³⁾ (que já não localizou qualquer destes documentos), poderiam, no caso de serem autênticas, atestar uma fundação romana da cidade, embora duas das inscrições fossem funerárias e a terceira tivesse carácter votivo. Pensamos que o templo dedicado a Neptuno, referido pelos autores citados, não seria na actual área urbana de Silves, mas sim no Ilhéu do Rosário; mais propício à existência de um santuário frequentado por navegantes. Ali, ainda, se encontram importantes vestígios romanos e a cristianização do local é-nos revelada, através dos restos de uma pequena capela cujo orago era Nossa Senhora do Rosário.

Algumas vilas rústicas romanas nos arredores de Silves, e os restos de cetárias junto ao rio, testemunham a exploração dos férteis solos e dos recursos marinhos naquele período, sendo provável que, desde a Idade do Ferro, tivesse existido um bom porto, na área onde o rio alargava, entre o local da actual cidade e o Cerro da Rocha Branca.



Fig. I. 4. Moeda de Cilpes
(seg. Reis, 1934, 119)

⁽¹⁹⁾ Veiga, S.P.M.E. da, 1889, Antiquidades Monumentaes do Algarve, vol. III, p. 126.

⁽²⁰⁾ Op. cit., p. 47.

⁽²¹⁾ Veiga, S.P.M.E. da, 1910. Antiquidades Monumentaes do Algarve, capítulo V, Tempos Históricos, p. 229.

⁽²²⁾ Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 1983, Novas Moedas Hispánicas de Balsa e Ossonoba, p. 122.

⁽²³⁾ Salgado, F.V., 1786, Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve, p. 306.

A construção naval será, aliás, uma outra importante actividade da cidade. O seu porto e o estaleiro são referidos por autores muçulmanos como Edrici e Al-Mun'im, pelo menos, até 1231⁽²⁴⁾. A preponderância tanto da cidade, como do rio, fez com que fosse escolhida, logo em 846, como cais de embarque por Abu-Bekr Mohammed Ibn-Omar Ibn-Abdo'l-Aziz quando visitou, como embaixador do rei Abderramão II, a corte normanda tentando negociar a paz depois da primeira grande surtida, deste povo nórdico, contra cidades do litoral Andalus⁽²⁵⁾.

A alcáçova foi edificada no ponto mais elevado do cerro, desenvolvendo-se a cidade a sul e poente, por ruas íngremes e irregulares (algumas, ainda, com nomes medievais), até ao rio. A norte e a levante a encosta, muito inclinada, oferece boas condições naturais de defesa. O substrato rochoso pertence ao Triásico, vulgarmente conhecido por "grés vermelho de Silves", matéria-prima utilizada na construção dos principais e mais antigos monumentos da cidade. As coordenadas geodésicas, aproximadas, de um ponto central do sítio onde se realizou a escavação, são: 37° 11' 15" de latitude norte e 8° 26' 10" de longitude oeste de Greenwich, segundo a Carta Corográfica de Portugal (Silves, folha 49-D, na escala 1/50.000, Instituto Geográfico e Cadastral, 1964). Administrativamente o local faz parte da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, pertence ao concelho de Silves e ao distrito de Faro.

I.2.2. Os textos muçulmanos

Silves foi conhecida no mundo muçulmano em, pelo menos, quatro textos e numa bela poesia⁽²⁶⁾. Os seus autores escreveram, respectivamente, no século X, Ahmad Al-Razi⁽²⁷⁾, inícios do século XII, Abu Abd - Alla - Mohamed-al-Edrisi que redige uma Geografia⁽²⁸⁾, em pleno século XII, Ibn Alathir⁽²⁹⁾, no ano de 1231, Kitab Ar-Rawd Al-mi'tar Fi-Habar Al-Aktar d'Ibn ' Abd Al-Mun'in Al-Himyari⁽³⁰⁾ e é, ainda, do século XI a poesia, intitulada Evocação de Silves, do rei Al-Mutamide de Sevilha⁽³¹⁾. Estas referências são unânimes em

(²⁴) Lévi-Provençal, E., 1938, La Péninsule Ibérique au Moyen Age d'après le Kitab Ar-Rawd Al-mi'tar Fi Habar Al-Aktar d'Ibn'Abd Al-Mun'im Al-Himyari, p. 130.

(²⁵) Fabricius, A.K., 1892, La Première Invasion des Normands dans l'Espagne Musulmane em 844, p.3; Coelho, A.B., 1972, Portugal na Espanha Árabe, vol. II, p. 118.

(²⁶) "*Ei, Abu Bacre, saúda os meus amigos em Silves e pergunta-lhes se, como penso, ainda se recordam de mim. Saúda o Palácio das Varandas da parte de um donzel que sente perpétua saudade daquele alcácer. Ali moravam guerreiros ferozes como leões e brancas gazelas. E em que belas selvas e em que belos covis! Quantas noites passei divertindo-me à sua sombra com mulheres de cadeiras opulentas e talhe delicado. Brancas e morenas que produziam na minha alma o efeito das espadas refulgentes e das lanças obscuras! Quantas noites passei, deliciosamente junto a um recôncavo do rio com uma donzela cuja pulseira rivalizava com a curva da corrente! O tempo passava e ela servia-me a bebida do seu olhar e outras vezes a do seu copo e outras a da sua boca. As cordas do seu alaúde feridas pelo plecto estremeciam-me como se ouvisse a melodia das espadas nos tendões do peito inimigo. Ao retirar o seu manto, descobriu o talhe, fluorescente ramo de salgueiro, como se abre o botão para mostrar a flor*". Evocação de Silves de Al-Mutamide (segundo Coelho, A.B., 1975, Portugal na Espanha Árabe, pp. 300-302, com alterações).

(²⁷) Lévi-Provençal, E., 1953, La Description de l'Espagne d'Ahmad al-Razi - Essai de Reconstitution de l'Original Arabe et traduction française, p. 91.

(²⁸) Blázquez, A., 1901, Abu-Abd-Alla-Mohamed-al-Edrisi - Descripción de España, pp. 16, 17.

(²⁹) Lopes, D., 1895, Cousas Arabico-Portuguesas - Cêrco de Silves, p. 276.

(³⁰) Lévi-Provençal, E., 1938, La Péninsule Ibérique au Moyen Age d'après le Kitab Ar-Rawd Al-mi'tar Fi Habar Al-Aktar d'Ibn'Abd Al-Mun'im Al-Himyari, p. 130.

(³¹) Coelho, A.B., 1975, Portugal na Espanha Árabe, pp. 300-302.

considerarem Silves não só como a maior cidade do Gharb (apesar de, no século X, ter estado, segundo Razi, dependente de Ossónoba) mas com formosos edifícios, bazares, mercados abundantes, rodeada de ricas hortas e pomares, servida por um porto fluvial e também possuidora de fortes muralhas.

Todos os autores, que visitaram a cidade, devem ter visto uma fortificação bem conservada, pois não tecem comentários a obras de restauro, efectuadas ou em curso, nas suas muralhas nem, tão pouco, sugerem que estivessem mal preservadas, como o fazem em relação a outros baluartes.

Num período compreendido entre o século X e o século XIII, espaço em que foram escritos os textos conhecidos, Silves parece ter continuado a ser a maior cidade do Algarve, embora seja pouco provável que a mesma fortificação tenha durado três séculos. É possível, que os autores citados tivessem observado diferentes fortificações ou reproduzido textos anteriores, como parece acontecer com Al -Mun'im que quase repete as lisonjeiras palavras de Edrici sobre Silves.

Contudo, na escavação, ainda em curso, efectuada, de colaboração com M. Varela Gomes, no pátio anexo ao poço-cisterna, junto a um dos panos da muralha que cercava a *medina*, foram detectados restos de três fortes muros (fig. 1.5) pertencentes a anteriores dispositivos defensivos. Estes teriam ali, sensivelmente, o mesmo perímetro que a muralha ainda hoje visível.



Fig. 1.5. Restos de estruturas anteriores à actual muralha da medina (RXII/86-0).

Cremos, de igual modo, que a haver uma ocupação tardo-romana, de origem visigótica ou bizantina, no local da actual cidade de Silves, como parecem demonstrar os poucos materiais exumados e um ou outro elemento arquitectónico encontrado, esta dada a instabilidade sócio-política de então, seria muralhada. Estas estruturas teriam sido, também no campo das hipóteses, reutilizadas pelos muçulmanos, fortificando-se primeiramente no local mais elevado, onde se encontra a alcáçova, e murando a área urbana, propriamente dita, onde existiria um espaço, o albacar, destinado a recolher as populações das vizinhanças em caso de perigo.

A mais antiga construção detectada em Silves, assentando sobre níveis que oferecem cerâmicas tardo-romanas e “visigóticas,” no pátio anexo ao poço-cisterna, podia ter integrado este primitivo sistema defensivo. A esta muralha adossava-se uma outra, mais larga que em parte a sobrepõe, integrando estratos com materiais do período pré-califal e que poderá ter sido destruída a partir de 929, altura em que a cidade foi incluída no califato de 'Abd Al-Rahman III. Segundo Lévi-Provençal e Torres Balbás⁽³²⁾ este califa, a partir de 925, mandou derrubar várias muralhas do Sul da Península, incluindo as de Sevilha, receando as muito frequentes insurreições locais. Silves era na altura, já, uma opulenta cidade com perfeita autonomia económica e até, possivelmente, espiritual; geograficamente distante de Córdova, constituía um potencial perigo contra o poder central sendo provável que tivesse, assim, ficado sem as suas fortes muralhas.

Durante o período das primeiras taifas (século XI), Silves era um principado independente, sob o governo dos Ibn Mozaine, passando, a partir de 1051, com Al-Mutamide a dominar o território algarvio; devendo, por este facto, possuir uma boa muralha. Nesta época Al-Mutamide, o rei poeta, inicialmente governador da cidade, escreve a “Evocação de Silves” relembrando, com “saudade”, a sua forte alcáçova, o seu palácio, o rio e os saraus ali passados.

É curioso o relato de Ibn Idari al-Marrakuxi, na crónica Bayan Al-Mugrib, referindo que Ibn Timselit, famoso general almoada, ao reconstruir as muralhas de Beja em 1174, depois da saída dos portugueses em 1173 e após uma efémera conquista feita por Giraldo Sem Pavor⁽³³⁾, recorreu, por duas vezes, a Silves, para ir buscar operários especializados e ferramentas. Este facto parece demonstrar que, naquela altura, ali se procedia ou já tinham sido executadas grandes obras militares, certamente, reforçando muralhas, e talvez construído as torres albarrãs, perante a crescente pressão do avanço cristão⁽³⁴⁾.

A primeira conquista da cidade, em 1189, feita sob o comando de D. Sancho I, encontra-se descrita, por Ibn Alathir, na Crónica Perfeita⁽³⁵⁾.

(³²) Torres Balbás, L., 1952, *Nuevas Perspectivas Sobre el Arte de Al-Andalus Bajo el Dominio Almorávide*, p. 413; Lévi-Provençal, E., 1976, *España Musulmana Hasta la Caída del Califato de Córdova (711-1031 de J.C.)*, p. 275.

(³³) Miranda, A.H., 1954, *Los Almohades en Portugal*, pp. 18, 19.

(³⁴) Domingues, J.D.G., 1981, *Muralhas e Torres da Almedina de Silves*, p. 19.

(³⁵) Texto de Ibn Alathir segundo Lopes, D., 1895, *Cousas Arabico-Portuguesas – Cêrco de Silves*, p. 276.: “Ano de 586 (1189-1190 de J.C.). Como os cristãos tomaram Silves e os muçulmanos voltaram a ser senhores dela. Neste ano o filho de Henrique, um dos reis do ocidente do Andalús, fez-se senhor da cidade de Silves, que é uma das maiores cidades muçulmanas daquele país. Quando isso foi sabido do emir Abú Isuf Yacub, filho de Asuf, filho de Abdalmumen, soberano do Magreb e do Andalús embarcando em Alcácer-Céguér, em quanto uma parte das tropas seguia por mar para Silves. Quando aqui chegou acampou junto d’ela e cercou-a pondo os senhores da cidade em grande aperto. Então estes foram obrigados a pedir misericórdia, que o emir lhes concedeu; e entregaram a cidade e voltaram para o seu país. Depois o emir mandou um exército de almohadas e numerosas tropas de árabes a conquistar quatro cidades que havia quarenta anos os “franges” lhes tinham tomado. Os muçulmanos atacaram-nas com vigor: então o rei “frange” de Toledo receoso apressou-se a pedir-lhes a paz, que se fez estabelecendo-se uma trégua de cinco anos...”

I.2.3. Os textos cristãos

A cidade de Silves foi descrita, por um dos cruzados aquando da conquista por D. Sancho I. Este documento, “De Itinere Navali”, foi publicado em 1840, nos “Memoriae” da Academia das Ciências de Turim, tendo sido traduzido para português por João Baptista da Silva Lopes. Vários têm sido os autores que o referem⁽³⁶⁾, tendo em vista tanto a história da conquista como a descrição da cidade naquele tempo. É provável que o cruzado tenha exagerado na sua narração, em especial, no referente à grandeza e magnificência dos dispositivos defensivos de Silves, ordens de muralhas, portas e torres, justificando, deste modo, o tempo e as dificuldades que demoraram a sua conquista. Assim, hoje não nos é possível identificar as quatro ordens de muralhas embora seja aceitável que houvesse um albacar, que rodeasse a zona ribeirinha fora da *medina*, tal como em Sevilha⁽³⁷⁾. Uma outra muralha, hoje completamente desaparecida, seria a couraça. Também os sistemas defensivos das portas, de que resta ainda um deles, não oferecem forma “angulosa e tortuosa” como narra o cruzado querendo, por um lado, empolgar a façanha em que participou e, por outro, estando marcado pela novidade, cultura e riqueza, de uma grande cidade dos homens do Sul.

Da segunda conquista de Silves, por D. Paio Peres Correia (1248) mestre da Ordem de Santiago, existe um relato, muito mais simples e não tão minucioso. Informa-nos, no entanto, do estratagema que conduziu à sua tomada; aproveitando a ausência dos cavaleiros muçulmanos, comandados por Ibn-al-Mahfut, que tentavam reconquistar Estombar. Estes quiseram entrar pela porta da Azóia, já que no relato se lê “... *os mouros fizeram muyto por cobrar a porta e se meterem sob a Torre da Zoya, que os defendesse, porque he bem sayda, e tem arcos por fora...*”, e depois experimentaram, ainda, o postigo da traição que dava acesso, segundo a crónica, ao “... *alcaçar em que ele morava...*”⁽³⁸⁾.

(³⁶) O texto do cruzado traduzido para português: “*O estado de Silves he tal qual passo a descrever. Em grandeza não discrepa ella muito de Goslar*; todavia tem muito mais casas e mansões amenissimas; he cingida de muros e fossos, de tal arte que nem huma só choupana se encontra fóra dos muros, e dentro deles havia quatro ordens de fortificações, a primeira das quaes era como huma vasta cidade estendida pelo valle chamado “Rovale”. A maior estava no monte, e davão-lhe o nome de “Almedina” (cidade) tendo outra fortificação na encosta que desce para o mesmo vale afim de proteger o canal das águas, e hum certo rio chamado “Arade” ou “Drade”; outro corre para o mesmo, o qual se chama “Odelouca”; e sobre o canal ha quatro torres, de modo que por aqui se provesse sempre d’água em abastança a cidade superior, e tem esta fortificação nome de Coirasce (coiraça). As entradas pelas portas erão de tal arte angulosas e tortuosas, que mais facilmente seriam escalados os muros do que entraria alguém por elas. Abaixo da primeira era o castello que se chamava Alcay. Também havia huma grande torre no Rovale, e tinha huma entrada coberta para “Almedina”, de sorte que della se podia ver o que se passava de fóra dos muros da Almedina, e os que acomettessem os muros de revéz podessem ser offendidos da torre, e da parte opposta, e esta chamava-se Alvierana. Cumpre notar que estes nomes são appellativos e não próprios, pois em toda a parte que por estas terras ha semelhantes localidades nas cidades, dão-lhes, os mesmos nomes assim os infieis como os christãos ... Também se deve notar que as torres estavam tão perto nos muros de cada cidadella, que qualquer pedra atirada d’huma dellas cursava até à terceira, e em algumas partes ainda erão mais próximas... Quando os cruzados chegaram a Silves existiam 15800 pessoas e 200 cativos...*

... Por quanto, Silves era muito mais forte do que Lisboa, e dez vezes mais rica com edificios de mais valor. Assevararão também os Portuguezes que em toda a Hespanha não havia terra mais forte, nem que mais danno fizesse aos Christãos ... Também cumpre saber que oito dias depois de tomada a cidade cahio hum grande lanço do muro que os nossos tinhamo minado antes, ...” Tradução de Lopes, J.B. da S., 1844, Relação da Derrota Naval, Façanhas, e Sucessos dos Cruzados que Parti’rão do Escalda para a Terra Santa no ano de 1189 (Escrita em Latim por Hum dos Mesmos Cruzados), pp. 14, 16, 36, 42. Alguns dos autores que referem este texto são: Domingues, J.D.G., 1981, Muralhas e Torres da Almedina de Silves, pp. 3, 4; Martins, I.M.P., 1986, A conquista de Silves em 1189, p. 117; Peres, D., 1929, História de Portugal, pp. 131-135.

* Segundo Baptista Lopes é uma cidade no ducado de Brunswick.

(³⁷) Vilá, J.B., 1984, La Sevilla Islámica, pp. 307, 308.

(³⁸) Tarouca, C. da S., 1952, Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal, p. 270.

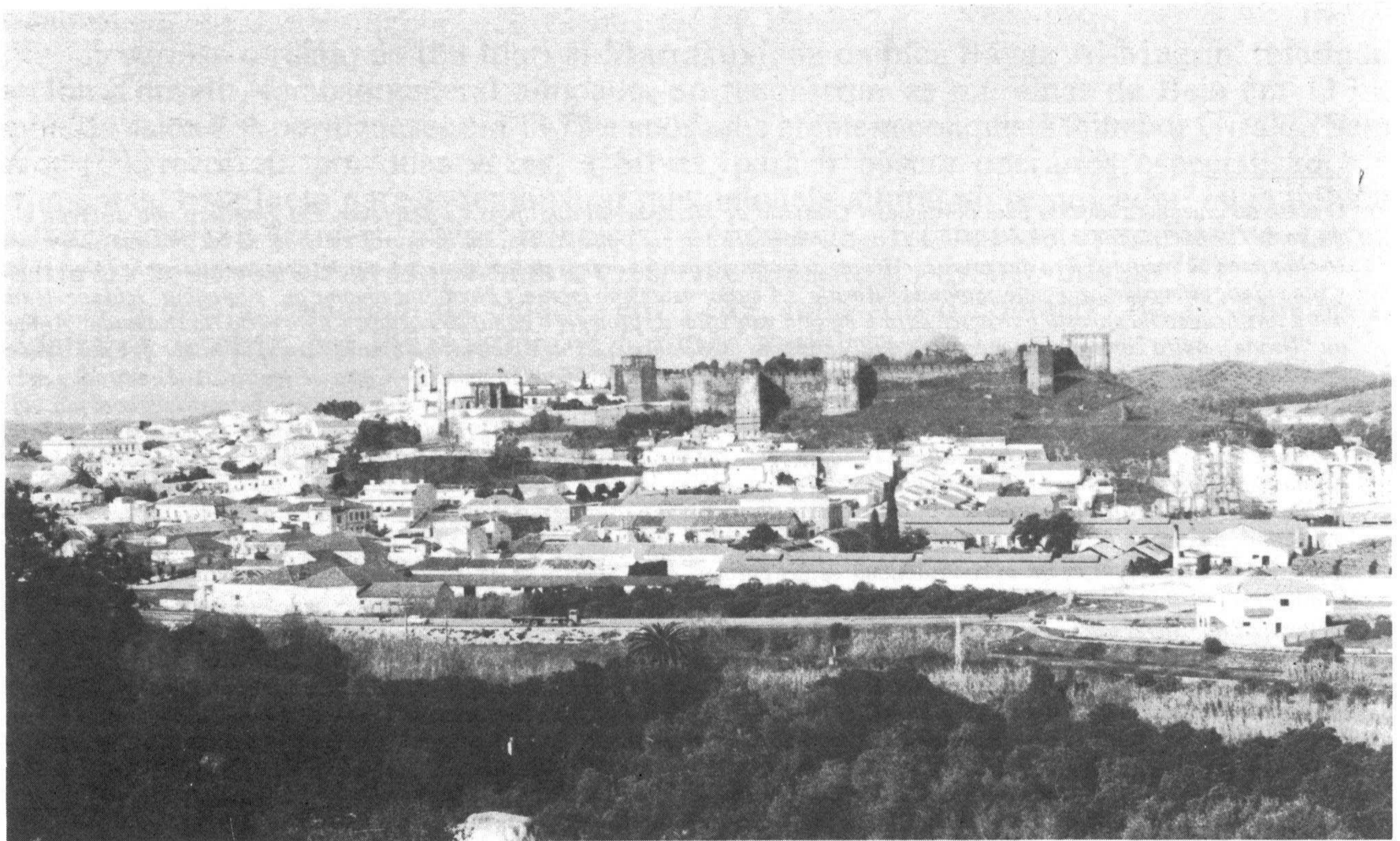
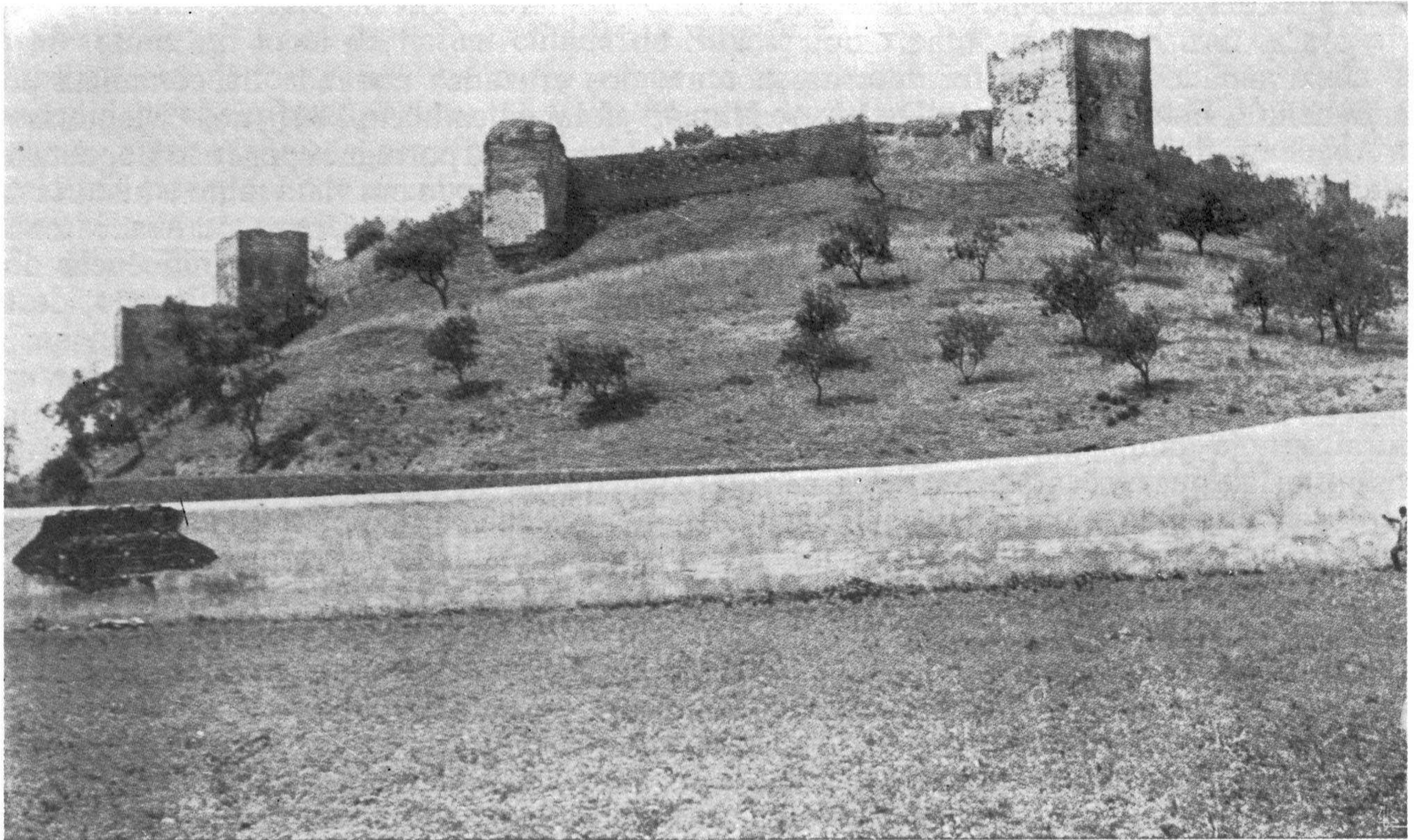


Fig. I.6. A alcáçova de Silves, vista de nascente no início do século (postal de Eduardo Lopes & Irmão-Silves) e vista de sul, na actualidade (RIV/80-0).

No ano de 1600 Henrique Fernandes Sarrão descreve-nos as muralhas de Silves do seguinte modo: “*Os muros da cidade são mui altos e fortes, e torreados, e tem um castelo em cima, muito fero, e grande, que tem ãa porta para dentro da cerca da cidade e outra da traição, para a banda do norte, da parte de fora, e está tão entulhado por dentro, que em parte o entulho chega a barbar com as ameaas de cima, e da banda de fora fica sendo muito alto o muro, por onde fica fortíssimo...*”⁽³⁹⁾. Como narra H.Sarrão ainda existiam, em 1600, a maioria dos dispositivos de defesa de Silves, embora completamente desactivados, dado o abandono a que a cidade se sujeitou posteriormente à sua conquista definitiva no reinado de Afonso III. Note-se que o Castelo não tinha já qualquer função defensiva, pois a estratégia de fortificação integrava povoações localizadas junto da fronteira terrestre e na costa. Também o comércio se deslocou para a costa, desenvolvendo-se as cidades portuárias como Tavira, Faro, Lagos ou Vila Nova de Portimão, deixando o rio Arade de ser navegável até Silves e conhecendo assoreamentos, sucessivos, até ao estado em que hoje se encontra. D. Sebastião, aquando dos preparativos para a campanha do Norte de África, visitou Silves e ali pernitoiu, na noite de 27 de Janeiro de 1573, no seu Castelo⁽⁴⁰⁾.

I.2.4. Breve descrição das muralhas de Silves

I.2.4.1. A alcáçova

A alcáçova de Silves (fig. I.6), apesar das obras de restauro efectuadas em 1948, mantém, ainda, todo o perímetro medieval das suas muralhas. Com superfície poligonal ocupa cerca de doze mil metros quadrados, sendo cercada por potentes muralhas construídas em arenito vermelho, da região, e taipa. O principal acesso ao seu interior faz-se, através da *medina*, por uma porta dupla com átrio, rodeada no exterior por duas torres de planta rectangular, voltada a poente (fig. I.7). Uma pequena porta, ou postigo, voltada a norte, a denominada “porta da traição”, liga directamente a alcáçova com o exterior.

Onze altas torres de planta rectangular, sendo duas albarrãs (voltadas a nascente), constituem um imponente dispositivo defensivo. Duas destas torres ligam as muralhas da alcáçova às da *medina*, respectivamente a sul e a oeste.

As torres maiores, e mais potentes, foram construídas a norte e a nascente, três em cada um destes lados, precisamente nas zonas que se encontram fora da protecção das muralhas da *medina*, mas com boas condições naturais de defesa, sobre uma encosta de declive muito acentuado. A poente existem quatro torres, encontrando-se uma em cada extremidade da muralha, e três outras estão voltadas a sul.

A torre de maiores dimensões, voltada a norte, faria parte do último reduto defensivo: a *celoquia* ou torre de menagem dos castelos cristãos⁽⁴¹⁾. O comprimento destas torres varia entre 15.6m e 3m, a largura entre 10m e 6.25m, medindo as mais altas 10m de altura. A união de todo este sistema faz-se pelo passeio de ronda, com 1.25m a 1.90m de largura. As torres

(³⁹) Guerreiro, M. V. e Magalhães, J.R., 1983, *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, p. 153.

(⁴⁰) Martins, I.M.P., 1986, *A Conquista de Silves em 1189*, p. 121.

(⁴¹) Bazzana, A., 1983, “Typologie...”: *Les Habitats Fortifiés du Sharq Al-Andalus*, p. 27.

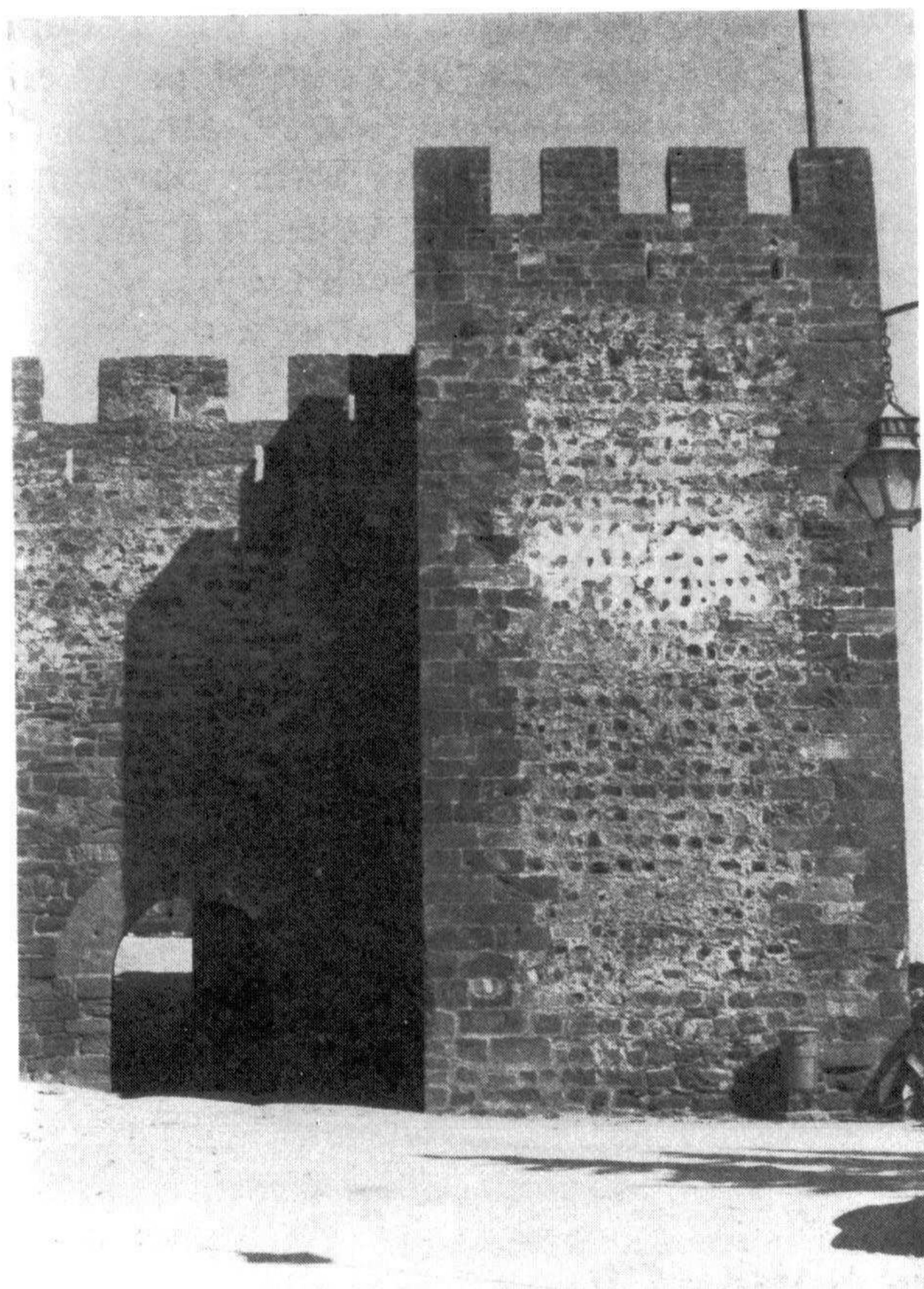
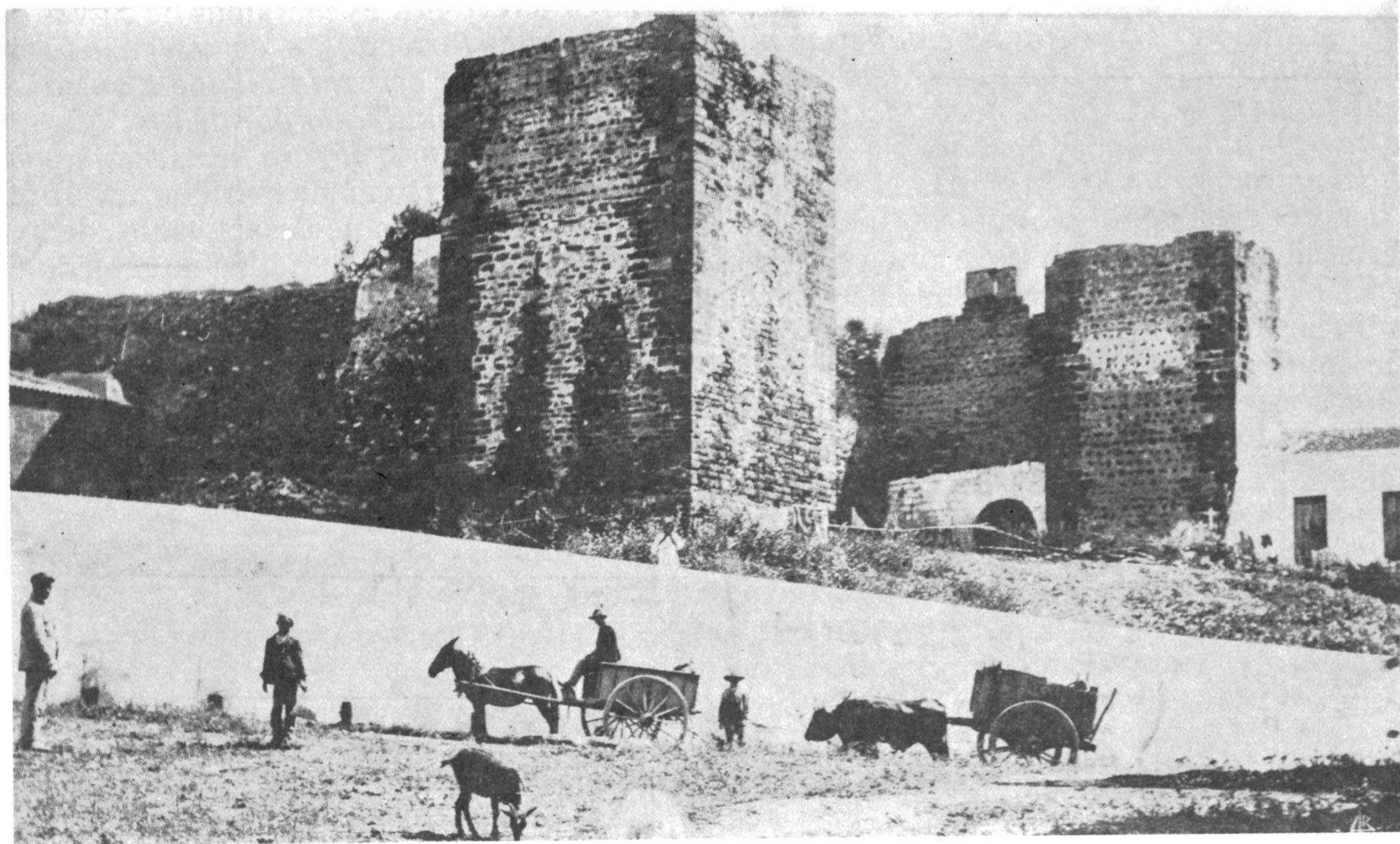


Fig. I.7. A porta da alcáçova vista do exterior. Postal do início do século (Edição de Eduardo Lopes & Irmão-Silves) e na actualidade (RV/80-19).

albarrãs ligam-se à muralha por arcos de volta perfeita. Os parapeitos das torres, e os dos panos de muralha, medem cerca de 0.65m de espessura, o que equivale a cerca de um “codo” e meio ⁽⁴²⁾.

Na zona norte da alcáçova encontra-se uma enorme cisterna, rectangular, coberta por abóbadas assentes em altas colunas, o *aljibe* (fig. I.8), peça fundamental de todas as fortificações muçulmanas. Ali também se observam dois grandes silos.

Uma outra estrutura, a Cisterna dos Cães, parece ser um profundo poço, embora alguns autores a tenham interpretado como sendo uma antiga mina ⁽⁴³⁾.

Quatro das maiores torres da alcáçova, não albarrãs, terão sido reedificadas, nos séculos XIV ou XV, conforme mostram as abóbadas que as cobrem e as portas que lhes dão acesso, com arcos ogivais e arestas esquinadas, construídas, igualmente, em arenito vermelho e marcadas com numerosas siglas. O aparelho destas construções diferencia-se bem das estruturas muçulmanas.

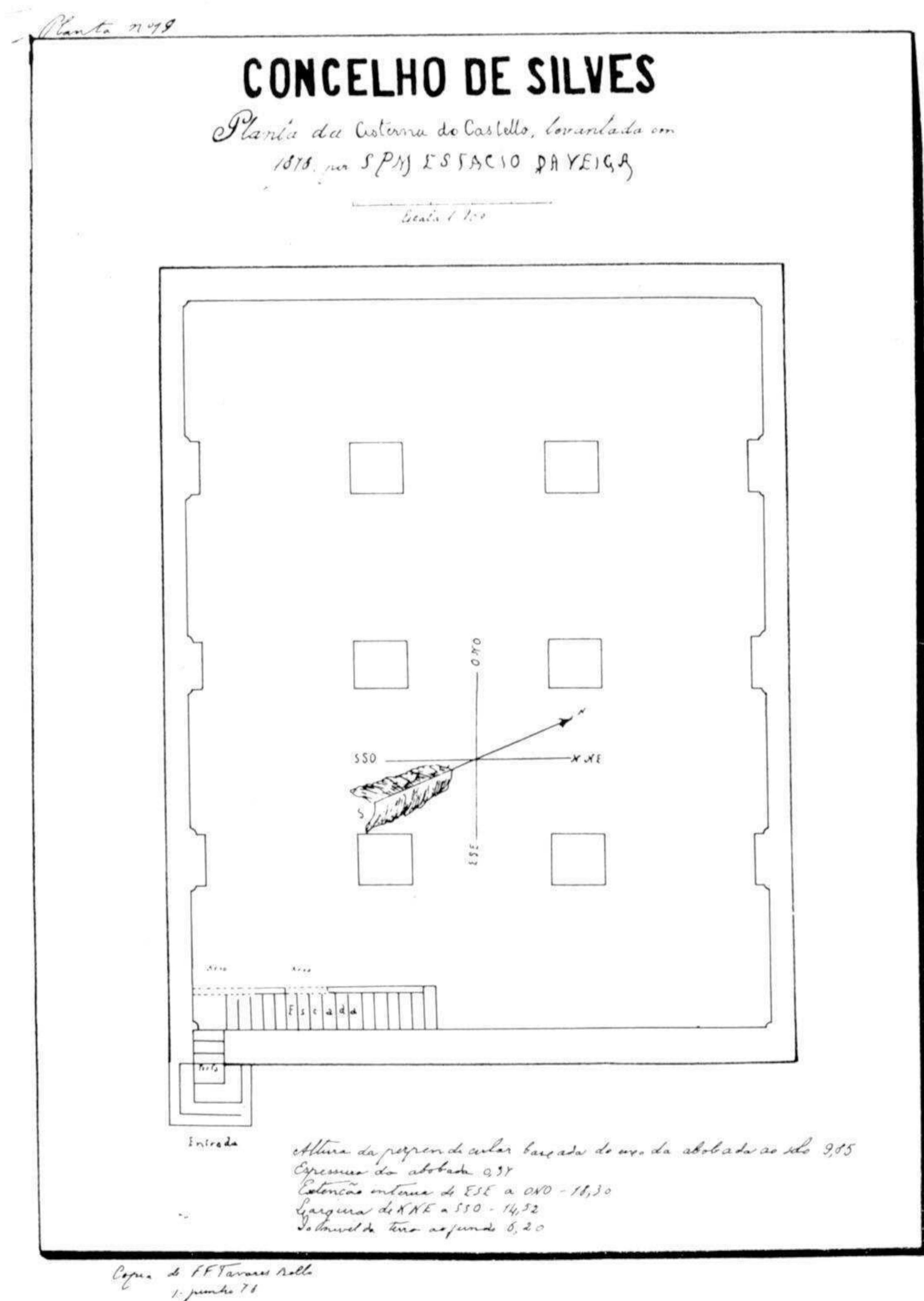


Fig. I.8. Planta do aljibe (seg. E. da Veiga, 1878).

(42) Bazzana, A., 1980, L'Architecture Militaire Arabe, p. 357; Bermejo, J.V., 1976, El Codo en la España Musulmana, p. 342.

(43) Veiga, S.P.M.E. da, 1889, Antiguidades Monumentaes do Algarve, vol. III, p. 45.



Fig. I.9. Porta da Almedina ou de Loulé, vista de NO e de SO (RVII/87-4 e RIV/81-20).

I.2.4.2. A medina

As muralhas da *medina*, igualmente construídas em arenito vermelho e taipa, estão defendidas por várias torres albarrãs e outras adossadas. Tiveram, também, uma torre octogonal, hoje destruída, mas, ainda, representada numa vista, de 1844, publicada por João Baptista da Silva Lopes.

Uma couraça, que permitia o acesso à água, é assinalada na crónica que relata a conquista de Silves por D. Sancho I ⁽⁴⁴⁾.

A entrada no interior da *medina* podia fazer-se através de três portas, uma voltada a nascente, na actual Rua do Castelo, outra a poente, a Porta da Azóia oposta à anterior e onde hoje passam a Rua D. Sancho I e a da Azóia, e a terceira, a única ainda hoje conservada e a mais imponente, denominada Porta da Almedina ou Porta de Loulé (fig. I.9). Esta, abre sobre a Rua da Sé, a antiga Rua Direita, que é sensivelmente perpendicular ao eixo viário que ligava as duas portas antes referidas. No cruzamento destas vias encontra-se hoje a Sé, tradicionalmente referida como tendo sido construída no local onde existiu a Mesquita Principal da *medina*, e um pouco acima abre-se a porta, rodeada por torres, que como referimos, dá acesso à alcáçova.



Fig. I.10. Lápide comemorativa, possivelmente, da Porta do Sol (RIV/87-19).

(⁴⁴) Tarouca, C. da S., 1952, Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal, p. 159.

Na Rua do Castelo encontrou-se, em 1874, uma bela lápide (fig. I.10), hoje no Museu Arqueológico Infante D. Henrique de Faro, mandada executar, em 1227, pelo último rei muçulmano de Silves, Ibn-al-Mahfut, que, assim e segundo a tradução de Nykl⁽⁴⁵⁾, pretendeu comemorar, durante o seu governo, a construção de uma “torre” (burj). Este autor é da opinião que o texto da lápide respeita à fundação de uma importante torre da muralha que cercava a cidade; parecer corroborado por se ter descoberto recentemente, perto do local onde aquela foi recolhida, as ruínas de uma torre rectangular (fig. I.11) que poderia ter feito parte do dispositivo defensivo da já assinalada porta voltada a nascente. Nesse caso a lápide referia-se não só à construção de uma simples torre mas a uma grande porta de acesso à cidade, guardada por uma guarnição como seria uso, e justificando-se, então, o emprego da palavra “fortim”, ali expresso para a designar. Da porta oposta, a esta, pouco se sabe conhecendo-se, somente, que seria defendida por uma torre poligonal, com paralelos em outras obras de período almoadá.

A Porta da *Medina*, ou de Loulé, a única que se conserva, embora logo transformada para ali funcionar a Câmara Municipal, é constituída por uma sólida torre albarrã, cujo acesso se fazia por dois altos passadiços com arcos de volta perfeita, construída frente à porta aberta na muralha. O acesso fazia-se lateralmente à torre, por ambos os lados ou apenas por um, pois fortes portões podiam vedar uma ou as duas passagens. A porta rasgada na muralha teria outro portão, utilizado até o século XIX, e todo o sistema era defendido por uma guarnição que podia habitar num piso interior da torre.

I.2.5. Paralelos e cronologia dos sistemas defensivos

A articulação funcional entre as muralhas da alcáçova e da *medina*, para a defesa e protecção de um determinado espaço, e a semelhança no aparelho construtivo utilizado permite-nos que analisemos, em simultâneo, algumas das suas principais características.

I.2.5.1. Torres albarrãs e torre poligonal

As torres albarrãs (fig. I.12), que facilitam uma melhor defesa dos panos de muralha, são, segundo H. Terrasse e Torres Balbás⁽⁴⁶⁾, uma inovação almoadá e terão sido utilizadas, pela primeira vez, na alcáçova de Badajoz, construída entre 1169 e 1170, e, também, na

(⁴⁵) Botto, C.M., 1899, Glossario Critico dos Principais Monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique, pp. 117, 118; Nykl, A.R., 1940, Algunas Inscripciones Arabes de Portugal, p. 406.

Leitura da lápide segundo aquele autor:

1. En el nombre de Dios, Clemente, Misericordioso; y bendiga Dios a Muhammad y su familia.
2. Mandó construir este fortín (al... hijo...).
3. del príncipe de los creyentes...
4. (hijo del) Califa, príncipe de los creyentes, hijo de
5. Abu Ya'qub hijo del Califa, príncipe
6. de los creyentes, Abu Muhammad 'Abd al-Mu'min
7. ibn 'Ali que Dios acepte su cuenta
8. y acerque su asiento (en el Paraiso) al del mensajero de su Señor;
9. en el mes de ramadan, el ensalzado, año
10. quatro y veinte y seiscentos.

(⁴⁶) Terrasse, H., 1954, Les Forteresses de l'Espagne Musulmane, p. 24; Torres Balbás, L., 1942, Las Torres Albarranas, p. 219.



Fig. I.11. Restos da Porta do Sol (RIV/87-41).

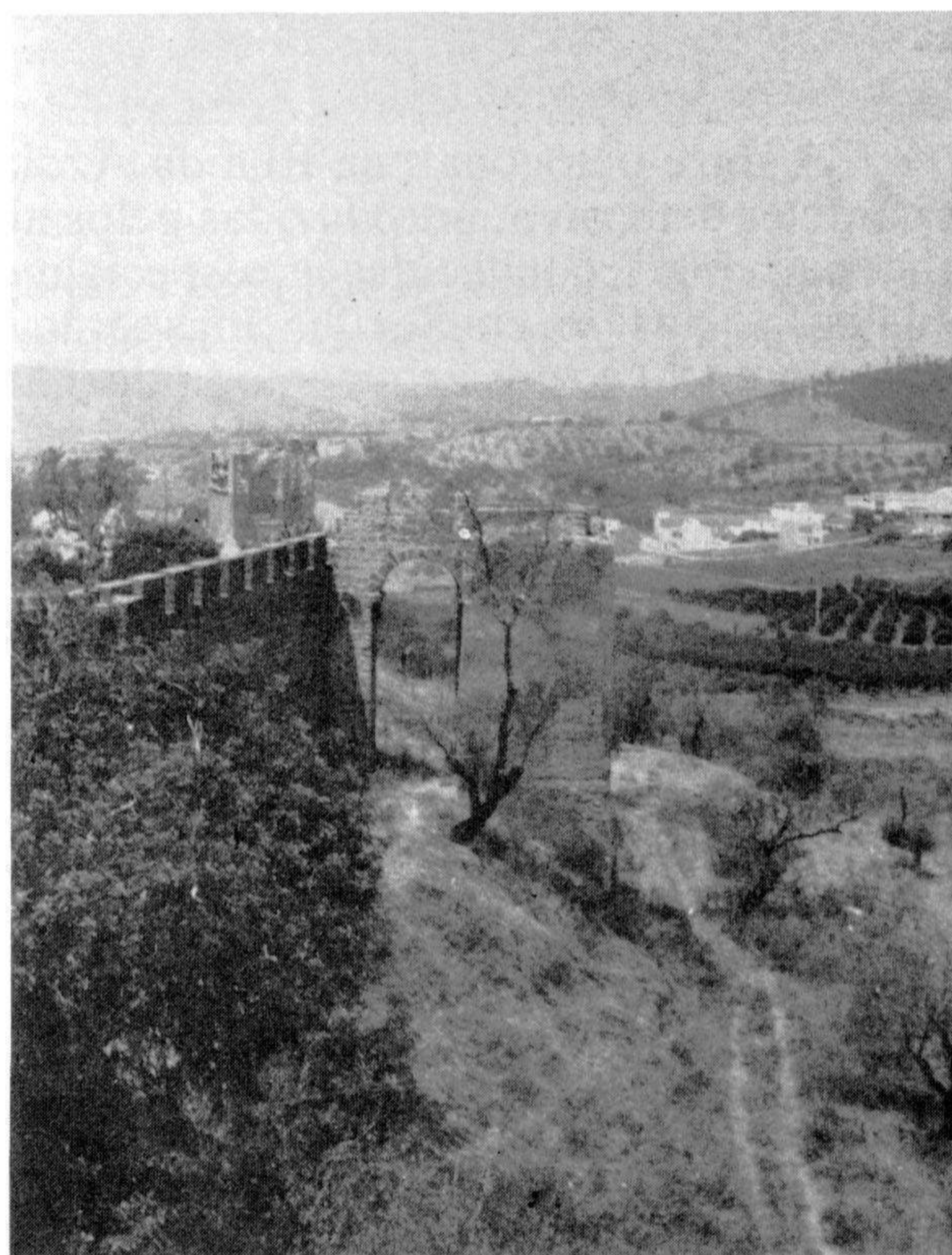
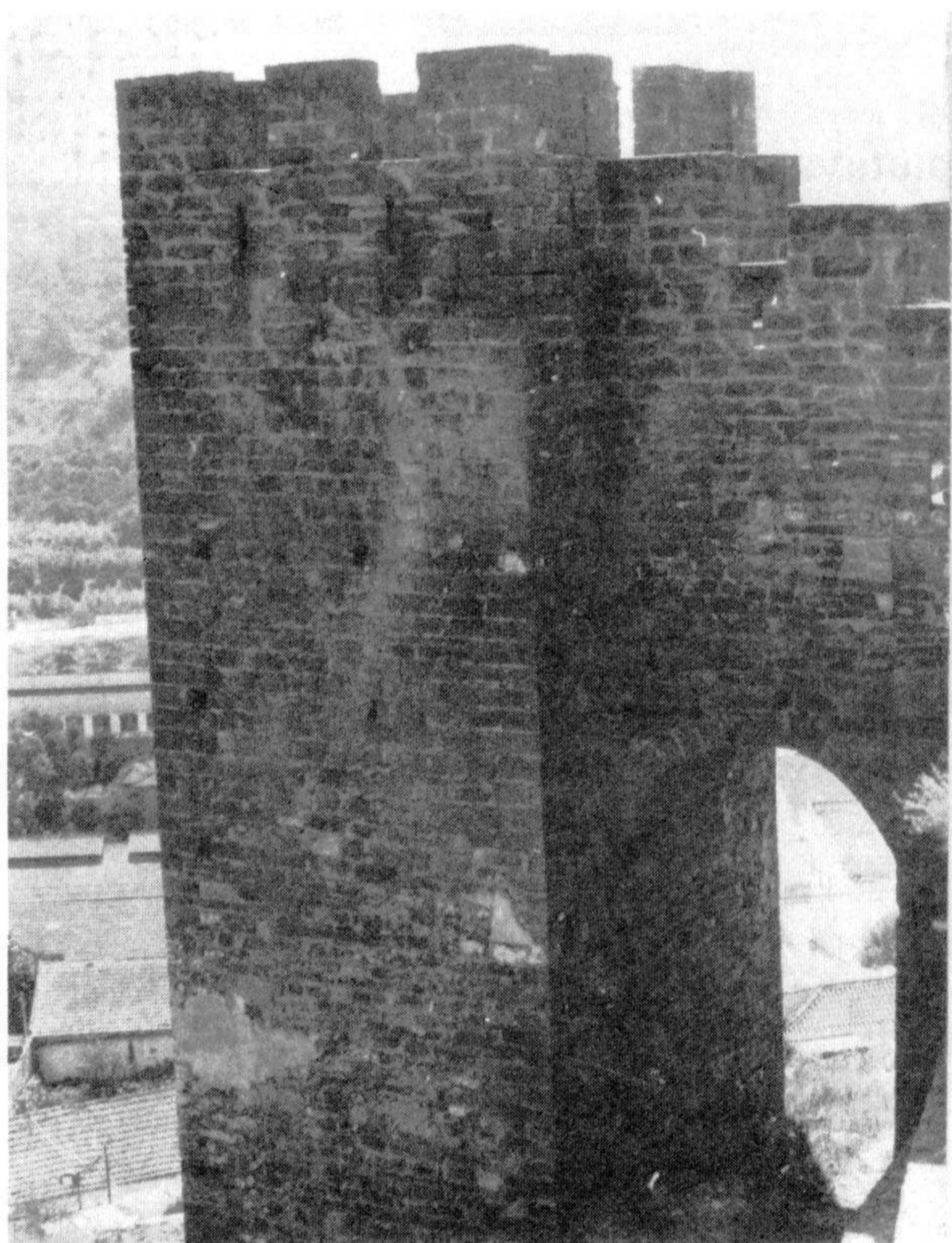


Fig. I.12. Torres albarrãs, a nascente e a norte, da alcáçova (RVI/87-37 e 39).

medina de Cáceres em data próxima daquela (fig. I.13). Ambas as fortificações foram mandadas erguer pelo califa, almoada, Abu Ya'qub Iusuf que reinou de 1163 a 1184. Posteriormente, utilizaram-se torres albarrãs nas alcáçovas de Mérida, Talavera de la Reina, Caracuel e em Escalona ⁽⁴⁷⁾.

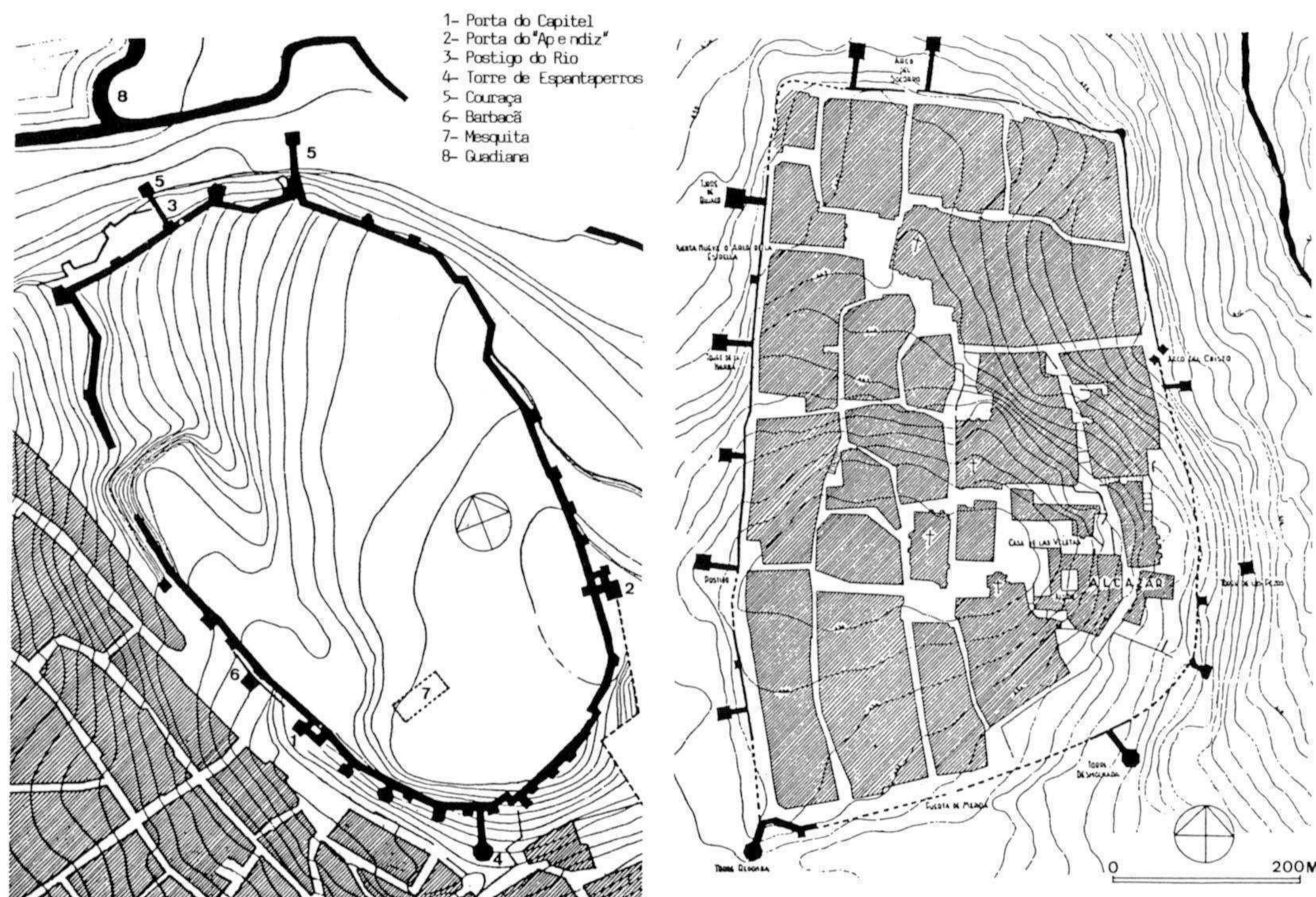


Fig. I. 13. Alcáçova de Badajoz e Alcáçova de Cáceres (seg. Torres Balbás, 1941, mapa; 1948, mapa).

A torre octogonal, na Rua da Azóia, completava o conjunto das inovações técnicas, de carácter defensivo, introduzidas pelos almoadas e utilizadas em Silves. São duas as torres poligonais mais conhecidas e, especialmente, mais divulgadas, a de Espantaperros, em Badajoz, e a do Oro, em Sevilha, mas serão suas contemporâneas, as de Écija, Niebla, Jerez de la Frontera ⁽⁴⁸⁾ e, possivelmente, a de Tavira (fig. I.14).

I.2.5.2. A couraça e o *aljibe*

As couraças, que se prolongam desde as muralhas das *medinas* até junto de grandes reservatórios de água, tornando fácil o acesso, em momentos de perigo, a esse precioso líquido, foram datadas, por Torres Balbás ⁽⁴⁹⁾, como sendo construções dos finais do século XII.

(47) Ruibal, A., 1983, Estudio Histórico-Arqueológico del Castillo de Caracuel, p. 409; Terrasse, H., 1954, Les Forteresses de l'Espagne Musulmane, p. 24; Torres Balbás, L., 1941, La Alcazaba Almohade de Badajoz, pp. 178, 198; 1948, Cáceres y su Cerca Almohade, p. 463.

(48) Maldonado, B.P., 1981, Jerez de la Frontera Ciudad Medieval, Arte Islamico e Mudejar, pp. 2, 9; Terrasse, H., 1954, Les Forteresses de l'Espagne Musulmane, pp. 24, 25; Torres Balbás, L., 1970, Ciudades Hispano-Musulmanas, p. 481.

(49) Torres Balbás, L., 1970, Op. cit., p. 541.



Fig. I.14. Torre octogonal de Tavira (RII/85-16).

Os textos que narram a conquista de Silves em 1189, por D. Sancho I, descrevem a couraça como tendo três torres e estendendo-se até ao rio. Só depois dos cruzados se terem apoderado da couraça, e cortarem a passagem à principal fonte de abastecimento de água, os cristãos conseguiram tomar a cidade ⁽⁵⁰⁾.

Segundo Ricard, em Portugal, além de Silves existiam couraças em Mértola, Montemor-o-Novo e Coimbra. Em Espanha são assinaladas, de igual modo, em Toledo e em Badajoz que tinha, mesmo, duas linhas de couraças ⁽⁵¹⁾.

Da mesma época das torres albarrãs, da couraça, e da torre poligonal, deve ser o *aljibe*; grande cisterna, no interior da alcáçova, com três naves, cobertas por arcarias sucessivas. É uma construção semelhante a outra que se encontra na alcáçova de Cáceres datada, por Torres Balbás ⁽⁵²⁾, como sendo obra da segunda metade do século XII e construída, possivelmente, na mesma altura que as muralhas almoadas.

⁽⁵⁰⁾ Goitia, F. C., 1965, *Historia de la Arquitectura Española, Edad Antigua y Edad Media*, p. 280; Tarouca, C. da S., 1952, *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, p. 159; Torres Balbás, L., 1970, *Ciudades Hispano-Musulmanes*, p. 541.

⁽⁵¹⁾ Ricard, R., 1954, *Couraça et Coracha*, pp. 150, 153; Torres Balbás, L., 1941, *La Alcazaba Almohade de Badajoz*, p. 201.

⁽⁵²⁾ Torres Balbás, L., 1948, *Caceres y su Cerca Almohade*, p. 472.

I.2.5.3. As portas

As portas de acesso, das muralhas de Silves, poucas indicações nos podem fornecer: a da *medina* está defendida por uma potente torre albarrã e a da alcáçova por uma porta dupla, com átrio, ladeada por duas torres. A existência de duas torres, antes de uma porta de entrada, é atribuída, por Terrasse e Torres Balbás, tanto aos almorávidas como aos almoadas. Ainda referente às portas, Terrasse ⁽⁵³⁾ acha que os almorávidas as utilizavam, normalmente, direitas, e os almoadas em duplo, ou triplo, cotovelo.

Para Torres Balbás, em 1941 ⁽⁵⁴⁾, as portas em cotovelo já eram conhecidas tendo sido utilizadas, em Granada, na século XI e data, também no mesmo artigo, a Porta de Niebla como sendo almoada; embora, em 1952 ⁽⁵⁵⁾, classifique a mesma como almorávida.

Se a porta de acesso à alcáçova pode ter sido construída pelos almorávidas, defendida por torres simples, a porta da *medina* é já uma construção almoada, tanto mais que está defendida por uma torre albarrã.

Além dos paralelos anteriormente referidos, podemos citar Torres Balbás que, em 1970 ⁽⁵⁶⁾, considera os dois recintos de Badajoz e Cáceres, como sendo obras almoadas, conjuntamente com os de Elvas, Talavera de la Reina e Montemolín.

A atribuição cronológica de alguns sistemas defensivos, das muralhas de Silves, aos fins do século XII não as classifica, por ora, como pertencentes, na totalidade, àquela época. Parece-nos que só sondagens arqueológicas, efectuadas em vários sectores das duas muralhas, nos permitirão datá-las, no futuro, com segurança.

I.2.6. A cidade muçulmana e a cidade cristã

Silves demonstrou, pelo menos nos séculos XII e XIII, possuir a topologia típica das grandes cidades do Al-Andalus, tendo, felizmente, chegado até nós num relativo bom estado de conservação. A sua alcáçova situava-se na extremidade norte do topo de um cerro, desenvolvendo-se a área urbana por toda a encosta sul entre aquela e o rio. Como referimos, duas grandes vias, sensivelmente perpendiculares entre si, ordenavam o tecido urbano, unindo as três portas de acesso ao exterior e à alcáçova. No seu cruzamento encontrava-se a principal mesquita, e junto a ela a alcáçova, tal como em Sevilha, Córdova e Valência ⁽⁵⁷⁾.

A nascente da cidade existia a judiaria ali permanecendo até, pelo menos, ao século XV, conforme informa o Livro do Almojarifado de Silves ⁽⁵⁸⁾. Numa escavação recente (no pátio anexo ao poço-cisterna), a nascente da Porta da Almedina, detectou-se um troço de potente muralha que poderia ser a divisória daquele bairro; como era habitual existir noutras cidades muçulmanas, nomeadamente em Fez ⁽⁵⁹⁾. Restos desta mesma estrutura

⁽⁵³⁾ Terrasse, H., 1954, Les Forteresses de l'Espagne Musulmane, p. 24.

⁽⁵⁴⁾ Torres Balbás, L., 1941, La Alcazaba Almohade de Badajoz, p. 198.

⁽⁵⁵⁾ Torres Balbás, L., 1952, Nuevas perspectivas sobre el Arte de Al-Andalus Bajo el Dominio Almorávide, p. 423.

⁽⁵⁶⁾ Torres Balbás, L., 1970, Ciudades Hispano-Musulmanas, pp. 478.

⁽⁵⁷⁾ Torres Balbás, L., 1953, Estructura de las Ciudades Hispanomusulmanas: La Medina, los Arrabaldes y los Barrios, p. 155.

⁽⁵⁸⁾ Moreno, H. B., Leal, M. J. S., e Domingues, J. D. G., 1984, Livro do Almojarifado de Silves (Século XV), pp. 27, 28.

⁽⁵⁹⁾ Gaspar, J., 1968, A Propósito da Originalidade da Cidade Muçulmana, p. 20.

persistiram até tarde, pois encontram-se representados numa gravura inglesa, de 1825 (fig. I.15), onde também se observam as portas e a magnífica muralha que rodeava a *medina*.

Após a conquista definitiva da cidade, pelos cristãos, esta pode ter mantido a mesma estrutura urbana tendo a mesquita sido, provavelmente, consagrada e, talvez, depois do grande terramoto de 1370⁽⁶⁰⁾ ali se construiu a actual Sé. Mas, Silves devia estar a ficar despovoada e nas cortes de Leiria, em 1372, o rei concedeu benesses aos seus moradores que habitavam dentro da “cerca” da cidade⁽⁶¹⁾. As “mansões ameníssimas” vistas pelos cruzados, no ano de 1189⁽⁶²⁾, foram substituídas no século XV, sobretudo, por casas térreas e, especialmente, pardieiros⁽⁶³⁾.

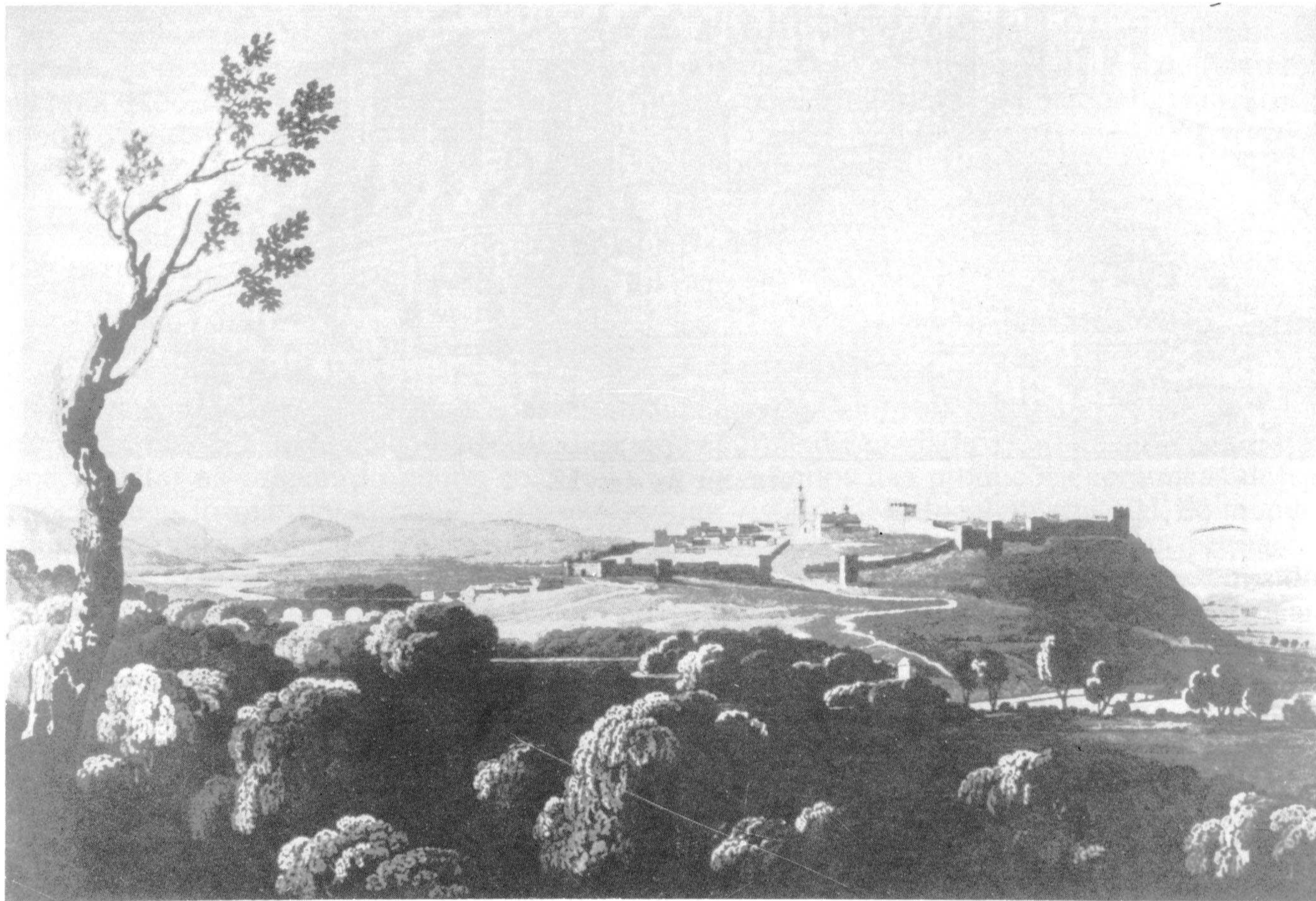


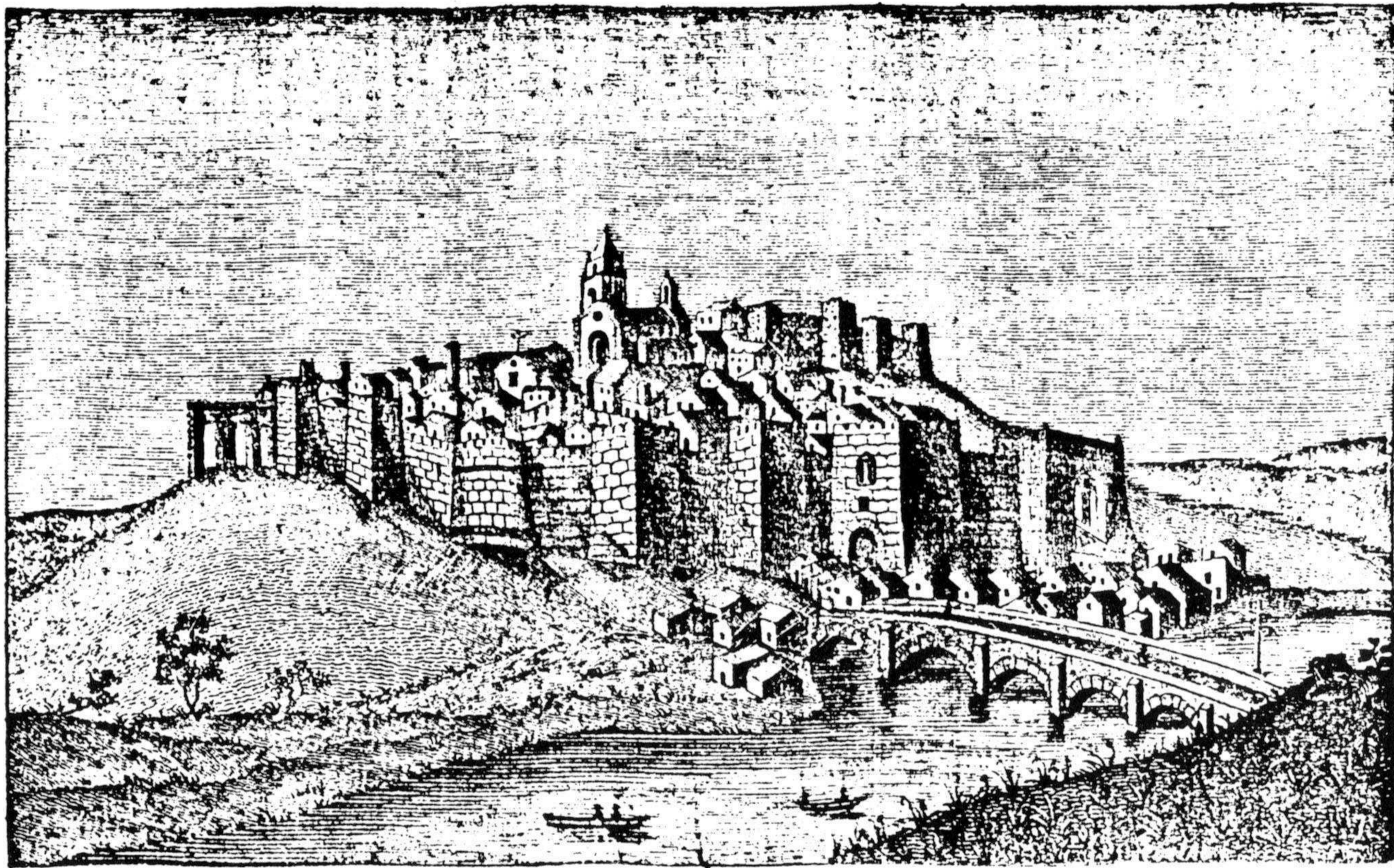
Fig. I.15. A cidade de Silves vista de sul, numa gravura inglesa de 1825.

(⁶⁰) Júdice, P.P.M., 1911, *Atravez de Silves, I Parte – Sé – Castello – Cruz de Portugal e Pelourinho*, p. 25.

(⁶¹) Iria, A., 1982, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do século XIV (Subsídios para a sua História)*, p. 30.

(⁶²) Lopes, J.B. da S., 1844, *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Sucessos dos Cruzados que Partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189 (Escrita em Latim por Hum dos Mesmos Cruzados)*, p. 14.

(⁶³) Moreno, H. B., Leal, M. J. S., e Domingues, J. D. G., 1984, *Livro do Almojarifado de Silves (Século XV)*, pp. 14, 16, 31, 32.



CIDADE DE SILVES.



a, a, & Muralha da Cidade e Castello: (b) Porta da Cidade: (c) Cadeia: (d) Caxas da Camara: (e) Se: (f) Cisterna: (g) Castello: (h) Cimiterio: (i) Residencia do Parocho: (l) Igreja da Misericordia: (m) Hospital: (n) Restos das torres das oito quinas: (o) Porta da Axoia: (p) Vista da parte oriental da faja de Monxi-que: (q) Rio Arade que desagua no Rio de Portimão: (r, r) Ponte: (s) Moinho da porta: (t) restos d'um torrião ao nascente da Cidade: (u) Vista da parte ocidental da serra ao N.E.: (x, x) Ilhotas no Rio: (z) Caxas exteriores onde se faz a feira de Silves: (y) Ermida da S. dos Martyres.

Fig. I. 16. A cidade de Silves numa gravura inserta no vol. VI da revista *O Panorama* (p. 209), de 1842, e na obra, de J. B. da Silva Lopes, "Relação da Derrota Naval, Façanhas e Sucessos dos Cruzados, que Partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189", publicada em 1844.

No Livro do Almojarifado ainda há a lembrança dos banhos públicos muçulmanos, situados a poente de quem passa a Porta da Almedina, pois ali aqueles terrenos são denominados de “chãos que em outro tempo foram banhos”. Esta obra informa-nos, igualmente, que, no século XV, Silves possuiria fornos de pão e, também, de cerâmica persistindo extra-muros a mouraria.

As habitações almoçadas, no interior do Castelo, foram completamente arrasadas e os “homens bons” do concelho quando se reuniram, antes das cortes de Santarém em 1383, fizeram-no na “torre do concelho”; segundo Alberto Iria uma das torres do Castelo (64). Pensamos, contudo, que aquele espaço fosse a actual torre da Porta de Loulé ou torre da Almedina. Esta foi, depois de coberta e alterada, sede da Câmara Municipal e ostenta, sobre a porta, o escudo da I dinastia.

Embora os cristãos tivessem mantido as grandes vias de comunicação no interior da cidade, os melhores edifícios e o equipamento urbano, como os banhos públicos, ou ficaram, na totalidade, destruídos com a conquista ou foram, simplesmente, abandonados em função do modo de vida diferente dos novos habitantes.

I.3. PERSPECTIVAS E OBJECTIVOS

I.3.1. Cerâmicas muçulmanas – Breve estado de uma questão

Nos três séculos que antecederam a ocupação da Península, pelos muçulmanos, uma certa instabilidade política e social, aliada a uma enorme diversidade de influências culturais, podem estar na origem do pouco conhecimento que temos das produções cerâmicas dessa época. Se as formas das cerâmicas, de uso comum, de produção local ou regional, do mundo romano e tardo-romano, se mantiveram durante longo tempo, ou sofreram pequenas alterações, o mesmo não se passou com as produções mais requintadas, quer tivessem sido importadas ou mesmo peninsulares, como a *terra sigillata*. Esta rareia e as suas formas tardias, como as denominadas clara *D* e a *Late Roman C*, foram utilizadas até ao início do séc. VII terminando, nessa data, tanto a sua importação como o seu possível fabrico local (65).

Datadas como sendo dos séculos VII e VIII restam-nos, na Península, as cerâmicas classificadas como “visigóticas”, recolhidas quase sempre em necrópoles e que parecem ser, sobretudo, produto de oficinas locais. Este conjunto, pouco homogéneo e ainda muito mal conhecido, integra peças geralmente fabricadas com pastas de cores escuras, castanhas e cinzentas, mal depuradas, contendo muitos elementos não plásticos, com superfícies irregulares, decoradas com padrões incisos, em ziguezague, ou com séries digitadas. São formas pouco diversificadas, onde se destacam, talvez por razões rituais, os *oenochoe*, que parecem reproduzir modelos metálicos de cariz orientalizante, os pratos, os alguidares e as panelas. Em Portugal foram detectados, e classificados, escassos materiais cerâmicos desta época provenientes de achados dispersos e de necrópoles, nomeadamente, em Castelo de

(64) Iria, A., 1982, O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do século XIV (Subsídios para a sua História), p. 36.

(65) Alarcão, J., 1973, Portugal Romano, p. 152; Cortez, F.R., 1951, Da “Terra Sigillata” Tardia encontrada em Portugal, p. 66; Rodriguez, J.R.L., 1985, Terra Sigillata Hispanica Tardia – Decorada a Molde de la Peninsula Ibérica, p. 246; Zoreda, L.C., 1974, Cerâmica Sigillata Clara de Tipo D Estampada de las Provincias de Murcia y Almería, p. 221.

Vide. Em Espanha são bem conhecidas as necrópoles de Simancas e de Piña de Esgueva na região de Valladolid, que ofereceram cerâmicas, e outros materiais, deste período ⁽⁶⁶⁾.

As peças de uso comum, exumadas nas áreas habitacionais, são ainda mais raras e conhecemos, o espólio recolhido num poço de Idanha-a-Velha, dividido entre o Museu Tavares Proença Júnior de Castelo Branco e os reservados do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, assim como algumas cerâmicas que, recentemente, descobrimos na área urbana de Silves. É possível que no acervo de cerâmicas, comuns tardo-romanas, de Conimbriga existam peças, que ali acompanham outros artefactos, deste mesmo momento cultural ⁽⁶⁷⁾.

Em relação às primeiras produções de cerâmica muçulmana, peninsular, dois dos autores que mais recentemente se debruçaram sobre este assunto, Llubí e Zozaya, são unânimes em afirmar que se trata de uma época muito mal conhecida ⁽⁶⁸⁾. O primeiro, atribui este facto à falta de consenso sócio-político entre os muçulmanos e, igualmente, à sua dependência do Oriente. Mas, Zozaya, numa tentativa de sistematização das cerâmicas muçulmanas peninsulares, classifica como pertencentes a este período formas de tradição “visigótica”, decoradas com pinturas a branco, e grandes taças vidradas com pé em anel e carena acusada, que pensa serem de influência romana, decoradas no interior com pequenas estampilhas, inseridas em cartelas, provenientes de níveis não estratigrafados de “Mesas de Villaverde” (Málaga) ⁽⁶⁹⁾; problemática que teremos de abordar face a peças semelhantes recolhidas no Castelo de Silves.

Tanto os materiais cerâmicos, dos séculos IX aos inícios do XI, provenientes, especialmente, de Medina-az-Zahra, como as produções tardias, do reino de Granada, têm vindo a ser classificadas e datadas com certa segurança.

Só há pouco tempo foi dada alguma atenção às produções almorávidas e almoadas, graças aos trabalhos efectuados por Dorothea Duda, na alcáçova de Almería, por Rosselló-Bordoy, em Maiorca, Micheline Cardenal, em Marrocos, na região de Ceuta, e Júlio Palazon em Múrcia ⁽⁷⁰⁾.

Em termos gerais constata-se que, de um período com mais de seiscentos anos, se conhecem relativamente bem as cerâmicas produzidas do século IX aos finais do X e, algumas, dos séculos XIII-XIV.

No entanto, e resumidamente, podemos afirmar que entre os séculos XI e XIII as datações são imprecisas, e dos séculos VIII ao IX quase nada se sabe.

(⁶⁶) Caeiro, J.O., 1984, A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide, fig. 5, 8; 1984a, A Necrópole II da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide, fig. 10, 11; Gallo, G.M., 1943, Los Fondos Visigodos del Museo Arqueológico de Valladolid; Rodrigues, M. da C.M., 1975, Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide, pp. 176, 177; Torres, J.F., 1976, Artes Decorativas Visigodas, pp. 714, 715.

(⁶⁷) Alarcão, J., e Etienne, R., 1977, L'Architecture, Fouilles de Conimbriga, p. 170.

(⁶⁸) Llubí, L.M., 1967, Cerámica Medieval Española, p. 34; Zozaya, J., 1980, Aperçu Général Sur la Céramique Espagnole, p. 267.

(⁶⁹) Zozaya, 1981, Cerámica Andalusí, p. 39.

(⁷⁰) Cardenal, M.G., 1980, Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine; Duda, D., 1970, Spanisch-Islamische Keramik Aus Almería vom 12. bis 15. Jahrhundert; Palazon, J.M., 1986, La Cerámica Islamica en Murcia; Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca.

I.3.2. Objectivos e meios

As alcáçovas, por serem espaços fechados, bem delimitados e cuja construção ocupa zonas de importância estratégica, tornam-se testemunhos únicos para o estudo da evolução humana nas respectivas áreas de implantação, oferecendo ocupações sucessivas que conservam, geralmente, os vestígios de cada momento histórico para uma determinada área de influência. Foi neste sentido que escolhemos a alcáçova da cidade de Silves, referida por famosos historiadores e poetas muçulmanos, para ali realizarmos escavações arqueológicas com o fim de detectarmos não só as estruturas habitacionais, dos seus diversos níveis de ocupação, como tentarmos o estudo integrado, tanto das cerâmicas como dos restantes objectos que ali encontrássemos. Estes dados seriam, especialmente, relevantes para a definição do perfil sócio-económico, cultural e artístico da permanência muçulmana naquele território.

Um outro importante factor que influiu na nossa decisão foi o de termos, igualmente, dirigido, de colaboração com Mário Varela Gomes, José Luís de Matos e Caetano de Mello Beirão, outros trabalhos arqueológicos naquele concelho algarvio; nomeadamente no Cerro da Rocha Branca, que ofereceu materiais do Bronze final ao período muçulmano ⁽⁷¹⁾; no poço-cisterna almoada, entulhado no século XVI ⁽⁷²⁾; junto a uma das torres albarrãs que cercam a *medina*; classificado e estudado muitas peças recolhidas em diferentes pontos da área urbana; e feito escavações, iniciadas em 1984, no pátio anexo ao edifício onde se encontra o poço-cisterna, que ofereceu uma desenvolvida estratigrafia desde os séculos VI-VII ao século XVII. Estas estações têm-nos ajudado, de diferentes modos, a aferir os dados obtidos nas escavações do Castelo de Silves.

Contribuiu para a nossa decisão, de investigarmos o passado muçulmano na alcáçova de Silves, a sugestão feita pelo Professor Doutor Artur Nobre de Gusmão de que este estudo poderia permitir a elaboração da tese agora apresentada.

A colecção de cerâmicas exumadas no Castelo de Silves, muito diversificada, tanto em termos cronológicos como técnicos, formais e decorativos, pareceu-nos permitir uma via de investigação interessante da ocupação deste arqueossítio; oferecendo-nos, sem dúvida, informação mais completa do que a obtida através do estudo não só dos restantes materiais como das estruturas postas a descoberto. Estas, encontram-se, no momento actual das escavações, ainda fragmentadas, dado que para a sua compreensão alargada necessitarão de um maior volume de áreas intervencionadas. Contudo, restos de estruturas sobrepostas ou reutilizadas, bem definidas em termos estratigráficos, ajudam-nos a integrar os materiais cerâmicos recolhidos; tal como um sector de uma vivenda almoada, já exumada, permitiu definir áreas funcionais, nomeadamente um espaço de entrada, uma cozinha e instalações sanitárias, algumas das quais continham artefactos ali especificamente utilizados.

Assim, pudemos iniciar o estudo de 14286 fragmentos de peças de cerâmica, tendo-se conseguido reconhecer, em termos funcionais, 929 peças, distribuídas por seis camadas ou estratos arqueológicos, que incluem 17 formas diferenciadas. Em nenhum museu seria possível realizar tal trabalho de sistematização já que ali os materiais, na sua grande maioria, se encontram destituídos de contexto arqueológico-cultural.

(⁷¹) Gomes, M. V., Gomes, R. V., e Beirão, C. de M., 1986, O Cerro da Rocha Branca (Silves) – Resultados Preliminares de Três Campanhas de Escavações.

(⁷²) Gomes, R. V., e Gomes, M. V., 1984, Cerâmicas Importadas dos Séculos XV e XVI, Encontradas no Poço-Cisterna Árabe de Silves.

No Capítulo seguinte referimos a escavação e a informação que ela nos ofereceu para, no Capítulo III, nos dedicarmos ao estudo das cerâmicas de cada camada identificada. Esta parte do trabalho inicia-se com o estudo das pastas, do tratamento dado às superfícies das peças, fazendo-se, em seguida e quando possível a atribuição formal. Terminaremos aquele Capítulo com a referência aos paralelos mais significativos, ao seu contexto e integração cultural, tanto no mundo muçulmano peninsular como oriental.

Uma sistematização, a possível, da evolução formal, estilística e cronológica destas cerâmicas, assim como o estudo dos seus elementos decorativos mais expressivos, deverá conduzir-nos, no Capítulo IV, a conclusões de ordem cultural, determinando influências e evolucionismos que, em certos casos, atingem os nossos dias. No Capítulo V apresentamos a descrição e o desenho das peças mais representativas, as que nos permitiram atribuição formal ou reconhecer aspectos decorativos.

CAPÍTULO II

“O atraso com que os historiadores descobriram a arqueologia medieval e a sua inicial relutância em perfilhá-la devem-se precisamente à nítida deslocação que esse perfilhamento implicava, quer no próprio conceito de história a rever, quer nos processos tradicionais de trabalho, quer na catalogação hierárquica das chamadas fontes. Tal deslocação aparecerá ainda mais nítida se a considerarmos, não apenas em função da arqueologia medieval, mas também da pré e proto-história e da arqueologia clássica” (Gusmão, A. de, 1956, A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal - ensaio de arqueologia da Idade Média, p. 27).

A EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA

II.1. METODOLOGIA

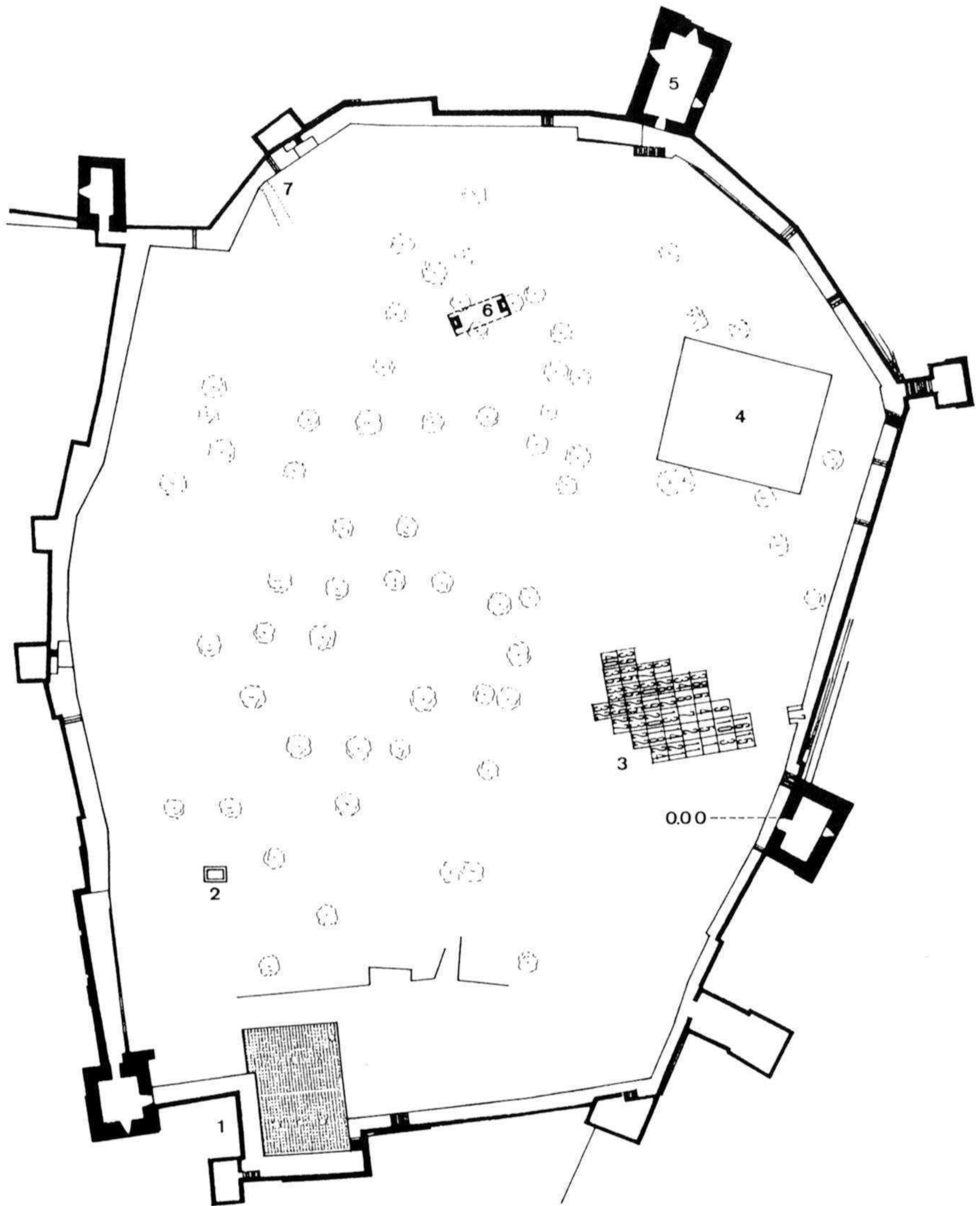
A zona escolhida para iniciarmos as escavações, na alcáçova de Silves, fica situada numa área, do seu lado nascente, frente a um dos torreões da muralha (fig. II.1). A escavação foi efectuada, a princípio, em dois sectores: num deles (sector I) abrimos um só quadrado com 2m×2m, que teve a função de sondar o sítio, tendo-se explorado no outro (sector II), quarenta quadrados com dimensões idênticas. O último lugar abrange parte do local onde, segundo informações de José Luis Cabrita, se tinham descoberto, há mais de vinte anos, restos de muros, perpendiculares entre si, e recolhido belos fragmentos de cerâmica (em exposição numa sala anexa à Biblioteca camarária). Soubemos, posteriormente, que uma outra vala detectada, na escavação, só tinha dez anos e foi aberta pelos jardineiros, para aterro de lixo, sob as alamedas do actual jardim. Estes trabalhos afectaram, em particular, o último nível de ocupação muçulmana (C2) e só uma rigorosa escavação permitiu identificar algumas zonas, entre as valas, ainda intactas.

A marcação dos quadrados foi feita sobre o pavimento de uma das alamedas do jardim da alcáçova e, também, na área ajardinada. Os quadrados foram orientados, no sentido dos pontos cardeais, e a sua numeração foi feita à medida que prosseguia a escavação. Quando necessário, subdividiram-se aqueles quadrados, em outros menores com 1m de lado, de modo a permitir um melhor registo e o controlo estratigráfico tanto das estruturas como do espólio.

Actualmente, depois de quatro campanhas de escavação que totalizam três meses e meio de trabalhos de campo, prosseguimos só no segundo sector e nem todos os quadrados foram integralmente explorados. A escavação de cada quadrado fez-se por estratos arqueológicos tendo-se registado, através do desenho e fotografia, todas as estruturas e níveis detectados, assim como o espólio localizado *in situ*. O levantamento desenhado foi cotado, a partir de um ponto *O* arbitrário, e consta de plantas, cortes e alçados. As terras exumadas foram integralmente crivadas, tendo-se recolhido todos os fragmentos cerâmicos, incluindo as telhas que quantificámos através de pesagem.

A soma dos fragmentos de cerâmica descobertos, pertencentes a vasilhas, só foi feita depois do material estar lavado, colado e marcado. Na marcação é indicado o nome da estação, o quadrado e a camada de proveniência (ex: SILV. CAST. Q11/C2).

Iniciou-se o estudo, por camadas, dividindo-se a cerâmica em grandes grupos que têm em conta a cor e o tipo de pasta utilizada no seu fabrico; em cada grupo diferenciaram-se, ainda, se possível as peças em função do tratamento dado às superfícies. Fez-se, em simultâneo, o estudo estatístico deste espólio para, em termos de percentagens, podermos avaliar, por período, quais as pastas e as técnicas decorativas mais utilizadas. Escolhemos de



ALCÁÇOVA DE SILVES

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| 1 - Porta Principal | 5 - Torre Celouquia |
| 2 - Cisterna dos Cães | 6 - Silos |
| 3 - Área Escavada | 7 - Porta da Traição |
| 4 - Aljibe | |

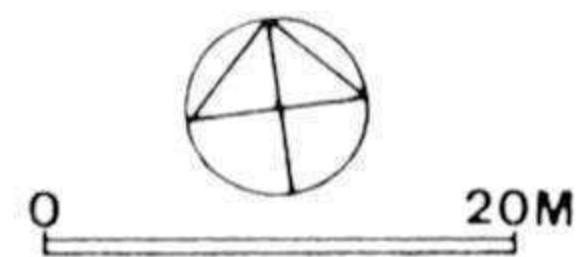


Fig. II.1. A alcáçova de Silves.

um conjunto, muitas vezes vasto, de bordos, bojos e fundos, os fragmentos que nos pareceram mais representativos de cada camada, mesmo que não permitissem uma atribuição formal, a fim de serem figurados graficamente.

Elaborámos o catálogo com o desenho de cada fragmento, identificado com um número de ordem em função do quadrado a que pertence, acompanhado da respectiva descrição (ex: SILV. CAST. Q11/C2-1) e que constitui o Capítulo V deste trabalho.

II. 2. ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA

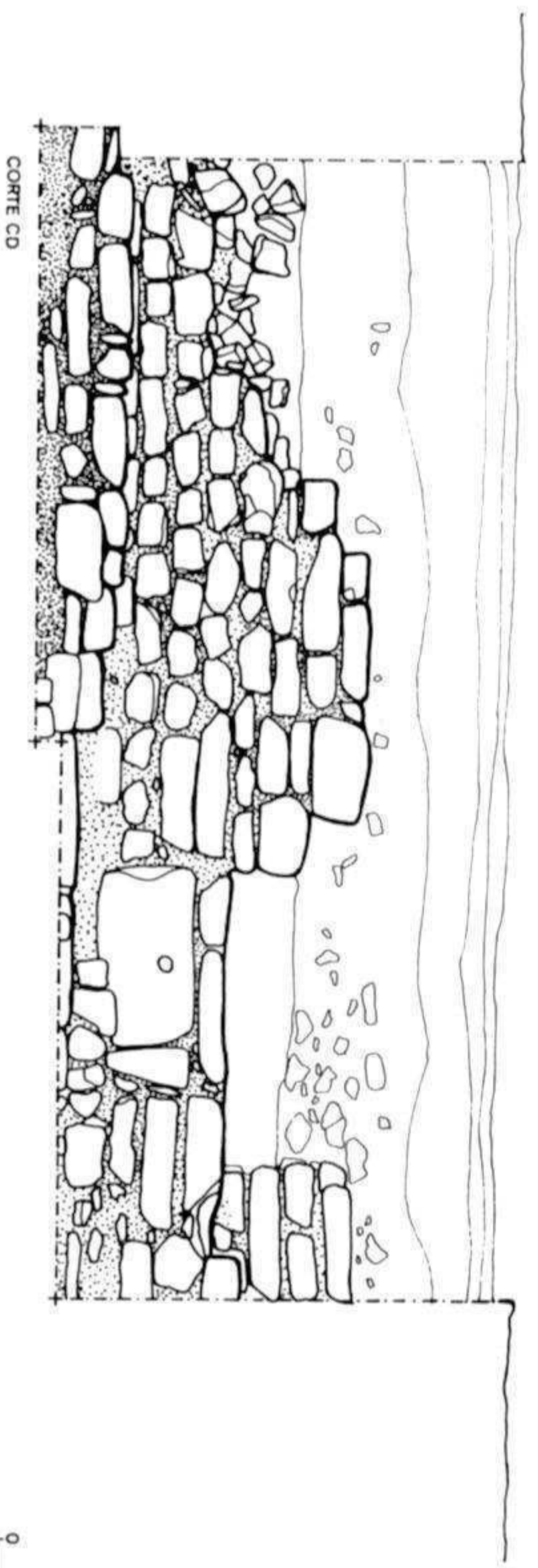
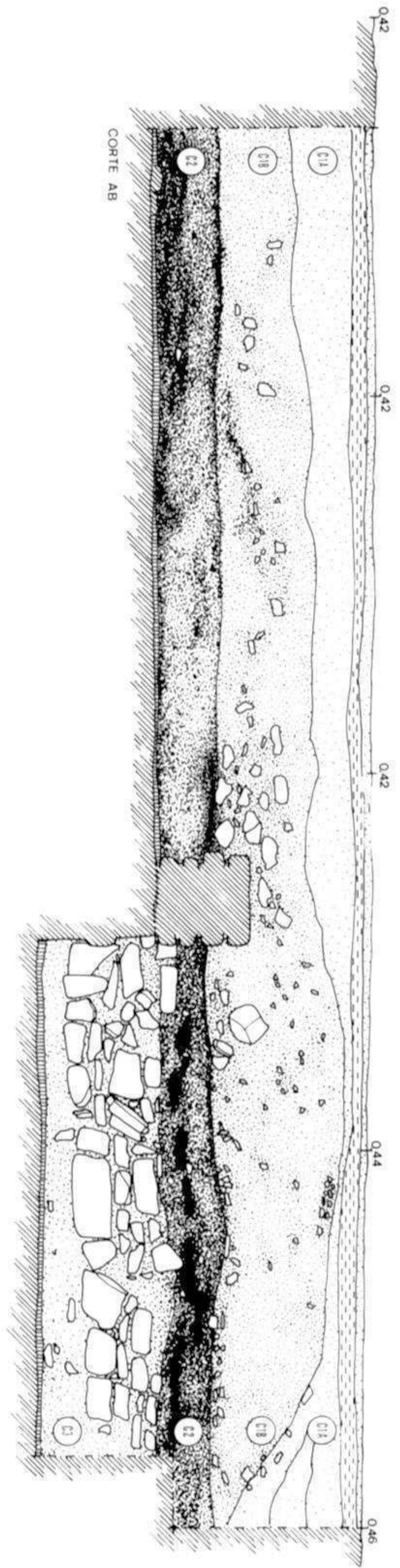
II.2.1. Camada 1 – É o estrato reconhecido sob o piso, de pedras e saibro, que constituía uma das alamedas do actual jardim e que se encontra, do mesmo modo, debaixo das terras superficiais da zona ajardinada. Foram identificados dois sub-níveis comuns em toda a zona escavada (fig. II.2); a C1A, com uma potência que varia entre 0.60m e os 0.06m, composta por terras activas, pouco compactas, com muita matéria orgânica, de cor castanha escura (2.5YR3/4) ⁽¹⁾, e com algum espólio arqueológico (em especial peças dos sécs. XIV-XVI); o segundo nível, a C1B, apresenta uma potência que varia entre 0.70m e 0.20m, é formado por terras pouco activas, mais compactadas, de cor castanha (2.5YR4/4), e nele foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica, sobretudo, do período muçulmano.

No quadrado 17 a camada 1 prolongou-se, devido aos remeximentos efectuados durante as obras de restauro do Castelo, tendo-se identificado mais dois pequenos sub-níveis (fig. II.3) – C1C e C1D; o primeiro com grande percentagem de pedras miúdas, e o segundo já contendo alguma cerâmica muçulmana. Na sondagem que se efectuou, no sector I da escavação (fig. II.4), a C1C corresponde a um nível com grande número de fragmentos de telhas aglomerados, especialmente, no lado poente do quadrado, e que assentam sobre os restos de um pavimento horizontal, composto por uma argamassa de terra, areia e cal. Os materiais associados a este pavimento datam-no dos sécs. XIV-XV.

II.2.2. Camada 2 – Corresponde à última ocupação muçulmana do Castelo (séculos XII-XIII) e a uma maior área escavada (Sector II). É formada por terras pouco compactas, de cor castanha (10R4/4), com núcleos de cor castanha acinzentada escura (10R3/1), que oferecem muitos materiais nitidamente queimados.

Os muros, pavimentos e canalizações identificados, nesta camada, pertencem a uma habitação (fig. II.5) ainda não descoberta na totalidade, situada a cerca de 12m do pano de muralha que limita, a nascente, a alcáçova. Foi no interior deste espaço que recolhemos o maior número de peças de cerâmica, algumas delas, encontradas quase completas. Na zona que pensamos ser exterior a esta habitação, do lado nascente, não localizámos qualquer pavimento mas, apenas, um piso de terra batida. Nas zonas interiores da habitação, existia um nível de terras queimadas, que nalguns locais atingia cerca de 0.30m de espessura. Este incluía elevado número de telhas muçulmanas, algumas fragmentadas outras quase inteiras, totalizando cerca de 300Kgs e que correspondiam ao telhado da casa, caído sobre o pavimento e esmagando muitas peças de cerâmica. O pavimento era constituído por terra batida, argamassada com areia e cal, conservando-se, em alguns compartimentos, restos de revestimentos com lajes de arenito vermelho. O acesso às instalações sanitárias desta casa e o recobrimento do seu pavimento foi feito, na totalidade, com grandes lajes de arenito vermelho medindo as maiores 1.20m de comprimento.

(¹) Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* e, por isso, devem-se entender como aproximados.



CASTELO DE SILVES - 1984



Fig. II.2. Corte AB e corte CD.

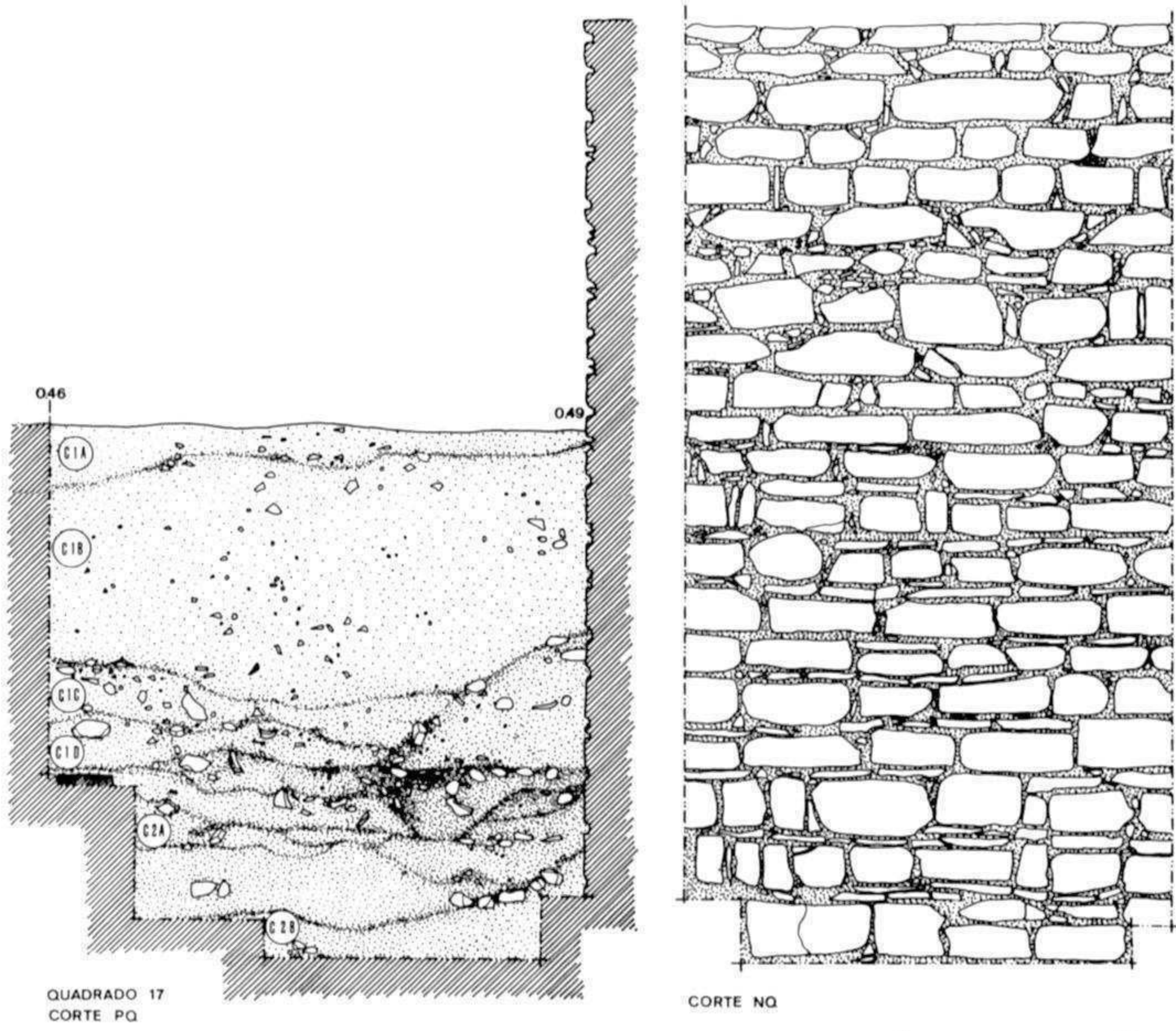


Fig. II.3. Corte PQ e corte NQ (junto à muralha).

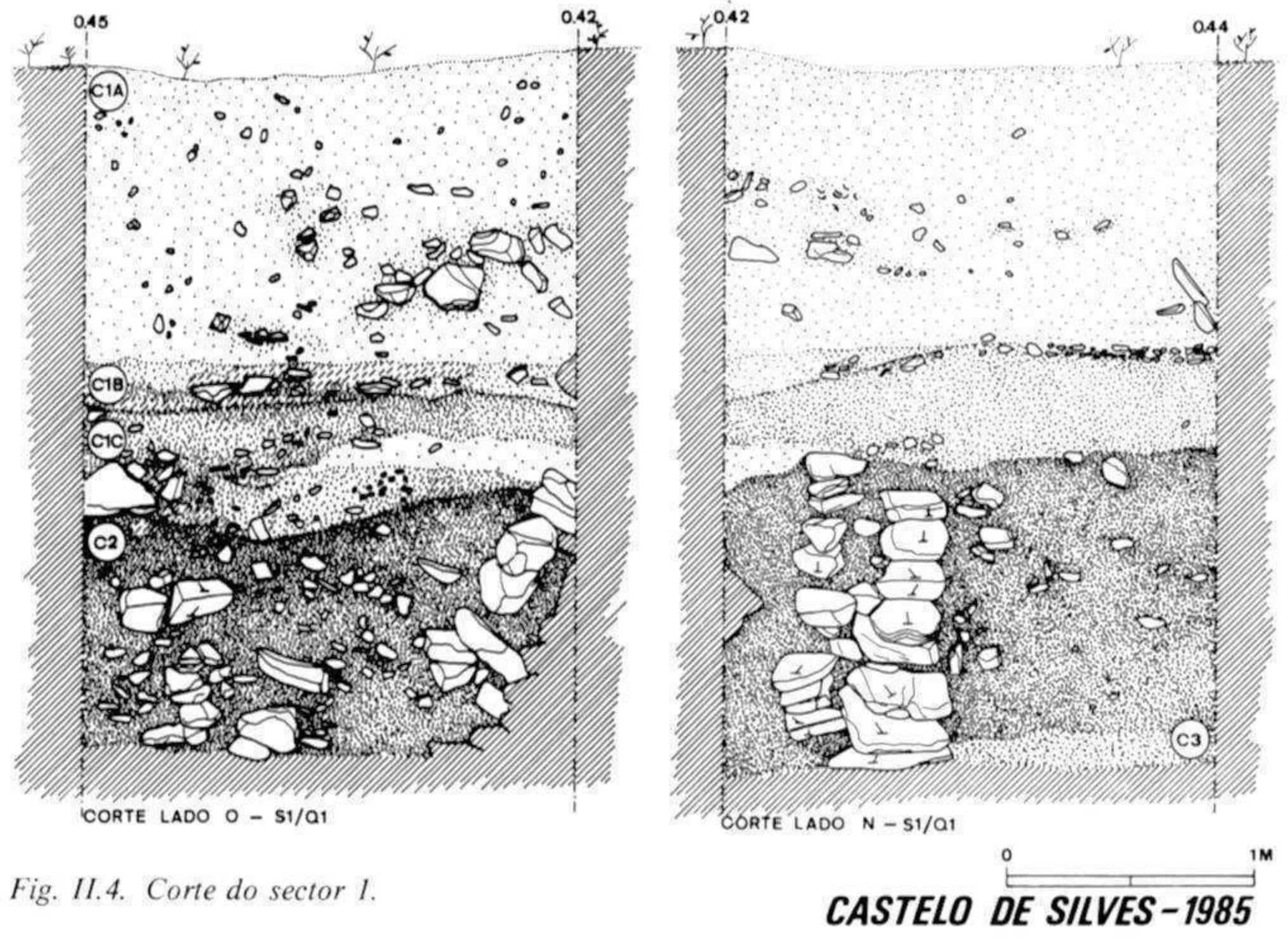


Fig. II.4. Corte do sector I.

Fig. 11.5. Planta da área escavada (levantamento de M. Carmo e R. Cunha).



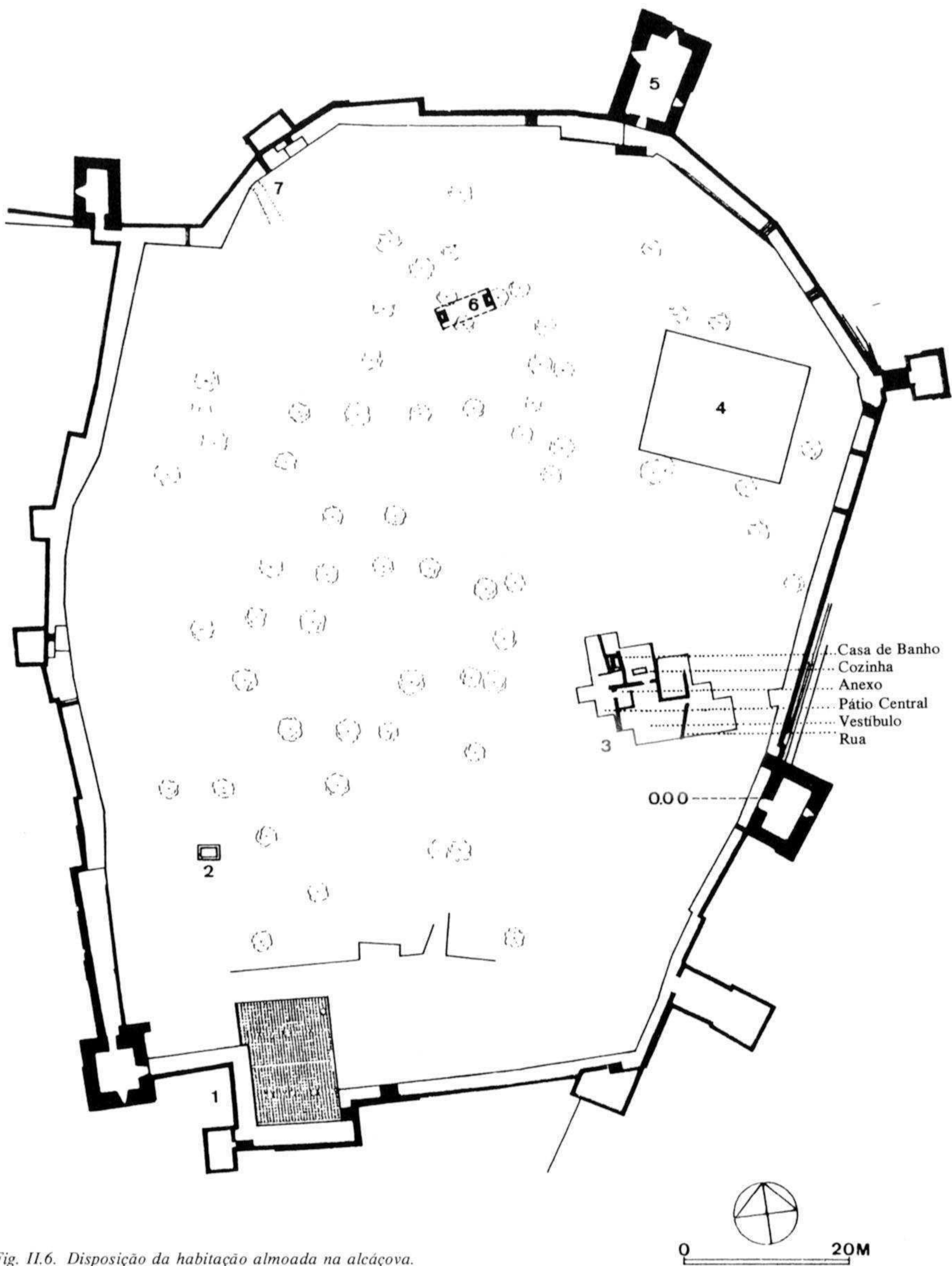


Fig. II.6. Disposição da habitação almoada na alcáçova.

A casa (fig. II.6) consta, por ora, de uma sala de entrada, ou vestibulo, de cozinha, instalações sanitárias e um pátio interior.

A sala de entrada comunicava com a rua através de uma porta, de que resta a soleira, e que abriria para o interior da habitação, conforme indica o aparelho junto aos gonzos e a soleira. Esta, talhada em arenito vermelho, oferece 0.92m de distância entre os orifícios dos gonzos e 0.50m de largura máxima. Uma das pedras situada sob a soleira apresenta um orifício, de secção circular, que a atravessa na perpendicular, a cerca de 0.20m do piso (corte CD integrado na fig. II.2), e que parece ser um elemento para o escoamento de águas. Esta porta está a um nível ligeiramente sobrelevado em relação ao solo do compartimento ao qual dá acesso. O vestibulo, para onde abre a porta de entrada e cujo perímetro não está completamente demarcado, seria coberto com telhas, de canudo, conforme nos indica o peso da totalidade dos seus fragmentos ali recolhidos. Mostra dois muros, um deles (fig. II.7) encontrado nos quadros 4 e 7, a cerca de 0.60m de profundidade, orientado no sentido este-oeste. Este, mede 2.70m de comprimento e 0.55m de largura máxima, sendo formado por quatro fiadas de blocos de arenito vermelho, bem aparelhados, com comprimentos que variam entre 0.40m e 0.60m (fig. II.8). Os blocos foram dispostos ora transversalmente ora em paralelo e consolidados por uma argamassa, de terra, rica em elementos plásticos, areia, cal e pequenos fragmentos de cerâmica. Um cimento semelhante foi utilizado, também, para consolidar os outros muros que descrevemos. Esta estrutura sobrepõe-se, cobrindo, a uma outra de época anterior e que detectámos, no lado norte, ao profundarmos estes quadrados (fig. II.9).

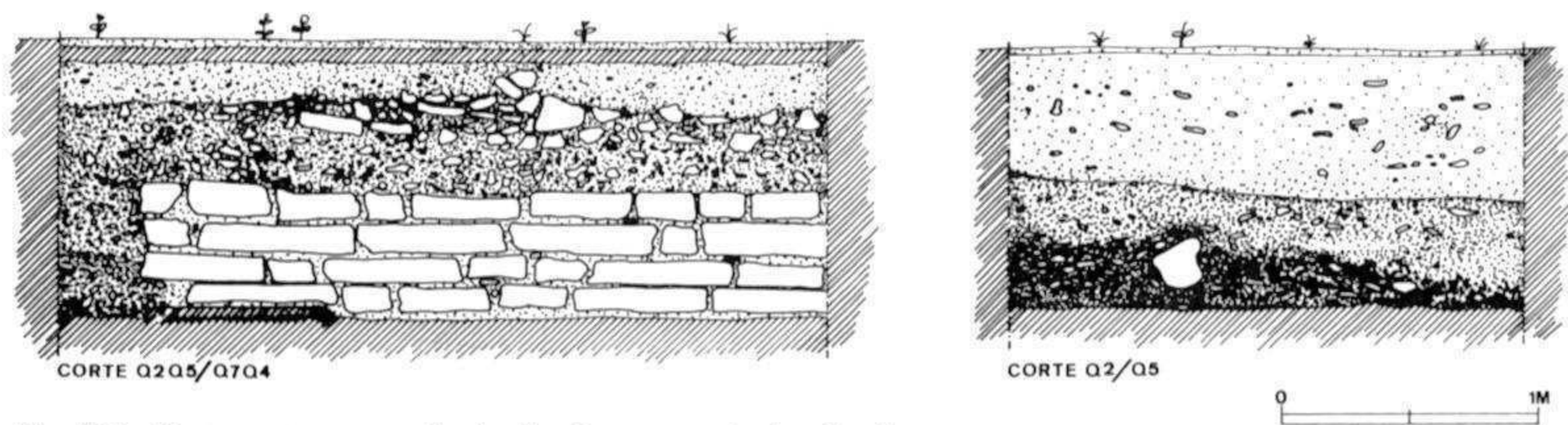


Fig. II.7. Cortes entre os quadrados 2 e 5 e os quadrados 7 e 4.

CASTELO DE SILVES - 1984

O segundo muro da sala que estamos a descrever (fig. II.10), identificado nos quadrados 1,5 e 4, a cerca de 0.50m de profundidade, quase perpendicular ao já referido, está orientado no sentido noroeste-sudoeste. Mede, actualmente, 6.30m de comprimento e 0.50m de largura máxima. É formado, nesta camada, por cinco fiadas de arenito vermelho e de calcário, de tamanhos irregulares, com comprimentos que oscilam entre 0.20m e 0.45m. Os blocos maiores foram colocados formando as duas faces do muro, cujo interior foi preenchido por blocos mais pequenos. As superfícies apresentam, ainda, restos de reboco, branco, de cal e areia. Este muro, reaproveitado na última fase da ocupação muçulmana, tem 0.50m de profundidade abaixo do nível do solo do compartimento correspondente à casa.

Foi sobre o pavimento do vestibulo, no quadrado 11, que jazia sob um nível de derrubes e envolto em terras de cor castanha acinzentada, muito humosas, um esqueleto humano bem conservado (fig. II.11). Este, estava, em decúbito ventral, com a face colocada sobre o solo, o braço direito um pouco acima da cabeça e o braço esquerdo dobrado, com a mão respectiva fechada sob o peito (fig. II.12). As pernas encontravam-se estendidas. Detectámos, ainda, uma ponta de ferro, possivelmente, pertencente a um virote de besta, entre as costelas da região lombar esquerda do esqueleto, denunciando-nos uma morte violenta.

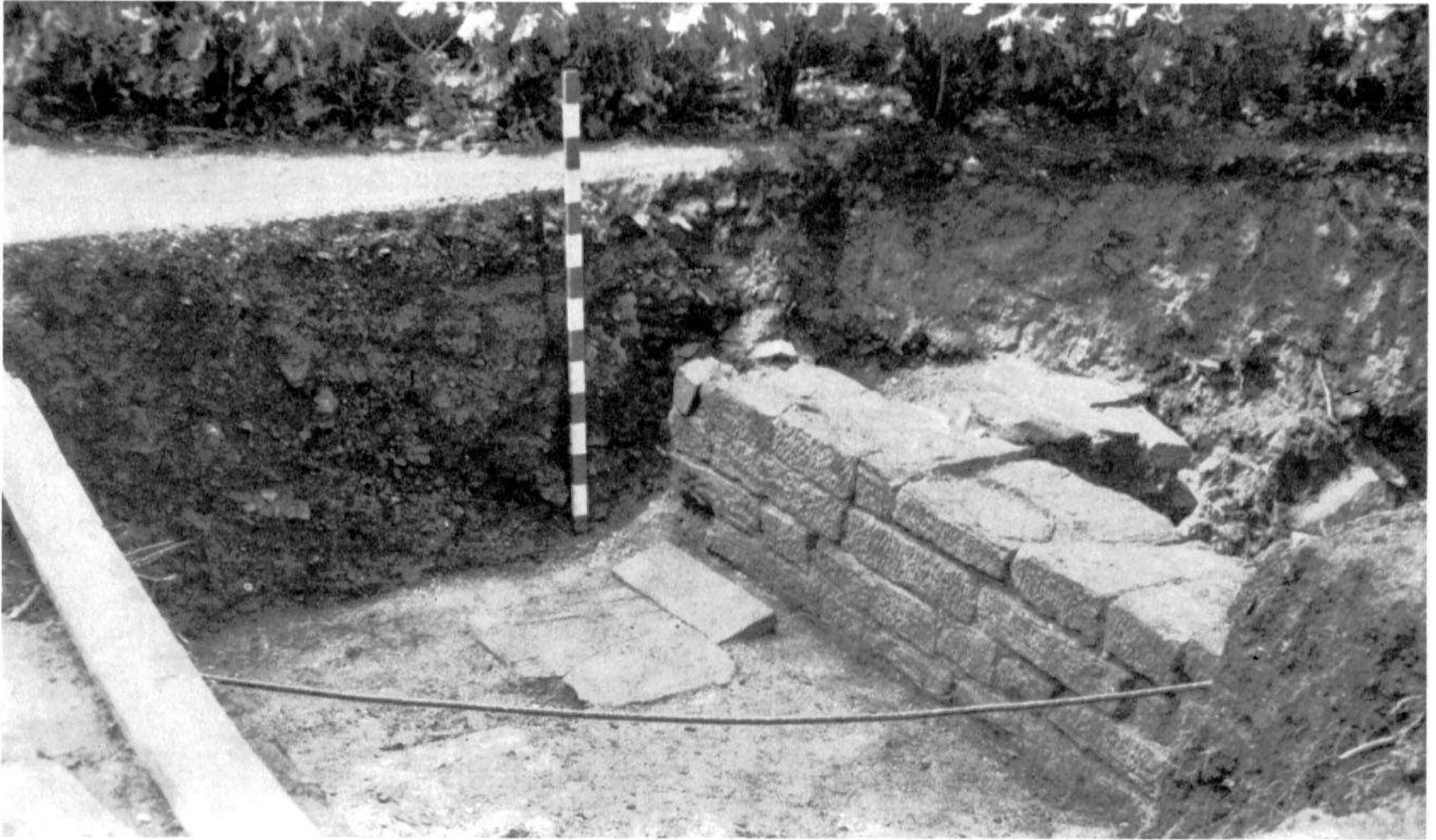


Fig. II.8. Muro 1, no início das escavações, visto de SE (RII/84-14).



Fig. II.9. Muro 1, sobrepondo uma estrutura mais antiga, visto de norte (RXII/86-33).

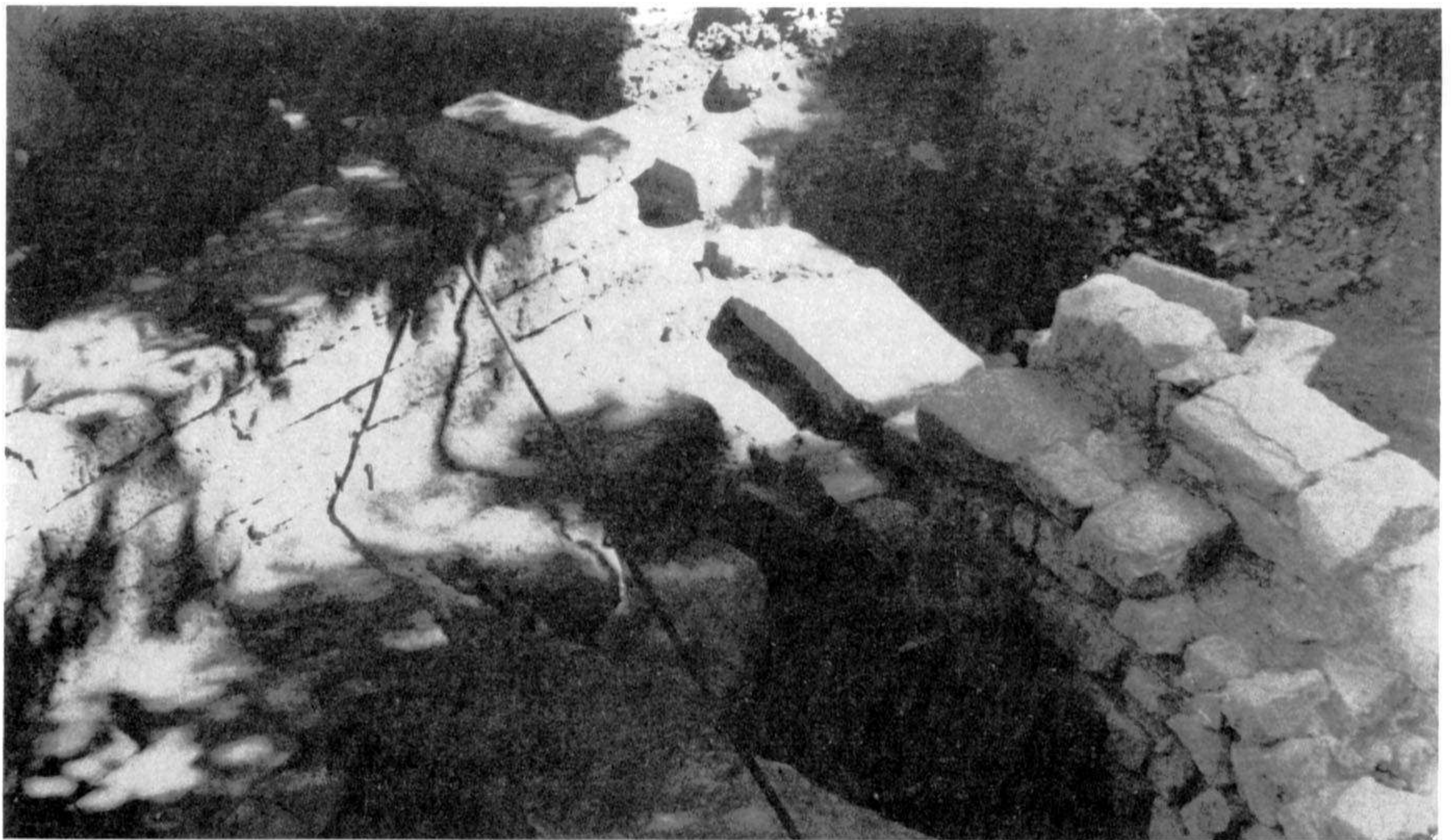
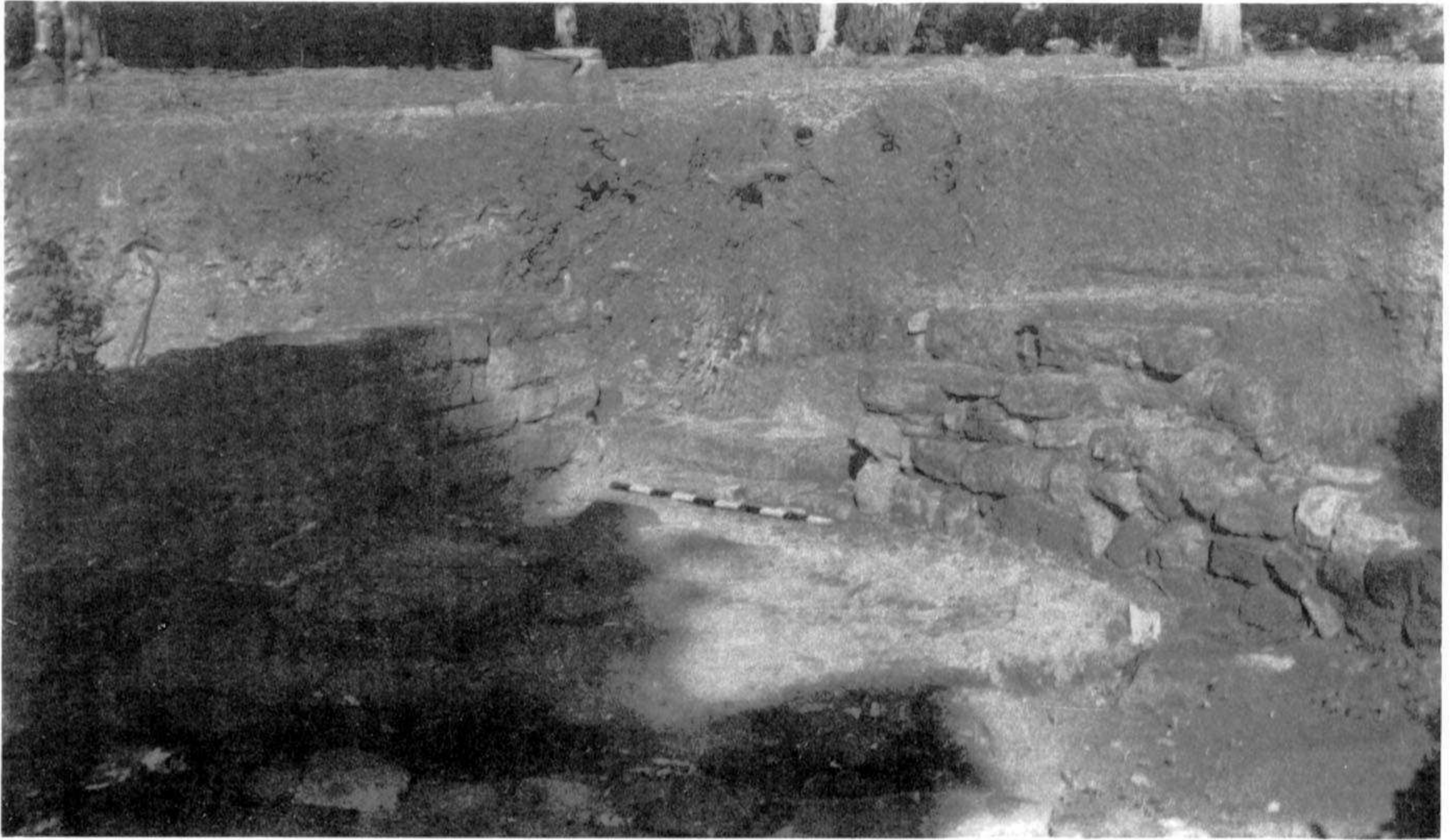


Fig. II.10. Entrada da casa almoada, vista de SO, e sobreposição de uma das paredes sobre estrutura do período almorávida (RVIII/87-12 e RVI/84-37).

*Fig. II.11. Esqueleto insepulto, sobre o pavimento da casa
almoada (C2), e pormenor do mesmo (RVI/84-23 e 26).*

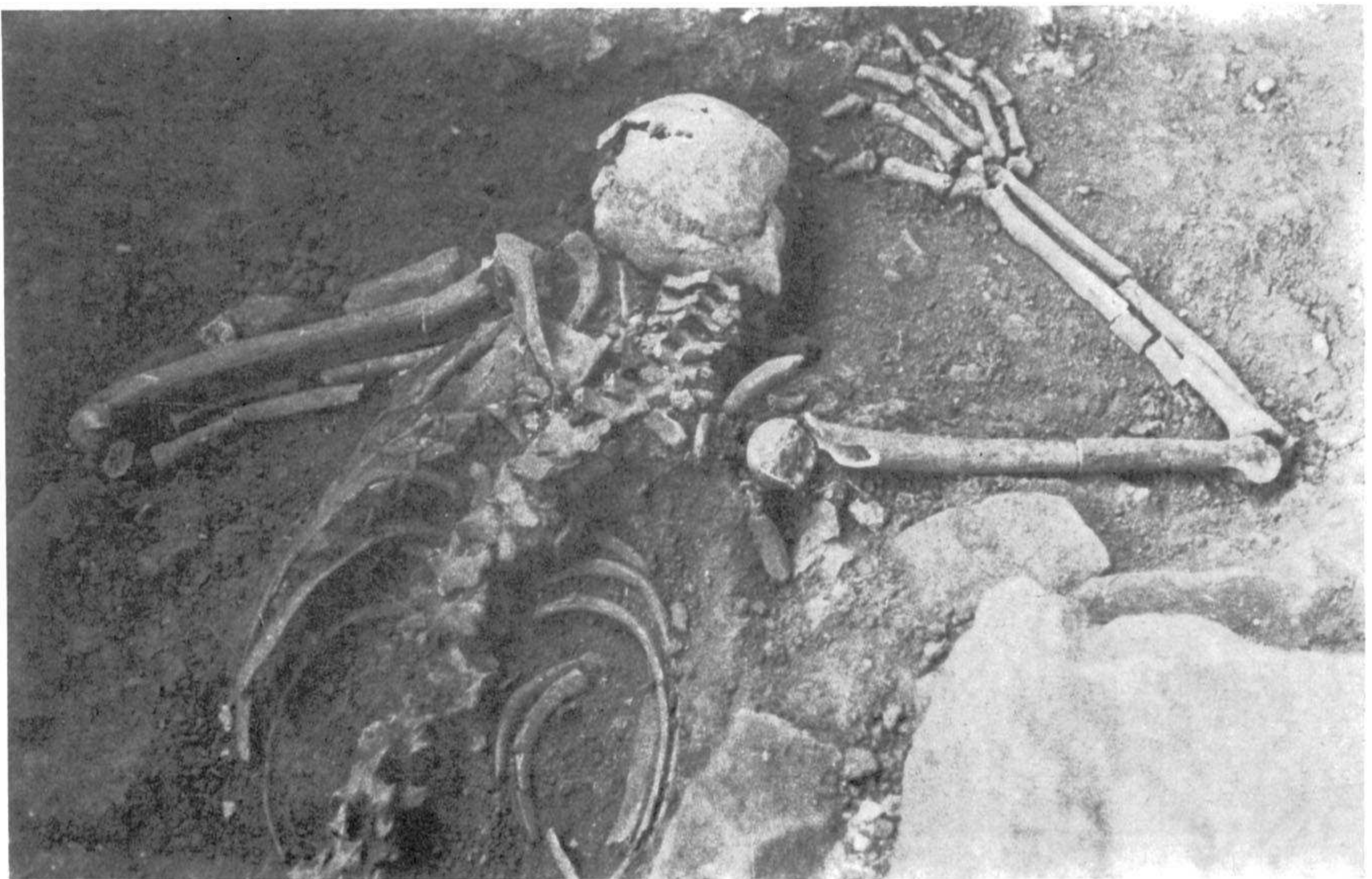
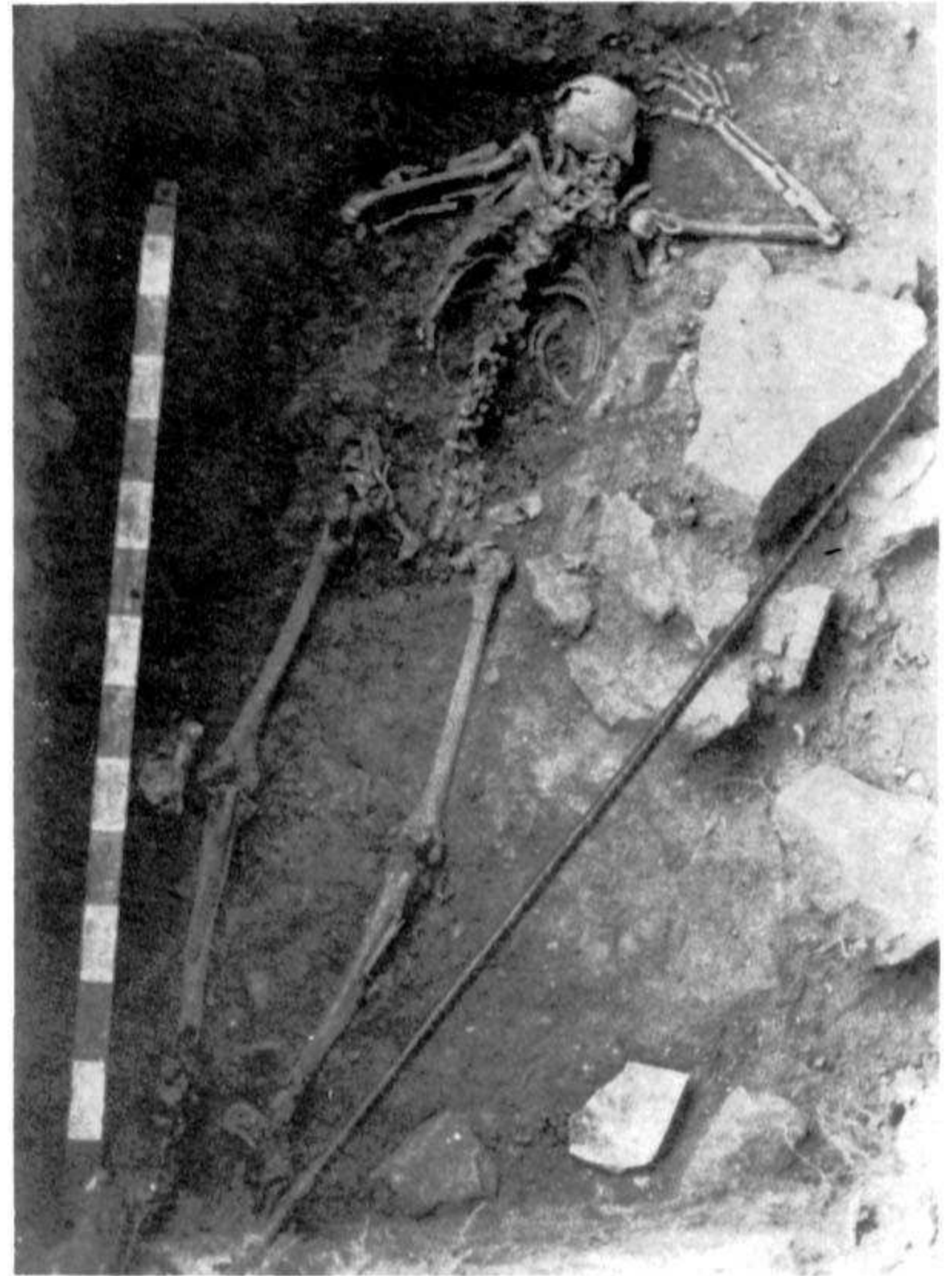
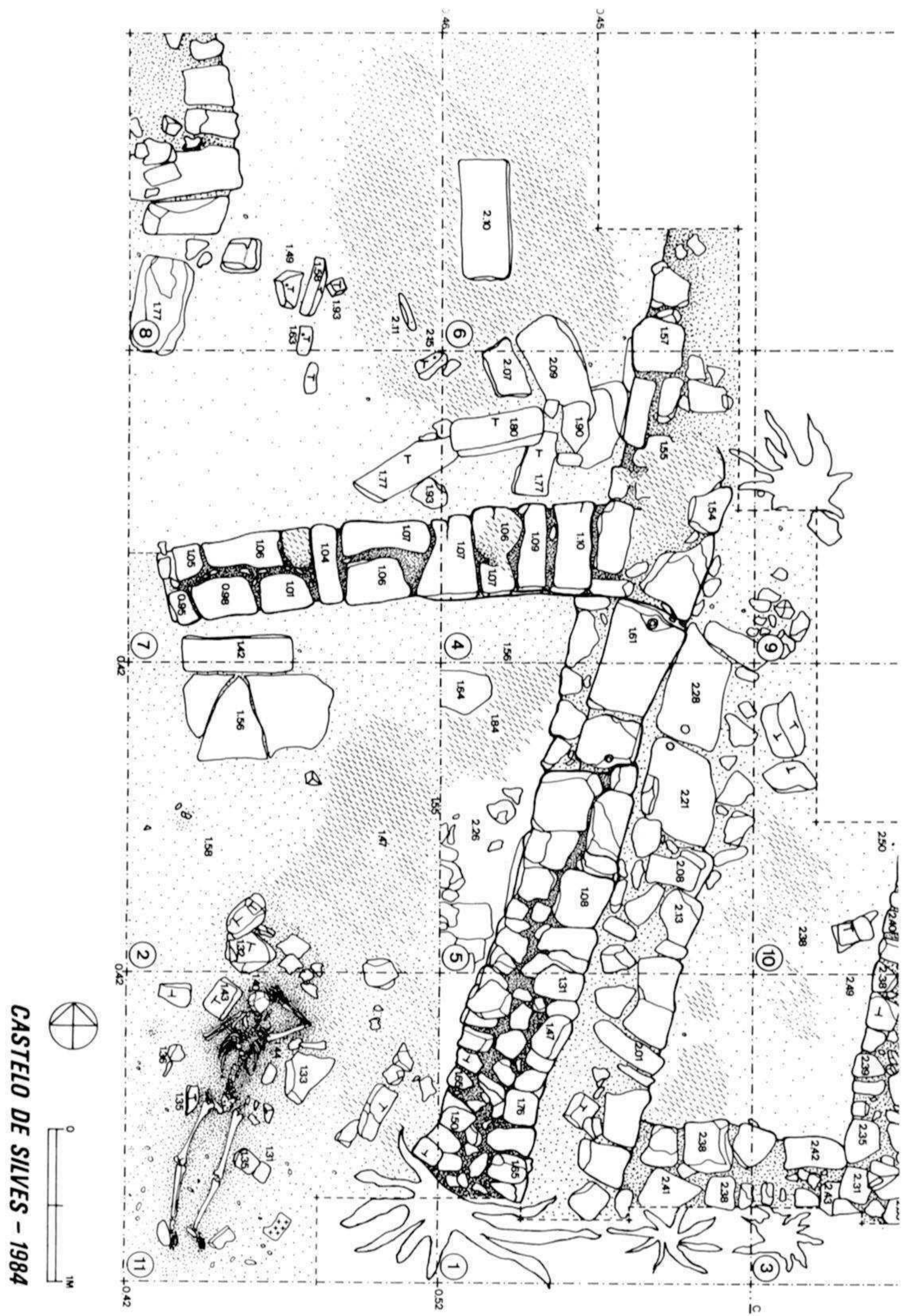


Fig. II.12. Plano, de pormenor, da casa almoadada com o esqueleto.



CASTELO DE SILVES - 1984



A sala de entrada prolonga-se, para norte, sendo aí formada por três muros erguidos com blocos, de arenito vermelho, com comprimentos variáveis, entre 0.12m e 0.34m, e com 0.50m de espessura máxima. A largura deste espaço, definido por dois daqueles muros paralelos, é de 2.80m. Este sector da habitação encontrava-se pavimentado com lajes de arenito vermelho, cobertas com uma massa de cal e areia fina, conforme mostram algumas zonas melhor conservadas, nomeadamente junto à parede do lado nascente. A destruição desta estrutura deve-se, em parte, à abertura de uma vala para aterro de lixo. No lado sul da sala (Qs 14, 21 e 24), reconhecemos restos de um pavimento constituído por barro, areia e cal, lajeado numa pequena zona, continuando aquele que foi descoberto no espaço de acesso à porta de entrada e sobre o qual repousava o esqueleto humano. No interior desta sala foi construído um pequeno compartimento (Qs 19, 20, 23 e 25) de forma rectangular (fig.-II.13). Mede 2.50m de comprimento, 1.40m de largura, e mostra parte do pavimento coberto por lajes de arenito vermelho. Dois dos muros (lado norte e oeste), que formam as quatro paredes deste espaço, pertenciam à sala anterior. Os outros dois muros (lado este e sul), com 0.44m de largura máxima, oferecem ambos aparelho muito semelhante, composto por pequenas pedras de arenito vermelho e calcário, contrastando, nas dimensões e na técnica de construção pouco cuidada, com o aparelho utilizado nas restantes paredes desta habitação e, mesmo, dos outros dois muros do compartimento. O pequeno espaço, que temos vindo a descrever, oferece dois vãos de porta, ambos com 0.60m de largura, um no lado nascente, que comunica com a primeira sala, e um outro, do lado oposto, que abriria para o seu interior e que comunicaria com um pátio situado a poente. Para além desta estrutura estar adossada ao interior da sala referida, verificou-se que fragmentos de cerâmica recolhidos sob as suas paredes (do lado este e sul) são, formalmente, semelhantes a outros exumados sobre o solo da casa.



Fig. II.13. Compartimento, adossado ao interior do vestibulo, da casa almoada, visto de sul (RVIII/87-17).

Passando por este compartimento atinge-se, como assinalámos, um pátio interior, ainda mal definido, revestido por forte pavimento, de areia e cal, onde se abria um ralo para recolhas de águas pluviais. Foi neste espaço, sob as pedras de um derrube (Q 27), que descobrimos, no interior de uma vasilha, uma mealha, de D.Sancho I (1185-1212), considerada como exemplar raro. Sobrelevado, cerca de 0.13m, em relação ao pavimento anterior existe um outro, a norte, formado por lages, de arenito vermelho, e que dá acesso a uma casa de banho (fig. II.14). Esta instalação (Qs 26, 33 e 35), foi edificada a um nível mais elevado que as restantes peças da casa, como era costume no mundo muçulmano, para melhor arejamento do local.

A casa de banho é um compartimento, em forma de L, servido por uma área de acesso, com 3.30m de comprimento e 1.70m de largura, orientada na direcção este-oeste a que está perpendicularmente adossada, no lado norte, uma latrina de planta rectangular. A latrina é formada por uma fossa, rectangular, com 1m de comprimento e 0.20m de largura máxima. As paredes da fossa são inclinadas e ligam com um cano cuja saída, de forma rectangular, se encontra na parte inferior da parede do lado norte desta instalação. Entre o pavimento e a latrina, a 0.30m desta, encontra-se um bidé, de forma rectangular, com 0.70m de comprimento, 0.40m de largura máxima, e 0.15m de profundidade. O bidé comunica, através de um ralo, com a latrina.



Fig. II.14. Instalações sanitárias da casa almoada. Corredor de acesso, bidé e latrina (RXII/86-28 e 29).



Fig. II.15. Aspecto da escavação, vendo-se parte do vestibulo da casa almoada, o acesso à cozinha e a estrutura sobrelevada central (RXII/86-30).

A norte da primeira sala descrita localizámos uma outra (Qs 12, 19, 28, 30, 31 e 37) cujo acesso se fazia através de uma porta, com 0.80 m de largura, de que restam parte dos umbrais e a pedra da soleira (com 0.50m de largura) (fig. II.15). O vão desta porta oferece, do lado deste novo compartimento, dois volumes salientes que protegem os gonzos e nos indicam que ela abriria para o interior da sala situada a sul.

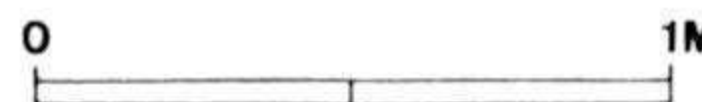
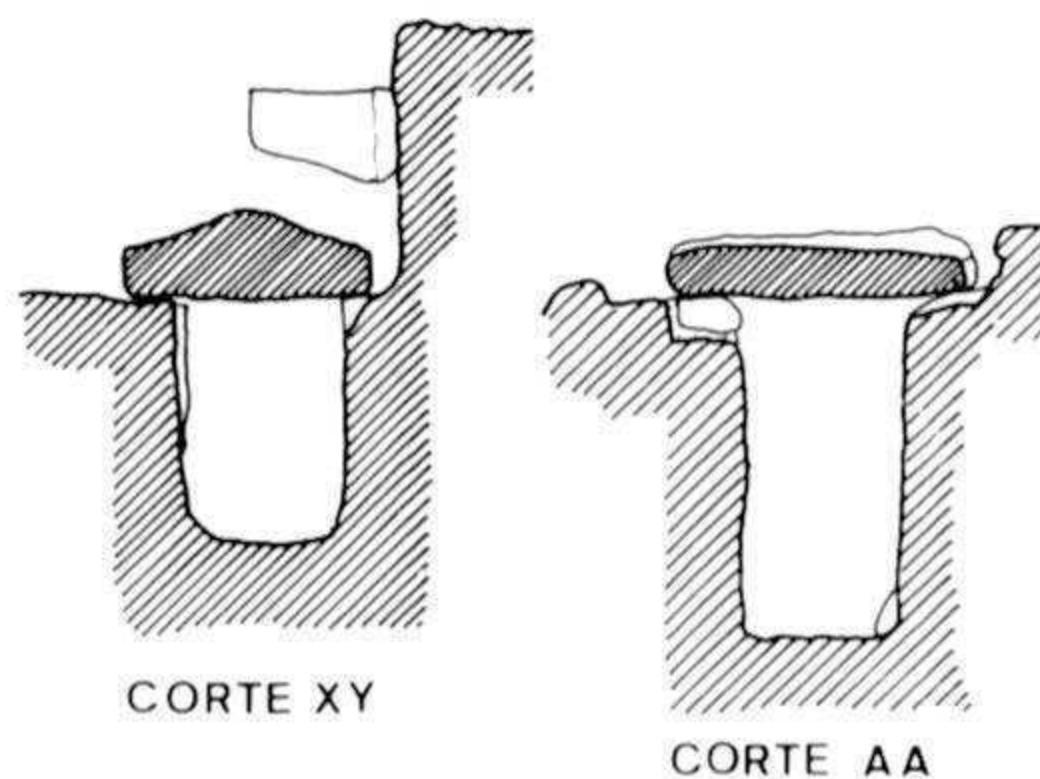
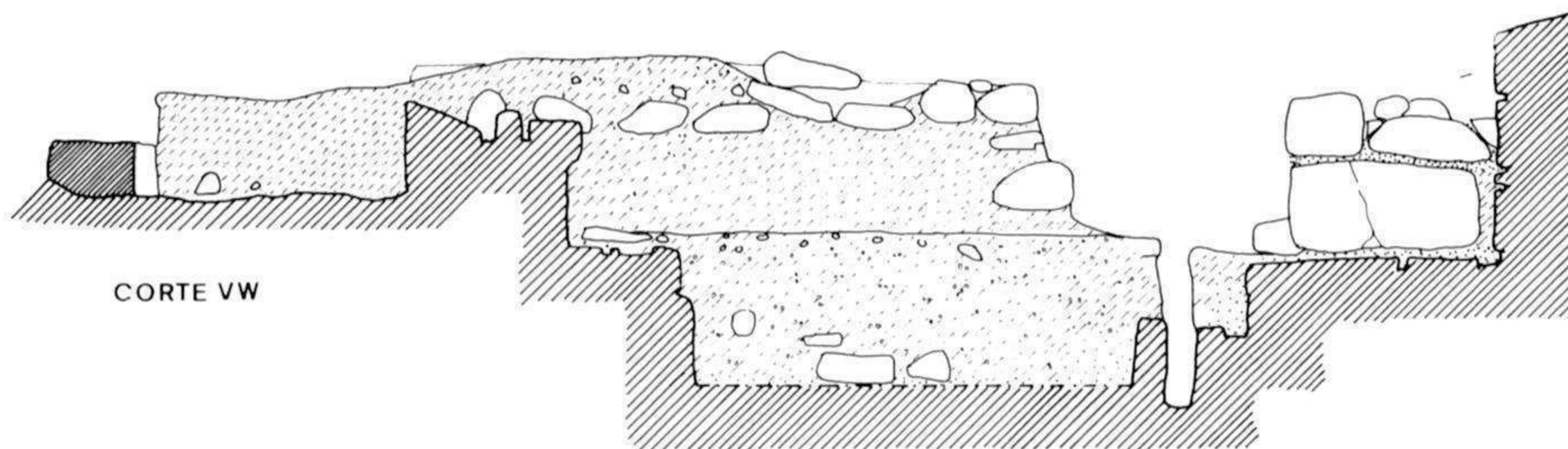
A nova sala mostra, por ora, três muros (um deles está na continuação de um outro da sala anexa, no lado sul, outro é o que as separa e o terceiro faz parte da parede da casa de banho) formados por blocos, de arenito vermelho, com comprimentos que variam entre 0.20m e 0.50m. A maior largura da área definida por duas daquelas paredes é de 3m. Mostra, ainda, restos de pavimento formado por lajes, de arenito vermelho, com tamanhos que variam entre 0.30m e 1.20m de comprimento. A 1.30m da parede onde existe a porta detectou-se uma estrutura sobrelevada (fig. II.15), cerca de 0.20m, em relação ao pavimento, de forma rectangular, com 1.92m de comprimento e 0.84m de largura máxima. Esta espécie de bancada foi construída com espessos blocos, de arenito vermelho, com tamanhos que variam entre 0.20m e 0.54m.

Sob os pavimentos desta habitação localizámos um sistema de canalizações (fig. II.17) cujo percurso não está, neste momento, totalmente definido. Uma das condutas, provavelmente para recolha de águas pluviais, foi identificada ao nível de um pavimento (Q29); mostra, no início, 0.24m de largura mas vai afunilando, até ficar só com 0.08m, dirigindo-se para o pequeno compartimento, já referido, situado nos quadrados 19, 20, 23 e 25. As paredes desta conduta são formadas por blocos, de arenito vermelho, dispostos na vertical. O fundo é revestido por uma massa de areia, cal e alguns seixos, e a cobertura oferece lajes ou massa. Convergindo para o sub-solo deste mesmo compartimento, no



Fig. II.16. Planta e alçados das instalações sanitárias (lev. de R. Cunha).

sentido sudeste-noroeste, descobrimos uma outra conduta (Q 22) com 0.26m de largura e uma estrutura semelhante à anterior. Está tapada com lajes, de arenito vermelho, sobre as quais existia um revestimento de massa. As paredes foram reforçadas, exteriormente, por massa grossa, feita com o mesmo material que reveste o interior da base da canalização.



CASTELO DE SILVES - 1986

Fig. II.17. Vista (RVIII/87-16) e cortes das estruturas de saneamento (VW, XY e AA').

II.2.3. Camada 3 – Corresponde à penúltima ocupação muçulmana do Castelo (séculos XI-XII) e foi localizada, especialmente, nos quadrados 1, 4, 5 a 8, 11, 34 e 38. É formada por terras compactas, de cor castanha (5YR6/4), contendo materiais arqueológicos nas zonas, mantidas intactas.

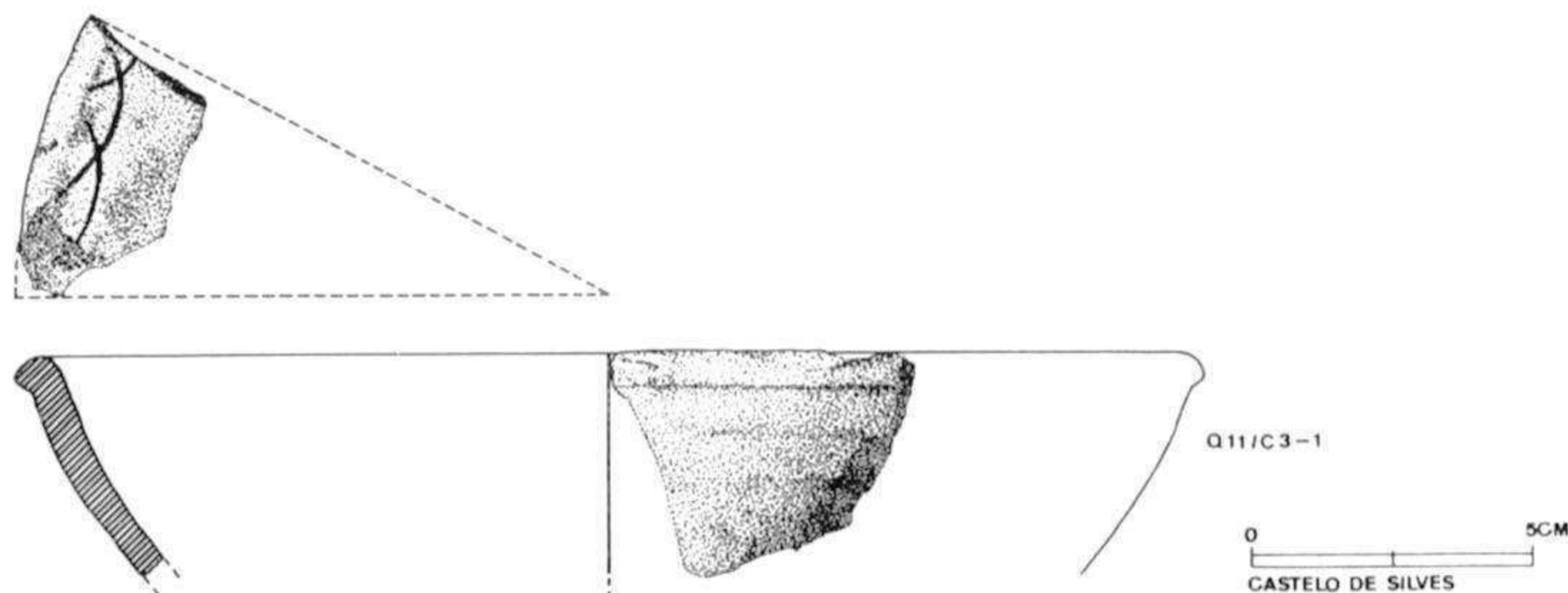
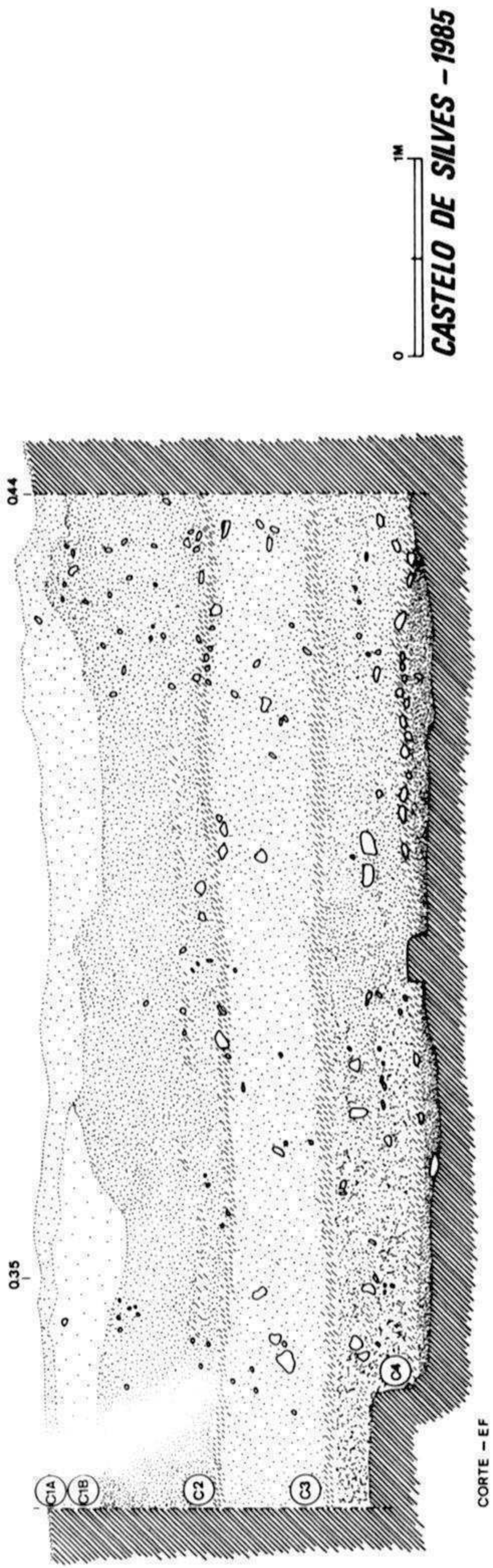
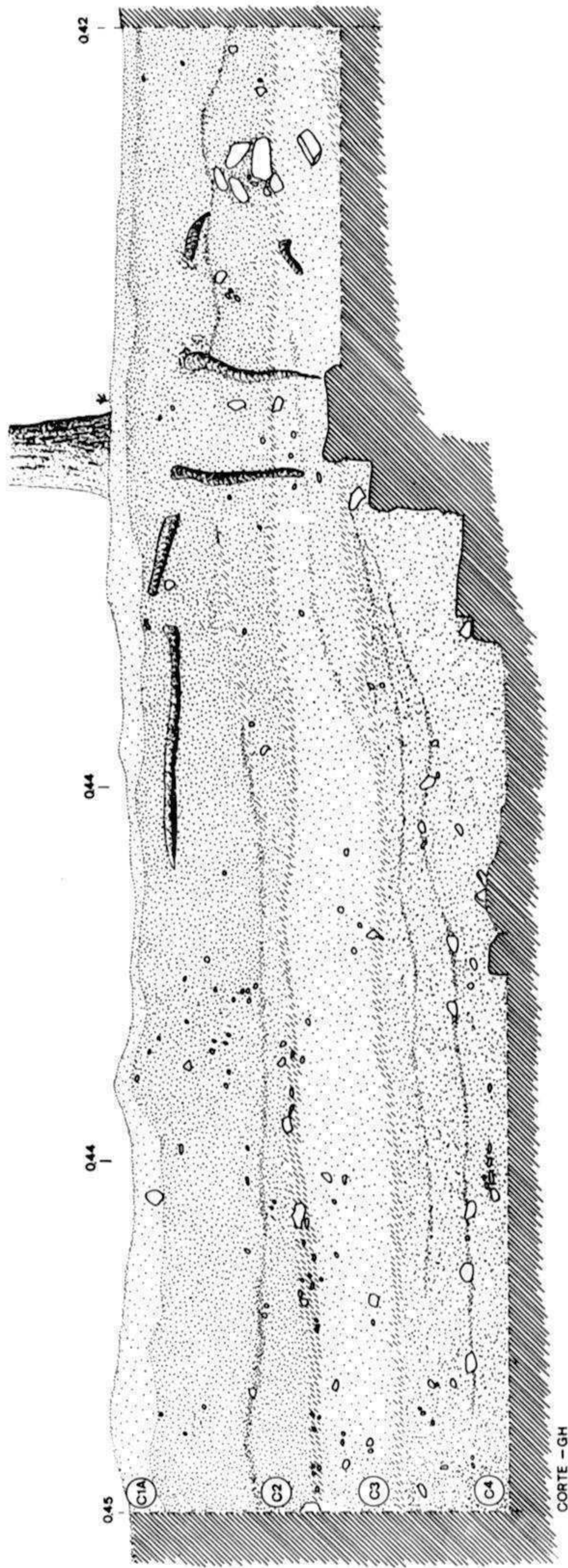


Fig. II.18. Fragmento de taça, em cerâmica, que integrava um muro almorávida mas que, culturalmente, pertence a um episódio anterior.

Este nível integrava o segundo muro que encontramos reaproveitado, nos Qs 1, 4 e 5 da camada 2, e incluído na sua estrutura recolhemos um fragmento de cerâmica (fig. II.18) que apresenta as superfícies esmaltadas. Pertence a uma taça, com bordo extrovertido e lábio com secção semicircular, ligeiramente, biselado no interior. A superfície interna oferece, junto ao bordo, semicírculos, secantes, pintados de cor negra. Considerou-se, também, como sendo desta camada os materiais recolhidos numa pequena sondagem efectuada, nos quadrados 1 e 5, junto àquele muro e que alcançou, apenas, 0.70m de profundidade. A esse mesmo nível, no quadrado 11 e debaixo do pavimento que corresponde à camada anterior (C2), jazia, sob o nível de derrubes, um esqueleto humano insepulto. Encontrava-se muito destruído, em decúbito ventral, com a face colocada sobre o solo, o braço e a perna direita estendidos, ao longo do corpo, o braço esquerdo levantado, à altura do peito, e a perna deste mesmo lado só apresentava parte do fémur.

Identificámos, do mesmo modo, um compartimento nos quadrados 4, 7, 6, 8, 34 e 38 que, por ora, só apresenta três muros. Um deles é a continuação do muro (já referido e encontrado reaproveitado na C2) que se prolonga até ao Q 38 tendo, no entanto, sido destruído, num pequeno sector, por antigas violações. Do lado oposto (Qs 7 e 8) descobrimos outro muro (fig. II.19), actualmente com 5.20m de comprimento, constituído por blocos de arenito vermelho de tamanho irregular, dispostos assimetricamente, de aparelho semelhante ao do segundo muro, já citado, e à mesma cota. Em alguns pontos apresentava restos de reboco, de areia e cal, com cor bege clara. Este muro foi, igualmente, aproveitado, na camada 2, servindo de alicerce ao muro nascente do segundo compartimento da habitação (C2). O espaço entre os dois muros paralelos mede 2.84m (Qs 34 e 38) e detectámos, também, parte do pavimento, que cobria esta sala, formado por uma argamassa de areia, cal e pequenos fragmentos de cerâmica (destruído nos Qs 4, 6 a 8). A sul esta divisão (C3) era delimitada por uma parede cuja parte superior foi refeita nos séculos XII-XIII, integrando o lado norte da sala de entrada da casa anteriormente descrita, e que mostra mais de 0.50m de altura. Foi construída com aparelho semelhante às outras estruturas desta camada.



CASTELO DE SILVES - 1985

Fig. II.19. Corte G H e corte EF.

II.2.4. Camada 4 – Corresponde ao século X ou aos inícios do século XI (fig. II.20). Foi identificada nos quadrados 1, 3, 4, 5, 6 e 8 a 10. É formada por terras, muito compactas, de cor castanha escura (7.5YR4/4).

Nos quadrados 1, 4 e 5 foi posto a descoberto um muro, com 3.90m de comprimento e 0.60m de largura máxima, erguido com três fiadas de blocos, irregulares, de arenito vermelho. Esta estrutura foi encontrada sob os muros 1 (C2) e 2 (C2 e C3), estando este último, em parte, a ele adossado do lado poente. A ela pertence uma soleira de porta, com a marca de dois gonzos distanciados apenas 0.14m, situada 0.60m abaixo da soleira do muro 2 e mostrando, claramente, mais uma ocupação anterior do local (fig. II.21). Perpendicular a este muro existe um outro, entre os quadrados 1 e 3, actualmente com 1.30m de comprimento, formado por blocos de grés vermelho, de tamanhos irregulares, argamassados com terra. Entre o quadrado 3 e o 10 foi detectada uma outra estrutura, colocada perpendicularmente à anterior e à mesma cota, edificada num aparelho semelhante. Este muro estava, em parte, destruído durante o período muçulmano. Junto às referidas estruturas foram encontrados, em especial no quadrado 3, muitos fragmentos de estuque, com as superfícies bem alisadas, de cor vermelha, vinhosa, escura (10R3/6). Todo este nível, junto aos muros, apresentava um pavimento em massa de areia e cal.

No Q 8 reconheceu-se os restos de um pequeno muro, construído com blocos de arenito vermelho, e um pavimento (que está sob/ o da camada anterior, nos Qs 34 e 38); estruturas cujo significado não pudemos, por ora, determinar.

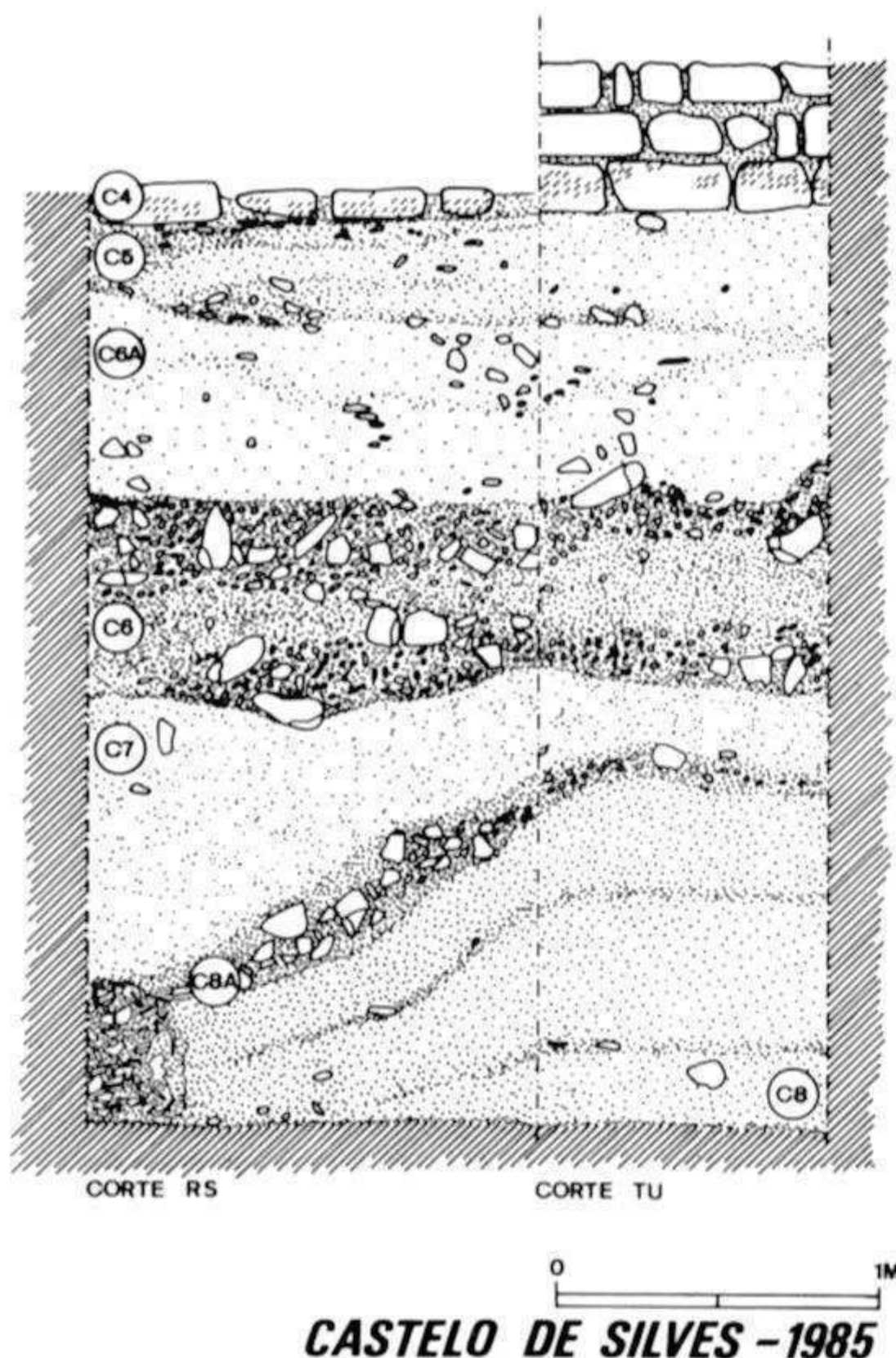


Fig. II.20. Corte RS e corte TU, mostrando a sequência de níveis entre a C4 e a C8.

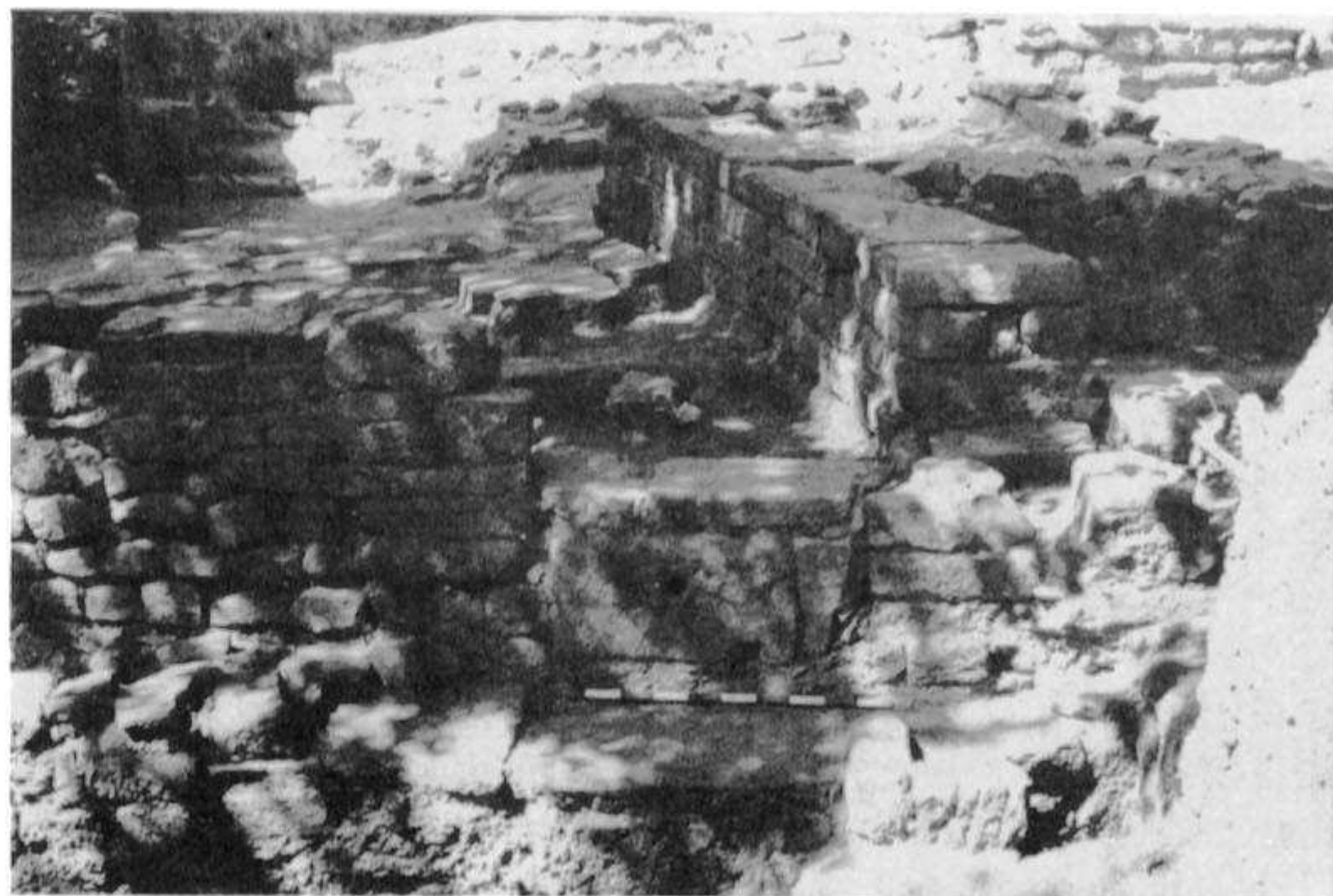


Fig. II.21. Muro e soleira de entrada da casa almoada, sobrepondo estruturas da C3 e da C4. Nesta última observa-se, igualmente, uma soleira de porta (RXII/86-16).

II.2.5. Camada 5 – Corresponde ao século IX ou aos inícios do século X. Foi identificada, sob o pavimento anterior (C4), numa pequena área, limitada por muros, nos quadrados 1, 3, 5, 9 e 10 (fig. II.22). É formada por terras compactas, de cor castanha (5YR5/4), com carvões e muitos fragmentos de telhas (cerca de 36Kgs).

Este nível integrava um muro, localizado nos quadrados 4 e 9, actualmente com 2.20m de comprimento (fig. II.23). Foi construído em blocos, de arenito vermelho, de tamanho irregular, ligados por uma massa compacta de areia e cal, estando a superfície, voltada a sul, rebocada. Em conexão com este muro está um pavimento, formado por lajes com vários tamanhos de arenito vermelho e calcário, coberto por uma massa de areia e cal entre os quadrados 5 e o 10; este pavimento tem um pequeno degrau com 0.15m de altura. O muro, acima referido, acha-se sob as estruturas pertencentes às camadas 2 e 3 e o pavimento mostra-se não só debaixo daqueles mas, também, sob os muros e o pavimento da camada anterior (fig. II.24).



Fig. II.22. Sobreposições de estruturas da C5 por outra da C4 (RVIII/86-10).

II.2.6. Camadas 6, 7 e 8 (fig. II.24) – Foram detectadas, apenas, na sondagem efectuada numa pequena área, livre de estruturas, nos quadrados 1 e 3. Apresentam a seguinte sequência estratigráfica:

Camada 6A – Corresponde a um nível com terras muito compactas, de cor castanha, com alguns, poucos, fragmentos de cerâmica, assim como pequenas pedras de arenito vermelho.

Camada 6B – É formada por terras compactas, de cor castanha avermelhada escura, contendo abundantes pedras miúdas de arenito vermelho. Não ofereceu qualquer espólio arqueológico.

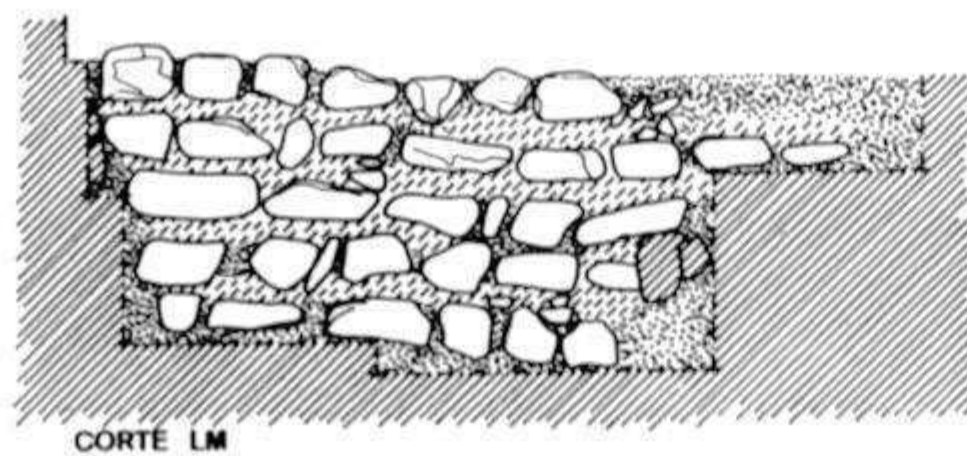
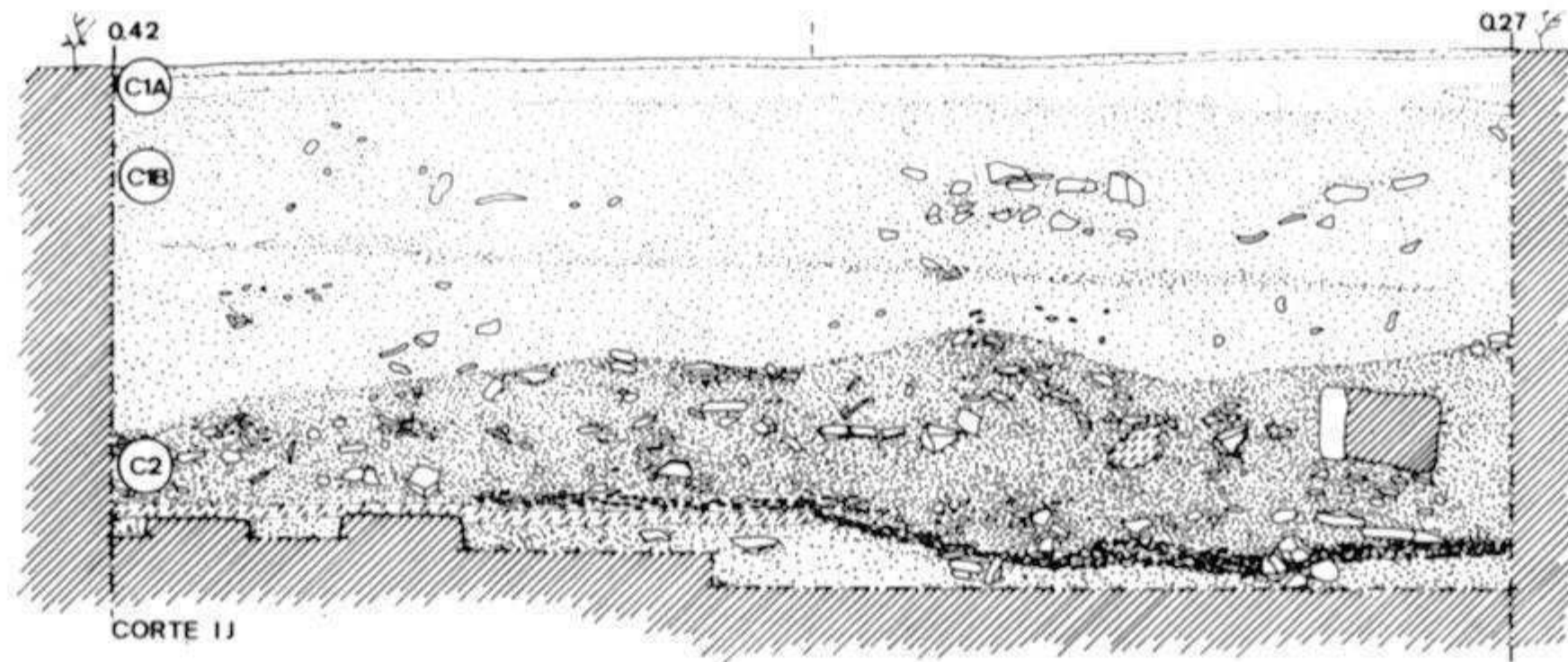


Fig. II.23. Corte IJ e corte LM.

0 1M
CASTELO DE SILVES-1985

Camada 7 – Este nível é constituído por terras, de cor castanha escura, estéreis em materiais arqueológicos.

Camada 8A – É um nível formado por terras de cor castanha, muito escuras e muito compactas, contendo, em especial, 38Kgs de telhas e alguns, poucos, fragmentos de cerâmica.

Camada 8B – É formada por um grande núcleo de cerâmicas, envolto em terras de cor castanha escura, com vestígios de carvões e de cal. Os carvões foram analisados, por 14C, e ofereceram uma data média que atribuiu esta camada ao século VIII (Cap. III 1.5). Este estrato atingiu 5.44m abaixo do ponto 0.

II.3. INTERPRETAÇÃO

II.3.1. As estruturas e os seus paralelos

Identificámos, com esta escavação, quatro níveis arqueológicos, muçulmanos, que incluem estruturas e pavimentos, sobrepostos ou reaproveitados, onde se destaca, pelo estado de conservação e por ter sido mais escavada, parte de uma habitação (C2) almoada. Podemos afirmar, pelo peso dos fragmentos de telhas recolhidos, que o grande compartimento de acesso à casa exumada, na C2, era coberto, tal como seriam grande parte das salas de algumas habitações anteriores.

É interessante notar que no espaço correspondente à rua, de acesso àquela casa, poucos foram os fragmentos de telhas exumados, tal como na área que julgamos ser um pátio central. Assim, nos Qs 27 e 29 as telhas totalizam 4 Kgs e no Q 11, que seria coberto, cerca de 38 Kgs. Parte da estrutura da casa almoada terá ruído durante um incêndio conforme atestava o grande número de matéria orgânica carbonizada e o estado dos restantes materiais encontrados no seu interior.



Fig. II.24. Sobreposição de estruturas da C2 à C5; vista de NE e de poente (RVI/84-35).



Fig. II.25. Cerâmicas incluídas no nível de incêndio que, no Q2, assentava sobre o pavimento da casa almoada (RII/84-9).



Fig. II.26. Vista, da casa almoada, de NO (RVIII/87-17).

Dada a exiguidade do espaço, onde efectuámos a sondagem, não nos foi possível saber se o último nível detectado (C8) corresponde ao interior de um compartimento, como indicam o peso das telhas que antecedem as cerâmicas, ou se aqueles materiais preencheriam um silo, escavado na terra, muito comuns no mundo muçulmano.

Como as áreas escavadas, nos níveis posteriores à C2, são limitadas só poderemos estabelecer alguns paralelos para as estruturas ali descobertas. Parece-nos, pelo tipo de arquitectura e de equipamento, estarmos perante parte de uma habitação construída, como já referimos, a cerca de 12m do pano de muralha. Em outras casas similares, no interior de alcáçovas, esta distância varia entre 3 e 30m, como acontece com o palácio nazari de Málaga (fig. II.27), sendo de 13m a separação entre o palácio muçulmano da Alhambra e a Torre de Mohamed (fig. II.28), que integra o pano da muralha.

A habitação (C2) da alcáçova de Silves (fig. II.29) é constituída por uma grande entrada, que permitia o acesso, por um lado, à zona privada e, possivelmente, a uma cozinha. A zona privada teria um pátio central para onde se abriam os quartos e a um dos cantos encontravam-se as instalações sanitárias.

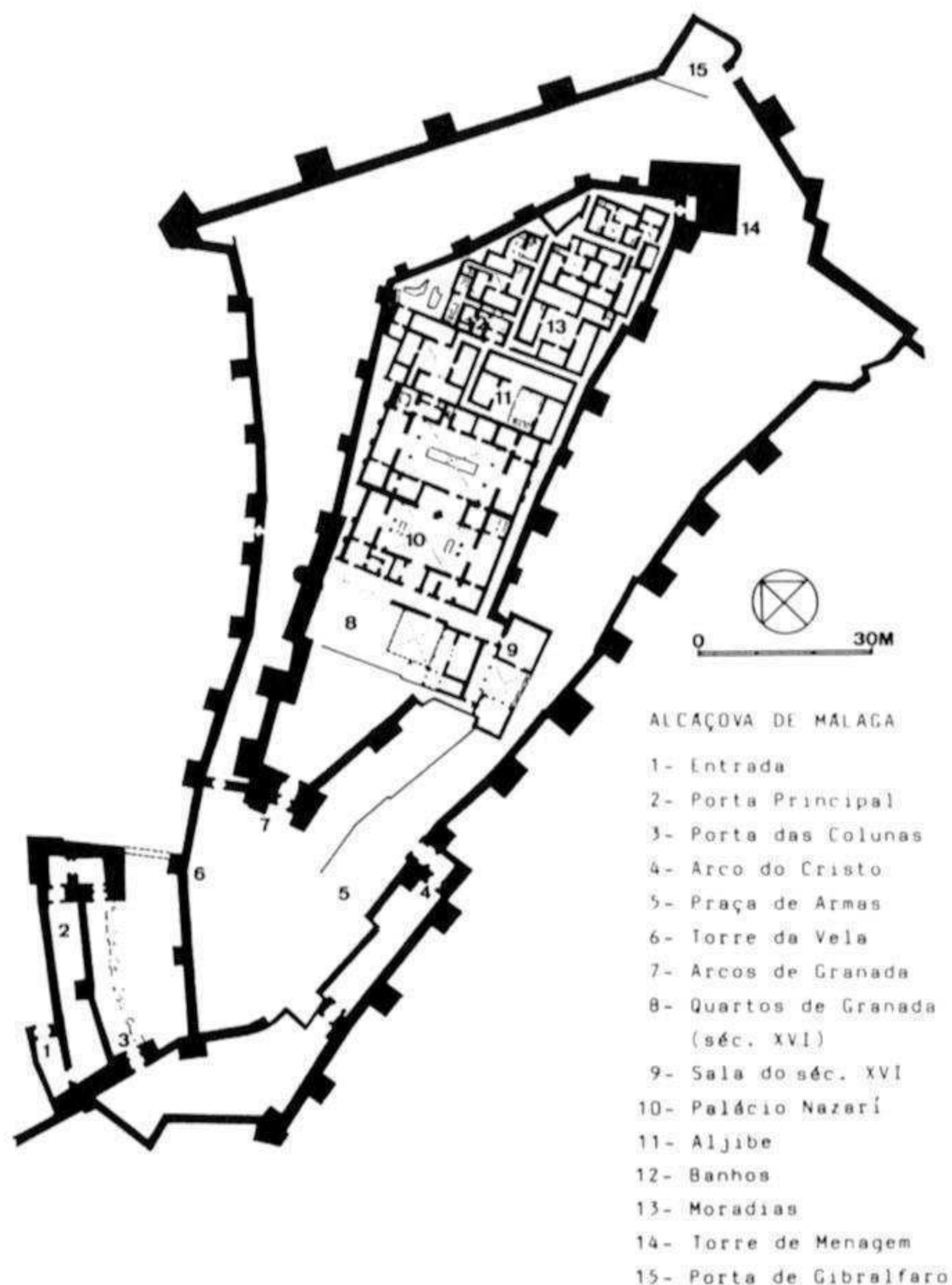


Fig. II.27. Alcáçova nazari de Málaga (seg. Torres Balbás, 1970, 245, fig. 301).

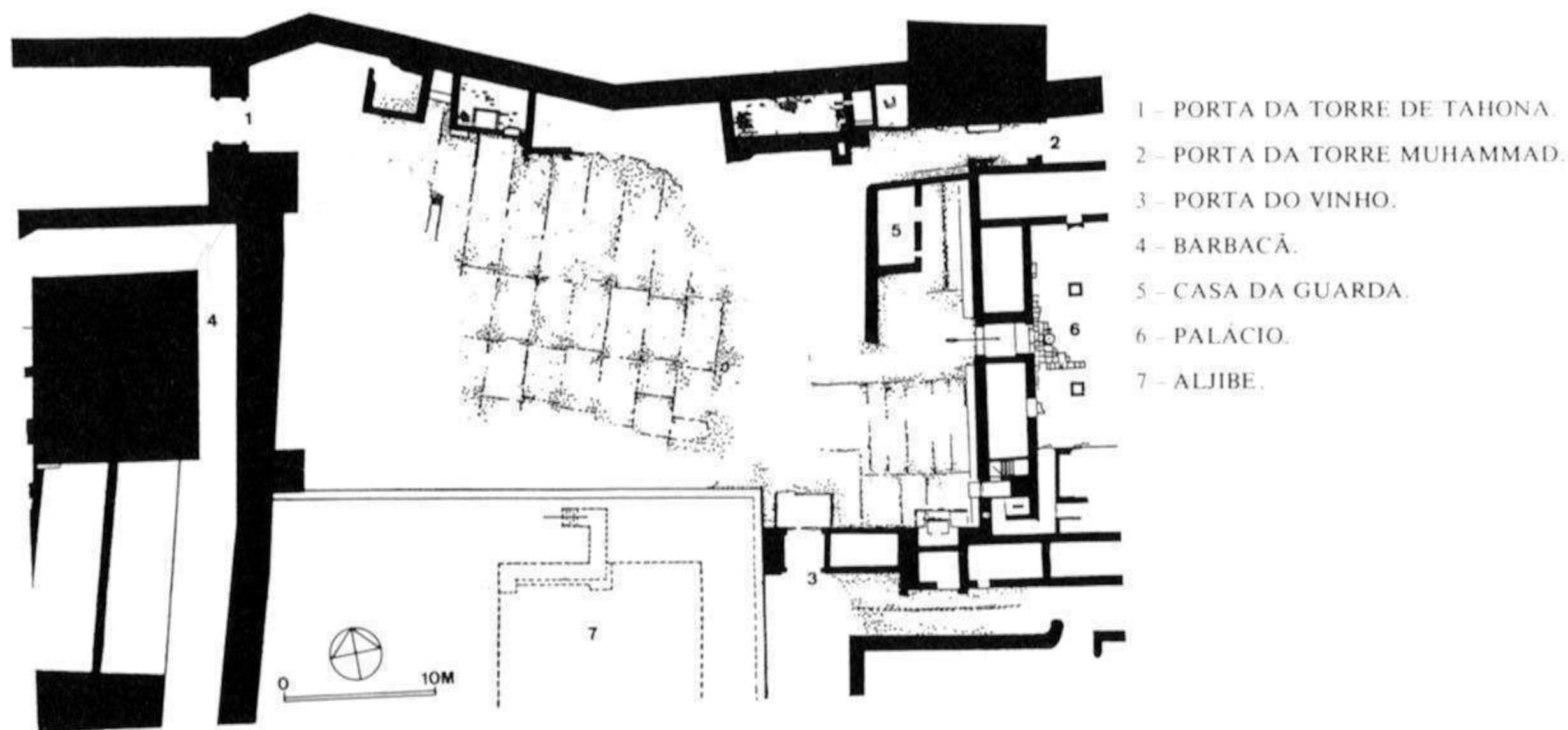


Fig. II.28. Praça do Palácio dos Arayanes, Alhambra (Granada) (seg. Parejo, 1955, fig. 1).

Segundo Torres Balbás ⁽²⁾ as casas de banho dispõem-se, normalmente junto aos dormitórios sendo o acesso feito através de um pátio interior. Esta disposição observa-se tanto nas várias habitações de Medinat-az-Zahra ⁽³⁾, como na alcáçova de Málaga ⁽⁴⁾, nas casas (fig. II.30) situadas ao pé da Torre del Capitán ⁽⁵⁾ e no próprio palácio muçulmano da Alhambra de Granada ⁽⁶⁾. Quase todas aquelas instalações oferecem a mesma planta em L, existindo um corredor que dá acesso à latrina. Uma mesma organização apresentam as casas de banho, almoadas, que foram escavadas, recentemente, em Cieza ⁽⁷⁾.

É, de novo, em Medinat-az-Zahra ⁽⁸⁾ que encontramos os melhores paralelos para o bidé exumado no Castelo de Silves (fig. II.31). Se na cidade califal podemos observar exemplares de mármore, outros há, também, em pedra e cal, mas todos eles se encontram junto às latrinas.

A identificação de um dos compartimentos como sendo uma cozinha, deve-se à estrutura sobrelevada que ocupa a sua parte central. O único paralelo mais directo que conhecemos encontra-se na casa da Alhambra de Granada, já assinalada.

Em Alcácer-Ceguer (fig. II.32), a casa 308 mostra uma disposição semelhante à nossa, com uma cozinha onde existe uma rara estrutura de combustão ⁽⁹⁾.

(²) Torres Balbás, L., 1959, *Letrinas y Bacines*, p. 223.

(³) López-Cuervo, S., 1985, *Medina-Az-Zahra, Ingeniería y Formas*, pp. 69, 70, 72.

(⁴) Torres Balbás, L., 1970, *Ciudades Hispano-Musulmanas*, p. 245.

(⁵) Torres Balbás, L., 1934, *Plantas de Casas Árabes en la Alhambra*, mapa.

(⁶) Parejo, J.B., 1955, *Excavaciones en la Plaza de los Aljibes de la Alhambra*, figs. 1, 2.

(⁷) Palazon, J.N., 1985, *El despoblado Islamico de Siyasa (Cieza)*, fig. 12; Torres Balbás, L., 1959, *Letrinas y Bacines*, p. 224.

(⁸) López-Cuervo, S., 1985, *Medina-Az-Zahra, Ingeniería y Formas*, p. 74.

(⁹) Redman, C.L., 1986, *Qsar es-Seghir, an Archaeological View of Medieval Life*, p. 86, fig. 3.31.

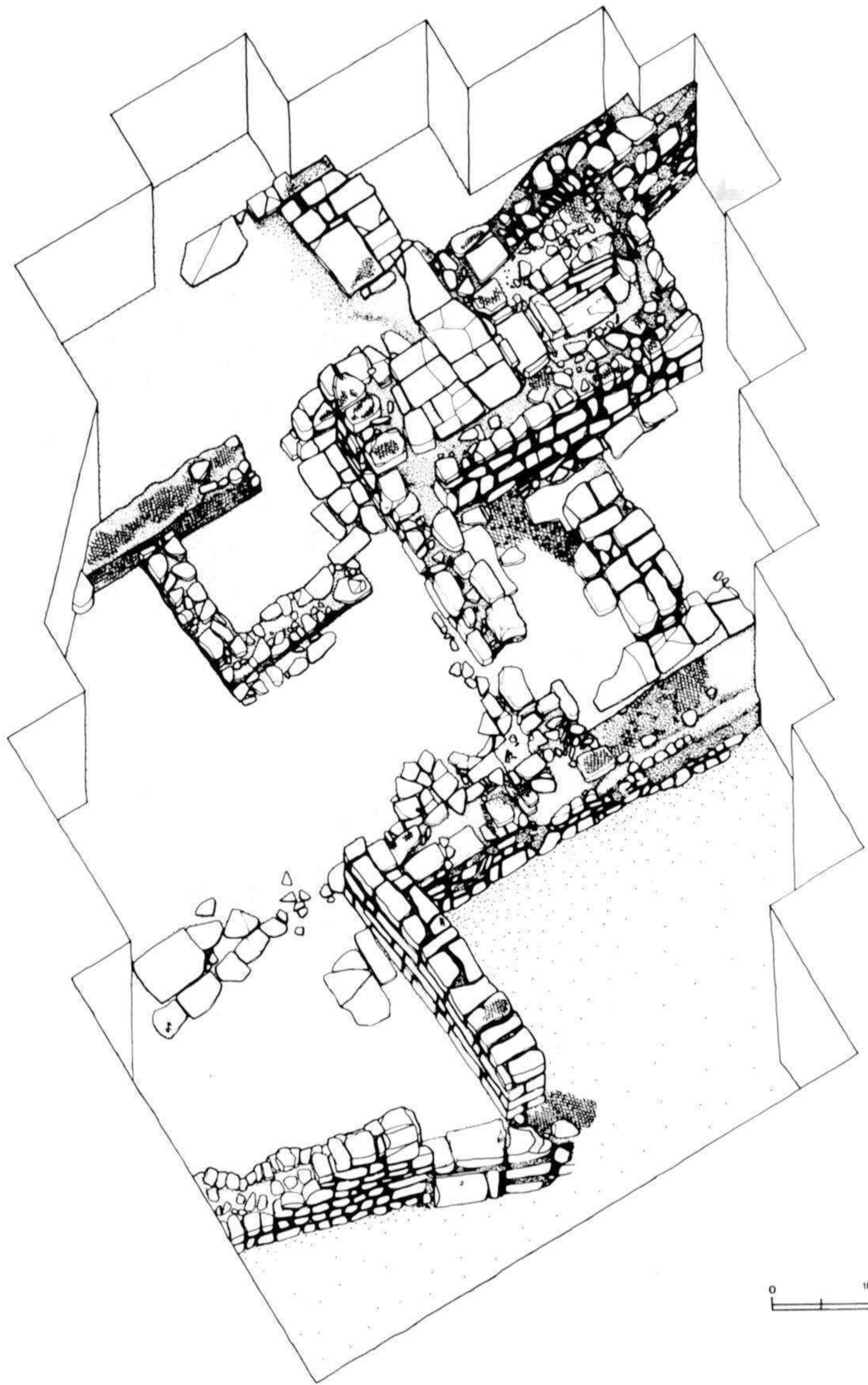


Fig. II.29. Axonometria da casa almoada na alcáçova de Silves (lev. de R. Cunha).

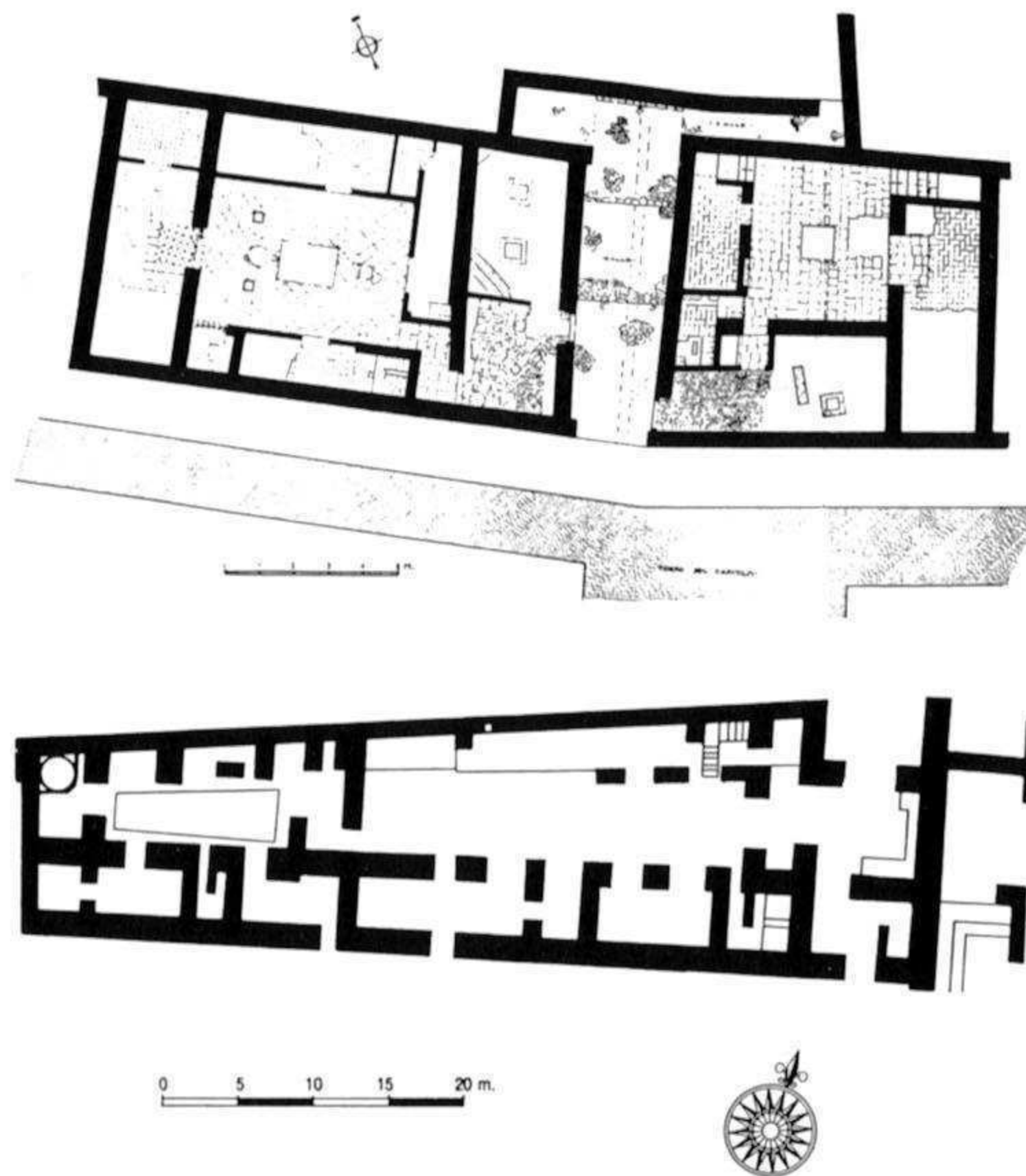


Fig. II.30. Casas junto à Torre del Capitán do Alhambra (Granada) e casa do Mocádem em Medinat-az-Zahra (seg. Torres Balbás, 1934, mapa, e López-Cuervo, 1985, 74, fig. 35).

Como na sondagem efectuada, junto a um dos panos de muralha, ainda não atingimos o início da sua construção, estamos impossibilitados de tecer conjecturas em termos da existência de outras estruturas defensivas anteriores a esta. De qualquer modo, pela sequência estratigráfica detectada e se o famoso Xarajibe existiu no interior da alcáçova⁽¹⁰⁾, devemos estar na presença de vários palácios, sobrepostos, construídos neste local.

Perante os dados actualmente obtidos não nos permitimos afirmar que a zona de habitação, do último nível detectado (C2), pertence, de facto, a um dos sectores do palácio. Embora esteja incluída na área palatina poderá, simplesmente, ser uma casa da guarda que o antecederse, como acontece no já referido palácio muçulmano da Alhambra de Granada. Por outro lado, observa-se que na alcáçova de Málaga, as habitações da guarda, foram construídas nas traseiras do palácio e perto dos banhos⁽¹¹⁾.

Só a continuação dos trabalhos nos permitirá tirar outras conclusões, dado que as estruturas descobertas não condizem, por ora, com a grandiosidade descrita, por diferentes autores, do Palácio de Silves.

(¹⁰) Domingues, J. G., 1947, O Xarajibe de Silves, na Poesia, na Arte e na História, pp. 43-45. Segundo este autor o Xarajibe de Silves foi citado na conhecida poesia de Al-Mutamide, por um filho daquele, Ibn Alabar (séc. XII) e (já no séc. XIV) por Abulfeda.

(¹¹) Torres Balbás, L., 1970, Ciudades Hispano-Musulmanas, fig. 301.

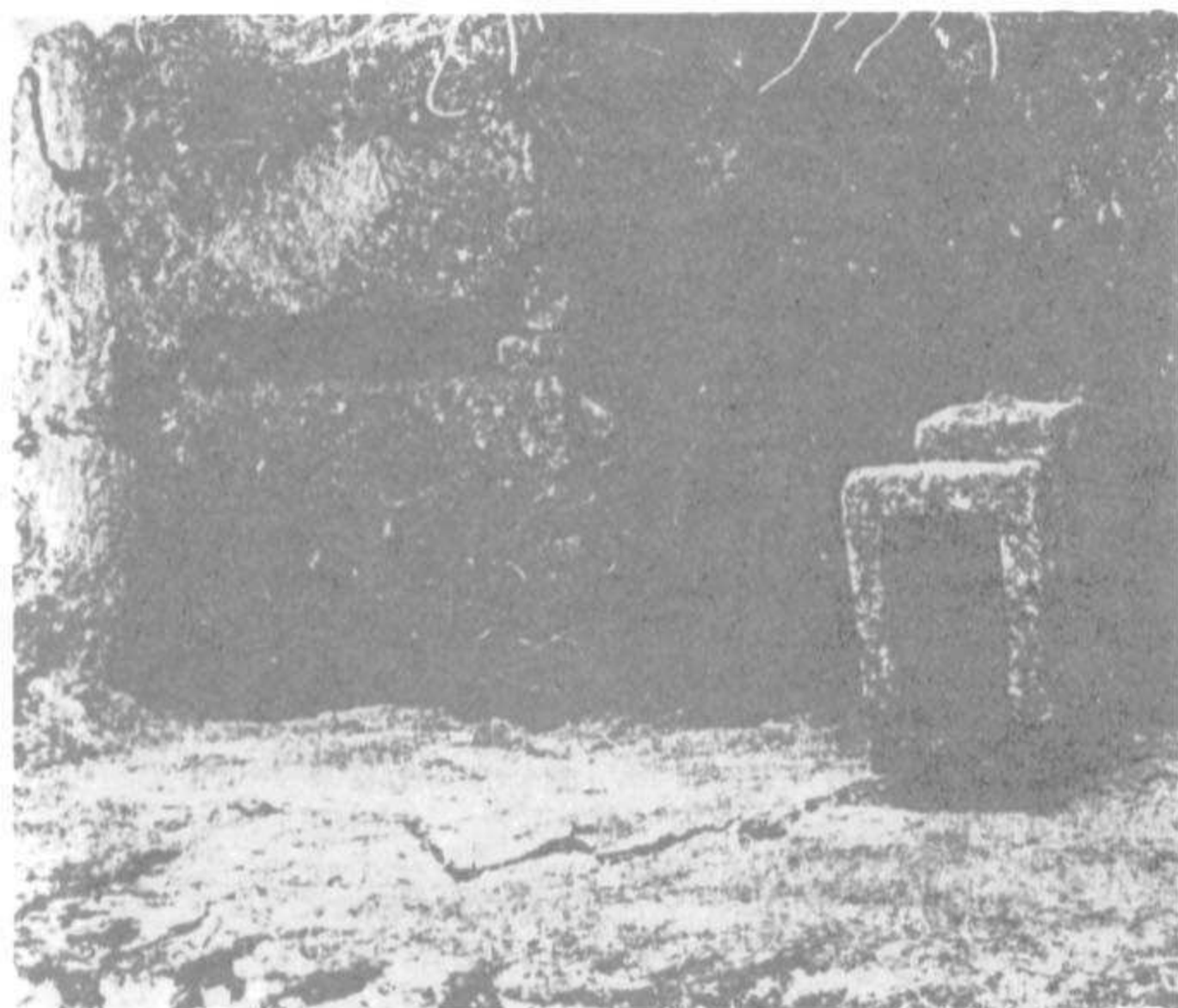


Fig. II.31. Instalações sanitárias, de uma casa de Medinat-az-Zahra, com latrina e bidé (seg. López-Cuervo, 1985, 74, fig. 35).

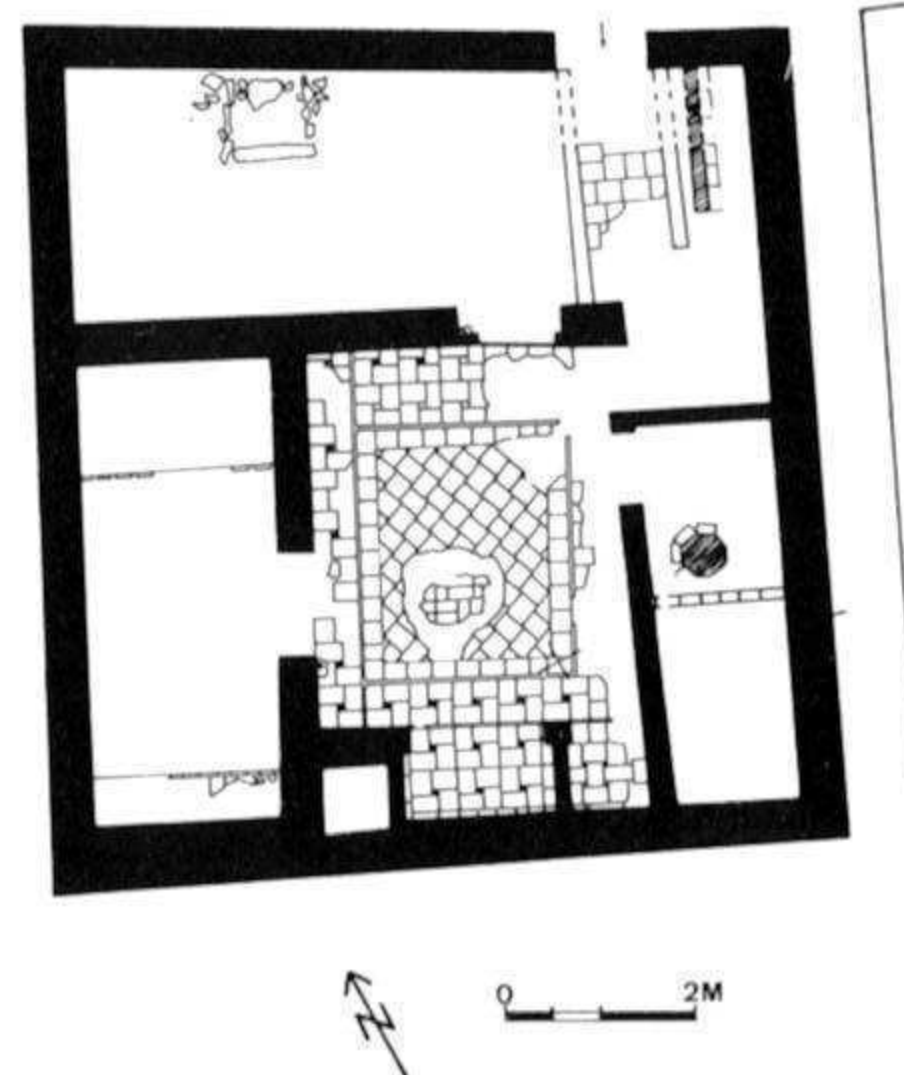


Fig. II.32. Casa 308 de Alcacer Ceguer. Repare-se na disposição dos sanitários e da cozinha. Esta, com rara estrutura de combustão no solo (seg. Redman, 1986, 86, fig. 3.31).

II.3.2. O contexto material

II.3.2.1. Nos diferentes níveis identificados, exumámos, também, um valioso e diversificado conjunto de materiais composto por: espólio osteológico humano, fauna, objectos metálicos, de vidro e de osso, assim como uma enorme quantidade e variedade de fragmentos de cerâmica que será tratada individualmente (Caps. III a V).

Tínhamos referido anteriormente, integrados nas respectivas camadas, os dois esqueletos humanos descobertos e que estão a ser estudados por um antropólogo.

O espólio osteológico é composto *grosso modo* por peças dos géneros *Ovis*, *Bos* e *Gallina* obtidos, em especial, nas camadas 2, 3, e 8.

Fauna malacológica das espécies *Ostrae* e *Cerastoderma* foi, de igual modo, recolhida naquelas camadas; materiais que serão, oportunamente, entregues para estudo.

Os objectos metálicos mais importantes foram identificados na camada 2, e são os seguintes: um anel de prata, com 0.020m de diâmetro, que se encontrava no interior de uma das canalizações (Q 22); uma mealha (Q 27) (fig. II.33), de D. Sancho I (1185-1212) lendo-se no anverso REX SANCIO, num círculo pontuado mostrando no centro quatro triângulos formando cruz, e tendo o reverso ilegível; um *dirham* (Q 22) de prata, cunhado em Córdoba com legenda em escrita nesqui. No anverso lê-se “Não (há) Deus senão Allah. Todo o poder (é) para Allah. Não (há) força senão em Allah”, e no reverso “Allah nosso Senhor. Maomé nosso enviado. Al-Mahdi nosso Imane (Pontífice)”. Uma chave, de ferro (fig. II.34), medindo 0.150m de comprimento (Q 4) encontrava-se junto à porta de entrada da habitação deste nível.

DIRHAM ALMOADA
(CÓRDOVA)

I DINASTIA

D. SANCHO I (1185 - 1212)

D. SANCHO II (1223-1248)

D. AFONSO III (1248 - 1279)

D. DINIS (1279 - 1325)

II DINASTIA

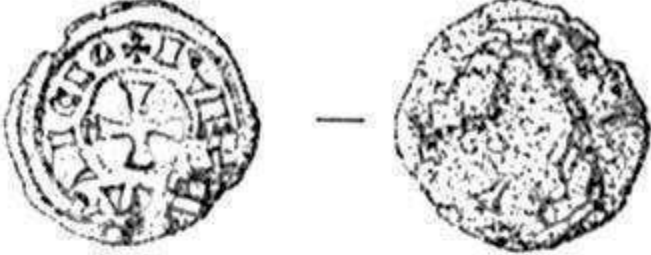
D. DUARTE (1433 - 1438)

D. AFONSO V (1438 - 1481)

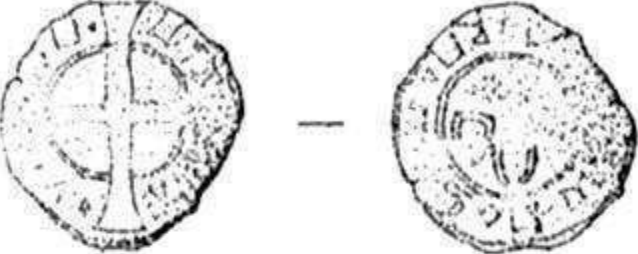
D. SEBASTIÃO (1568-1578)



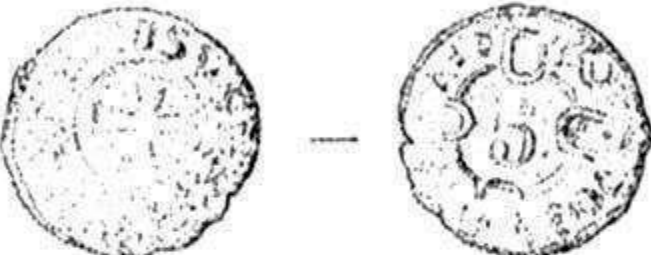
Q 22/C2



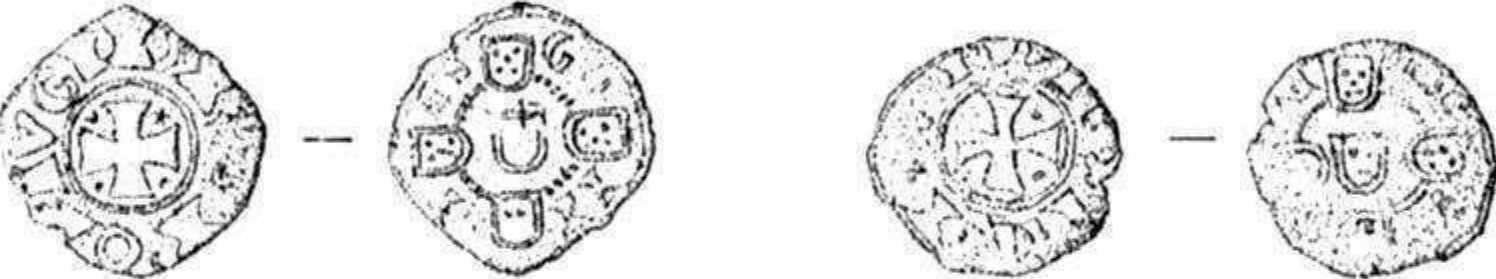
Q 27/C2



Q 1/C1

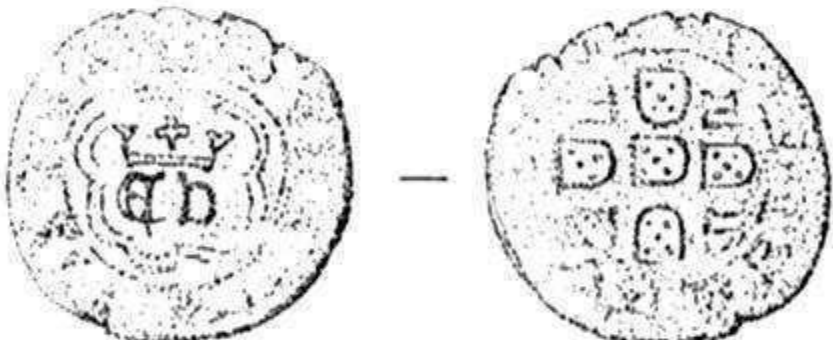


Q 34/C1

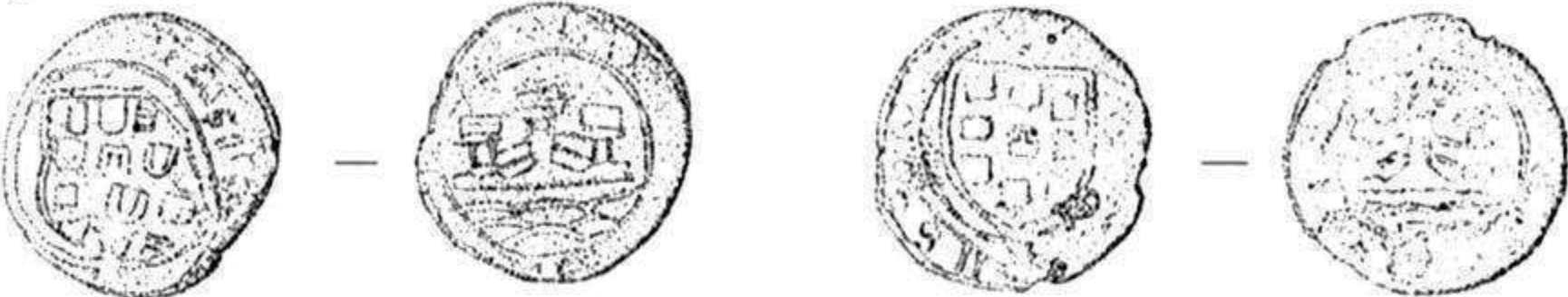


Q 29/C1

Q 34/C1

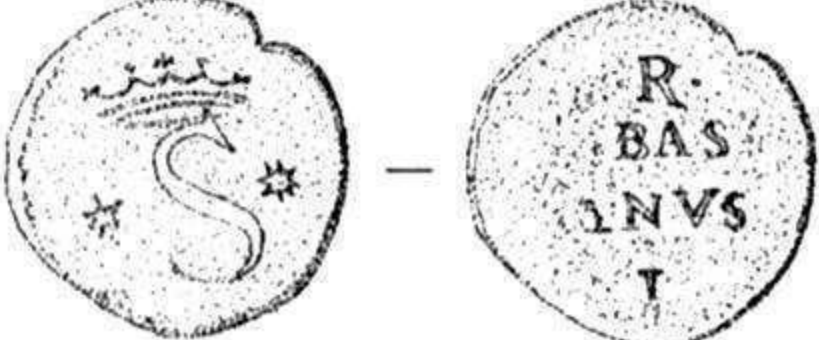


Q 23/C1

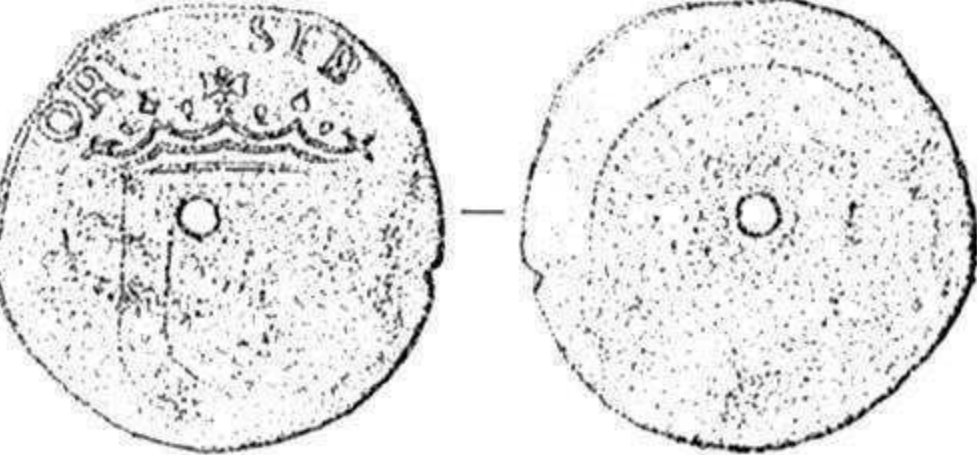


Q 29/C1

Q 34/C1



Q 30/C1



Q 35/C1

Fig. II.33. Numismas encontradas durante as escavações na alcáçova de Silves.

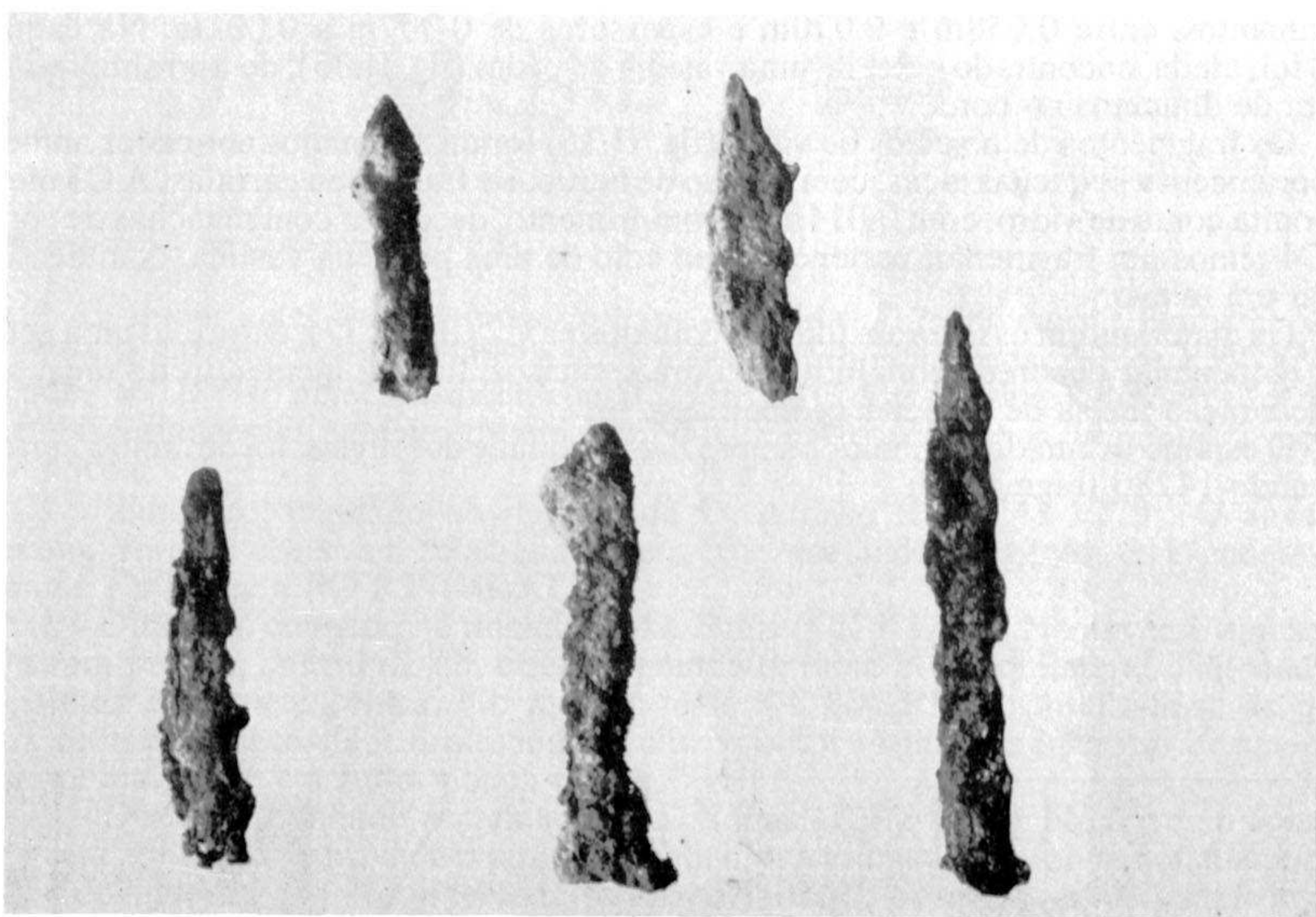
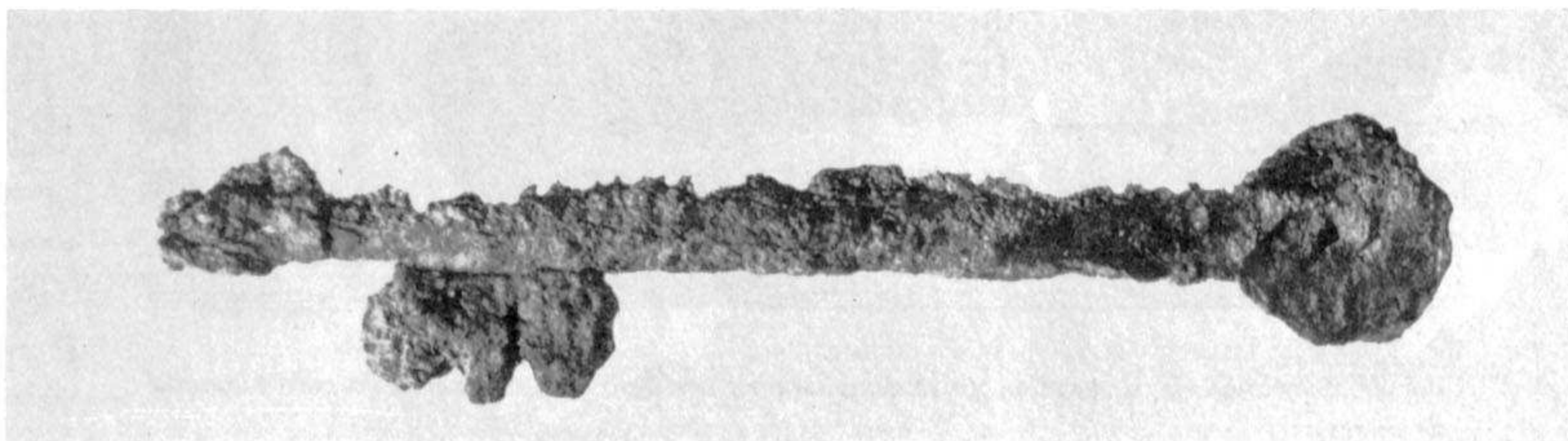


Fig. II.34. Chave, recolhida junto à porta de entrada da casa almoada de Silves, e viotes de besta em ferro (RVIII/87-36 e 35).

Exumámos outros objectos metálicos, de ferro, em todas as restantes camadas, excepto na 7, como viotes, pregos e pequenas placas rectangulares.

Os viotes, possivelmente de besta, são ao todo 18 e foram descobertos, em especial, na camada 2 (treze), na camada 3 (três) e (dois) na camada 4, variando os seus comprimentos entre 0.150m e 0.035m.

Temos 51 pregos recolhidos, particularmente, na C2 (trinta e três) e na C3 (onze), com alturas que oscilam entre 0.100m e 0.015m.

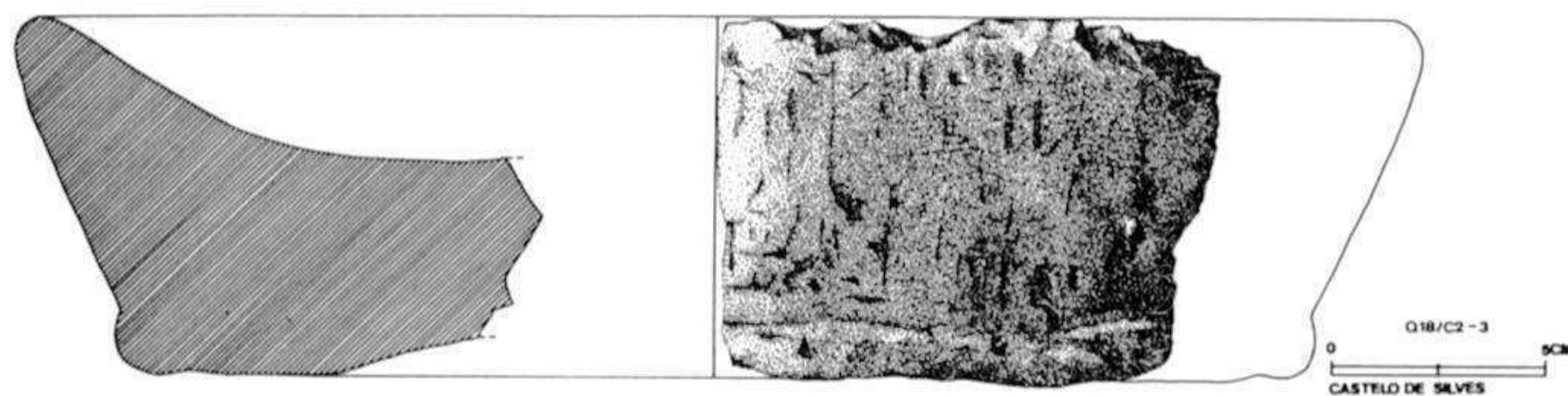


Fig. II.35. Almofariz, de arenito, proveniente de uma área próxima à cozinha da casa almoada de Silves

As pequenas placas são 10 (quatro na C2, duas na C3, uma na C4 e três na C8), têm comprimentos, entre 0.058m e 0.020m e espessuras de 0.007m a 0.001m. Na camada 2 (Q18) foi, ainda, encontrado parte de uma vasilha de pedra (fig. II.35), do tipo almofariz, com 0.324m de diâmetro no bordo.

Os fragmentos de objectos de vidro (fig. II.36) foram exumados em maior número na C2 e pertencem a pequenas taças, com porção de bordo, e a frascos ou garrafas. A C3 ofereceu uma bonita conta de vidro, com 0.014m de comprimento, decorada com manchas de cor azul, e da C4 temos um fragmento, pertencente ao colo de uma pequena vasilha, com decoração circular em relevo.

Os materiais em osso foram todos recolhidos na C2 (fig. II.37); entre eles uma pequena placa, rectangular decorada com motivos florais, incisos; fusos e elementos de roca, alguns com decoração incisa de carácter geométrico.

O espólio exumado em maior número, na totalidade dos níveis, foi de facto a cerâmica, totalizando 14286 fragmentos.

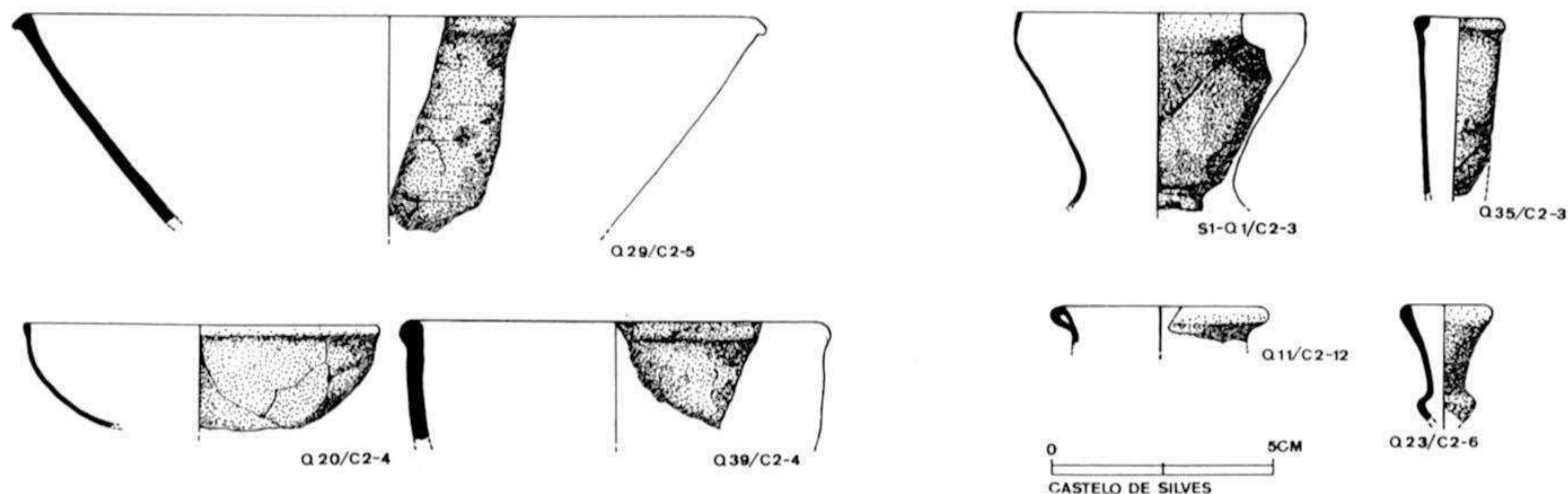


Fig. II.36. Fragmentos de objectos em vidro, exumados no nível almoada (C2) de Silves. Pertencem a taças e a frascos.

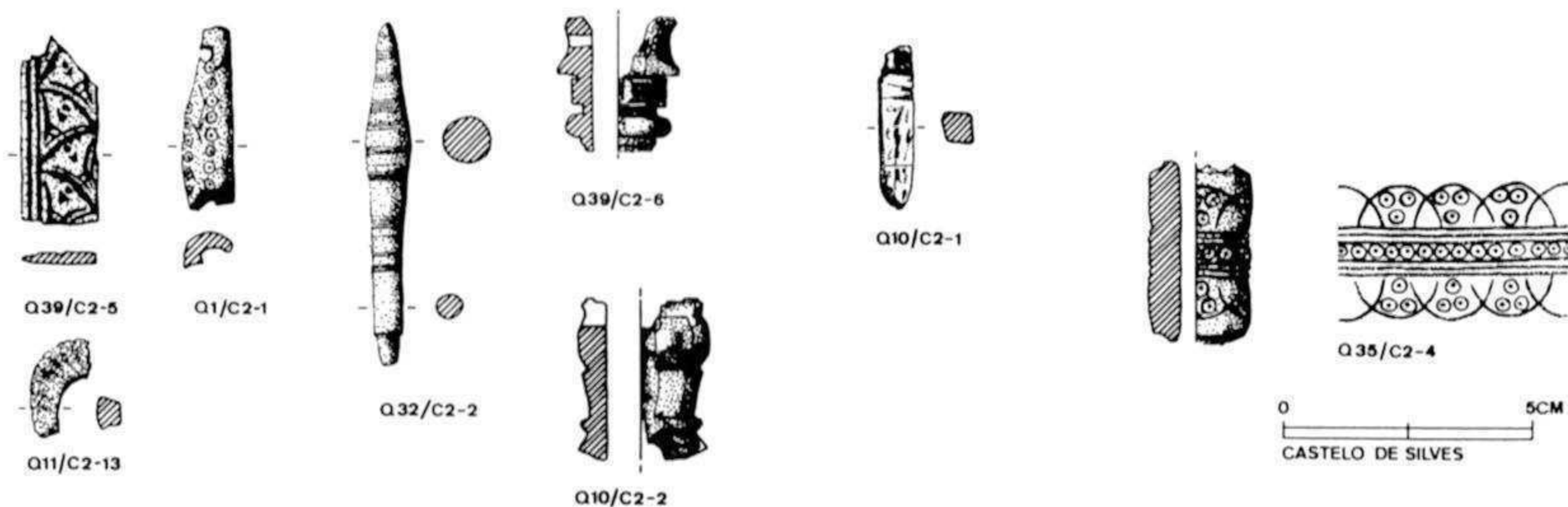


Fig. II.37. Fragmentos de objectos em osso, descobertos no nível almoada (C2) de Silves. Pertencem a torres de rocas, a uma agulha, e ao revestimento de uma caixa.

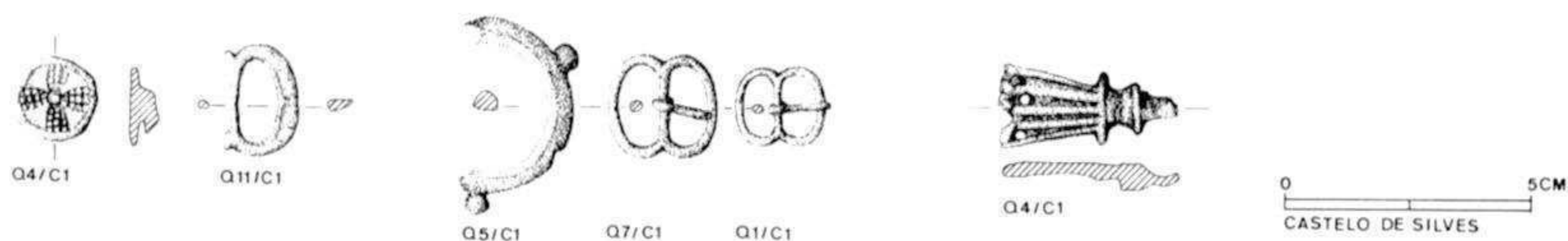


Fig. II.38. Artefactos de metal, dos séculos XIV e XV.

II.3.2.2. É importante assinalarmos que na camada I recolhemos, também, alguns fragmentos de cerâmica, pertencentes a taças e pratos, atribuíveis aos séculos XIV-XV, XVI e, mesmo, ao XVII; objectos metálicos (fig. II. 38), como fivelas, botões e pequenas aplicações pertencentes àquele grande período e, em especial, os seguintes espécimes numismáticos:

Q.34/C1 – Dinheiro, cunhado no reinado de D. Afonso III (1248-1279). O anverso é ilegível e no reverso observam-se as quinas, em cruz, cortando a legenda, os escudetes com três pontos e a legenda PO-RT-UG-AI.

Q.29/C1 – Dinheiro, cunhado no reinado de D. Dinis (1279-1325). No anverso apresenta a legenda sem pontos, dentro de um círculo, pontuado, uma cruz equilátera cantonada por duas estrelas e dois crescentes. No reverso lê-se AL-GA-RB-II, observam-se as quinas em cruz, cortando a legenda, e nos escudetes cinco pontos. A legenda inicia-se à esquerda da primeira quina. É um exemplar pouco vulgar.

Q.34/C1 – Dinheiro, cunhado no reinado de D. Dinis (1279-1325). No anverso apresenta legenda sem pontos e dentro de um círculo, pontuado, a cruz equilátera cantonada por duas estrelas e dois crescentes. No reverso lê-se AL-GA-RB-II, observam-se as quinas em cruz cortando a legenda, e nos escudetes cinco pontos. A legenda inicia-se à esquerda da primeira quina. É considerado um exemplar pouco vulgar, sendo semelhante ao recolhido no Q29/C1.

Q.23/C1 – Ceitel, cunhado no reinado de D. Duarte (1433-1438). No campo do anverso, entre círculos de pontos, vê-se a coroa tendo sob ela ED e, um pouco abaixo destas letras, L (Lisboa). Na orla do reverso a legenda é quase ilegível (possivelmente EDUARDUS REX PORTUG?) e, no campo apresenta as quinas cantonadas por quatro castelos. É considerado um exemplar bastante raro.

Q.29/C1 – Ceitel, cunhado no reinado de D. Afonso V (1438-1481). No anverso lê-se, AFO, sendo o resto da legenda ilegível. No reverso encontram-se três castelos.

Q.30/C1 – Real, em cobre, cunhado no reinado de D. Sebastião (1568-1578). No anverso vê-se a coroa tendo sob ela um S entre pequenas estrelas. No reverso lê-se R SEBAST/IANUS.

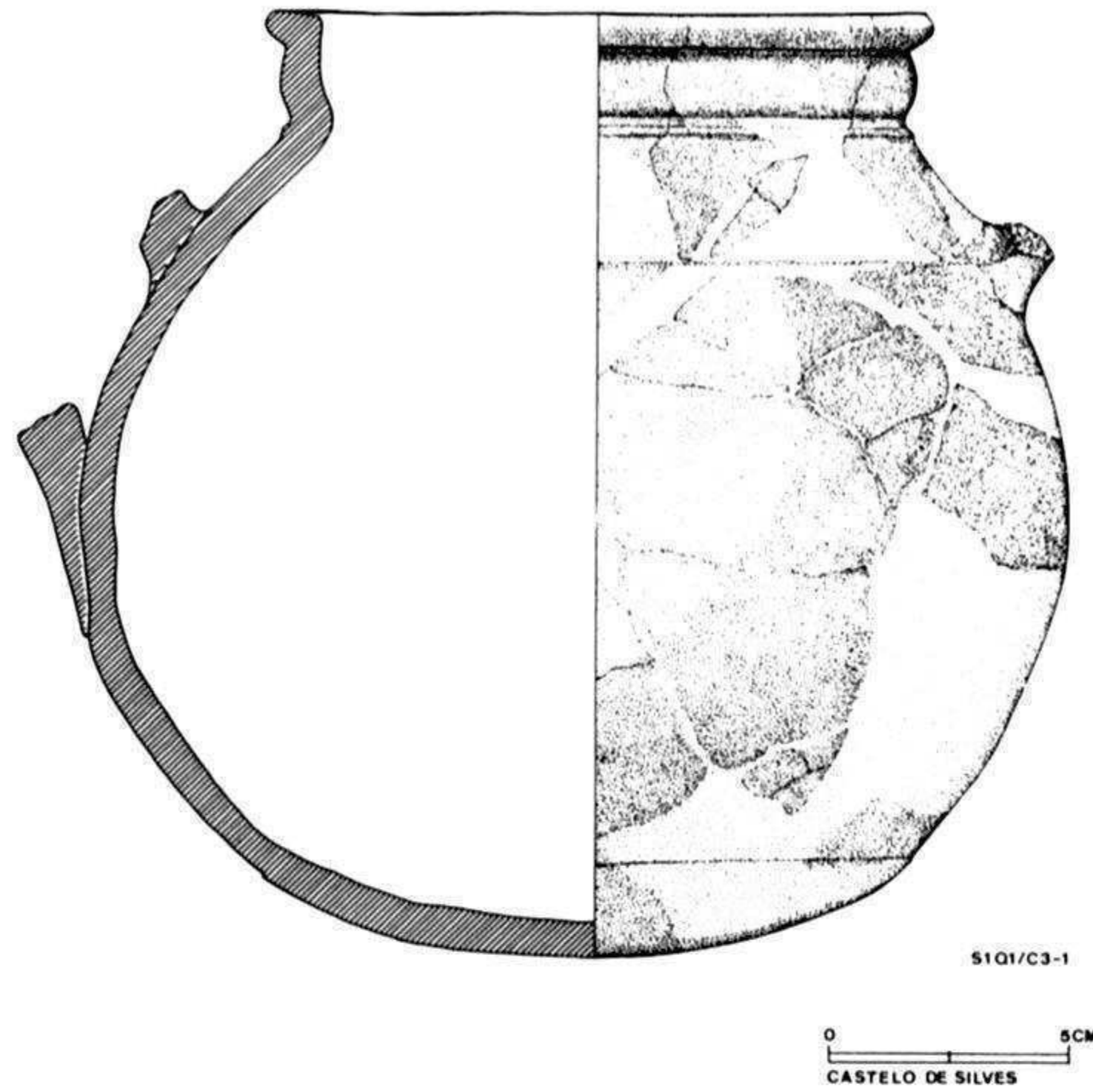


Fig. II.39. Panela da camada 1, do sector 1, da alcáçova de Silves (séculos XIV-XV).

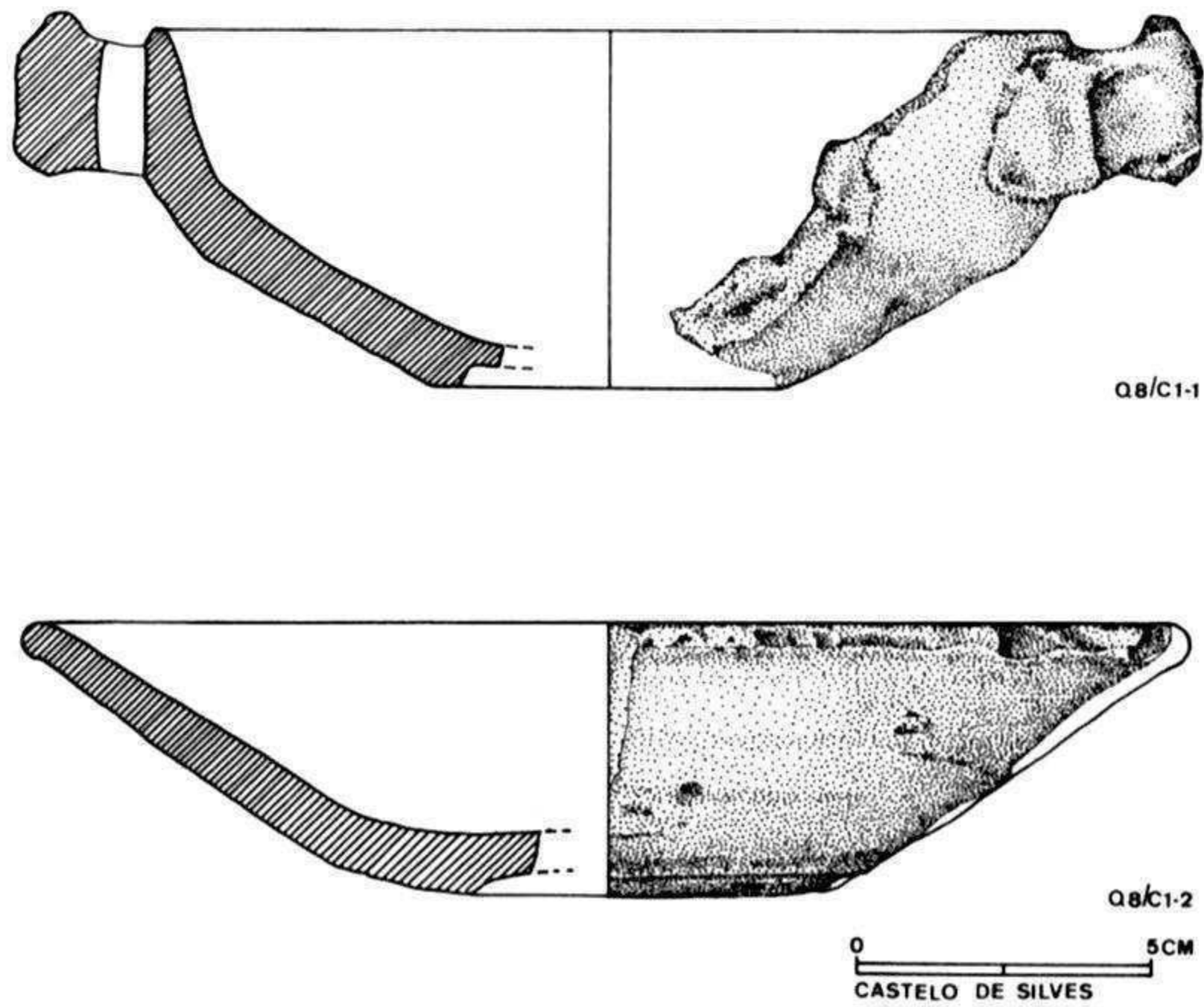


Fig. II.40. Escudela, com asas perfuradas, e prato covo da C1 da alcáçova de Silves (séculos XV-XVI).

Q1/C1 – Dinheiro, cunhado no reinado de D. Sancho II (1223-1248). No reverso vê-se um círculo pontuado, quatro escudetes em cruz e na legenda SANCIUS (?) REX. No anverso lê-se PO-RT-UG-AL e mostra a cruz cortando a legenda, sendo orlada na parte interna por um círculo pontuado.

Q34/C1 – Ceitel, cunhado no reinado de D. Afonso V (1438-1481). No anverso lê-se AFO, sendo o resto da legenda ilegível. No reverso apenas se reconhecem três castelos.

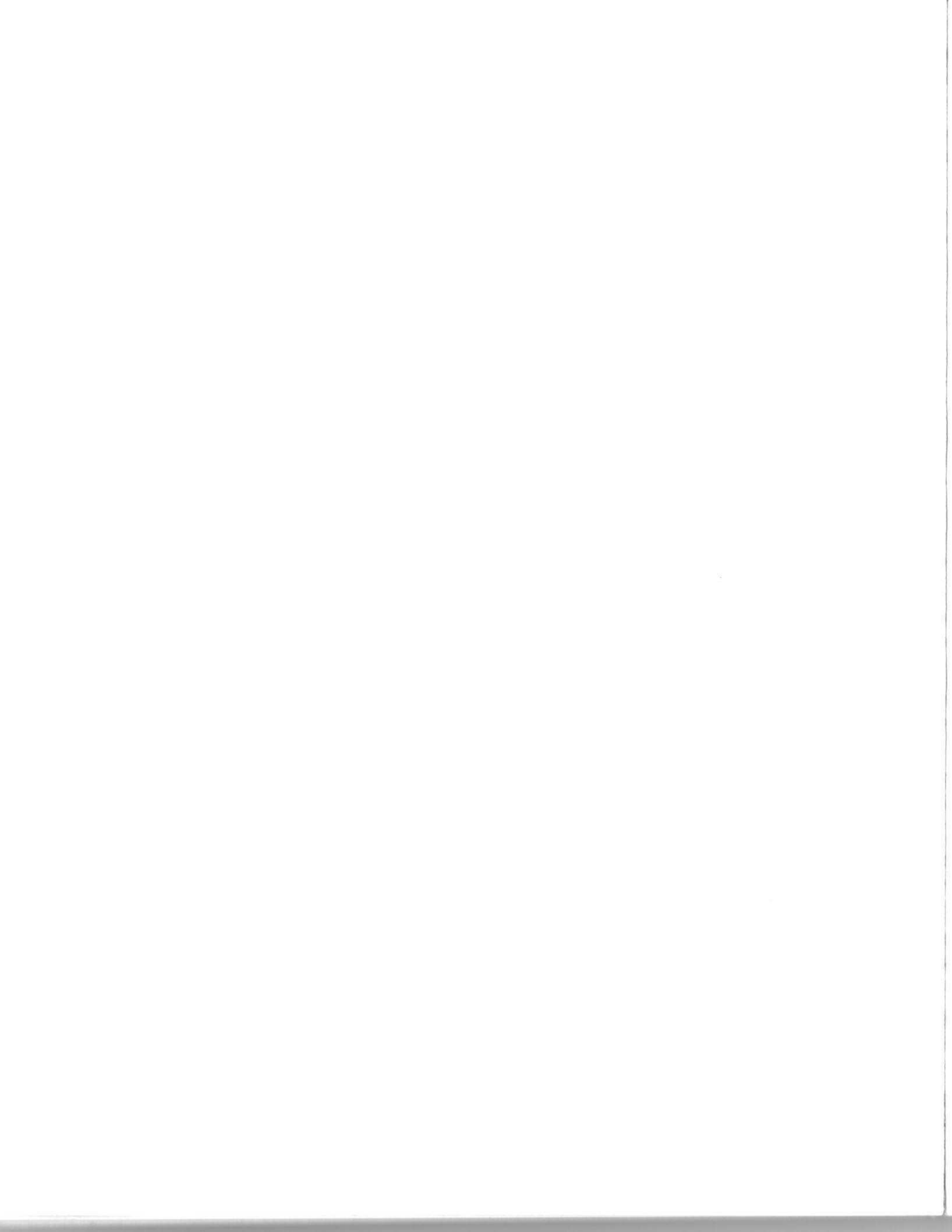
Q35/C1 – Cinco reais, cunhado no reinado de D. Sebastião (1568-1578). No anverso mostra a coroa e algumas letras da legenda (SEB). O reverso é ilegível. Encontra-se furada centralmente.

Entre as cerâmicas recolhidas nesta camada destaca-se uma panela que se encontrava esmagada sob o pavimento no quadrado do sector 1 (fig. II.39). Apresenta bordo plano, de lábio espessado exteriormente, colo de forma cilíndrica, corpo aproximadamente esférico, que mostra o arranque de duas asas opostas, e fundo convexo. Podemos, não só pela situação estratigráfica como pelos paralelos que suporta, datá-la nos séculos XIV-XV. A estes mesmos séculos e ao século XVI pertencem fragmentos, de pratos e de escudelas esmaltados a branco, alguns decorados a azul de cobalto; assim como fragmentos de outras escudelas e de taças com as superfícies vidradas de cor castanha clara (melada) (fig. II.40), uma delas possuindo duas pequenas asas, opostas, com perfuração vertical. Algumas destas peças apresentam, no fundo, um pequeno ônfalo ou, pelo contrário, oferecem pé, destacado, em anel.

Recolheram-se, atribuídas a esta mesma época, fragmentos de alguidares, de frigideiras, de panelas e de bilhas, fabricadas com pastas de cor vermelhas, não vidradas.

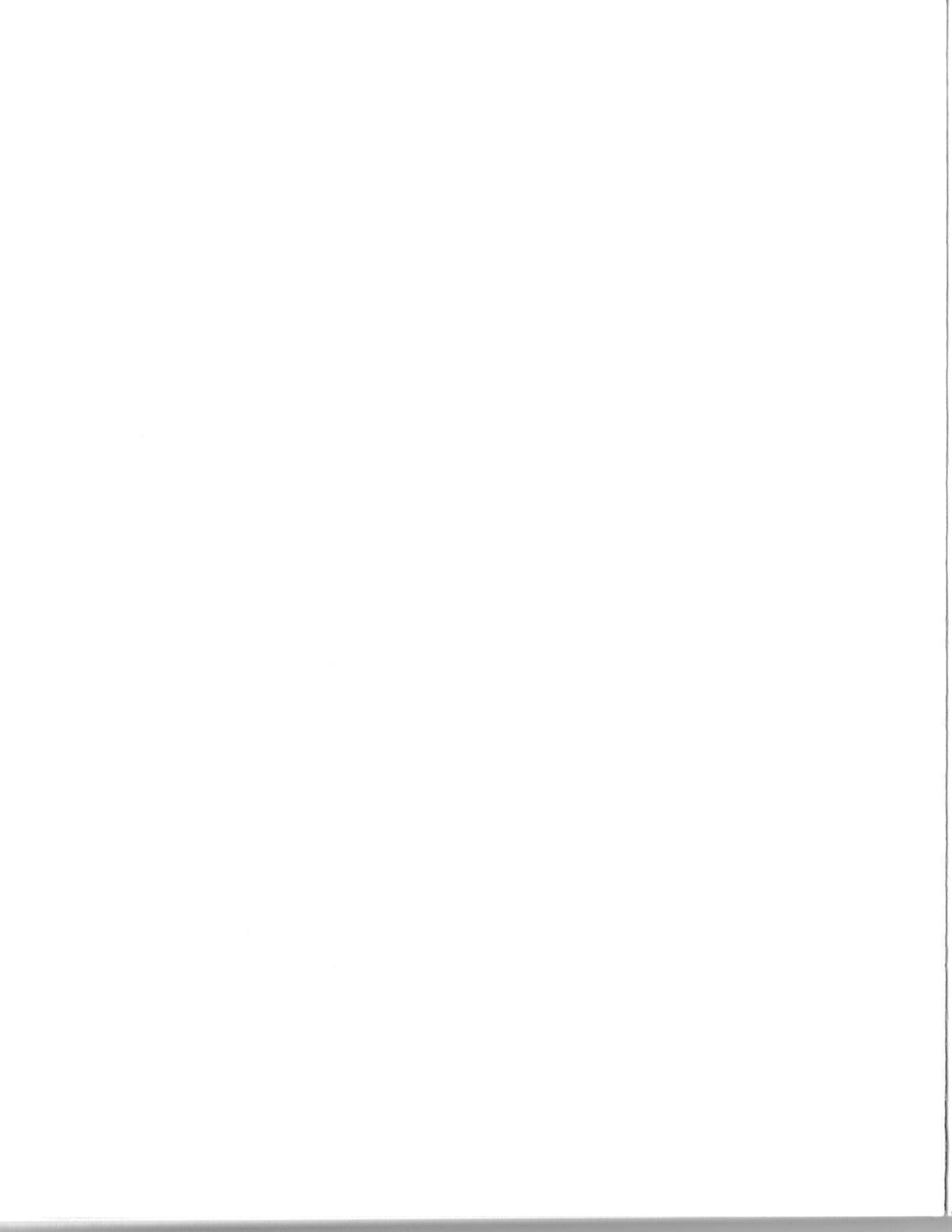
Pertencem ao século XVII fragmentos, de pratos e de taças, esmaltados de cor branca com característica decoração, a azul de cobalto e manganês, do tipo das rendas e contas. Estes materiais correspondem a uma ocupação, pouco intensa, da alcáçova, sendo mais o resultado de sucessivos despejos, dos entulhos urbanos, feitos através dos séculos. Sabe-se, no entanto, que o Castelo servia, há bem poucos anos, não só de prisão, como ali albergou um destacamento militar, quando das lutas liberais e do levantamento do Remexido ⁽¹²⁾.

(¹²) Júdice, P.P.M., 1911, *Atravez de Silves, I Parte – Sé – Castelo – Cruz de Portugal e Pelourinho*, p. 118.



CAPÍTULO III

«Les céramiques sont un moyen d'approche des structures culturelles de l'époque de leur fabrication et de leur utilisation: la présence d'un décor, les types de représentation (motifs géométriques, épigraphiques ou réalistes) et l'organisation spatiale des motifs trahissent les préoccupations esthétiques et les conceptions mentales des potiers et de leurs clientèles.»
(Bazzana, A., 1979, *Céramiques Medievales: Les methodes de la description analytique* appliquées aux productions de l'Espagne Orientale, p. 134).



AS CERÂMICAS

III.1. AS PRODUÇÕES MAIS RECUADAS – INÍCIOS DO EMIRATO (CAMADA 8)

III.1.1. As pastas

Iniciámos este estudo pelos 1360 fragmentos de cerâmica, pertencentes a um conjunto variado de formas, recolhidos na camada mais antiga da ocupação muçulmana, do Castelo de Silves, que denominámos de C8 (vide Catálogo, Capítulo V).

O tratamento estatístico daquele material conclui que:

- 1) 0,7 % das peças foram fabricadas com pastas de cores rosadas e beges (7.5YR8/4; 5YR7/3; 5YR7/4; 5YR8/4; 10YR8/4), muito bem depuradas, contendo elementos não plásticos pouco perceptíveis. Estes exemplares, raros, apresentam as superfícies esmaltadas.
- 2) 7 % das cerâmicas recolhidas têm pastas claras, de cores cinzentas, rosadas e beges (5YR6/1; 5YR7/4; 5YR8/4; 7.5YR7/4; 10R6/6), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam de grão médio a finíssimo. As superfícies destas peças são da mesma cor da pasta ou têm tom mais claro.
- 3) A maior percentagem de cerâmicas da C8, 92,3 %, é formada por peças fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas (2.5YR5/8; 2.5YR6/8; 5YR6/6; 10R4/8; 10R5/8), mal depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam de grão fino a grosso. Incluímos, neste grupo, as cerâmicas decoradas, numa das superfícies com linhas pintadas de cor branca, cerca de 22 %, assim como os fragmentos que oferecem as superfícies brunidas e que totalizam, apenas, cerca de 0,3 %. Os fragmentos não decorados, por pintura ou brunidos, somam 70 % ou seja, a grande maioria das peças desta camada.

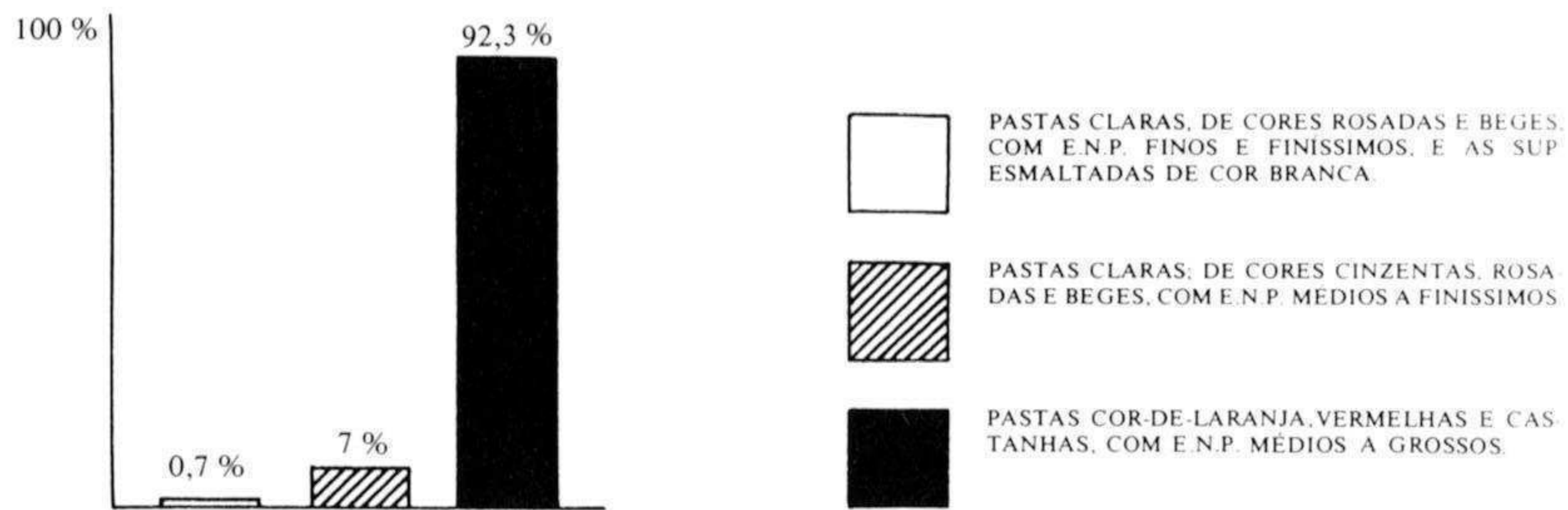
III.1.2. As formas e as decorações

III.1.2.1. Cerâmicas esmaltadas, policromas

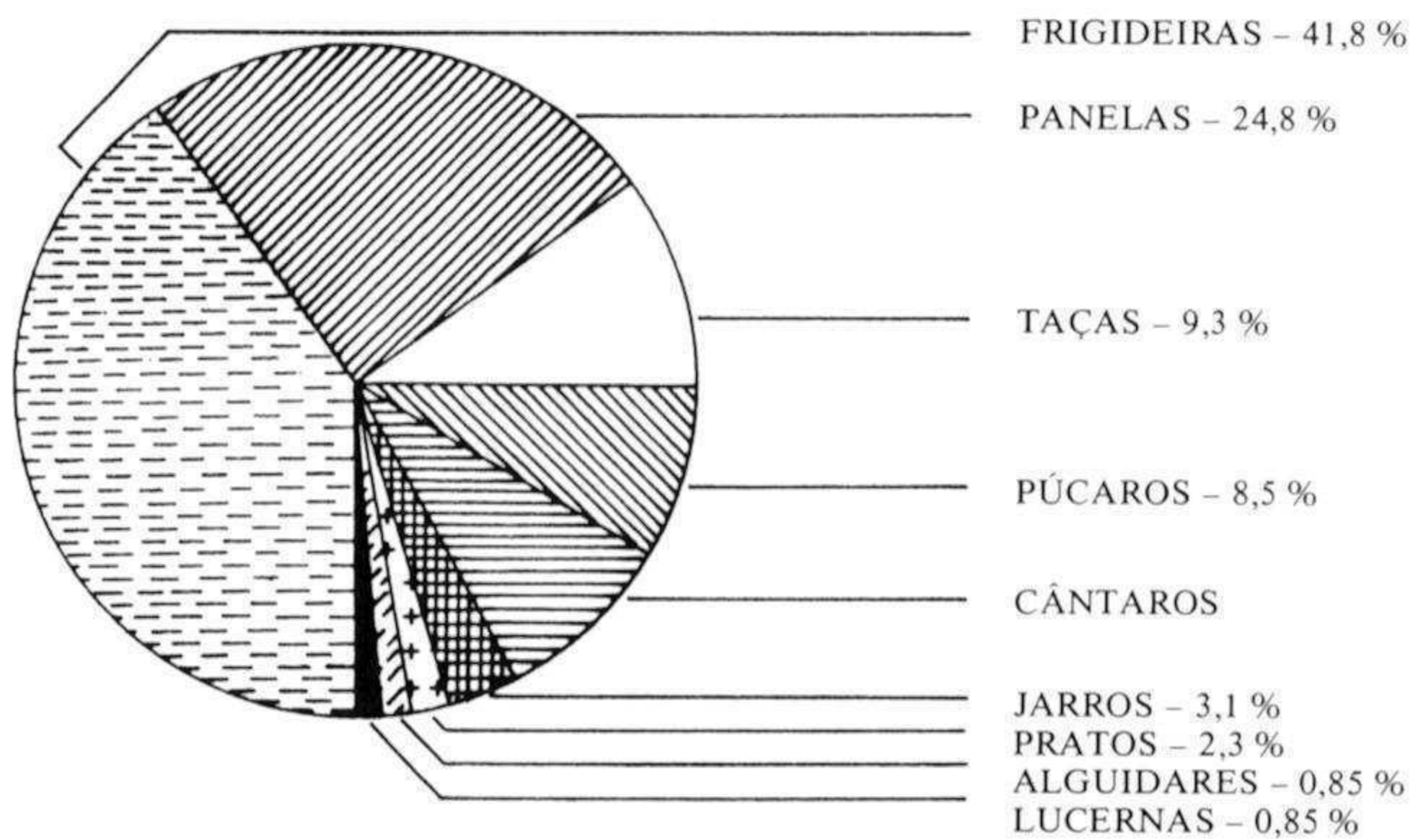
Os fragmentos de cerâmica, que oferecem as superfícies esmaltadas, pertencem todos a taças (Q3/C8-1; Q3/C8-14; Q3/C8-18; Q3/C8-19; Q3/C8-20; Q3/C8-21; Q3/C8-26; Q3/C8-27), com forma aberta, assentes num pé, em anel, baixo e plano. Diferenciam-se na forma dos bordos, revelando as seguintes variantes: com secção semicircular, espessados e demarcados exteriormente, ou espessados, extrovertidos e algo biselados.

C8 – AS PASTAS E AS FORMAS

TIPOS DE PASTAS



REPORTÓRIO FORMAL



Mostram decoração, na superfície interior, constituída por manchas de cor verde e negra ou, apenas, de cor negra (Q3/C8-27; Q3/C8-26), pingos de cor verde (Q3/C8-14), pingos e linhas, escorridas, de cor verde e negra ou, somente, desta última cor (Q3/C8-21; Q3/C8-18). Encontrámos motivos mais completos, como a representação de um cordão composto por duas linhas, contornadas a negro, sinusoidais e entrelaçadas, com o interior de cor verde (Q3/C8-19); uma palmeta ladeada por elementos fitomórficos, de cor verde turquesa, contornada a negro (Q3/C8-20); e, por último, reconhecemos num fragmento que, pelas suas dimensões, permite reconstruir quase toda a decoração (excepto a do interior do fundo) a representação de oito grandes bolbos de lótus, com os vértices voltados para o bordo da peça, rodeados por folhagens. Dois pares destes bolbos, opostos dois a dois perpendicularmente, com o corpo sub-dividido, em dois gomos, intercalavam com outros dois pares contendo o corpo segmentado por uma retícula. Ambos os tipos de bolbos mostram o corpo contornado por um traço duplo, de cor negra, tendo-se deixado em reserva o espaço entre estas linhas. Nos bolbos reticulados, as pequenas linhas são, também, de cor negra sendo sobrepostas por pingos de cor verde. O interior dos bolbos sub-divididos foi pintado com tinta, de cor verde no tom turquesa. O conjunto está rodeado por elementos fitomórficos que preenchem o restante espaço existente entre aqueles motivos.

III.1.2.2. Cerâmicas comuns

III.1.2.2.1. Peças fabricadas com pastas de cores cinzentas rosadas e beges

Dos fragmentos fabricados com pastas deste tipo apenas 1,8 % permitem atribuição formal, pertencendo a taças e a uma lucerna. Estas cerâmicas mostram as superfícies no mesmo tom da pasta ou sobre estas foi aplicada uma aguada de tom mais claro. As taças têm bordo vertical, de secção semicircular, ligeira carena (Q3/C8-15) e fundo plano. Um destes exemplares (Q3/C8-35) está decorado, no interior, com um círculo, pintado, cor-de-laranja.

A única lucerna, exumada nesta camada, oferece bico forte, curto, largo e triangular (Q3/C8-14), que estaria adossado a um corpo, circular, baixo.

Alguns fragmentos, de difícil identificação formal, apresentam a superfície exterior decorada por pinturas de cor negra. Estes motivos são constituídos por séries de linhas, paralelas, horizontais ou onduladas (Q3/C8-37; Q3/C8-36).

III.1.2.2.2. Peças fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas

Além de serem em maior número, correspondem, também, a uma grande variedade formal. Apenas 5,8 % dos fragmentos permitiram atribuição funcional, pertencendo a alguidares, frigideiras, panelas, pratos, taças, púcaros, jarros, cântaros e às tampas destes três últimos artefactos.

O único exemplar de alguidar (Q3/C8-16), exumado, mostra paredes altas e oblíquas com bordo extrovertido, 0.450 m de diâmetro e 0.108 m de altura. A superfície interior é bem brunida e a exterior está decorada por dois cordões em relevo. Um destes, é horizontal, paralelo ao bordo, e o outro foi disposto sinusoidalmente, estando ambos decorados com séries de impressões digitadas. Estes cordões, além de terem bonito efeito plástico, serviam para reforçar as paredes da vasilha.

O importante conjunto de frigideiras (Q3/C8-5; Q3/C8-6; Q3/C8-7; Q3/C8-8; Q3/C8-9; Q3/C8-10; Q3/C8-12; Q3/C8-13), 41,8 % das formas identificadas, oferece peças com configuração baixa e aberta, apresentam bordos com lábios de secção semicircular, podendo ser demarcados, ou algo biselados no interior, com diâmetros que variam entre 0.185 m e 0.240 m. Os fundos, ligeiramente convexos, mostram, por vezes, as superfícies interiores brunidas.

As panelas (Q3/C8-31; Q3/C8-32), que totalizam 24,8 % das peças da C8, têm formas globulares, com fundos ligeiramente convexos, e geralmente duas asas opostas com a extremidade superior fixada ao bordo. Este, pode ser espessado e biselado no interior (Q3/C8-31), ou espessado mas extrovertido. As alturas destes artefactos variam entre 0.151 m e 0.200 m.

Os raros pratos identificados constituem 2,3 % do reportório formal recolhido (Q3/C8-17; Q3/C8-23). Foram fabricados com pastas mal depuradas, montados a torno lento, oferecendo forma muito baixa e aberta, com bordo espessado interna e externamente, fundo plano, mal afeiçoado, e, por isso, muito irregular. Os seus diâmetros andam à volta de 0.175 m.

As taças têm forma aberta (Q3/C8-24), troncocilíndrica, (Q3/C8-25), com bordos altos, lábios de secção semicircular ou ligeiramente aplanados, variando os seus diâmetros entre 0.082 m e 0.120 m. Os fundos são um pouco convexos e não têm pé demarcado como as taças, esmaltadas, já anteriormente referidas. Um dos exemplares (Q3/C8-24) apresenta decoração pintada, de cor branca, na superfície interior, formada por um motivo estelar ou floral, constituída por oito elementos dispostos radialmente. Cada um destes elementos, fusiformes, está segmentado, longitudinalmente, por uma linha de pequenos pontos de cor branca. As taças esmaltadas, e as de fabrico local ou regional, representam 9,3 % das formas recolhidas nesta camada.

Os púcaros (Q3/C8-33; Q3/C8-34), com uma representação de 8,5 %, oferecem corpo troncocilíndrico, bordo alto, cilíndrico, com lábio de secção semicircular, fundo plano, ou muito levemente convexo, e duas asas opostas que ligam o colo ao bordo. O corpo destas peças é bem demarcado pelas carenas que o separam tanto do bordo como do fundo. Se a superfície interior tem a mesma cor da pasta, à superfície exterior foi dada uma aguada de cor escura (negra ou castanha escura) sobre a qual foi pintada, a branco, decoração. Esta, oferece dois motivos diferentes, um sobre o corpo e outro no bordo. Neste, é composta por uma faixa reticulada, delimitada por linhas horizontais, e no corpo da peça é constituída por segmentos de recta paralelos, entre si, formando um largo ziguezague.

Os jarros (Q3/C8-22; Q3/C8-28), que contabilizam somente 3,1 %, teriam corpo globular sobre o qual assentava um bordo alto, com lábio de secção semicircular, e uma asa que ligaria o bordo ao corpo da peça. As superfícies têm tom diferente da pasta, oferecendo a exterior decoração, pintada, de cor branca. Um dos exemplares apresenta, apenas, uma linha horizontal, junto ao arranque da asa (Q3/C8-22), enquanto o outro mostra, sobre o colo, decoração mais complexa, disposta radialmente entre duas linhas horizontais, formada por um ziguezague, ou teoria de triângulos, estruturado por linhas duplas unidas por séries de pequenos pontos.

Os cântaros (Q3/C8-29; Q3/C8-30), que somam 8,5 % das peças, oferecem forma ovóide alongada, bordos altos com lábios planos, e duas asas opostas, com secção côncava-convexa que unem o bojo ao bordo. Alguns, apresentam aguada de tom mais claro que o da pasta sobre a qual, na superfície exterior, foram pintadas linhas horizontais ou verticais, executadas com bateria de pincéis, de cor branca. As peças que mostram aguada, de tom mais escuro que o da pasta, não oferecem, por ora, decoração pintada. Medem à volta de 0.510m de altura, tendo os diâmetros, dos bordos recolhidos, cerca de 0.126m.

As tampas (Q3/C8-2; Q3/C8-3; Q3/C8-4), de forma aberta e paredes oblíquas, têm lábio com secção semicircular que pode ser demarcado ou algo biselado, no interior, ou só aplanado. Os fundos são planos ou, um pouco, convexos. Estas peças, baixas e com pequenos diâmetros, que variam entre 0.107 m e 0.132 m, poderiam ter tido uma dupla funcionalidade, além daquela que o nome indica, sendo, igualmente, utilizadas como copos.

III.1.3. Paralelos e cronologia

III.1.3.1. Cerâmicas esmaltadas

III.1.3.1.1. As formas

O conjunto de taças com as superfícies esmaltadas, de cor branca, bordos pouco espessos, de secção variada, inclinados para o exterior, pé, em anel, baixo e plano, encontram paralelos em Torete, Valencia, Balaguer e Soria, onde são datadas nos séculos IX-X. Esta atribuição cronológica assenta nas semelhanças com exemplares provenientes de Medinat-az-Zahra, Córdova ⁽¹⁾, onde foram recolhidas em grande número e datadas, um tanto paradoxalmente, de acordo com a sua fundação oficial. Aliás, este mesmo facto tem sido utilizado para classificar as primeiras cerâmicas muçulmanas peninsulares.

Segundo Zozaya ⁽²⁾, os bordos destas taças, de pastas muito bem depuradas com secções finas, podem ser imitações de porcelanas chinesas e, este mesmo autor, assinala referências escritas ao tráfico muçulmano com a China, desde o século VII, cuja rota comercial é, em parte, traçada por Frierman ⁽³⁾. No Oriente detectámos formas semelhantes, a estas, em espólios do Irão mas que oferecem decoração exterior, em relevo, e foram datadas dos séculos VIII ao IX ⁽⁴⁾. Também taças com este tipo de bordo, e de pé, eram, de facto, usuais na dinastia Tang, mais propriamente do reinado de Tchong-Tsong (684), sendo conhecidos exemplares recolhidos em sepulturas perto de Xi'an (província de Xiangue-su) ⁽⁵⁾, que poderão ter constituído os protótipos das produções islâmicas (fig. III.1).

III.1.3.1.2. As decorações

Os motivos pintados mais simples, como aqueles que mostram linhas escorridas, de cor negra (Q3/C8-26; Q3/C8-27), e, especialmente pingos, de cor verde (Q3/C8-14),

(¹) Bazzana, A., 1983, *La Ceramica Islamica en la Ciudad de Valencia*, fig. 31; Ewert, C., Duda, D. e Kircher, G., 1979, *Hallazgos Islamicos en Balaguer y la Aljaferia de Zaragoza*, p. 294; Velasco, M. R., 1984, *Cerâmicas Islamicas Procedentes de Torete (Guadalajara). Nuevos Datos Sobre los Grupos Ceramicos de la Marca Média*, fig. 8; Zozaya, J., 1975, *Ceramicas Islamicas del Museu de Soria*, p. 136.

(²) Zozaya, J., 1969, *El Comercio de Al-Andalus con el Oriente: Nuevos Datos*, p. 197.

(³) Frierman, J.D., 1975, *Medieval Ceramics, VI to XIII Centuries*, p. 14.

(⁴) Charleston, R., 1979, *Masterpieces of Western and Near Eastern Ceramics*, p. 297.

(⁵) Beurdeley, C. e Beurdeley, M., 1974, *La Ceramique Chinoise*, p. 102.

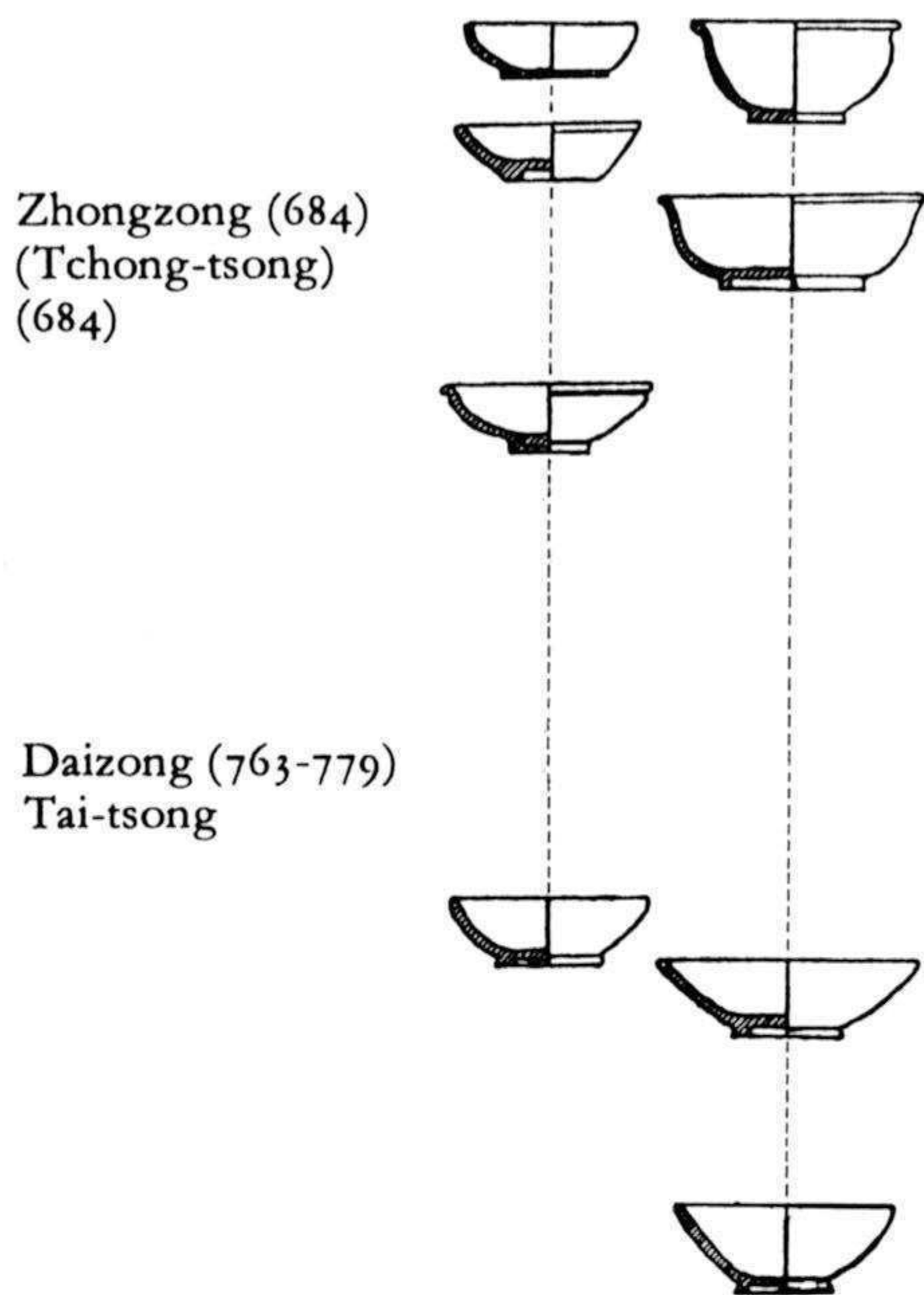


Fig. III.1. Taças chinesas da Dinastia Tang (seg. Beurdeley, C. e Beurdeley, M., 1974, 102).

encontram paralelos no Irão em cerâmicas esmaltadas a branco, com decoração em relevo, classificadas nos séculos VIII-IX ⁽⁶⁾.

As cerâmicas ornadas com pingos e linhas escorridas, aplicadas muitas vezes sobre engobe branco, foram produzidas, durante muito pouco tempo, na China, mais precisamente na época Tang, entre 680 e 750, tendo-se, só, continuado a fabricar no norte daquele território até ao século X ⁽⁷⁾.

As peças com decorações, pintadas, de carácter floral suportam paralelos em estuques policromos, igualmente de cor negra e verde, de Nishapur, datados dos séculos IX-X, e, também, nos estuques descobertos em Qasr al-Hayr, na Síria, cidade cujo desenvolvimento se iniciou no século VIII ⁽⁸⁾.

(⁶) Charleston, R., 1979, *Masterpieces of Western and Near Eastern Ceramics*, fig. 3.

(⁷) Beurdeley, C. e Beurdeley, M., 1974, *La Céramique Chinoise*, p. 86.

(⁸) Grabar, O., 1984, *La Formación del Arte Islámico*, pp. 206, 207.

As representações, no interior das taças por nós recolhidas no Castelo de Silves, de oito grandes bolbos de lótus, com os vértices voltados para o bordo da peça e rodeados por folhagens (Q3/C8-1), de um cordão ondulado, composto por duas linhas sinusoidais entrelaçadas (Q3/C8-19), e de uma palmeta, ladeada por decoração de carácter fitomórfico (Q3/C8-20), são temas com abundantes paralelos peninsulares em exemplares recolhidos em Medinat-az-Zahra. A primeira destas ornamentações, com bolbos de lótus, encontra, ainda, semelhanças em peças esmaltadas de Calatrava la Vieja (Ciudad Real), Soria e no Cerro da Vila (Vilamoura) ⁽⁹⁾.

O cordão entrelaçado, ou «cordão da eternidade», está representado, tanto junto ao bordo como no interior do fundo, em taças, exumadas em Elvira e Múrcia, e nas paredes de jarras provenientes de Toledo ⁽¹⁰⁾. Será, de igual modo, em Toledo e em Torete que existem peças com a representação de palmetas, ladeadas por outros motivos fitomórficos ⁽¹¹⁾, semelhantes às de Silves. Este tema pode detectar-se associado aos de carácter epigráfico, não só na, já referida, cidade califal dos arredores de Córdova ⁽¹²⁾ mas em Maiorca, onde estas peças têm vindo a ser datadas, na sua generalidade, como pertencentes aos séculos IX-X; classificação que recorre, como assinálamos, às referências cronológicas escritas de fundação e abandono de Medinat-az-Zahra e que, adiante, perante os dados oferecidos pela nossa escavação, em Silves, poderemos discutir em pormenor.

III.1.3.2. Cerâmicas comuns

III.1.3.2.1. Produções de pastas claras

Algumas taças de menores dimensões (Q3/C8-15), que poderiam ter funcionado como tampas, encontram paralelos em peças, recolhidas nos níveis do século IX da Crypta Balbi, de Roma ⁽¹³⁾. As taças (Q3/C8-35) decoradas, na superfície interior, com um círculo pintado, cor-de-laranja, são semelhantes a fragmentos, também, de outras descobertas em Maiorca. Estas, oferecem fabrico cuidado e vários círculos concêntricos pintados no fundo da superfície interior, tendo sido consideradas, por Rosselló-Bordoy ⁽¹⁴⁾, como de fabrico local e de difícil atribuição cronológica.

(⁹) Maldonado, B.P., 1972, *La Loza Doméstica de Madinat al-Zahra*, p. 207, figs. 11, 13; Matos, J.L., 1983, *Malgas Arabes do Cerro da Vila*, p. 384; Retuerce, M. e Zozaya, J., 1986, *Variantes Geográficas de la Ceramica Omeya Andalusi: los Temas Decorativos*, p. 105, fig. 23-5 e 6; Zozaya, J., 1975, *Ceramicas Islamicas del Museu de Soria*, p. 138.

(¹⁰) Bazzana, A., 1983, *La Ceramica Islamica en la Ciudad de Valencia*, p. 30, fig. 41; Gomez-Moreno, M., 1951, *El Arte Arabe Español Hasta los Almohades*, fig. 380; Palazon, J.N., 1986, *La Ceramica Islamica en Múrcia*, fig. 320; Villalba, J.A., 1983, *La Ceramica Hispanomusulmana de Toledo*, ests. XXV, XXVI.

(¹¹) Maldonado, B. P., 1972, *La Loza Doméstica de Madinat al-Zahra*, fig. 5; Velasco, M. R., 1984, *Ceramicas Islamicas Procedentes de Torete (Guadalajara)*. Nuevos Datos Sobre los Grupos Ceramicos de la Marca Média; Villalba, J. A., 1983, *op. cit.*, fig. XVI.

(¹²) Gomez-Moreno, M., 1951, *El Arte Arabe Español Hasta los Almohades*; Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematizacion de la Ceramica Arabe en Mallorca*, p. 101.

(¹³) Manacorda, D., Paroli, L., Molinari, A., Ricci, M., e Romei, D., 1986, *La Ceramica Medioevale di Roma nella Stratigrafia della Crypta Balbi*, p. 526, fig. VIII.

(¹⁴) Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematizacion de la Ceramica Arabe en Mallorca*, fig. 40.

A lucerna (Q3/C8-11) com corpo discóide, bico curto, largo e triangular, é semelhante a exemplares exumados no nível muçulmano da Asta Regia (Jerez). Zozaya e Bazzana (¹⁵) têm vindo a classificar esta forma de lucernas como sendo do tipo mais antigo, utilizado no mundo muçulmano (apesar de não lhe atribuírem cronologia precisa), e serão, portanto, anteriores às de bico longo.

III.1.3.2.2. Produções de pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas

O alguidar (Q3/C8-16), mostrando a superfície exterior com cordões em relevo decorados por impressões digitadas, encontra possíveis paralelos em exemplares recolhidos em Conímbriga (¹⁶) que, embora apresentem forma e decoração semelhantes, foram datados do século V. Por serem modelos recorrentes é provável que tenham perdurado, na sua essência, durante muito tempo embora a decoração com cordões digitados em relevo, da peça de Silves, possa ser o reflexo das produções tardo-romanas e visigótico-bizantinas, como fazem recordar as peças de Conímbriga.

As frigideiras (Q3/C8-5; Q3/C8-6; Q3/C8-7; Q3/C8-8; Q3/C8-9; Q3/C8-10; Q3/C8-12; Q3/C8-13) parecem ser, igualmente, o resultado da persistência, formal e funcional, de peças romanas, como as imitações tardias dos *pompejanisch-rotten-platten* de que se conhecem exemplares, em Conímbriga, na ilha do Pessegueiro e na Rocha Branca (Silves) (¹⁷). Num nível muçulmano, que sobrepõe outro com material tardo-romano, numa zona anexa ao poço-cisterna, na medina de Silves, recolhemos frigideiras muito semelhantes às, agora referidas, do Castelo.

Para uma das panelas (Q3/C8-32), desta camada, encontramos paralelos em Maiorca sendo, ali, consideradas por Rosselló-Bordoy (¹⁸) como a forma mais arcaica deste tipo de vasilha. Segundo aquele mesmo autor, uma das peças recolhidas, em Es Figueral de Son Real, foi datada por 14C, em 960 ± 85 , não especificando, no entanto, se integrava um nível com carvões ou se, ela própria, continha material passível de ser analisado. Estranhámos, também, que pertencendo aquele artefacto a um nível com cronologia absoluta, não calibrada, não sejamos informados de outras peças que o acompanhavam, das condições do achado, nem, tão pouco, da sua integração em termos de conjunto arqueológico.

Os dois fragmentos de pratos (Q3/C8-17; Q3/C8-23) podem ser reproduções, em cerâmica, de páteras ou bandejas, metálicas, que se difundiram na Península a partir do século III sendo, ainda, utilizadas na segunda metade do século VII (¹⁹). Uma destas bandejas em bronze, descoberta numa cisterna, em Cástulo, foi datada do século IV (²⁰).

(¹⁵) Guerrero, M.E., 1945, Excavaciones de Asta Regia (Mesas de Asta Jerez), fig. 1; Zozaya, J., 1980, Aperçu Général Sur la Céramique Espagnole, p. 271; Bazzana, A., e Montmessin, Y., 1985, La Céramique Islamique du Musée Archeologique Provincial de Jaen, p. 13.

(¹⁶) Alarcão, J., 1975, La Céramique Comune Locale et Régionale, Fouilles de Conímbriga, p. 106, fig. XL.

(¹⁷) Alarcão, J., 1975, op. cit., p. 31, est. XXXVI; Alarcão, J., Delgado, M., Mayet, M., Alarcão, A., e Ponte, S., 1976, Céramiques Diverses et Verres, pp. 54, 131; Gomes, M.V. Gomes, R.V., e Beirão, C. de M., 1986, O Cerro da Rocha Branca (Silves) – Resultados Preliminares de Três Campanhas de Escavações, p. 80; Silva, C.T., Soares, J., Dias, L.F., e Soares, A.C., 1984, Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2.ª Campanha (1981) pp. 23, 38.

(¹⁸) Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca, p. 70.

(¹⁹) Salellas, P. de P., 1950, Bronces Hispanovisigodos de Origen Mediterráneo. I Jarritas y Patenas Litúrgicos, p. 159.

(²⁰) Blázquez, J. M., e Urruela, J. J., 1977, Excavaciones en Castulo: Avance de la Campaña 1975, pp. 1191, 1192, est. III.

Aquele local ofereceu, também, uma jarra de cerâmica, com duas asas simétricas e corpo globular, datada dos inícios do século VII. Embora a bandeja tivesse sido encontrada a uma certa distância dos objectos cerâmicos, atribuídos ao século VII, podemos sustentar a hipótese de, por ser mais pesada, se ter afundado e, por isso, esta forma, mesmo quando fabricada em metal, ter perdurado até àquela época. São morfologicamente muito semelhantes, aos pratos de Silves, e igualmente em cerâmica, os procedentes da necrópole de Nuez de Abajo (Burgos) (fig. III.2), assim como outros recolhidos em Ampurias⁽²¹⁾ e classificados como sendo peças típicas do período visigótico; dado que convém valorizar, culturalmente, a par do alguidar com cordões digitados e das frigideiras.

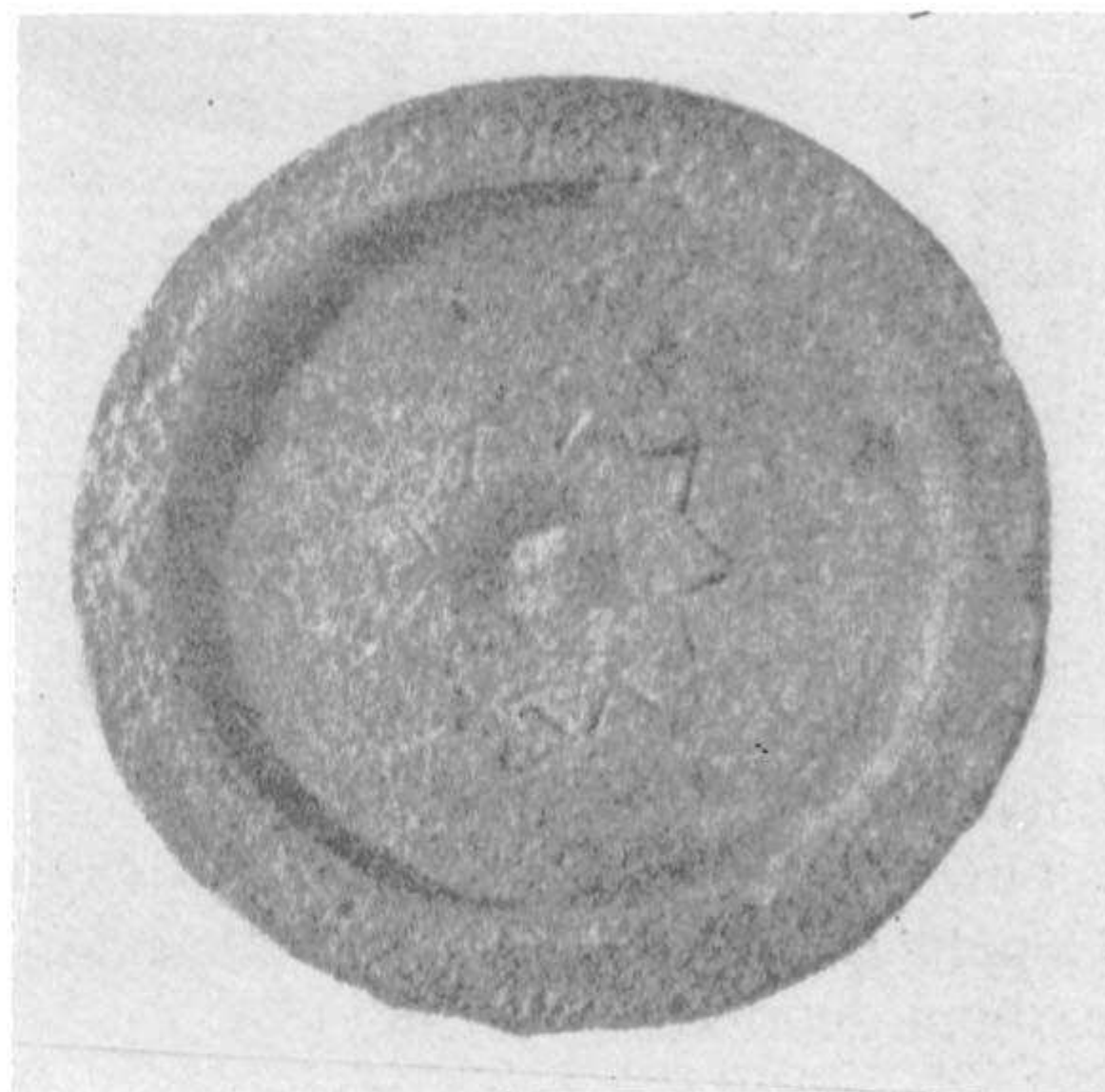


Fig. III.2. Prato, em cerâmica, da necrópole visigótica de Nuez de Abajo (Burgos) (seg. Torres, 1976, 714, fig. 492).

A taça (Q3/C8-24) que oferece decoração, pintada a branco, na superfície interior, composta por oito elementos fusiformes segmentados por pequenos pontos, encontra paralelos no Oriente, nomeadamente, em Nishapur e em Samarra. Ali, um motivo semelhante está representado em taças, esmaltadas, então classificadas no início do século IX⁽²²⁾. O exemplar do Castelo de Silves, onde o motivo foi pintado sobre uma superfície da cor de pasta, parece-nos ser uma interpretação, local e popularizada, de formas e de ornatos de cerâmicas com fabrico mais cuidado e requintado, com as superfícies esmaltadas, como as dos possíveis protótipos, orientais, já referidos.

Os púcaros (Q3/C8-33; Q3/C8-34) encontram paralelos, em termos formais e decorativos, em peças recolhidas na área urbana de Silves, designadamente na escavação junto ao poço-cisterna, e, também, nos dois exemplares, muito semelhantes, exumados no cemitério de San Nicolas em Múrcia. Nesta estação um dos artefactos tem as superfícies vidradas, de cor azulada, e o outro mostra, no corpo, o mesmo tipo de decoração, embora incisa (fig. III.3.), como as de Silves. Foram datados, nos séculos X-XI, por Palazon⁽²³⁾ que não apresenta contexto estratigráfico nem, sequer, paralelos elucidativos para esta atribuição cronológica.

(²¹) Torres, J.F., 1976, *Artes Decorativas Visigodas*, p. 714, fig. 492.

(²²) Wilkinson, C.K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, p. 75, fig. 20; Riis, P.J., e Poulsen, V., 1957, *Hama Fouilles et Recherches de la Fondation Carlsberg*, p. 127.

(²³) Palazon, J.N. 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, pp. 156, 157, figs. 336, 338.

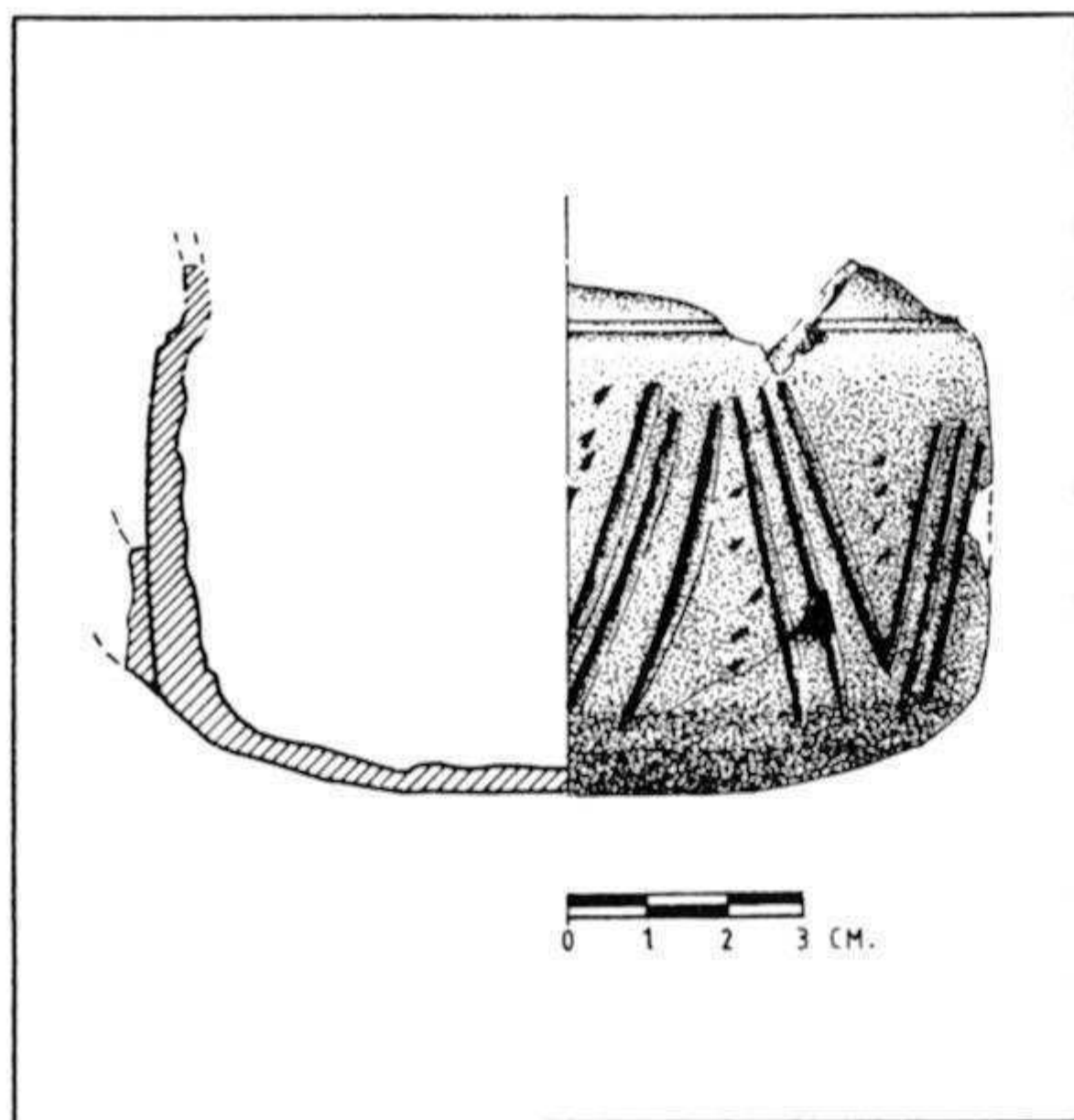


Fig. III.3. Púcaro, com decoração incisa, do século X, de San Nicolas (Múrcia) (seg. Palazon, 1986, 157, fig. 338).

Os cântaros (Q3/C8-29; Q3/C8-30) são similares a exemplares provenientes da Crypta Balbi em Roma, datados do século IX, e aos de Medinat-az-Zahra onde, alguns, exibem decoração vidrada (²⁴).

III.1.4. Integração cultural

O conjunto de fragmentos oferecidos por esta camada, aponta pelos paralelos, formais, técnicos e decorativos, detectados, para, pelo menos, três tipos de proveniências. Por um lado registam-se cerâmicas próprias do fundo cultural indígena, ou seja das populações que habitavam este território anteriormente à chegada dos muçulmanos, e que denunciam aspectos das produções tarde-romanas e visigótico-bizantinas. Um outro grupo integra as cerâmicas produzidas localmente, mas sob a influência, formal e iconográfica, do Islão. Por fim, um número restrito de exemplares, de carácter mais requintado, utilizando a decoração policroma sobre esmalte branco, usuais no Oriente, muito divulgadas na Península a partir do século IX, constitui um raro acervo de peças importadas nos inícios da ocupação muçulmana do Castelo de Silves.

Esta coexistência de cerâmicas com fabricos diferentes, utilizando formas, técnicas e decorações diversas, mas provenientes de um mesmo contexto arqueológico, foi, também, identificada na escavação, ainda em curso, do pátio anexo ao edifício onde se encontra o poço-cisterna e a que já fizemos algumas referências. Um dos níveis ali reconhecidos (C3B) mostra um conjunto de peças significativamente semelhante ao exumado na camada 8 do

(²⁴) Manacorda, D., Paroli, L., Molinari, A., Ricci, M., e Romei D., 1986, La Ceramica Medioevale di Roma nella Stratigrafia della Crypta Balbi, p. 525-1; Maldonado, B.P., 1972, La Loza Doméstica de Medinat al-Zahra, est. 10.

Castelo de Silves, tal como as provenientes do interior de um silo do mesmo local, onde se destacam taças esmaltadas, com decoração policroma, muito abertas, com o pé em anel, baixo e plano, os alguidares, as frigideiras e os púcaros. O nível referido sobrepõe a camada 4 que ofereceu peças, claramente tardo-romanas ou visigótico-bizantinas, datadas nos séculos VI-VII, como *sigillata* clara *D*, fragmentos de uma ânfora, um pequeno *oenochoe* com boca trilobulada e colo destacado, cerâmicas de paredes pouco espessas, fabricadas com pastas muito bem depuradas cor-de-laranja, assim como outras de pastas cinzentas, mal depuradas, e de fabrico grosseiro do tipo das produções visigóticas de algumas estações de Espanha, da Idanha, de Conímbriga ou de Castelo de Vide.

III.1.4.1. Cerâmicas importadas

As taças esmaltadas, com decoração policroma, formas abertas, pé em anel, muito baixo e plano, encontram paralelos, como referimos, em peças provenientes do Médio-Oriente, fabricadas sob a influência chinesa, sendo ali classificadas como pertencentes aos séculos VIII-IX. Na Península Ibérica as datações, até agora atribuídas para estes testemunhos, oscilam entre os séculos IX e X.

Muito embora a cerâmica vidrada fosse já conhecida, entre nós, desde o período romano, com elementos datados da segunda metade do século I e do século III d.C. ⁽²⁵⁾, as peças esmaltadas, por requererem uma técnica de fabrico mais cuidada, só serão produzidas, no Egipto e na Mesopotâmia, nos séculos VI e VII. Segundo J. Frierman ⁽²⁶⁾ eram aquelas zonas, antigos e importantes centros fabris que tiveram grande incremento durante o período Abássida (750). É, pois, normal que a sua difusão se iniciasse no Médio-Oriente e que algumas dessas peças fossem trazidas, pelos muçulmanos, para a Península a partir de 711.

Tanto em Espanha como em Portugal, e até no Norte de África, estas produções têm sido classificadas em função da construção da cidade califal, de Medinat-az-Zahra, e, portanto, mais de duzentos anos depois da chegada daquele povo; omitindo-se não só os antiquíssimos como tradicionais, contactos comerciais com o Oriente mas, de igual modo, a profunda influência cultural, e sobretudo religiosa, que esta zona sempre teve nas populações ibéricas e, especialmente, nos muçulmanos peninsulares. É consequência deste tipo de mentalidade, aliás natural, o facto do califa omíada de Espanha 'Abd al-Rahman III ter mandado vir do Oriente, nos inícios do século X, artífices, entre os quais mosaístas, para as obras de construção de Medinat-az-Zahra ⁽²⁷⁾. Se entre aqueles operários houvesse a certeza da chegada de ceramistas poder-se-ia interpretar a grande quantidade de loiças, esmaltadas e policromas, recolhidas naquela cidade, e na sua área de influência económico-cultural, como sendo produções locais realizadas a partir de modelos exógenos, ou montadas por oleiros e pintores-ceramistas importados do Oriente. Neste caso, a atribuição cronológica daquelas peças, nos séculos IX-X, estaria relacionada com a sua realização e divulgação na

⁽²⁵⁾ Jordan, P.A., 1983, Aportacion al Studio de la Ceramica Romana Vidriada, p. 41; Pereira, M.A.G., 1971, Fragmento de Vaso Vidrado a Verde da Estação Romana de Tróia (Setúbal), p. 152.

⁽²⁶⁾ Frierman, J.D., 1975, Medieval Ceramics, VI to XIII Centuries, p. 12.

⁽²⁷⁾ Grabar, O., 1984, La formación del Arte Islámica, p. 96.

Península o que, aliás, não seria o único exemplo a considerar já que se deve a 'Abd al-Rahman III o desenvolvimento de fábricas de tapetes e de sedas, em Córdoba e Almería, que rivalizavam, em qualidade, com as produções de Bagdad e, segundo Torres Balbás⁽²⁸⁾, onde existiriam, também, oficinas de cerâmica. Esta argumentação tem servido para atribuir a uma produção epónima, «as cerâmicas de tipo Medinat-az-Zahra», um certo conjunto de peças certamente ali fabricadas e depois muito difundidas no Ocidente islâmico, embora tal fenómeno tenha ofuscado o estudo, e a consequente atribuição cronológica e cultural, de produções similares que, a evidência arqueológica assim o indica, forçosamente são anteriores àquele surto artístico-cultural. Mas, bem pior é o facto da vida, um tanto efémera, de Medinat-az-Zahra, fundada nos inícios do século X pelo Califa 'Abd al-Rahman III, como já referimos, e abandonada, pela corte, nos finais do século X inícios do século XI, ter servido para datar não só aquelas cerâmicas esmaltadas e policromas, como outras de fabrico comum, não só de toda a Península mas do Norte de África e, até, do Próximo Oriente; motivo que tem a ver com a data recuada das escavações ali realizadas, a verdadeira monumentalidade das estruturas descobertas e com as copiosas colecções de artefactos exumados onde se destacam, sem dúvida, as belas cerâmicas esmaltadas. O impacto que provocou no mundo científico as explorações na cidade erguida em honra da favorita Zahra, acompanhado de textos muçulmanos que descrevem tanto a sua construção como abandono e destruição, e cuja existência é envolvida pela auréola do fabuloso e do fascínio próprio de um verdadeiro conto das «Mil e Uma Noites», remetem para um plano secundário, aproximadamente, dois séculos de presença islâmica na Península. Os reflexos desta conjuntura atingem as cerâmicas, fazendo esquecer que poderiam, e deveriam, de existir não só outras produções anteriores como as peças importadas das faustosas cortes orientais que, afinal, essas, sim, é que foram reproduzidas naquela magnífica cidade do Al-Andalus. Este claro fenómeno de inversão, das influências culturais e dos protótipos da criação artística, deve-se, igualmente, por um lado à grande divulgação que, por vezes, é dada a certas descobertas, ao fraco conhecimento de contextos culturais mais amplos e, ainda, ao vigor da difusão cultural levada a cabo pelos mecanismos do poder; destacando-se, neste caso, aspectos etnocráticos, românticos ou não, que tentaram, equivocadamente, recriar em Espanha uma sociedade muçulmana altamente desenvolvida e independente, em todos os aspectos, do Oriente.

Ultimamente, uma maior informação extraída dos textos, tanto muçulmanos como cristãos, tem fixado, em termos históricos, uma melhor imagem da realidade da presença muçulmana na Península, restabelecendo parâmetros que, por outro lado, tinham vindo a ser sobvalorizados pela glorificação, oficial, da reconquista cristã.

Em termos especificamente arqueológicos são quase inexistentes as atribuições cronológicas para cerâmicas anteriores ao século IX, tendo tido J. Zozaya⁽²⁹⁾, recentemente, o mérito de não só chamar a atenção sobre este assunto, como de elaborar uma tentativa da sua sistematização crono-formal.

Apesar deste esforço, a falta de escavações arqueológicas com contextos e sucessões estratigráficas seguras, não tem implementado o conhecimento das produções recuadas, embora em muitas estações arqueológicas seja possível aperceber, devido a outros materiais encontrados, a existência de peças pertencentes aos primeiros anos da ocupação

(²⁸) Lévi-Provençal, E., e Torres Balbás, L., 1982, *España Musulmana (711-1031)*, Instituciones, Sociedad, Cultura, pp. 182, 185.

(²⁹) Zozaya, J., 1980, *Aperçu Général Sur la Céramique Espagnole*.

muçulmana. Encontra-se neste caso a estação do Cerro da Vila, em Vilamoura, onde entre o nível de ocupação tardo-romano, ou visigótico-bizantino, e o islâmico-califal, do século IX-X, deverão existir testemunhos que serão reflexo, e a consequência, de duzentos anos de uma permanência que por ora, e apesar de ser um local privilegiado de assentamento muçulmano, não foi, ainda, tratada.

Aqui, também, as produções cerâmicas mais recuadas são, sintomaticamente, datadas, pelos paralelos com as cerâmicas de Medinat-az-Zahra, nos séculos IX-X. Este exemplo serve-nos, apenas, para ilustrar o aspecto negativo do fenómeno que temos vindo a enunciar.

As cerâmicas esmaltadas da camada 8 no Castelo de Silves integravam um contexto, do século VIII, onde ainda se faziam sentir aspectos do mundo cultural tardo-romano, ou visigótico-bizantino, e que demonstrámos ser anterior em, pelo menos, dois séculos à fundação oficial de Medinat-az-Zahra, podendo-se aceitar que as peças esmaltadas, desconhecidas nos contextos anteriores, tenham sido importadas do Oriente. Estas observações foram, como anteriormente já mencionámos, confirmadas pela escavação no pátio anexo ao poço-cisterna almoada, na área urbana de Silves, vindo a ser, em termos de cronologia absoluta, reafirmadas pela datação, de 14C, que obtivemos e que adiante, em III.1.5., voltaremos a tratar.

III.1.4.2. Cerâmicas locais e regionais de tradição muçulmana

Considerámos neste conjunto as peças fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas, por vezes, decoradas com pinturas de cor branca. Uma destas peças é a taça com um motivo estelar, no interior do fundo (Q3/C8-24), cuja ornamentação, como referimos, encontra paralelos em formas eruditas orientais. Também os púcaros, com duas carenas no corpo e igual número de asas opostas, oferecem dois tipos diferentes de decoração, pintada, uma sobre o bordo e outra no corpo, fazendo parte deste mesmo contexto.

Os cântaros, são formas de difícil integração cultural, já que estes exemplares mostram pastas muito bem depuradas, tal como as taças e os púcaros, não tendo, por isso, semelhança com as pastas utilizadas nos alguidares e nos pratos. Pode, pois, considerar-se como um modelo importado, de tradição mediterrânica (Cripta Balbi), neste caso fabricado localmente.

As taças produzidas com pastas claras e a lucerna devem, também, ser formas que integram este grupo.

III.1.4.3. Cerâmicas de tradição continental

O conjunto de peças que, através dos paralelos coligidos, pudemos atribuir à tradição técnica e formal, tardo-romana ou visigótica-bizantina, inclui os pratos, os alguidares e as frigideiras.

Aquelas primeiras peças apontam, cronologicamente, para a segunda metade do século VII e para produções continentais ou, mais propriamente, meseténhas. Os alguidares, que se integram neste mesmo ambiente cultural, obtêm bons paralelos em exemplares de Conímbriga, assim como as frigideiras. Estes artefactos devem ter sido utilizados, pelas populações autóctones, durante o início da ocupação muçulmana, desconhecendo-se nos

períodos posteriores tanto as frigideiras como os pratos. Recordemos que as frigideiras são a forma mais representada na C8, constituindo 41,8 % do total das cerâmicas ali recolhidas, parecendo, como veremos, ter sido substituída, nas camadas seguintes e em termos quantitativos, pelas taças; muito embora, em termos funcionais, não possamos determinar qual a peça que teria a mesma finalidade. Por outro lado, poderemos estar perante uma mudança de hábitos ou de dieta alimentar. A hipótese que explicaria esta observação, baseando-se no facto de termos escavado áreas com diferentes finalidades, deve ser rejeitada, pois na C2, a que corresponde a maior área explorada, não exumámos qualquer fragmento de frigideira. Os alguidares, embora com outras formas, são conhecidos nas camadas 2 e 3, onde atingem percentagens bem mais elevadas que a reconhecida na C8.

III.1.5. Uma datação absoluta – limites e certezas

Recolhemos, nesta camada, a uma profundidade de 5.44 m, em relação ao nosso ponto 0, uma amostra de carvão vegetal que se encontrava junto destas peças de cerâmica. Depois de analisada pelo método de datação absoluta através do rádio-carbono (^{14}C), no Laboratoire de Radiocarbone du Centre de Datations et d'Analyses Isotopiques da Universidade Claude Bernard de Lyon, obteve-se a data de 1240 ± 90 B. P. (Ly 4167) que após aplicação da nova tabela de correcção dendrocronológica ofereceu um intervalo situado entre 670 e 890 D.C.

Verifica-se que esta camada não pode ser, portanto, posterior a 890 nem anterior a 670, oferecendo uma data média, sem dúvida em pleno século VIII, em redor a 780.

Esta datação absoluta, além de ser a primeira feita em Portugal em níveis muçulmanos, confirma por um lado a grande antiguidade da ocupação muçulmana do Castelo de Silves e a base da sucessão estratigráfica detectada, assim como a nossa hipótese de as cerâmicas esmaltadas de «tipo Medinat-az-Zahra» (inaugurada em 945) serem uma produção local, com protótipos orientais, mas posteriores a outras, semelhantes, importadas logo nos inícios do século VIII. Como já referimos, a data da C8, do Castelo de Silves, onde foram recolhidas cerâmicas deste tipo, não pode ser posterior a 890 e, portanto, ainda atendendo a este patamar superior da variação da amplitude cronológica, mais de meio século anterior à fundação da cidade califal (945). Se atendermos ao patamar inferior, deste dado cronológico, a data de 670 torna-se insustentável, sob o ponto de vista histórico, dado que é anterior, em quase meio século, à chegada dos muçulmanos a Silves, que os textos informam ter sido em 713. A datação média da variação, em torno de 780, não só nos parece plausível em termos históricos para a ocupação, de certo modo, estável de que a grande quantidade de cerâmicas da C8 era testemunho, como se adapta ao próprio contexto arqueológico das peças recolhidas. Aqui se detectaram, como mencionámos, formas com origem tardo-romana, ou visigótico-bizantina, a par de produções locais, já de influência muçulmana, e outras como as raras e bonitas peças, policromas, esmaltadas, do tipo das até agora tidas como fabricadas na Península a partir dos inícios do século X, que demonstrámos serem não só importadas, mas bem mais recuadas.

III.2. AS PRODUÇÕES DOS FINAIS DO EMIRATO (CAMADA 6)

III.2.1. As pastas

Recolhemos, no total, 74 pequenos fragmentos de cerâmica, muitos deles com aspecto rolado. O estudo estatístico, deste material, indica-nos que:

1) 2,7 % das cerâmicas foram fabricadas com pastas de cores beges e amarelas claras acinzentadas (7.5YR7/4; 5Y8/3), muito bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino e finíssimo. Estas peças apresentam as superfícies vidradas.

2) 10,8 % dos exemplares mostram pastas, de cores claras, em tons de bege (7.5YR7/4; 7.5YR8/4), normalmente bem depuradas e contendo elementos, não plásticos, de grão fino a finíssimo.

3) A maior percentagem de peças, cerca de 86,5 %, é constituída por cerâmicas fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas (10R5/8; 2.5YR5/8; 2.5YR6/8), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão médio a fino.

III.2.2. As formas e as decorações

III.2.2.1. As cerâmicas vidradas

Os exemplares que possuímos, e permitem identificação, pertencem a uma taça e a um jarro. A taça (Q3/C6-1), tem forma aberta, com pé, em anel, baixo e plano. As superfícies oferecem vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). A superfície interior mostra, como decoração, duas linhas, de cor castanha escura, uma arqueada que, possivelmente, circundava o fundo da peça e outra perpendicular a esta, constituindo um motivo radial ou estelar.

O jarro (Q3/C6-2) apresenta gargalo de forma troncocilíndrica e teria uma asa que o ligava ao corpo da peça. Mostra bordo afilado e a superfície exterior oferece decoração pintada e vidrada. Segundo a ordem de execução, primeiro foram pintadas quatro linhas, paralelas entre si e o bordo, que definem uma cartela na qual foi inscrito um motivo ondulado, com dois cabos, de cor castanha esverdeada. Posteriormente, foi aplicado o vidrado, constituído por uma linha modulada, de cor verde escura. Esta decoração, que associa a pintura e o vidrado, é denominada como «técnica da corda seca parcial» (ou de *verdugones*).

III.2.2.2. Cerâmicas comuns

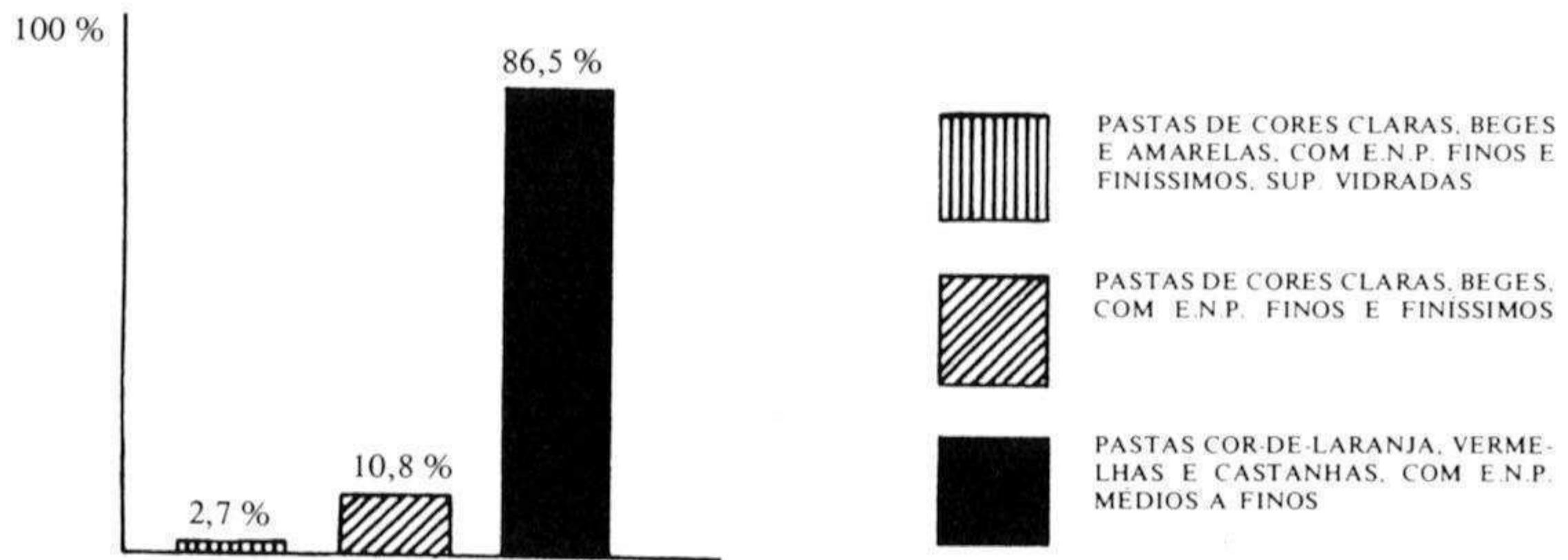
As peças fabricadas com pastas claras não permitem, por ora, atribuição formal.

No conjunto de cerâmicas produzidas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas, apenas 13,4 % oferecem identificação formal e pertencem a panelas, a taças e a jarras.

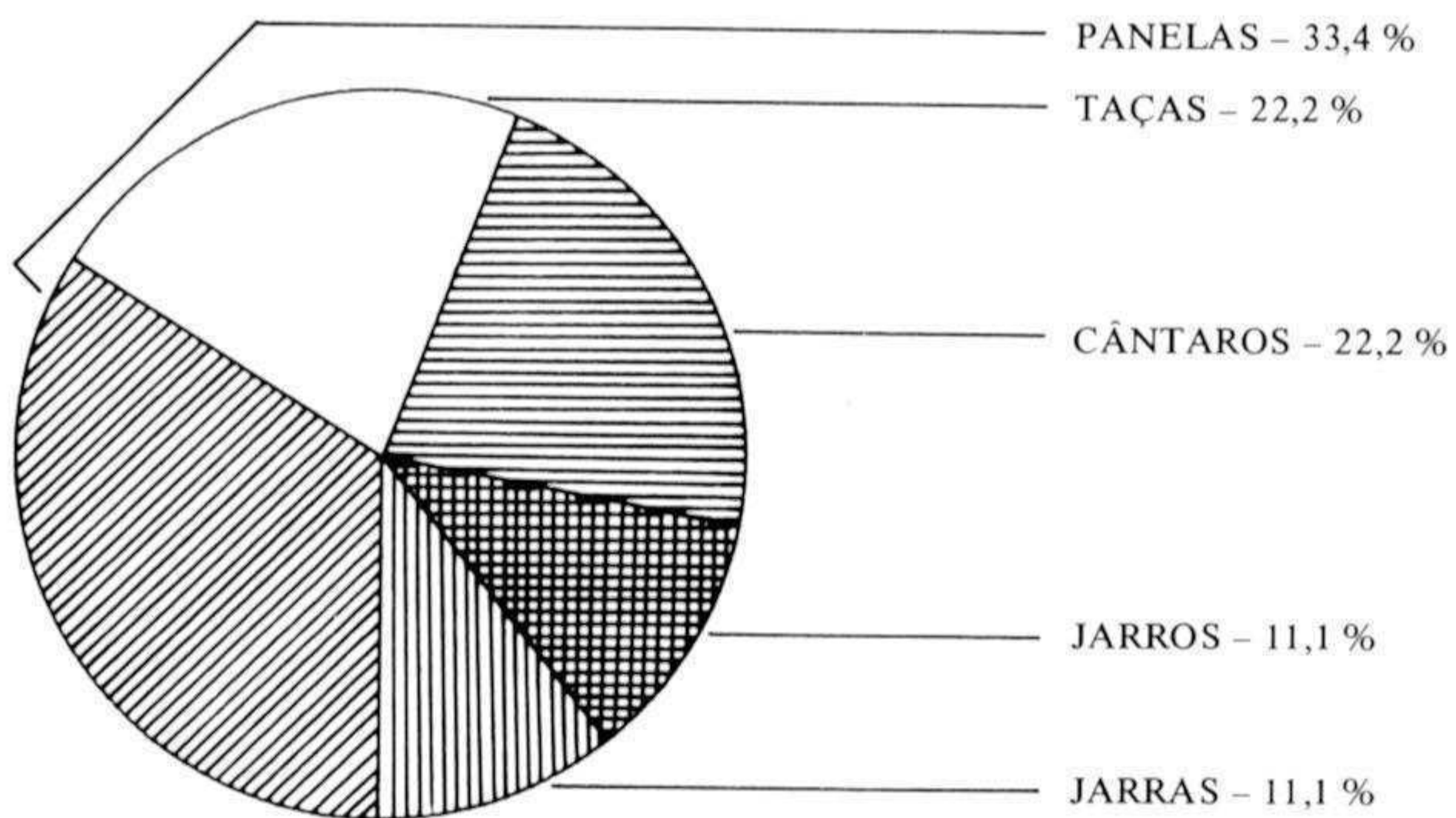
As panelas (Q3/C6-3; Q3/C6-7; Q3/C6-8), são as peças melhor representadas, contando com 33,4 %, têm bordos extrovertidos, corpo globular, duas asas opostas, com a extremidade superior fixada ao bordo, e fundos ligeiramente convexos. Um dos exemplares (Q3/C6-8) tem, sobre o bordo, uma linha pintada de cor negra.

C6 – AS PASTAS E AS FORMAS

TIPOS DE PASTAS



REPORTÓRIO FORMAL



As taças (Q3/C6-5; Q3/C6-6), mostram os bordos, biselados ou um pouco inclinados para o interior, com diâmetros que variam entre 0.156 m e 0.159 m. Um dos exemplares oferece, sobre o bordo, pequenos traços, pintados em série, de cor alaranjada escura.

A jarra (Q3/C6-4) recolhida, apresenta gargalo alto, bordo espessado no exterior e extrovertido, sendo a superfície superior do lábio plana, e duas asas opostas que ligam o gargalo ao corpo da peça.

Dois fragmentos pertencentes a cântaros têm semelhanças com os recolhidos na C8.

III.2.3. Paralelos e cronologia

III.2.3.1. Cerâmicas vidradas e de corda seca parcial

Duas das peças que descrevemos e que nos parecem ser as mais importantes, desta camada com tão pouco espólio, oferecem as duas superfícies vidradas ou só parte da superfície exterior. Uma delas, a taça (Q3/C6-1), da qual possuímos porção do fundo, baixo, com pé plano em anel, suporta semelhanças formais nas taças, esmaltadas, recolhidas em Valencia e Maiorca, mais precisamente em St.^a Catalina de Sena, datadas, nestes dois locais, no século X ⁽³⁰⁾. Estes exemplares com o fundo baixo e o pé plano, em anel, encontram ainda, paralelos na China em formas produzidas durante o reinado de Daizong (763-779) ⁽³¹⁾.

A decoração do fragmento de taça, descoberto no Castelo de Silves, assemelha-se à de outra, também vidrada, de cor castanha, que oferece, de igual modo, decoração de tom mais escuro, proveniente do Cerro da Vila (Vilamoura) e datada, como sendo dos séculos IX-X ⁽³²⁾, pela temática decorativa.

O jarro citado utiliza como decoração a corda seca parcial; técnica que tem vindo a ser, normalmente, atribuída ao século XI, considerando-se a sua possível utilização em substituição da corda seca total e aceitando-se que terá sido produzida até ao século XIII, quando intercala com motivos esgrafitados ⁽³³⁾. Esta atribuição cronológica, para a utilização da técnica da corda seca parcial, tem como suporte, para certos autores, a ideia de que em função do fraco poder económico que alegam terem possuído os vários reinos taifas a terão, por isso, utilizado em substituição da corda seca total, mais cara e de difícil elaboração ^(33a).

(³⁰) Bazzana, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, p. 100; Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*, p. 166, fig. 83.

(³¹) Beurdeley, C. e Beurdeley, M., 1974, *La Céramique Chinoise*, p. 102.

(³²) Matos, J. L., 1983, *Malgas Árabes do Cerro da Vila*, p. 379, fig. 1; Retuerce, M., e Zozaya, J., 1986, *Variantes Geográficas de la Cerámica Omeya Andalusí*, p. 96, 16-4.

(³³) Bazzana, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, p. 119; Retuerce, M. e Zozaya, J., 1986, *op. cit.*, p. 71; Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*, p. 117; 1980, *La Céramique Árabe à Majorque (Problèmes Chronologiques)*, p. 305; Zozaya, J., 1980, *Aperçu Général sur la Céramique Espagnole*, p. 281; 1981, *Cerámica Andalusí*, p. 43.

(^{33a}) Zozaya, J., 1981, *op. cit.*, p. 41.

III.2.4. Integração cultural

Apesar de somente encontrarmos paralelos, em termos formais e decorativos, para dois dos exemplares referidos, com cronologias que apontam para o período compreendido entre os séculos IX e o XI, podemos acrescentar que esta camada se situa numa sucessão estratigráfica onde é sobreposta por outra, do século X, e que se sobrepõe à C8 que, como vimos, auferia de uma data média centrada no século VIII.

Em relação à corda seca parcial, e em termos puramente técnicos, parece-nos ser mais natural a sua evolução para a corda seca total que um retrocesso técnico, afastando-se de soluções apuradas e bem elaboradas, para outras de inferior qualidade e valorização plástica. O argumento baseado no possível fraco poder económico dos reinos taifas, é pouco convincente já que esta época é conhecida pelo incremento dado às artes e às letras. Recordemos que os vários pequenos reinos muçulmanos peninsulares⁽³⁴⁾ tentavam não só rivalizar em esplendor com o período anterior mas herdaram, afinal, as possibilidades políticas e económicas capazes de suportarem, mesmo que fugazmente, aquelas independências.

Em termos históricos, e pela sucessão estratigráfica observada, integramos esta camada numa segunda fase do Emirato, possivelmente, em pleno século IX.

III.3. AS CERÂMICAS CALIFAIS (CAMADA 5)

III.3.1. As pastas

Exumámos, nesta camada, 377 fragmentos de cerâmica, cujo estudo estatístico indica que;

1) 6 % destas peças foram fabricadas com pastas de cores claras (5Y7/2; 7.5YR8/4; 10YR7/3; 10YR8/4), muito bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a finíssimo. As superfícies estão esmaltadas, a branco, e têm decoração dourada ou a manganês.

2) 1,5 % dos fragmentos apresentam pastas de cores avermelhadas (2.5YR6/8; 2.5YR5/8), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino. As superfícies, oferecem vidrado aderente e brilhante.

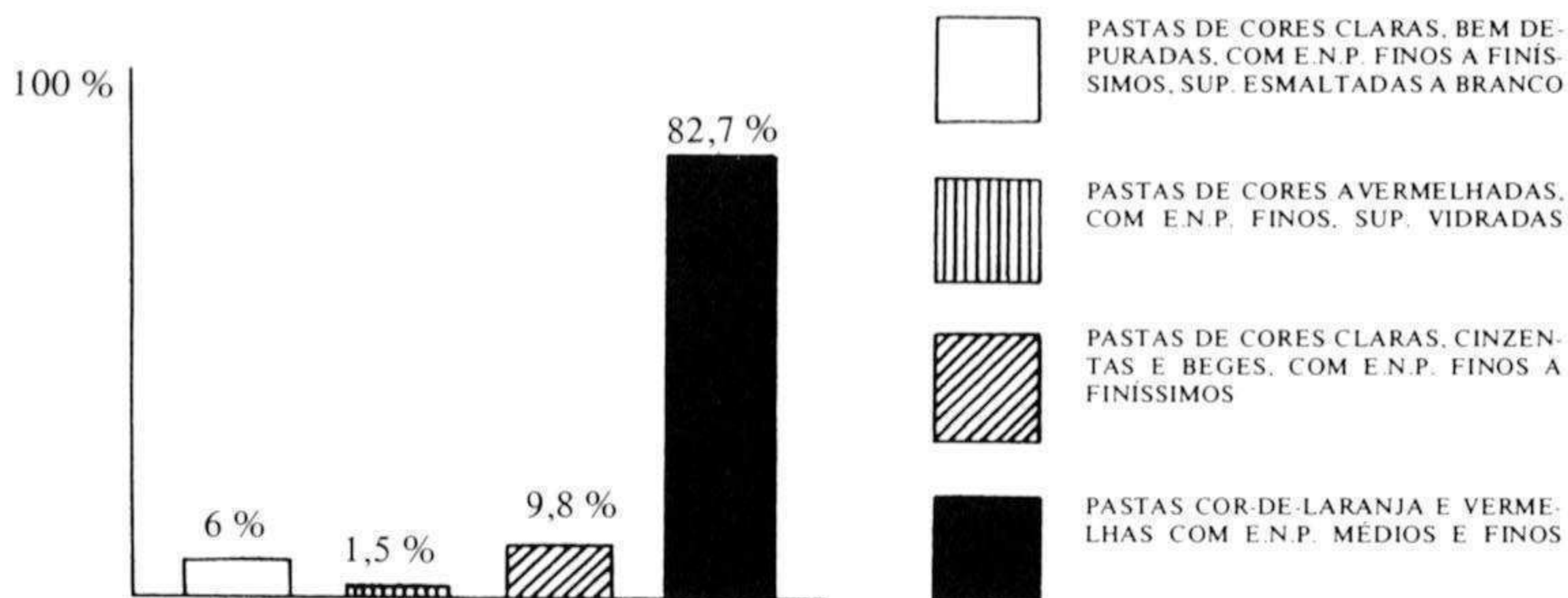
3) 9,8 % dos exemplares mostram pastas, claras, de cores cinzentas e beges (5YR7/4; 5YR7/6; 10YR7/2; 10YR8/4; 5Y8/2), muito bem depuradas, contendo elementos não plásticos de grão fino a finíssimo.

4) A maior percentagem de fragmentos, 82,7 %, é formada por cerâmicas fabricadas com pastas cor-de-laranja e vermelhas (10R4/6; 10R5/8; 2.5YR5/6; 2.5YR5/8), no geral bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão médio e o fino e, em alguns casos, com elementos grossos. Neste grupo integramos 7,7 % de peças decoradas com linhas, pintadas, de cor branca.

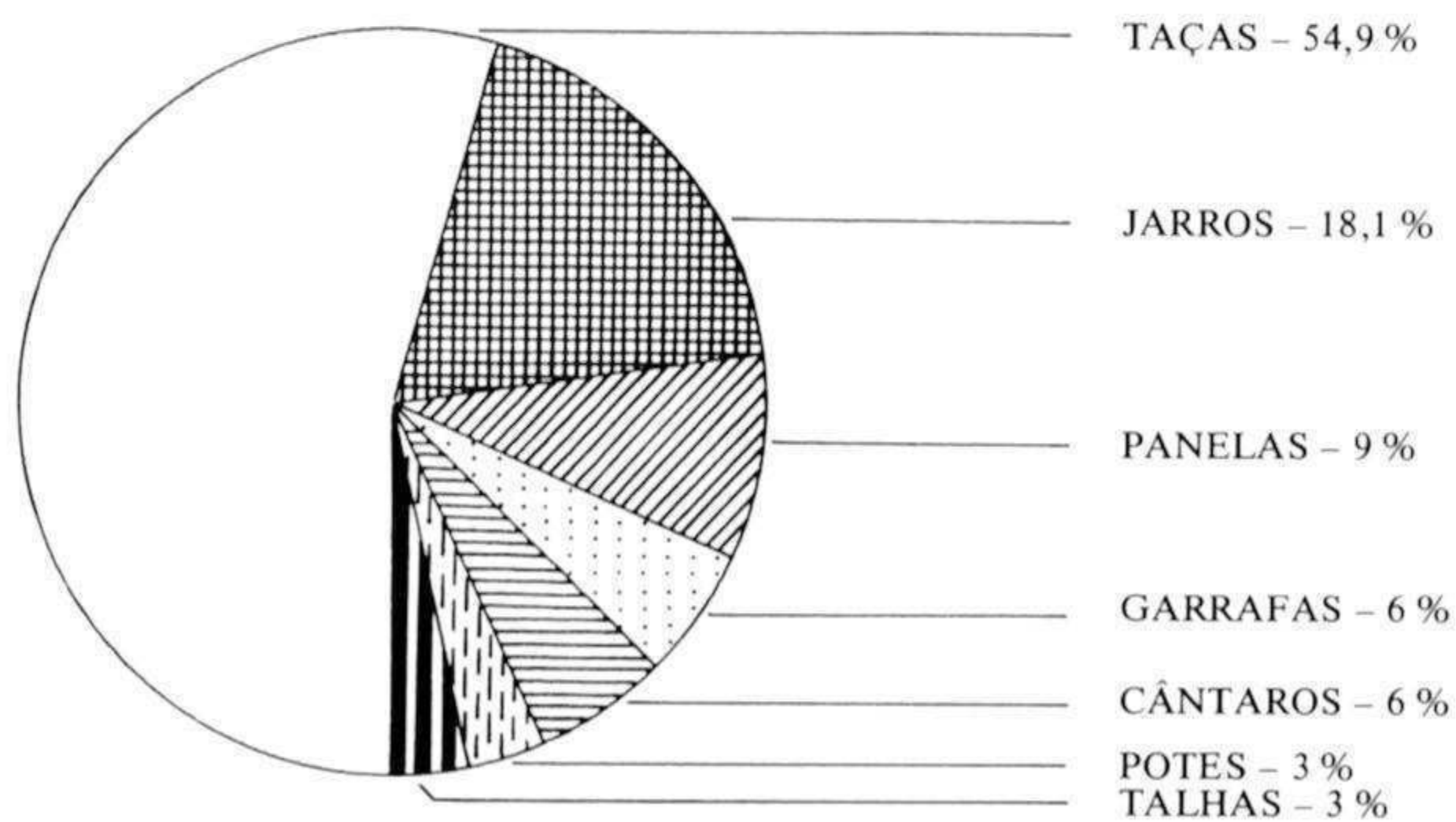
(³⁴) Chejne, A.G., 1974, Historia de España Musulmana, p. 55.

C5 – AS PASTAS E AS FORMAS

TIPOS DE PASTAS



REPORTÓRIO FORMAL



III.3.2. As formas e as decorações

III.3.2.1. Cerâmicas esmaltadas a branco, com decoração dourada ou a manganês

Estas integram todas as taças (Q10/C5-3; Q10/C5-4; Q10/C5-2; Q1/C5-1), abertas com paredes inclinadas, bordos extrovertidos, lábios de perfil semicircular, com diâmetros que variam entre 0.196 m e 0.227 m. Podem mostrar carena baixa, acusada, e assentar num pé, também de pequena altura, em anel, com a base plana.

Uma das peças (Q10/C5-2), apresenta somente a superfície interior esmaltada, tendo a exterior um tom mais escuro que o da pasta. A decoração efectuada, na superfície interior destas taças, foi conseguida através do próprio esmalte que por vezes oferece acentuado brilho metálico (Q10/C5-2); por semicírculos entrecruzados, de cor negra de manganês, dispostos junto ao bordo (Q10/C5-4) ou tendo, no fundo, linhas arqueadas, com séries de ponteados no interior, paralelas entre si e de cor negra (Q10/C5-3).

O exemplar (Q1/C5-1) que oferece o esmalte de melhor qualidade, aderente e muito brilhante, de cor branca, mostra as duas superfícies decoradas com motivos dourados, que utilizam a técnica do reflexo metálico. Na interna destaca-se uma inscrição, em caracteres cúficos, delimitada por uma cartela formada por duas linhas, paralelas, colocadas no limite do bordo da peça e observa-se, ainda, um outro motivo que, possivelmente, faria parte de uma decoração floral, intercalando com a referida inscrição. A superfície externa exhibe segmentos de círculos concêntricos.

III.3.2.2. Cerâmicas vidradas

As taças (Q10/C5-1), que oferecem as superfícies com vidrado, de boa qualidade, de cor castanha clara, têm bordo extrovertido, pequeno diâmetro (0.132 m), e as paredes um pouco oblíquas.

As taças, esmaltadas e vidradas, são as peças melhor representadas nesta camada, onde atingem 54,9 % do total das formas identificadas.

III.3.2.3. Cerâmicas comuns

III.3.2.3.1. Fabricadas com pastas claras

Apenas 3 % dos fragmentos, fabricados com pastas claras, permitem atribuição formal e pertencem a panelas, jarros, garrafas, potes e talhas.

As panelas (Q3/C5-4), mostram colo baixo, bordo extrovertido, lábio biselado, e teriam, possivelmente, corpo globular e duas asas opostas. As superfícies, alisadas, são da mesma cor da pasta.

Os jarros (Q3/C5-6), oferecem bordos altos, espessados, e lábio em bisel. Uma asa ligaria o bordo ao corpo da peça. As superfícies são da mesma cor da pasta. Existe na superfície externa, do exemplar descoberto, decoração formada por linhas incisas, horizontais, paralelas ao bordo.

As garrafas (Q3/C5-3) têm gargalo alto, um pouco oblíquo, com o bordo espessado e demarcado no exterior. O lábio mais fino, que as paredes, é de secção semicircular, e as superfícies, às quais foi dada uma aguada, mostram tom mais claro que o da pasta.

A superfície exterior, deste exemplar, apresenta decoração pintada, cor-de-laranja, sobre o bordo.

O único pote, detectado nesta camada (Q3/C5-6), tem forma globular com bordo espessado, introvertido, marcado no exterior e lábio de secção semicircular. Às superfícies foi dada uma aguada, de tom mais claro que o da pasta, e a exterior está decorada com linhas pintadas, cor-de-laranja, uma sobre o bordo e outras no bojo da peça.

A talha (Q9/C5-2), com colo curto e corpo globular, tem bordo introvertido e a superfície superior do lábio plana. As superfícies são da mesma cor da pasta e oferece uma linha pintada, de cor negra, sobre o bordo.

III.3.2.3.2. Fabricadas com pastas cor-de-laranja e vermelhas

Apenas 7,6 % dos fragmentos permitiram reconstituição formal. Reconheceram-se panelas, taças, jarros, cântaros e tampas.

As panelas (9 %) (Q3/C5-7; Q3/C5-1) mostram corpo globular, demarcado do bordo por um pequeno estrangulamento e teriam duas asas opostas. Os bordos são verticais e têm lábio de secção semicircular. As superfícies são da mesma cor da pasta ou oferecem aguada de tom acastanhado (Q3/C5-7). As superfícies exteriores, destas peças, estão decoradas com linhas pintadas, de cor branca, dispostas na horizontal, sobre o bordo e no colo, e, possivelmente, em círculo quando sobre o corpo.

As taças (Q9/C5-4) têm paredes oblíquas, com bordos espessados e extrovertidos, lábios de secção semicircular, aplanados na parte superior, e grandes diâmetros, que atingem 0.334 m. Nas superfícies o tom é mais escuro que o da pasta.

Os jarros (18,1 %) (Q9/C5-3), com gargalos altos e quase verticais, apresentam os bordos espessados exteriormente e lábios de secção semicircular, embora tenham sido um pouco aplanados na superfície superior. As paredes foi dada uma aguada de cor negra.

Os cântaros, já presentes nas duas camadas anteriores (Q3/C5-5), mostram bordos altos, verticais, duas asas opostas, lábios espessados e extrovertidos, com secção semicircular sendo demarcados na superfície exterior por uma incisão. As superfícies são da mesma cor da pasta e as exteriores oferecem linhas pintadas, com bateria de pincéis, de cor branca. Esta forma soma 6% do total das peças reconhecíveis.

As tampas (Q10/C5-5) apresentam formas abertas, com bordo algo biselado, pega em botão e base em bolacha. As superfícies são da mesma cor da pasta, tendo a exterior, sobre o bordo, linhas pintadas, de cor branca, dispostas radialmente.

III.3.3. Paralelos e cronologia

III.3.3.1. Cerâmica, importada, de reflexo metálico

Destaca-se, deste conjunto de objectos, pela qualidade, da pasta e do esmalte, beleza e raridade da decoração, a taça (Q1/C5-1) que oferece reflexo metálico, de tom dourado, sobre fundo branco, ornamentada com motivos florais que intercalam com inscrições em caracteres cúficos.

A técnica do reflexo metálico parece já ser conhecida no Egipto, pelo menos, desde o século III, pois nos papiros de Leyden e Stockholm, elaborados naquela época, foram

descritas várias maneiras de a preparar ⁽³⁵⁾. Não sabemos, no entanto, se seria aplicada em cerâmicas, ou somente em objectos de vidro. Os exemplares mais antigos, que temos notícia com a utilização desta técnica, datam, na Península Ibérica, dos finais do século IV e pertencem a dois exemplares de vidro, provenientes de Carmona e de Herrera del Pisuerga (Valencia), decorados com um crismón e uma inscrição ⁽³⁶⁾. Estas peças, devem ter sido importadas do Oriente, possivelmente, através do Norte de África, se considerarmos a opinião de José Maria Blázquez ⁽³⁷⁾ que, seguindo outros autores, aponta aquele território como estando na via e, por isso, na origem do primitivo cristianismo hispânico. Atribuídas aos séculos VI e VII, e provenientes do Egipto, existem mais peças de vidro que utilizam esta decoração; uma delas está exposta no Museu Victoria and Albert (Londres) e oferece motivos florais ⁽³⁸⁾. O início da utilização do reflexo metálico em objectos de cerâmica, com algumas diferenças técnicas de fabrico em relação à sua aplicação no vidro, e o local ou centros de produção são, neste momento, imprecisos. Para certos autores, as primeiras peças que oferecem esta decoração, nas superfícies, podem ter sido produzidas na segunda metade do século VIII ⁽³⁹⁾ embora para outros, elas sejam do século IX ⁽⁴⁰⁾. Contudo, todos eles são unânimes em atribuírem aos Abássidas (749-945) o desenvolvimento e divulgação da referida técnica. As primeiras cerâmicas que utilizam este processo de rico efeito decorativo, nas duas superfícies, estão datadas do início do século IX e provêm de Samarra, Fustat e do norte da Tunísia ⁽⁴¹⁾. Segundo Gomez Moreno ⁽⁴²⁾, as produções peninsulares que usam o reflexo metálico devem ter-se iniciado, no século X, com a vinda de ceramistas trazidos dos grandes centros fabris acima referidos. Estas peças recuadas distinguem-se, claramente, das produções orientais pela pior qualidade das matérias-primas utilizadas, dos processos de fabrico e, também, por só estarem decoradas na superfície interior. São exemplo destas manufacturas peninsulares as taças de Málaga ⁽⁴³⁾, que hão-de ser fabricadas até ao século XVI, onde algumas atingem elevada qualidade tanto no tipo de pastas, de tintas utilizadas como nos desenhos, das formas e decorações, empregues.

Os fragmentos desta loiça, recolhidos em Bobastro, Medinaceli, Málaga e Medinat-az-Zahra ⁽⁴⁴⁾, são pouco numerosos, pertencem geralmente a taças, e mostram as duas superfícies decoradas, tal como o descoberto no Castelo de Silves, devendo, de facto, fazer parte de importações orientais.

(³⁵) Smith, A.C., 1985, *Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World*, p. 25

(³⁶) Duque, A. M., e Blázquez, J. M., 1982, *España Romana (218a. de J. C.-414 de J.C.)*. La Conquista y la Exploración Económica, vol. I, p. 575.

(³⁷) Blázquez, J. M., 1977, *Imagen y Mito, Estudios Sobre Religiones Mediterraneas e Ibericas*, p. 483.

(³⁸) Grabar, O., 1984, *La Formación del Arte Islámico*, p. 18; Smith, A. C., 1985, *Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World*, fig. 6

(³⁹) Grabar, O., 1984, *op. cit.*, p. 208; Smith, A.C., 1985, *op. cit.*, p. 26.

(⁴⁰) Gómez-Moreno, M., 1940, *La Loza Dorada Primitiva de Málaga*, p. 389; 1951, *El Arte Árabe Español Hasta los Almohades*, p. 313; Grube, E.J., 1976, *Islamic Pottery of the Eighth to the Fifteenth Century in the Keir Collection*, p. 44.

(⁴¹) Ewert, C., Duda, D., e Kircher, G., 1979, *Hallazgos Islámicos en Balaguer y la Aljaferia de Zaragoza*, p. 293; Grabar, O., 1984, *La Formación del Arte Islámico*, p. 208; Smith, A. C., 1985, *Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World*, p. 27; Wilkinson, C. K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, p. 138.

(⁴²) Gómez-Moreno, M., 1951., *El Arte Árabe Español Hasta los Almohades*, p. 314.

(⁴³) Gómez-Moreno, M., 1940, *La Loza Dorada Primitiva de Málaga*, p. 393.

(⁴⁴) Lévi-Provençal, E., e Torres Balbás, L., 1982, *España Musulmana (711-1031)*, Instituciones, Sociedad, Cultura, p. 781.

O fragmento de taça (Q1/C5-1) de Silves apresenta sobre o bordo, como referimos, restos de uma inscrição em caracteres cúficos, o que, segundo Smith ⁽⁴⁵⁾, é próprio das produções da dinastia Fatimida (909-1171) do Egipto. A boa qualidade da pasta, do esmalte e do reflexo metálico, de tom dourado claro, deste fragmento, aliado à disposição da faixa epigráfica junto ao bordo, conduz-nos a atribuir uma origem exógena a esta peça e, possivelmente, ao norte do Egipto; grande centro difusor deste processo decorativo a partir do século X. É, ainda, num fragmento de taça (fig. III.4) de proveniência egípcia, datada do século X, que reconhecemos um estreito paralelo para a banda epigrafada da peça de Silves, embora pintada de manganês, igualmente integrada numa cartela e sobre fundo esmaltado a branco. Nesta peça, do Museu Benaki de Atenas, a decoração é composta por motivos fitomórficos, de cor verde, contornados na mesma cor que a inscrição ⁽⁴⁶⁾.



Fig. III.4. Fragmento de taça, com decoração epigrafada, do século X (prov. do Egipto; Museu Benaki de Atenas) (seg. Philon, 1980, 55, fig. 116, est V).

III.3.3.2. A cerâmica esmaltada

O fragmento de taça (Q10/C5-4) que mostra as superfícies esmaltadas, de cor branca, com decoração a negro, formada por semicírculos, entrecruzados, encontra paralelos em Cervera (Madrid), Valencia e, especialmente, nas produções de Medina Elvira. As taças desta oficina, datadas no século X, podem apresentar o interior dos semicírculos, junto ao bordo, preenchidos noutro tom sendo, normalmente, o motivo central de carácter zoomórfico ⁽⁴⁷⁾.

(45) Smith, A.C., 1985, Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World, p. 39.

(46) Philon, H., 1980, Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries, p. 55, fig. 116.

(47) Bazzana, A; 1983, La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia, fig. 27; Gómez-Moreno, M., 1951, El Arte Árabe Español Hasta los Almohades, p. 317; Retuerce, M. e Zozaya, J., 1986, Variantes Geográficas de la Cerámica Omeya Andalusí, fig. 21-5, 7.

No Oriente conhecem-se taças, de prata sassânidas, cujo bordo é decorado com semicírculos onde se inscrevem bustos humanos ⁽⁴⁸⁾. Estas peças que podem, de certo modo, ter servido de protótipo para as cerâmicas referidas são datadas entre 630 e 637; ano em que esta civilização é conquistada pelo Islão, embora a magnificência de certos dos seus aspectos artísticos tenha influenciado o complexo muçulmano, especialmente no que se refere à ourivesaria e à cerâmica ⁽⁴⁹⁾.

A taça, da qual possuímos o pé em anel, baixo e plano (Q10/C5-2), com carena acusada, encontra paralelos formais numa peça congénere esmaltada, proveniente de Córdoba e que se guarda no Museu Arqueológico daquela cidade ⁽⁵⁰⁾, assim como numa outra publicada por Zozaya ⁽⁵¹⁾, a que são atribuídas uma cronologia situada no século X. A peça, recolhida no Castelo de Silves, oferece esmalte, na superfície interior, brilho metálico negro e, embora não tenhamos coligido semelhanças para esta decoração noutros objectos peninsulares, sugerimos que poderá tratar-se de uma tentativa de imitar a técnica do reflexo metálico ^(51a).

Como já referimos as taças representam 54,9 % das cerâmicas recolhidas nesta camada, percentagem alta que será apenas ultrapassada na C4, parecendo substituir o elevado número de frigideiras da C8. Os jarros, que contam com 18,1 %, são a segunda forma melhor representada e tinham atingido, na C6, 11,1 %. Os cântaros constituem 6 % das peças recolhidas, percentagem que é próxima da detectada na C8 (8,5 %), mas muito inferior à da C6 (22,2 %). É evidente que para além das variações formais de cada um destes tipos de peças, a sua utilização respeitará, sobretudo, a funcionalidade das áreas onde foram recolhidas e cuja configuração é, por ora, disponível apenas para a C2.

III.3.4. Integração cultural

Os poucos paralelos existentes para as peças descobertas nesta camada arqueológica apontam para o século X tendo, de qualquer modo, uma datação posterior a 909; se considerarmos o fragmento a que atribuímos proveniência fatimida, exumado sobre um pavimento. Aliás, esta datação, em torno do século X, está de acordo com a atribuição cronológica e cultural oferecida pela sucessão estratigráfica, onde se reconheceram estruturas e outros materiais arqueológicos que referimos no Cap. II e pudemos classificar nesta mesma época.

(⁴⁸) Harper, P. O. e Meyers, P., 1981, *Silver Vessels of the Sasanian Period*, Vol. I: Royal Imagery, p. 134, est. 27.

(⁴⁹) Grabar, O., 1984, *La Formación del Arte Islámico*, p. 40; Migeon, G., 1927, *Manuel d'Art Musulman*, Arts Plastiques et Industriels, p. 103.

(⁵⁰) Lévi-Provençal, E. e Torres Balbás, L., 1982, *España Musulmana (711-1031)*, Instituciones, Sociedad, Cultura, fig. 652.

(⁵¹) Zozaya, J., 1980, *Aperçu Général Sur la Céramique Espagnole*, fig. 7c.

(^{51a}) O aspecto que nos apresenta esta taça, com o interior esmaltado e brilho metálico negro, pode ter sido consequência de um acidente durante a cozedura do esmalte com decoração de reflexo metálico. Assim, um sobreaquecimento da peça num ambiente redutor, necessário ao fabrico do reflexo metálico, poderá ter conduzido à fixação de negro de fumo na superfície do esmalte, misturando-se com os óxidos.

III.4. AS CERÂMICAS TAIFAS (CAMADA 4)

III.4.1. As pastas

Recolhemos, no total, 247 fragmentos de cerâmica e o estudo estatístico deste material conclui:

- 1) 0,4 % do espólio mostra pastas de cores claras (5YR7/6), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão médio e o fino. Estes fragmentos têm as superfícies esmaltadas.
- 2) 1,3 % apresentam pastas de cor rosada e vermelha (10R6/6; 10R4/6; 2.5YR5/6), muito bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino e as superfícies vidradas.
- 3) 17,4 % das cerâmicas foram fabricadas com pastas de cores claras, em tons rosados, beges e cinzentos (10R6/6; 5YR7/4; 5YR7/6), muito bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a finíssimo. 1,2 % destas peças têm decoração, pintada, de cor negra ou castanha escura.
- 4) A maior percentagem, 80,9 %, dos fragmentos foram fabricados com pastas de cores vermelhas e castanhas (10R5/2; 10R5/8; 5YR4/2; 5YR7/4; 2.5YR5/4), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão médio e o fino, embora predomine este último tipo. Incluímos neste grupo os fragmentos decorados com pinturas de cor branca (18,4 %), com brilho metálico (2,7 %), e com decoração brunida (0,5 %).

III.4.2. As formas e as decorações

III.4.2.1. Cerâmicas esmaltadas e vidradas

Apenas recolhemos uma taça (Q10/C4-2) com forma aberta, pé em anel, baixo e plano, que oferece esmalte, aderente e brilhante, de cor branca, nas duas superfícies.

As cerâmicas que mostram as superfícies com vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada) ou castanha amarelada, pertencem a taças (Q3/C4-5; Q3/C4-1; Q5/C4-1) com forma aberta, bordo extrovertido, lábio de secção semicircular, paredes inclinadas e pé, em anel, baixo e plano. A superfície interior oferece decoração, em tom castanho escuro, constituída por pingos irregulares (Q5/C4-1), linhas arqueadas, quase concêntricas e junto ao bordo (Q3/C4-5), ou, ainda, um bolbo de lótus (Q3/C4-1).

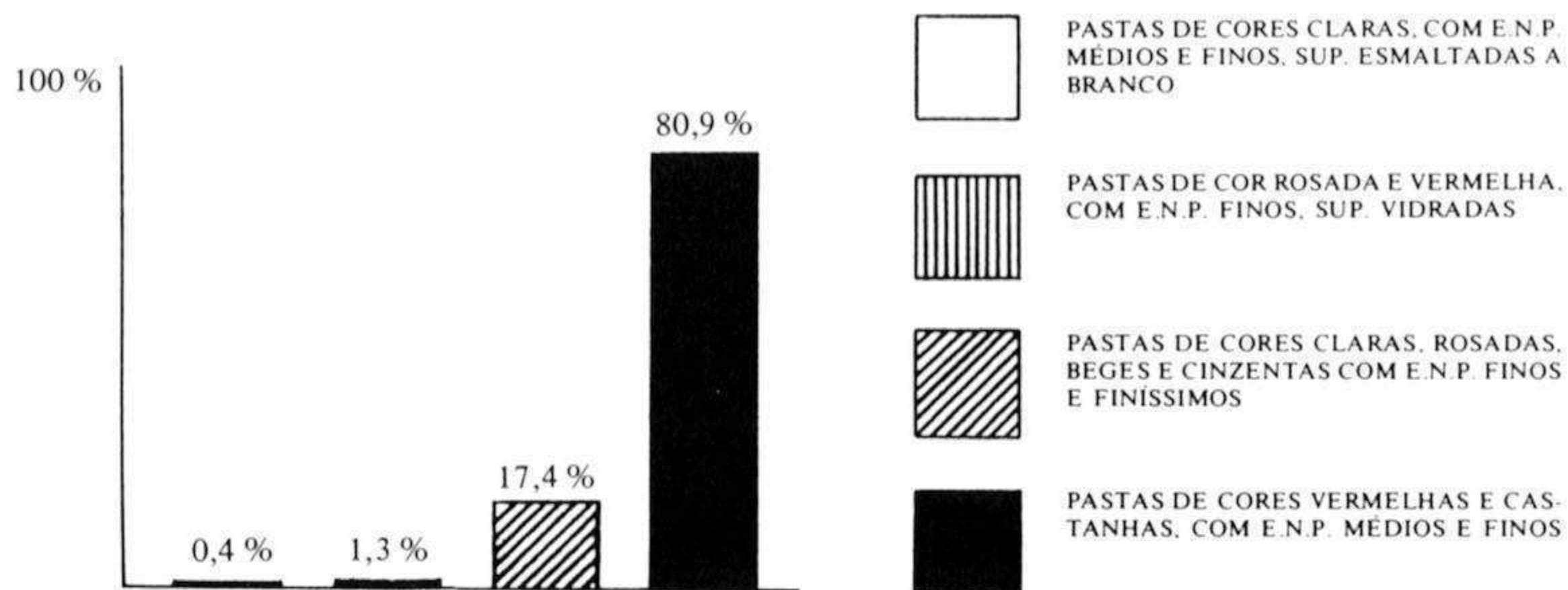
III.4.2.2. Cerâmicas comuns

No total dos fragmentos, das peças fabricadas com pastas de cores claras, só 2,4 % permitem uma atribuição formal. Neste caso encontram-se as jarras (Q3/C4-12) com gargalos altos, bordo extrovertido, lábio de secção semicircular, paredes finas e que teriam duas asas opostas. Uma destas peças apresenta decoração pintada, cor-de-laranja, sobre o bordo, assim como restos de outras linhas, escorridas, no interior. No corpo destes exemplares a decoração é variada predominando os motivos em tons de castanho (Q3/C4-4) e de negro (Q3/C4-8; Q3/C4-2).

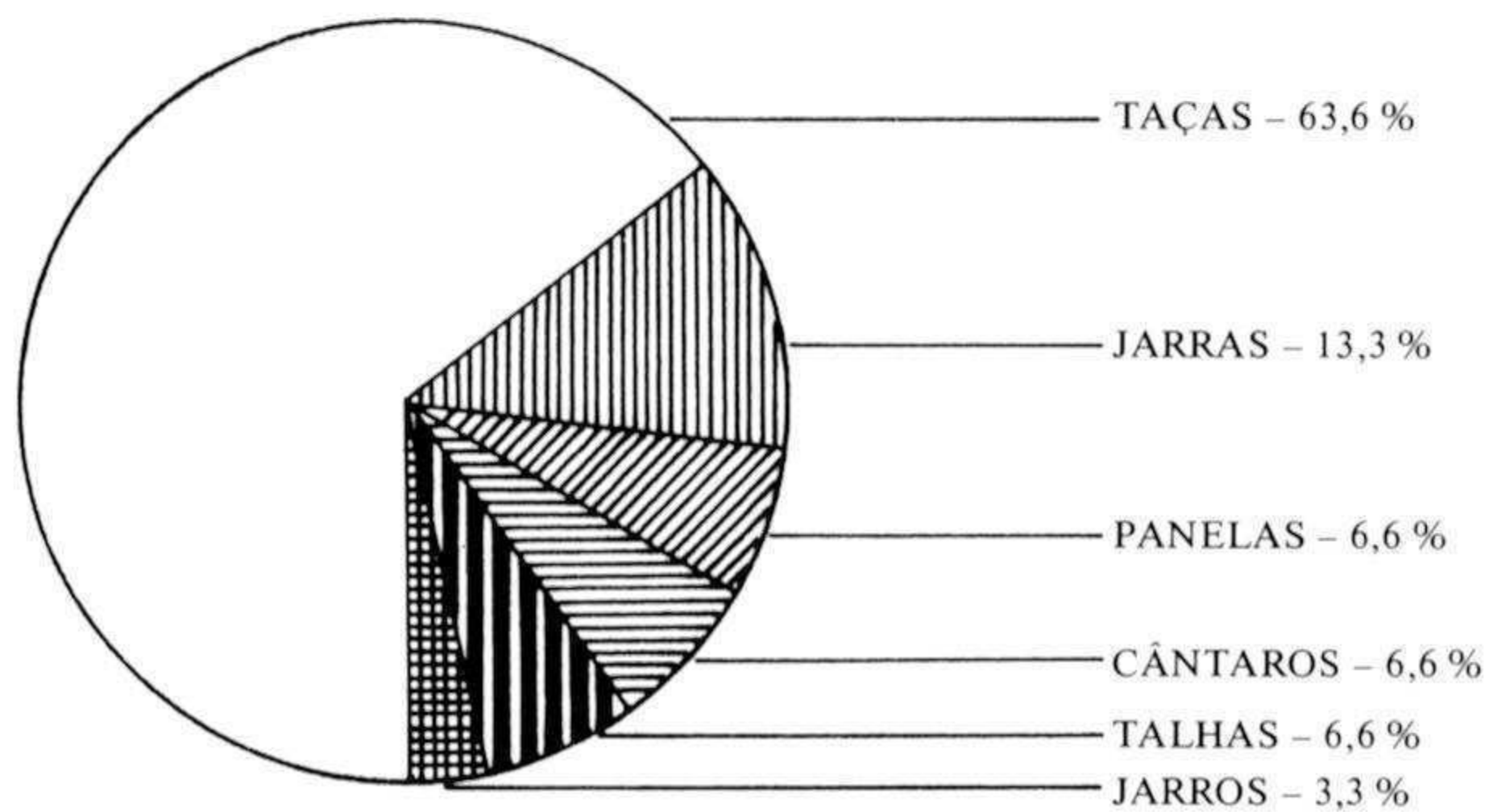
Entre os fragmentos de peças fabricadas com pastas de cores vermelhas e castanhas, apenas 6 % permitiram atribuição formal e pertencem a panelas, taças, cântaros e a talhas.

C4 – AS PASTAS E AS FORMAS

TIPOS DE PASTAS



REPORTÓRIO FORMAL



As panelas, que totalizam 6,6 % das formas detectadas (Q1/C4-2), mostram corpo globular, bordo baixo e sub-vertical, com lábio um pouco biselado no interior. Apresentam duas asas verticais, opostas e sobrelevadas, unindo o bordo ao corpo da peça. Estas, oferecem secção oval e um ligeiro cordão central, relevado. As superfícies têm aguada, de tom mais claro que o da pasta, e na exterior decoração formada por linhas, incisadas, paralelas e horizontais.

As taças (Q3/C4-3; Q10/C4-1; Q3/C4-9; Q3/C4-13; Q1/C4-1; Q3/C4-6) são peças muito comuns nesta camada (63,6 %), caracterizam-se por apresentarem paredes quase oblíquas, ou um pouco arqueadas, e bordos com as seguintes variantes: introvertido e lábio biselado no interior; introvertido e lábio com perfil semicircular; extrovertido e a face superior do lábio quase plana; lábio de perfil semicircular. Oferecem fundos planos e as superfícies da cor da pasta, sendo a interior brunida e a exterior só afagada (Q3/C4-13; Q1/C4-1). A superfície interior pode ter decoração pintada, de cor branca, constituída por linhas oblíquas, dispostas radialmente (Q3/C4-6), ou, ainda, uma linha pintada, sobre o bordo e outras na parede exterior, daquela mesma cor (Q3/C4-3). Estas taças podem ter, também, as superfícies de tom mais claro que o da pasta (Q10/C4-1), ou uma aguada de cor negra sobre a qual, na superfície exterior, foi elaborada decoração a branco (Q3/C4-9).

Os cântaros contabilizaram 6,6 % (Q3/C4-14) e têm bordo alto, extrovertido com paredes quase verticais, e lábio algo biselado. A decoração é conseguida através da variação cromática entre a superfície interior, com aguada de cor negra, e a exterior, pintada, de cor branca.

As talhas (Q1/C4-3), com uma percentagem de 6,6 %, oferecem grandes diâmetros, bordos espessados e extrovertidos, lábios de secção semicircular e paredes espessas. As superfícies têm a mesma cor da pasta.

III.4.3. Paralelos e cronologia

III.4.3.1. Cerâmica vidrada

Uma das taças (Q3/C4-1), recolhida nesta camada, mostra o pé em anel, baixo e plano, as superfícies vidradas e no interior do fundo, num tom castanho escuro, a representação de um bolbo de lótus. Este motivo floral, estilizado, encontra paralelos em Medina-az-Zahra (⁵²) sobre peças congéneres a esta, datadas nos séculos X e XI. As representações mais antigas destes bolbos (fig. III. 5) remontam ao século IX e provêm do Iraque, onde foram utilizados para decorar taças esmaltadas, de cor branca, que empregam a técnica do reflexo metálico. Mas, em Nishapur e em Fustat, um motivo similar figura, também, em taças com cronologias que oscilam entre os séculos X e XI (⁵³). Bem perto de Silves, no Cerro da Vila em Vilamoura (Loulé), foram recolhidas taças vidradas com decorações semelhantes à de Silves, tendo sido datadas, embora não estratificadas, nos séculos X e XI (⁵⁴).

(⁵²) Retuerce, M., e Zozaya, J., 1986, Variantes Geográficas de la Cerámica Omeya Andalusí, p. 108, fig. 2.

(⁵³) Wilkinson, C.K., 1973, Nishapur Pottery of the Early Islamic Period, p. 138.

(⁵⁴) Matos, J.L., 1983, Malgas Árabes do Cerro da Vila, p. 383, fig. 2.

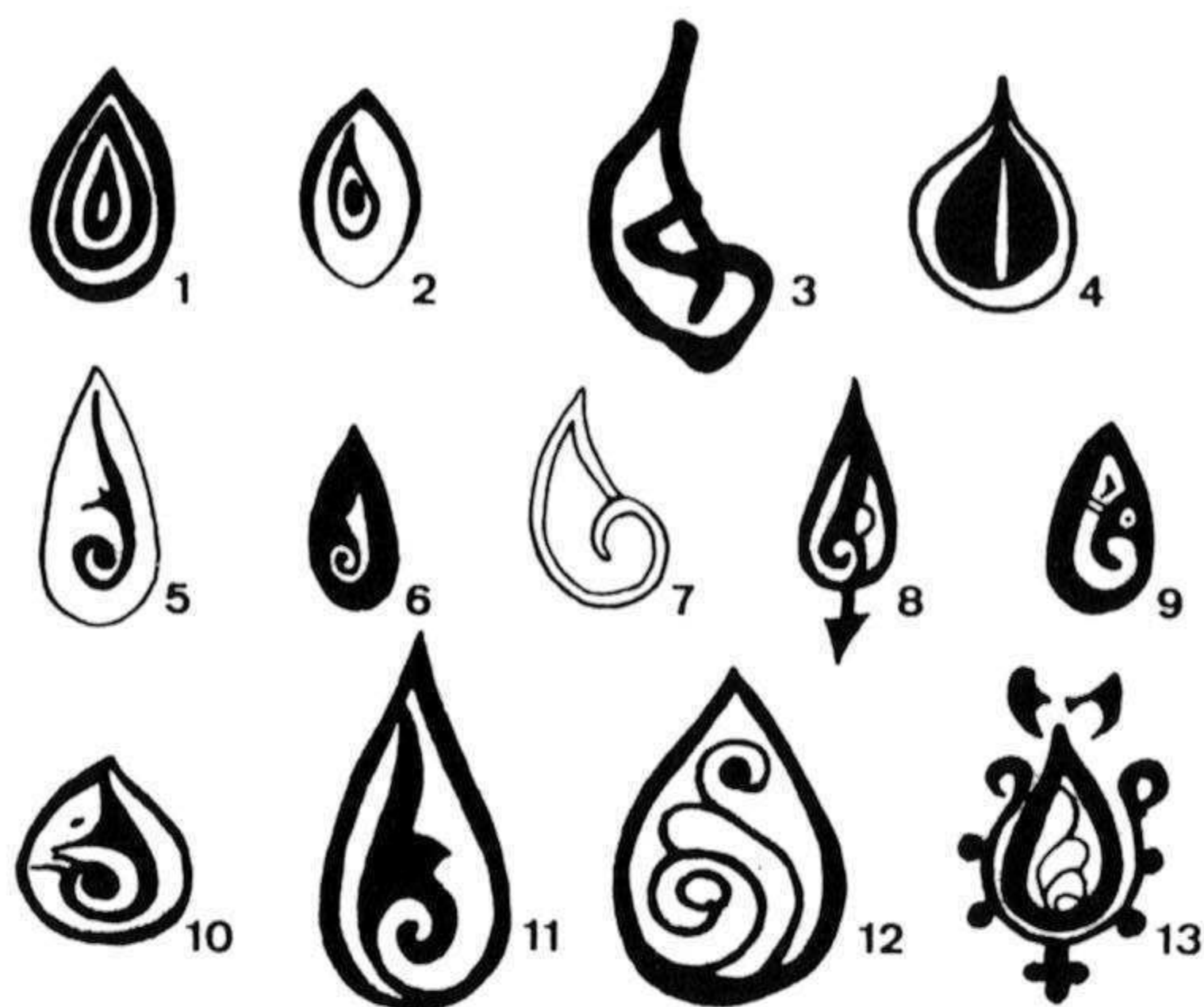


Fig. III.5. Representações de bolbos: 1 – Poço-Cisterna de Silves (sécs. XII-XIII); 2 – Castelo de Silves, C2 (sécs. XII-XIII); 3 – Castelo de Silves, C4 (sécs. X-XI); Castelo de Silves, C8 (sécs. VIII-IX); 5 – Nishapur (sécs. X-XI); 6 – Nishapur (sécs. X-XI); 7 – Nishapur (sécs. X-XI); 8 – Iraque (séc. IX); 9 – Nishapur (sécs. X-XI); 10 – Fustat (sécs. X-XI); 11 – Susa, Tunís (séc. IX); 12 – Merv (séc. XII); 13 – Samarra, Iraque (séc. X) (5-13, seg. Wilkinson, 1973, 138).

III.4.3.2. Cerâmica comum

Muitas das peças fabricadas com pastas de tons avermelhados e acastanhados, apresentam as superfícies dessa mesma cor, característica que as aproxima das cerâmicas recolhidas, por Zozaya⁽⁵⁵⁾, na fortaleza de Qal'at' Abd-al-Salam (Alcalá de Henares) e classificadas como pertencentes ao século X. Foi, aliás, nesta estação que encontramos bons paralelos para a panela (Q1/C4-2) proveniente do Castelo de Silves, com duas asas sobrelevadas, opostas, que ligam o bordo ao corpo da peça⁽⁵⁶⁾.

III.4.4. Integração cultural

Os paralelos que coligimos oscilam, cronologicamente, entre os séculos X e XI e atendendo à sucessão estratigráfica, que esta camada integra, podemos classificar os seus materiais nos finais do século X e, principalmente, no século XI. Recordemos que as peças foram recolhidas sobre o pavimento de uma habitação que se sobrepõe a outra, classificada como sendo construída na época califal, e é, por seu turno, sobreposta por estruturas do período almorávida. Esta camada, e os materiais que a constituem, embora pouco expressiva em termos de testemunhos, pode ser atribuída ao período taifa, durante o qual foi escrita a famosa «Evocação de Silves» de Al-Mutamide.

(⁵⁵) Zozaya, J., 1983, Excavaciones en la Fortaleza de Qal'at' Abd-Al-Salam (Alcalá de Henares), Madrid, pp. 512, 513.

(⁵⁶) Op. cit., p. 444, fig. 20c.

III.5. AS CERÂMICAS ALMORÁVIDAS (CAMADA 3)

III.5.1. As pastas

Possuímos, nesta camada, um total de 843 fragmentos de cerâmica, cujo estudo estatístico conclui:

1) 0,4 % foram fabricados com pastas de cores muito claras, em tons de branco, amarelo claro (5Y8/2; 5Y7/3), muito bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino e finíssimo. As superfícies exteriores destas peças mostram manchas, espessas, de vidrado de cor verde.

2) 16 % foram produzidos com pastas de cores claras, em que predominam os tons de cinzento e bege (5YR7/4; 5YR7/6; 7.5YR8/4; 10YR7/4; 10R6/8), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão médio e o finíssimo. Incluímos, neste grupo, os fragmentos que oferecem uma das superfícies com decoração, pintada, de cor castanha escura a negra (7,4 %) e de cor vermelha (4,4 %).

3) A maior percentagem, 83,6 %, é constituída pelas cerâmicas fabricadas com pastas de cores vermelhas e castanhas (10R5/6; 10R5/8; 10R4/2; 10R4/6; 2.5YR5/8; 2.5YR6/8), contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão fino e o grosso. A este grupo pertencem, também, as cerâmicas que oferecem uma das superfícies decoradas com linhas pintadas, de cor branca, e que totalizam 13,6 %, assim como os fragmentos que mostram, numa das superfícies, aguada de tom mais escuro que o da pasta, e têm como decoração linhas, pintadas, de cor negra (0,7 %).

III.5.2. As formas e as decorações

III.5.2.1. Cerâmicas de pastas claras com manchas, exteriores, de vidrado

Exumámos dois fragmentos, com estas características, que pertencem a um bule e a uma lucerna. O bule (Q1/C3-1) tem corpo globular, bordo baixo e extrovertido, com lábio de secção semicircular algo biselado no exterior, uma asa e, do lado oposto a esta, um pequeno gargalo de forma bitroncocónica. A superfície externa está decorada, sob o bordo, com manchas, de vidrado espesso, verdes escuras.

A lucerna (Q7/C3-1) mostra corpo circular com uma asa de forma oval que o ligava ao gargalo, e teria bico comprido. Utiliza como decoração, na superfície exterior, a técnica da corda seca parcial, em que a pintura, de cor verde clara amarelada, é constituída por linhas triangulares, ladeadas por ponteados, e o interior deste motivo foi preenchido com vidrado, espesso e escorrido, de cor verde escura.

III.5.2.2. Cerâmicas comuns

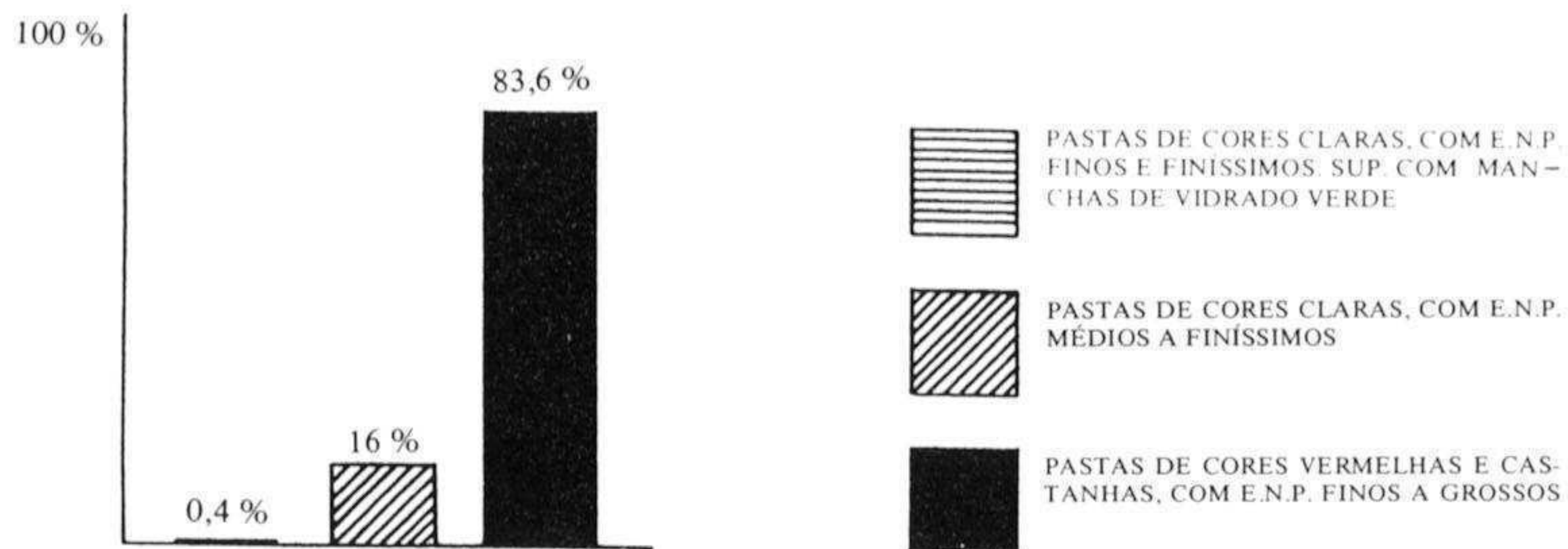
No conjunto das cerâmicas fabricadas com pastas claras, somente 0,7 % permitem atribuição formal e pertencem a um almofariz, a taças e a uma ânfora.

O almofariz (Q5/C3-2), mostra bordo muito espessado, lábio em bisel, paredes fortes e ligeiramente oblíquas. As superfícies têm tonalidade mais clara que a da pasta.

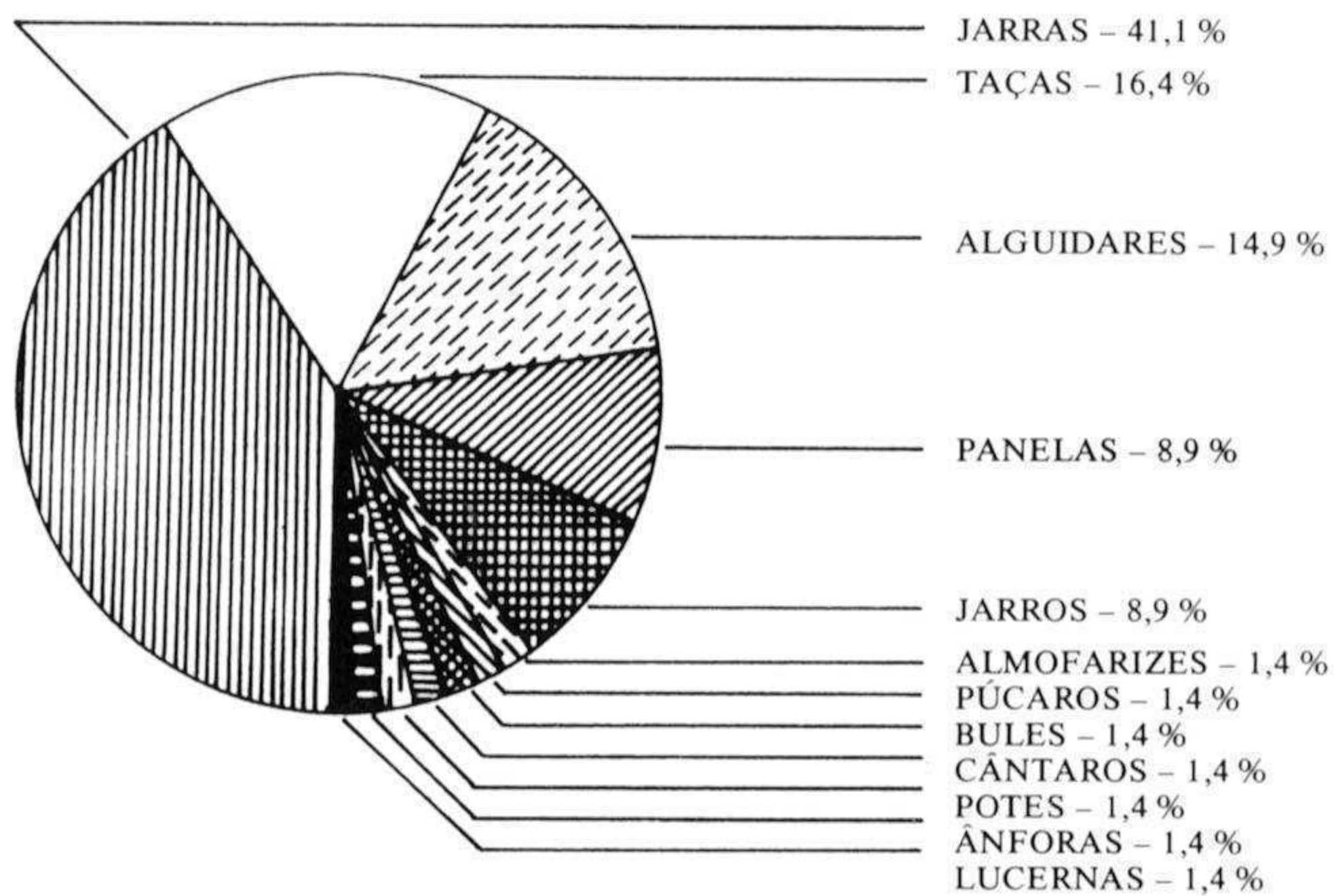
As taças (Q5/C3-13; Q5/C3-6), apresentam bordo espessado, exteriormente, com lábio de secção semicircular, paredes inclinadas e fundo plano. As superfícies oferecem tom mais claro que o da pasta e a exterior encontra-se decorada por linhas, arqueadas, cor-de-

C3 – AS PASTAS E AS FORMAS

TIPOS DE PASTAS



REPORTÓRIO FORMAL



-laranja (Q5/C3-13). Na superfície interior observa-se um motivo geométrico (Q5/C3-6) daquela mesma cor.

O único fundo de ânfora (Q11/C3-4), até agora descoberto, mostra forma troncocilíndrica, com paredes espessas, e superfícies da mesma cor da pasta.

Outros fragmentos, pertencentes às paredes de vasilhas, de formas variadas, oferecem as superfícies decoradas com linhas, pintadas e escorridas, cor-de-laranja (Q5/C3-5), negras ou castanhas escuras. Reconhecemos um motivo, semicircular, executado com bateria de pincéis (Q5/C3-11), assim como um outro constituído por linhas oblíquas, dispostas em série, em relação a outra vertical que, por sua vez, está separada, por vários pontos, de uma linha vertical ondulada.

No total das cerâmicas fabricadas com pastas de cores vermelhas e castanhas, apenas 4,2 % permitem uma atribuição formal, distribuída pelas seguintes espécies: alguidares (14,9 %), panelas (8,9 %), taças, púcaros (1,4 %), jarras (41,1 %), cântaros (1,4 %), e potes (1,4 %). O total das taças, fabricadas com os dois tipos de pastas referidas, é de 16,4 %.

Os alguidares (Q5/C3-4), têm o bordo espessado e extrovertido, com lábio de secção semicircular, paredes inclinadas e fundos planos. Alguns exemplares mostram aguada, de cor quase branca, na superfície exterior.

As panelas (Q5/C3-12), apresentam corpo globular com fundo ligeiramente convexo, bordos baixos e duas asas opostas. Às superfícies exteriores foi dada aguada, de cor escura, e, sobre ela, foram pintados motivos de cor branca.

O único púcaro, desta camada (Q1/C3-2), tem o bordo com lábio de secção semicircular, ligeiramente biselado no interior, e fundo plano. A superfície exterior oferece decoração pintada, de cor branca, constituída por um reticulado inserido numa cartela limitada por duas linhas horizontais.

As jarras (Q5/C3-1; Q5/C3-8; Q5/C3-7), mostram bordo alto, duas asas de secção sub-oval que o ligam ao corpo da peça, e fundo plano. O bordo é um pouco inclinado para o interior, com lábio de secção semicircular ou algo biselada. A superfície exterior está decorada com linhas, pintadas, de cor branca. Um dos exemplares apresenta um mamilo, na parte mais elevada da asa, que teria, além de uma função utilitária, carácter decorativo.

O cântaro (Q5/C3-14), possuiria corpo ovóide onde assentava um gargalo alto, de paredes direitas e bordo extrovertido com a superfície superior plana. Esta foi decorada com pequenos traços pintados, dispostos radialmente e em série, de cor branca.

O pote (Q5/C3-10), apresenta paredes inclinadas e teria corpo globular. Apresenta o bordo espessado e extrovertido, com lábio de secção semicircular. Às superfícies foi dada aguada, de cor cinzenta escura, e oferece, ainda, sobre o bordo uma linha, pintada, de cor negra.

III.5.3. Paralelos e cronologia

A lucerna, que utiliza como decoração a corda seca parcial, encontra semelhanças, tanto formais como decorativas, num exemplar, actualmente, no Museu de Badajoz ⁽⁵⁷⁾,

(⁵⁷) Fernandez, F.V., 1985, Los Candiles Islámicos del Museo de Badajoz, p. 179, fig. 7-1.

que foi classificado, por utilizar aquela técnica ornamental, como sendo posterior ao século XI; problema já por nós tratado em III.2.3.1.

O bule, que oferece como decoração pingos de vidro espesso, recorda as manchas e os escorridos, em vidro de várias cores, sobre fundos esmaltados, do Egipto e da Mesopotâmia. Esta técnica foi ali iniciada no século X, desenvolvendo-se, em particular, no século XI e prolongando-se, também, pelo século XII. Encontramos algumas destas produções no Museu Benaki de Atenas (⁵⁸).

As jarras, fabricadas com pastas vermelhas, de colo alto, bordo ligeiramente inclinado para o interior e com um mamilo na parte superior da asa (Q5/C3-7), puderam ser classificadas, em Maiorca, nos inícios do século XII (⁵⁹).

III.5.4. Integração cultural

Apesar de serem poucos os paralelos coligidos para os materiais desta camada, parece-nos que a podemos datar, em termos históricos, como pertencente ao período almorávida. A camada que a sobrepõe, e que utiliza algumas das suas estruturas como alicerces, é claramente almoada. Em termos cronológicos, os materiais referidos e o estrato que os integra, serão dos finais do século XI ou dos inícios do século XII. Em relação à produção cerâmica devemos valorizar o que, aliás, tem sido tomado, por vários autores, como típico deste período, e do anterior, a denominada «corda seca parcial». Outra técnica decorativa, ao gosto almorávida, serão as séries de pingos e de escorridos de vidrados espessos, de cor verde escura, sobre peças fabricadas com pastas claras, em tons de bege, e não vidradas ou esmaltadas, ornando tanto os seus bordos, como os colos ou os bojos. Uma outra inovação, desta época, respeita ao aparecimento do pequeno mamilo sobre a parte superior das asas das jarras, cujo uso se prolonga pelo período posterior.

III.6. CERÂMICAS ALMOADAS (CAMADA 2)

III.6.1. As pastas

Exumámos nesta camada, pertencente à última ocupação muçulmana da alcáçova, 11385 fragmentos de cerâmica. A partir do estudo estatístico deste material podemos concluir:

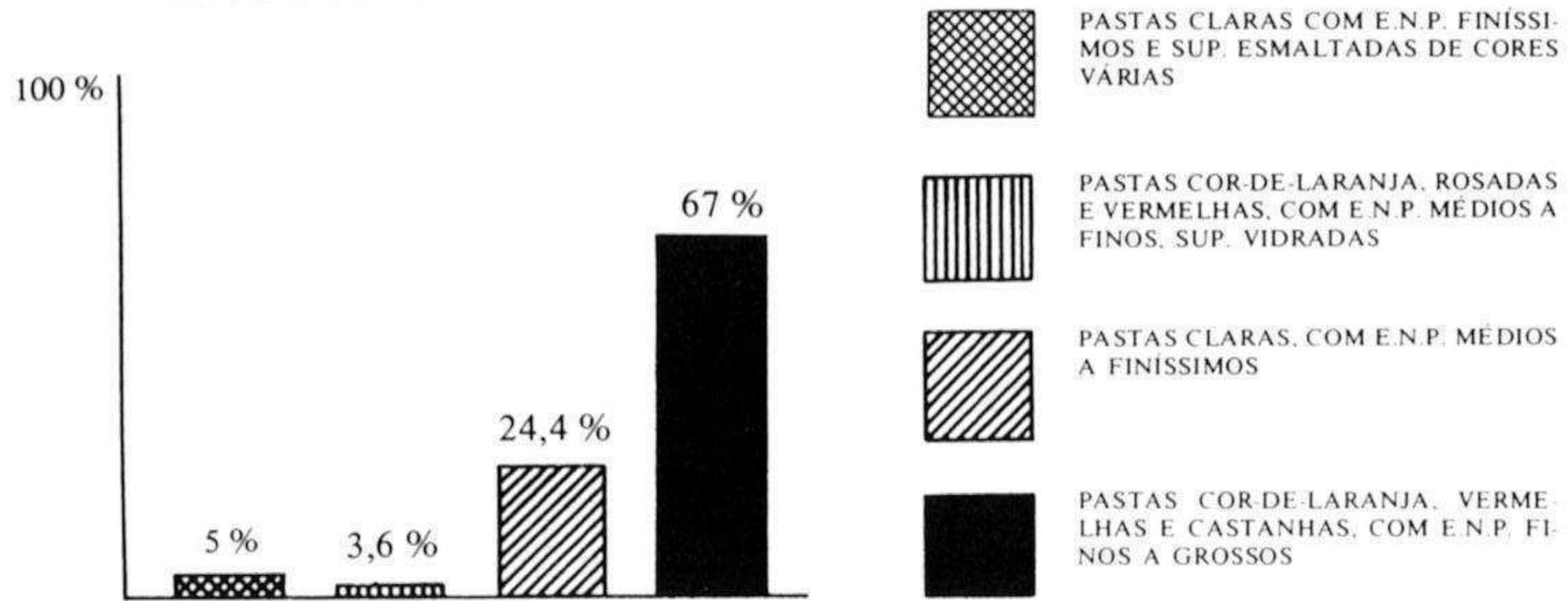
1) 5 % foram fabricados com pastas de cor branca, em tons bege, rosado, amarelo claro, cor-de-laranja, vermelho amarelado, vermelho acastanhado e acinzentado (2.5YR8/2; 10YR8/2; 10YR8/3; 10YR8/4; 7.5YR8/4; 7.5YR8/6; 5YR7/4; 5YR7/3; 5YR8/4; 5YR8/3; 5YR8/2; 2.5YR6/4; 2.5YR6/6; 2.5YR6/8; 10R6/6; 5Y8/3; 2.5YR5/8; 5YR7/6; 5YR6/6; 10R5/4; 10YR7/1; 10YR7/2), bem depuradas, sendo os elementos não plásticos pouco perceptíveis. São excepção as peças de grandes dimensões onde predominam elementos de grão médio a grosso. Estes fragmentos oferecem as superfícies esmaltadas de cor branca,

(⁵⁸) Philon, H., 1980, *Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries*, pp. 38, 51, 61.

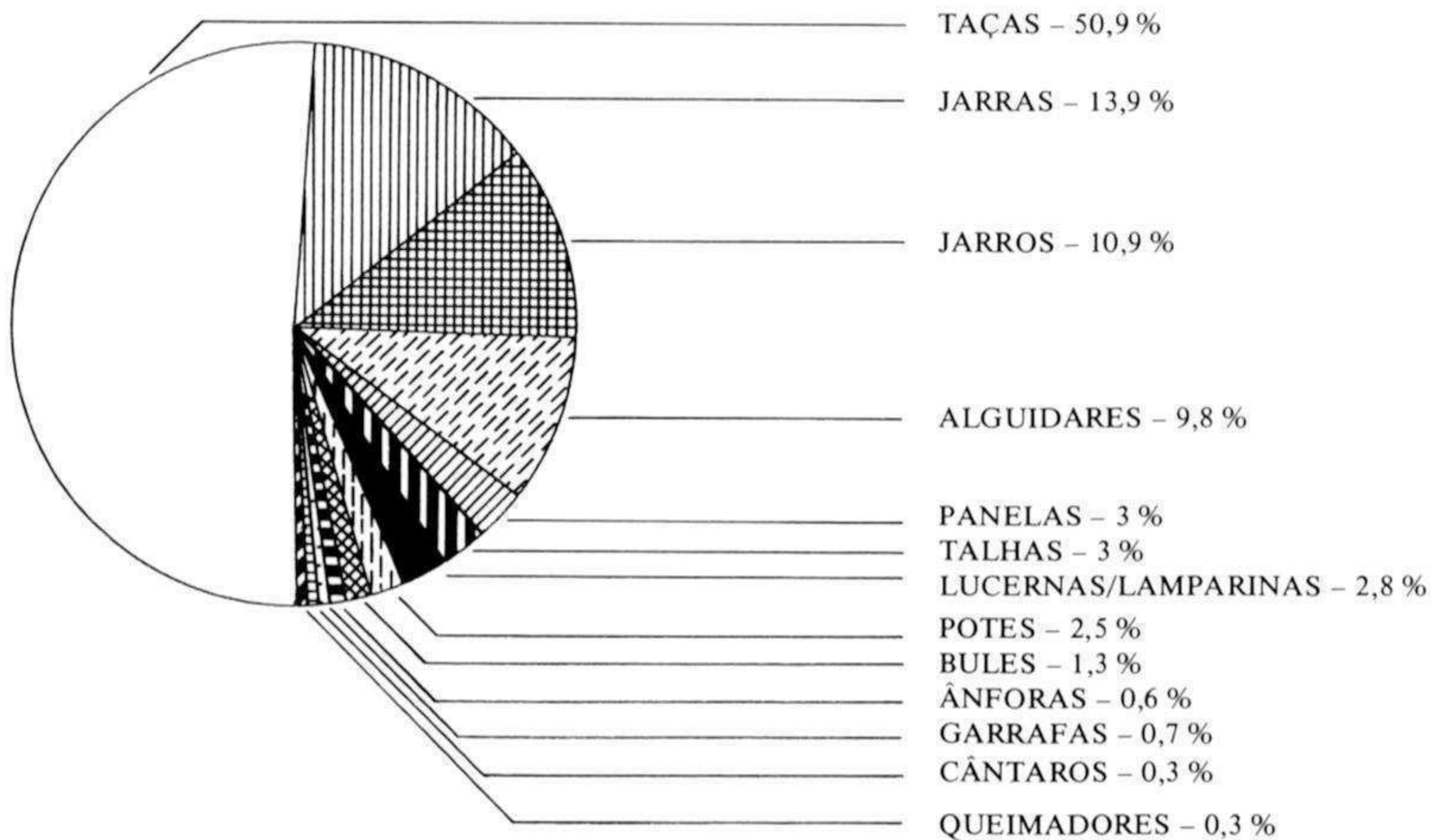
(⁵⁹) Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*, fig. 84.

C2 – AS PASTAS E AS FORMAS

TIPOS DE PASTAS



REPORTÓRIO FORMAL



verde, verde e branca, verde e amarela, amarela e castanha.

2) 3,6 % dos materiais foram elaborados com pastas cor-de-laranja, rosada e vermelha (2.5YR5/8; 2.5YR6/6; 5YR7/6; 10R6/6; 10R5/6; 10R5/8; 2.5YR5/6; 2.5YR5/8) bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão médio a fino. Apresentam as superfícies vidradas.

3) 24,4 % das cerâmicas mostram pastas de cor bege, rosada, amarela clara, bege avermelhada e acinzentada (10YR7/4; 10YR8/3; 7.5YR7/4; 2.5YR6/6; 5YR7/4; 5YR7/1; 5YR8/4; 7.5YR8/4; 5YR7/6; 10R6/6; 5Y8/2; 5Y7/6; 5YR6/4; 10YR7/2; 5YR7/2), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão médio e o finíssimo. Incluímos neste grupo os fragmentos decorados com linhas pintadas, de cor castanha escura a negra, cerca de 3,5 %, cor-de-laranja a vermelha, cerca de 1,4 %, e 0,1 % que mostram engobe de cor negra, numa das superfícies onde foram abertos motivos esgrafitados.

4) 67 % dos fragmentos apresentam pastas de cor vermelha, castanha e cinzenta (10R5/8; 10R4/8; 10R4/6; 5YR6/4; 10R4/1; 10R5/1) contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão fino e o grosso. Pertencem, também, a este grupo as cerâmicas decoradas numa das superfícies, as com linhas pintadas de cor branca, cerca de 4,7 %, assim como as peças que têm uma das superfícies brunidas, cerca de 4%, e as que apresentam brilho metálico em apenas uma das superfícies (0,5%).

III.6.2. As formas e as decorações

III.6.2.1. Cerâmicas esmaltadas a branco

As cerâmicas que oferecem as superfícies esmaltadas, a branco, pertencem a taças, potes e a tampas (Q8/C2-2; Q29/C2-2; Q36/C2-3; Q5/C2-4; Q18/C2-14; Q20/C2-3; Q22/C2-2; C2-9).

As taças mostram formas abertas com diâmetros, no bordo, que variam entre 0.085 m e 0.270m, e têm o pé alto, em anel. O bordo pode apresentar as seguintes variantes: extrovertido e lábio de perfil biselado, lábio com secção semicircular ou algo biselado.

As tampas (C2-9) têm paredes oblíquas, fecho hermético formado por uma gola saliente e horizontal, e teriam uma pega troncocônica. A superfície exterior exhibe, por vezes, uma cartela decorada com motivos fitomórficos estilizados.

III.6.2.2. Cerâmicas esmaltadas a branco, com decoração a azul de cobalto ou dourada

Os potes, de pequenas dimensões (Q5/C2-1), têm o corpo ovóide, com ligeira carena a meia altura, bordo introvertido, lábio plano, onde assentaria a tampa, e pé em anel. Uma destas peças oferece, na superfície exterior, restos de duas linhas, de cor dourada, uma junto ao bordo e outra na separação entre a parede e o pé.

As duas taças (Q5/C2-3; Q33/C2-3), que apresentam rara decoração com azul de cobalto e dourado, mostram formas abertas, com diâmetros, no bordo, que variam entre 0.184 m e 0.240 m. O bordo pode ser extrovertido e ter o lábio com secção circular ou algo biselado. Assentavam num pé alto e em anel. Uma delas (Q5/C2-3) apresenta pintura, na superfície interior, de tom azul intenso, formada por um motivo floral com oito pétalas.

Uma outra (Q33/C2-3), está ornada, nas duas superfícies, segundo a técnica do reflexo metálico. Na superfície interior intercalam temas florais com epigráficos, onde se

reconhece um bolbo entreaberto de lótus, e restos de uma inscrição em caracteres cúficos. Linhas horizontais, no mesmo tom dourado, foram pintadas sobre o bordo. Na superfície exterior estão representados, também, motivos fitomórficos de formas abertas e traçado gestual.

III.6.2.3. Cerâmicas esmaltadas de cor verde, verde e branca, verde e amarela ou, somente, de cor amarela

Todas as peças permitiram identificação formal e pertencem a taças, jarras, redomas ou garrafas, lucernas, talhas, tampas e a queimadores.

As taças (Q11/C2-4; Q11/C2-5; Q11/C2-6; Q11/C2-7; C2-2; C2-3; C2-12; C2-1; Q5/C2-9; Q2/C2-7; Q3/C2-4; Q5/C2-8; C2-4; C2-8; C2-6; Q11/C2-2; Q18/C2-3; Q36/C2-4; Q7/C2-5; Q3/C2-2; Q7/C2-8; Q18/C2-3; Q36/C2-1; Q14/C2-3; Q14/C2-2; Q3/C2-1; Q11/C2-10; Q35/C2-1; Q14/C2-6) apresentam formas abertas com diâmetros, no bordo, que variam entre 0.138 m e 0.423 m, paredes com ligeira carena, ou com carena acusada, assentes num pé, alto, e em anel. Mostram as seguintes variantes no bordo: espessado e demarcado, exteriormente, por uma linha incisa, com lábio algo biselado no exterior e a parte superior plana, ou com lábio de secção semicircular; um pouco estrangulado e demarcado, exteriormente, por uma linha incisa, com lábio biselado na face exterior; um pouco espessado e extrovertido, com lábio ondulado; espessado e com lábio em bisel; com lábio de secção semicircular.

A decoração destas peças pode ser conseguida apenas por uma simples variação cromática, entre a superfície interior e a exterior, ou, também, por decoração incisa, na superfície exterior das taças carenadas, e ainda por estampilhagem, aplicada no fundo das taças que mostram carena acusada.

A sua valorização plástica é mais acentuada nas formas carenadas e pode mostrar as seguintes variantes, em que contrastam as duas superfícies: interior de cor branca sendo a exterior de cor verde turquesa (Q11/C2-4); interior de cor verde clara sendo a exterior de cor verde turquesa (Q11/C2-5); interior de cor verde clara, amarelada, sendo a exterior de cor verde (Q11/C2-6); interior de cor verde sendo a exterior de cor verde mais clara (Q11/C2-7; C2-12); interior de cor verde turquesa sendo a exterior de cor verde escura (C2-3); interior de cor verde clara sendo a exterior de cor verde escura (Q5/C2-9). A decoração da superfície exterior, destas taças carenadas, é constituída por linhas incisadas dispostas do seguinte modo: sob o bordo e separando a parede do início do fundo da peça (Q11/C2-4; Q11/C2-5; Q11/C2-6); formando canelado (Q11/C2-7; C2-2); delimitando uma cartela, horizontal, com duas linhas de cada lado, e tendo o interior preenchido com temas florais estilizados, representando palmetas (Q5/C2-9), executadas através de incisões largas. Um motivo semelhante encontra-se numa peça com as duas superfícies esmaltadas de cor amarela. Noutros exemplares (C2-12) a decoração limita-se ao bordo, onde encontramos dedadas, dispostas em série, formando ondulado.

Nas taças com carena acusada a superfície interior é sempre de cor verde, variando, somente, o tom da superfície exterior entre verde claro (Q5/C2-8; Q3/C2-4) e verde claro amarelado (C2-4; C2-6). Um único exemplar tem a superfície exterior de cor branca (Q7/C2-8). Estas peças apresentam, na superfície interior, duas linhas incisadas que delimitam, no fundo, uma cartela circular decorada por estampilhagem. Os assuntos representados por estas pequenas impressões são: dois pequenos círculos concêntricos (Q5/C2-8; Q11/C2-2; Q7/C2-5; Q3/C2-2); um círculo dividido em quatro quadrantes

contendo, cada um deles, um pequeno círculo inscrito (Q3/C2-1); pequenas flores, com pétalas dispostas radialmente (Q18/C2-3; C2-4; Q14/C2-3; Q14/C2-2); pequenos motivos ramiformes (Q7/C2-8); bolbos, com três formas concêntricas, dispostas em série (Q36/C2-1); e, ainda, teoria de motivos impressos a pente (Q12/C2-1; Q7/C2-4; C2-8).

O interior dos temas decorativos referidos, tanto incisos como estampilhados, elaborados sobre as taças, carenadas e nas de carena acusada, oferecem sempre tonalidade mais acentuada, que a da restante superfície onde se encontram. Este facto deve-se à maior acumulação de esmalte nas pequenas depressões abertas por aqueles motivos.



Fig. III. 5a. Catálogo dos motivos, estampilhados e impressos a pente, que decoram o interior de algumas taças esmaltadas de carena acusada.

As tampas (Q18/C2-9; Q33/C2-1; Q18/C2-13; Q38/C2-1; Q11/C2-9; Q2/C2-6; C2-5), que têm diâmetros, na boca, que variam entre 0.166m e 0.187m, poderiam ter sido utilizadas, dadas as suas dimensões, para cobrir algumas das taças carenadas. Apresentam forma hemisférica achatada, fecho hermético, e uma pega de forma troncocónica. Oferecem as superfícies esmaltadas, numa única cor, podendo ser amarelas (Q18/C2-9) ou verdes claras (Q33/C2-1); num só tom mas com escorridos de cor diferente, como numa das peças (Q2/C2-6) que embora seja de cor branca tem várias manchas de cor verde; e, por último, possuindo variantes cromáticas entre as duas superfícies. Estas podem ser de cor branca, na superfície interior, e de cor verde clara, na exterior (Q18/C2-13); de cor branca, na interior, e de cor verde turquesa na exterior (Q11/C2-9), ou de cor verde clara amarelada, na interior, e de tom mais escuro na exterior (Q38/C2-1; C2-5).

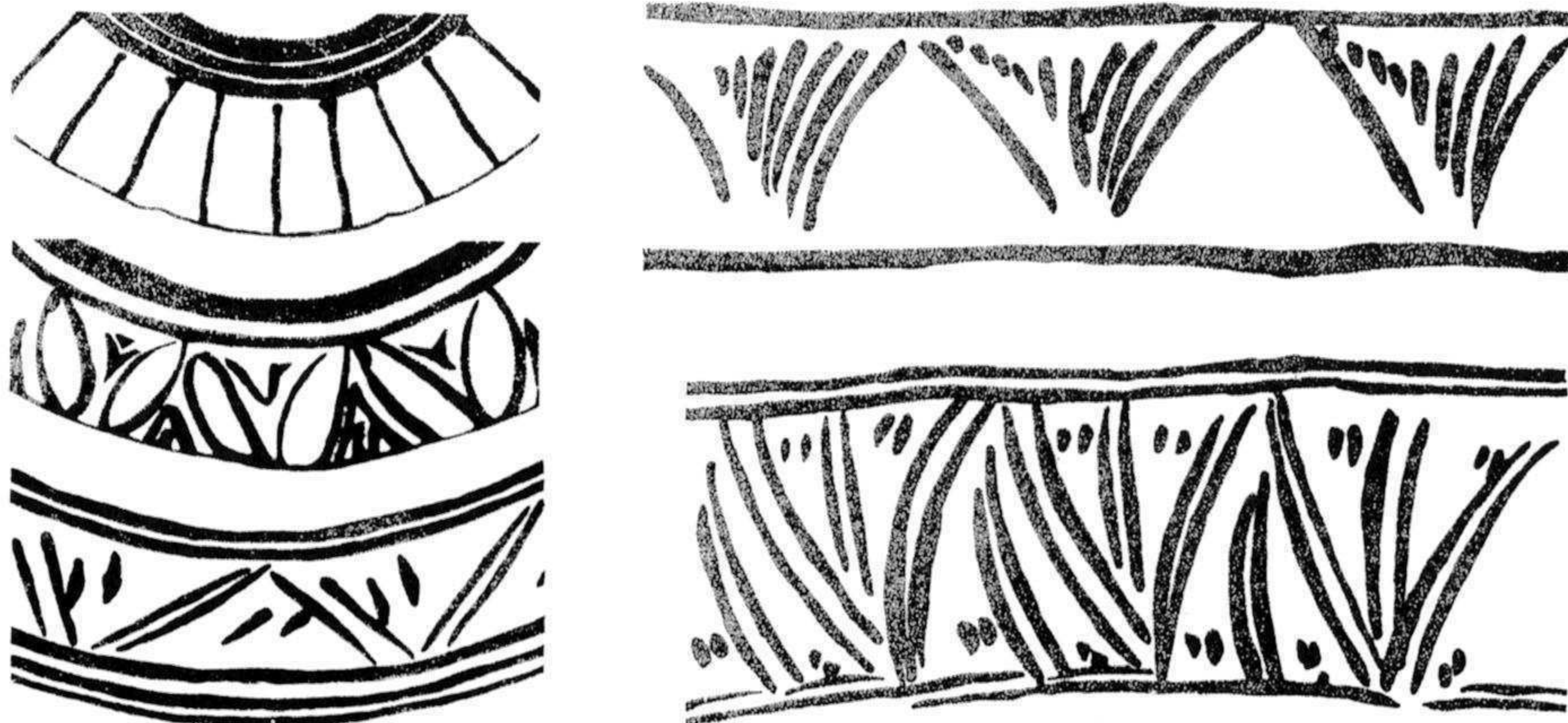


Fig. III. 5b. Decoração incisa em tampas e taças carenadas, esmaltadas, com motivos geométricos e fitomórficos.

As decorações incisadas nas tampas foram aplicadas nas superfícies exteriores e podem constar de: duas linhas, paralelas, sobre o fecho (Q33/C2-1; Q18/C2-13); três linhas, também paralelas entre si, uma a meio da parede e duas outras perto da pega (Q18/C2-9); finas caneluras, horizontais, na superfície mesial (C2-5); linhas horizontais paralelas (três na parte superior e uma na inferior) e outras verticais, formando, com as anteriores, métopas (Q11/C2-9); uma cartela delimitada por quatro linhas, paralelas e horizontais, duas de cada lado, contendo representações de carácter fitomórfico, muito estilizadas, em forma de palmeta (Q38/C2-1).

As jarras (Q11/C2-11; Q33/C2-2; Q18/C2-1; Q34/C2-2), apresentam bordo alto, ligeiramente introvertido, com lábio de secção semicircular, ou biselado, e um pouco extrovertido. Oferecem duas asas, opostas, ligando o bordo ao corpo da peça. Estas, podem mostrar perfil sub-oval e um botão, na parte superior (Q33/C2-2), ou, ainda, representar uma cabeça de equídeo.

Uma das pegas zoomórficas (Q18/C2-1) exhibe orelhas e crina, bem modeladas, assim como um cabeção; na outra (Q34/C2-2), reconhecem-se os olhos, e as crinas, que se encontram marcadas através de pequenas incisões.

As superfícies destas jarras podem ser de cor verde intensa (Q11/C2-11); de cor verde clara (Q18/C2-1; Q34/C2-2); de cor verde na superfície exterior e de cor verde amarelada a interior (Q33/C2-2). A tonalidade do esmalte acentua-se sobre o bordo e na parte superior das pegas. Só possuímos fragmentos de uma jarra com a superfície exterior decorada com linhas incisadas, paralelas e horizontais, formando canelado.

As redomas, ou pequenas garrafas (Q20/C2-4), apresentam corpo quase esférico com pé baixo, em anel, e possuiriam gargalo alto, podendo não oferecer asas ou terem apenas uma. As superfícies interiores são de cor verde amarelada e as exteriores de cor branca esverdeada, ou verde turquesa, decoradas com linhas muito estreitas, horizontais e paralelas, pintadas de cor negra.

Recolhemos uma lucerna (Q8/C2-6) com corpo circular, pequeno bico sub-rectangular, e tendo, ao centro, um elemento para suspensão. Só apresentam esmalte, de cor verde turquesa, a superfície interior e o bordo, observando-se, na superfície exterior e na base, restos, escorridos, de esmalte daquela mesma cor.

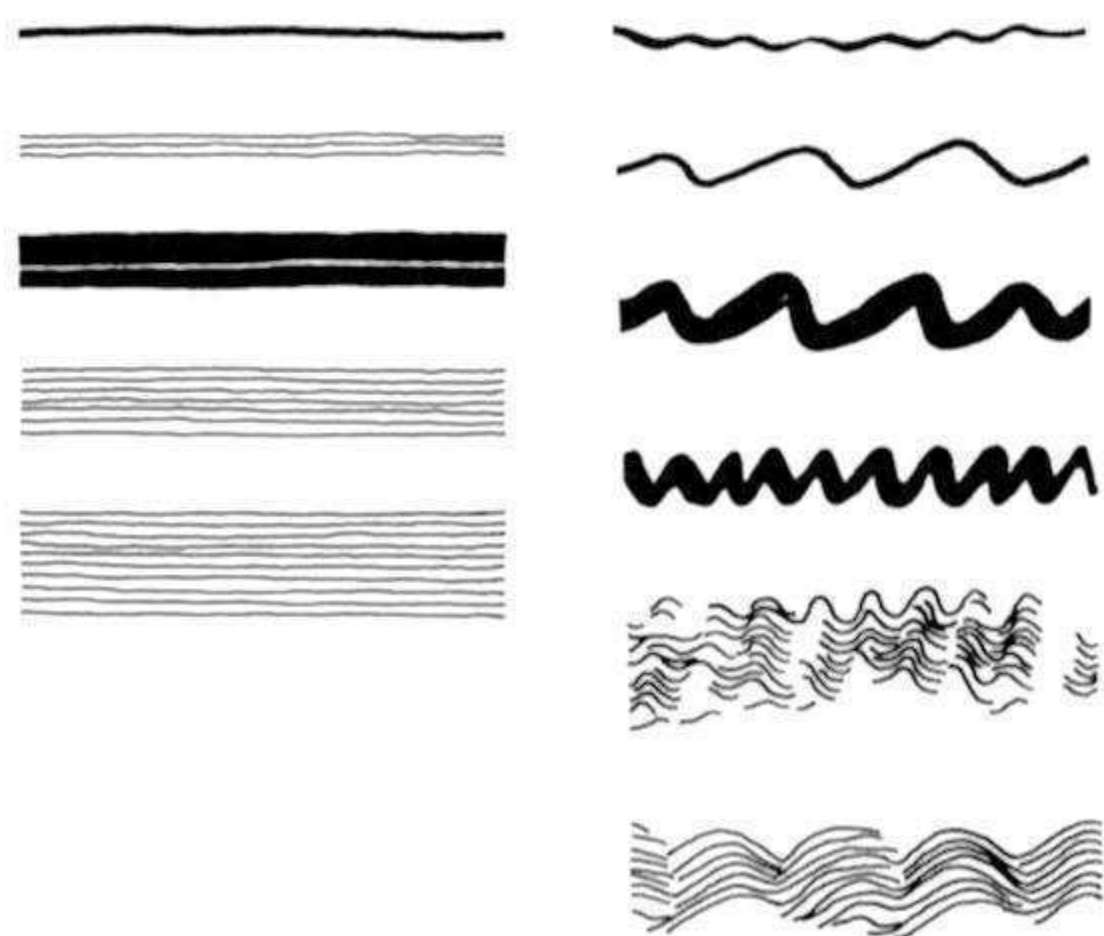


Fig. III. 5c. Decoração, incisada, em peças de cerâmica comum.

As talhas (Q18/C2-10; Q34/C2-1; Q22/C2-1; Q11/C2-3; Q25/C2-2; Q3/C2-6; Q7/C2-6; Q18/C2-4; Q9/C2-1; Q9/C2-2; Q18/C2-6; Q14/C2-1; Q18/C2-8; Q27/C2-1; Q18/C2-5; Q3/C2-3; S1/Q1/C2-1), teriam corpo ovóide com fundo apontado, apresentam bordos altos, extrovertidos, com o lábio de perfil recto (um deles demarcado por uma linha, incisa, na superfície exterior, sob o bordo) (Q22/C2-1), e com diâmetros, que variam entre 0.300m e 0.403m. Duas asas, opostas, de perfil quase semicircular ligam-se ao corpo destas peças. As superfícies interiores mostram aguadas que podem ter: tom mais claro que o da pasta e abrangendo, também todo o bordo (Q34/C2-1; Q22/C2-1; Q7/C2-6; Q14/C2-1; Q27/C2-1; S1/Q1/C2-1) ou só a parte superior deste (Q18/C2-10); cor mais escura que a da pasta (Q18/C2-6; Q18/C2-8); e, ainda, a mesma tonalidade da pasta.

As superfícies exteriores destes grandes recipientes podem apresentar: a mesma cor da pasta e mostrar pingos, escorridos, de esmalte de cor verde (Q3/C2-6); uma zona esmaltada, de cor verde, mantendo a restante área em reserva (Q18/C2-4; Q9/C2-1; Q9/C2-2); toda a superfície exterior coberta com esmalte, espesso, da mesma cor verde (Q25/C2-2; Q7/C2-6; Q18/C2-8; Q27/C2-1; Q3/C2-3) ou em vários tons desta cor (Q18/C2-6; Q14/C2-1; Q18/C2-5; S1/Q1/C2-1).

Algumas destas talhas são decoradas pela impressão de grandes matrizes, normalmente de forma rectangular, que podem intercalar com pequenas bandas ou frisos de estampilhas menores (Q25/C2-2; Q9/C2-1; Q9/C2-2; Q18/C2-2; Q14/C2-1; Q27/C2-1; S1/Q1/C2-1). Um dos exemplares (Q3/C2-6) mostra cartela rectangular, delimitada por três linhas incisadas, que nunca chegou a ser decorada. As grandes estampilhas representam motivos antropomórficos, fitomórficos, arquitectónicos, leteriformes e geométricos, como os que a seguir descrevemos.

Uma mão direita aberta, “mão de Fátima”, com os dedos estendidos, rodeada por motivos fitomórficos, mede 0.050m×0.030m (Q27/C2-1).

Um quadrúpede, possivelmente um onagro, com a cabeça voltada para trás, boca aberta, com as orelhas bem marcadas. Tem o corpo curto, assente sobre pernas bem modeladas, e em movimento, que terminam em cascos convenientemente pormenorizados. Mostra uma pequena cauda e a pata dianteira encontra-se levantada. O animal está, como que em pose, rodeado por motivos florais. Mede 0.038×0.038m (Q18/C2-6).

Estampilhas com motivos fitomórficos (Q25/C2-2; Q14/C2-1; Q27/C2-1; Q11/C2-2) que, em alguns casos, integram outros epigráficos (Q18/C2-5; Q14/C2-1) e oferecem aspecto complexo, podendo também intercalar com temas epigráficos contendo palavras ou frases (S1/Q1/C2-1). As palmetas são outro dos temas decorativos destas estampilhas (Q7/C2-6; Q18/C2-4; Q27/C2-1). Encontrámos matrizes de carácter arquitectónico (Q9/C2-1; Q9/C2-2; Q18/C2-5), medindo entre 0.030m×0.030m e 0.049m×0.046m, representando arcos polilobulados (Q9/C2-2) ou ultrapassados, preenchidos no interior por motivos fitomórficos, aos quais foram, por vezes, anexadas teorias de linhas verticais, com altura superior à da própria estampilha, sugerindo arcarias (Q18/C2-5).

Por fim detectaram-se motivos geométricos, como os losangos (Q18/C2-6; Q18/C2-8) ou o meandro (Q18/C2-5; Q3/C2-3), mais ou menos complexos. Estas matrizes medem entre 0.026m×0.036m e 0.035m×0.035m.

As pequenas faixas estampilhadas que intercalam com negativos destas grandes matrizes são, todas elas, de carácter geométrico e formam triângulos (Q25/C2-2; Q9/C2-1; Q18/C2-6), losangos com um ponto central (Q9/C2-2; Q27/C2-1; S1/Q1/C2-1) e, ainda, um motivo espinhado (Q14/C2-1). Estas faixas, com 0.005m a 0.008m de altura, podem intervalar com linhas incisadas, horizontais (Q18/C2-5; Q18/C2-4; Q18/C2-8) ou onduladas (Q9/C2-2).

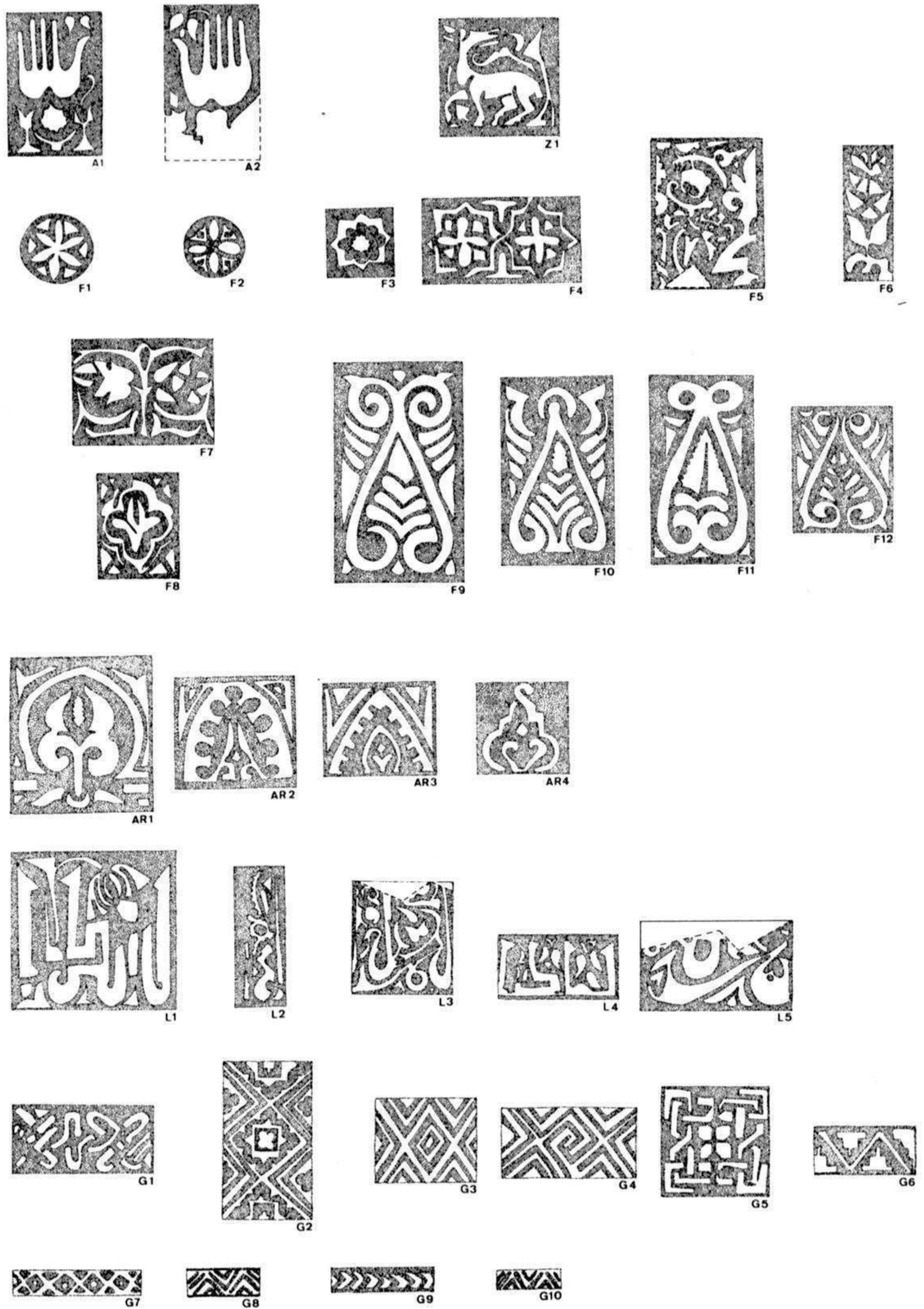


Fig. III. 5d. Catálogo dos motivos, estampilhados, nas grandes talhas.

Os motivos estampilhados que permitiram uma análise em termos das associações que constituem são: os antropomórficos que intercalam com motivos fitomórficos e com palmetas, estando as várias faixas separadas por bandas de pequenos losangos (Q27/C2-1); o motivo zoomórfico que se associa a outro de carácter geométrico (Q18/C2-6); os motivos arquitectónicos que se encontram junto a meandros e a temas que unem a epigrafia a motivos florais (Q18/C2-5). Ressalta, no entanto, uma grande maioria de motivos geométricos e fitomórficos e a extrema raridade do único motivo zoomórfico reconhecido.

Estes grandes recipientes dedicados, sobretudo, à conservação da água seriam cobertos com tampas (Q18/C2-2; Q20/C2-2), com bordo ligeiramente extrovertido e lábio plano. As superfícies destas peças apresentam cor mais clara que a da pasta, tendo a base rugosa. Por vezes, parte da superfície externa oferece esmalte, de cor verde, e está decorada com linhas incisadas, paralelas e concêntricas, formando canelado contínuo (Q18/C2-2) ou um canelado que intercala com faixas estampilhadas. As matrizes aqui utilizadas oferecem pequenos motivos, fitomórficos, com 0.020m de diâmetro.

Pertencem a este grupo de cerâmicas os fragmentos de dois queimadores (Q20/C2-1), de perfumes ou essências sólidas, com forma hexagonal, de bordo alto e extrovertido, com a parte superior plana e lábio de perfil semicircular. Assentam numa base plana e as superfícies interiores mostram tom mais escuro que o da pasta, ou esmalte de cor branca. Nas exteriores, e na parte superior do bordo, oferecem esmalte, de cor verde, e apresentam decoração estampilhada que intercala com linhas incisadas. Estas peças são bastante raras, conhecendo-se, exclusivamente, nesta camada onde representam 0,3 % das formas reconhecidas.

III.6.2.4. Cerâmicas com decoração do tipo “corda seca”

As peças que exumámos (Q35/C2-2) pertencem a taças de forma aberta, com pé, alto, em anel.

As superfícies oferecem esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde clara, amarelada na superfície exterior, e de cor branca na interior. Esta, mostra decoração formada por bolbos, sendo o contorno das figuras de cor negra, o seu interior de cor verde turquesa, e tendo, ao centro, um ponto de cor amarela. É a técnica, que permite a utilização de diferentes cores de esmalte, conhecida como “corda seca”.

III.6.2.5. Cerâmicas esmaltadas de cor castanha

O único exemplar que possuímos pertence a uma grande taça carenada (Q21/C2-2), que tem bordo extrovertido, com lábio de secção semicircular, demarcado exteriormente, e que assentaria num pé em anel. As superfícies oferecem esmalte de cor castanha, apresentando, a exterior manchas de tom mais escuro.

III.6.2.6. Cerâmicas vidradas

Exumámos fragmentos de taças, jarros e lamparinas, que oferecem superfícies a que foi dado, apenas, vidro transparente, permitindo observar a cor das pastas com que foram fabricadas.

As taças (Q23/C2-1; Q30/C2-1; Q3/C2-5; Q7/C2-7; Q36/C2-2; Q21/C2-1; Q13/C2-1; S1/Q1/C2-2; Q23/C2-2; Q2/C2-1; Q4/C2-1; C2-7; Q39/C2-1; Q8/C2-7;

Q7/C2-1; Q5/C2-2; S1/Q1/C2-7), apresentam diâmetros que variam entre 0.142m e 0.337m, e a forma do corpo pode ser hemisférica (Q30/C2-1; Q3/C2-5; Q7/C2-7; Q36/C2-2; Q21/C2-1; Q13/C2-1; Q2/C2-1; C2-7), carenada (Q23/C2-1; S1/Q1/C2-2), ou com carena acusada (Q39/C2-1; Q8/C2-7); assentando, estes três tipos, em pés, altos, em anel. Temos, ainda, taças com paredes um pouco oblíquas ou quase verticais e fundos convexos (Q5/C2-2; Q1/C2-7; Q7/C2-1). Estas formas oferecem os seguintes tipos de bordo: espessados e extrovertidos, com lábio de secção semicircular ou algo biselado; extrovertidos, e demarcados exteriormente, com lábio de secção semicircular ou em bisel; espessados, e demarcados exteriormente, com lábio de secção semicircular ou em bisel; espessados, extrovertidos e demarcados exteriormente com lábio de secção semicircular; extrovertidos com lábio algo biselado; espessados exteriormente com a parte superior plana e decorada com pequenas incisões que lhe dão aspecto ondulado; introvertidos com lábio de secção semicircular; introvertidos e espessados com lábio em bisel; introvertidos e espessados mas demarcados exteriormente; verticais com lábio biselado.

As taças, hemisféricas e carenadas, podem estar decoradas com linhas, escorridas e irregulares, de cor castanha escura. Estas, estão dispostas sobre o bordo e na superfície interior, de uma maneira contínua (Q7/C2-7) ou descontínua (Q3/C2-5; Q30/C2-1; Q23/C2-1), pintadas em paralelo (Q23/C2-2), obliquamente, ou formando palmetas (Q21/C2-1; Q13/C2-1). Num destes exemplares (S1/Q1/C2-2) a decoração, daquela mesma cor, foi elaborada na superfície exterior sendo constituída por conjuntos de linhas, semicirculares, quase concêntricas.

Em certas peças encontramos decoração plástica, como pequenos mamilos, na superfície exterior (Q2/C2-1), ou linhas incisas, junto ao fundo da superfície interior (Q4/C2-1).

Também as taças, com fundos convexos, oferecem, na superfície exterior, decoração formada por teorias de cordões verticais, em relevo e paralelos entre si, que unem um cordão horizontal disposto abaixo do bordo a outro, paralelo àquele, que demarca a carena.

Os jarros (Q18/C2-15), têm forma globular alongada, assentam num pé, alto, em anel, oferecem gargalo elevado e uma só asa que o ligaria ao corpo da peça.

As lamparinas mostram base circular, em bolacha, pé alto e depósito com um ou dois bicos. Uma asa de perfil vertical ou oblíquo, do lado oposto ao bico, ligava o corpo à base.

III.6.2.7. Cerâmicas, com pastas claras, engobe negro e esgrafito

Só possuímos dois exemplares com estas características (Q32/C2-1; Q34/C2-3), pertencentes a jarras, com corpo globular, bordo alto, duas asas opostas e pé em anel. As superfícies internas são da mesma cor da pasta e nas externas apresentam engobe negro, sobre o qual, foi aberta decoração esgrafitada. Esta, foi executada com uma ponta fina e aguçada; é formada por um motivo arqueado ladeado por outros de cunho fitomórfico e geométrico (Q32/C2-1), num dos fragmentos, (Q34/C2-3) descobrindo-se um tema epigráfico, ladeado por elementos fitomórficos e geométricos, no outro. Apesar de amputada, podemos reconhecer, nesta peça, uma inscrição, repetida, em caracteres cúficos.

III.6.2.8. Cerâmicas comuns

III.6.2.8.1. Pastas claras

Apenas 6% dos fragmentos, fabricadas com pastas de cor rosada, bege e acinzentada, permitiram uma atribuição formal, e pertencem a alguidares, taças, bules, jarras e respectivas tampas, a potes, talhas e a uma lucerna.

Os alguidares (Q18/C2-11; Q5/C2-21) têm formas grandes e abertas, com as paredes oblíquas e os bordos extrovertidos, podendo ser demarcados exteriormente, por um ligeiro cordão. Os lábios oferecem perfis semicirculares, e os diâmetros variam entre 0.540m e 0.560m. As superfícies exteriores são da mesma cor da pasta mas as interiores mostram aguada, de cor quase branca, ou foram muito bem brunidas.

As taças que possuímos apresentam forma aberta, com fundo plano (Q29/C2-3), ou hemisférica mas achatada (Q37/C2-2). Este último exemplar tem bordo extrovertido, quase horizontal, lábio com perfil semicircular e, possivelmente, teria pé em anel. Na primeira taça referida as superfícies mostram aguada de cor bege, quase branca, e oferecem decoração, pintada, cor-de-laranja. Na superfície interior o motivo representado é composto por bandas irregulares, dispostas em círculo, pintadas com tintas planas e que intercalam com outras ponteadas. Na superfície exterior, que é a base da taça, cruzam-se cartelas, com linhas onduladas, acompanhadas por linhas ponteadas irregulares. A outra peça (Q37/C2-2), com as superfícies num tom mais claro que o da pasta, apresenta, ainda, restos de pintura, cor-de-laranja, no bordo e na zona, da parede exterior, sob este.

Os bules (C2-10; Q8/C2-3; Q28/C2-1) têm corpo de forma óvoide, bordos verticais, um pouco extrovertidos, com lábio de secção semicircular, e assentam num pé alto, com base plana e um pequeno rebordo para encaixe. O pé pode ser, também, baixo e em anel. Sob o bordo sobressai o pequeno gargalo e, no lado oposto, uma asa de perfil semicircular e secção circular.

As superfícies apresentam a mesma cor da pasta ou uma aguada de cor quase branca. As superfícies exteriores oferecem, como decoração, canelado formado por linhas modeladas, horizontais e paralelas, dispostas em série.

As jarras (Q33/C2-6; Q33/C2-7; Q14/C2-7; Q37/C2-3; Q8/C2-1; Q8/C2-4; Q7/C2-6; Q5/C2-22), têm corpo globular e bordos altos que podem ser: inclinados para o exterior e com lábio de perfil semicircular; espessados no exterior e com lábio de perfil igual ao anterior; extrovertidos, com lábio algo biselado ou em bisel. Oferecem duas ou quatro asas, opostas, pé em anel, e as superfícies no mesmo tom da pasta ou num tom mais claro. A superfície exterior pode conter decoração incisa, formada por linhas horizontais, no corpo e nas asas das peças (Q8/C2-4); duas linhas, horizontais e paralelas, que delimitam um motivo constituído por várias outras, oblíquas, dispostas em série (Q5/C2-22); uma cartela delimitada por cinco linhas incisivas (três num lado e duas no outro) decorada com pequenas flores, estampilhadas, de doze pétalas (Q7/C2-6); três pequenas caneluras nas asas, executadas por incisão profunda, mostrando, na parte superior de cada uma, um elemento plástico de forma cónica. Esta mesma peça (Q8/C2-1) tem, na ligação entre o bordo e o colo, um estreito cordão, em relevo, decorado com incisões que formam pequenos triângulos isósceles.

Em alguns exemplares foi utilizada decoração pintada, cor-de-laranja, formada por: linhas dispostas na vertical, sobre a parte superior do bordo e na superfície exterior (Q33/C2-6), ou linha horizontal que separa o bordo do colo da peça a partir do qual se desenvolve, no sentido descendente, uma faixa, com losangos, preenchida por ponteados (Q33/C2-7). Temos, também, exemplares com decoração, de cor negra, composta por linhas

múltiplas sobre o bordo e o lábio, executada com bateria de pincéis (Q14/C2-7), ou quatro linhas, horizontais duas de cada lado, estruturando uma faixa que, numa zona, mostra reticulado, pintado com traços finos.

As tampas (Q7/C2-2; Q38/C2-2; Q7/C2-3), que deviam ter sido utilizadas para cobrir as jarras referidas, são abertas, e mostram o lábio com secção semicircular, por vezes um pouco espessado. Têm base plana e pega, em botão, de forma cónica.

Os fragmentos de potes (Q33/C2-5), que recolhemos, são de pequenas dimensões, têm corpo globular e bordo extrovertido, com lábio algo biselado. As superfícies oferecem tom mais claro que o da pasta e decoração, pintada digitalmente, cor-de-laranja.

As talhas (Q11/C2-8; Q29/C2-1; Q25/C2-1; Q3/C2-7; Q18/C2-7; Q9/C2-3; Q16/C2-1; Q37/C2-1; Q25/C2-3), mostram corpo de forma ovóide, alongado, e base apontada, embora com a extremidade plana. Esta, assentaria em suporte próprio (Q25/C2-3). Os bordos são espessados e extrovertidos, com lábio de secção semicircular, sub-rectangular ou biselado, e teriam duas asas opostas de perfil semicircular. As superfícies podem oferecer tom mais claro que o da pasta, ou a superfície interior ter a mesma cor da pasta e a exterior uma aguada de tom mais claro. Nesta última superfície foi executada decoração estampilhada, formada por motivos antropomórficos (Q37/C2-1), fitomórficos (Q9/C2-3; Q16/C2-1; Q25/C2-3), onde se incluem as palmetas (Q18/C2-7), arquitectónicos (Q37/C2-1) e geométricos (Q3/C2-7; Q9/C2-3).

O primeiro motivo referido representa a “mão de Fátima”, aberta com os dedos um pouco separados, ladeada por temas florais e mede 0.045m×0.029m. Está isolada, por linhas incisas, de outra matriz, de carácter arquitectónico, contida por um arco, polilobulado, contendo, ao centro, uma pequena flor. Esta mede 0.030m×0.037m.

Os assuntos fitomórficos podem estar inseridos em cartelas, formando composições simples (Q25/C2-3; Q16/C2-1) ou mais elaboradas, como um caule do qual partem duas flores, diferentes, uma de cada lado. As dimensões destas matrizes variam entre 0.035m×0.046m e 0.049m×0.036m. Numa destas peças a estampilha fitomórfica intercala com outra, geométrica, construída com losangos dispostos em série. Num outro exemplar (Q3/C2-7) o motivo geométrico tem forma triangular.

A única lucerna, fabricada com este tipo de pasta (Q33/C2-4), tem corpo circular, bico comprido com os lábios paralelos, e teria uma asa que ligaria o corpo ao gargalo. As superfícies mostram aguada de cor bege clara.

III.6.2.8.2. Pastas vermelhas

Nos fragmentos de peças fabricadas com pastas de cores vermelhas, castanhas e cinzentas, somente 9 % permitiram uma atribuição formal, pertencendo a alguidares, panelas, taças, bules, cântaros, ânforas e a tampas de panelas ou de cântaros.

Os alguidares (Q18/C2-12), mostram formas abertas com paredes oblíquas, bordos espessados e fundos planos. As superfícies exteriores são da mesma cor da pasta e as interiores encontram-se bem brunidas, sobre uma aguada de cor alaranjada.

As taças (Q39/C2-3; Q2/C2-2; Q14/C2-4), podem apresentar, linhas pintadas, sobre o bordo, e a superfície exterior oferecer canelado com manchas possivelmente digitadas, da mesma cor que decora o bordo (Q2/C2-2).

Uma taça (Q14/C2-4), oferece a zona revelada, das caneluras, pintada de cor branca.

Os bules (Q23/C2-4; C2-11; Q29/C2-4), têm corpo ovóide, fundo plano ou ligeiramente convexo, e bordos com as seguintes variantes: altos e verticais com a superfície

superior do lábio quase plana, ou verticais, com lábio de secção semicircular, demarcado no exterior por uma linha incisa. Mostram, abaixo do bordo, um pequeno gargalo cilíndrico e, do lado oposto, uma asa de perfil semicircular e secção oval. As superfícies foi dada aguada, de cor castanha escura a negra, sobre a qual se pintou, a branco, decorações variáveis. Numa das peças observam-se três linhas, sobre o bordo, e outras três no bojo, dispostas na horizontal e em paralelo, vendo-se, ainda, sobre o corpo conjuntos de pequenos traços, executados com bateria de pincéis (Q23/C2-4). Um outro bule oferece linhas sobre o bordo, no colo e no corpo, assim como pequenos traços, dispostos obliquamente, pintados, com bateria de pincéis, sobre a parte superior do corpo (C2-11). Um terceiro exemplar (Q29/C2-4) mostra, na superfície exterior, decoração canelada e sobre a asa duas linhas, horizontais, pintadas de cor branca.

Os cântaros (Q18/C2-16), teriam corpo ovóide alongado, base plana, e bordo alto com lábio de perfil semicircular, demarcado por uma linha incisa. Duas asas, opostas, ligariam o bordo ao corpo da peça. As superfícies foi dada aguada de cor negra, com brilho metálico, sendo a exterior decorada com linhas pintadas, de cor branca, dispostas na horizontal. Sobre o lábio observam-se linhas de cor alaranjada.

As panelas (Q23/C2-5) apresentam corpo globular, fundo convexo e duas asas opostas, ligando o bordo ao corpo. As superfícies internas são da mesma cor da pasta e as externas oferecem decoração, incisa e pintada, constituída por uma linha na ligação entre o bojo e o colo da peça, e, a meio do corpo, uma banda canelada. Sobre o colo notam-se linhas pintadas, com bateria de pincéis, de cor branca.

As taças (Q39/C2-3; Q23/C2-3; Q7/C2-9; Q14/C2-4; Q2/C2-2; Q19/C2-1), com formas muito abertas, por vezes carenadas (Q23/C2-3), têm diâmetros que oscilam entre 0.158 m e 0.330 m e possuem as seguintes variantes de bordos: introvertidos e espessados, com lábio de secção semicircular; extrovertidos com lábio de secção semicircular; extrovertidos e espessados, com lábio quase plano; extrovertidos com a parte superior plana e lábio de secção semicircular; espessados interiormente, com lábio algo biselado.

As superfícies destas peças são da mesma cor da pasta (Q39/C2-3; Q23/C2-3; Q7/C2-9), podendo ser a interior de tom mais escuro que o da pasta, e a exterior apresentar aguada de cor negra ou castanha escura (Q14/C2-4; Q19/C2-1). Um destes exemplares exhibe na superfície exterior, embora com as mesmas características da interior, manchas de cor branca (Q2/C2-2).

Para além da peça agora referida, serão as superfícies exteriores que apresentam decoração. Esta pode ser somente pintada, de cor branca, sobre o bordo (Q23/C2-3; Q7/C2-9), ou pintada e incisa (Q19/C2-1). As incisões foram executadas sob o bordo reconhecendo-se também, num dos exemplares, outros pequenos traços dispostos radialmente. Esta taça oferece na superfície exterior duas linhas pintadas, horizontais e paralelas, que cobrem as referidas incisões, e uma ornamentação, formada por pequenos traços, igualmente pintados, que lembram motivos fitomórficos.

As ânforas (Q18/C2-7; Q28/C2-2), apresentam forma ovóide e fundos que podem ter um pequeno ônfalo ou perfil quase sub-triangular. As superfícies são da mesma cor da pasta, com algumas manchas de cor acinzentada, oferecendo, a exterior, aguada de cor quase branca. Esta está decorada por canelado formado por linhas, relevadas, horizontais (Q18/C2-16).

As tampas (Q14/C2-3; Q7/C2-10), que teriam sido utilizadas para cobrir recipientes com diâmetros inferiores a 0.116 m ou 0.118 m, têm formas abertas, com lábio de perfil semicircular ou algo biselado, base plana e pega de forma troncocilíndrica. Ambas as superfícies apresentam tom um pouco mais escuro que o da pasta, ou apenas a interior mostra essa tonalidade. A superfície exterior de um dos exemplares oferece decoração pintada, de cor

branca, formada por um grupo de três linhas irregulares, dispostas radialmente sobre o bordo, assim como um pingo, dessa mesma cor, sobre a pega (Q14/C2-3). Noutro exemplar (Q7/C2-10) a ornamentação é conseguida por uma linha sobre o bordo associada a uma teoria de assuntos fitomórficos, lembrando pétalas, dispostos, radialmente, em redor da pega. Estas pétalas estão preenchidas por pequenos traços oblíquos.

Possuímos três fragmentos de grandes vasilhas que poderiam pertencer a coadores (Q11/C2-1; Q2/C2-17) ou a braseiros (Q8/C2-5). Apresentam bordos diferentes, com diâmetros que variam entre 0.282 m e 0.396 m, e podem mostrar a seguinte configuração: espessados, tanto no interior como no exterior, sendo a parte superior côncava e demarcada por uma incisão; espessados no interior e no exterior, mas com a superfície superior aplanada; espessados interiormente, com a parte superior côncava, e lábio marcado, no exterior, por uma incisão. As superfícies têm tom um pouco mais escuro que o da pasta. Na interior (Q8/C2-5), um elemento plástico, sub-cônico, pode ter servido, conjuntamente com dois outros que existiriam na peça, como suporte. A superfície exterior está ornamentada, com temas incisos e impressos, dispostos em linhas paralelas e horizontais. Uma demarca o bordo, outra oferece uma série de impressões ovais, seguida por uma linha ondulada, e três outras, horizontais, estão, igualmente, incisadas (Q11/C2-1). Noutro exemplar (Q8/C2-5) os motivos são, também, incisos e intercalam bandas de linhas, paralelas e horizontais, com outras onduladas e irregulares.

Uma terceira vasilha (Q2/C2-17) mostra três cordões, horizontais em relevo, com impressões verticais, e, entre os cordões e o lábio, uma linha ondulada incisa. O intervalo destes motivos foi pintado, de cor branca, assim como a parte superior do bordo que contém séries de cinco linhas daquela mesma cor.

Um fragmento da parede de uma vasilha (Q4/C2-2), possivelmente do tipo cântaro, a cujas superfícies foi dada aguada, de cor castanha escura, está decorado, na superfície exterior, com uma incisão, na parte superior, e com pinturas de cor branca. Estas são estruturadas por uma cartela, delimitada por duas linhas horizontais, onde se inscrevem grandes motivos espiralados preenchidos por ponteados.

III.6.2.9. Paralelos e cronologia

III.6.2.9.1. As cerâmicas esmaltadas

As taças abertas, esmaltadas a branco, que assentam num pé, alto, em anel (Q18/C2-14), encontram abundantes paralelos em peças provenientes de Cieza, do poço de San Nicolas, em Múrcia, e, também, em Maiorca, no Carrer de Zavellà, onde foram, igualmente, recolhidas formas de menores dimensões (Q29/C2-2). Em todos estes locais têm sido classificadas, como pertencendo ao período almoada (⁶⁰).

Possuímos um único exemplar (Q5/C2-3) de taça decorada com motivos, pintados, de cor azul de cobalto. Esta peça, bastante rara, só encontra paralelos nos níveis almoadas de Belyounech, perto de Ceuta, onde, de igual modo, se exumaram poucos exemplares (⁶¹).

(⁶⁰) Palazon, J.N., 1986, *La Cerámica Islámica en Murcia*, pp. 7, 182, figs. 11, 388; Pons, M.R., 1983, *Les Ceramiques Almohades del Carrer de Zavellà. Ciutat de Mallorca*, pp. 113, 117, figs. 109, 117.

(⁶¹) Cardenal, M.G., 1980, *Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine*, p. 239.

É proveniente do já citado poço de San Nicolas, de Múrcia, uma tampa de fecho hermético com pega bitroncocónica, esmaltada a branco, com motivos semicirculares, pintados, a azul de cobalto e datada, por Palazon (62), no século XIII.

A utilização do azul de cobalto, na decoração, pintado sobre esmalte branco, inicia-se na Mesopotâmia durante os séculos IX-X (63). Mas, taças com este mesmo tipo de ornamentação, recolhidas em Nishapur, são classificadas como sendo posteriores ao século XI, podendo prolongar-se a sua produção até ao século XIII (64). Na grande maioria das obras peninsulares, que tratam das cerâmicas muçulmanas, a pintura a azul de cobalto sobre esmalte branco é raramente mencionada; omissão que pode, não só, estar relacionada com o uso generalizado daquele óxido em peças das oficinas de Paterna e de Manises (Valencia), durante os séculos XIV a XVI, e, por isso, classificadas, por alguns autores, como produções nazarís (65), ou por não serem conhecidas em contextos arqueológicos, seguros como o que o Castelo de Silves nos ofereceu.

Os fragmentos da taça que possuímos, permitindo a restituição total, constitui um bem importado, possivelmente pertencente à mesma oficina que produziu as de Belyounech (Marrocos), embora não excluamos a hipótese de fazer parte de um grupo, restrito de peças fabricadas na Península.

O uso recuado, e portanto anterior às produções valencianas, do óxido de cobalto, na pintura da loiça, teve pouca divulgação face a outras técnicas decorativas bem mais conhecidas, e de grande efeito plástico, como a corda seca e o reflexo metálico. Porém no sentido de reforçar a ideia de que a taça (Q5/C2-3), recolhida no Castelo de Silves, seja um produto peninsular, devemos acrescentar que oferece pasta e tratamento das superfícies semelhantes às peças, anteriormente referidas, que têm as paredes apenas esmaltadas a branco. E, de igual modo, se o cobalto poderia ter sido trazido do Oriente, a sua exploração na Península já, naquela época, seria rentável, nomeadamente, nas Minas de Huelva (Monte Romero), Granada (Albuñuela), ou, mesmo, perto de Valencia (Serra de las Rodanas), localidade onde as oficinas mudéjares, referidas, se iam abastecer (66).

A taça que oferece as duas superfícies decoradas com a técnica do reflexo metálico (Q33/C2-3), tendo na interior uma inscrição que intercala com um bolbo entreaberto de lótus e na exterior um motivo fitomórfico, encontra paralelos numa outra, igualmente com uma epígrafe que se repete sobre o bordo entre pequenos motivos geométricos, tendo ao centro a figura de um cavaleiro. Esta peça encontra-se na Freer Gallery of Art, Smithsonian Institution, em Washington, tendo sido classificada como uma produção fatimida do século XII (67).

Mais recuado, atribuído ao século XI, é um prato, proveniente do Egipto, do Museu Benaki, de Atenas, que mostra no bordo uma inscrição intervalada com pequenas flores (68).

(62) Palazon, J.N., 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, p. 202, fig. 428.

(63) Croisier, J. P. e Dürr, M., 1981, *Céramiques Islamiques*, p. 85.

(64) Wilkinson, C.K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, p. 36.

(65) Caviro, B.M., 1968, *Catalogo de Ceramica Española-Paterna, Aragon, Cataluña, Cuerda Seca, Talavera de la Reina, Alcora, Manises*, p. 27.

(66) Calderon, S., 1910, *Los Minerales de España*, p. 151.

(67) Smith, A.C., 1985, *Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World*, fig. 26.

(68) Philon, H., 1980, *Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries*, est. XXII B.

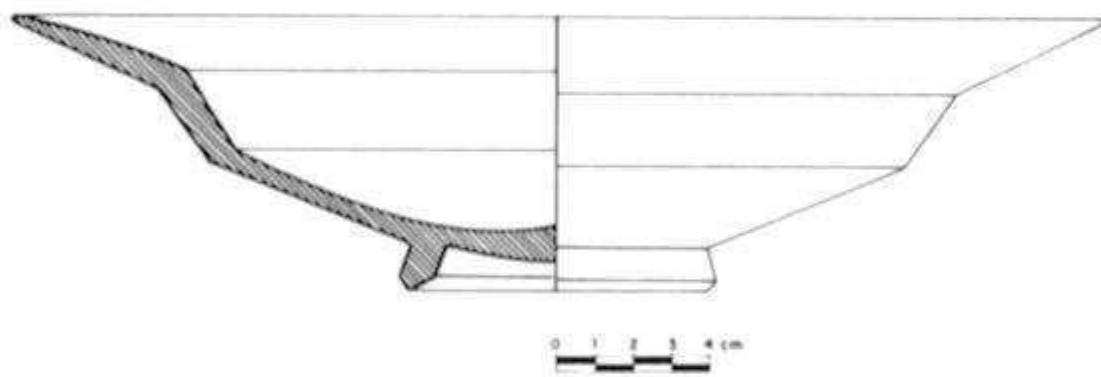


Fig. III.6. Taça decorada com bolbos (Múrcia) (seg. Palazon, 1986, 222, fig. 476).

Numa taça (fig. III.6.), recolhida na área urbana de Múrcia, datada do século XII, a epigrafia intercala do mesmo modo, com palmetas, esgrafitadas, sobre fundo dourado ⁽⁶⁹⁾.

Segundo Edrisi, em 1150, na cidade de Calatayud já se fabricava cerâmica dourada que se exportaria para longe ⁽⁷⁰⁾.

Gomez-Moreno argumenta que as primeiras produções peninsulares de loiça com reflexo metálico só mostravam uma das superfícies decoradas, tendo-se começado a decorar as duas numa fase já tardia da fabricação de Málaga.

Segundo os dados de momento disponíveis, a taça recolhida no Castelo de Silves, embora com ambas as superfícies ornamentadas e contendo motivos que sugerem fabricação fatimida, poderia ser, já, uma produção peninsular, tanto mais que no Egipto, a partir do século XII esta técnica foi menos utilizada.

As taças abertas e carenadas, recolhidas no poço San Nicolas, em Múrcia, são formalmente semelhantes aos exemplares do Castelo de Silves, que oferecem as superfícies com esmaltes de diferentes tonalidades, mostrando, contudo, esmalte branco e sendo atribuídas ao século XIII ⁽⁷¹⁾.

⁽⁶⁹⁾ Palazon, J.N., 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, p. 222, fig. 476.

⁽⁷⁰⁾ Gomez-Moreno, M., 1940, *La Loza Dorada Primitiva de Málaga*, pp. 385, 393, 398.

⁽⁷¹⁾ Palazon J.N., 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, p. 180, figs. 384, 385.

Também Rosselló-Bordoy ⁽⁷²⁾ data, nas Baleares, as taças de forma hemisférica ou com carena, com pés altos, algumas esmaltadas a verde, nos séculos XII-XIII e como pertencentes ao fundo cultural almorávida-almoada.

As taças com carena acusada, que mostram a superfície interior de cor verde decorada com estampilhas inseridas em cartelas circulares, encontram paralelos em dois fragmentos provenientes de Mesas de Villaverde (Málaga), hoje no Museu Arqueológico Nacional de Madrid; o primeiro esmaltado de cor castanha (melada), com estampilhas circulares, e o segundo, de cor verde, com motivos ramiformes.

Duas outras taças provenientes de Alcalá de Henares, embora sem decoração estampilhada, têm formas com carena acusada e são semelhantes às exumadas no Castelo de Silves.

Escavações no Castelo de Gormaz, a norte de Madrid, ofereceram aquele mesmo tipo de cerâmicas, sendo atribuídas por Zozaya ⁽⁷³⁾, ao período pré-califal, mais precisamente a uma fase do Emirato (séculos VIII a X). Taças semelhantes, mas sem estampilhas, foram descobertas na rua Tossal de Sant Esteve, em Valencia, e três outras estampilhadas, provenientes de Santa Fé de Oliva (Valencia), foram publicadas por Bazzana ⁽⁷⁴⁾. Duas delas mostram, na superfície interior, pequenas flores impressas, similares aos motivos representados nas peças do Castelo de Silves (Q18/C2-3; C2-4; Q14/C2-3; Q14/C2-2), e uma outra oferece uma matriz, de carácter ramiforme, idêntica à de uma taça (Q7/C2-8) também proveniente de Silves. Aquele autor classificou estas cerâmicas, com decoração estampilhada na superfície interior do fundo, nos séculos XI-XII. A mesma temática de pequenas flores inscritas em cartelas circulares, na superfície interior das peças, encontra-se, de igual modo, presente em taças exumadas na praça Cardenal Belluga, em Lorca, onde foram datadas dos séculos XII-XIII ⁽⁷⁵⁾.

Os pequenos bolbos, estampilhados no interior de uma taça (Q36/C2-1), têm paralelos em Almería onde são datados do período almoada ⁽⁷⁶⁾. Uma matriz idêntica foi aplicada em três peças recolhidas na praça Cardenal Belluga, de Lorca (Múrcia), classificadas no século XIII ⁽⁷⁷⁾.

Encontram-se, ainda, estes mesmos motivos, sobre o bordo de uma talha, com as superfícies da cor da pasta, na superfície exterior de um braseiro, esmaltado de cor verde, e num fragmento onde ladeia uma matriz com a «mão de Fátima». Recolhemos, também, no poço-cisterna de Silves, o fragmento de uma taça com as superfícies meladas onde identificámos estas estampilhas, em forma de gota ou de bolbo (fig. III.7), que datámos como sendo almoada ⁽⁷⁸⁾.

Algumas das taças, em especial as que têm forma hemisférica ou carenada, poderiam ser cobertas com tampas de fecho hermético que têm no topo uma pega, bitroncocónica, e

(⁷²) Rosselló-Bordoy, G., 1983, *El Ataifor tipo III y Sus Problemas Cronologicos*, p. 119, fig. 1.

(⁷³) Zozaya, J., 1980, *Aperçu Général Sur la Céramique Espagnole*, p. 267; 1981, *Cerámica Andalusí*, p. 39.

(⁷⁴) Bazzana, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, p. 76, fig. 16, n.º 1372; 1986, *Typologie et Fonction du Mobilier Céramique d'une Alqueria Musulmane à Valence aux XI^e et XII^e siècles: Santa Fé de Oliva*, p. 213, fig. 8, 1, 3.

(⁷⁵) Palazon, J.N., 1986, *La Cerámica Islámica en Murcia*, p. 81, fig. 162.

(⁷⁶) Duda, D., 1970, *Spanish-Islamic Keramik Aus Almeria vom 12. bis 15. Jahrhundert*, fig. 6c, est. 5d.

(⁷⁷) Palazon J.N., 1986, *La Cerámica Islámica en Murcia*, pp. 68, 109, 121, figs. 143, 234, 259.

(⁷⁸) Gomes, R. V. e Gomes, M. V., 1986, *Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudejares do Poço-Cisterna de Silves*, pp. 134, 140, fig. 7.

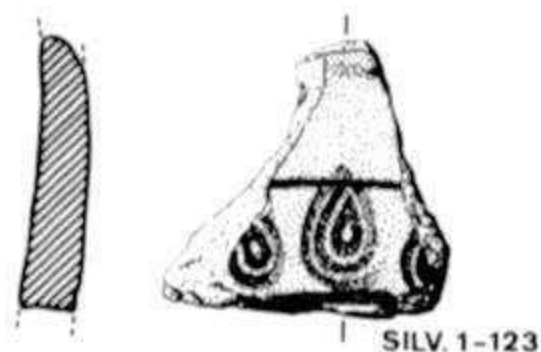


Fig. III.7 Fragmento de taça estampilhada com pequenos bolbos (poço-cisterna almoada de Silves) (seg. Gomes, e Gomes, 1986, 133, fig. 7).

as superfícies esmaltadas de cor branca, amarela, ou uma das superfícies na cor verde, variando a tonalidade da outra. Estas tampas, em especial uma delas (Q18/C2-9), são formalmente similares a outras provenientes de Almallutx, nas Baleares, onde foram encontradas sobre o pavimento de uma habitação conjuntamente com outras, mais simples e com a pega em botão, que os seus escavadores classificam como tardias não fornecendo, no entanto, qualquer informação cronológica para as peças de fecho hermético⁽⁷⁹⁾. Semelhante a estas tampas e ao exemplar de Silves (Q18/C2-9), são outras provenientes do poço de San Nicolas, em Múrcia, datadas no século XIII⁽⁸⁰⁾. Rosselló-Bordoy classificou este tipo de tampas, nas Baleares, como sendo almoadas.

Nos níveis muçulmanos do Cabezo de San Pedro, em Huelva, uma das peças interpretada como sendo uma taça é, de facto, muito parecida a uma das nossas tampas (C2-5). Oferece a superfície exterior decorada com incisões, formando canelado, e foi datada no século XIII; embora, pela forma que apresenta, os autores que a publicam a tenham considerado como uma peça cristã e com função distinta da que realmente teria⁽⁸¹⁾.

As jarras, mostrando pequenas asas, zoomórficas, como os dois exemplares do Castelo de Silves (Q18/C2-1; Q34/C2-2), pertencem a um grupo de vasilhas que deve ser bastante raro. Os únicos paralelos completos que coligimos provêm do Irão, observando-se, na superfície exterior de duas jarras esmaltadas a dourado e com decoração em relevo, quatro asas que figuram pequenos leões (fig. III. 8). Estas peças foram datadas nos séculos XII-XIII⁽⁸²⁾. Na Península, conhecemos dois exemplares que, pelas suas dimensões, podem pertencer a peças deste tipo; uma delas, recolhida na área urbana de Lorca (Múrcia), representando a cabeça de um cavalo (Fig. III.9), com as superfícies da mesma cor da pasta, orelhas cónicas, tendo as marcações dos olhos, das crinas e da cabeça, feitas através de linhas pintadas a manganês, foi datada nos séculos XII-XIII⁽⁸³⁾. Proveniente de Almería, e identificada como do período almorávida-almoada, é a cabeça de um outro cavalo (fig. III.10), com as orelhas e olhos em pastilha, tendo as superfícies esmaltadas⁽⁸⁴⁾.

(⁷⁹) Zozaya, J. e Fernandez-Miranda, M., 1972, El Yacimiento Medieval de Almallutx (Escorca, Baleares), pp. 209, 214, fig. 10.

(⁸⁰) Palazon, J.N., 1986, La Cerámica Islámica en Múrcia, p. 201, fig. 436; Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca, p. 59.

(⁸¹) Belén, M., Fernandez-Miranda, M. e Garrido, J.P., 1977, Los Orígenes de Huelva, Excavaciones en los Cabezos de San Pedro y la Esperanza, p. 206, fig. 104-6.

(⁸²) Grube, E.J., 1976, Islamic Pottery, of the Eighth to the Fifteenth Century in the Keir Collection, pp. 206, 208, figs. 149, 158.

(⁸³) Palazon, J.N., 1986, La Cerámica Islámica en Múrcia, p. 53, fig. 108.

(⁸⁴) Duda, D., 1970, Spanish-Islamic Keramik Aus Almería vom 12 bis 15. Jahrhundert, est. 3a.



Fig. III.8 Vasilhas com pegas zoomórficas (Irão) (seg. Grube, 1976, 206, 208, figs. 149, 158).



Fig. III.9. Pega em forma de cabeça de equideo (Lorca, Múrcia) (seg. Palazon, 1986, 53, fig. 108).

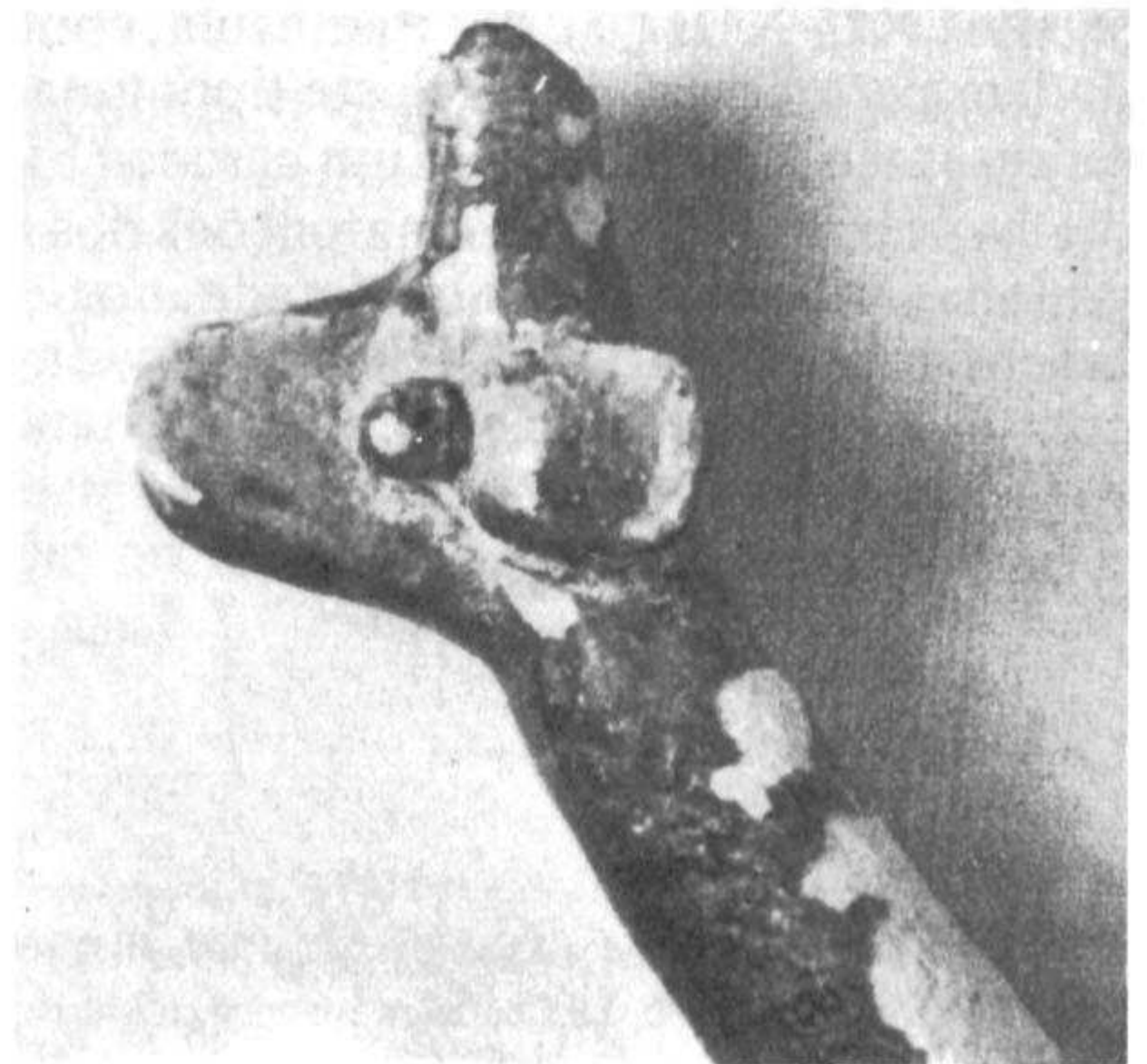


Fig. III.10. Cabeça de equideo, almorávida-almoada, proveniente de alcáçova de Almeria (seg. Duda, 1970, est. 3a).

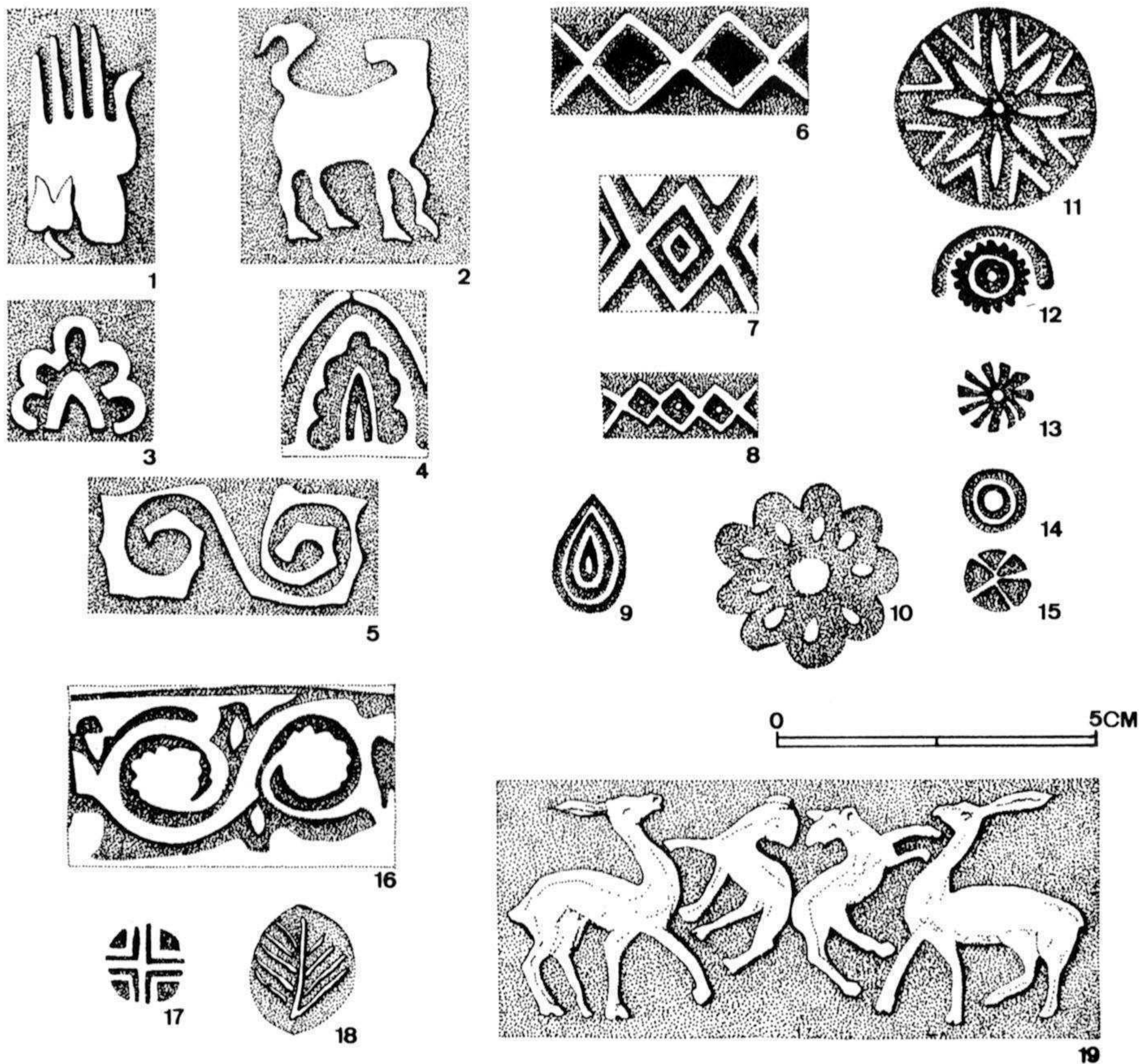


Fig. III.11. Catálogo das estampilhas detectadas nas cerâmicas provenientes do poço-cisterna, almoada, de Silves, e de Santa Catalina de Sena (Maiorca) (seg. Gomes e Gomes, 1986, 139, fig. 10, e Rosselló Bordoy, 1978, 87, 89, figs. 24, 26).

A redoma, ou garrafa (Q20/C2-4), encontra paralelos formais num exemplar, recolhido no Cabeçico de Penas em Fortuna (Múrcia), de corpo globular, assente num pé não muito alto, com gargalo longo e uma asa. As suas superfícies são esmaltadas, de cor castanha (melada), e decoradas com linhas escorridas, de tom mais escuro, tendo sido

datada no século XII ⁽⁸⁵⁾. Em Almeria, peças deste tipo foram classificadas ⁽⁸⁶⁾ como sendo almorávidas ou almoadas.

As talhas, mostram corpo de forma ovóide alongada, bordo alto, duas asas opostas, reconhecendo-se, em maior número, exemplares com as superfícies esmaltadas, mas com diferentes faixas decorativas, como as que se encontram, nomeadamente, no Museu Arqueológico de Madrid e no Instituto de D. Juan em Valencia, datadas do século XIV ⁽⁸⁷⁾. Algumas destas peças oferecem decoração estampilhada, sobre esmalte verde, como o bonito exemplar, quase completo, que existe no Museu de Ceuta ⁽⁸⁸⁾, onde podemos observar a distribuição, em faixas, e a repetição das matrizes.

Pelo número de bordos, tipo de pastas e tratamento dado às superfícies, é provável que nesta camada do Castelo de Silves tenhamos exumado, pelo menos, fragmentos pertencentes a três talhas diferentes. Mas, as grandes variantes decorativas destas peças residem, precisamente, nos motivos estampilhados que preenchem, por vezes parte ou a totalidade do bordo, e do seu corpo, e cuja análise passaremos a fazer separadamente (Cf. Catálogo, Cap. V).

O tema da «mão de Fátima», mais ou menos estilizado, o único de carácter antropomórfico, está normalmente ladeado por motivos fitomórficos e, deste modo, é possível observá-lo num fragmento (fig. III. 12) proveniente do poço-cisterna almoada de Silves ⁽⁸⁹⁾. Em Lorca, numa peça recolhida na praça Cardenal Belluga, encontra-se representado num fragmento de cerâmica (fig. III.13), vidrado de cor verde, e sobre o bordo de vasilhas, com engobe negro, ornadas com esgrafitos, datadas do século XIII ⁽⁹⁰⁾.

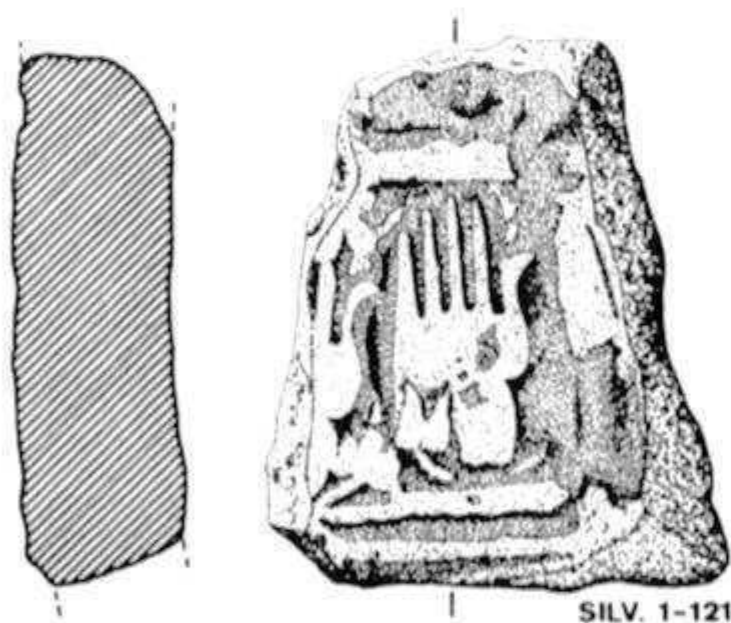


Fig. III.12. Fragmento, de grande talha, com a representação da "mão de Fátima", proveniente do poço-cisterna, almoada, de Silves (seg. Gomes e Gomes, 1986, 133, fig. 7).

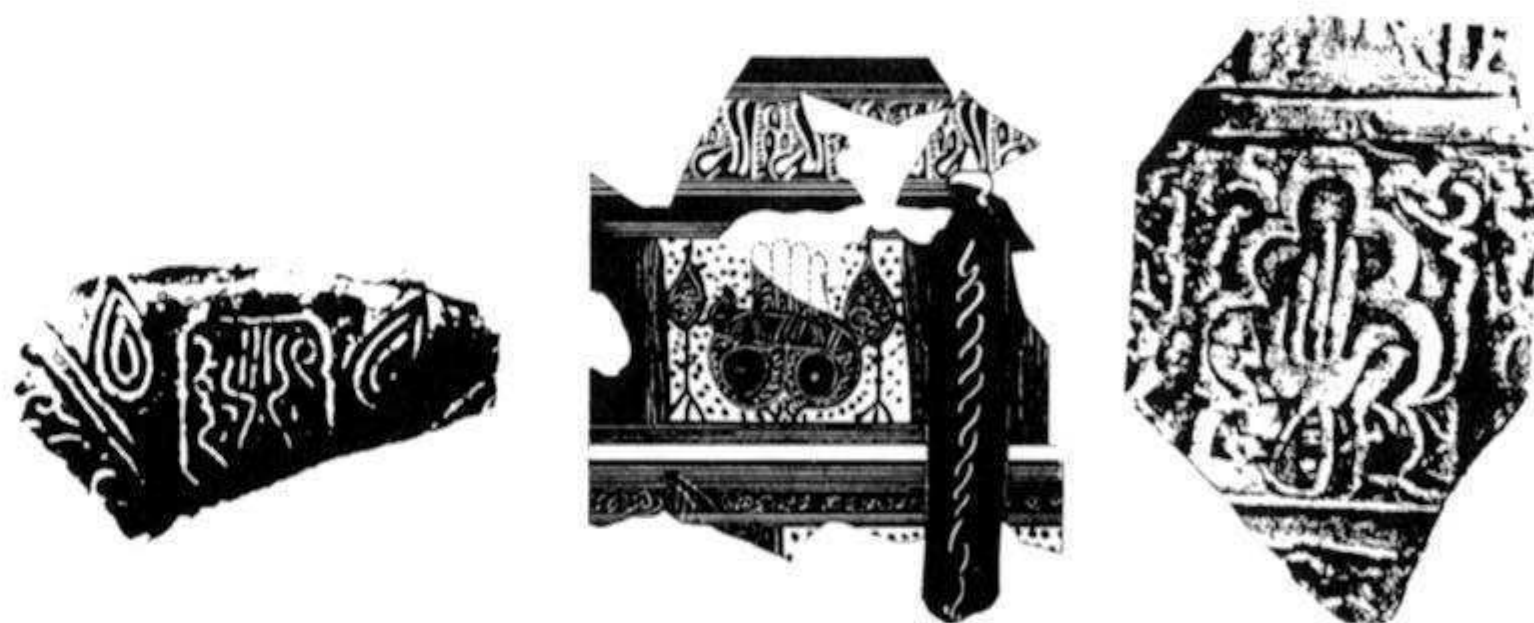


Fig. III.13. Representações da "mão de Fátima", de Lorca, do Castelo de Monteagudo e do Castelo de Pliego, na provincia de Múrcia (seg. Palazon, 1986, 121, 297, 314, figs. 259, 635, 663).

(⁸⁵) Palazon, J.N., 1986, La Ceramica Islamica en Murcia, p. 32, fig. 66.

(⁸⁶) Duda, D., 1970, Spanish-Islamiche Keramik Aus Almeria vom 12 bis 15. Jahrhundert, fig. 2f.

(⁸⁷) Smith, A.C., 1985, Lustre Pottery, Technique Tradition and Innovation in Islam and the Western World, pp. 90, 93; Zozaya, J., 1981, Cerámica Andalusi, p. 49.

(⁸⁸) Sotelo, E.A.F., 1980, Sala Municipal de Arqueologia – Ceuta, Guia – Catálogo, est. XL.

(⁸⁹) Gomes, R.V., e Gomes, M.V., 1986, Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudejares do Poço-Cisterna de Silves, fig. 10-1.

(⁹⁰) Palazon, J.N., 1986, La Ceramica Islamica en Murcia, pp. 15, 121, 297, 314, figs. 33, 259, 635, 663.

Podemos, ainda, reconhecer impressões deste tipo de matriz em espaços de recorte arquitectónico nas talhas do Museu de Sevilha ⁽⁹¹⁾, ou do Museu de Toledo ⁽⁹²⁾, classificadas como mudéjares (fig. III.14).



Fig. III.14. Estampilhadas com motivos arquitectónicos integrando "mãos de Fátima", de talhas, provenientes de Toledo e de Sevilha (seg. Fernandez e Porres, 1982, 466, e Escudero, 1943, 148, fig. 17-4).

A representação de um pequeno quadrúpede estampilhado, no fragmento da parede de uma talha (Q18/C2-6), com a cabeça voltada para trás, em posição de marcha lenta e ladeado por elementos fitomórficos, tem paralelos num animal esgrafitado, sobre engobe negro, proveniente da Alhambra de Granada. Foi datado, por Pavon Maldonado ⁽⁹³⁾, nos séculos XIII-XIV e (fig. III.15) mostra o corpo baixo, alongado, com pernas curtas, a cabeça igualmente torcida para trás, focinho comprido acompanhando o volume do tronco, tendo sido interpretado, por aquele autor, como sendo um lobo.

Um outro equídeo, a que Rosselló-Bordoy ⁽⁹⁴⁾ chama burrinho, está pintado numa jarra decorada a corda seca parcial, recolhida em Maiorca, classificada como do período almorávida (fig. III.16).

O mesmo tipo de características anatómicas, da representação de Silves e das anteriormente citadas, assinalam-se, ainda, num pequeno animal, em posição de marcha, estampilhado sobre um fragmento de talha, exumado em Múrcia (fig. III.17) e datado do século XIII ⁽⁹⁵⁾.



Fig. III.15. Pequeno equídeo esgrafitado, dos séculos XIII-XIV, do Alhambra (Granada) (seg. Maldonado, 1967, 430, fig. 15).

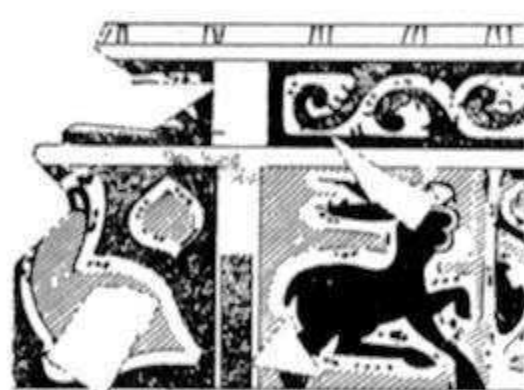


Fig. III.16. Equídeo, em corda seca, de Santa Catalina de Sena (Maiorca) (seg. Rosselló-Bordoy, 1978, 119, fig. 65).



Fig. III.17. Equídeo, estampilhado, de Santa Catalina de Verdolay (Múrcia) (seg. Palazon, 1986, 311, fig. 658).

(⁹¹) Fernández, J.A.S., e Porres, M.G.L.V., 1982, Tinajas Mudéjares del Museo Arqueológico de Sevilla: Tipología y Decoración, fig. 3-6, 7.

(⁹²) Escudero, M.L.H., 1943, Las Tinajas Mudéjares del Museo de Toledo. Intento de Sistematización, p. 148, fig. 17-4.

(⁹³) Maldonado, B.P., 1967, Notas sobre la Cerámica Hispanomusulmana, p. 430, fig. 15.

(⁹⁴) Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca, p. 119, fig. 65.

(⁹⁵) Palazon, J.N., 1986, La Cerámica Islámica en Murcia, p.311, fig. 658.



Fig. III. 18. Onagros do palácio, omíada, de Amra da Jordânia (seg. Amiet, 1986, 26).

Outros quadrúpedes semelhantes, foram reconhecidos, em duas jarras, com decoração esgrafitada ou pintada, que se encontram no Museu de Ceuta e no fragmento de uma talha de Maiorca⁽⁹⁶⁾. Estas figurações foram atribuídas a gazelas e, ao contrário do pequeno animal de Silves, têm focinho curto, orelhas bem maiores e, especialmente, corpo alongado que assenta em pernas altas e elegantes. Como estes paralelos não nos permitiam identificar o animal representado na estampilha de Silves, tentámos descobrir, noutros horizontes, figuras cuja estrutura física de algum modo se lhe assemelhassem. O quadrúpede mais parecido que coligimos é o onagro e encontra-se pintado, sobre a nave do grande átrio de entrada do palácio omíada de Amra na Jordânia (fig. III.18); integrado numa cena de caça onde estes equídeos são perseguidos por cães⁽⁹⁷⁾. Dois animais análogos, representados entre motivos florais, foram, de igual modo, pintados nas páginas de um manuscrito de Manafi al-Hayawan, por Abu Sa'id' Ubayd Allah ibn Bakhtisha, proveniente do Irão (fig. III.19), datado do século XIV, e, actualmente, no Museu do Kuwait⁽⁹⁸⁾.

(⁹⁶) Maldonado, B.P., 1967, Notas sobre la Ceramica Hispanomusulmana, p. 431, fig. 16; Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Ceramica Arabe en Mallorca, p. 87.

(⁹⁷) Amiet, P., 1986, Jordanie, la Voie Royale, p. 26.

(⁹⁸) Jenkins, M., 1983, Islamic Art in the Kuwait National Museum - The Al-Sabah Collection, p. 97.

O motivo fitomórfico, cuja matriz foi aplicada na asa de uma talha (Q11/C2-2), encontra paralelos numa peça, do mesmo tipo, proveniente de Almería e classificada do período nazari⁽⁹⁹⁾. Este, mostra, também, pequenas flores, com oito pétalas, diferenciando-se, neste aspecto, da procedente de Silves que tem, apenas, seis pétalas.

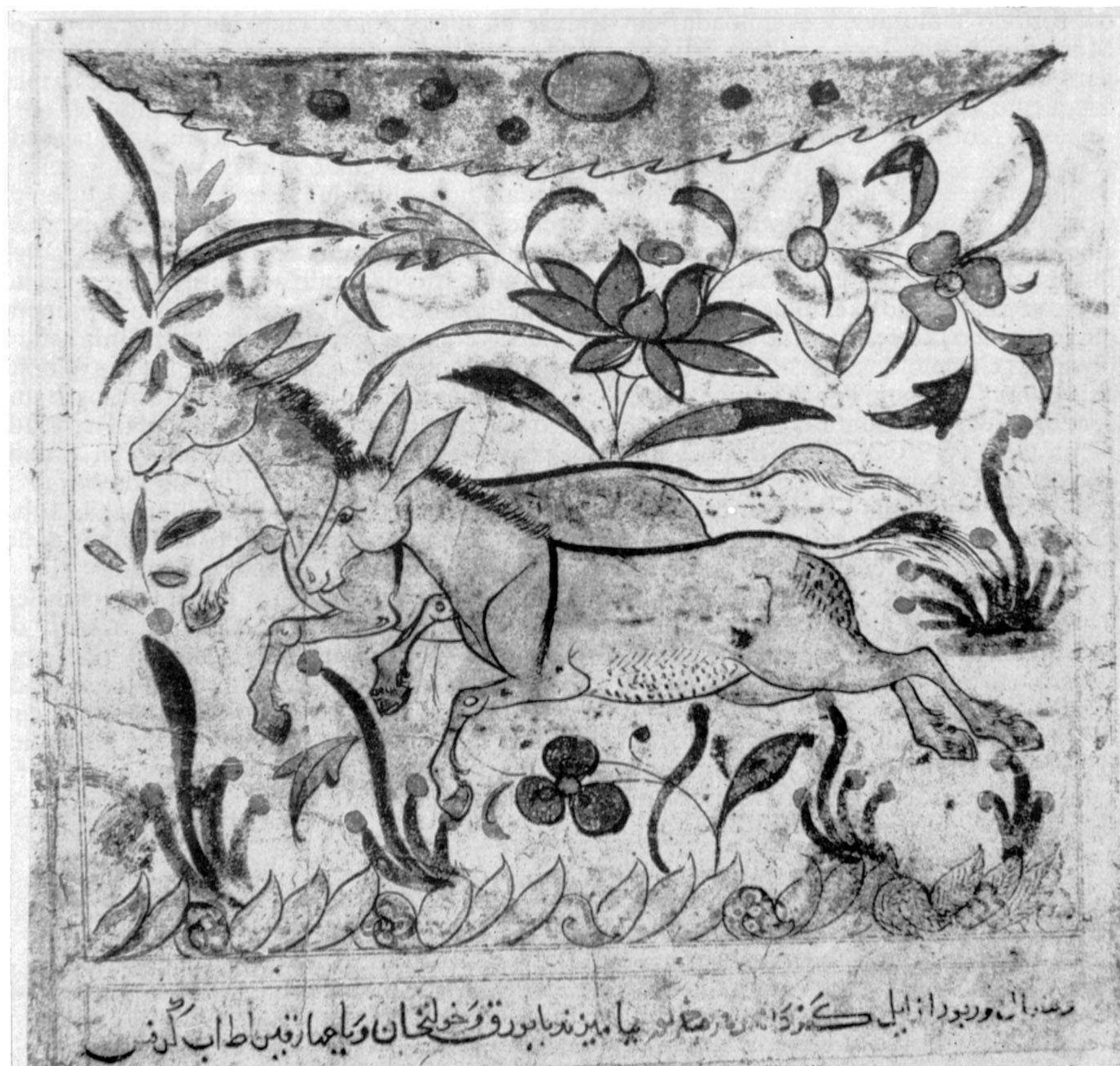


Fig. III.19. Onagros de manuscrito, iraniano, no Museu do Kuwait (seg. Jenkins, 1983, 97).

(⁹⁹) Duda, D., 1970, Spanish - Islamische Keramik Aus Almeria vom 12. bis 15. Jahrhundert, est. 23c.

A matriz (Q25/C2-2), de carácter fitomórfico, aplicada sobre um fragmento de talha, esmaltado de cor verde, é similar a outra que se encontra sobre uma peça, com as superfícies da cor da pasta, recolhida na praça Cardenal Belluga, em Lorca (Múrcia), e datada do século XIII ⁽¹⁰⁰⁾.

As palmetas são dos motivos mais empregues na estampilhagem de grandes vasilhas, podendo-se encontrar bons paralelos em peças exumadas em Almería, onde foram datadas do período almorávida e almoadá, em Cieza, na área urbana tanto de Lorca como de Múrcia, classificados no século XIII, e, ainda, numa talha do Museu de Ceuta dada como pertencente ao século XIV ⁽¹⁰¹⁾. Em Belyounech uma destas palmetas foi impressa num fragmento, que integra um friso arquitectónico, classificado como sendo do século XII ⁽¹⁰²⁾.

O motivo arquitectónico, estampilhado (Q17/C2-5), oferecendo um arco ultrapassado preenchido por um elemento fitomórfico, a que foi associado linhas verticais incisadas, é semelhante ao de uma outra matriz representada numa talha, que se encontra no Museu de Córdoba, embora não apresente, como o de Silves, a flor no interior do arco. Esta peça foi classificada, por Jener ⁽¹⁰³⁾, como sendo almoadá. São muitas as representações, estampilhadas, de arcos polilobulados, associados a linhas incisadas de modo a sugerirem arcarias, tal como se observa no exemplar de Ceuta e nas talhas vidradas do Museu de Córdoba; a primeira datada, como já referimos, no século XIV e as outras como sendo almoadas ⁽¹⁰³⁾. Uma estampilha, do Castelo de Silves (Q9/C2-1), de tipo arquitectónico, assemelha-se a um exemplar de Maiorca, também ligada a linhas incisadas, onde foi classificada, por Rosselló-Bordoy, como sendo do período almorávida-almoadá. Uma outra matriz com arcos polilobulados, usada numa talha (Q9/C2-2) de Silves, é similar à proveniente da área urbana de Lorca, datada do século XIII, que oferece, apenas, cinco lóbulos e um motivo geométrico no interior ⁽¹⁰⁵⁾. Mas, é no Museu de Córdoba que encontramos a impressão de uma matriz, aplicada sobre uma talha vidrada de cor castanha clara (melada), tendo um arco com nove lóbulos e elementos florais, ao centro e ladeando-a, atribuída, por Jener ⁽¹⁰⁶⁾, à época almoadá.

Podemos reconhecer arcos polilobulados, com um número ímpar de divisões, assemelhando-se ao representado na estampilha de Silves (Q9/C2-2), no *mihrab* da Mesquita Maior de Almería (fig. III.20), datado, por Ewert ⁽¹⁰⁷⁾, como sendo uma construção almoadá. Da mesma época, com a mesma estrutura e embora só com cinco lóbulos, são os arcos do *mihrab* da Mesquita de Mértola. Os arcos do *mihrab* do mosteiro de Bou Jeloud, em Fez, fundado por Abu Yusuf Ya' qub al-Mansur, também almoadas, oferecem onze lóbulos ⁽¹⁰⁸⁾ e permitem não só datar este tipo de estampilhas como rastrear a relação entre a iconografia arquitectónica e a utilizada na cerâmica.

⁽¹⁰⁰⁾ Palazon, J.N., 1986, La Cerámica Islámica en Murcia, p. 76, fig. 152.

⁽¹⁰¹⁾ Duda, D., 1970, Spanish - Islamische Keramik Aus Almeria von 12 bis 15 Jahrhundert, fig. 5, ests. 1, 4; Palazon, J.N., 1986, La Cerámica Islámica en Murcia, 3, 41, 271, 310, figs. 4, 79, 587, 657; Sotelo, E. A. F., 1980, Sala Municipal de Arqueología - Ceuta, Guia Catálogo, est. XLI.

⁽¹⁰²⁾ Cardenal, M.G., 1980, Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine, p. 245, est. VIII.

⁽¹⁰³⁾ Jener, S.S., 1948 - 49, Estampillas de Alfarerías Moriscas Cordobesas, p. 225, fig. 89, n.º 7417.

⁽¹⁰⁴⁾ op.cit, fig. 89, n.º 3281, 9946, 9192; Sotelo, E.A.F., 1980, Sala Municipal de Arqueología - Ceuta, Guia Catálogo, est. XLI.

⁽¹⁰⁵⁾ Palazon, J. N., 1986, La Cerámica Islámica en Murcia, p. 126, fig. 270.

⁽¹⁰⁶⁾ Jener, S.S., 1948-49, Estampillas de Alfarerías Moriscas Cordobesas, fig. 89, n.º 3149.

⁽¹⁰⁷⁾ Ewert, C., 1971, El Mihrab de la Mesquita Mayor de Almeria, p. 401, fig. 10.

⁽¹⁰⁸⁾ Terrasse, H., 1964, La Mosquée Almohade de Bou Jeloud à Fès, p. 357, fig. 4.

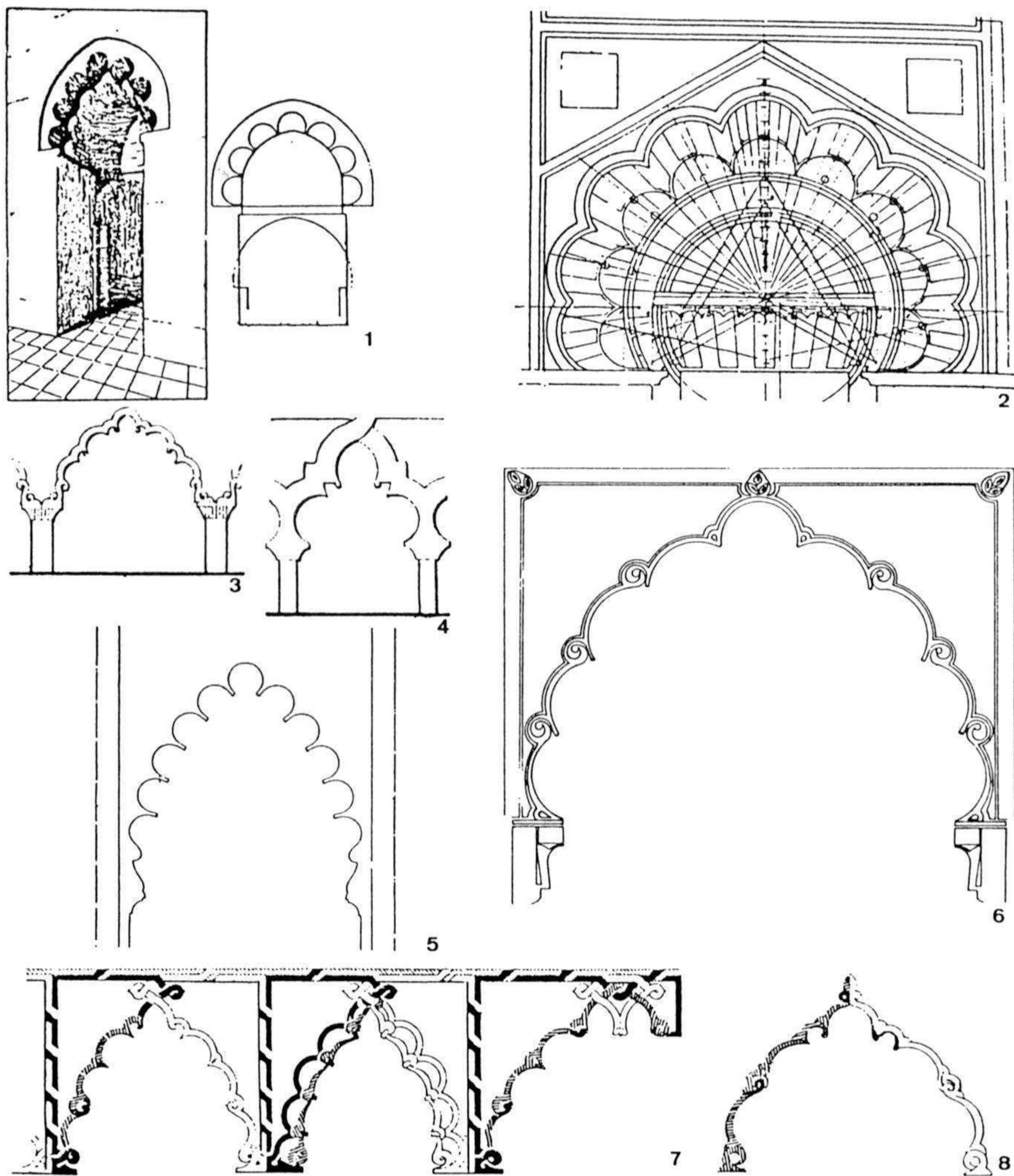


Fig. III.20. Arcos polilobulados: 1 – Porta da Mesquita do Castelo de Ujaydir (Iraque) (séc. IX); 2 – Porta central da fachada poente da Mesquita de Córdoba (962-966); 3 e 4 – Janelas da Mesquita dos Mortos em Fez (almorávidas-almoadas); 5 – Mesquita de Bou Jeloud em Fez (almoada, séc. XII); 6 – Cieza, Múrcia (almoada, sécs. XII-XIII); 7 – Mihrab da Mesquita Maior de Almería (almoada); 8 – Mihrab da Mesquita de Mértola (almoada) (1 e 2, seg. Torres Balbás, 1956, 164, 170, figs. 12 e 16; 3, 4, 7 e 8, seg. C. Ewert, 1971, figs. 10, 12a e b; 5, seg. H. Terrasse, 1964, 362, fig. 4; 6, seg. Palazon, 1985, 41, fig. 22).

A estampilha representada numa das talhas de Silves (Q18/C2-5), com caracteres cúficos que intercalam com elementos florais, encontra paralelos formais, no tipo de letra e de flores usadas, numa lápide funerária «Mqabriya» datada de 1221 ⁽¹⁰⁹⁾. Estes motivos, aplicados sobre as paredes de grandes talhas, dispostos em bandas, tal como nas nossas cerâmicas, detectam-se tanto em Almería, onde estão datados do período almoada ou nazari, como em peças congêneres do Museu de Córdoba ⁽¹¹⁰⁾.

A utilização de dois tipos de escrita diferentes, a cursiva e a cúfica, regista-se numa das peças (Q14/C2-1), com as superfícies esmaltadas da cor da pasta, recolhida na praça Cardenal Belluga, de Lorca, e classificada no século XIII ⁽¹¹¹⁾.

O motivo estampilhado, sobre o bordo de uma das talhas (Q18/C2-10), que mostra losangos, dispostos em série, é semelhante a outra matriz aplicada, também, no bordo de uma peça idêntica, mas com as superfícies da mesma cor da pasta, recolhida na praça Cardenal Belluga, de Lorca, datada do século XIII ⁽¹¹²⁾. Esta mesma forma está, de igual modo, representada numa talha em Alcácer-Ceguer, onde lhe foi conferida idêntica atribuição cronológica ⁽¹¹³⁾, assim como nas talhas, consideradas mudéjares, do Museu de Sevilha, e num fragmento de cerâmica do poço-cisterna de Silves ⁽¹¹⁴⁾.

As estreitas bandas estampilhadas, que intercalam com as grandes matrizes, e em especial uma delas (Q27/C2-2), encontram paralelos em Almería, onde são datadas do período almoada-nazari, assim como num fragmento, do já referido poço-cisterna de Silves, classificado no século XIII ⁽¹¹⁵⁾.

III.6.2.9.2. Cerâmicas vidradas

As taças, com carena acusada (Q39/C2-1; Q8/C2-7), que mostram as superfícies vidradas, de cor castanha (melada), têm similitudes, tanto formais como no tom do vidrado empregue, com as de Belyounech e Alcácer-Ceguer, onde foram datadas no período almoada ⁽¹¹⁶⁾.

As taças, vidradas de cor castanha (melada) (Q7/C2-1; Q5/C2-2; Q1/C2-7) que apresentam a superfície exterior decorada com cordões verticais (em relevo, e mais ou menos separados, partindo de um cordão horizontal, disposto abaixo do bordo e unindo-se a outro sobre a carena), assemelham-se, tanto pela forma como pela temática decorativa, a

⁽¹⁰⁹⁾ Jimenez, M.O., 1946, Una Mqabriya Almohade Malagueña del Año 1221 J.C., est. 10.

⁽¹¹⁰⁾ Duda, D., 1970, Spanish - Islamic Keramik Aus Almeria Von 12, bis 15 Jahrhundert, est. 5; Jener, S.S., 1948-49, Estampillas de Alfarerías Moriscas Cordobesas, fig. 87.

⁽¹¹¹⁾ Palazon, J. N., 1986, La Ceramica Islamica en Murcia, fig. 149.

⁽¹¹²⁾ op. cit., p. 68, fig. 140.

⁽¹¹³⁾ Redman, C. L., 1980, Late Medieval Ceramics from Qsar es-Seghir, p. 257, fig. 3v.

⁽¹¹⁴⁾ Fernández, J. A. S., e Porres, M. G. L. V., 1982, Tinajas Mudéjares del Museo Arqueológico de Sevilla; Tipología y Decoración, p. 466, fig. 3-8; Gomes, R. V., e Gomes, M. V., 1986, Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudéjares do Poço-Cisterna de Silves, p. 139, fig. 10-7.

⁽¹¹⁵⁾ Duda, D., 1970, Spanish Islamic Keramik Aus Almeria von 12 bis 15 Jahrhundert, est. 5; Gomes, R. V., e Gomes, M. V., 1986, op. cit., p. 139, fig. 10 - 8.

⁽¹¹⁶⁾ Cardenal, M. G., 1980, Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine, fig. 1, est. I; Myers, J. E., e Blackman, M. J., 1986, Conical Plates of the Hispano - Moresque Tradition from Islamic Qsar es-Seghir; Petrographic and Chemical Analyses, p. 58; Redman, C.L., 1986, Qsar es-Seghir, an Archaeological View of Medieval Life, p. 106, fig. 4.3.I.

peças provenientes de Almería, com cronologia almoada e nazari, ou de Belyounech, classificadas como almoadas (¹¹⁷). Aquela mesma decoração foi aplicada numa tripode, de Valencia, com as linhas verticais muito unidas, sem atribuição cronológica, e num almofariz recolhido, numa rua de Maiorca (¹¹⁸), com cerâmicas cristãs e muçulmanas, assim como em peças exumadas nos níveis islâmicos, sem cronologia, de Sta. Catalina de Sena. Aliás, neste mesmo local, Rosselló-Bordoy apenas data algumas das peças abstendo-se de classificar outras.

As lamparinas com base plana, pé alto e bico triangular (Q12/C2-3), têm paralelos em Almería, onde aquelas formas são classificadas como almorávidas e almoadas, sendo atribuídas, em Belyounech, a este último período (¹¹⁹). Rosselló-Bordoy não lhes confere cronologia precisa, afirmando que a sua produção se teria iniciado no período taifa, prolongando-se a sua utilização, em Paterna e Manises, até ao século XIV. No Castelo de Silves só exumámos este tipo de peças nesta camada que é, como temos vindo a indicar, claramente almoada.

III.6.2.9.3. Cerâmicas com esgrafitos e de corda seca

Os dois exemplares que possuímos, e utilizam a técnica do esgrafito sobre engobe negro, pela pouca espessura das paredes devem pertencer a jarras, possivelmente, semelhantes a uma das peças exumadas nesta camada, fabricada com pasta clara (Q8/C2-1), tendo duas asas opostas e pé em anel. A inclinação da parede indica-nos que um destes fragmentos esgrafitados (Q32/C2-1) poderá pertencer ao bordo de uma destas formas e o outro (Q34/C2-3), devido à curvatura, ao corpo desta ou de outra peça semelhante.

A utilização do esgrafito, sobre peças esmaltadas, encontra-se, no século X, em Nishapur (¹²⁰), utilizando desenhos largos, de carácter geométrico e floral. As peças que mostram motivos esgrafitados com desenho miúdo são tidas como tardias, já do século XIII, tanto no Irão como, particularmente, em Hama (Síria) onde utilizam bandas epigrafadas (¹²¹).

Na Península, esta decoração foi aplicada em cerâmicas esmaltadas de Málaga, de cor dourada, atribuídas aos séculos XII-XIII (¹²²). É, aliás, nesta mesma época, mais precisamente a partir do segundo quarto do século XIII, que são classificadas cerâmicas com esgrafito sobre engobe negro, em especial, dos numerosos objectos provenientes de Múrcia; alguns exumados em estratos arqueológicos datados (¹²³). Os raros fragmentos

(¹¹⁷) Cardenal, M.G., 1980, op. cit., p. 230, fig. 2c; Duda, D., 1970, Spanish-Islamiche Keramik Aus Almeria vom 12. bis 15. Jahrhundert, op. cit., est. 22a.

(¹¹⁸) Bazzana, A. 1983, La Cerámica Islamica en la Ciudad de Valencia, p. 40, fig. 7; Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe em Mallorca, p. 74, fig. 18.

(¹¹⁹) Cardenal, M.G., 1980, Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine, fig. 10; Duda, D., Spanish-Islamiche Keramik Aus Almeria Vom 12. bis 15. Jahrhundert, est. 11d; Rosselló-Bordoy, G., 1978, op. cit., p. 54.

(¹²⁰) Grube, E.J., 1976, Islamic Pottery of the Eighth to the Fifteenth Century in the Keir Collection, p. 87.

(¹²¹) Grube, E. J., 1976, op. cit., p. 91; Riis, P. J., e Poulsen, V., 1957, Hama-Fouilles et Recherches de la Fondation Carlsberg, p. 149.

(¹²²) Gomez-Moreno, M., 1940, La Loza Dorada Primitiva de Málaga, p. 349.

(¹²³) Palazon, J.N., 1986, La Cerámica Islamica en Murcia, p. 234, fig. 500; 1986a, La Cerámica Esgrafiada Andalusi de Murcia, p. 48, fig. 18.

recolhidos em Alcácer-Ceguer, assim como uma pequena jarra, actualmente, no Museu de Ceuta, foram datados nos séculos XIII-XIV. Este tipo de decoração, muito divulgada na Península no período nazari, está documentada em Belyounech até à época merinida (séc. XIV) ⁽¹²⁴⁾.

Um dos fragmentos do Castelo de Silves, já referido (Q34/C2-3), mostra parte de uma inscrição, tal como um exemplar proveniente do poço de San Nicolás em Múrcia, onde a epigrafia se encontra no interior de um medalhão, no corpo da peça, ou conforme se observa numa jarra exumada no Castelo de Monteagudo ⁽¹²⁵⁾. A inscrição «Glória para Allah» é muito recorrente nas cerâmicas esgrafitadas da província de Múrcia, onde aparece sobre o bordo ou no corpo de peças de formas variadas, encontrando-se, também, nas estampilhas das grandes talhas.

Em Maiorca, as peças com decoração esgrafitada, são, em princípio e segundo Pons ⁽¹²⁶⁾, anteriores a 1229; data em que foi ocupada por catalães. O esgrafito está representado, naquela ilha, em jarras, algumas com as pegas ornadas com botões, e a decoração apresenta um desenho muito miúdo, característica que também oferecem os fragmentos de Silves. Podem ser ligeiramente posteriores as peças esgrafitadas de Valencia, só conquistada em 1238, assim como as de Cieza, povoação também tomada no segundo quartel do século XIII.

A taça (Q35/C2-2), que utiliza como decoração a técnica da corda seca, tem o fundo com pé alto, em anel, semelhante pela forma a outras cerâmicas recolhidas nesta mesma camada do Castelo de Silves. A corda seca total é bem conhecida nas produções almoadas, encontrando-se muito representada em Mértola, embora, por ora, seja rara em Silves.

III.6.2.9.4. Cerâmicas comuns

Os alguidares (Q18/C2-11; Q5/C2-21), de pastas claras, apresentam semelhanças formais com o tipo A de Rosselló-Bordoy ⁽¹²⁷⁾ que, no entanto, não lhes atribui cronologia.

A taça (Q29/C2-3), de pasta clara, oferecendo a superfície interior e a exterior decoradas com motivos pintados, diferentes, cor-de-laranja, tem semelhanças decorativas com uma peça de Nishapur. Esta, mostra as superfícies esmaltadas em tons de verde e amarelo, foi datada do século IX, e poderia constituir um possível protótipo para a decoração pintada da peça do Castelo de Silves ⁽¹²⁸⁾.

A jarra (Q8/C2-4), de pasta clara que apresenta quatro asas opostas, é semelhante a outra, sem decoração incisa formando canelado na superfície exterior, que possui um filtro no interior, entre o gargalo e o corpo, exumada no Carrer Zavellà, em Maiorca, e datada como sendo almoada. Formalmente similar, à referida jarra do Castelo de Silves, é uma outra, proveniente da praça Cardenal Belluga de Lorca, que apesar de ter as caneluras, na

⁽¹²⁴⁾ Redman, C.L., 1986, Qsar es-Seghir, au Archaeological View of Medieval Life, p. 118, fig. 47; Sotelo, E.A.F., 1980, Sala Municipal de Arqueologia – Ceuta, Guia Catalogo, est. XLVIII.

⁽¹²⁵⁾ Palazon, J.N., 1986a, La Ceramica Esgrafiada Andalusi de Murcia, pp. 55, 56, figs. 23, 24.

⁽¹²⁶⁾ Pons, M.R., 1983, Les Ceràmiques Almohades del Carrer de Zavellà, pp. 12, 42.

⁽¹²⁷⁾ Rosselló-Bordoy, G., 1978, Ensayo de Sistematización de la Ceramica Arabe en Mallorca, p. 60, fig. 13.

⁽¹²⁸⁾ Wilkinson, C.K., 1973, Nishapur Pottery of the Early Islamic Period, pp. 8, 9.

superfície exterior, apresenta apenas duas asas e foi datada no século XIII ⁽¹²⁹⁾.

O fragmento de jarra que oferece, na superfície exterior, decoração efectuada pela estampilhagem de uma pequena matriz, floral, encontra paralelos numa peça completa, de Belyounech, datada como sendo almoadada ⁽¹³⁰⁾.

As tampas (Q38/C2-2; Q7/C2-3; Q7/C2-2) que deviam de corresponder a estas jarras, com pega em botão, são idênticas a peças provenientes, tanto de Maiorca como de Cieza, de níveis almoadadas ⁽¹³¹⁾.

Os bules (C2-10; Q18/C2-3; Q28/C2-1), em especial o primeiro exemplar referido, são semelhantes a um exumado na área urbana de Múrcia. Este, mostra corpo canelado, um pequeno gargalo abaixo do bordo, falta-lhe a asa, tem base plana, e foi publicado por Palazon ⁽¹³²⁾ que não faz qualquer atribuição cronológica.

Os fragmentos, não esmaltados, pertencentes a grandes talhas podem, em certos casos, fazer parte de algumas destas vasilhas que possuem áreas em reserva, conforme referimos, neste mesmo capítulo, em III.6.2.3. Ali tivemos, já, oportunidade de mencionar paralelos para alguns dos motivos estampilhados, nomeadamente a «mão de Fátima» (Q37/C2-1) e as palmetas (Q18/C2-7), que também encontrámos sobre superfícies não esmaltadas. Falta-nos, agora, coligi-los para duas das matrizes, de carácter fitomórfico, detectadas. Uma delas (Q9/C2-3), mostra um caule, do qual partem duas flores diferentes, e é igual a uma outra impressa num fragmento, proveniente de Silves, que faz parte das colecções do Museu de Lagos ⁽¹³³⁾.

A segunda estampilha (Q25/C2-3), com uma flor inscrita num polígono, é parecida a outra representada numa peça recolhida na praça Cardenal Belluga, em Lorca (Múrcia), datada do século XIII ⁽¹³⁴⁾.

Uma das ânforas (Q18/C2-16), que tem o fundo com um pequeno ônfalo, é semelhante a outras almoadadas, das Baleares, publicadas por Rosselló-Bordoy ⁽¹³⁵⁾. Uma ânfora análoga, do Museu Arqueológico de Jaén, não foi cronologicamente classificada pelos autores que a estudam ⁽¹³⁶⁾. Podemos encontrar os protótipos destas peças em ânforas bizantinas, dos finais do século VI, com paredes caneladas, bordo curto e cilíndrico, decoradas com linhas semicirculares pintadas de cor branca ⁽¹³⁷⁾.

A vasilha (Q8/C2-5) que apresenta, na superfície interior, um elemento sobressalente tem raros paralelos, formais e decorativos, numa peça, não datada, de Valencia. Esta, foi dada a conhecer com a atribuição funcional de braseiro, apresenta uma asa na superfície exterior, e, de igual modo, está decorada com temas incisos ⁽¹³⁸⁾.

⁽¹²⁹⁾ Pons, M.R., 1983, *Les Ceràmiques Almohades del Carrer de Zavellà*, p. 77, fig. 70; Palazon, J.N., 1986, *La Ceràmica Islàmica en Murcia*, p. 101, fig. 211.

⁽¹³⁰⁾ Cardenal, M.G., 1980, *Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine*, p. 236, fig. 6d.

⁽¹³¹⁾ Palazon, J. N., 1986, *La Ceràmica Islàmica en Murcia*, p. 22, fig. 45; Pons, M. R., 1983, *Les Ceràmiques Almohades del Carrer de Zavellà*, p. 117, fig. 118.

⁽¹³²⁾ Palazon, J.N., 1986, *op. cit.*, p. 312, fig. 661.

⁽¹³³⁾ Viana, A., Formosinho, J., e Ferreira, O.V., 1953, *De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos*, est. IV-59.

⁽¹³⁴⁾ Palazon, J.N., 1986, *La Ceràmica Islàmica en Murcia*, p. 72, fig. 147.

⁽¹³⁵⁾ Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Ceràmica Arabe en Mallorca*, p. 79, fig. 20E.

⁽¹³⁶⁾ Bazzana, A., e Montmessin, Y., 1985, *La Céramique Islamique du Musée Archeologique Provincial de Jaen*, p. 29, fig. 12.

⁽¹³⁷⁾ Frierman, J.D., 1975, *Medieval Ceramics, VI to XIII Centuries*, p. 53.

⁽¹³⁸⁾ Bazzana, A., 1983, *La Ceràmica Islàmica en la Ciudad de Valencia*, fig. 23, n.º 549.

Os motivos decorativos, incisos rectilíneos, ondulados mas horizontais, que decoram as superfícies de vasilhas de tons de vermelho (Q11/C2-1; Q8/C2-5; Q2/C2-17), pertencem ao mesmo horizonte cultural de uma jarra de Cieza, datada do século XIII, que na superfície exterior intercala aqueles temas com bandas pintadas (¹³⁹).

III.6.4. Integração cultural

Esta camada, de que fazia parte um espaço habitacional composto, por ora, por uma sala de entrada, cozinha e instalações sanitárias, estava separada da anterior por pavimentos, ora lajeados, ora de terra batida com areia e cal. As estruturas descobertas aproveitaram como alicerces alguns dos muros pertencentes a uma habitação anterior, que pudémos classificar como do período almorávida. Como referimos, a casa foi construída tendo em vista manter certo distanciamento do pano de muralha, que ali cerca a alcáçova, encontrando-se, também, próxima do *aljibe*. Esta edificação é contemporânea dos principais dispositivos defensivos que ainda se conservam em Silves, nomeadamente das muralhas, da alcáçova e da *medina*, assim como das suas portas e torres albarrãs.

Na entrada da casa exumada encontrámos um esqueleto humano, jazendo insepulto, sob um nível de derrubes e envolto por terras queimadas que, do mesmo modo, cobriam as cerâmicas ali recolhidas. Este incêndio não só destruiu parte da casa como fez estalar, em alguns casos, o esmalte que cobria as superfícies de peças em cerâmica e, ainda, deteriorou as duas moedas ali recolhidas: uma mealha de D. Sancho I e um *dirham*, almoada, cunhado, em Córdoba, entre 1146 e 1236.

Como referimos, no Capítulo II, os dados disponíveis indicam estarmos na presença de uma estrutura integrada na área palatina da alcáçova, destruída durante a sua conquista, em 1240, no reinado de D. Afonso III. São, também testemunho daquele acontecimento as grandes áreas queimadas e os derrubes das estruturas, os numerosos viotes de besta que recolhemos, assim como a disposição de muitas peças em cerâmica, de osso e de vidro, mostrando não só um abandono imediato, e precipitado, do local como a sua destruição sob os desmoronamentos.

As cerâmicas descobertas, nos diferentes compartimentos, desta habitação, distribuíam-se de modo irregular. Assim, existia uma maior concentração na sala de entrada, onde se faziam notar os fragmentos de uma ou mais grandes talhas, estampilhadas, dois queimadores, de essências e perfumes sólidos, e de bonitas taças esmaltadas. No compartimento que julgamos ser a cozinha eram abundantes as cerâmicas comuns; tanto as peças fabricadas com pastas claras, como as de pastas vermelhas e castanhas, que também estavam dispersas um pouco por todo o lado. Aqui reconhecemos diversas formas, algumas com variantes, como as panelas, os potes, alguidares, bules, jarros e jarras. As taças que, como referimos, se espalhavam, igualmente, pela sala de entrada como pela cozinha, estando tanto as carenadas, decoradas com bonitas incisões, como as que oferecem carena acusada, ornamentadas com estampilhas na superfície interior, sobretudo no centro daquele primeiro compartimento.

Nesta camada, claramente pertencente aos séculos XII-XIII, presenciámos a um enriquecimento tanto da morfologia dos recipientes, como dos processos técnicos e

(¹³⁹) Palazon, J.N., 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, p. 4, fig. 5.

temáticos das suas decorações, encontrando-se verdadeiras inovações como demonstra a, já referida, taça esmaltada decorada com motivos de cor azul de cobalto, uma outra com corda seca total, assim como o uso da estampilhagem e do esgrafito. Este último processo decorativo é conhecido no Sul de Portugal, por ora, somente em Silves e Mértola, devendo pertencer, pelos paralelos já indicados, a um momento imediatamente anterior à conquista cristã da cidade e ao segundo quartel do século XIII.

As cerâmicas fabricadas com pastas claras, bem depuradas, mas de paredes muito finas, são outra das inovações deste período. Bules e, sobretudo, jarros e jarras com um ou dois pares de asas opostas duas a duas, que podem ser decoradas com pequenas estampilhas florais, do tipo das que ornamentam o fundo de algumas taças com carena acusada, com paralelos em Belyounech (Ceuta) constituem este grupo, raro, de peças, algumas das quais valorizadas com esgrafitos.

A esta mesma camada arqueológica, e ao período almoada, pertencem grande número de taças carenadas, para as quais só detectámos paralelos formais em peças contemporâneas mas com tratamento monocromo. Assim, as do Castelo de Silves foram valorizadas, plasticamente, através da variação cromática entre as duas superfícies.

As taças com carena alta e acusada, oferecendo, de igual modo, por vezes diferenciação cromática, entre as duas superfícies, ou estampilhagem no interior do fundo, foram datadas entre os séculos XI e XIII, em Valencia, e nos séculos XII e XIII, tanto em Múrcia como em Almeria⁽¹⁴⁰⁾. Apresentam, no entanto, grande disparidade cronológica, em relação a estas atribuições, as datações propostas por Zozaya⁽¹⁴¹⁾ para este tipo de peças com decoração estampilhada na superfície interior, de Gormaz (a norte de Madrid) e Mesas de Villaverde (Málaga), que este autor atribui ao período pré-califal, e a uma das fases do Emirato (séculos VIII-X). Se, de facto, como defende Zozaya, tanto a forma destas taças como as estampilhas que as decoram são semelhantes às utilizadas na época romana, sugerindo ali encontrarem um ascendente directo, a evidência arqueológica demonstrou que, pelo menos, no Castelo de Silves, não exumámos nenhuma peça deste tipo na sua camada mais antiga. Elas surgem, contudo, bem integradas no último nível da ocupação muçulmana (C2) desta alcáçova, onde são muito abundantes. Fica assim afastada a atribuição cronológica de Zozaya, e reconfirmada a datação almoada destas peças, conservando-se em aberto tanto a problemática que respeita à génese das suas formas, como à originalidade das suas decorações, ou à sua difusão comercial. É, neste último aspecto que encontraremos a justificação, possível, para o aparecimento das peças em Gormaz, já sob o domínio cristão desde os fins do século XI.

Grandes estampilhas ornamentam, profusamente, enormes talhas com as superfícies vidradas com espesso esmalte de cor verde ou mantendo áreas em reserva. Estes reservatórios de água, embora não decorados, eram conhecidos, em Silves, desde o período califal, tendo-se difundido o seu uso no período almoada; com tratamento plástico requintado, serviam na entradas das casas para dessedentar os seus habitantes, proprietários e eventuais visitantes.

Uma iconografia rica com aspectos antropomórficos, zoomórficos, leteriformes, vegetalistas, arquitectónicos e geométricos, enformam matrizes que decoram as grandes talhas

⁽¹⁴⁰⁾ Bazzana, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, fig. 16, n.º 1372; Duda, D., 1970, *Spanish-Islamiche Keramik Aus Almeria vom 12. bis 15. Jahrhundert*, fig. 6c, est. 5d; Palazon, J.N., 1986, *op. cit.*, p. 81, fig. 162.

⁽¹⁴¹⁾ Zozaya, 1980, *Aperçu Général Sur la Céramique Espagnole*, p. 267; 1981, *Cerámica Andalusí*, p. 39.

e são, ainda, utilizadas na decoração dos bocais de poços, em cerâmica ⁽¹⁴²⁾, sugerindo uma estreita relação temática e, de certo modo, funcional. Estas peças, tal como as talhas, foram muito disseminadas no Norte de África e no Sul da Península, durante o período almoadá, e não-de ser fabricadas, com poucas alterações, em ambas as orlas, desta área do Mediterrâneo, até ao século XIV ⁽¹⁴³⁾.

A representação de temas de carácter zoomórfico, fazendo parte tanto das asas das jarras como de uma estampilha aplicada na parede de uma talha, são outras inovações que detectámos neste período. Encontramos representações de seres vivos em peças díspares do mundo muçulmano, incluindo as cerâmicas, tanto no Ocidente como no Oriente. É habitual referir-se a existência de uma passagem do Corão recomendando a interdição de figurar seres vivos; interpretação muito desenvolvida e divulgada no início deste século pelos historiadores da arte e da cultura islâmica ⁽¹⁴⁴⁾. Esta complexa questão, já preocupava os muçulmanos do século XIII, sendo desta época um tratado de Ibn Rusd, avô de Averroes, que condenava, por aquele motivo, até o costume de se fabricarem pequenos animais destinados a brinquedo ⁽¹⁴⁵⁾. Actualmente, e em face de estudos recentes, os teólogos muçulmanos têm interpretado de modo diferente a referida recomendação que condena ao fogo eterno quem ousar representar Deus ou outros seres vivos, pois estes, no dia do julgamento final, reclamarão uma alma ao artista. A passagem corânica que, segundo Grabar ⁽¹⁴⁶⁾, deve ter sido influenciada pela iconoclastia bizantina, não deixa dúvidas apenas no que concerne ao poder universal e divino de Deus, o único Criador de todos os seres. De qualquer modo, em 92 jarras, só duas apresentaram figuras zoomórficas, como asas em forma de cabeça de equídeo, e em 34 matrizes estampilhadas somente uma mostra temática zoomórfica. É curioso, desde já, notarmos que tanto as duas asas como a estampilha, agora referida, oferecem iconografia semelhante, representando equídeos. Como vimos este tema estava já presente no Oriente durante o período omíada, sendo conhecido na Península Ibérica nas loiças califais de Medinat-az-Zahra e Elvira ⁽¹⁴⁷⁾. É, igualmente, nos séculos XII e XIII que iremos observar outras representações de equídeos, cavalos e onagros, ou

⁽¹⁴²⁾ Jener, S. de los S., s/d, Nuevos Brocales de Pozo Hispano-Mahometano, p. 188.

⁽¹⁴³⁾ Jener, S. de los S., s/d, op. cit., p. 192; Burckhardt, T., 1982, La Civilización Hispano-Árabe, fig. 68.

⁽¹⁴⁴⁾ Migeon, G., 1927, Manuel d'Art Musulman, Arts Plastiques et Industriels, que na p. 102, escreve sobre este assunto: "Il est un seul passage du *Coran* qui interdit les idoles, et par conséquent toute traduction par l'image d'un thème religieux, et cette défense jamais ne fut enfreinte dans les lieux du culte où elle aurait pu choquer les croyants.

Dans les propos du Prophète, on lit bien: "Gardez-vous de représenter le Seigneur ou la créature; ne peignez que les arbres, les fleurs, les objets inanimés, car au jour du jugement les êtres représentés viendront réclamer une âme à l'artiste, qui, impuissant à les satisfaire, subira les tourments du feu éternel".

⁽¹⁴⁵⁾ Torres Balbás, L., 1956, Animales de Juguete, p. 374.

⁽¹⁴⁶⁾ Grabar, O., 1984, La Formación del Arte Islámico, p. 87:

"Aunque actualmente se sabe bien que el Corán no contiene prohibición alguna de tales representaciones, las incontestables denuncias de artistas y representaciones encontradas en muchas leyendas sobre la vida del Profeta son interpretadas como expresiones genuinas de una original actitud musulmana. La escritura erudita y apologética musulmana desde la última década del siglo XIX se ha concentrado generalmente en esta cuestión de la legalidad de la representación de seres vivientes. Entre los orientistas el problema empezó a manifestarse al surgir el descubrimiento, alrededor de 1890, de las pinturas murales de Qusayr Amrah, y los eruditos intentaron explicar lo que parecía ser una anomalía dentro de la impresión que entonces predominaba sobre la naturaleza de la fe y de la cultura dimanada de ésta. O bien trataron de definir con mayor precisión las razones filosóficas y teológicas y las consecuencias de una presunta prohibición de las imágenes. Además, la contemporaneidad de la ascensión del Islam con la reacción iconoclasta bizantina condujo también a una reflexión sobre los aspectos políticos de la supuesta prohibición musulmana.

⁽¹⁴⁷⁾ Maldonado, B.P., 1968, Influjos Occidentales en el Arte del Califato de Córdoba, p. 209; Gomez-Moreno, M., 1951, El Arte Árabe Español Hasta los Almohades, p. 317.

zebros, tanto na decoração esgrafitada e de corda seca parcial, como em pequenas esculturas tidas como brinquedos, provenientes de Mértola, Múrcia e Maiorca ⁽¹⁴⁸⁾. As asas zoomórficas encontram, por ora, paralelos no Al-Andalus, em Almería e Lorca, onde foram datadas como pertencentes ao período almoadas. Foi, aliás, em produções atribuídas aos almorávidas e almoadas que reconhecemos as mais antigas estampilhas zoomórficas de Silves ⁽¹⁴⁹⁾, figurando felinos, e de Maiorca (Santa Catalina de Sena) onde se observam, igualmente, felinos mas acompanhados por gazelas.

A já anteriormente citada peça esgrafitada, da Alhambra de Granada, foi, também, classificada nos séculos XIII-XIV, tal como os restantes paralelos coligidos em III.6.2.9.1., demonstrando a profusão dos temas animalistas onde se incluem unicamente animais selvagens, como os felinos, as gazelas, os onagros ou zebros, e, até, coelhos e lebres. Parece evidente a relação deste reportório com actividades cinegéticas ou, talvez mais propriamente, com aquilo que estas representam, substituindo a guerra e as façanhas heróicas tão queridas às populações nómadas e, sobretudo, à aristocracia dos impérios magrebinos. Podemos, assim, como hipótese, relacionar estas representações zoomórficas e os luxuosos vasos que as exibem, certamente artefactos de prestígio, com o elevado estatuto social e económico dos seus proprietários.

No conjunto de estampilhas fitomórficas, por vezes confundindo-se com elementos leteriformes do tipo cursivo ou cúfico, surgem alusões claras à iconografia muito variada da «árvore do Paraíso»; tema de origem remota e próximo-oriental, chegado ao Al-Andalus através da influência árabe.

As matrizes leteriformes reflectem o hábito da utilização da escrita, com carácter profiláctico, apotropaico e decorativo, já conhecida em Silves desde o século X. No entanto, é com os ziriadas do Magreb, no século XII, que esta temática foi divulgada na sua forma estampilhada, repetindo frases ou palavras, e dando origem às clássicas legendas evocadoras da Fé que hão-de perdurar nas alusões piedosas, em latim, pintadas, nas cerâmicas valencianas.

As lamparinas de pé alto, e os queimadores poligonais, são outras inovações do grupo de artefactos cerâmicos deste período, conhecidas em outros numerosos contextos almoadas.

Os fragmentos de ânforas, embora com os paralelos almoadas já apontados (Maiorca) espelham a grande tradição mediterrânica e próximo-oriental do seu fabrico. Estes recipientes, dedicados ao armazenamento e ao transporte de diferentes produtos, nomeadamente os seus exemplares mais recuados, em forma de saco, com fundo ligeiramente convexo e paredes exteriores caneladas, são conhecidas no Império Bizantino, durante o século VI ⁽¹⁵⁰⁾.

Mais universal são as formas dos alguidares apresentando, os almoadas, a superfície interior bem brunida tal como era o da camada 8.

O polimorfismo, a abundância e a riqueza das cerâmicas almoadas de Silves, recuperando diversas tradições, técnicas e decorativas, onde se cruzam diferentes influências

⁽¹⁴⁸⁾ Palazon, J. N., 1986, *La Cerámica Islámica en Murcia*, p. 311, fig. 658; Maldonado, B. P., 1967, *Notas sobre la Cerámica Hispanomusulmana*, p. 430, fig. 15; Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*.

⁽¹⁴⁹⁾ Gomes, R. V., e Gomes, M. V., 1986, *Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudéjares do Poço-Cisterna de Silves*, p. 138.

⁽¹⁵⁰⁾ Frierman, J.D., 1975, *Medieval Ceramics, VI to XIII Centuries*, p. 53, fig. 105.

orientais, como as norte-africanas e, até, as peninsulares, está bem presente neste período da vida da sua alcáçova que deve, ainda, reflectir, o florescimento, económico e cultural, do Império de Abu Yusuf Ya'qub, denominado al-Mansur (1184-1199), e do período imediatamente anterior à conquista cristã da cidade. George Marçais⁽¹⁵¹⁾ sintetiza a sua opinião sobre a arte almoadada escrevendo que ela: «s'impose, à notre admiration par son équilibre, sa beauté mâle et robuste, où nous sommes tentés de trouver le reflet à la fois de l'ascétisme du Mahdi et de la virilité berbère.»

(151) Marçais, G., 1946, *La Berbérie Musulmane et l'Orient au Moyen Age*, p. 273.

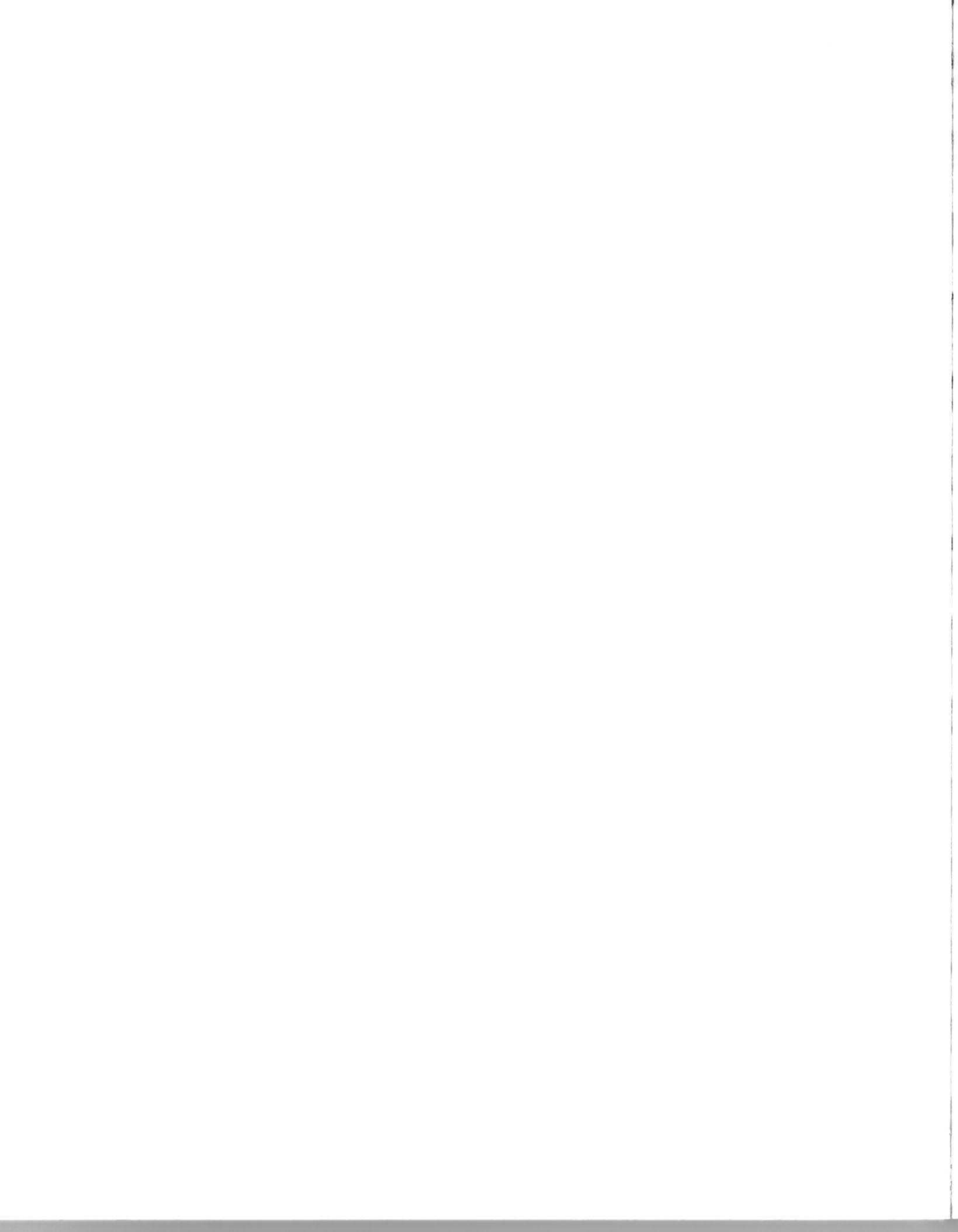
CAPÍTULO IV

*“Não há Deus senão Allah
todo o poder é para Allah
Não há força senão em Allah”*

*“Allah nosso Senhor
Maomé nosso enviado
Al-Mahdi nosso imane”*

*(Dirham almoada, da alcáçova
de Silves, cunhado em Córdoba)*





CERÂMICAS E HISTÓRIA

IV.1. A EVOLUÇÃO FORMAL E DECORATIVA, POSSÍVEL, DA CERÂMICA DO SÉCULO VIII AO SÉCULO XIII

IV.1.1. As pastas

Analisando, globalmente, as cerâmicas, recolhidas nas várias camadas arqueológicas identificadas no Castelo de Silves, em função das pastas e a partir dos dados estatísticos elaborados podemos concluir que:

1) Predominam as peças fabricadas com pastas em tons cor-de-laranja, vermelhos e castanhos, que oscilam entre 92,3 %, na camada 8, e 67 %, na camada 2. Será, no entanto, na última camada que se nota uma menor diferenciação, em termos de qualidade, entre este tipo de pastas, já que nas restantes apresentam variantes significativas, sobretudo, no que respeita à composição das mesmas. A estas pastas corresponde uma grande diversidade de formas que inclui alguidares, frigideiras, panelas, pratos, taças, púcaros, jarros, bules, jarras, cântaros, potes, talhas, ânforas e tampas de alguns destes recipientes.

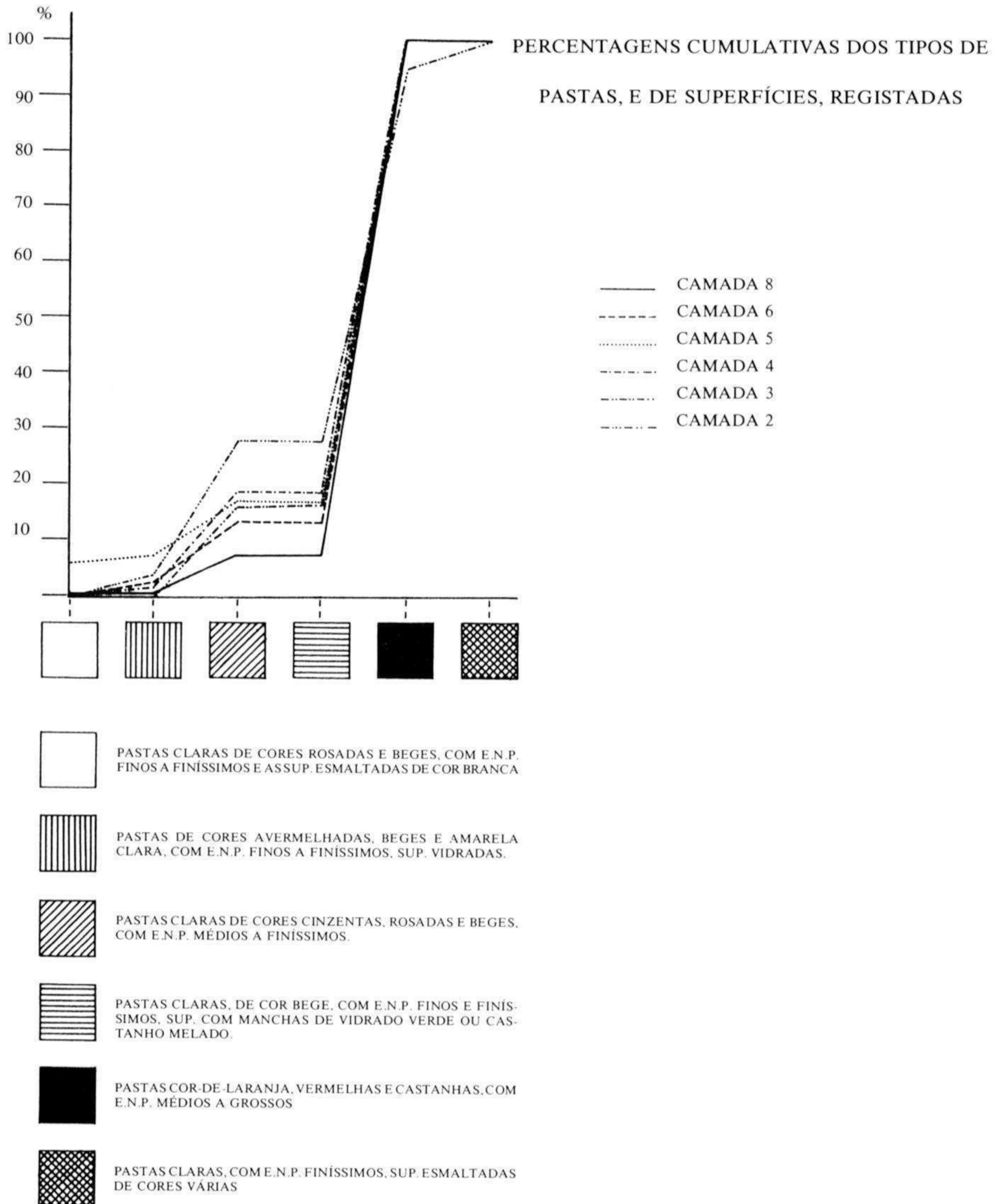
2) Os objectos produzidos com pastas de tonalidades claras, variam entre 7 %, na camada 8, e 24,4 % na camada 2, onde estão melhor representados. Estes materiais apresentam melhor qualidade no fabrico, em relação às pastas de tons escuros, e, em alguns casos, permitem a existência de peças com paredes muito finas (Q8/C2-1). As formas que recolhemos, montadas com estas pastas, correspondem a alguidares, a um almofariz, a taças, bules, jarras, potes, talhas, ânforas, lucernas, tampas, e a um suporte, provavelmente, de talha.

3) Os grupos de pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas, assim como os de pastas claras estão presentes em todas as camadas.

4) Foram recolhidas cerâmicas com as superfícies esmaltadas nas camadas 8, 5, 4 e 2, observando-se percentagens que variam entre 0,4 %, na camada 4, e 5 %, na camada 2, onde são melhor conhecidas.

Os barros utilizados no fabrico destas peças eram, em geral, de tons claros. São excepção três exemplares, recolhidos na camada 2, que apresentam pasta cor-de-laranja (Q2/C2-7), vermelha amarelada (Q21/C2-2), e vermelha acastanhada (Q21/C2-2). Reconhecemos fragmentos esmaltados pertencentes a taças, jarras, garrafas ou redomas, talhas, queimadores e a tampas.

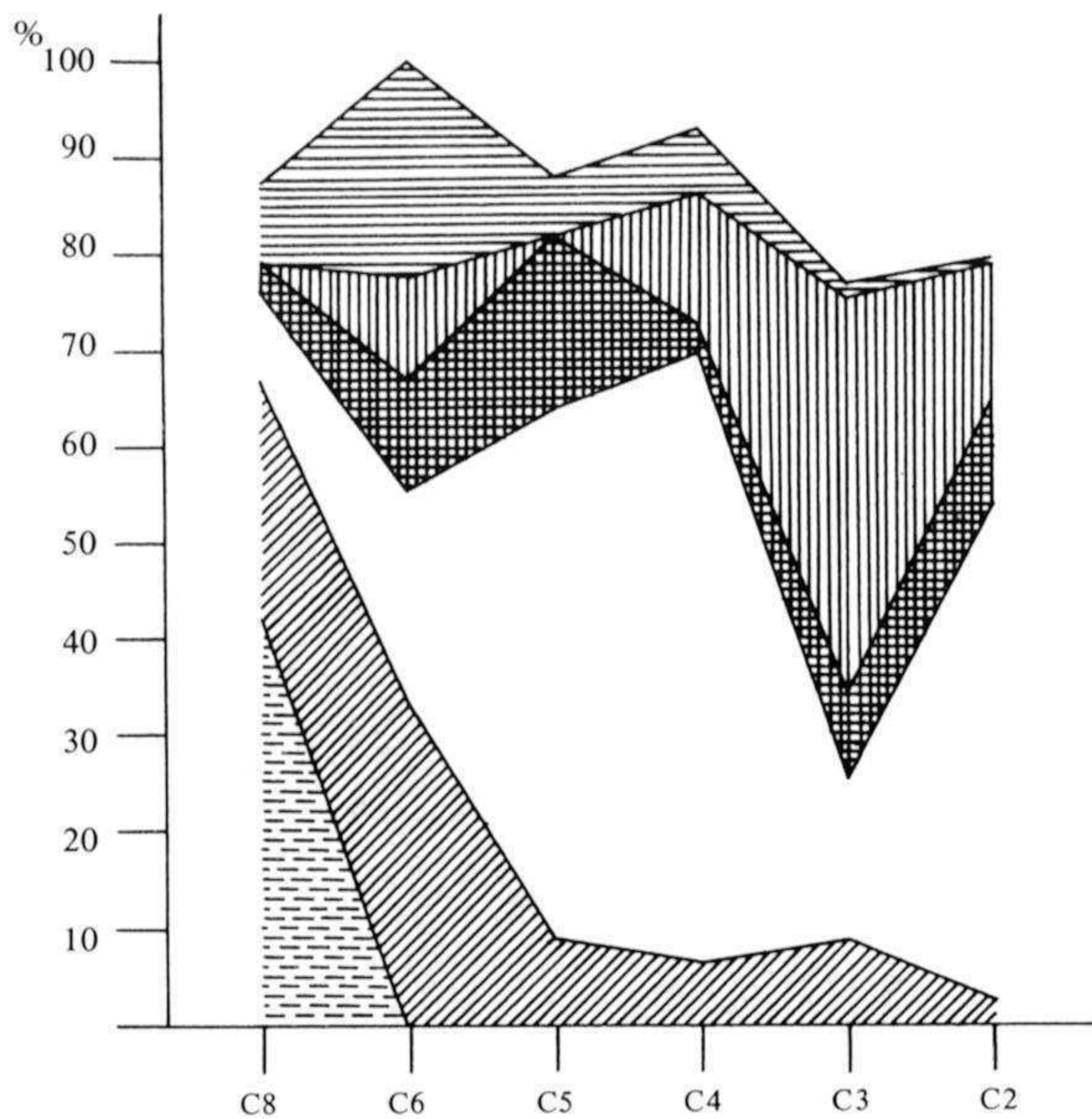
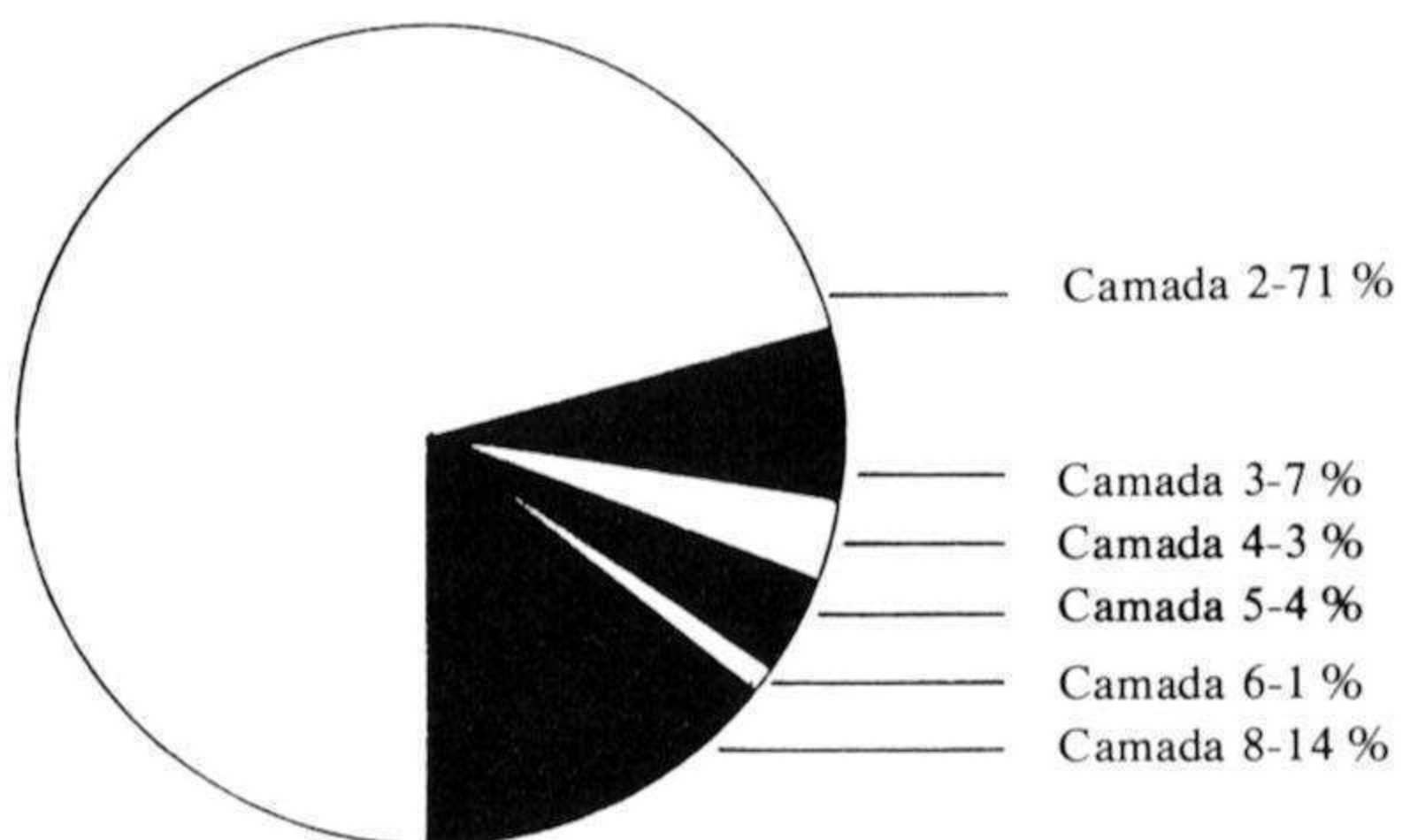
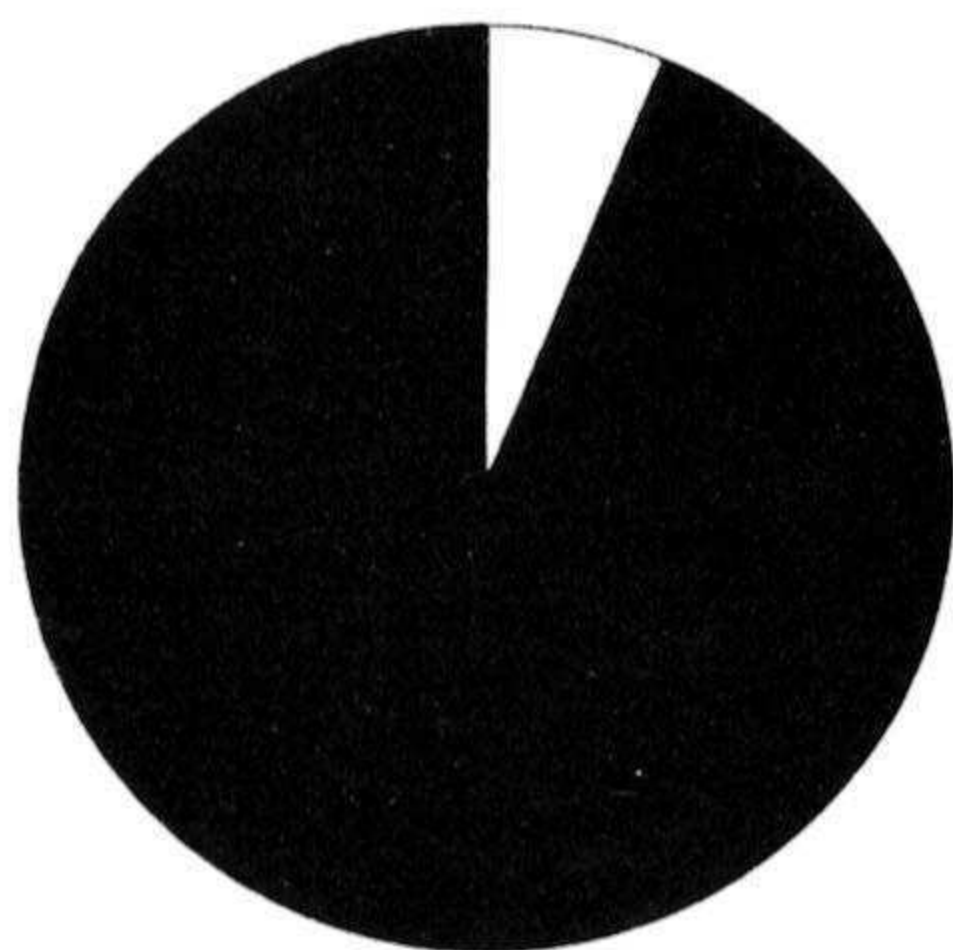
5) As cerâmicas que oferecem as superfícies completamente vidradas integravam as camadas 6, 5, 4 e 2 sendo, por isso, ausentes na grande colecção de artefactos provenientes da



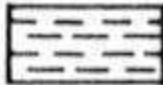




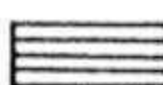
TOTAL DOS FRAGMENTOS RECOLHIDOS








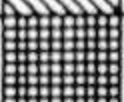







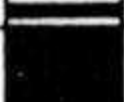

COM FORMA IDENTIFICADA - 6,5 %
 COM FORMA NÃO IDENTIFICADA - 93,5 %

PERCENTAGENS, PARA CADA CAMADA, DOS
 FRAGMENTOS CUJA FORMA FOI IDENTIFICADA



AS FORMAS MAIS ABUNDANTES

-  FRIGIDEIRAS
-  PANELAS
-  TAÇAS
-  JARROS
-  JARRAS
-  CÂNTAROS

FORMAS	CAMADAS	C8	%	C6	%	C5	%	C4	%	C3	%	C2	%
ALGUIDAR		1	0,85							10	14,9	65	9,8
ALMOFARIZ										1	1,4		
FRIGIDEIRA		54	41,8										
PANELA		32	24,8	3	33,4	3	9	2	6,6	6	8,9	20	3
PRATO		3	2,3										
TAÇA		12	9,3	2	22,2	18	54,9	19	63,6	11	16,4	333	50,9
PÚCARO		11	8,5							1	1,4		
JARRO		4	3,1	1	11,1	6	18,1	1	3,3	6	8,9	72	10,9
BULE										1	1,4	9	1,3
JARRA				1	11,1			4	13,3	28	41,1	92	13,9
GARRAFA/REDOMA						2	6					5	0,7
CÂNTARO		11	8,5	2	22,2	2	6	2	6,6	1	1,4	2	0,3
POTE						1	3			1	1,4	17	2,5
TALHA						1	3	2	6,6			20	3
ÂNFORA										1	1,4	4	0,6
LUCERNA/LAMPARINA		1	0,85							1	1,4	19	2,8
QUEIMADOR												2	0,3

C 8. As peças deste tipo atingem percentagens baixas que variam entre 1,3 %, na camada 4, e 3,6 % na camada 2, onde se conhecem num maior número de exemplares. Nestes fragmentos encontramos pastas cor-de-laranja, nas camadas 5 e 2, ou vermelhas, na camada 4 e, especialmente, na 2 (pertencentes a taças e a lamparinas).

6) Recolhemos um bule, fragmentos de lucernas e de jarros, fabricados com pastas claras mas decorados com pingos de vidro espesso, apenas, na camada 3 (onde totalizam 0,4 %).

7) As peças que oferecem pastas de melhor qualidade são aquelas que têm não só formas com menores dimensões mas, em especial, as superfícies esmaltadas ou vidradas. Pelo contrário, as peças de maiores dimensões apresentam, normalmente, pastas de pior qualidade, menos depuradas e contendo elementos não plásticos de grandes dimensões. Encontram-se neste caso as talhas recolhidas na camada 2 que, embora mostrem uma das superfícies esmaltadas, tanto a pasta como o acabamento interior não foram muito cuidados. Este aspecto contrasta, vivamente, com o tratamento dado às superfícies exteriores, decoradas, por incisão e estampilhagem, e cobertas com belos esmaltes verdes.

IV.1.2. As formas e as decorações

Nas camadas muçulmanas, identificadas na alcáçova de Silves, reconhecemos dezassete formas diferentes, com alterações morfológicas e decorativas, que pertencem a alguidares, a um almofariz, a frigideiras, panelas, pratos, taças, púcaros, jarros, bules, jarras, a garrafas ou redomas, a cântaros, potes, talhas, ânforas, a lucernas e a lamparinas de pé alto, assim como a queimadores. Algumas destas peças, como as panelas, as taças, os jarros, as jarras, os cântaros e as talhas eram cobertas com tampas de que exumámos, alguns exemplares.

Certas formas referidas estão representadas em todas as camadas, como as panelas, as taças, os jarros e os cântaros, embora com variantes estruturais.

Outras há, mais raras, que se conhecem apenas numa das camadas, como os pratos da camada 8 e as cinquenta e quatro frigideiras com idêntica proveniência, o almofariz procedente da camada 3, e os dois queimadores de essências da camada 2.

Os alguidares foram recolhidos nas camadas 8, 3 e 2, com percentagens que variam entre 0,85 %, para a C 8, e 14,9 %, para a C 3. A camada 2, com 9,8 %, aproxima-se deste último quantitativo. O fragmento de alguidar da C 8 mostra a superfície interior afagada e brunida e a exterior decorada com cordões, em relevo, oferecendo séries sucessivas de dedadas, muito juntas, e, até, sobrepostas. O alguidar mais antigo é, pois, aquele que se encontra mais decorado, com motivos que serviram, também, para reforçar as suas paredes.

Bem diferentes na qualidade das pastas, contendo abundantes elementos não plásticos, são os alguidares da camada 3, que apresentam outro tipo de bordo e diferente tratamento dado às superfícies. Estes mantêm a cor da pasta no interior e oferecem aguada, de cor branca, no exterior e sobre o bordo. Na camada 2, os alguidares mostram melhor qualidade de fabrico, podendo ter a superfície exterior da mesma cor da pasta, enquanto a interior está, geralmente, brunida. Existem, de igual modo, nesta camada peças semelhantes às da camada anterior. É, no entanto, nas camadas 2 e 3 que estas formas mais se aproximam, particularmente no acabamento das superfícies.

As panelas, embora representadas em todas as camadas, revelam um decréscimo sucessivo a partir das camadas 8 e 6, onde contabilizam respectivamente 24,8 % e 33,4 %, para se reduzirem a 9 % na C5, passarem a 6,6 % na C4, voltarem a subir até 8,9 %, na C3, e acabarem por apresentar os reduzidos 3 % que constatámos na C2. Oferecem, como características mais comuns, o corpo de forma globular e o fundo ligeiramente convexo. No nível mais antigo (C8) determinámos duas variantes desta forma: uma em que as asas unem o bordo, ao mesmo nível que este, ao corpo da peça, e outra onde as asas, sobrelevadas, partem do colo para o corpo do recipiente. Na camada 4 as asas sobreerguidas foram fixadas ao bordo e ao corpo da vasilha. Na camada 2, encontramos panelas com sistema de fixação das asas semelhante a peças da camada 8 (já que a asa, um pouco sobrelevada, liga o colo ao corpo da peça) e outras diferentes por mostrarem asas de secção estreita e terem forma mais alongada. É, ainda, dentro desta variante, mas com os bordos verticais, e mais ou menos inclinados ou espessados, que se incluem as produções da camada 5, que, igualmente, apresentam um pequeno estrangulamento no colo.

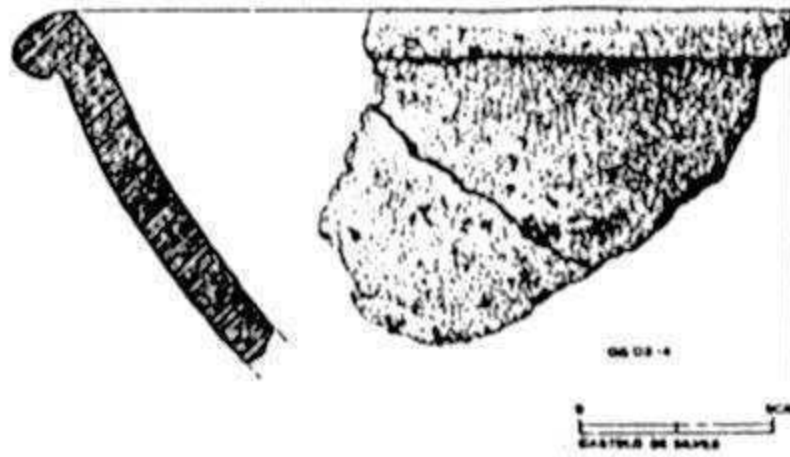
A decoração desta forma apresentou as seguintes variantes:

- 1) Incisões múltiplas, dispostas em série, sobre o corpo da peça e ao qual foi dado aguada de cor negra. Podem aparecer associadas a traços, pintados, de cor branca (C2).
- 2) Aguada de tom mais claro que o da pasta e linhas incisivas, formando canelado, no corpo da peça (C4).

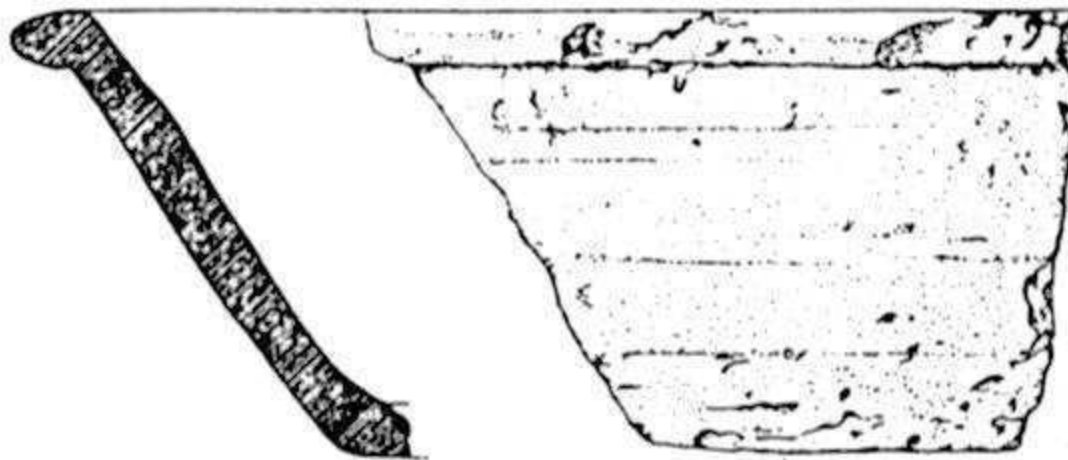
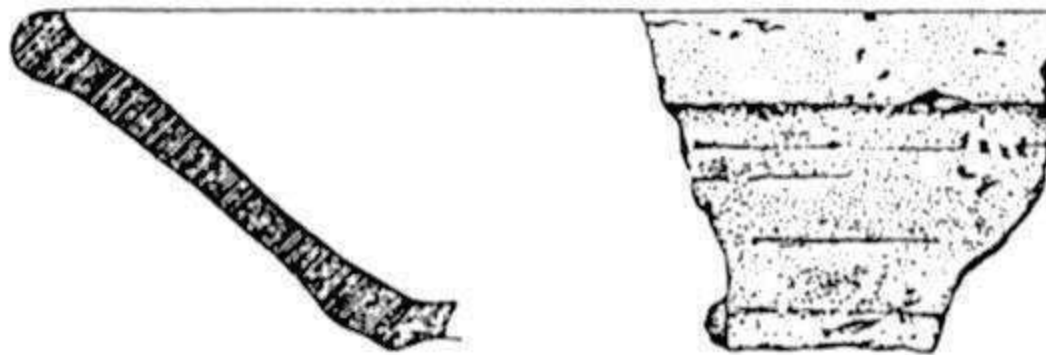
ALGUIDARES



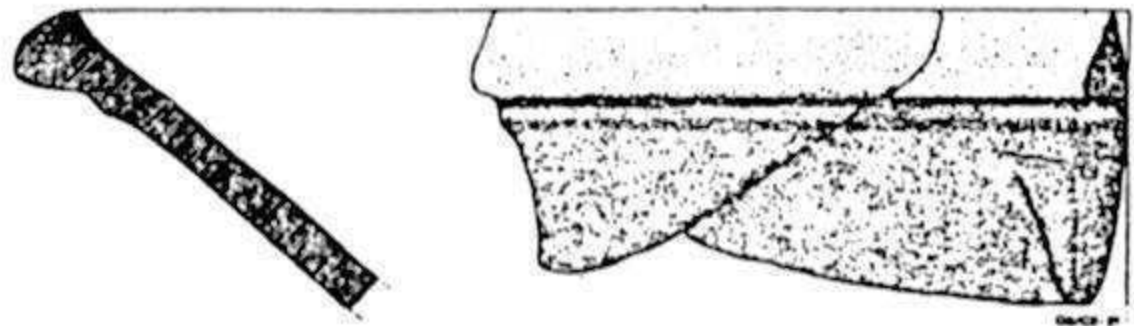
CAMADA 8



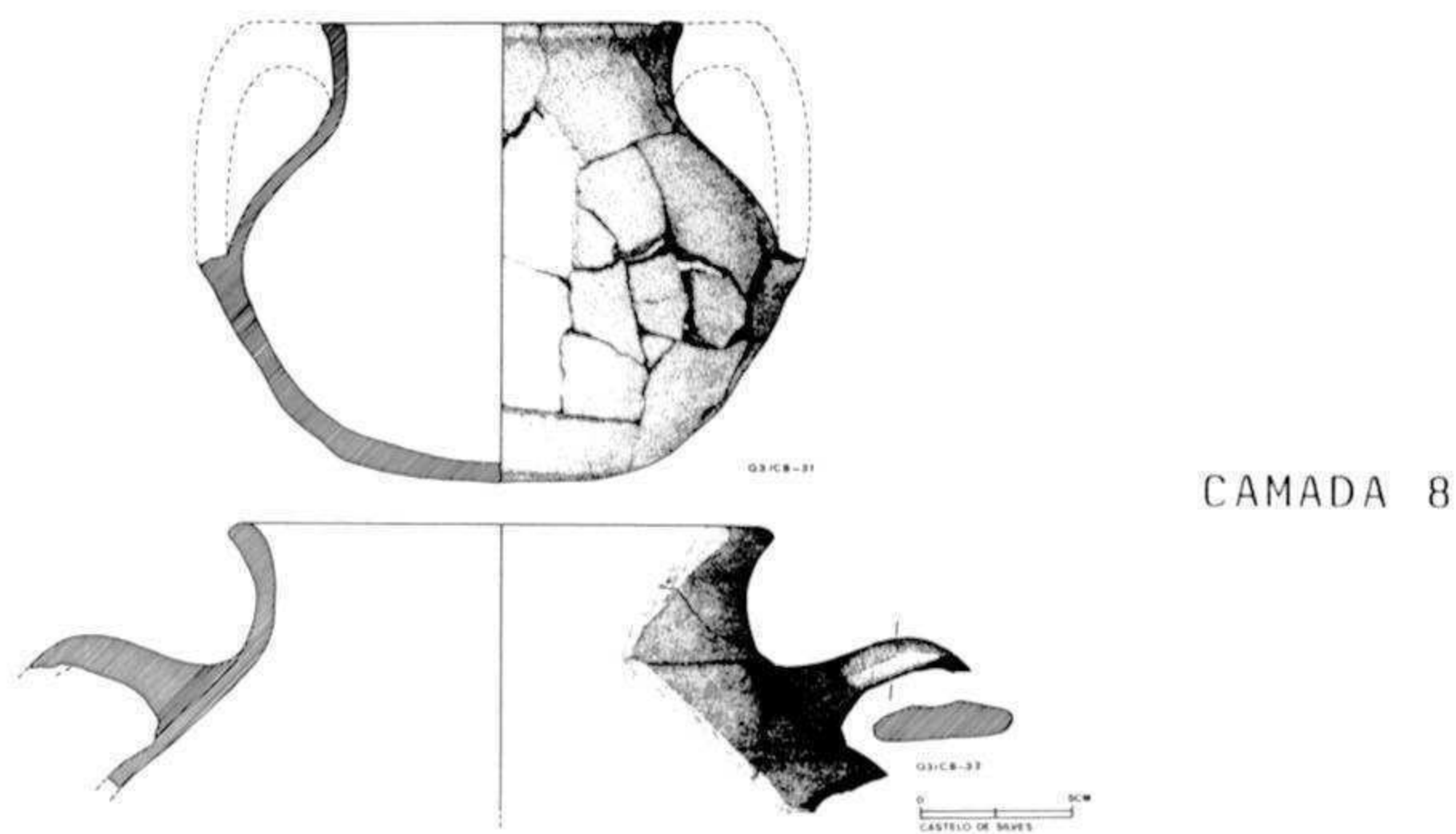
CAMADA 3



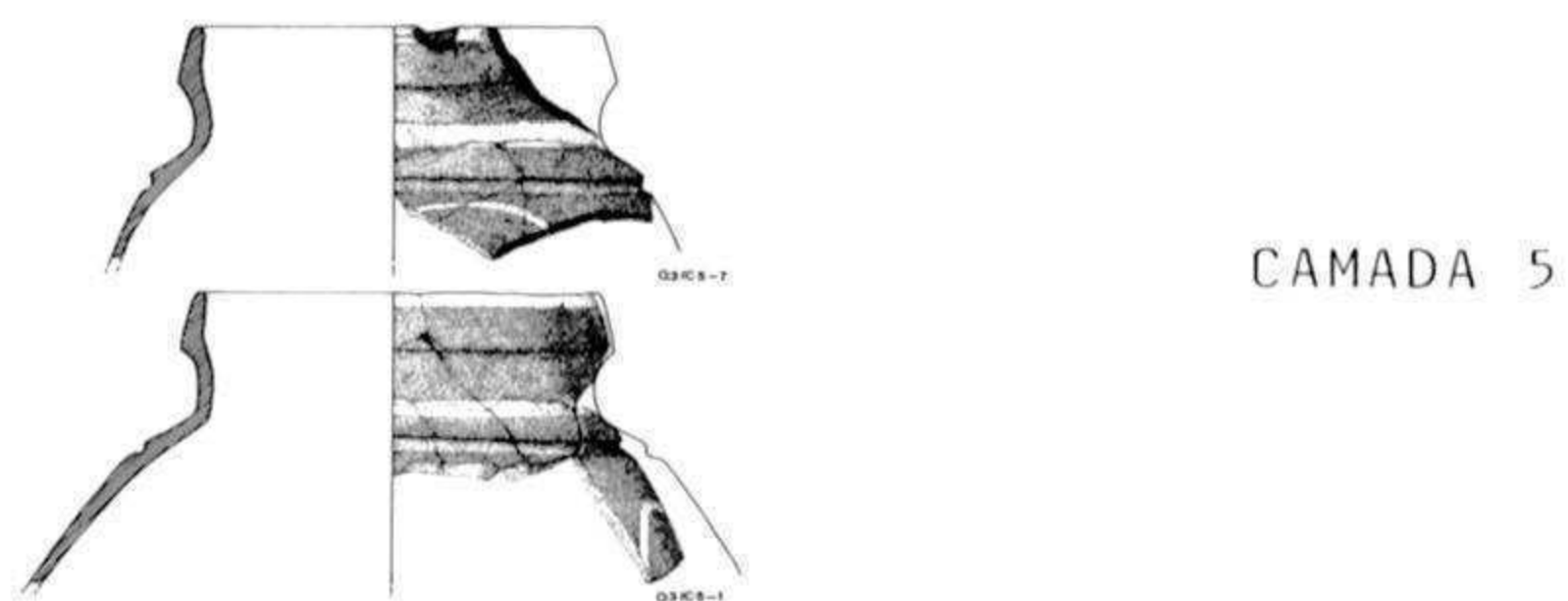
CAMADA 2



PANELAS



CAMADA 8



CAMADA 5

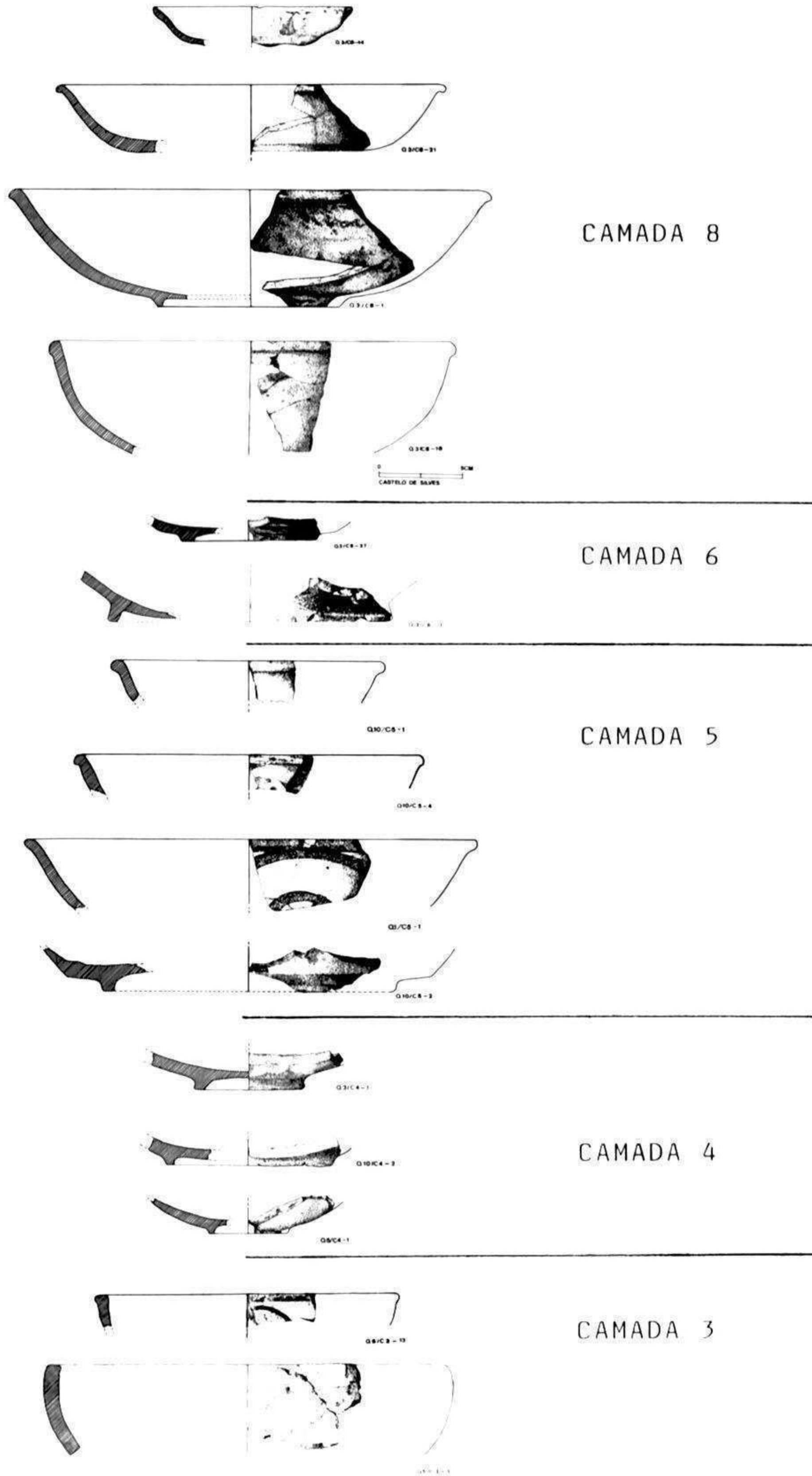


CAMADA 4

3) Aguada, de cor mais escura que a da pasta, sobre a qual foi, por vezes, executada decoração a branco (C8, C6, C5). Num caso foi pintada, sobre a aguada, uma ornamentação a negro (C6).

4) Só um exemplar (C8) oferece, sobre a superfície exterior, aguada de cor vermelha e decoração incisa. Esta é formada por linhas, paralelas e horizontais, dispostas sobre a asa.

TAÇAS



As taças, analisadas na sua totalidade, são as formas melhor representadas no acervo das cerâmicas exumadas na escavação do Castelo de Silves. De facto, contavam com mais de 50 % do total das peças recolhidas nas camadas 5 (54,9 %), 4 (63,6 %) e 2 (50,9 %). A percentagem mais baixa destes objectos foi observada na C8 onde se reduzem a 9,3 %; facto que parece dever-se ao elevado número de frigideiras (41,8 %) ali presentes e que poderiam ter um uso semelhante ao das taças. Na C 3 são, no entanto, as jarras que oferecem maior percentagem, embora as taças totalizem, ainda, 16,4 %.

Estes recipientes apresentam, para além de um polimorfismo vasto e de variantes decorativas muito significativas, atributos que permitem não só seguir a sua evolução, como caracterizar certos tipos desde o século VIII ao século XIII. Os atributos que melhor sustentam atribuições cronológicas, para além da forma geral da peça, são o perfil do bordo, o tipo de carena e, sobretudo, a forma do pé em que assentam. Também o tipo de tratamento das superfícies, vidradas ou esmaltadas, monocromas ou policromas, com pintura a azul de cobalto, reflexo metálico, ou corda seca, assim como a ornamentação, estampilhada ou incisa, são aspectos que nos permitem estabelecer quadros da evolução destas formas e a sua conseqüente integração cultural. Podemos afirmar que a cada grande período da História muçulmana de Silves corresponde, claramente, um ou mais tipos próprios de taças.

Na camada 8 predominam as taças com as superfícies esmaltadas, pois só 1,6 % as têm da cor da pasta. Estas, apresentam bordos de perfil semicircular ou algo aplanados, fundos convexos, e decoração, pintada, de cor branca na superfície interior.

Nas peças esmaltadas os bordos são geralmente espessados podendo ser extrovertidos; mostram pé em anel baixo, com 0.004 m de altura, pouco espesso na base (cerca de 0.003 m) e algo inclinado interiormente. As paredes do fundo têm pequena espessura. Num exemplar, o pé em anel, baixo, mede 0.004 m de altura e é mais espesso na base (cerca de 0.008 m). Estas taças oferecem decoração policroma, no interior, com motivos mais ou menos elaborados que incluem manchas escorridas, bolbos de lótus, ou um cordão ondulado.

Não possuímos taças, esmaltadas, na camada 6, pois recolhemos somente um exemplar com as superfícies vidradas e outro com as paredes da cor da pasta. Este tem o bordo algo espessado, no interior, e foi decorado com linhas pintadas, de cor alaranjada escura, sobre o fundo.

A peça vidrada apresenta pé, em anel, com uma pequena inclinação exterior, 0.007 m de espessura na base, diferenciando-se do exemplar esmaltado, que referimos na camada anterior, por medir 0.010 m de altura máxima e ter, na parede exterior, uma canelura na ligação entre o pé e o fundo. Este torna-se mais convexo até quase atingir a extremidade do pé onde assenta. A superfície interior desta peça foi decorada com um motivo floral, de tom mais escuro que o vidrado das paredes.

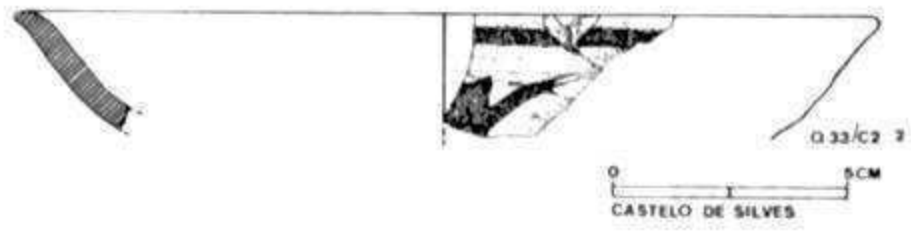
Na camada 5, tal como na C8, predominam as taças com as superfícies esmaltadas, contabilizando cerca de 33,6 % da totalidade daquelas formas. Seguem-se, em termos percentuais, as peças que mostram as superfícies da cor da pasta, 12,1 %, e, por último, os exemplares com as superfícies vidradas (9,2 %). Formalmente as peças desta camada apresentam certas semelhanças com os exemplares da C8, embora a decoração, pintada, não ofereça, por ora, grande variedade, de motivos; o que contrasta, neste aspecto, com aquelas.

Os bordos das taças da C5 são espessados ou extrovertidos, os pés são direitos, em anel, com ligeiro rebordo no lado exterior, medem 0.007 m de altura e igual grandeza na espessura da base. Oferecem carena baixa, e fundos ligeiramente côncavos, a partir dos quais se desenvolvem paredes bem finas. Uma das peças apresenta uma ligeira carena, com canelura, demarcando o exterior do corpo (Q10/C5-3). As taças, quando esmaltadas nas

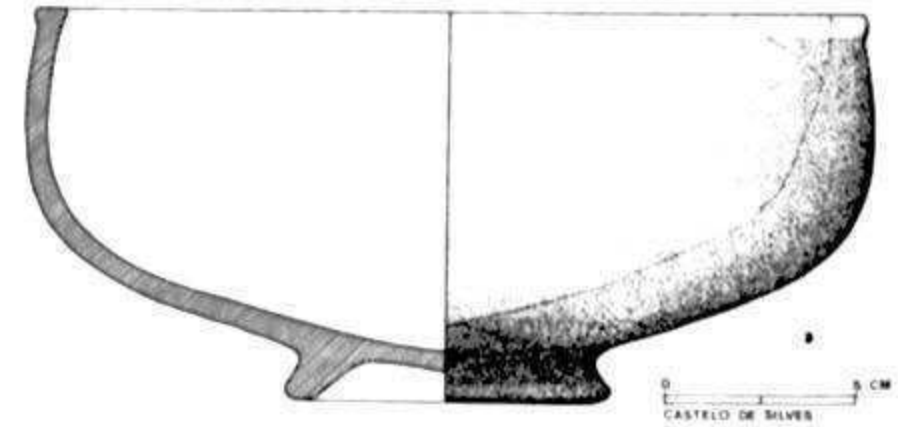
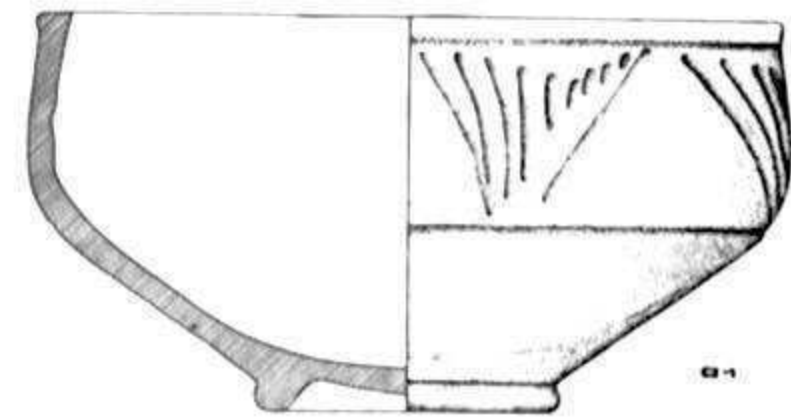
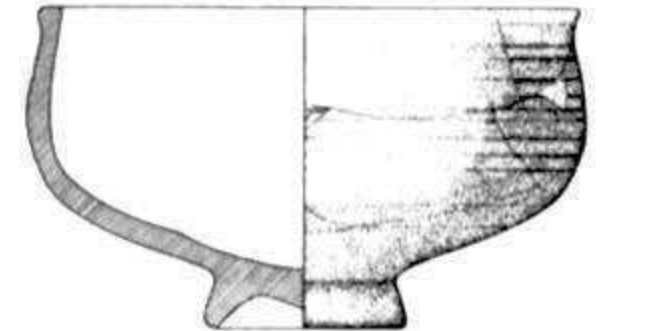
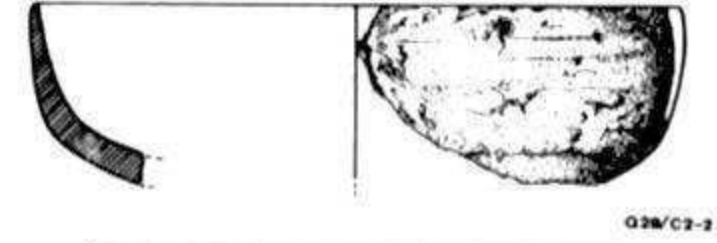
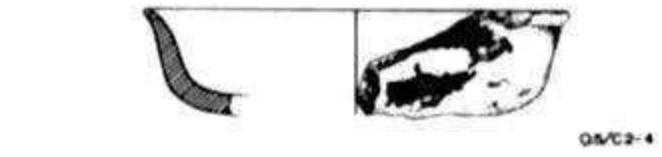
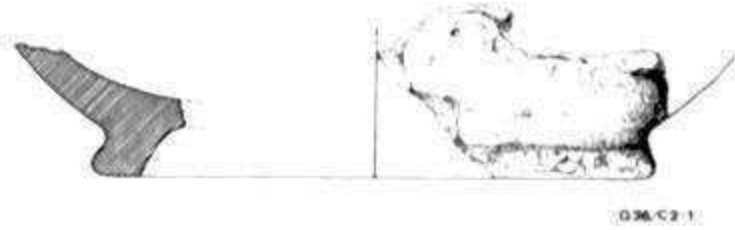
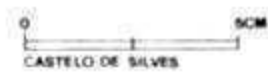
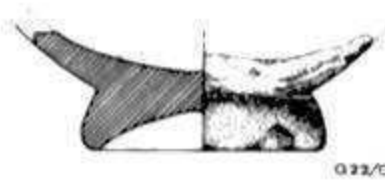
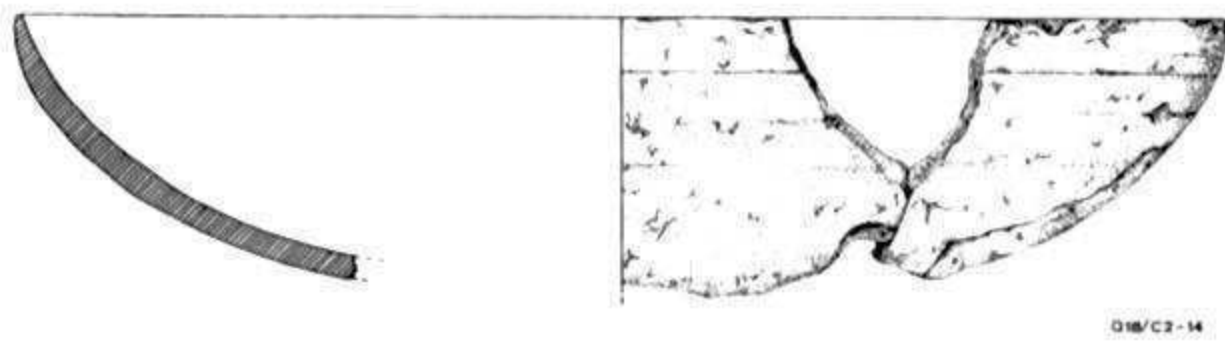
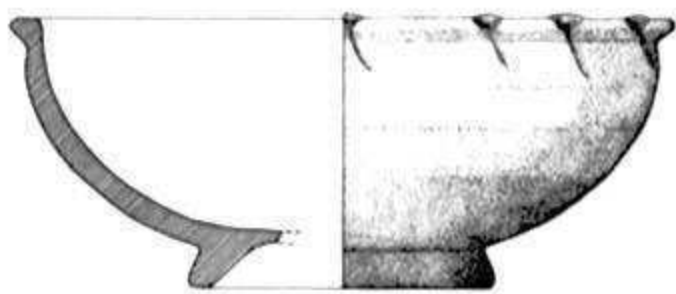
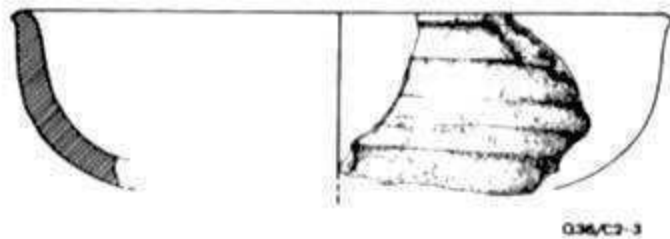
TAÇAS-CAMADA 2

CARENADAS

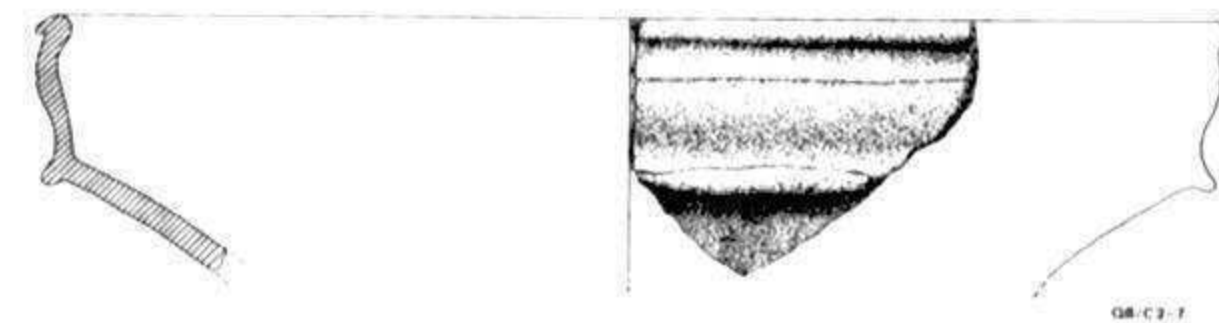
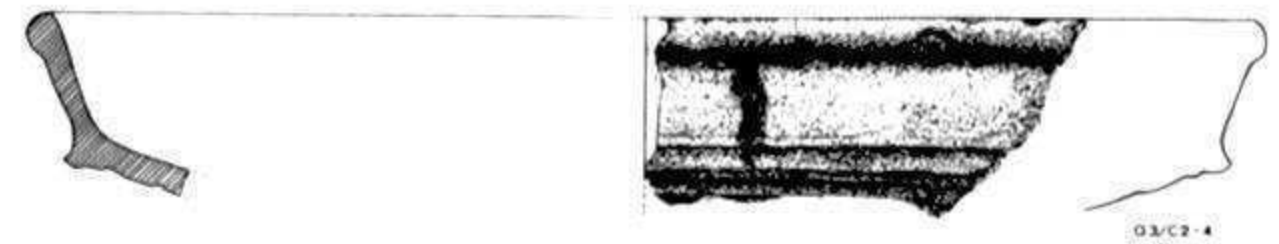
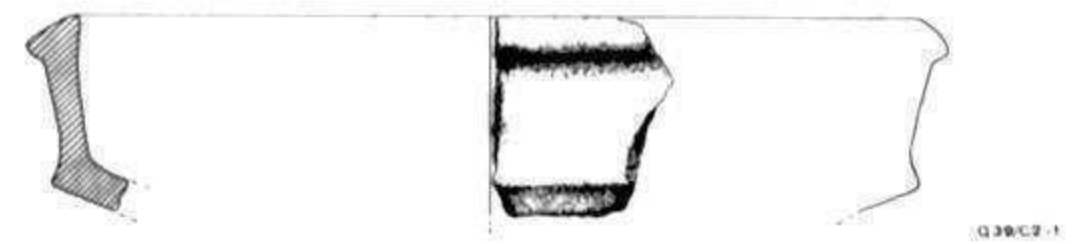
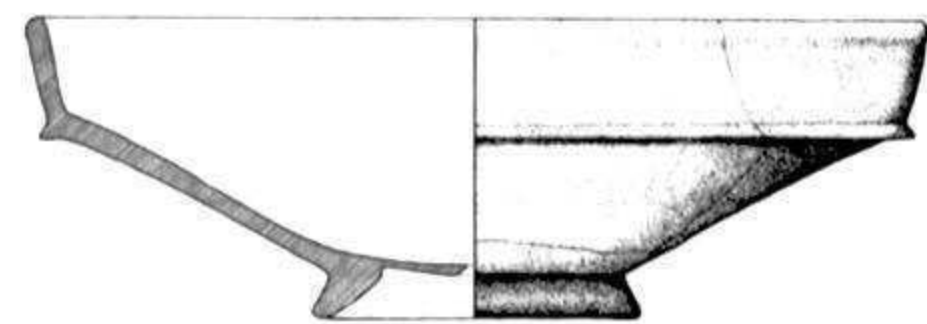
COM REFLEXO METALICO



HEMISFÉRICAS



COM CARENA ACUSADA



duas superfícies, mostram decoração na superfície interior ou em ambas. Encontra-se, neste caso, um exemplar, raro, com ornatos de cor dourada, executados segundo a técnica do reflexo metálico; processo que só voltaremos a encontrar numa peça tardia (C2).

Nesta camada foi, ainda, recolhido o fragmento de uma taça esmaltada, mas com brilho metálico de cor negra, na superfície interior. Tanto as taças vidradas como as de cerâmica comum não ofereceram decoração.

Na camada 4 o maior número de taças apresenta superfícies em tons de vermelho ou cor-de-laranja, 46,9 % do total, seguindo-se as vidradas, com 13,4 %, e, por último, as esmaltadas, monocromas brancas, reduzidas a 3,3 %. As peças com as superfícies da cor da pasta distinguem-se das vidradas pelo tipo de bordo; nas primeiras introvertido e nestas últimas extrovertido. As taças esmaltadas têm pé, em anel, baixo, um pouco inclinado para o interior, com 0.004 m de altura e a mesma medida na espessura da base. Os fundos são ligeiramente convexos e correspondem às formas com decoração policroma da camada anterior.

As taças vidradas mostram pé, em anel, com duas pequenas variantes: numa delas está um pouco inclinado para o exterior, tendo nesse lado um ligeiro rebordo semelhante ao assinalado na C5, e na outra é inclinado para o interior. O fundo destes recipientes é horizontal e oferecem decoração, de tom castanho escuro a negro.

As peças com as superfícies da cor da pasta podem ter uma delas brunida e a outra, apenas, afagada, ou serem ornamentadas com linhas, pintadas, de cor branca.

Na camada 3 não encontramos taças esmaltadas nem vidradas. Aliás, o único fragmento de uma destas peças, com as superfícies esmaltadas, estava integrado, como já referimos no Cap. II, numa das paredes apresentando, ainda, muita areia e cal a ele agarrado, e pertencia, claramente, a um episódio cultural anterior. Possuímos, apenas, peças com as superfícies da cor da pasta que podem ter sido sujeitas a vários tratamentos; 10,4 % destes recipientes foram fabricados com pastas de cores claras e 6 % mostram as paredes vermelhas e alaranjadas. Têm bordos espessados, por vezes extrovertidos, e fundos planos, não existindo, por ora, exemplares com o pé em anel.

As taças, fabricadas com pastas claras, oferecem decoração pintada, a cor-de-laranja, na superfície exterior ou na interior. As restantes apresentam a superfície interior alisada, ou brunida, e a exterior, e o bordo, pintada, com aguada, de cor branca.

É interessante notarmos que aos alguidares desta camada foi aplicado, nas superfícies, o mesmo tratamento que descrevemos para as taças.

Na camada 2 predominam, tal como na C8, as taças esmaltadas, contando com cerca de 24,4 % da totalidade destas peças. As taças vidradas contabilizam 16,8 %, e as fabricadas com pastas claras, vermelhas e alaranjadas, que incluímos nas cerâmicas comuns, somam 9,7 %. Estes últimos recipientes têm forma hemisférica, conhecida em todas as camadas, observando-se uma variante carenada, já descoberta nas camadas 8 e 5, e, ainda, outra com carena acusada (só detectada na camada 2).

Os bordos das peças referidas, apesar de mostrarem certas diferenças, como descrevemos no capítulo anterior, apresentam formas espessadas ou extrovertidas.

Unicamente as peças esmaltadas ou vidradas exibem os pés em anel, com larguras que variam entre 0.005m e 0.015m, sendo em maior número as taças com pé alto. Catalogámos, nesta camada, quatro tipos, bem diferentes, de pés em anel: um é espesso mas com ligeiro estrangulamento junto ao fundo da peça; outro mostra um rebordo, exterior, na ligação entre o pé e o fundo; o terceiro é alto, ligeiramente oblíquo, e apoia um fundo pouco espesso; o último tipo, alto e oblíquo, embora com certas semelhanças com o anterior, suporta um fundo espesso sendo, em certas peças, ligeiramente convexo no exterior.

Também algumas das taças, que oferecem as superfícies vidradas, têm fundos convexos. Por outro lado, tanto as peças com as superfícies de cores vermelhas, ou alaranjadas, como as que têm as superfícies de cores claras mostram fundos planos. Uma destas vasilhas apresenta profusa decoração pintada, cor-de-laranja, tanto no interior como no exterior do fundo e deve, por isso, ser bastante rara.

As taças, com superfícies vermelhas e alaranjadas, podem ter caneluras exteriores, uma das superfícies brunidas, ou serem pintadas de cor branca.

Nas taças vidradas a decoração foi executada não só através da acentuação do tom do vidro, de cor castanha escura a negra e conforme observámos em camadas anteriores, mas a partir de incisões, sobre os bordos e nas paredes, ou, ainda, através de cordões verticais, em relevo, que partem de um outro horizontal situado junto ao bordo.

Nas esmaltadas a decoração foi efectuada a partir da variação cromática dos tons do próprio esmalte, da sua utilização policroma, e de outros processos decorativos, como a estampilhagem, por matriz ou a pente, e a incisão.

Ao analisarmos, globalmente, os diferentes tratamentos das superfícies das taças, e em face do que referimos, podemos concluir que os exemplares esmaltados não estão representados nas camadas 6 e 3; os vidrados não foram exumados nas camadas 8 e 3; e as camadas 6, 5 e 4 não ofereceram peças de pastas claras. No entanto, estão representadas em todas as camadas as peças fabricadas com pastas e superfícies de cores vermelhas ou alaranjadas.

O esmalte, que cobre as superfícies das taças pode ser monócromo, branco (conhecido nas camadas 2 e 4) ou nas seguintes cores: verde, verde turquesa, castanho e amarelo (só na camada 2). Sobre a cor branca, de base, encontramos decoração dourada nas camadas 5 e 2, com motivos epigráficos limitados por cartelas, a azul de cobalto, na camada 2, de cor negra de manganês, na camada 5, e de cor verde na camada 8. Foram detectadas peças com esmalte policromo, de cor verde e negra, ou apenas negra, sobre esmalte branco, esverdeado, na camada 8.

A valorização plástica destas peças foi, por vezes (C2), conseguida através da variação cromática do próprio esmalte, num jogo de cores entre a superfície interior e a exterior, onde contrastam o verde ou verde turquesa com o branco, ou o verde com o amarelo, o verde claro com o verde intenso, o castanho claro com o castanho escuro.

Exemplo raro em Silves, que também reconhecemos numa taça da camada 2, é a técnica da corda seca total.

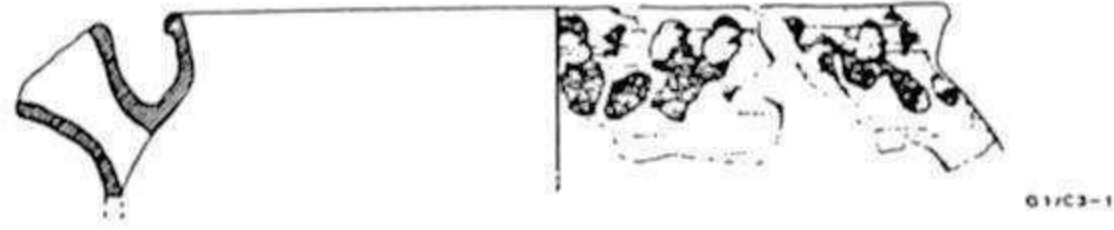
Além dos diversos tratamentos dados às superfícies, e das já referidas diferenças formais, detectámos, ainda, aspectos evolutivos na decoração destas mesmas peças.

Encontrámos decoração brunida em peças das camadas 8 e 4, incisa nas taças provenientes das camadas 8, 5 e 2; pintura nas camadas 8, 6, 4, 3 e 2; estampilhagem e corda seca, unicamente, na camada 2.

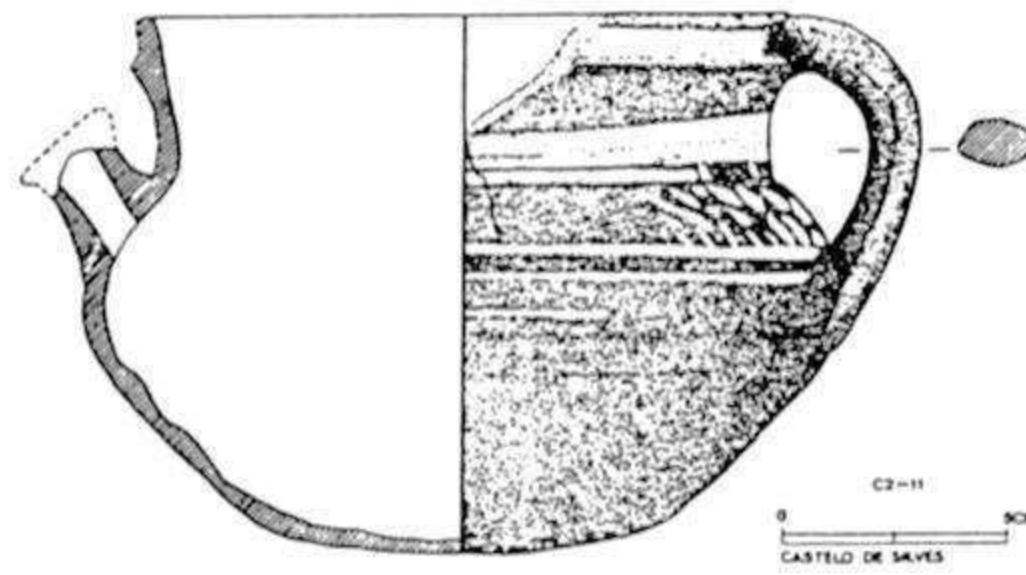
Embora outras formas estejam representadas em todas as camadas, como os jarros e os cântaros, as reduzidas dimensões dos fragmentos exumados tornam impossível analisar, correctamente, a sua evolução formal. Aquela primeira forma atinge 10,9 % na camada 2, aproximando-se dos totais contabilizados nas camadas 6 (11,1 %), 5 (18,1 %) e 3 (8,9 %), e reconhecendo-se uma acentuada quebra na camada 4 (3,3 %).

Os cântaros, com percentagens semelhantes nas camadas 8, 5 e 4 (8,5 %, 6 % e 6,6 %), eram mais frequentes na C6 (22,2 %) e muito pouco representados nas camadas 3 e 2 (1,4 % e 0,3 %); facto que se pode dever à existência de outras formas de transporte e conservação da água. É possível que esteja relacionada com esta observação a maior presença de talhas e de ânforas na C2.

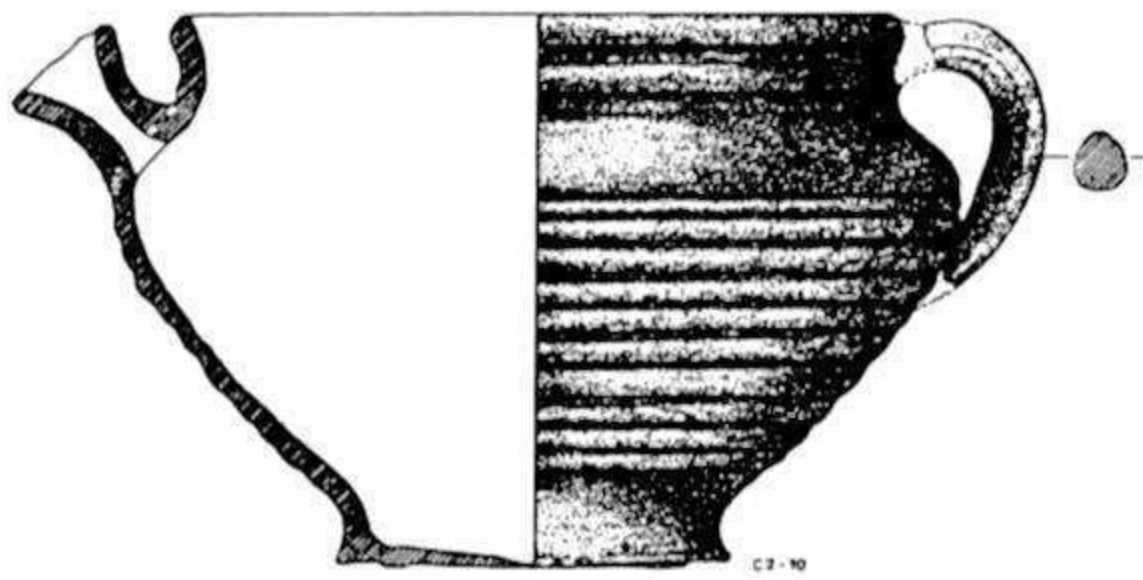
BULES



CAMADA 3



CAMADA 2



Os bules, oferecem percentagens semelhantes tanto na camada 2 como na 3 (1,3 % e 1,4 %) e estão ausentes em todos os outros estratos. Estas vasilhas que serviam para fazer o chá, geralmente de hortelã pimenta, têm um possível protótipo numa peça recolhida no nível tardo-romano, dos séculos VI-VII, do pátio anexo ao poço-cisterna almoada. Este bule é bem mais pequeno que os almorávidas e almoadas, oferece caneluras nas paredes, apresenta o mesmo tipo de gargalo cilíndrico e teria uma pequena asa no lado oposto. Os bules das camadas 3 e 2 da alcáçova de Silves oferecem, como referimos, variantes dentro da mesma forma sendo fabricados com pastas comuns, mal depuradas, ou com pastas claras, muito finas. Estes últimos podem apresentar, no fundo, um rebordo para encaixe numa peça em forma de manga cilíndrica; estrutura de combustão, espécie de pequeno fogareiro que, igualmente, serviria de pé à vasilha.

As percentagens de potes são bastante constantes, apesar de serem conhecidos, apenas, a partir da camada 5. Contabilizámos 3 %, na C5, 1,4 %, na C3, e 2,5 % na C2. Também foi inviável fazer a análise da evolução desta forma.

As talhas que se encontram nas camadas 5, 4 e 2, com percentagens iguais no primeiro e último estrato referido (3 %), somavam pouco mais do dobro na camada 4 (6,6 %). A peça que atribuímos a esta forma do nível 5, foi fabricada com pasta clara e é, de todas as talhas por ora exumadas, a que apresenta não só um menor diâmetro como as paredes menos espessas. Têm o bordo introvertido, ligeiramente espessado, e lábio com a superfície superior plana. As talhas da camada 4, as únicas produzidas com pastas de cor vermelha, têm bordo espessado, ligeiramente extrovertido, e lábio com secção semicircular. Na camada 2 os bordos são, extrovertidos, mas com lábio de perfil rectangular, em bisel ou semicircular.

Tanto nesta última camada como na 4, estes recipientes oferecem bordos com grandes diâmetros e paredes espessas. O fragmento de talha da camada 5, está decorado com uma linha pintada, de cor negra, sobre o bordo. Na camada 4 as superfícies são da cor da pasta. Na camada 2 oferecem as superfícies exteriores, ou parte delas, esmaltadas, em tons de verde, muito brilhantes, por vezes sobre bandas estampilhadas, com diferentes motivos, dispostas em série. Esta valorização plástica, imprimindo as estampilhas em painéis, faixas e frisos, demonstra a concepção geométrica da utilização do espaço.

Foram exumados fragmentos de lucernas e de lamparinas nas camadas 8, 3 e 2. Registou-se um menor número destes artefactos na camada 8 (0,85 %), sendo um pouco mais elevada a sua presença na camada 3 (1,4 %) e contabilizando-se o dobro desta percentagem na 2 (2,8 %).

Na camada mais antiga (C8) a lucerna oferece bico curto, corpo circular e a superfície exterior apresenta tom semelhante ao da pasta. Na camada 3 (almorávida) a lucerna mostra bico comprido, corpo também circular, e oferece a superfície exterior decorada pela técnica da corda seca parcial. Na camada 2 encontrámos lamparinas de pé alto, com base circular e pega. Esta une o corpo à base. São peças sem antecedentes nas camadas anteriores e oferecem as superfícies vidradas ou esmaltadas. Possuímos, ainda, proveniente desta camada, uma lucerna, que se diferencia, formalmente, dos restantes exemplares. Tem o corpo cilíndrico, pequeno bico, e um elemento, possivelmente, de suspensão no interior do corpo. As superfícies são esmaltadas, de cor verde turquesa, e não foi possível encontrar, na bibliografia disponível, paralelos para esta peça.

Também os queimadores, conhecidos apenas na C2 (0,3 %), não têm paralelos nos níveis anteriores sugerindo, com as lamparinas de pé alto e as talhas, profusamente decoradas, constituírem um grupo de artefactos, cuja produção, utilização e difusão, se deve ao Império Almoada.

Pelo contrário, peças do estrato mais recuado (C8), omíada, como os pratos, onde já eram pouco representados, e as frigideiras não são conhecidas nos períodos seguintes, demonstrando estarmos em presença de um fundo cultural autóctone em breve alterado. A taça policroma com botões de lótus, claramente importada e anterior às produções esmaltadas peninsulares, é exemplo do processamento rápido das modificações que se aproximam.

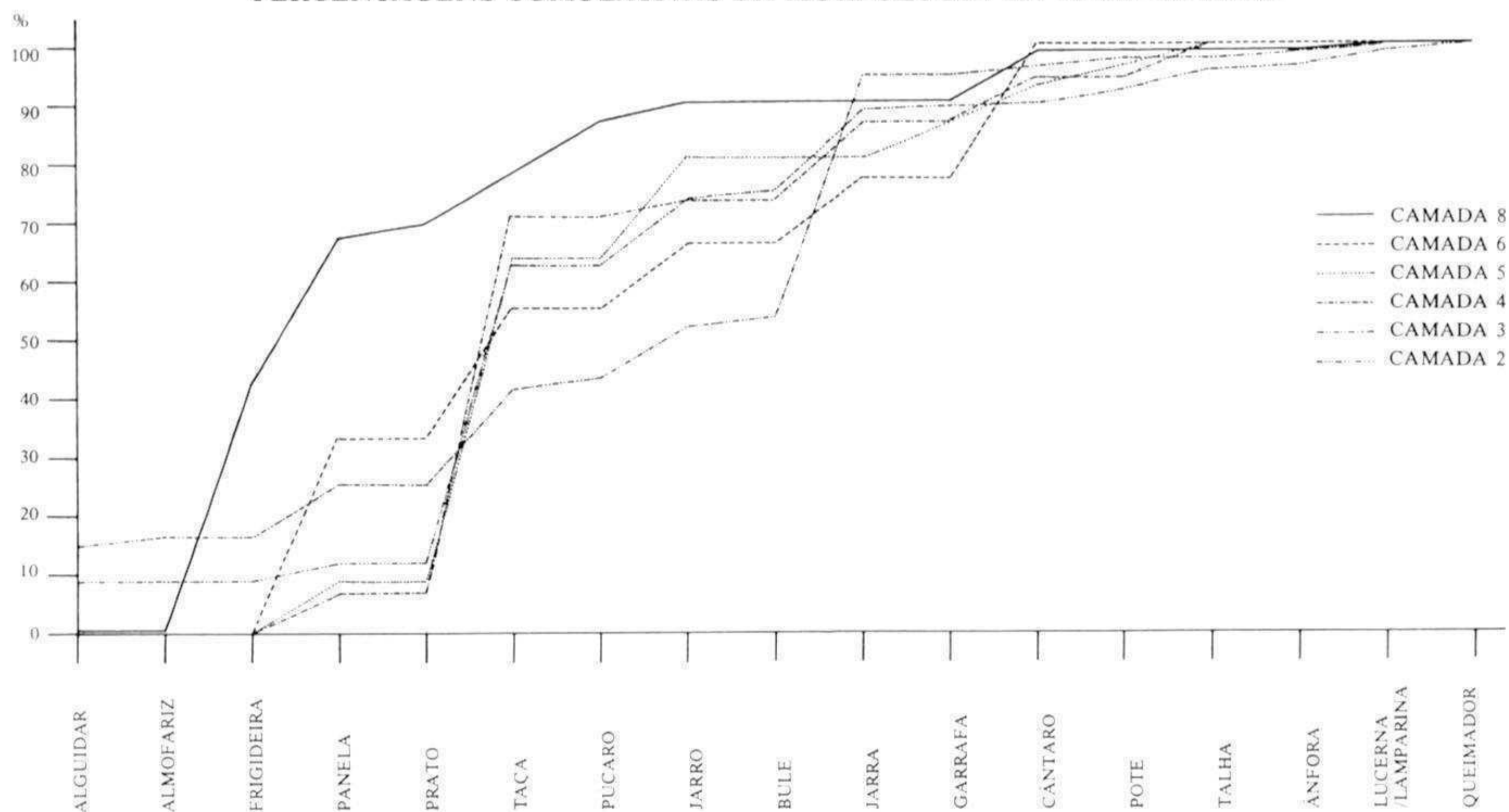
De igual modo os púcaros com duas carenas, bordo alto e duas asas opostas, muito comuns na C8 (8,5 %), podendo ser consequência das primeiras influências berberes na Península, só serão conhecidos posteriormente na C3, onde reconhecemos um fragmento estatisticamente pouco representativo (1,4 %).

Denota-se, pelo que acabámos de expôr, uma profunda diferença no reportório morfológico e decorativo entre as peças exumadas na C8 (omíadas) e as das camadas 3 e 2 (almorávidas e almoadas), que se deve, não só, a aspectos funcionais e diacrónicos, com cerca de três séculos, como a profundas alterações sócio-culturais. As camadas intermédias, menos representadas em termos estatísticos, não permitiram observar, com segurança, as etapas daquela evolução nem, tão pouco, apercebermo-nos dos seus matizes. Foram, no entanto, úteis para a sustentação da continuidade na ocupação do sítio e detecção das principais inovações. Assim, foi possível, ainda, registar importantes contributos do período califal, como a introdução das cerâmicas douradas ou a nova forma das taças esmaltadas. Também à camada 6, que datámos como da segunda fase do emirato, foi atribuída a corda seca parcial, facto, por ora, inédito.

Por último, podemos referir não termos observado quaisquer inovações, técnica ou decorativas, na camada que corresponde à ocupação do período taifa de Silves; época que alguns autores têm tentado, embora desprovidos de dados arqueológicos, sobrevalorizar.

Só a continuação das escavações neste arqueossítio, e na área urbana de Silves, poderão, no futuro, oferecer os tão necessários acertos a este modelo agora, apenas, iniciado.

PERCENTAGENS CUMULATIVAS DA MORFOLOGIA DE CADA CAMADA



IV.2. CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE ALGUNS TEMAS DECORATIVOS

Os diversos motivos empregues na decoração das cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves integram, como temos vindo a referir, os seguintes temas: antropomórficos, zoomórficos, fitomórficos, epigráficos, arquitectónicos e geométricos.

A «mão de Fátima», o único motivo antropomórfico conhecido, é uma figuração recorrente em peças tardias. Encontramo-la aplicada, por estampilhagem, sobre o bojo de grandes talhas onde assumia valor profiláctico, protegendo não só a própria água ali armazenada como os habitantes da casa em que aqueles recipientes eram colocados. Os cinco dedos da «mão de Fátima» recordavam, aos fiéis, os cinco fundamentos do Islão e os três dedos maiores a grafia do nome de Allah ⁽¹⁾, que, unidos pela mão, representariam a presença do poder divino e assumiam a categoria de verdadeira hierofania. O polimorfismo que apresenta a «mão de Fátima», tanto estampilhada como esgrafitada, possibilitou distinguir duas formas essenciais: uma com os dedos espaçados e rodeados por elementos fitomórficos, tal como as de Silves, que serão mais recuadas dentro do mesmo grande período cultural, e outra onde aquela se encontra inserida em espaços de recorte arquitectónico, como as observadas em produções mais recentes e, em algumas, do período mudéjar. Estas figurações, que também se conhecem nas cerâmicas esgrafitadas de Cieza, têm sido tidas como consequência da influência berbere trazida, para a Península, pelos almoadas norte africanos ⁽²⁾.

O mesmo tema foi, ainda, utilizado tanto pelos nazarís, como pelos mudéjares, nas oficinas de Paterna e Manises, como talismã contra o mal olhado. A proibição da sua reprodução, em Espanha, remonta ao reinado de Carlos V ⁽³⁾.

A representação de onagros, isolados como o detectado na estampilha de Silves ou integrados em cenas de caça, é bastante menos comum que o tema anterior e, conforme já indicámos, encontra paralelos em frescos do palácio omíada de Amra (Jordânia) ou num manuscrito iraniano. No entanto, coligimos o antecedente destas mitografias numa pintura de Doura-Europos (margens do Eufrates) datada do ano 193 da nossa era. Esta, mostra, no lado esquerdo, um banquete funerário e, à direita, uma cena cinegética onde três onagros são perseguidos por um cavaleiro armado de arco. Será, segundo Cumont ⁽⁴⁾, um tema de influência assíria e persa. Embora a estampilha, do nível almoada de Silves, mostre o onagro em posição de marcha, olhando para trás, pode, de igual modo, estar relacionada com a superestrutura sagrada. Recordemos, por um lado, que um dos onagros de Doura-Europos, em corrida, volta a cabeça na direcção do caçador, e, por outro, que a actividade cinegética substituiu, em termos estratégicos e psicológicos, a principal ocupação das populações nómadas e, sobretudo, das suas elites – a guerra –, conferindo-lhes estatuto e prestígio social (fig. IV.1.).

Os motivos, catalogados, de carácter fitomórfico são muitos e incluem as flores de lótus, as palmetas, as «árvores da vida» e, mesmo, flores isoladas ou inscritas em quadrifólios.

(¹) Palazon, J.N., 1986a, *La Cerámica Esgrafiada Andalusi de Murcia*, p. 79.

(²) Palazon, J.N., 1986a, *op. cit.*, p. 79.

(³) Caviro, B.M., 1968, *Catálogo de Cerámica Española*, p. 31.

(⁴) Cumont, F., 1966, *Recherches sur le Symbolisme Funéraire des Romains*, pp. 443, 444, fig. 91.

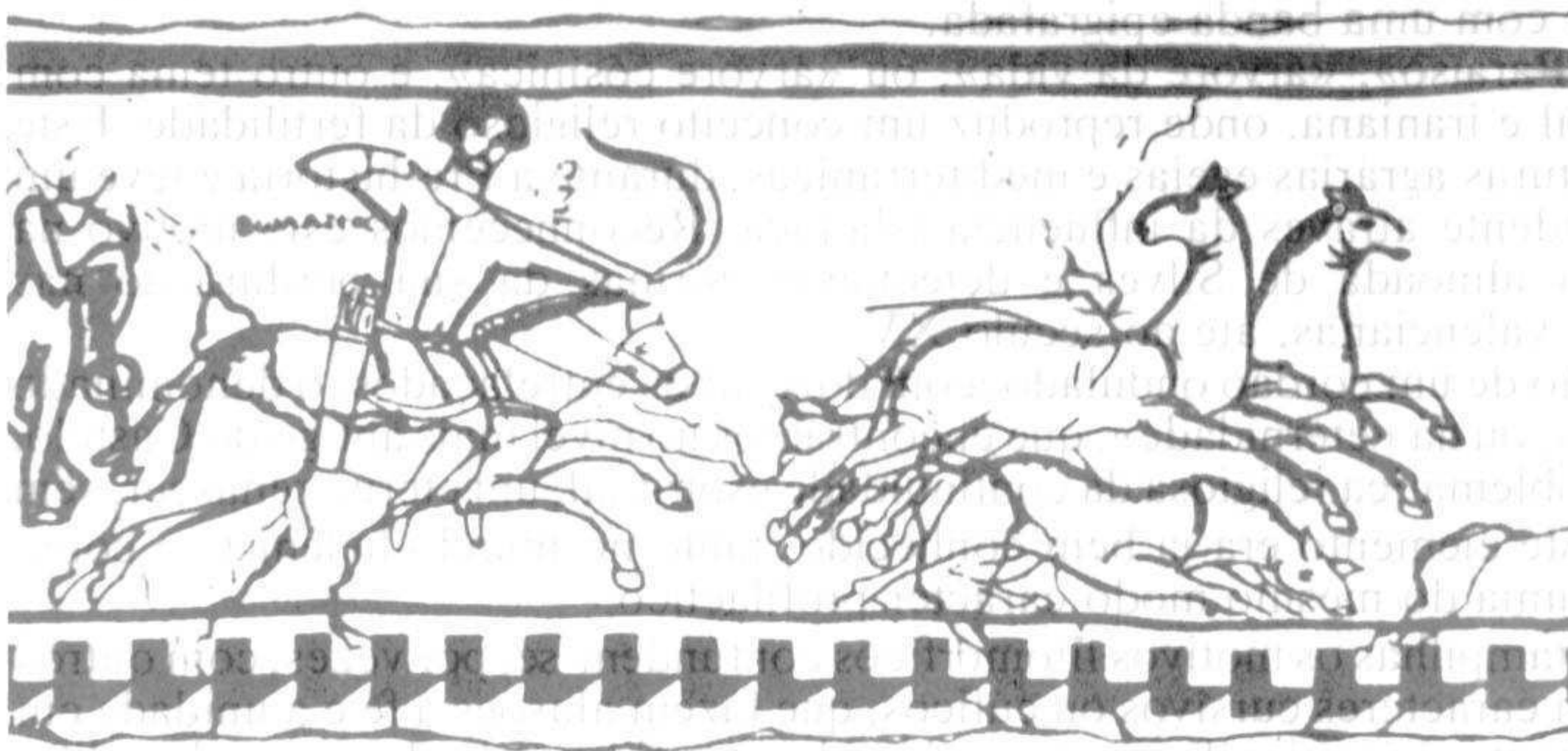


Fig. IV.1. Pintura a fresco, do séc. II, de Doura Europos (seg. Cuviont, 1966, fig. 91).

A flor de lótus, que encontramos pintada e estampilhada no interior de taças (C8 e C4), tem, segundo Zozaya⁽⁵⁾, antecedentes no oriente omíada, representando a eternidade da vida. Foi um tema muito utilizado no Egipto faraónico, e, posteriormente, divulgado em objectos de índole religiosa pelo comércio fenício em toda a Bacia Mediterrânica. Na China reproduzia-se, geralmente, com dezasseis pétalas, embora mantivesse o mesmo significado ao dividir-se o seu número por dois, sendo conhecida a partir da época das Seis Dinastias (220-588) onde simbolizava a pureza⁽⁶⁾. Esta atribuição, de carácter emblemático, assim como a data da sua utilização, pode relacionar-se com a expansão do budismo, no século I da era. São abundantes os exemplares em que Buda agarra uma flor de lótus ou as utiliza como assento. A peça omíada, que possuímos com este motivo, oferece oito bolbos intercalando com igual número de pares de folhas. Um bolbo, bem mais esquemático e de carácter quase caligráfico, foi pintado no interior de uma outra taça, do período taifa de Silves, e tem possíveis protótipos em representações semelhantes provenientes de Nishapur. Derivado deste tema, mas de tipo esquemático, é a forma dos pequenos bolbos estampilhados, que decoram o fundo de uma taça almoada da alcáçova de Silves. Os seus abundantes paralelos demonstram a popularização, e a aplicação meramente decorativa de um antigo símbolo religioso.

As palmetas utilizadas, igualmente, na simbologia sacra, em todo o Mediterrâneo e sobretudo por egípcios e fenícios, encontram-se, estampilhadas ou incisas, em recipientes almoadas do Castelo de Silves. Também meias palmetas foram identificadas tanto naquela camada, onde intercalam no bojo de talhas com elementos epigráficos, como no nível mais antigo, onde foram pintadas no interior de taças esmaltadas. É, segundo Baltrusaitis⁽⁷⁾, um tema de origem sassânida que teria abundantes antecedentes mediterrânicos. De qualquer modo este motivo foi usado, pelos muçulmanos, não só na decoração cerâmica mas, embora com variantes estruturais, nos estuques, nos tecidos e nas iluminuras.

(⁵) Zozaya, J., 1975, *Cerámicas Islámicas del Museo de Soria*, p. 145.

(⁶) Beurdeley, C., e Beurdeley, M., 1974, *La Céramique Chinoise*, pp. 63, 68.

(⁷) Baltrusaitis, J., 1955, *Le Moyen Age Fantastique*, p. 88.

A taça com decoração dourada, da camada 2, apresenta, igualmente, uma pequena palmeta que intercala com uma banda epigrafada.

A «árvore do Paraíso», «árvore da vida», ou «árvore cósmica», é outro tema com remota origem oriental e iraniana, onde reproduz um conceito religioso da fertilidade. Este desenvolve-se nas culturas agrárias egeias e mediterrânicas, durante a Pré-história e teve um ressurgimento no Ocidente através da influência islâmica. Reconhecemos este motivo na parede de uma talha almoada de Silves e detectámos formas da sua perduração nas cerâmicas mudéjares, valencianas, até ao século XV.

A representação de um cordão ondulado, com dois cabos entrelaçados, o denominado «cordão da felicidade», ou da «eternidade», que encontramos no nível mais antigo do Castelo, relaciona-se com a problemática religiosa da continuidade espiritual; um eterno renascer, sem princípio nem fim. Este elemento era já bem conhecido, tanto no mundo helenístico como romano⁽⁸⁾, onde assumia do mesmo modo carácter profiláctico.

Em algumas estampilhas os motivos fitomórficos confundem-se, por vezes, com outros de tipo leteriforme, em caracteres cursivos ou cúficos, que fazem alusões à fé e à unidade em Allah. Aliás, as ornamentações epigráficas são conhecidas, em Silves, desde o período califal e desenvolvem-se, tanto na pintura dourada, como na estampilhagem e no esgrafito, no período almoada. Estas decorações reflectem o hábito da utilização sagrada da escrita, agora com função profiláctica e apotropaica. É possível, no entanto, que tenha sido com os ziriadas, do Magreb Central, no século XII, que esta temática tenha sido divulgada na sua forma estampilhada. A este povo se deve, também, a utilização da epigrafia, como decoração e meio de intervenção sócio-religiosa, em grandes edifícios⁽⁹⁾.

Nos motivos arquitectónicos, utilizados no reportório decorativo das cerâmicas de Silves, predominam os arcos polilobulados, de origem almoada, estampilhados nas grandes talhas. Estes elementos conhecem-se, ainda, em queimadores e nos bocais de poço daquele mesmo período. Os bordos das talhas identificam-se, formal e funcionalmente, com os bocais de poço que parecem, por vezes, querer reproduzir. Em ambas as peças conhecemos estampilhas organizadas em teorias de bonitos arcos polilobulados, lembrando as construções de grandes palácios e, sobretudo, das mesquitas. Nestes templos as cúpulas, representando a Abóbada Celeste e o Universo, assentam em arcarias múltiplas, e ali se fazem, através da água as abluções purificadoras de corpo e do espírito. Sucessões de arcos decoram as paredes exteriores das torres de muitas mesquitas almoadas, como a Giralda de Sevilha ou a Cotobia de Marrakech, recordando-se, de novo, nas talhas os edifícios religiosos e os princípios da pureza que a água representa.

Os arcos polilobulados surgem, pela primeira vez na Península, no tempo de al-Hakam II⁽¹⁰⁾, durante a ampliação da Mesquita de Córdoba. Os mesmos serão utilizados, posteriormente, nos *mihrabs* de outras mesquitas, como a de Mértola e de Almería (ambas almoadas) e, até, em edificios cristãos, como no mosteiro de Las Huelgas em Burgos⁽¹¹⁾, demonstrando a penetração da influência, da arquitectura e da arte, islâmica para além das grandes divergências culturais ou da intransigência religiosa (fig. IV.2).

(⁸) Rice, D.T., 1965, *The Pottery of Bizantium and the Islamic World*, p. 199.

(⁹) Golvin, L., 1957, *Le Magrid Central a l'Époque des Zirides*, p. 203.

(¹⁰) Torres Balbás, L., 1956a, *Nichos y Arcos Lobulados*, p. 170.

(¹¹) Ewert, C., 1971, *El Mihrab de la Mesquita Mayor de Almería*, fig. 13.

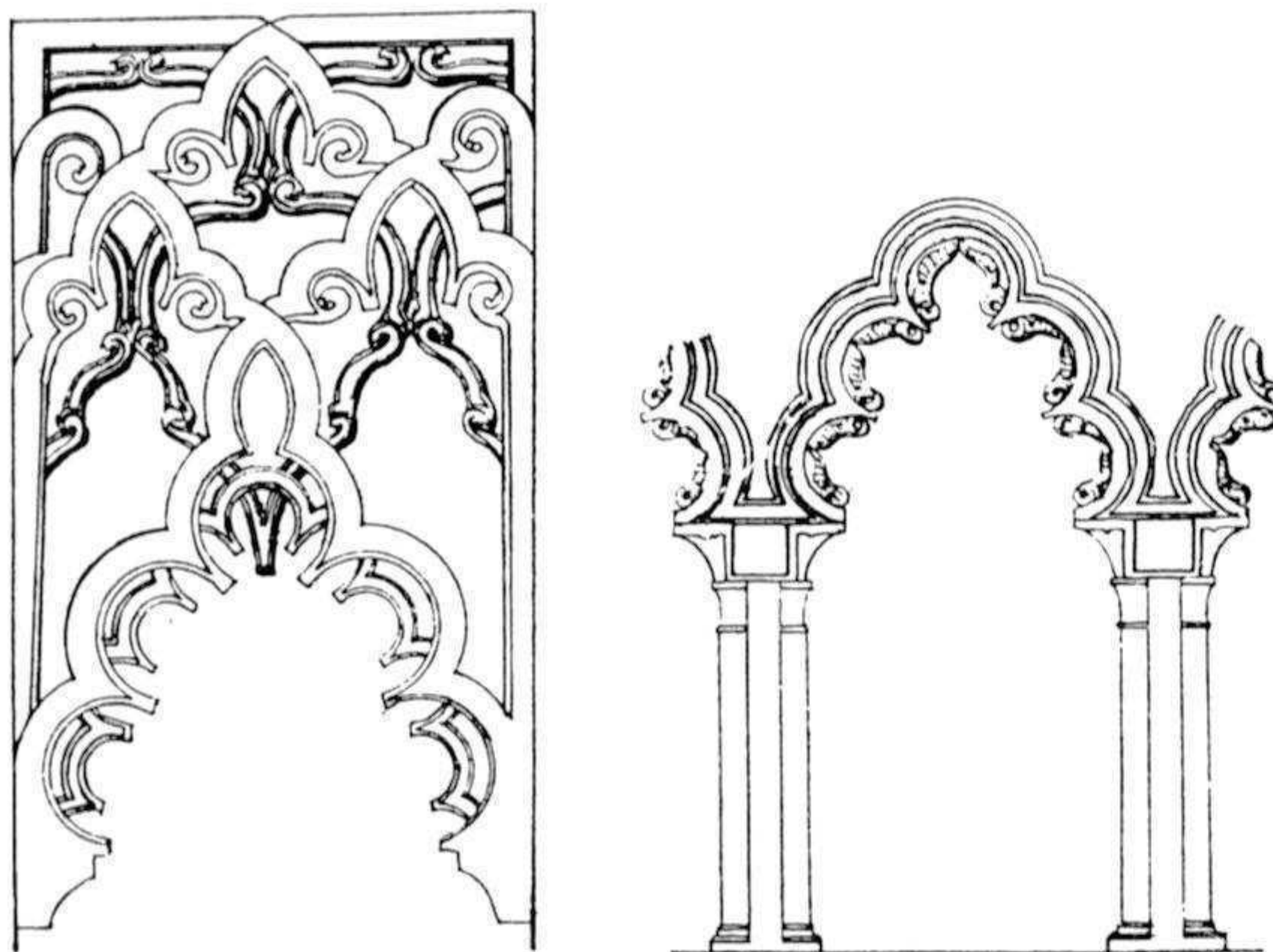


Fig. IV.2. Arcos polilobulados, da Capela de las Claustillas, no Mosteiro de Las Huelgas (Burgos), e de Santa Maria la Blanca, em Toledo (seg. C. Ewert, 1971, fig. 13).

IV.3. CONCLUSÕES FINAIS

Foram variadas as contribuições oferecidas pelas escavações na alcáçova de Silves, cujo espólio cerâmico tentámos estudar com maior pormenor.

A primeira novidade respeita à constituição do Castelo de Silves como a resultante de uma longa série de estruturas muçulmanas sobrepostas, lembrando um *tell*, onde se destaca o importante conjunto, melhor conservado e por isso mais recente, de construções da época almoadada. De facto, a este período pertence, como demonstrámos, grande parte dos dispositivos defensivos da cidade e um sector significativo de uma habitação, certamente pertencente à área palatina, agora exumada. Os testemunhos desta casa muçulmana que fazem parte, por ora, o vestíbulo, uma cozinha, instalações sanitárias e parte de um pátio central, são os primeiros deste tipo a serem descobertos entre nós.

Sobre os pavimentos dos diferentes compartimentos desta habitação encontrámos níveis de derrube e de incêndio, assim como um esqueleto humano, caído de bruços, com a ponta de um virote de besta entre as costelas da região lombar, denunciando uma morte violenta. Estes dados puderam ser atribuídos à feroz luta processada durante a conquista cristã, e definitiva, desta alcáçova, pelos homens de D. Paio Peres Correia, no reinado de D. Afonso III.

Ainda, sobre o solo das divisões da habitação referida, recolhemos numerosas pontas de viotes e uma significativa colecção de cerâmicas almoadadas, dos séculos XII e XIII, confirmando o abandono precipitado do local e a sua não reutilização posterior.

Sob aquele estrato desenvolvia-se um outro que parecia, também, corresponder a uma área habitacional. No solo de um destes espaços jazia um esqueleto humano demonstrando, tal como o anterior, morte violenta e estando, igualmente, envolto em estruturas derrubadas. Tanto os diferentes processos construtivos das estruturas que integravam esta camada, como

os artefactos nela incluídos, indicaram-nos pertencerem ao período almorávida. O cadáver insepulto e as destruições observadas seriam consequência do ímpeto ofensivo da conquista desta fortaleza pelos almoadas pondo fim à administração, política e religiosa, almorávida, sob o signo da propagação de uma nova pureza corânica.

Tal como é usual no Oriente, ter-se-á edificado sobre as ruínas da ocupação anterior, sem sequer, por vezes, e devido a motivos religiosos e profilácticos, se reaproveitar os materiais encontrados no local. Tanto as cerâmicas como os restantes objectos recolhidos neste estrato são, não só, bem mais escassos como se diferenciam, em termos qualitativos, dos exumados na camada anteriormente referida.

Uma sucessão de estruturas, muito fragmentárias, incluídas em níveis arqueológicos, onde as cerâmicas mostraram ser o melhor indicio de diferenciação cronológico-cultural, puderam ser atribuídas ao período taifa (C4-séc. XI), ao período califal (C5-sécs. IX-X) e, embora com certas reservas, aos finais do Emirato (C6-séc. IX).

Mas, se toda a sequência indicada e a rica informação que obtivemos no nível de ocupação almoada, constituía importante novidade para a recuperação do passado sócio-político, económico e cultural, de uma comunidade islâmica no Ocidente, um nível, ainda bem mais profundo que os mencionados, reservou-nos a grata surpresa de nos facultar não só uma abundante colecção de materiais cerâmicos como uma importante datação pelo método do ¹⁴C.

A camada (C8) cuja cronologia, tanto relativa como absoluta, se localizou em meados do século VIII, vem confirmar a ocupação muçulmana, muito antiga, deste arqueossítio, que a informação escrita situava, logo, no ano de 713. Contudo, ainda bem mais importante para nós, que a datação em si e aquele facto, é o podermos determinar o impacto cultural do Islão, e, nomeadamente, tanto dos seus contornos orientais, como magrebinos, ou berberes, em aspectos da vida quotidiana de uma franja da população que, naquele período recuado, habitou a alcaçova de Silves. A rara colecção de cerâmicas descobertas na camada 8 constitui, por ora, um dos reflexos que melhor pode caracterizar aquelas influências culturais e histórico-artísticas.

Aliás, o restante espólio cerâmico continuou a oferecer-nos, durante cerca de cinco séculos, aspectos da evolução das comunidades que por ali passaram, as diferentes informações recebidas, as alterações económicas ou de gosto, entretanto processadas, assim como a diversidade funcional e estética que, ao longo deste tempo, foi sendo, sucessivamente, requerida.

Conforme tivemos oportunidade de referir as cerâmicas da camada mais profunda da alcaçova de Silves, que não assentava no substrato rochoso, patenteavam origens muito diversificadas. Assim, ao fundo cultural peninsular, de tradição tardo-romana ou «visigótica», pôde ser atribuído um conjunto de peças, com fabricação local ou regional, que integrava, essencialmente, o alguidar com cordões digitados, as frigideiras e os grandes pratos com bordo muito espessado. Pequenos fragmentos, ainda, ali recolhidos, com pastas de cor cinzenta mal depuradas, devem pertencer a este mesmo horizonte. Curiosamente, tanto as frigideiras como os pratos irão desaparecer nas ocupações posteriores, onde se conhecem, no entanto, outros tipos de alguidares. Também os cordões, muito relevados e com decoração digitada, não estarão presentes nos restantes níveis.

Os cântaros, muito abundantes, as panelas, e as pequenas taças de fundo plano ou tampas, sustentaram paralelos com achados mediterrânicos recuados, nomeadamente itálicos, desconhecendo-se, devido à escassez de estudos sobre cerâmicas comuns, a sua existência no Norte de África.

Outras peças, como os púcaros e os jarros, são, possivelmente, de fabrico local mas revelando, já, os novos contributos, técnicos e decorativos, próprios das culturas norte-africanas e, sobretudo, berbere. Este vector faz-se notar na própria inovação formal que constituem aqueles artefactos, na utilização de pastas mais finas, e na decoração pintada, de cor branca sobre peças vermelhas, ou castanhas, e negra sobre as de pastas claras. Estas ornamentações apresentam bandas reticuladas, conjuntos de ziguezagues largos, teorias de triângulos ou séries ponteadas, geralmente, integradas em cartelas e que bem traduzem a concepção geométrica do espaço, tão cara aos muçulmanos.

Por fim, um raro núcleo de objectos importados do Oriente, cujo centro (ou centros) produtor não foi possível identificar, é formado por taças, esmaltadas, de formas elegantes e abertas; oferecendo uma delas, oito bonitos bolbos de lótus policromos. Este mesmo tema decorativo haveria de nos surgir, embora de modo bem mais sintético, tanto no estrato do período taifa, onde foi pintado no fundo de uma taça vidrada, como no almoadá em que pequenas estampilhas, bolbares, preenchem a cartela que demarca o fundo de uma taça com carena acusada.

A intrincada trama cultural de que são reflexo as cerâmicas da camada 8, dos inícios do emirato (período omíada), perde-se, de certo modo, nos níveis seguintes. De facto, parecem desaparecer não apenas os contributos do mundo autóctone, reduzindo-se o universo das produções detectadas às formas islâmicas, mas, também, as belas peças exógenas de que era exemplo, mais notável, a taça com bolbos. Estas, trazidas do Oriente pelos omíadas, irão quase desaparecer, dando lugar a raríssimas importações norte-egípcias, de reflexo metálico, e, sobretudo, às novas manufacturas peninsulares que as tentam reproduzir.

Na camada 6, que datamos dos finais do Emirato, surgiu reduzido número de cerâmicas. Estas incluíam taças, com fundos semelhantes aos do estrato anterior, e, um tanto precocemente em relação à informação adquirida, um fragmento de jarro decorado com corda seca parcial que, podendo ser fabricado no Al-Andalus, terá antecedentes em exemplares orientais. O facto, relevante, dos nossos trabalhos investigarem o interior de uma alcáçova, e a sua área palatina, terá de, logicamente, se fazer sentir na melhor qualidade dos materiais exumados; de acordo com o alto estatuto, político e social, de, pelo menos, parte da população ali instalada. Assim se explicará a existência de alguns materiais de excepção, conferindo prestígio aos seus proprietários.

O estrato posterior, do período califal, ofereceu um conjunto de taças esmaltadas, com pinturas de cor negra, certamente de fabrico peninsular mas seguindo protótipos orientais. Mostram os fundos assentes em pés baixos, em anel, embora as paredes sejam mais espessas, que as das taças da camada 8, e o bordo apresente lábio ligeiramente extrovertido. Sobre a carena observa-se uma canelura típica destas formas, que poderão ter tido como principal centro produtor, e difusor, *Medinat-az-Zahra*. Recolhemos neste mesmo estrato, um fragmento, de taça, com decoração epigráfica, em caracteres cúficos, de reflexo metálico. O tipo de pasta, muito fina, a boa qualidade tanto do esmalte como da pintura, assim como a forma, indica-nos estarmos, de novo, na presença de uma peça claramente importada e cuja origem, como argumentámos, se localizaria no Egipto. É registado, pela primeira vez em Silves, estes dois tipos de valorização plástica, a pintura dourada e a epigrafia, que hão-de sobreviver até ao período almoadá, e posteriormente entre nasaries e mudéjares, onde têm enorme divulgação.

A camada seguinte, do período taifa, era, tal como as anteriores, muito pobre em materiais arqueológicos. Ofereceu fragmentos de várias peças onde se destacam as taças com o pé baixo e em anel, embora mais acentuado que os das camadas anteriores, uma

delas decorada com uma flor de lótus muito esquemática, de aspecto caligráfico, no interior do fundo.

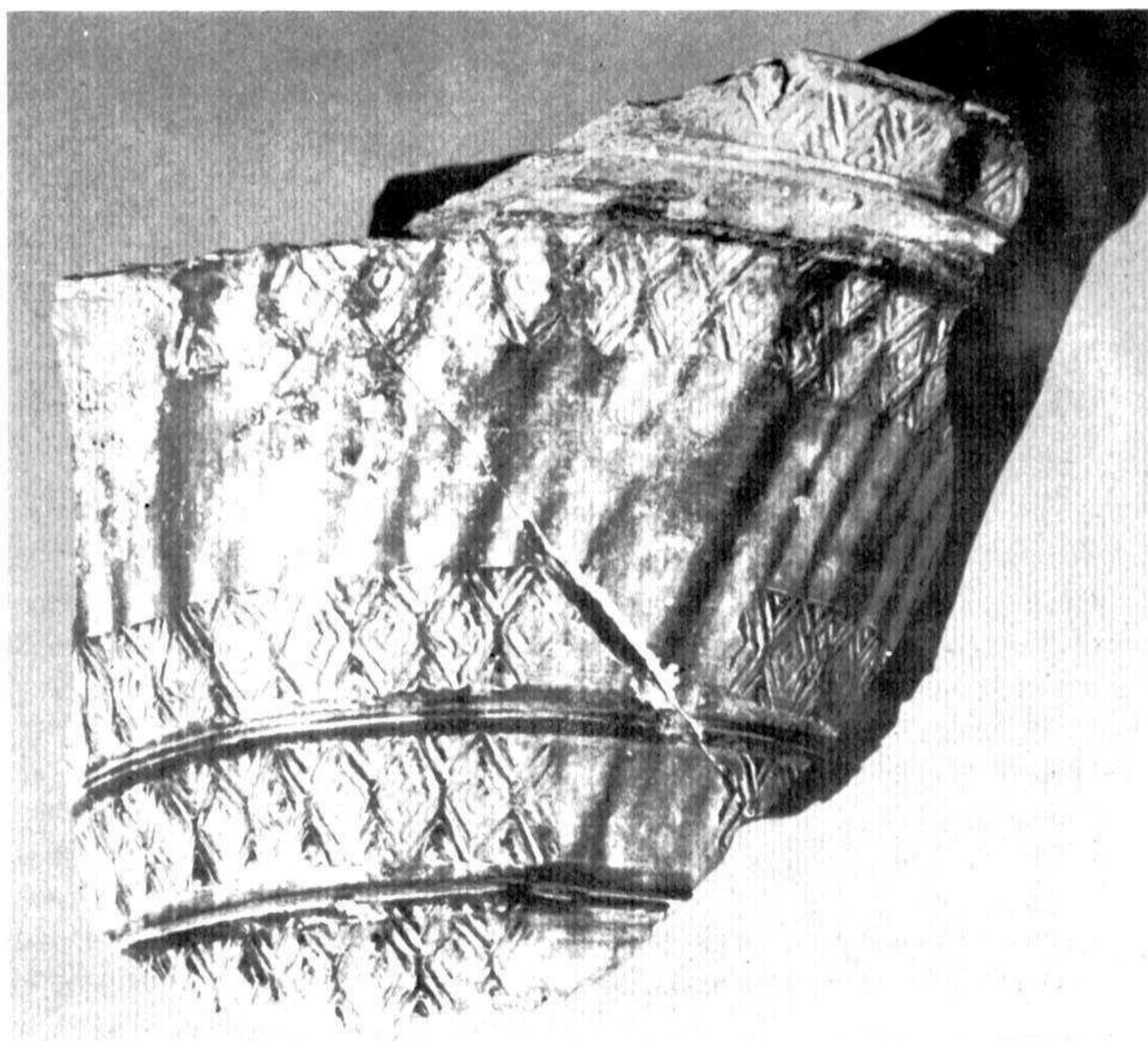
O nível arqueológico correspondente à permanência almorávida mostrou grande enriquecimento, tanto em termos morfológicos como decorativos, em relação às três ocupações anteriores. Ali reaparecem os alguidares, de superfície brunidas ou engobadas, com perfis que hão-de persistir até aos nossos dias. Também surgem o almofariz, o bule e a ânfora, formas até ao momento desconhecidas mas com largos antecedentes no Mediterrâneo, assim como é usada a corda seca parcial, decorando uma lucerna com bico longo, e séries de pingos escorridos, de espesso vidro de cor verde ou castanha melada, na decoração de recipientes fabricados com pastas claras.

Por fim, na camada mais escavada, pertencente aos séculos XII-XIII e ao período almoadá, foi recolhida uma enormíssima quantidade e variedade de materiais cerâmicos, muitos deles decorados, com superfícies brunidas, pintadas, esmaltadas, incisas, impressas ou esgrafitadas.

As grandes talhas, profusamente estampilhadas, os queimadores, as lamparinas de pé alto, as taças incisas e as de carena acusada, estampilhadas no interior do fundo, surgem pela primeira vez reflectindo, de facto, uma importante renovação cultural e um esplendor artístico sem equivalente nos reportórios de quaisquer dos períodos anteriores. Todas estas peças, assim como as que, mais ou menos continuamente, têm acompanhado a evolução da ocupação muçulmana do Castelo de Silves podem ter sido fabricadas localmente, em oficinas situadas em outros pontos do Sul da Península, ou do Norte de África, como parecem querer demonstrar alguns dos paralelos coligidos. A iconografia utilizada nas suas decorações sugere, por um lado, a reabilitação da temática geométrica própria dos berberes, que havíamos logo reconhecido na camada correspondente ao período omíada, embora se façam sentir outras fortes influências magrebina e, maioritariamente, das produções atribuídas aos ziriadas. Incluir-se-iam, neste caso, a aplicação massiva dos motivos estampilhados e o gosto pela utilização da decoração leteriforme e arquitectónica, que, intercalando com elementos de temática fitomórfica e incluindo um ou outro animalista, se ligam a profundas raízes orientais. Já anteriormente mencionámos as possíveis origens das principais decorações registadas, tanto sob o aspecto técnico como iconográfico, que apesar de popularizadas e, para nós integradas na actividade profana, assumiam, mesmo indirectamente, significação mágico-religiosa.

Por último, devemos registar o aparecimento, nesta mesma camada, do fragmento de uma taça com reflexo metálico, possivelmente importada, de outra com corda seca total, e de uma terceira esmaltada, a branco, mas com pintura a azul de cobalto. São peças, por ora, muito raras em Silves e que ali terão chegado através das intensas relações comerciais processadas. Também, dois pequeníssimos fragmentos de jarras, fabricadas com pastas muito bem depuradas e de paredes finas, oferecem decoração esgrafitada, sobre fundo colorido com óxido de manganês, e podem pertencer a um possível centro produtor na Andaluzia Oriental, próximo de Múrcia ou de Granada, onde são muito frequentes. Um destes fragmentos, recordando a onnipresença divina, tem escrita a palavra Allah.

CAPÍTULO V



CATÁLOGO

Nota prévia

A caracterização de cada uma das peças, integradas nas respectivas camadas, inicia-se com a sua atribuição formal, seguida da descrição, sucinta, do corpo, e de outros atributos pertinentes como o tipo e forma do bordo, do pé ou do fundo, constituição da pasta, e as variantes do tratamento dado às superfícies. São, também, referidos os motivos decorativos oferecidos por muitas das cerâmicas recolhidas.

Na classificação morfológica utilizámos, como termo de comparação, as peças, ainda, actualmente em uso, tendo-se reconhecido as seguintes formas:

Alguidar – vasilha aberta, com paredes oblíquas, assente numa base plana. Oferece grandes diâmetros, tanto no bordo como no fundo.

Almofariz – recipiente baixo, de paredes muito espessas e fortes, com pequeno diâmetro.

Frigideira – recipiente aberto, baixo, com paredes pouco inclinadas e fundo plano ou ligeiramente convexo. Os seus diâmetros são variáveis.

Panela – recipiente fechado, com corpo globular, base ligeiramente convexa e, geralmente, com duas asas opostas. As dimensões são variáveis.

Prato – recipiente aberto, com paredes baixas, assente numa base plana. O diâmetro do bordo aproxima-se do da base.

Taça – recipiente aberto, de morfologia muito variável, com corpo hemisférico, assente num fundo que pode ser plano, convexo ou com pé em anel.

Púcaro – recipiente fechado, de pequenas dimensões, com corpo sub-cilíndrico, fundo plano e uma ou duas asas.

Jarro – recipiente fechado, de corpo globular e gargalo alto, com uma asa. As suas dimensões são variáveis.

Jarra – recipiente semelhante ao anterior, com pé plano ou em anel, e com duas ou quatro asas.

Bule – recipiente com corpo globular, bordo largo, gargalo estreito e pequena asa no lado oposto.

Garrafa ou redoma – vasilha com corpo globular, ou sub-esférico, gargalo estreito e alto.

Cântaro – vasilha com corpo globular, bordo alto, fundo plano e duas asas, largas, opostas. Oferece grandes dimensões.

Pote – recipiente com corpo bojudo, baixo e base plana.

Talha – grande vasilha de forma ovoide, com paredes espessas, podendo ter duas asas opostas.

Ânfora – grande recipiente com forma ovóide, com duas asas opostas e fundo convexo ou troncocônico.

Lucerna – artefacto com corpo circular, asa, e bico com comprimento variável.

Lamparina – artefacto com base circular, pé alto sobre o qual assenta um corpo hemisférico achatado. Este está, geralmente, ligado à base por uma asa.

Queimador – recipiente aberto, com forma poligonal, paredes sub-verticais e base plana.

Os índices utilizados para referenciar a cor das pastas das cerâmicas pertencem às *Munsell Soil Color Charts* e, como tal, devem-se entender como aproximados.

Considerámos os elementos não plásticos, ou desengordurantes, que constituem as pastas segundo as suas dimensões. Assim, têm grão finíssimo ou muito fino, quando formam uma grande unidade com a pasta, sendo impossível observá-los à vista desarmada; grão fino quando têm menos de 0.5 mm; grão médio, quando medem entre 0.5 mm e 1 mm; e grão grosso para dimensões superiores a estas últimas, podendo atingir os 4 mm.

As superfícies das peças, que iremos descrever, pode ter sido aplicado um dos seguintes tratamentos:

Aguada – quando é dada uma cobertura, com corante muito diluído, de cor diferente da pasta e antes da peça ser cozida.

Engobe ou engobo – quando é dado um banho semelhante ao anterior, embora bem mais espesso e cobrindo total ou parcialmente a peça, ou um óxido para a colorir.

Vidrado – quando é dada uma camada de vidro, com óxidos alcalinos, de chumbo ou de estanho, assemelhando-se a um verniz transparente que deixa observar a pasta. Normalmente é utilizado para impermeabilizar o interior de certas peças, já que no exterior tem apenas função decorativa. Este tratamento é acentuado com o emprego de outros óxidos para lhe conferir tonalidades. Deste modo, com o óxido de ferro produzem-se os tons castanhos e ocres; com o óxido de manganês os tons de castanho escuro a negro; com óxido de cobalto obtêm-se os azuis e os negros; e com o óxido de antimónio os amarelos.

Esmalte – quando é dada uma cobertura vítrea opaca, branca ou colorida, sobre peças previamente engobadas. Com a aplicação dos óxidos acima referidos obtêm-se coloridos.

Corda seca total – quando sobre as superfícies das peças são dados esmaltes de cores diferentes, separados por matéria gordurosa ou óxido de manganês que contornam os desenhos.

Corda seca parcial – quando as peças oferecem motivos com uma ou duas cores, contornados com óxido de manganês, deixando extensas áreas em reserva.

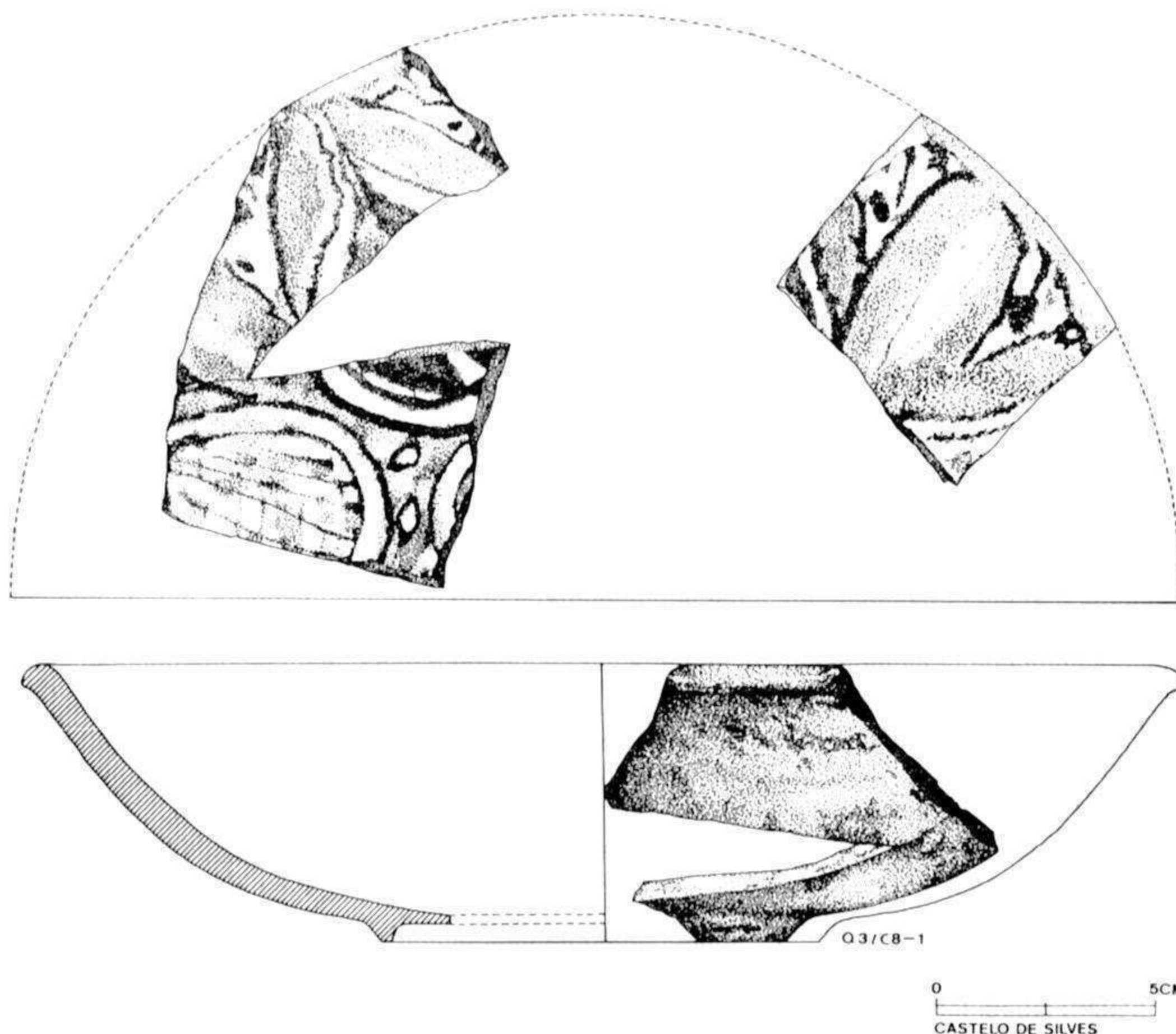
Reflexo metálico – quando as peças oferecem motivos em tons metálicos, geralmente dourados. Estes devem-se à aplicação de uma mistura de cinábrio, sulfato de cobre, óxido de ferro, enxofre e prata, usualmente substituída por cobre, sobre peças já esmaltadas a branco que são novamente levadas ao forno a fim de cozer as pinturas, em ambiente redutor e a baixa temperatura.

Esgrafito – quando as peças apresentam engobe negro, de óxido de manganês, sobre o qual se abriram, com uma ponta aguçada, motivos decorativos. Estes podem ter sido realizados antes da peça ser cozida ou posteriormente. Neste caso a peça deverá ser levada novamente ao forno.

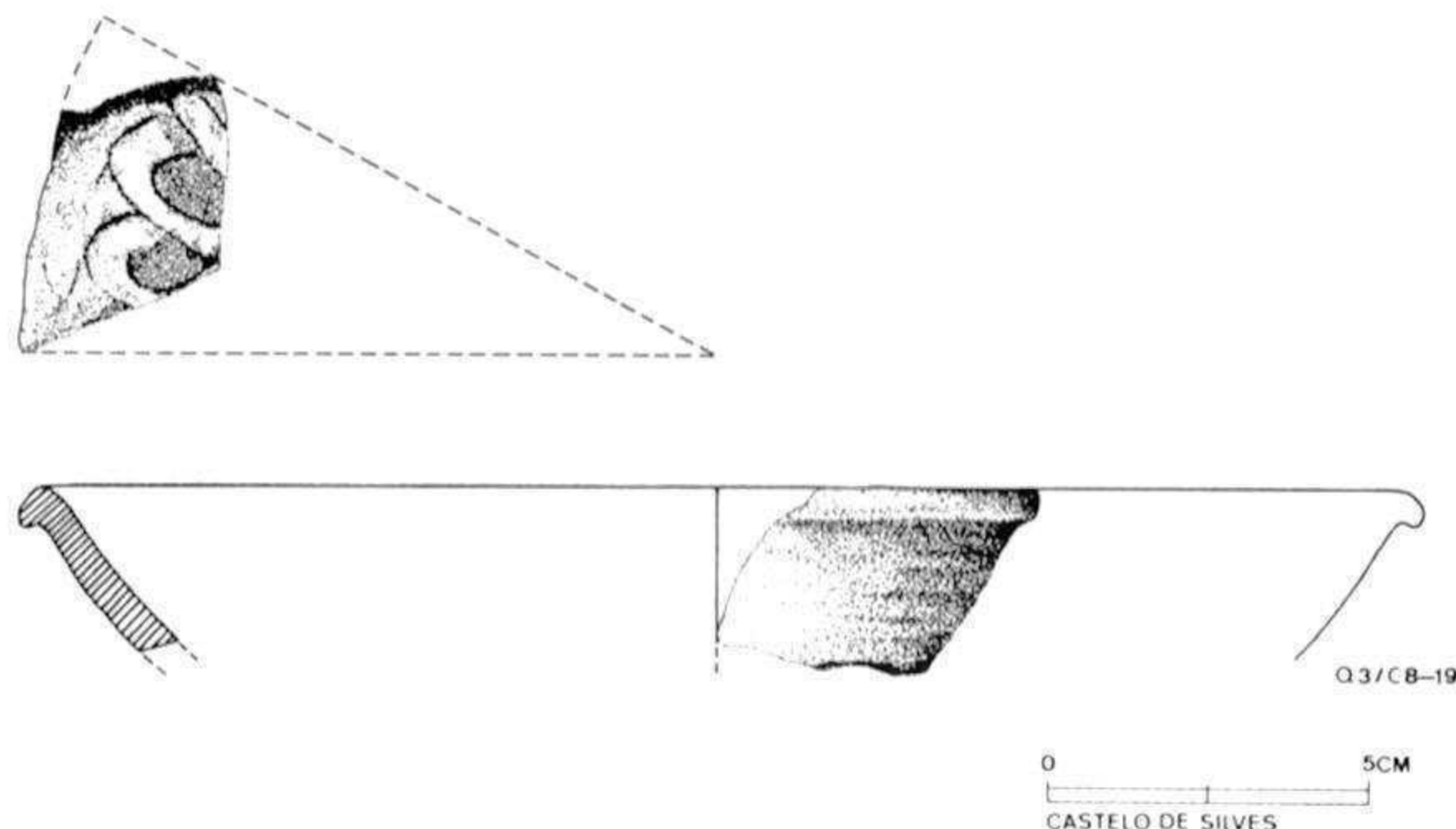
V.1. CERÂMICAS DA CAMADA 8

V.1.1. Peças esmaltadas a branco, com decoração a verde e manganês

Q3/C8-1 – Dois fragmentos, da mesma taça, com porção do bordo e do pé. O bordo mostra-se espessado, ligeiramente biselado no exterior, e mede 0.255 m de diâmetro. O pé é baixo, mede 0.004 m de altura, e tem 0.095 m de diâmetro. A peça media 0.064 m de altura total e as paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente, de cor branca. A superfície interna oferece decoração floral, pintada, que era constituída, essencialmente, por oito representações de grandes bolbos de lótus, com os vértices voltados para o bordo da peça, rodeados por folhagens. Dois pares destes bolbos, opostos dois a dois perpendicularmente, com o corpo subdividido, em dois gomos, intercalavam com outros dois pares contendo o corpo segmentado por uma retícula. Ambos os tipos de bolbos mostram o corpo contornado por um traço duplo, de cor negra, tendo-se deixado em reserva o espaço entre estas linhas. Nos bolbos reticulados as pequenas linhas são, também, de cor negra, embora mostrem pingos sobrepostos de cor verde. O interior dos bolbos subdivididos foi pintado de cor verde, em tom turquesa. O pé de cada bolbo é rodeado por duas folhas lanceoladas, também delimitadas por um fino traço de cor negra.



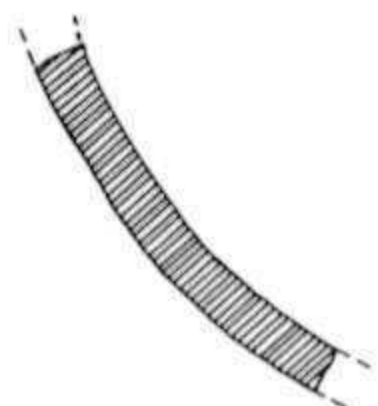
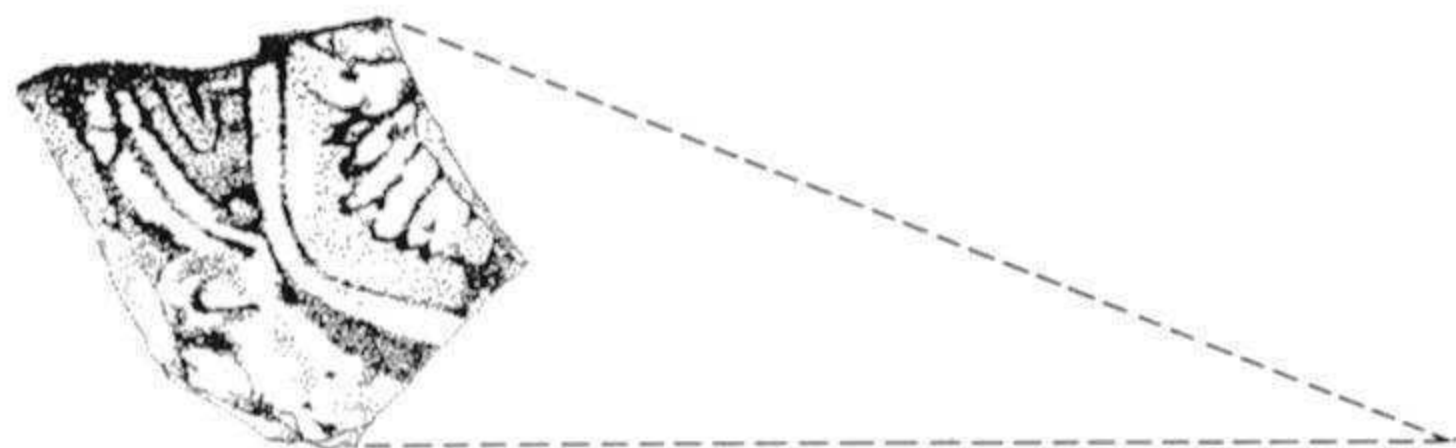
Existem, folhas, um pouco maiores que utilizam a mesma técnica pictórica, preenchendo o espaço entre aqueles conjuntos e o bordo da peça. A coloração verde, dada à folhagem, acompanha os limites de cada forma deixando, no entanto, no centro das folhas maiores áreas em reserva. Pequenos caules, terminando em círculos de cor negra, acabam por preencher o espaço entre a teoria de folhas e o limite do bordo. A decoração do interior do fundo desta taça, de difícil reconstituição gráfica, poderia oferecer uma composição de círculos, delimitados por linhas negras, conforme nos mostra, ainda, o resto de uma daquelas formas. O espaço entre estes círculos e os bolbos apresenta pequeninas manchas, contornadas a negro, sobre áreas de cor verde clara.



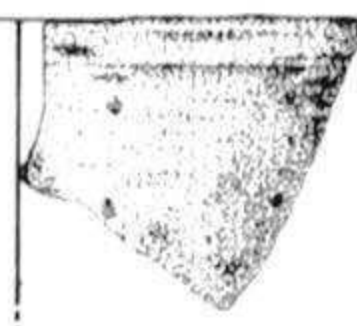
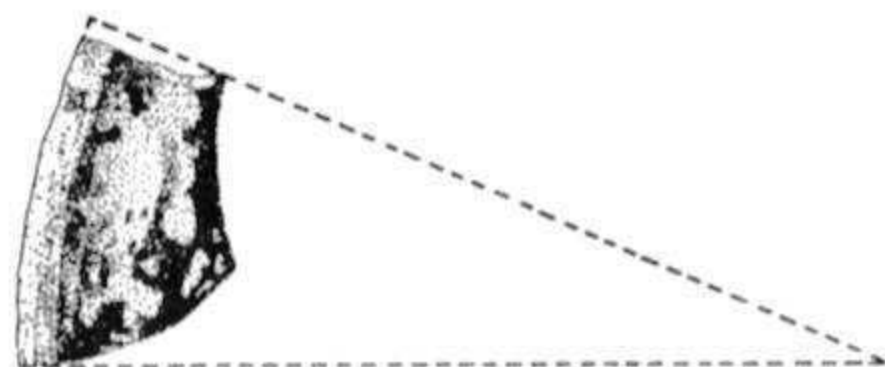
Q3/C8-19 – Fragmento de taça com porção do bordo, espessado e extrovertido. O seu diâmetro mediria 0.210 m. O lábio é ligeiramente biselado no exterior e as paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, pouco aderente, de cor branca ligeiramente amarelada. Na superfície interior, a 0.010 m do bordo, observa-se, pintado, um cordão ondulado, composto por duas linhas sinuoidais entrelaçadas, do tipo dos «cordões da eternidade». As linhas encontram-se contornadas a negro, oferecendo os pequenos espaços circulares, do interior do cordão, cor verde turquesa.

Q3/C8-20 – Fragmento, de grande taça, com porção da parede. Mede 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), com núcleo de cor cinzenta (10YR6/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície externa apresenta esmalte, aderente, de cor verde clara, e a interna mostra decoração floral sobre esmalte, pouco aderente, de cor branca. Embora muito deteriorada reconhecem-se os restos da representação de uma palmeta, delimitada por duas linhas, paralelas, de cor negra, dispostas em ângulo. Na área exterior oferece restos de decoração fitomórfica, de cor verde turquesa, contornada a negro.

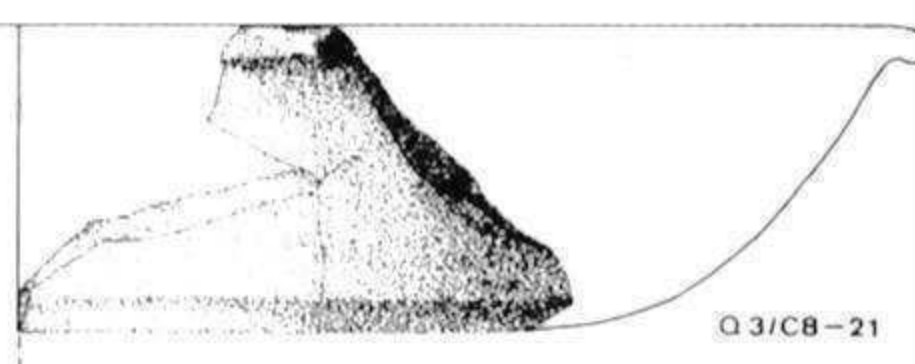
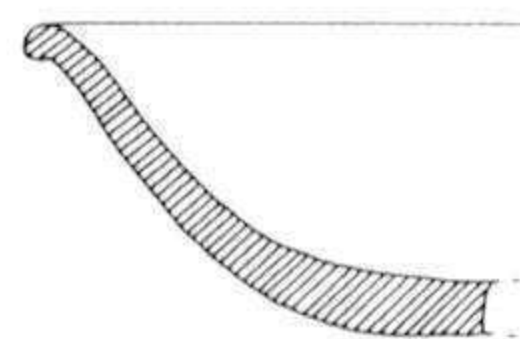
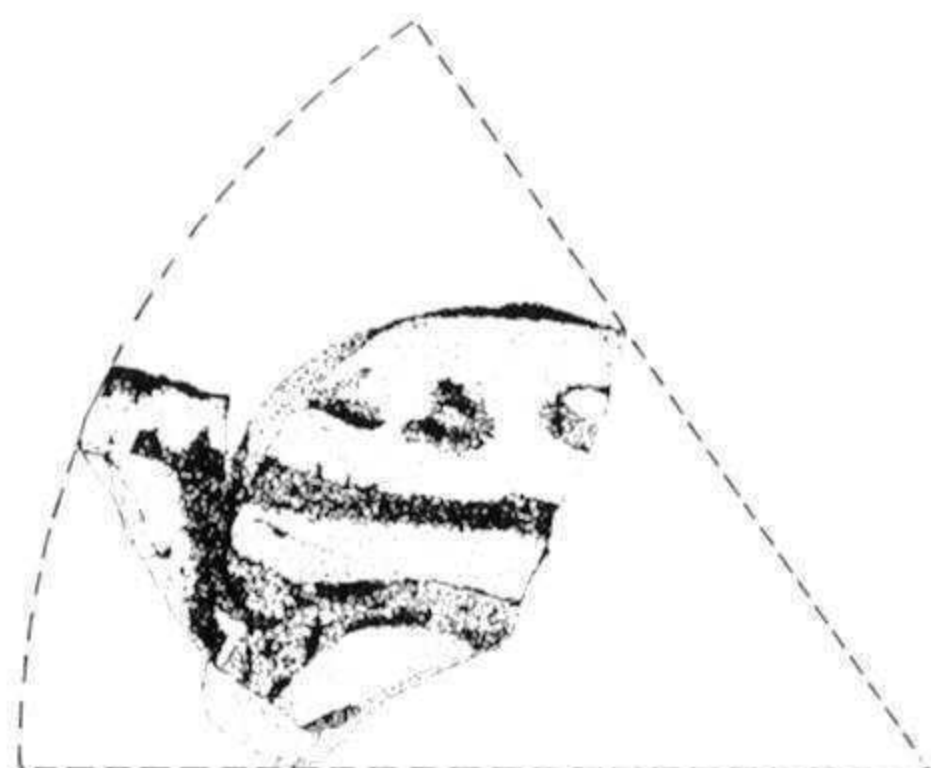
Q3/C8-26 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é espessado, extrovertido, e tem lábio de perfil semicircular. O seu diâmetro seria de 0.215 m e as paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, pouco aderente, de cor branca com manchas de cor verde turquesa. A superfície interna apresenta, ainda, manchas pintadas de cor negra; certamente restos de uma decoração hoje perdida.



Q3/C8-20



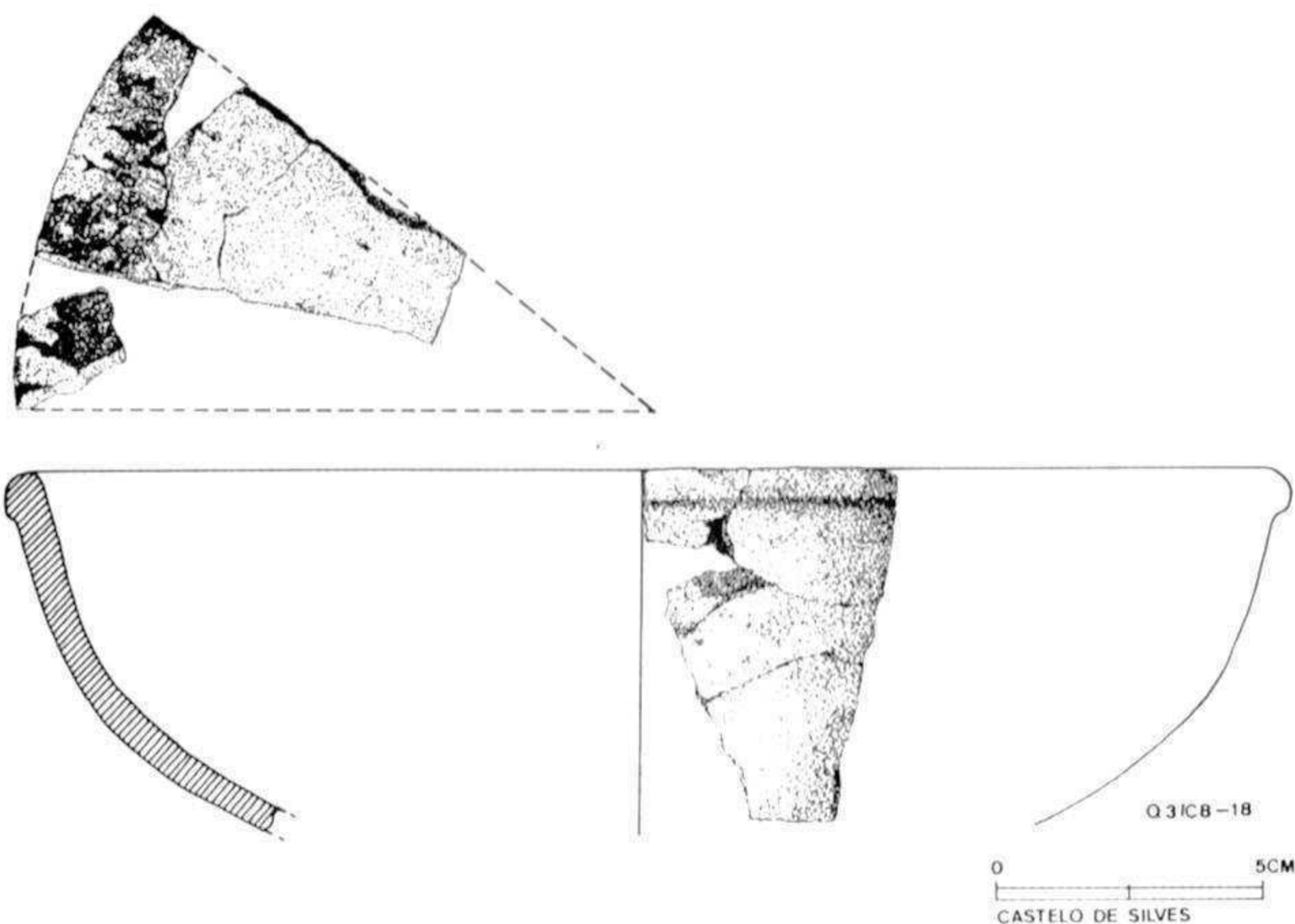
Q3/C8-26



Q3/C8-21

0 5CM
CASTELO DE SILVES

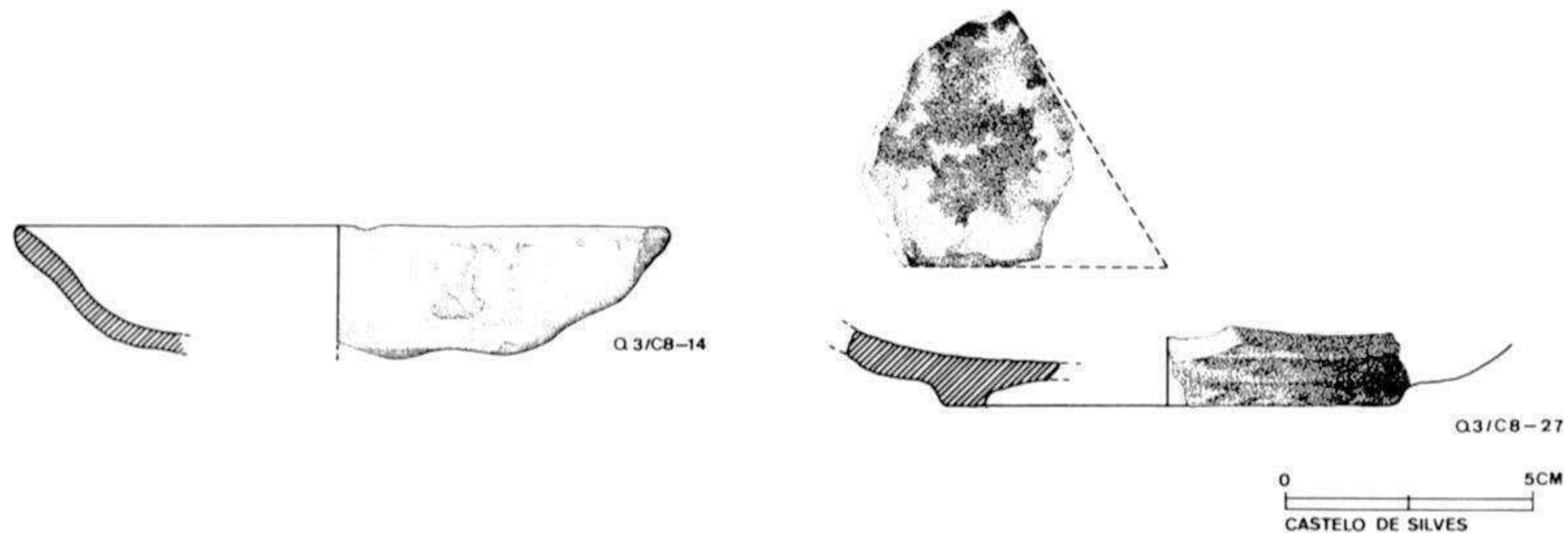
Q3/C8-21 – Fragmento, de taça baixa, com porção do bordo e do fundo. O bordo é espessado, extrovertido, e mede 0.225 m de diâmetro. O lábio tem secção semicircular. Apresenta, actualmente, 0.040 m de altura e as paredes têm 0.008 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/4) com núcleo de cor acinzentada clara (5YR7/1), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície externa oferece esmalte, aderente, de cor amarela ligeiramente esverdeada. A superfície interna mostra esmalte, pouco aderente, de cor branca e é decorada com pingos, e linhas escorridas, de cor verde e negra.



Q3/C8-18 – Dois fragmentos, de uma taça alta, com porção do bordo e da parede. O bordo é espessado, demarcado exteriormente, e o seu diâmetro mediria 0.233 m. O lábio é ligeiramente biselado no exterior. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, pouco aderente, de cor branca, sendo ligeiramente esverdeado no exterior. Na superfície interior observa-se, junto ao bordo, restos de decoração com linhas escorridas, de cor negra.

Q3/C8-14 – Fragmento, de pequena taça, com porção do bordo e do fundo. O bordo mede 0.130 m de diâmetro e mostra lábio, de secção semicircular, algo biselado no exterior. Mede, actualmente, 0.027 m de altura e as paredes, com ligeiro ondulado, têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente, de cor branca. A superfície interna mostra um pingo, de esmalte, de cor verde.

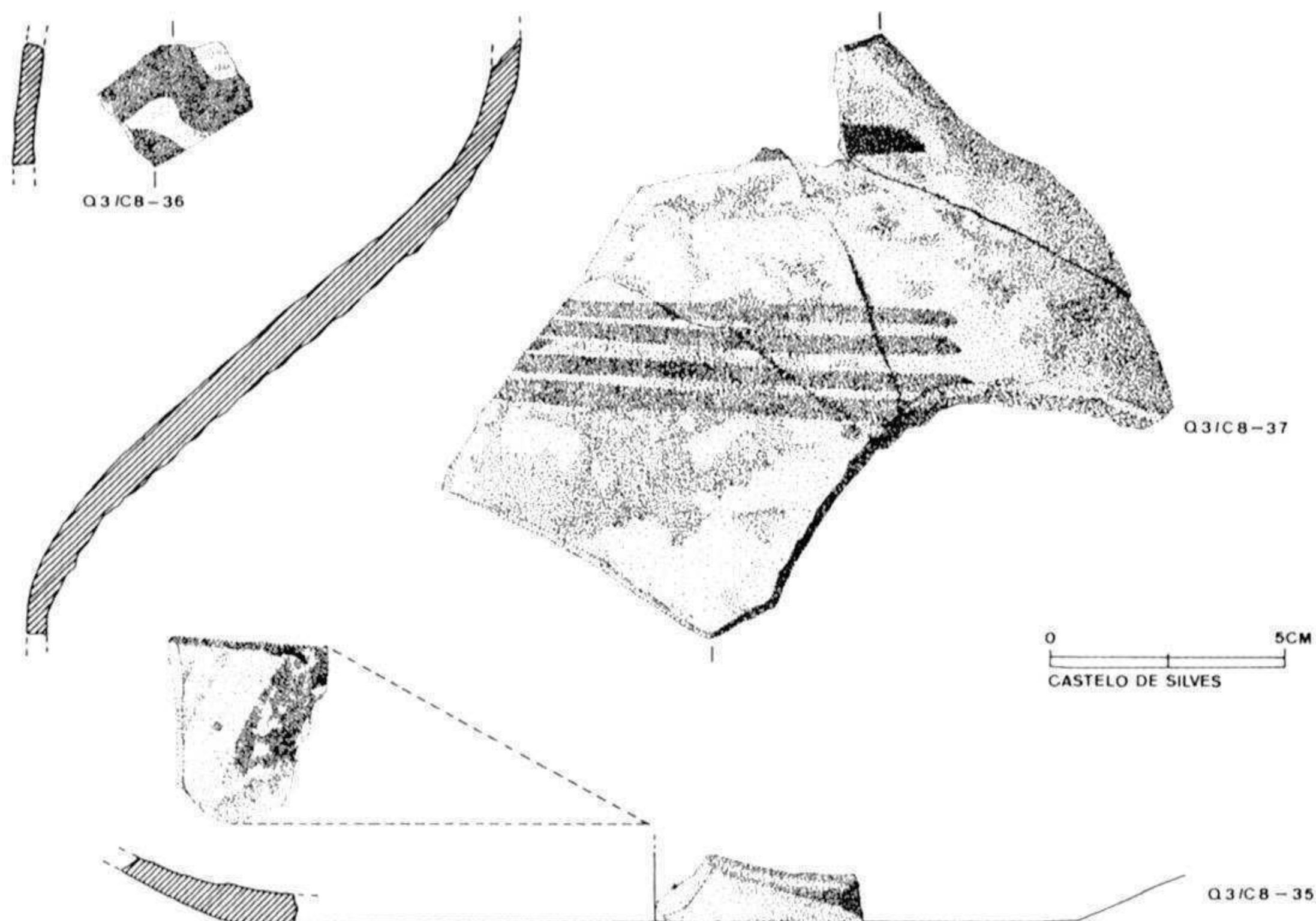
Q3/C8-27 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. O pé, em anel, é baixo e mede 0.004 m de altura e o seu diâmetro seria de 0.090 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, pouco aderente, de cor branca esverdeada. A superfície interior apresenta restos de decoração, de cor verde e negra, muitíssimo deteriorada.



V.1.2. Peças fabricadas com pastas claras

Q3/C8-35 – Fragmento, de taça ou de prato, com porção do fundo. Este é plano, mediria 0.180 m de diâmetro, e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam aguada, de cor branca, ligeiramente rosada. O interior do fundo mostra restos de um semicírculo, pintado, cor-de-laranja (2.5YR5/8).

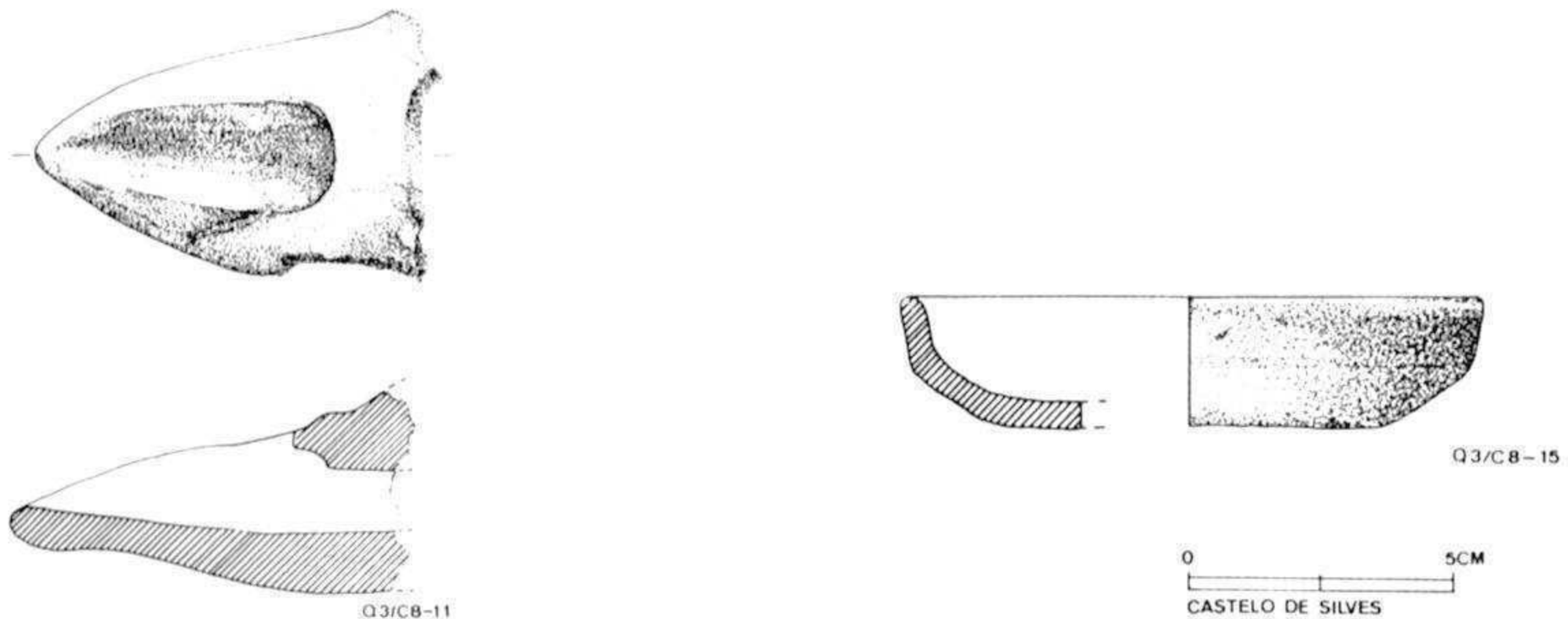
Q3/C8-36 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Mede 0.004 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor cinzenta (5YR6/1), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior está decorada com linhas horizontais onduladas, pintadas de cor negra, 0.006 m de largura.



Q3/C8-37 – Fragmento, de grande vasilha (ânfora?), com porção do bojo e do arranque do colo. As paredes têm 0.008 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (10R6/6) com núcleo de cor cinzenta (10R5/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interior não foi afagada e notam-se as linhas deixadas, pelos dedos do oleiro, durante a montagem ao torno. A superfície exterior, mal afagada, apresenta uma aguada, de cor branca, sobre a qual foram pintadas, sobre o bojo, quatro linhas, paralelas e quase horizontais, de cor negra. As linhas, pintadas com bateria de pincéis, têm 0.005 m de largura máxima e estão separadas entre 0.002 m a 0.004 m. Junto ao arranque do colo reconhecem-se os restos de uma outra linha, semelhante às anteriores.

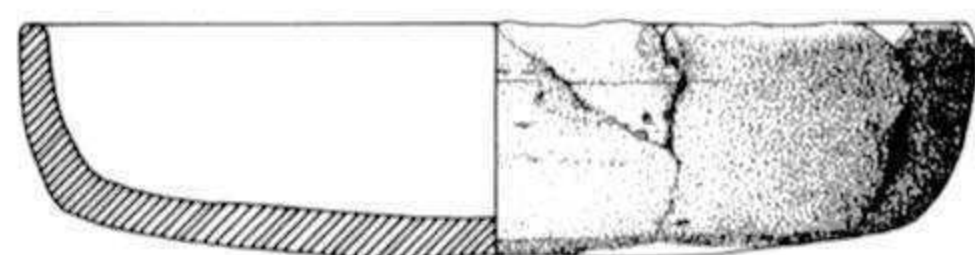
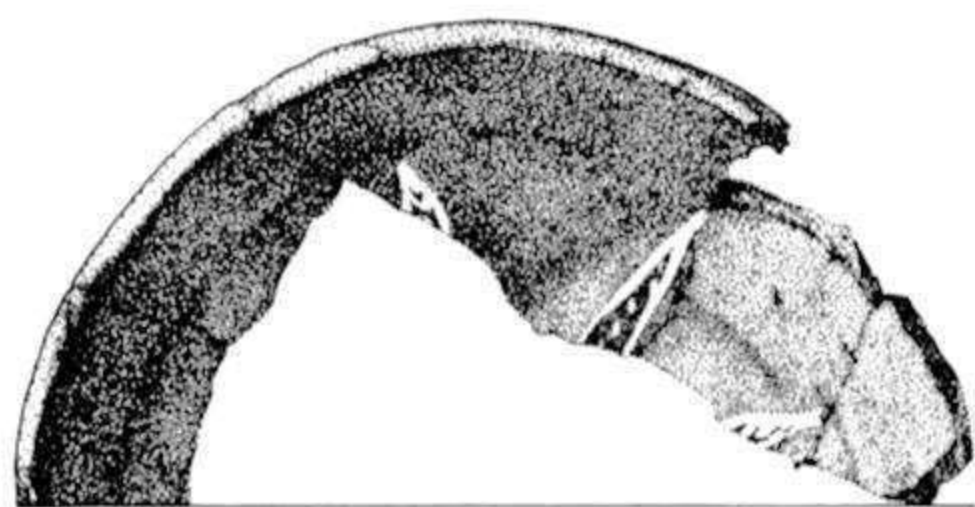
Q3/C8-11 – Fragmento, de lucerna, contendo o bico. Este, é curto, largo e de forma triangular, medindo 0.080 m de comprimento e 0.040 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, quartzíticos e micáceos de grão fino. As superfícies apresentam aguada de cor branca, um pouco rosada. Mostra vestígios de combustão.

Q3/C8-15 – Fragmento, de pequena taça, com porção do bordo, da parede e da base. O bordo, com 0.108 m de diâmetro, mostra lábio de perfil semicircular, a parede é quase vertical, e a base é plana. Mede 0.024 m de altura e as paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege (7.5YR7/4), homogénea e muito compacta, contendo elementos, não plásticos, finíssimos. As superfícies são da cor da pasta.

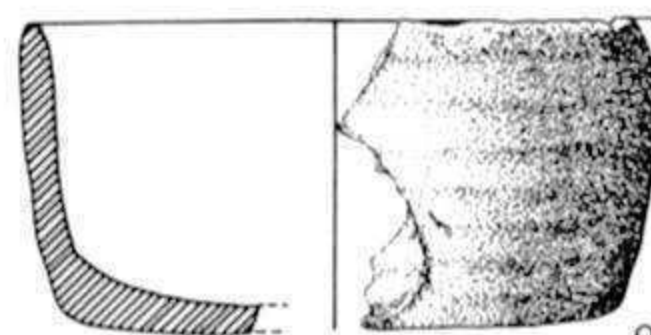


V.1.3. Peças fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas

Q3/C8-24 – Fragmento, de taça, com porção do bordo e do fundo. O bordo tem lábio ligeiramente aplanado e o fundo é convexo. Mede 0.030 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.120 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino e alguns, poucos, de grão médio. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície interior, bem afagada, apresenta um motivo estelar ou floral, constituído por oito elementos dispostos radialmente, pintado de cor branca. Cada um destes elementos, fusiformes, está segmentado, longitudinalmente, por uma linha de pequenos pontos de cor branca.



Q3/C8-24



Q3/C8-25



Q3/C8-25 – Fragmento, de pequena taça ou copo, com porção do bordo e do fundo. O bordo tem lábio com perfil de secção semicircular e o fundo é, ligeiramente, convexo. Mede 0.040 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.082 m. As paredes, verticais, têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies, bem afagadas, são da mesma cor da pasta, apresentando, a exterior, manchas de cor negra.



Q3/C8-2



Q3/C8-3



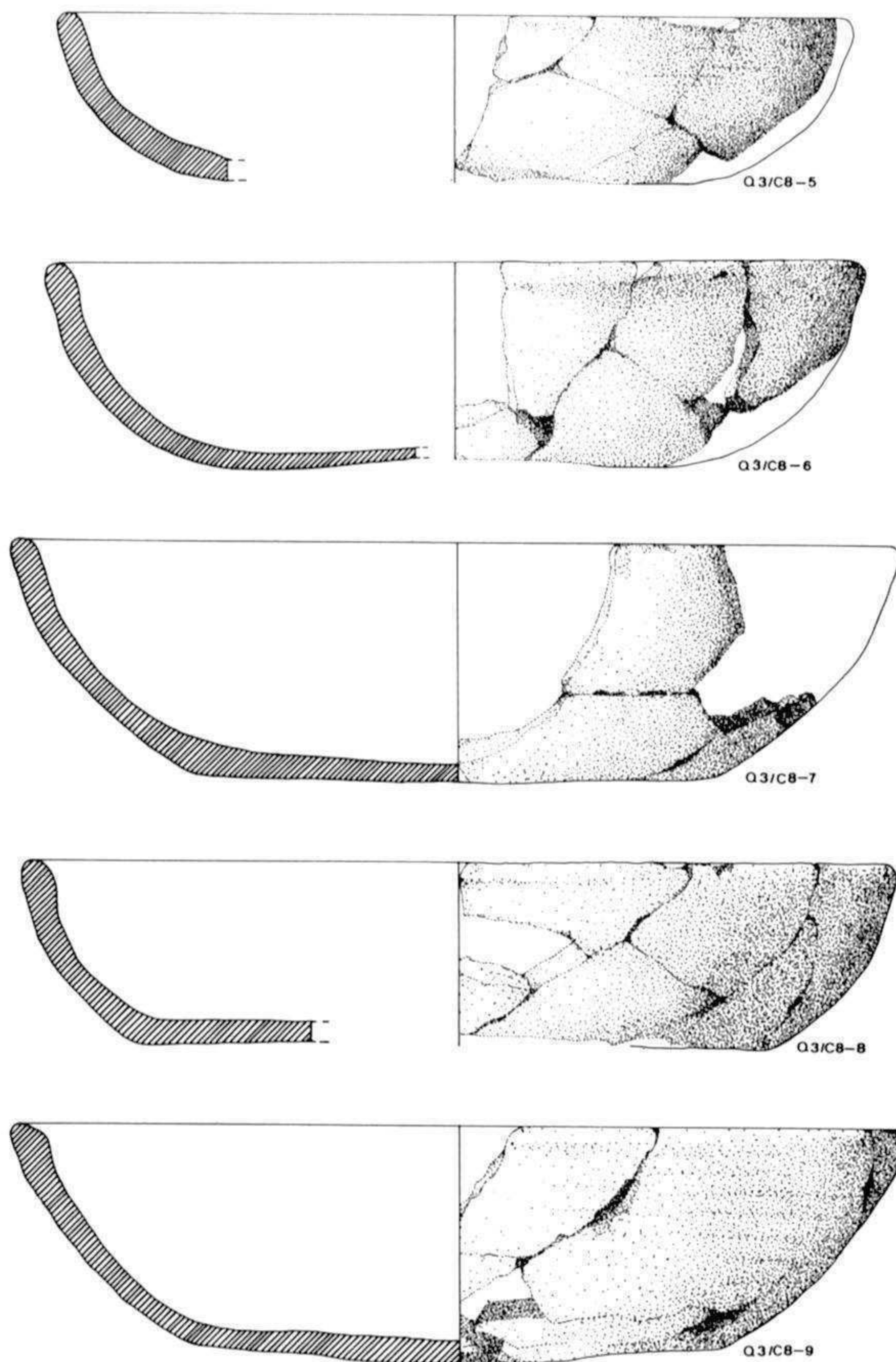
Q3/C8-4



Q3/C8-2 – Fragmento, de tampa, com porção do bordo e da base. O bordo mostra o lábio com secção semicircular, ligeiramente biselada no interior. A base oferece, centralmente, uma ligeira concavidade. Mede 0.024 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.170 m. As paredes têm 0.009 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta, com manchas de cor cinzenta escura a negra, devidas à variação, de oxidante a redutor, do ambiente de cozedura.

Q3/C8-3 – Fragmento, de tampa (?), com porção do bordo e da base. O bordo mostra o lábio com secção semicircular, ligeiramente aplanado. A base da peça é plana. Mede 0.022 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.132 m. As paredes têm 0.009 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta.

Q3/C8-4 – Fragmento, de tampa, com porção do bordo e da base. O bordo mostra lábio, com secção semicircular, demarcado, no interior, por um traço inciso. A base é ligeiramente convexa. Mede 0.023 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.130 m. As paredes têm 0.010 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais escuro que o da pasta.



Q3/C8-5 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular e o fundo é quase plano. Mede 0.042 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.195 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam uma aguada de tom mais claro que o da pasta.

Q3/C8-6 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular e um pequeno estrangulamento que o demarca. O fundo é ligeiramente côncavo. Mede 0.052 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.203 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom mais escuro que o da pasta e manchas de cor negra.

Q3/C8-7 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular e o fundo é plano. Mede 0.060 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.220 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8) com núcleo de cor bege (10YR6/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de cor semelhante à do núcleo.

Q3/C8-8 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio, com secção semicircular, demarcado interiormente. O fundo é ligeiramente côncavo. Mede 0.046 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.218 m. As paredes, menos curvas que as das peças anteriormente descritas, têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de tom mais escuro que o da pasta.

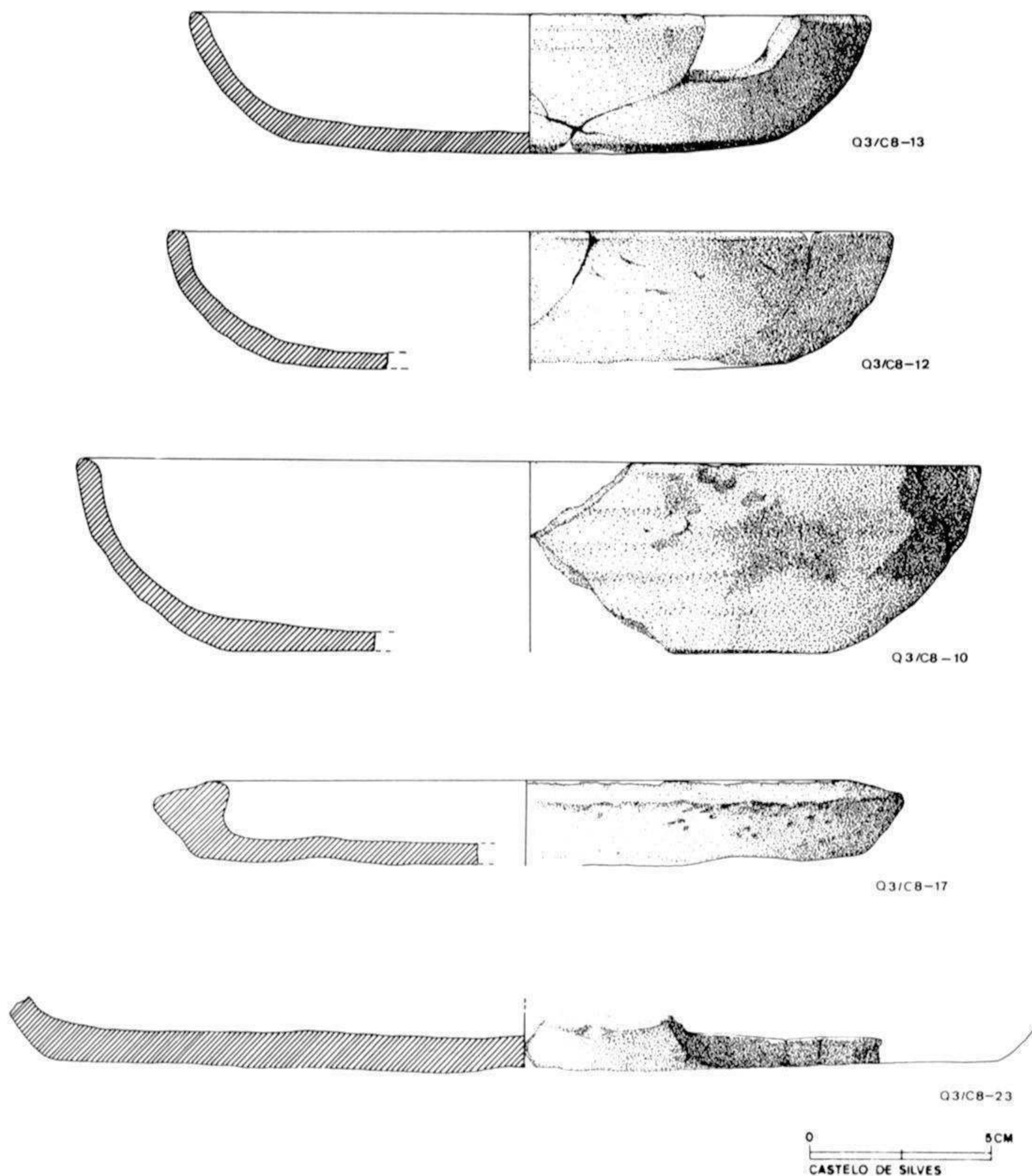
Q3/C8-9 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular, algo biselado no interior. O fundo é ligeiramente convexo. Mede 0.060 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.223 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é vermelha (10R4/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies, brunidas, apresentam tom mais escuro que o da pasta e manchas de cor acinzentada, escura, a negra.

Q3/C8-13 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular e o fundo seria plano. Mede 0.037 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, teria de 0.185 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais escuro que o da pasta.

Q3/C8-12 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular e o fundo é ligeiramente convexo. Mede 0.036 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.197 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom mais escuro que o da pasta.

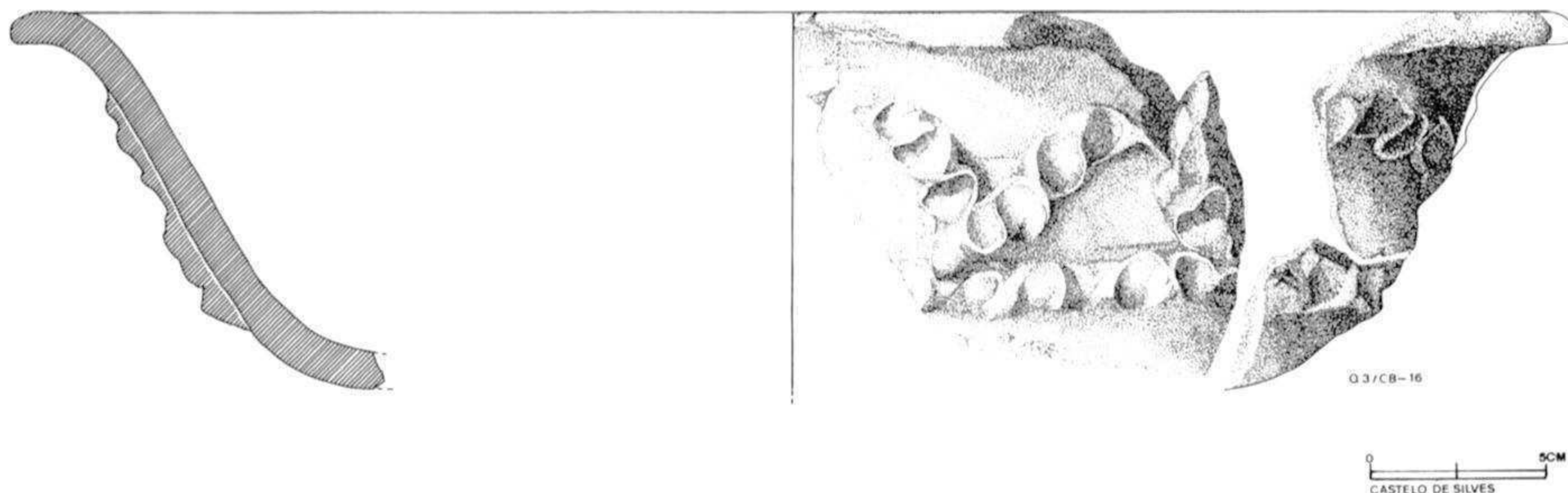
Q3/C8-10 – Fragmento, de frigideira, com porção do bordo e do fundo. O bordo mostra lábio com secção semicircular, algo biselado no interior. O fundo é ligeiramente côncavo. Mede 0.052 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.240 m. As paredes

têm 0.008 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom mais escuro que o da pasta e manchas de cor negra.



Q3/C8-17 – Fragmento, de prato, com porção do bordo e do fundo. O bordo é muito espessado, tanto no interior como exteriormente, mostra lábio oblíquo, inclinado para o exterior, e secção sub-triangular. O fundo é plano mas irregular. Mede 0.023 m de altura e o seu diâmetro, no bordo, seria de 0.175 m. As paredes têm 0.021 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (2.5YR4/6), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície interior e o bordo foram afagados, e a exterior apresenta-se muito irregular.

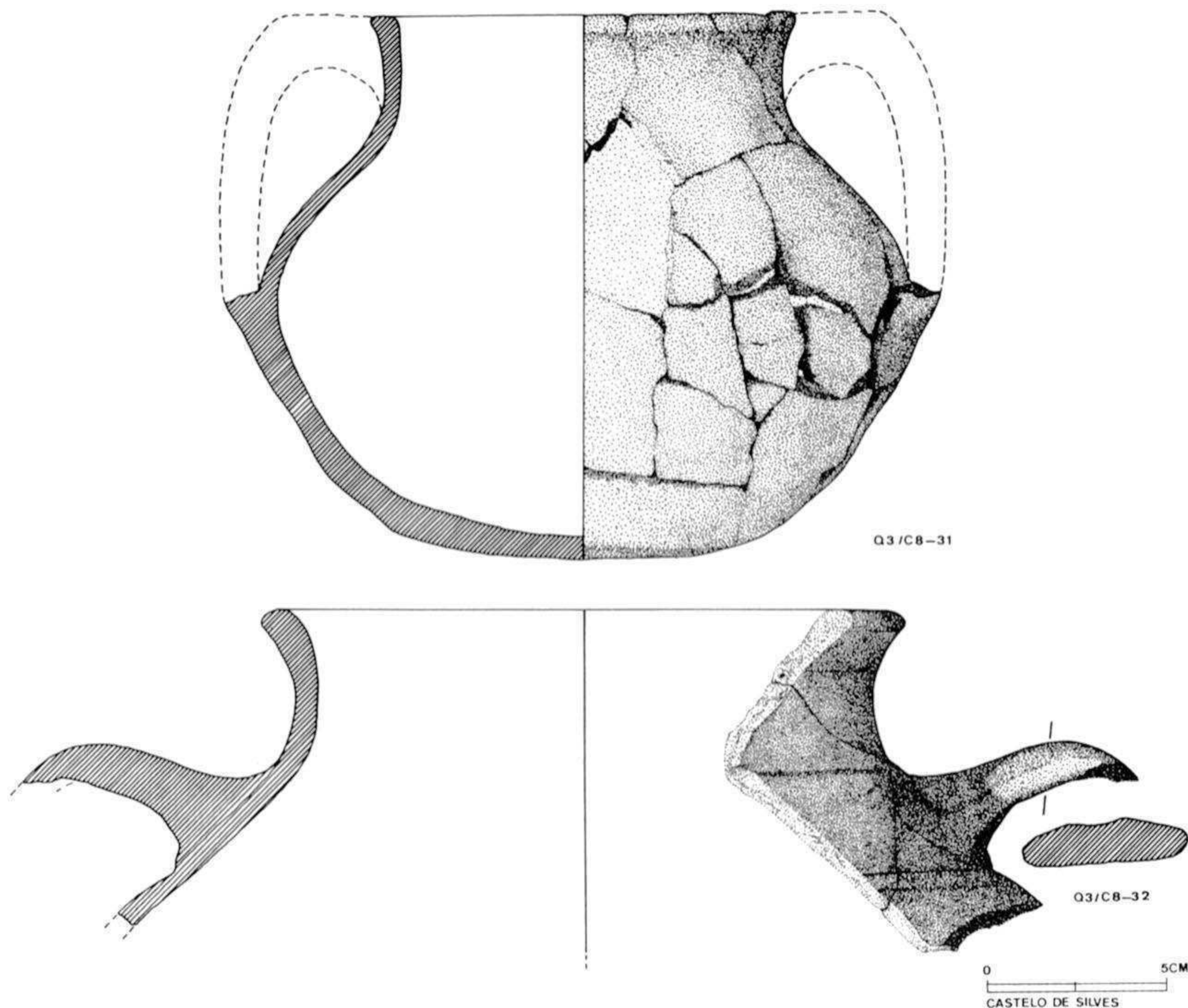
Q3/C8-23 – Fragmento, de prato, com porção do fundo. O seu diâmetro, no fundo, seria de 0.256 m e as paredes têm 0.010 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (2.5YR4/6) com núcleo de cor cinzenta (2.5YR4/0), homogénea mas pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosso. As superfícies são da mesma cor da pasta.



Q3/C8-16 – Três fragmentos, do mesmo alguidar, com porção do bordo e da parede. O bordo é espessado, extrovertido e apresenta lábio com secção semicircular. O seu diâmetro, no bordo, seria de 0.450 m e as paredes têm 0.017 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície interna foi bem afagada e brunida, sendo a externa decorada com dois cordões, digitados, em relevo com 0.020 m de largura. Um destes cordões é horizontal e encontra-se a 0.075 m do bordo. O segundo cordão foi disposto, adossado ao anterior, sinusoidalmente ou formando arcos com 0.070 m de largura e 0.035 m de altura. Ambos foram decorados com séries, sucessivas, de dedadas muito juntas ou, até, sobrepostas.

Q3/C8-31 – Fragmento, de panela, com porção do bordo e das paredes, com o arranque das asas, e do fundo. O bordo é espessado e biselado no exterior, e o lábio é aplanado na parte superior. O fundo é convexo. Mede 0.151 m de altura e o diâmetro, do bordo, é de 0.115 m. As paredes têm 0.009 m de espessura máxima. A pasta é vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de tom mais escuro que o da pasta. A superfície exterior mostra muitas manchas, de cor negra, devido a alterações, de oxidante a redutor, do ambiente de cozedura. As asas seriam, aproximadamente verticais e opostas, unindo o meio do corpo do vaso ao bordo.

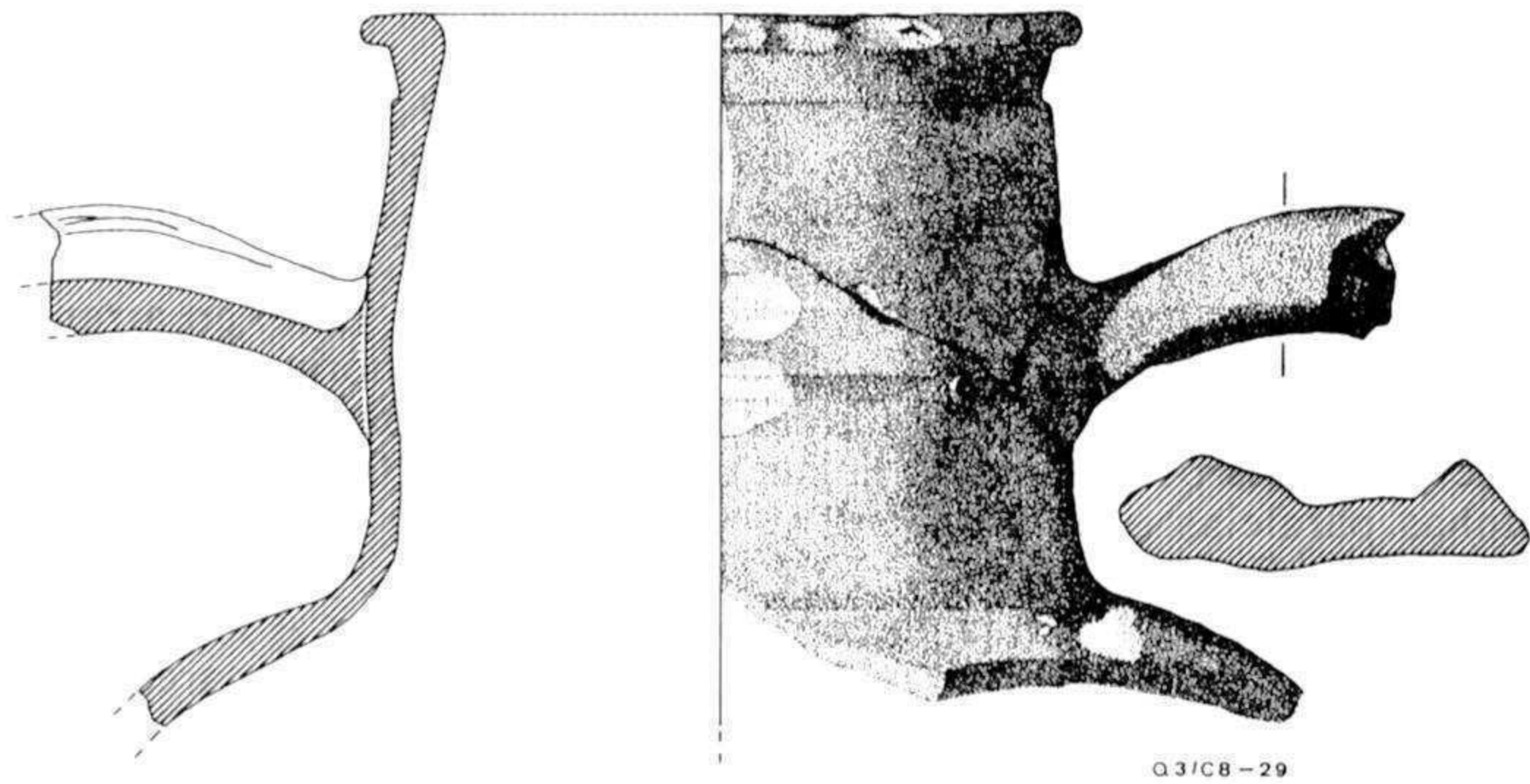
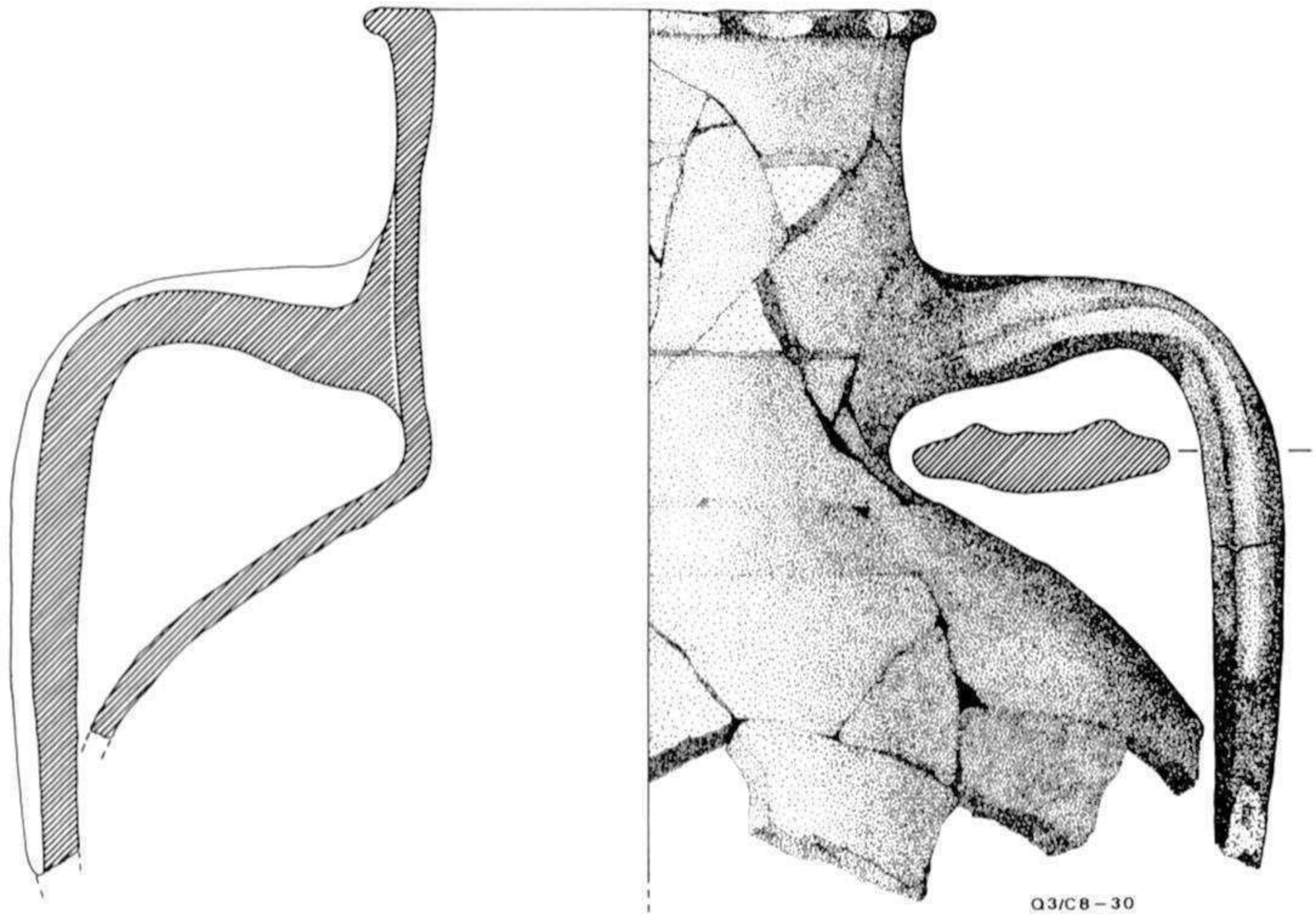
Q3/C8-32 – Fragmento, de panela, com porção do bordo e de uma asa. O bordo, ligeiramente espessado e extrovertido, tem lábio com secção semicircular. A asa, com secção oval e ligeira concavidade na superfície exterior, tem a extremidade superior fixada, quase na perpendicular ao colo, a 0.045 m do bordo. O diâmetro do bordo seria de 0.180 m. As paredes têm 0.010 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interna é da mesma cor da pasta e a externa apresenta aguada de cor vermelha. Encontra-se decorada com duas linhas, paralelas e horizontais, incisas, que correm sob a asa, separadas cerca de 0.005 m.



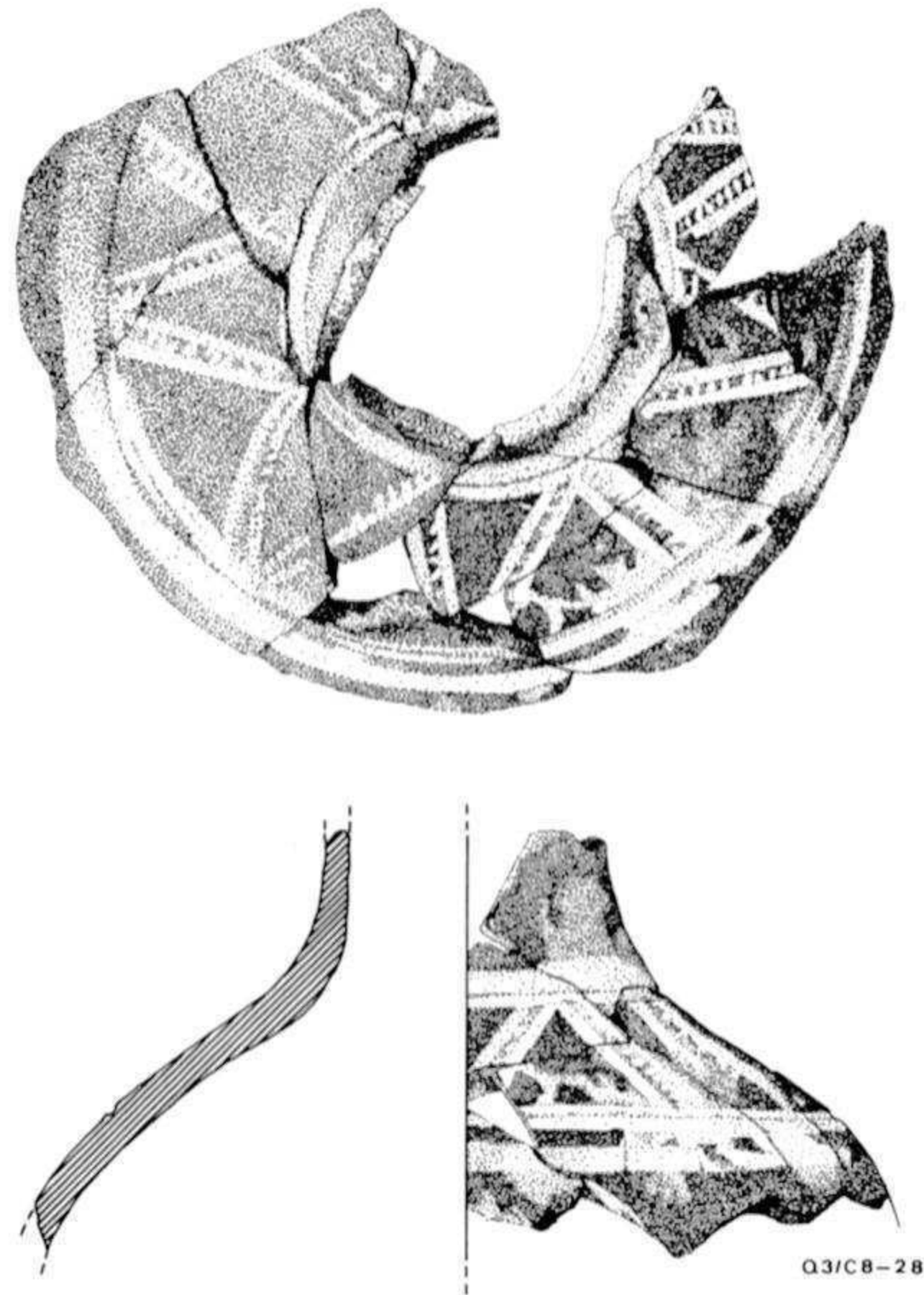
Q3/C8-30 – Fragmento, de cântaro, com porção do bordo, do colo, do bojo e de uma das asas. O bordo é espessado e extrovertido, mostrando a superfície superior do lábio plana. Apresenta colo alto, cilíndrico, com 0.095 m de altura, onde se fixaram, perto da base, as extremidades de duas asas opostas. Estas, eram verticais, com secção côncava-convexa, mostrando dois cordões na superfície exterior e dobram, na parte superior, em ângulo recto. O diâmetro do bordo mede 0.120 m e a sua largura é de 0.015 m. As paredes têm 0.010 m de espessura máxima e as asas medem 0.054 m de largura. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies bem afagadas, apresentam aguada de tom um pouco mais escuro que o da pasta.

Q3/C8-29 – Fragmento, de cântaro, com porção do bordo, do colo, do arranque do bojo e de uma das asas. O bordo é espessado, extrovertido e demarcado, exteriormente, por uma canelura. O lábio tem a superfície superior plana. Apresenta colo alto e cilíndrico, com 0.104 m de altura, onde, a meio, se fixaram as extremidades de duas asas opostas. O diâmetro do bordo é de 0.126 m e a sua largura é de 0.015 m. As asas têm secção côncava-convexa, com canelura na superfície exterior, e medem 0.072 m de largura. A pasta é cor-de-laranja

(2.5YR6/8) com núcleo de cor cinzenta clara (2.5YR6/0), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de tom mais claro que o da pasta. A superfície exterior está decorada com linhas pintadas, de cor branca, no lábio, no colo e no início do bojo.

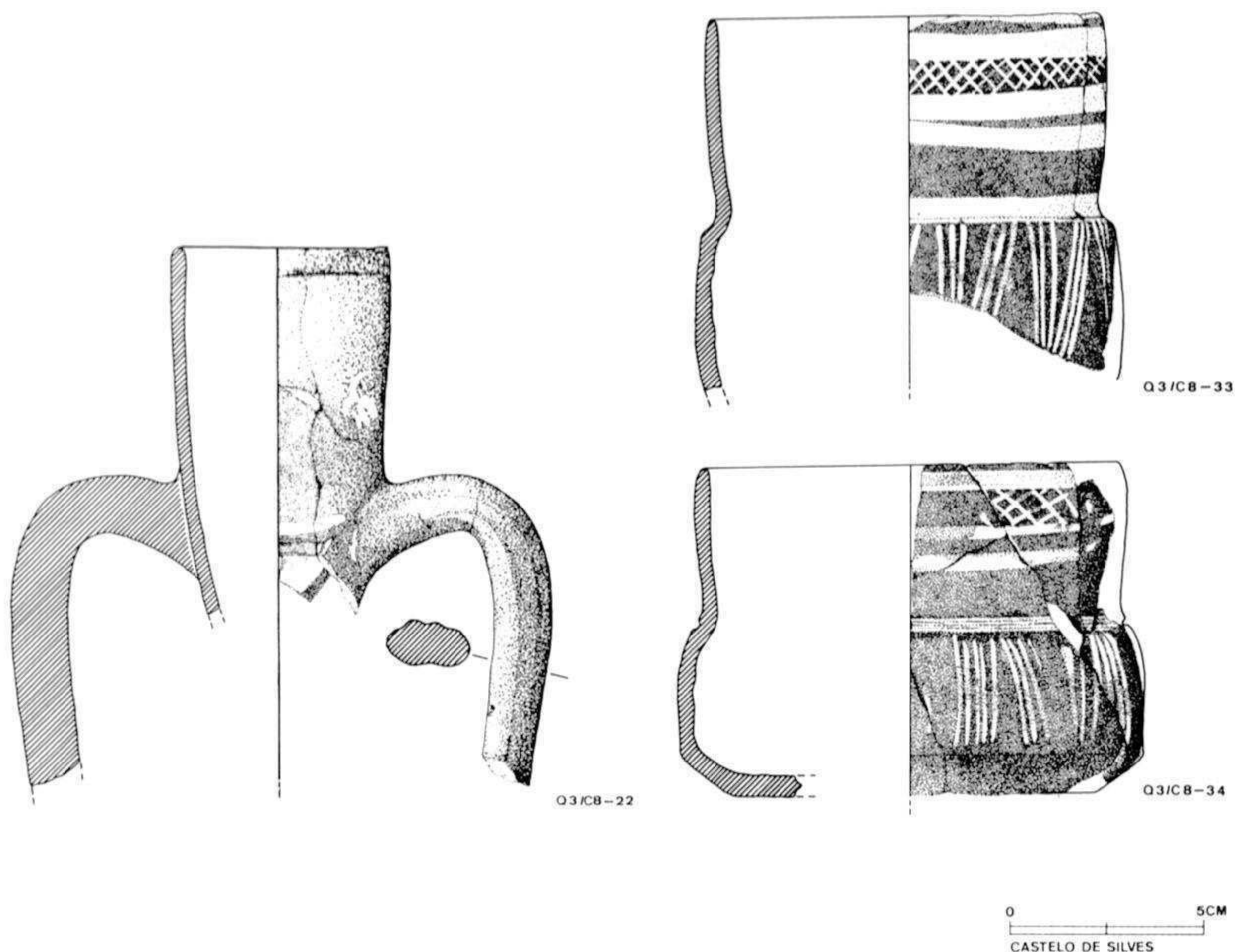


0 5CM
CASTELO DE SILVES



Q3/C8-28 – Fragmento, de jarro, com porção do bojo e o arranque do gargalo. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio e alguns, poucos, de grão grosso. As superfícies apresentam aguada num tom mais claro que o da pasta. A superfície exterior mostra, junto ao arranque do gargalo, disposto radialmente e pintado a branco entre duas linhas horizontais da mesma cor, um ziguezague, ou teoria de triângulos, formado por duas linhas oblíquas, paralelas, unidas por séries de pequenos pontos. Estas linhas têm cerca de 0.003 m de largura e a distância entre as linhas paralelas é de 0.025 m.

Q3/C8-22 – Fragmento, de jarro de colo alto, com porção do bordo e parte de uma asa. O bordo, alto e vertical, tem lábio com secção semicircular. A asa tem secção oval com 0.023 m de largura. O diâmetro do bordo seria de 0.055 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor castanha avermelhada (5YR6/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino e alguns grossos. A superfície interna é da mesma cor da pasta. A superfície externa apresenta aguada, de cor negra, sobre a qual foi pintada uma linha horizontal, de cor branca, junto ao arranque da asa.



Q3/C8-33 – Fragmento, de pequeno vaso de colo alto ou púcaro, com porção do bordo e das paredes. O bordo, alto e vertical, oferece lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.100 m. As paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interior mostra a mesma cor da pasta. À superfície exterior foi dada aguada de cor negra, sobre a qual sobressai uma decoração pintada a branco. No colo observa-se uma faixa reticulada, com 0.015 m de altura e pintada com traços finos, delimitada por duas linhas horizontais com 0.008 m de largura. Sobre esta faixa encontram-se duas outras linhas, paralelas àquelas, com idêntica largura; uma a 0.004 m, sendo tangente num ponto, e outra, mais baixa, que marca a divisão entre o colo e o bojo. Este, mostra séries de três segmentos de recta, paralelos entre si, dispostos obliquamente e formando um ziguezague que ocuparia todo o corpo da peça.

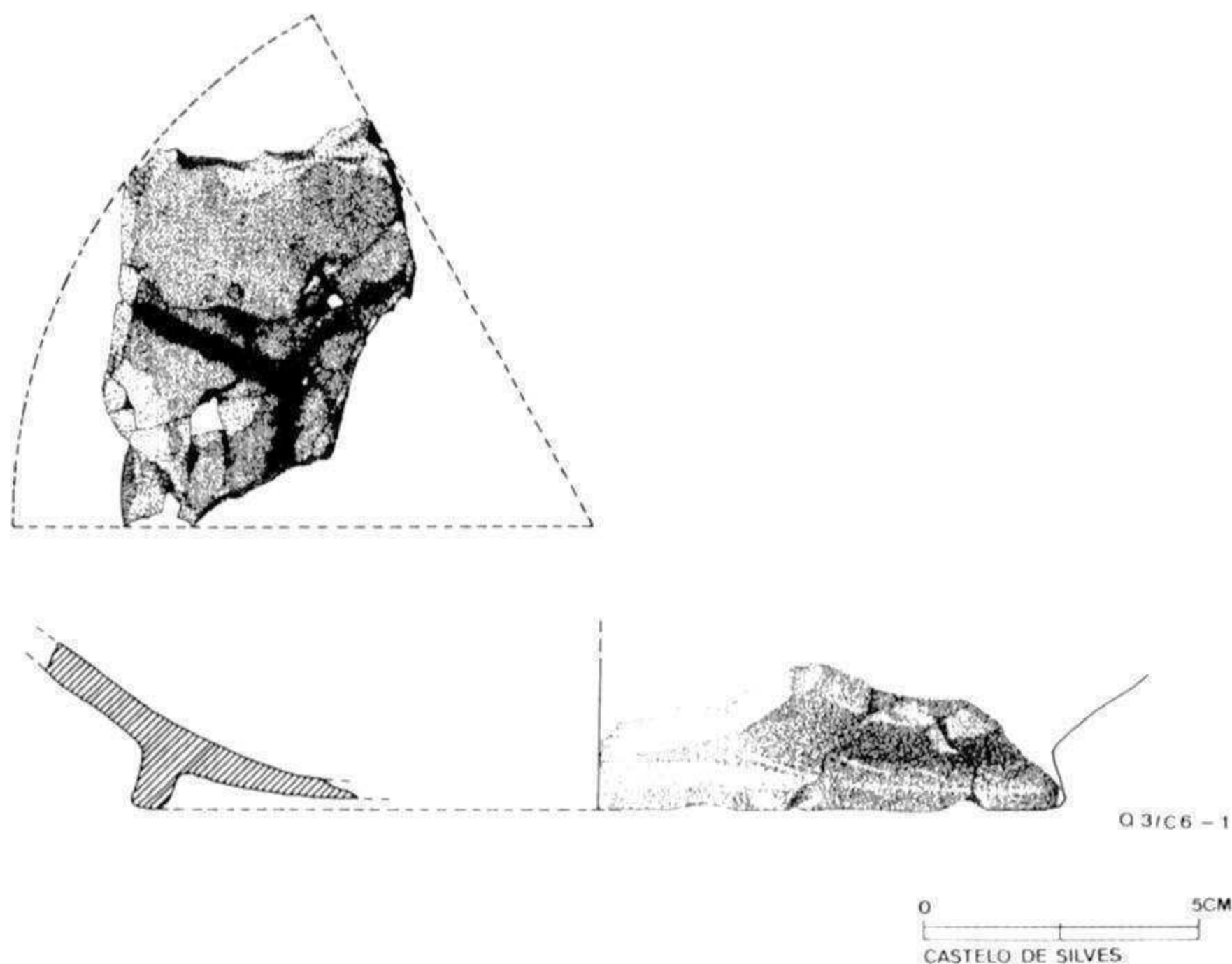
Q3/C8-34 – Fragmento, de pequeno vaso de colo alto ou púcaro, com porção do bordo e do fundo. O bordo, alto e vertical, mostra lábio com secção semicircular. O fundo é plano. Mede 0.085 m de altura e o diâmetro do bordo é de 0.107 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor castanha avermelhada (5YR6/6), com núcleo de cor castanha acinzentada (5YR4/2), homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino.

A superfície interior é da mesma cor da pasta. À superfície exterior foi dada uma aguada, de cor negra, sobre a qual sobressai uma decoração pintada a branco. No colo observa-se uma faixa reticulada, com 0.010 m de altura, pintada com traços finos e delimitada por duas linhas, horizontais, com 0.005 m de largura. Sobre esta faixa encontram-se duas outras linhas, paralelas àquelas e com cerca de 0.004 m de largura; uma a 0.004 m e outra que marca a divisão entre o colo e o bojo. Este, mostra séries de cinco segmentos de recta, paralelos, dispostos obliquamente e formando um ziguezague que ocuparia todo o corpo da peça.

Recolheram-se, ainda, nesta camada 1360 fragmentos de cerâmicas, que técnica e formalmente integram os tipos das peças descritas. O estudo estatístico deste espólio conclui que as cerâmicas fabricadas com pastas vermelhas e castanhas totalizam 92,3 %, incluindo 22 % decoradas com pinturas de cor branca, numa das superfícies, e 0,3 % com decoração brunida. As cerâmicas fabricadas com pastas de cores cinzentas e beges somam 7 %, oferecem 0,3 % com decoração de cor vermelha e 0,9 % com decoração de cor negra. Apenas 0,7 % têm as superfícies esmaltadas.

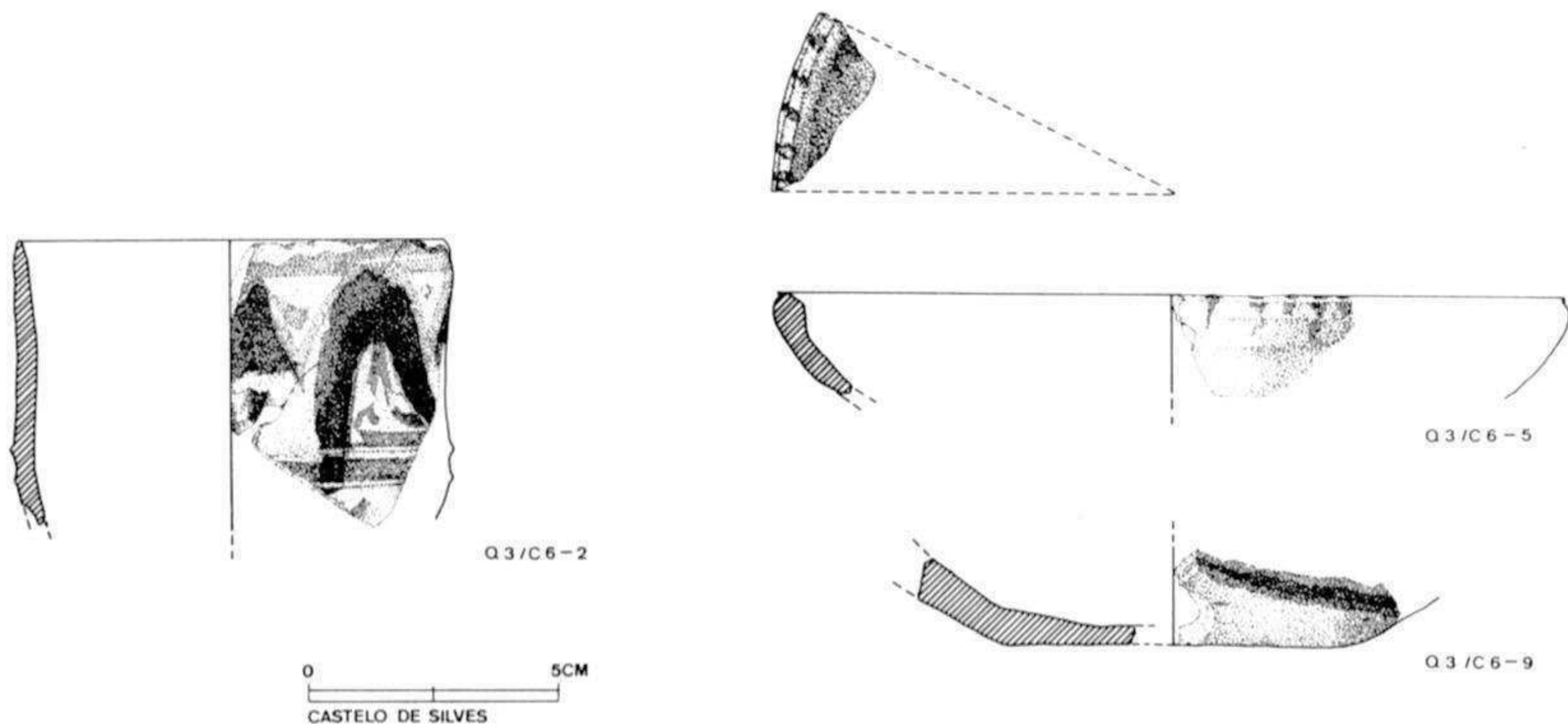
V.2. CERÂMICAS DA CAMADA 6

V.2.1. Peças vidradas



Q3/C6-1 – Fragmento, de grande taça, com porção do fundo. Este, pouco acusado, oferece pé em anel e o seu diâmetro seria de 0.170 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima e o anel da base mede 0.010 m de altura e 0.006 m de largura. A pasta é de cor bege clara (7.5YR7/4), com manchas de cor castanha acinzentada (7.5YR6/2), muito homogênea e compacta contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam

vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada) com manchas esverdeadas. A superfície interior mostra duas linhas de cor castanha escura, quase negra; uma arqueada que, possivelmente, circundava o fundo da peça e outra, perpendicular a esta, constituindo um motivo decorativo radial ou estelar. Estas linhas têm 0.005 m de largura.

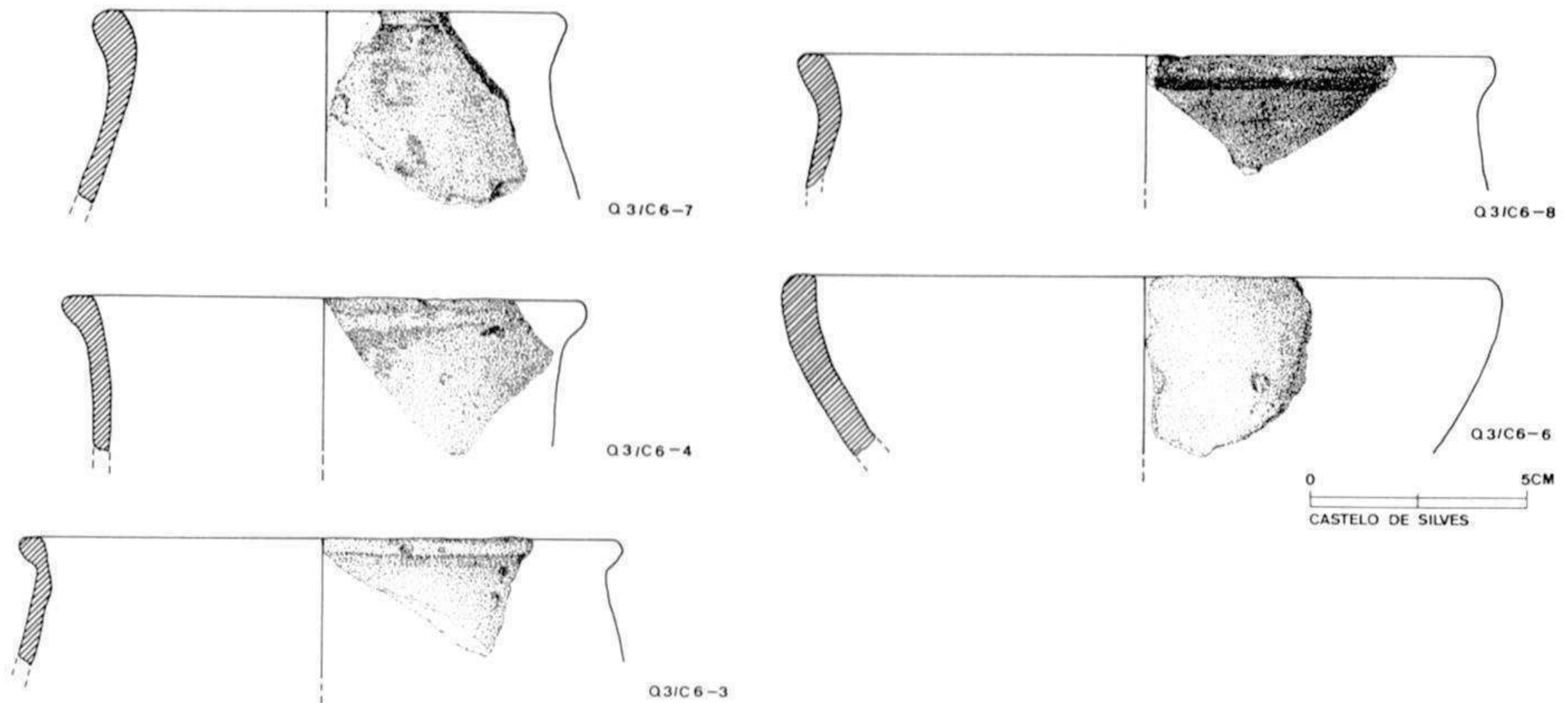


Q3/C6-2 – Fragmento, de jarro, com porção do bordo e do colo. O bordo apresenta lábio afilado com secção semicircular. O colo é alto, mostrando uma canelura exterior a 0.041 m do lábio. O diâmetro do bordo seria de 0.085m e as paredes têm 0.004m de espessura máxima. A pasta é de cor amarela clara acinzentada (5YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. A superfície exterior apresenta dois tipos de técnicas decorativas que se complementarizam: a pintura e o vidrado. Primeiramente foram pintadas quatro linhas, paralelas entre si e ao bordo, que definem uma cartela, na qual foi inscrito um motivo ondulado com dois cabos (cordão da eternidade?), de cor castanha esverdeada. Posteriormente, foi aplicado um motivo vidrado, de cor verde escura, constituído por uma larga linha modelada limitada pelas anteriores. Esta técnica decorativa é comumente denominada de «corda seca parcial».

V.2.2. Peças fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e castanhas

Q3/C6-5 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é espessado no interior e apresenta lábio com secção semicircular, algo biselado. O seu diâmetro, no bordo, seria de 0.156 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é cor-de-laranja clara (2.5YR6/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies, bem alisadas, são da cor da pasta. Apresenta, sobre o bordo, uma decoração constituída por pequenos traços pintados em série, separados cerca de 0.006 m, de cor alaranjada escura (2.5YR4/8).

Q3/C6-9 – Fragmento, de vasilha (taça?), com porção do fundo. Este é plano e o seu diâmetro seria de 0.070 m. As paredes têm 0.008 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), com núcleo de cor cinzenta (2.5YR6/0), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies, bem alisadas, são da cor da pasta.



Q3/C6-7 – Fragmento, de panela, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, oferecendo lábio com secção semicircular. O diâmetro, do bordo, seria de 0.100 m e as paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam uma aguada, de cor castanha, e manchas de cor cinzenta.

Q3/C6-4 – Fragmento, de jarra, com porção do bordo. Este é espessado no exterior e ligeiramente extrovertido, oferecendo a superfície superior do lábio plana. O diâmetro, do bordo, seria de 0.110 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada, de cor rosada, muito clara (7.5YR8/4).

Q3/C6-3 – Fragmento, de panela, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, oferecendo a superfície superior do lábio plana. O diâmetro do bordo seria de 0.130 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais claro que o da pasta.

Q3/C6-8 – Fragmento, de panela, com porção do bordo. Este é ligeiramente espessado e extrovertido, oferecendo lábio com secção semicircular. O diâmetro, do bordo, seria de 0.150 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8) com núcleo de cor cinzenta clara (10R5/1), homogénea e compacta, contendo

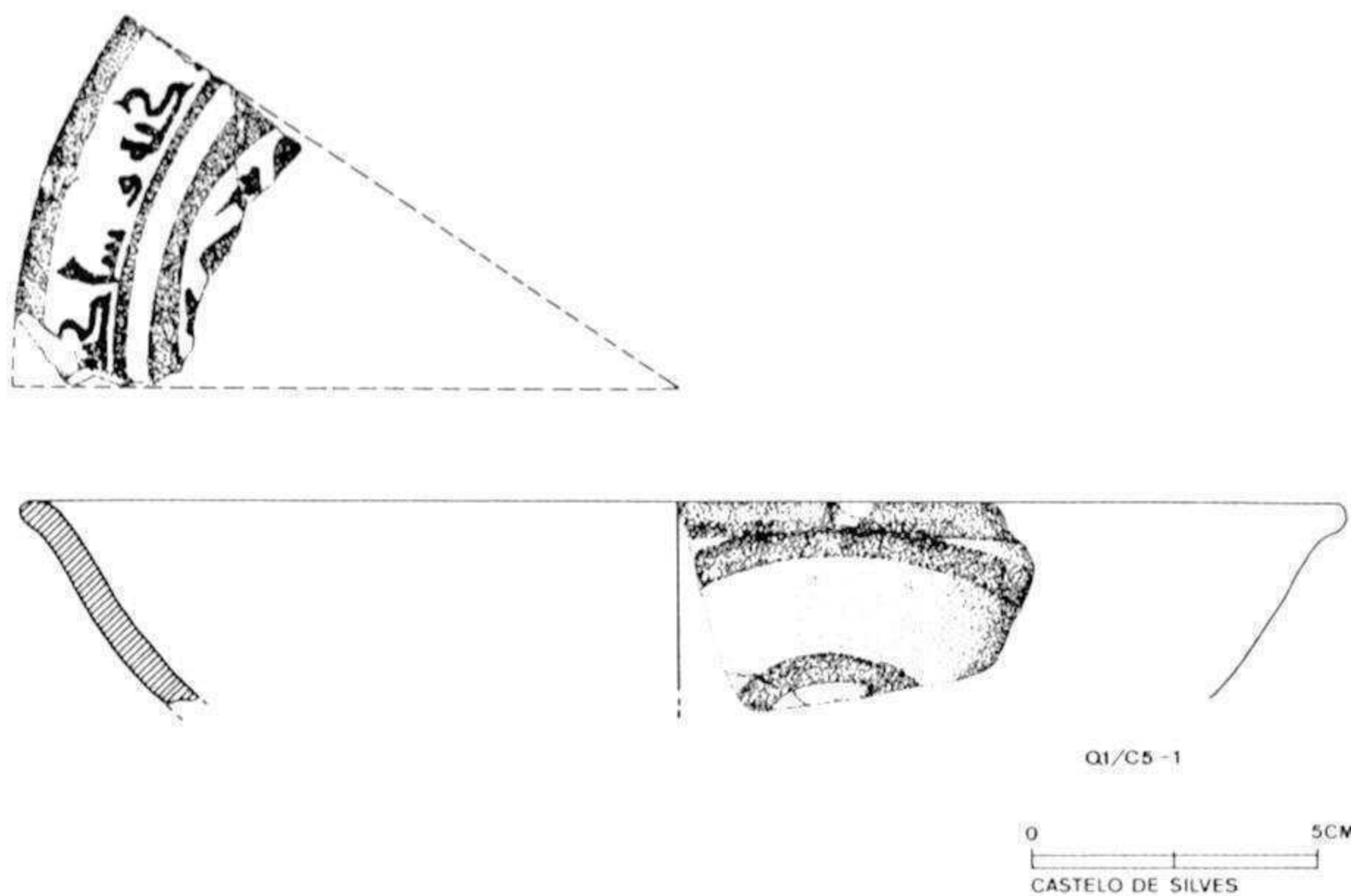
elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. A superfície interna é da mesma cor da pasta e a externa apresenta aguada de cor cinzenta escura. O bordo mostra, na parede exterior e sob o lábio, uma linha pintada, de cor negra, com 0.005 m de largura.

Q3/C6-6 – Fragmento, de taça funda, com porção do bordo. Este é ligeiramente espessado e inclinado para o interior, oferecendo lábio com secção semicircular, aplanado na parte superior. O diâmetro, do bordo, seria de 0.159 m e as paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8) com núcleo de cor bege clara (7.5YR7/4), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam uma aguada, de cor acastanhada.

Recolheram-se, ainda, nesta camada 74 fragmentos de cerâmicas, técnica e formalmente semelhantes a algumas das peças que descrevemos. O estudo estatístico deste espólio conclui que as cerâmicas fabricadas com pastas vermelhas e castanhas totalizam 86,5 % e as cerâmicas fabricadas com pastas de cor cinzenta ou bege somam, apenas, 10,8 %. Somente 2,7 % têm as superfícies vidradas.

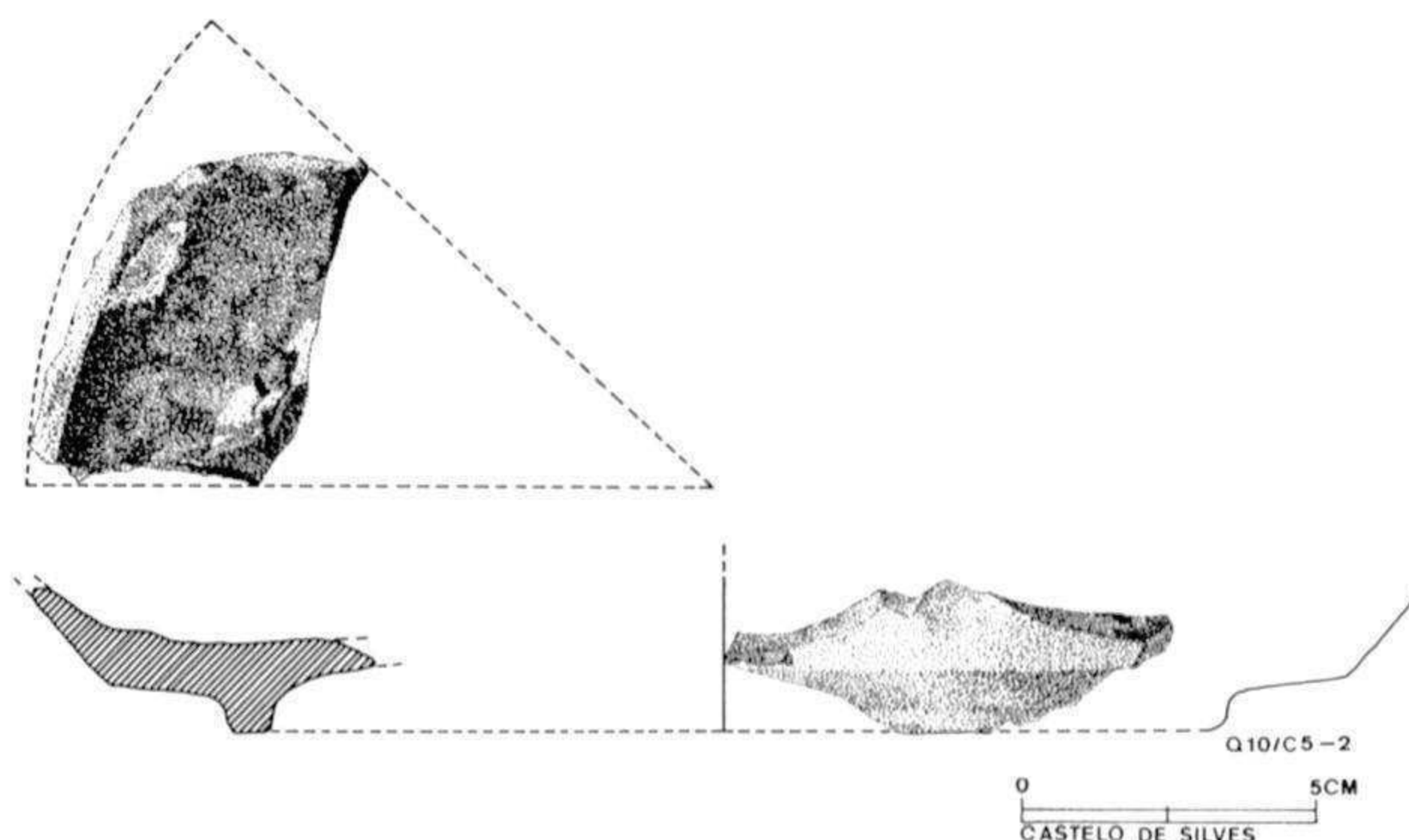
V.3. CERÂMICAS DA CAMADA 5

V.3.1. Peças esmaltadas a branco, com decoração dourada ou a manganês

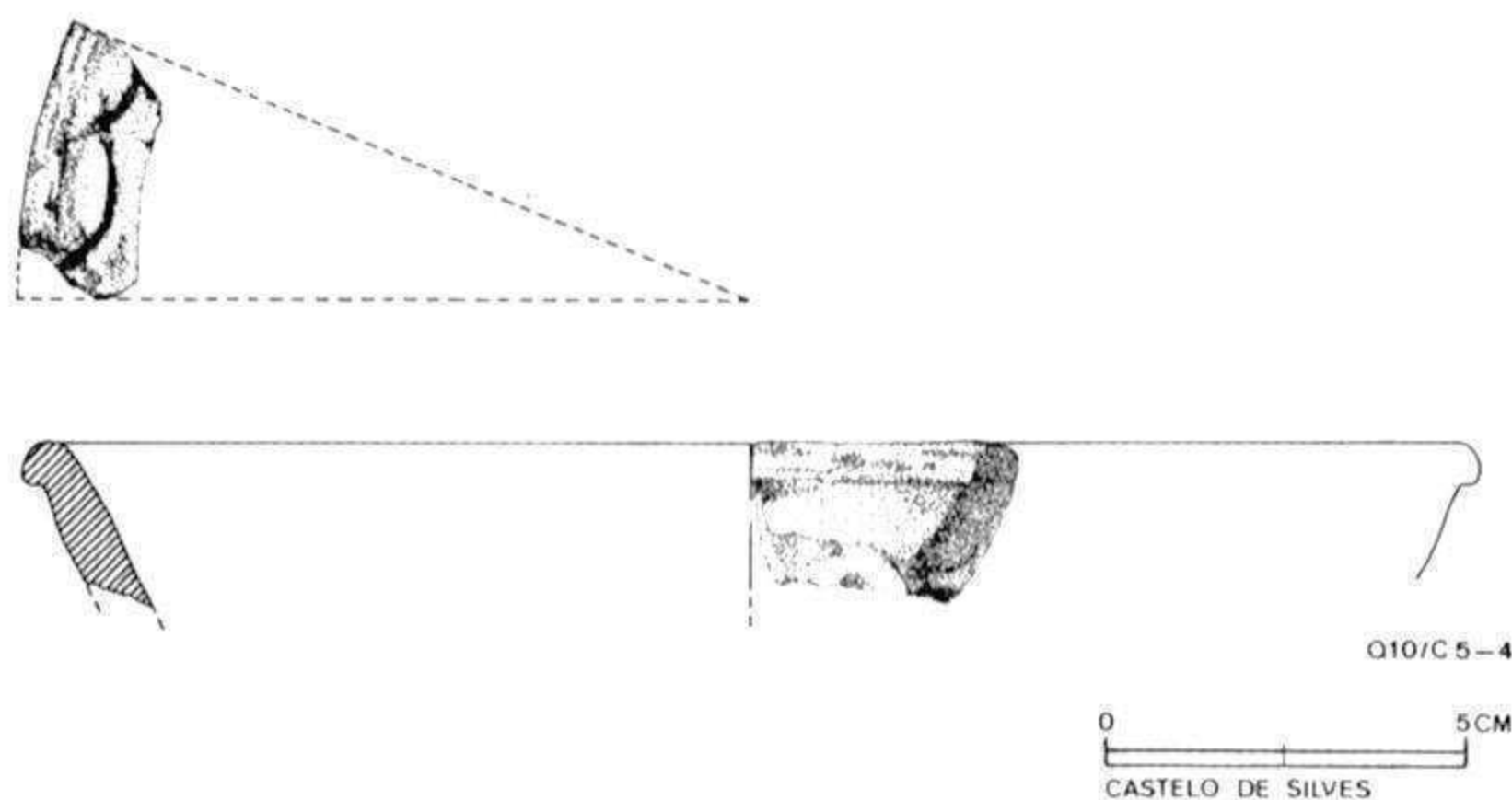


Q1/C5-1 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é ligeiramente extrovertido e oferece lábio com secção semicircular. O diâmetro, no bordo, seria de 0.227 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor bege amarelada (10YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies, apresentam esmalte de boa qualidade, aderente e brilhante, de cor branca e estão decoradas com pinturas, de cor dourada, utilizando a técnica do reflexo metálico. A superfície interna oferece parte de uma inscrição, em caracteres cúficos, inscrita numa cartela, com 0.013 m de altura, delimitada por duas linhas paralelas com 0.005 m de largura máxima. Uma destas linhas contorna o lábio da peça.

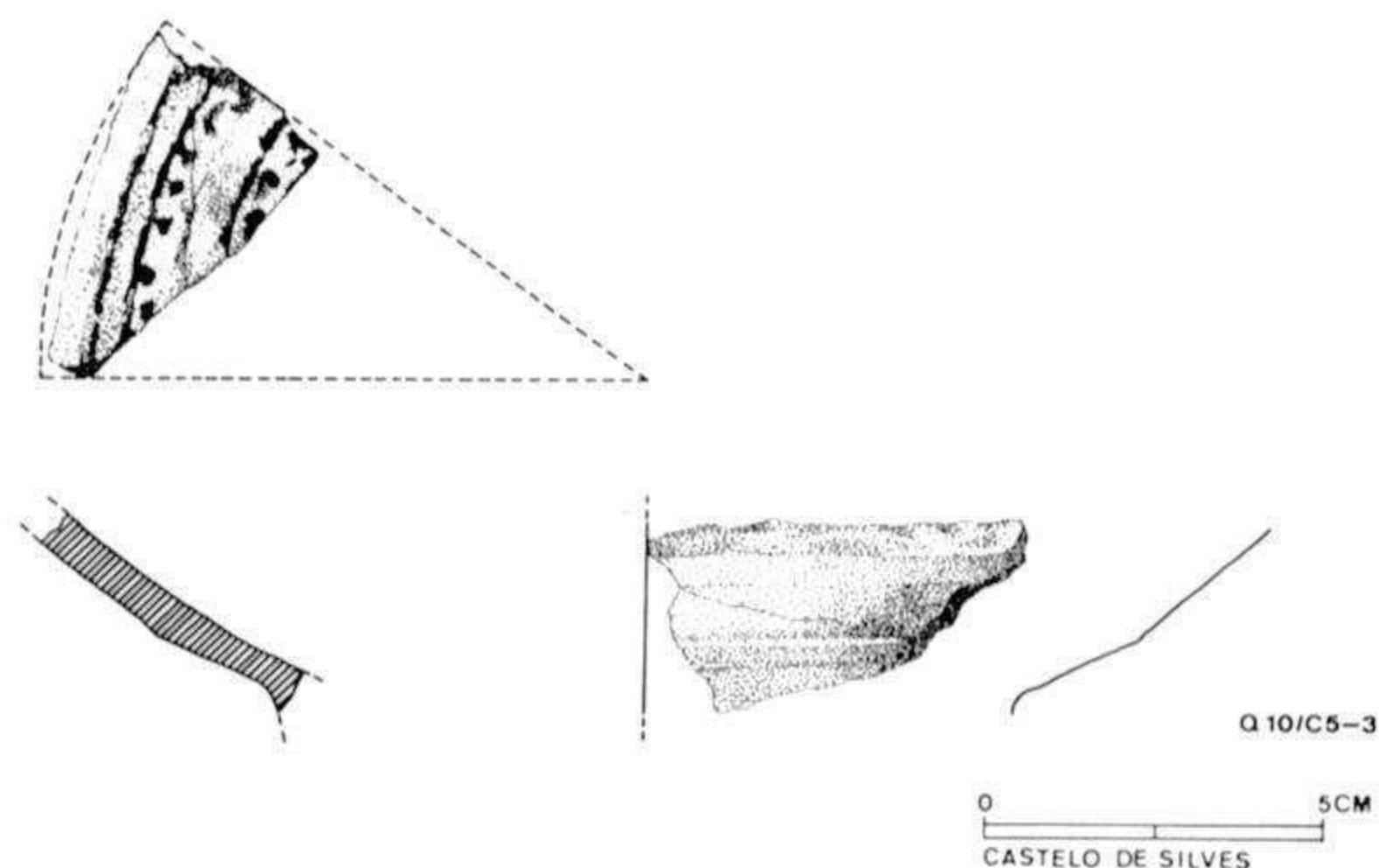
Observa-se, ainda, restos de um motivo decorativo, igualmente dourado, que, possivelmente, formaria uma decoração floral integrada num grande círculo, também paralelo ao bordo da taça. A superfície externa mostra dois segmentos de círculos concêntricos, dourados. O reflexo metálico, de tom ouro, é aplicado sobre a peça já esmaltada e utiliza uma mistura de sulfato de cobre, óxido de ferro, enxofre e prata.



Q10/C5-2 – Fragmento, de taça, com porção da carena e do fundo. Este, apresenta pé baixo, em anel, com a base plana, medindo 0.007 m de altura e 0.165 m de diâmetro. As paredes, com carena baixa, têm 0.009 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege (10YR7/3), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. A superfície interna oferece esmalte, de cor negra, bem fixado e com brilho metálico. A superfície externa não foi esmaltada e mostra tom ligeiramente mais escuro que o da pasta.

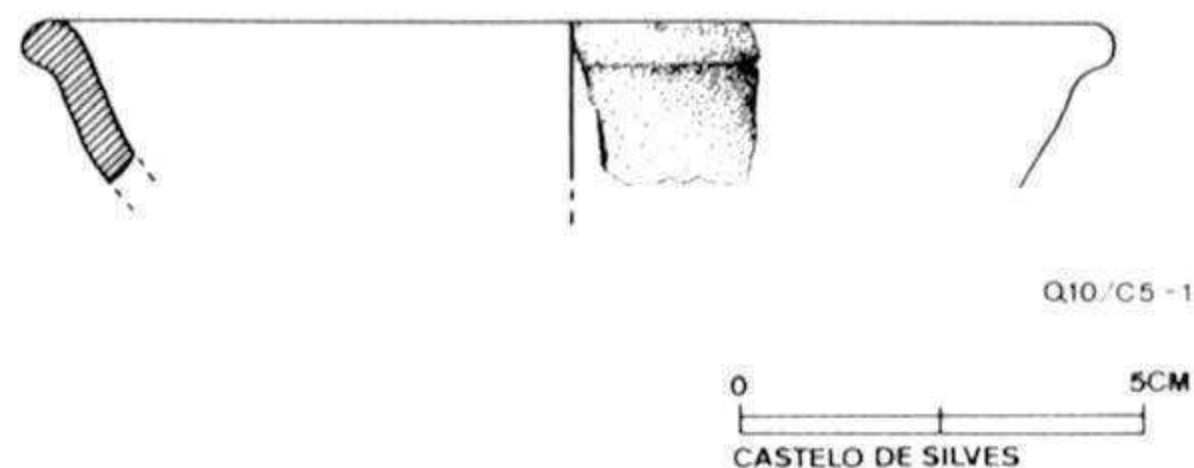


Q10/C5-4 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é extrovertido e oferece lábio, com secção semicircular, demarcado, exteriormente, por uma fina incisão. O diâmetro do bordo seria de 0.196 m e as paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4) com núcleo de cor acinzentada clara (7.5YR7/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e pouco brilhante, de cor branca um pouco esverdeada. A superfície interior apresenta, junto ao bordo, semicírculos entrecruzados, pintados de cor negra, com 0.025 m de diâmetro.



Q10/C5-3 – Fragmento de taça, com porção do fundo. As paredes medem 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor acinzentada clara (5Y7/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e pouco brilhante, de cor branca, ligeiramente esverdeada. A superfície interior mostra três linhas concêntricas, de cor negra, duas delas acompanhadas por um ponteadado, em série, da mesma cor. As duas primeiras linhas estão separadas 0.005 m e o espaço que medeia entre a linha central e a mais interior é de 0.010 m. É possível que esta peça fosse decorada, em volta do fundo, por círculos concêntricos de linhas contínuas e de linhas ponteadas.

V.3.2. Peças vidradas



Q10/C5-1 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é ligeiramente extrovertido e apresenta lábio com secção semicircular. O diâmetro, do bordo, seria de 0.132 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão fino. As superfícies apresentam vidrado, muito aderente e brilhante, de cor castanha clara amarelada (melada).

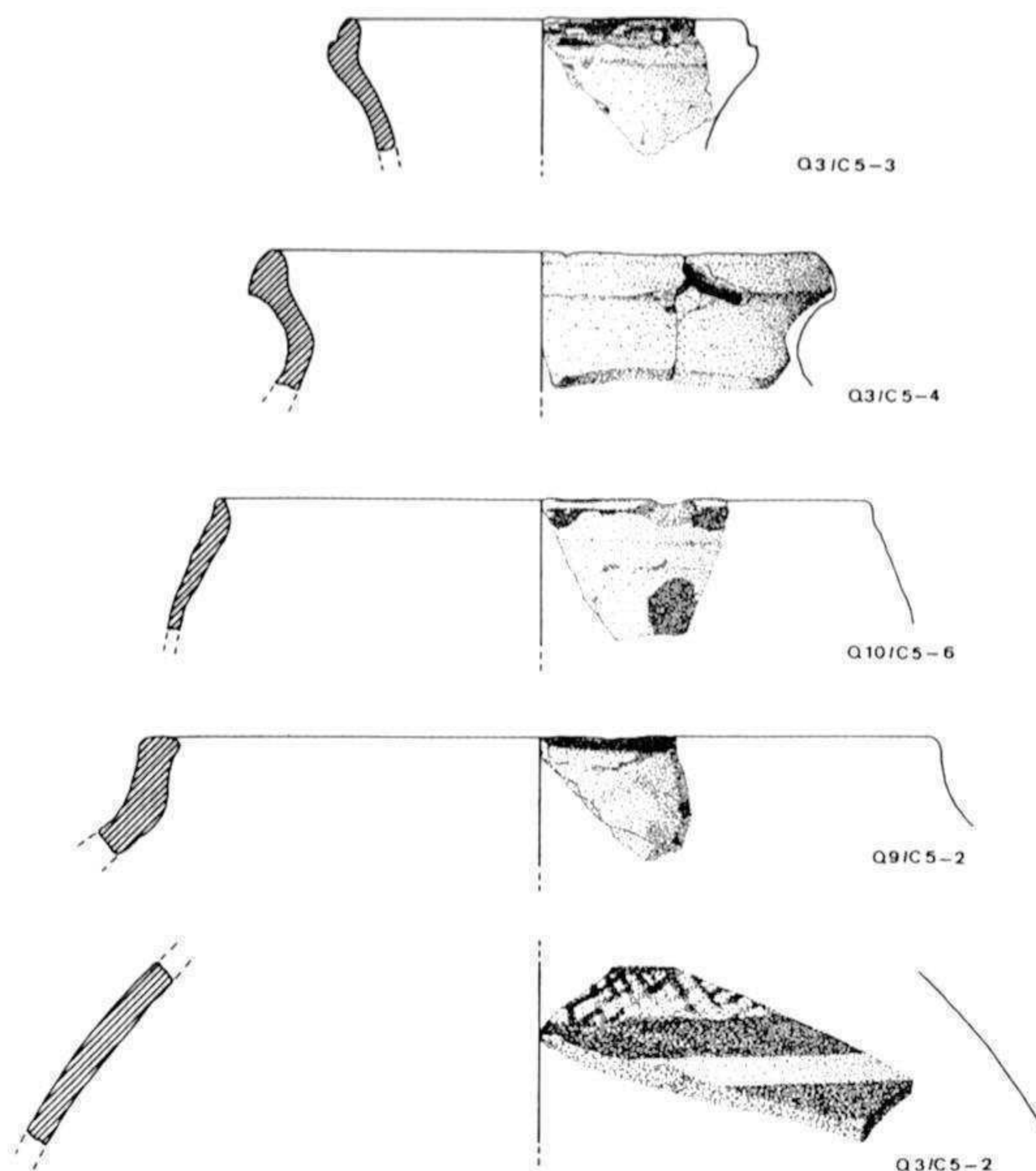
V.3.3. Peças fabricadas com pastas de cores cinzentas e beges

Q3/C5-3 – Fragmento, de vasilha com colo estrangulado (garrafa?), contendo porção do bordo. Este é espessado e vertical, estando demarcado no exterior. O lábio, menos espesso e bem individualizado, mostra secção semicircular. O diâmetro do bordo

seria de 0.076 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor bege amarelada (10YR8/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam aguada de cor branca. Sobre a superfície exterior do bordo, e logo sob o lábio, sobressai uma linha pintada, cor-de-laranja (2.5YR5/8), com 0.005 m de largura.

Q3/C5-4 – Fragmento, de vasilha (panela?), com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido. O lábio é biselado no exterior e oferece, na parte superior, secção semicircular. O diâmetro, no bordo, seria de 0.107 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor branca amarelada (5Y8/2), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies são da mesma cor da pasta.

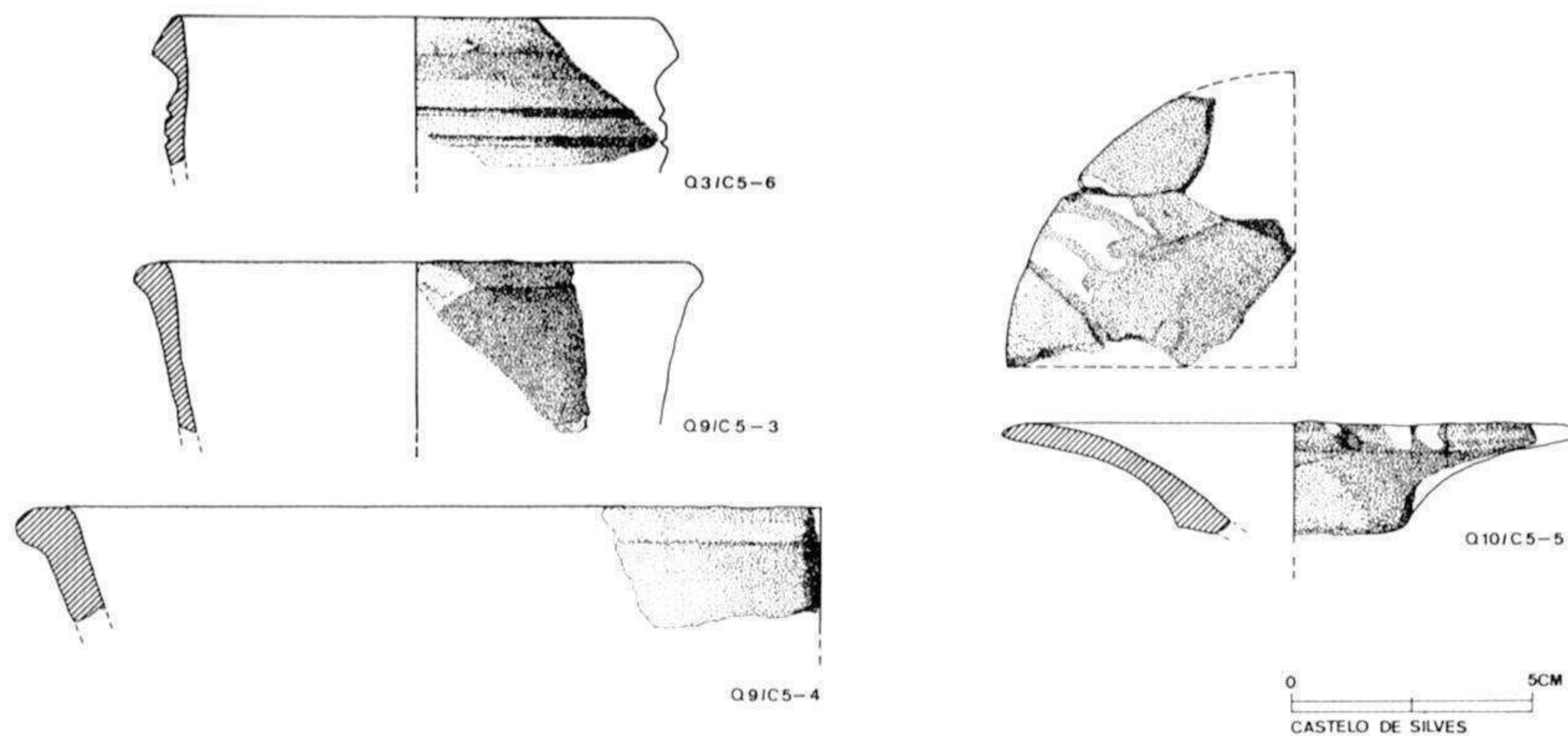
Q10/C5-6 – Fragmento, de vasilha (pote?), com porção do bordo. Este é ligeiramente espessado, introvertido e marcado no exterior. O lábio, mais fino, apresenta secção semicircular. O diâmetro, do bordo, seria de 0.126 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de tom um pouco mais claro que o da pasta. A superfície exterior está decorada com duas linhas, pintadas, cor-de-laranja (2.5YR4/8); uma horizontal, de largura variável, sob o bordo, e o arranque de outra sobre o bojo.



Q9/C5-2 – Fragmento, de vasilha (pequena talha?), com porção do bordo. Este é introvertido, ligeiramente espessado no interior, e mostra lábio com a superfície superior plana. O diâmetro, do bordo, seria de 0.155 m e as paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor cinzenta clara (10YR7/2), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. Sobre o bordo sobressai, pintada, uma linha de cor negra.

Q3/C5-2 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta tem 0.006 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor bege rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interna é da mesma cor da pasta. A superfície externa apresenta aguada, de cor branca, sobre a qual foi pintada, a cor-de-laranja (2.5YR5/8), uma retícula inscrita numa cartela. Esta mede 0.010m de altura e as linhas, paralelas e horizontais, que formam a cartela têm 0.006m de largura. Cerca de 0.005m, abaixo, oferece outra linha, pintada na mesma cor, com 0.006m de largura.

Q3/C5-6 – Fragmento, de vasilha (jarro?), com porção do bordo. Este é espessado e biselado no exterior, onde também está demarcado por uma canelura. A secção do volume superior do lábio é semicircular. O seu diâmetro, no bordo, seria de 0.097 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e calcários de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície externa está decorada por duas linhas incisas, horizontais, paralelas ao bordo, distando deste 0.018m, e separadas cerca de 0.005m.

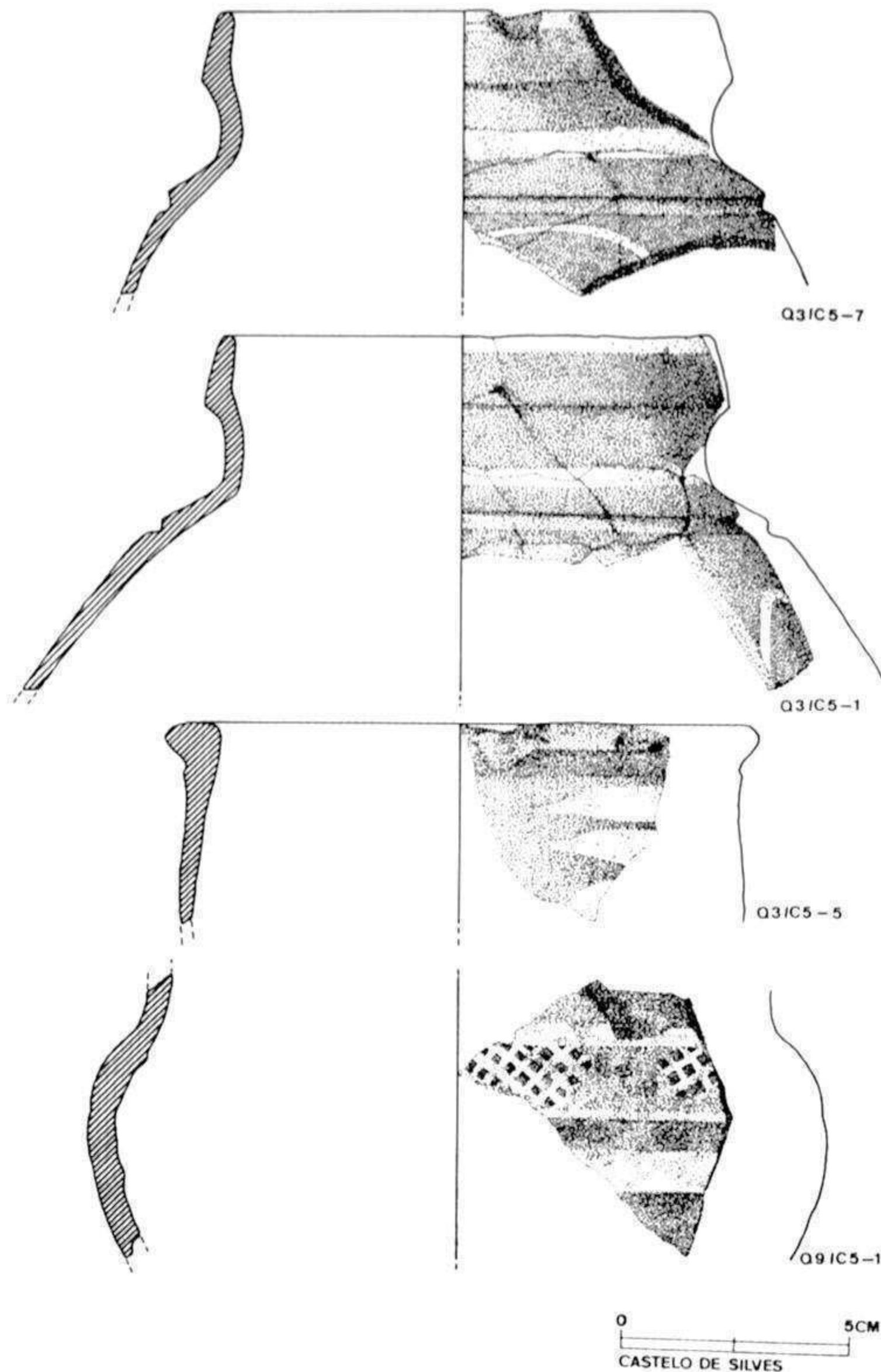


V.3.4. Peças fabricadas com pastas de cores vermelhas e castanhas

Q9/C5-3 – Fragmento, de jarro (?), com porção do bordo. Este é espessado exteriormente e algo extrovertido. O lábio oferece secção semicircular, embora seja ligeiramente aplanado na parte superior. O seu diâmetro, no bordo, seria de 0.108 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (2.5YR5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão grosso a fino. As superfícies apresentam aguada de cor negra.

Q9/C5-4 – Fragmento, de grande taça, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido. O lábio oferece secção semicircular, sendo aplanado na parte superior. O seu diâmetro, no bordo, seria de 0.334 m e as paredes têm 0.008 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom ligeiramente mais escuro que o da pasta.

Q10/C5-5 – Fragmento, de tampa, com porção do bordo e da base. O bordo oferece secção semicircular. Mede 0.023 m de altura e o diâmetro do bordo seria de 0.110 m. As paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R4/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies, bem alisadas, são da mesma cor da pasta. A superfície exterior mostra, sobre o bordo, três linhas, paralelas, pintadas de cor branca, com 0.020 m de comprimento e 0.005 m de largura, separadas cerca de 0.003 m.



Q3/C5-7 – Fragmento, de vasilha (panela?), com porção do bordo e da parede do corpo. Mostra o colo estrangulado e o bordo vertical com lábio de secção semicircular. Na parte superior do corpo oferece uma canelura com 0.004 m de largura. O diâmetro, do bordo seria de 0.105 m e as paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão fino. A superfície interior é da mesma cor da pasta. A superfície exterior, muito bem afagada, apresenta aguada de cor castanha escura e está decorada com linhas, pintadas, de cor branca. Apresenta uma linha, horizontal, sobre o bordo e outra no colo, ambas com 0.005 m de largura, e mostra, ainda, uma outra, em arco de círculo, pintada, da mesma cor, sobre o corpo e com 0.003 m de largura.

Q3/C5-1 – Fragmento, de vasilha (panela?), com porção do bordo e da parede do corpo. Mostra o colo estrangulado e o bordo vertical, com lábio de secção semicircular. Na parte superior do corpo oferece uma canelura com 0.004 m de largura. O diâmetro, do bordo, seria de 0.105 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies, muito bem afagadas, são da mesma cor da pasta. A superfície exterior está decorada, com linhas pintadas, de cor branca; uma sobre o bordo, e outra sobre o colo da peça, com 0.004 m de largura. Apresenta, ainda, outra linha, também pintada de cor branca, em forma de arco de círculo, sobre o corpo, medindo 0.004 m de largura.

Q3/C5-5 – Fragmento, de cântaro (?), com porção do colo e do bordo. Este é espessado, e extrovertido, sendo demarcado, na superfície exterior, por uma incisão. O lábio mostra perfil semicircular com a superfície superior plana. O seu diâmetro, no bordo, seria de 0.115 m e as paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. Na superfície exterior, sobre o colo da peça, encontram-se as extremidades de três linhas paralelas, pintadas com bateria de pincéis, de cor branca. Medem 0.008 m de largura e estão separadas cerca de 0.003 m.

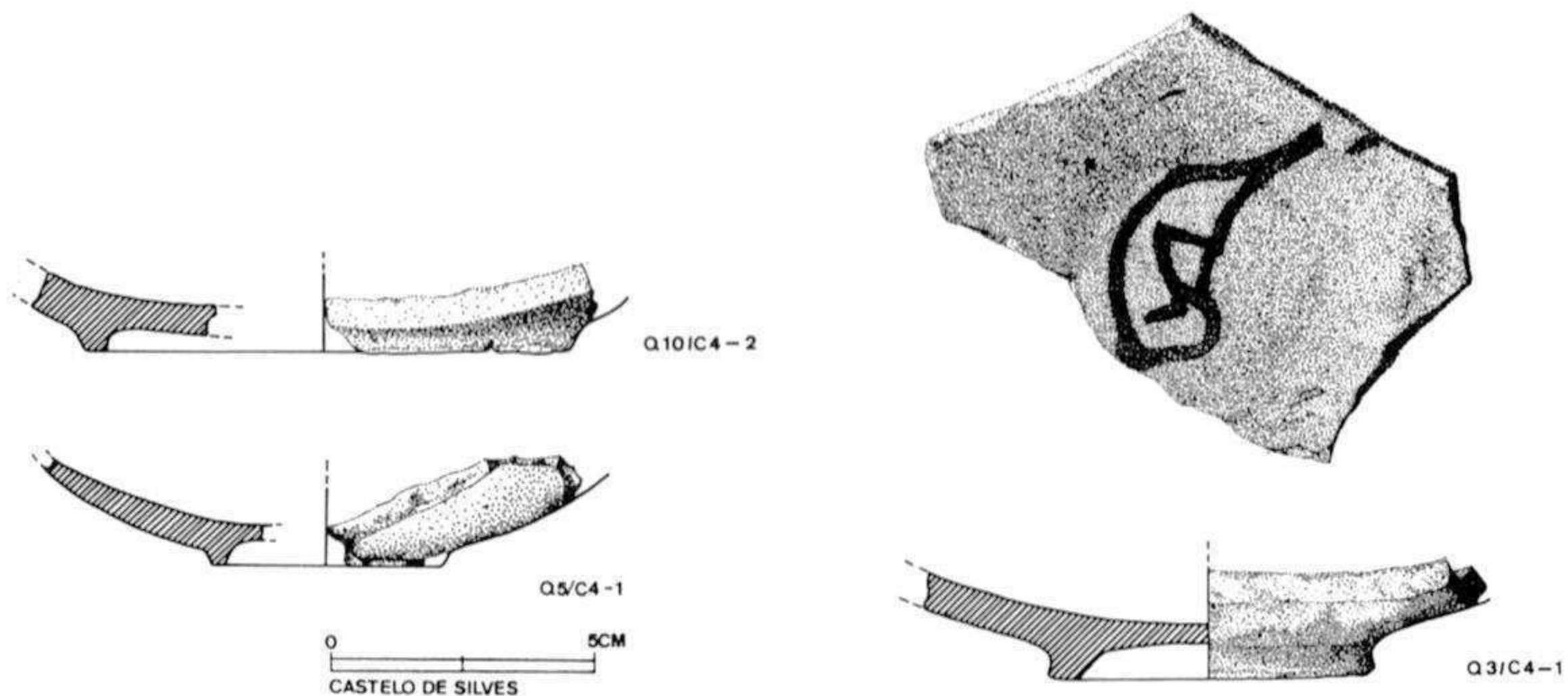
Q9/C5-1 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede do corpo e o início do colo. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão médio a grosso. A superfície interior é da mesma cor da pasta. A superfície exterior apresenta aguada, de cor negra, sobre a qual foi pintado, a branco, um motivo reticulado, com 0.017 m de largura, delimitado por duas linhas horizontais da mesma cor. Sob esta decoração oferece outra linha, paralela àquelas, a cerca de 0.001 m. A largura destas linhas varia entre 0.003 m e 0.010 m.

Recolhemos, nesta camada, 377 fragmentos de cerâmicas formalmente semelhantes a algumas das peças que descrevemos. O estudo estatístico deste espólio conclui que as cerâmicas fabricadas com pastas vermelhas e castanhas totalizam 82,7 % e incluem 7,7 % com decoração pintada de cor branca. As cerâmicas fabricadas com pastas de cores cinzentas e beges soma 9,8 %. 6 % têm as superfícies esmaltadas e 1,5 % as superfícies vidradas.

V.4. CERÂMICA DA CAMADA 4

V.4.1. Peças Esmaltadas

Q10/C4-2 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. Este oferece pé em anel, baixo, plano, medindo 0.004 m de altura e sendo o seu diâmetro de 0.082 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha amarelada (5YR7/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de barro cozido, de grão médio a fino. As superfícies apresentam esmalte, muito aderente e brilhante, de cor branca.

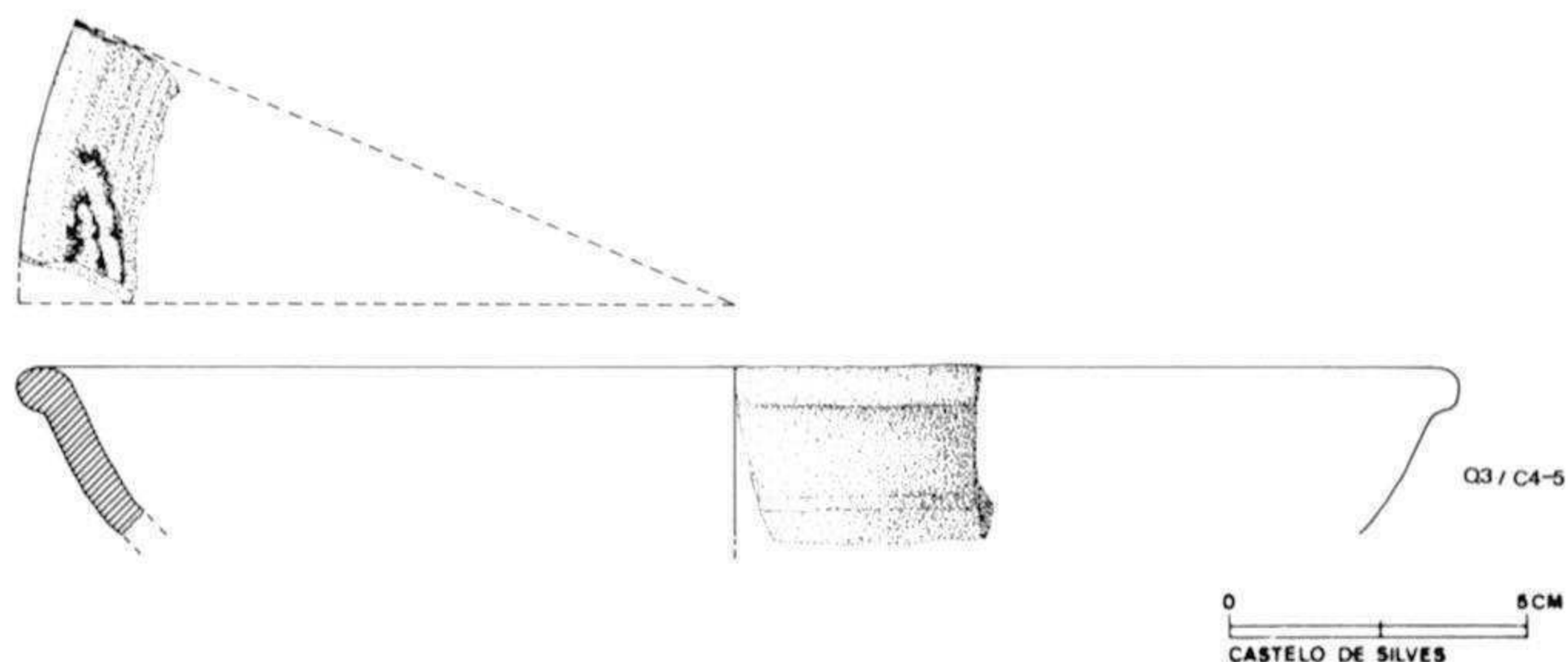


V.4.2. Peças vidradas

Q3/C4-1 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. Este, oferece pé em anel, baixo, plano, medindo 0.005 m de altura, e sendo o seu diâmetro de 0.055 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R4/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies mostram vidrado, aderente, de cor castanha clara (melada). A superfície interior apresenta, no fundo, restos de um motivo floral, estilizado, um possível bolbo de flor de lótus, de cor castanha escura, com 0.059 m de comprimento e 0.030 m de largura.

Q5/C4-1 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. Este oferece pé, em anel, baixo, plano e muito estreito, medindo 0.004 m de altura, e sendo o seu diâmetro de 0.034 m. A pasta é de cor vermelha (2.5YR5/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão fino. As superfícies apresentam vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). Na superfície interior sobressaem, num tom mais escuro, dois pingos irregulares.

Q3/C4-5 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é extrovertido, apresenta lábio com secção semicircular, e o seu diâmetro seria de 0.225 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta, bem depurada, é de cor rosada (10R6/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão finíssimo. As superfícies mostram vidrado, aderente, de cor castanha amarelada. A superfície interior apresenta pintada, de cor castanha escura, duas linhas arqueadas, quase concêntricas, junto ao bordo.

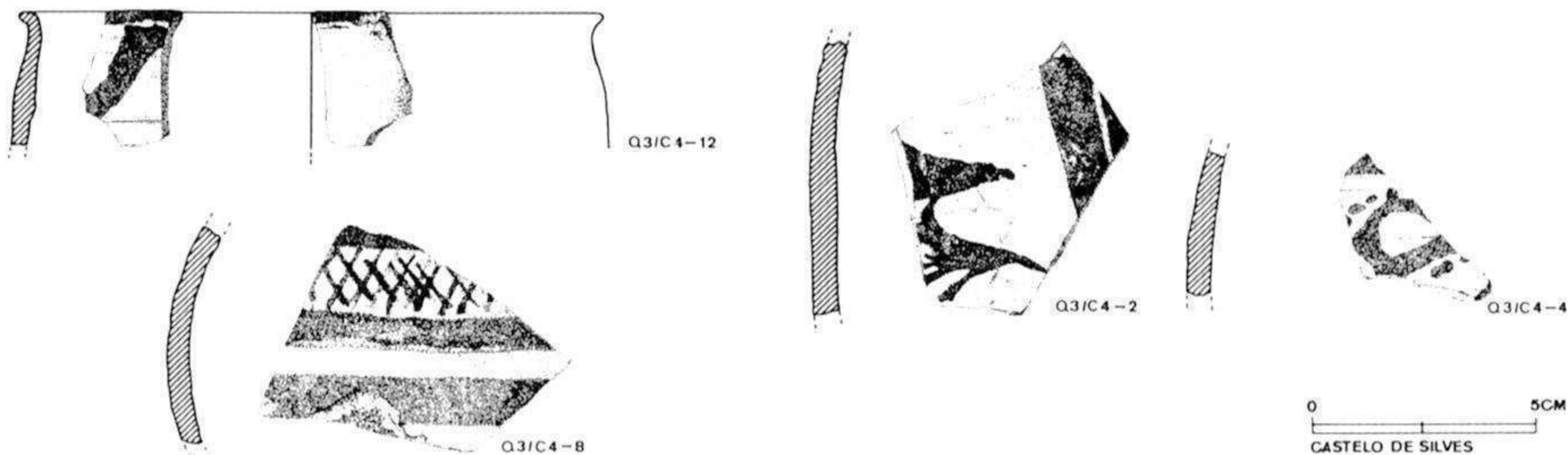


V.4.3. Peças fabricadas com pasta de cor rosada, bege e cinzenta

Q3/C4-12 – Fragmento, de jarra (?), com porção do bordo. Este é fino, extrovertido, e apresenta lábio com secção semicircular; o seu diâmetro, seria de 0.124 m. A parede tem 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosa amarelada (5YR7/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície interior mostra, pintada a cor-de-laranja, uma linha escorrida, oblíqua, com 0.010 m de largura. Sobre o bordo oferece outra linha pintada da mesma cor.

Q3/C4-8 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta, mede 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (10R6/6) com núcleo de cor cinzenta (10R6/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam aguada de cor quase branca. A superfície exterior está decorada por um reticulado, pintado de cor negra, irregular, com 0.015 m de largura, delimitado por duas linhas paralelas. A cerca de 0.006 m abaixo encontra-se outra linha, pintada da mesma cor, com 0.010 m de largura.

Q3/C4-2 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão finíssimo. A superfície exterior apresenta aguada, de cor branca, sobre a qual foi pintada uma decoração a negro. Do motivo representado restam duas linhas verticais, com 0.010 m de largura e separadas cerca de 0.002 m, assim como dois elementos fitomórficos, de forma sub-triangular, dispostos na horizontal.



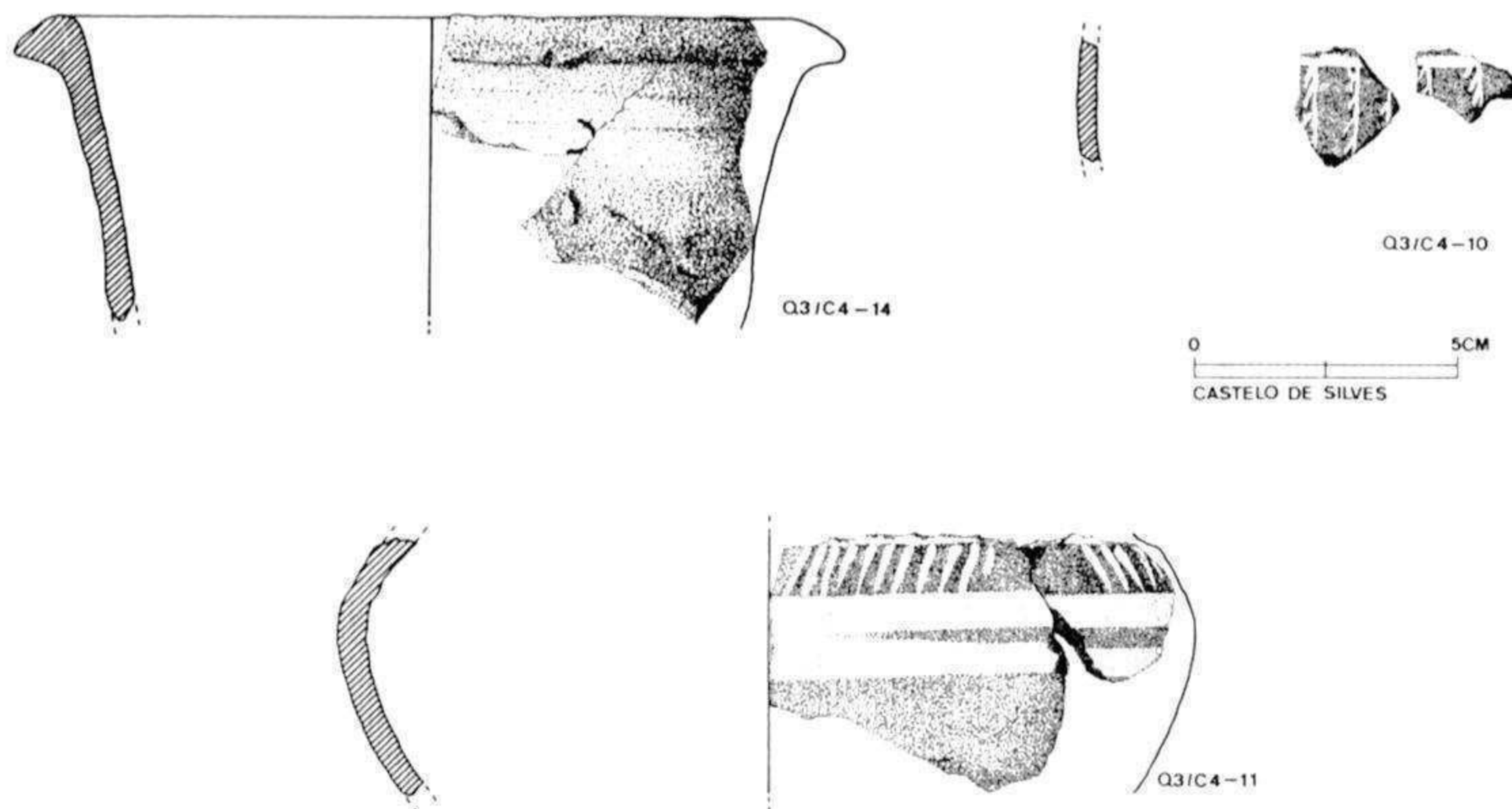
Q3/C4-4 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior está decorada com um motivo, pintado, de cor castanha, com forma ovalada, rodeado por ponteados. Este ficaria sob uma linha, horizontal, daquela mesma cor.

V.4.4. Peças fabricadas com pastas de cores vermelhas e castanhas

Q3/C4-14 – Fragmento, de cântaro (?), com porção do bordo. Este é extrovertido e apresenta lábio biselado. O seu diâmetro seria de 0.134 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor castanha acinzentada (5YR4/2), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. A superfície interior é de cor negra e a exterior encontra-se, completamente, pintada de cor branca.

Q3/C4-11 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior mostra, pintada a branco, entre duas linhas horizontais da mesma cor, com 0.010 m de largura, uma decoração formada por pequenos traços, oblíquos, dispostos em séries. Sob este elemento, a 0.004 m, encontramos outra linha, de cor branca, com 0.006 m de largura.

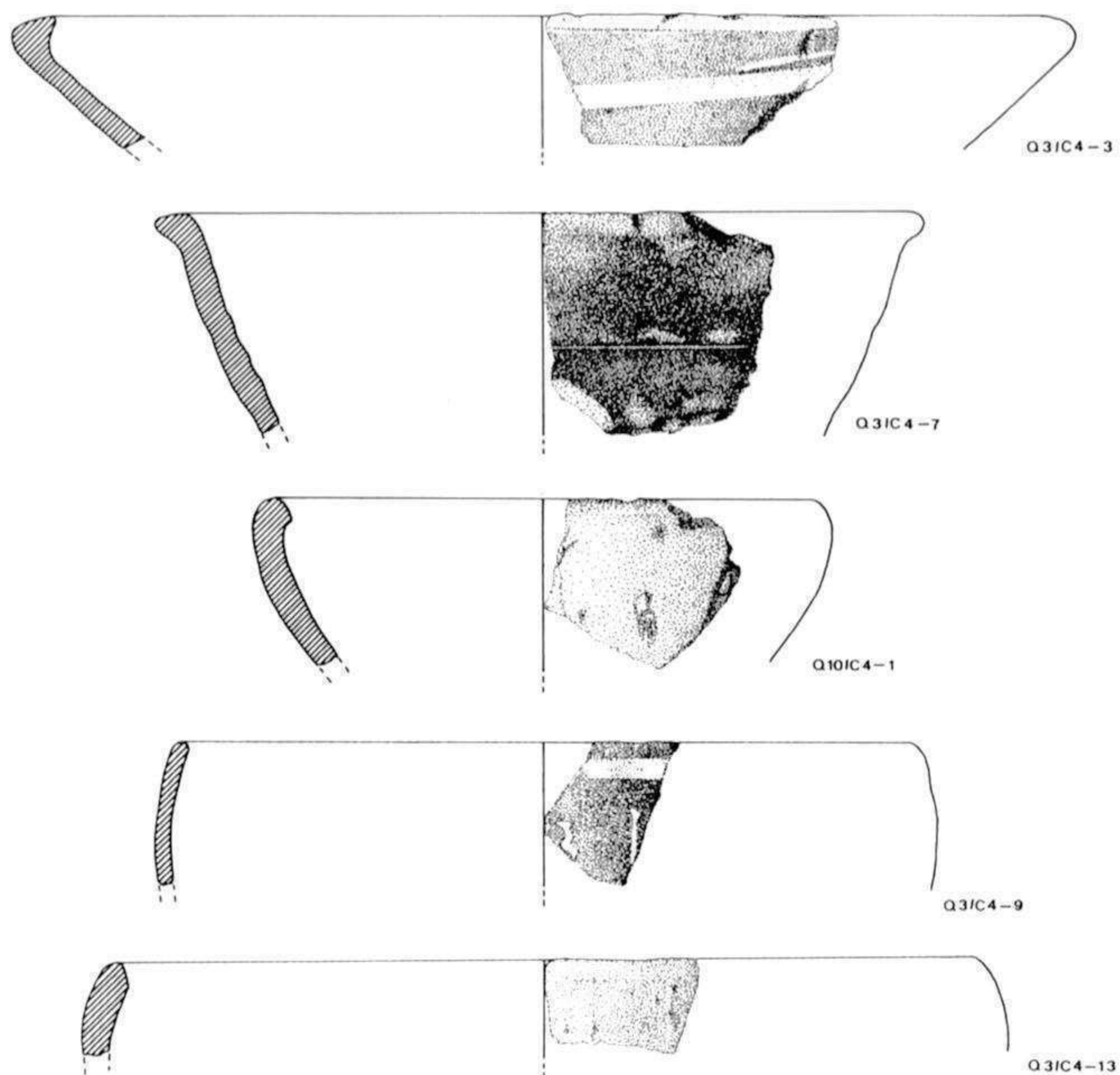
Q3/C4-10 – Dois fragmentos, de uma vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior está decorada com pinturas de cor branca; uma linha horizontal com 0.003 m de largura máxima, da qual partem outras, com 0.001 m de largura, separadas 0.008 m e que oferecem, num dos lados, pequenos traços oblíquos e paralelos.



Q3/C4-3 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é introvertido, apresenta lábio biselado, quase vertical no interior e o seu diâmetro seria de 0.225 m. As paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. Apresenta decoração pintada, de cor branca, constituída por uma linha sobre o bordo e outra, com 0.006 m de largura, disposta, obliquamente, sobre a superfície exterior.

Q3/C4-7 – Fragmento, de vasilha (taça?), com porção do bordo. Este é extrovertido e a superfície superior do lábio é plana. O diâmetro, do bordo, seria de 0.160 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor castanha avermelhada (2.5YR5/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são de cor negra, devido à variação do ambiente de cozedura. A superfície exterior mostra uma linha horizontal, incisa, a 0.035 m do bordo.

Q10/C4-1 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é introvertido e apresenta lábio com secção semicircular, algo biselado no interior. O diâmetro, no bordo, seria de 0.120 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada

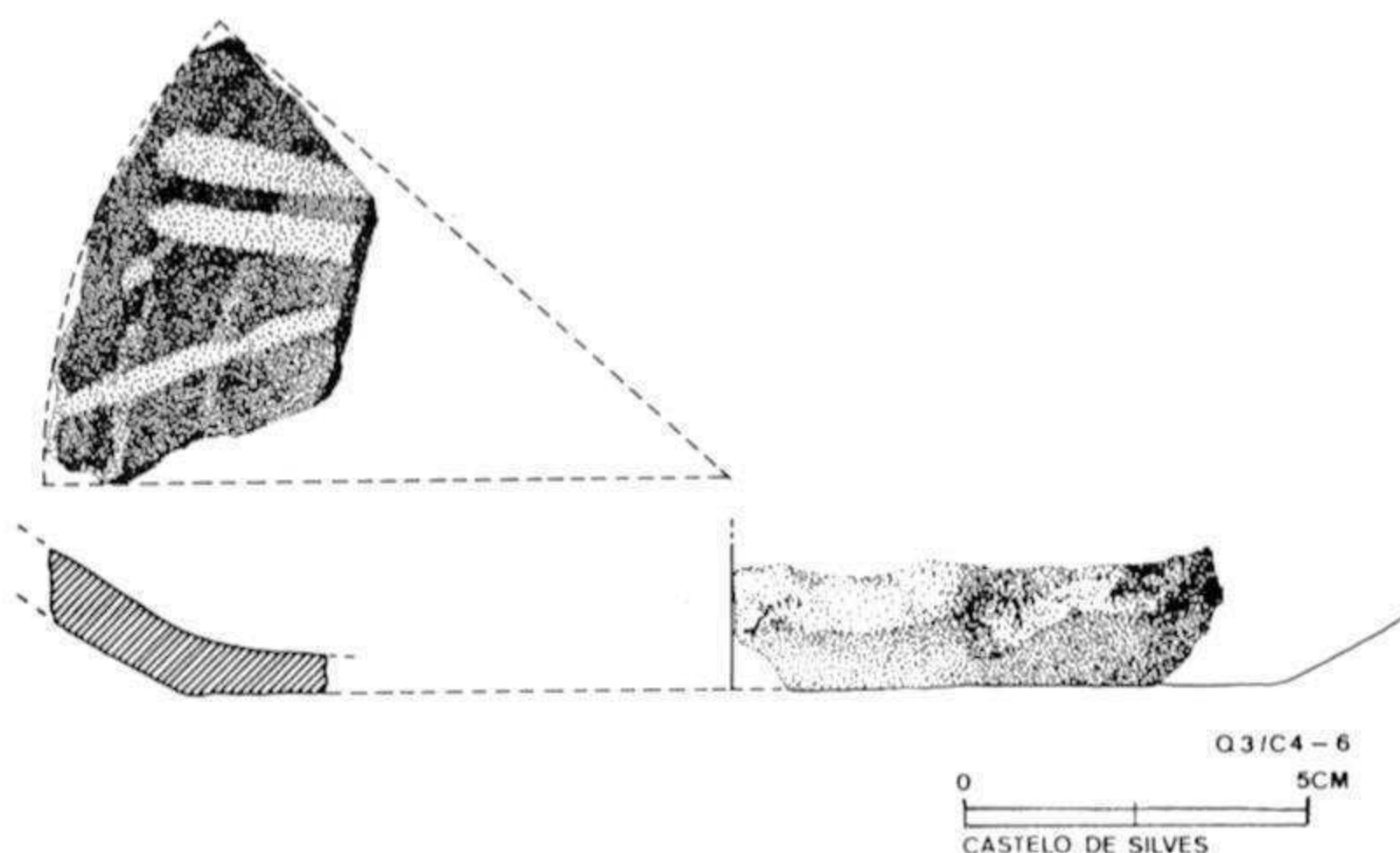


0 5CM
CASTELO DE SILVES

(5YR7/4) com núcleo de cor acinzentada (5YR7/2), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais claro que o da pasta.

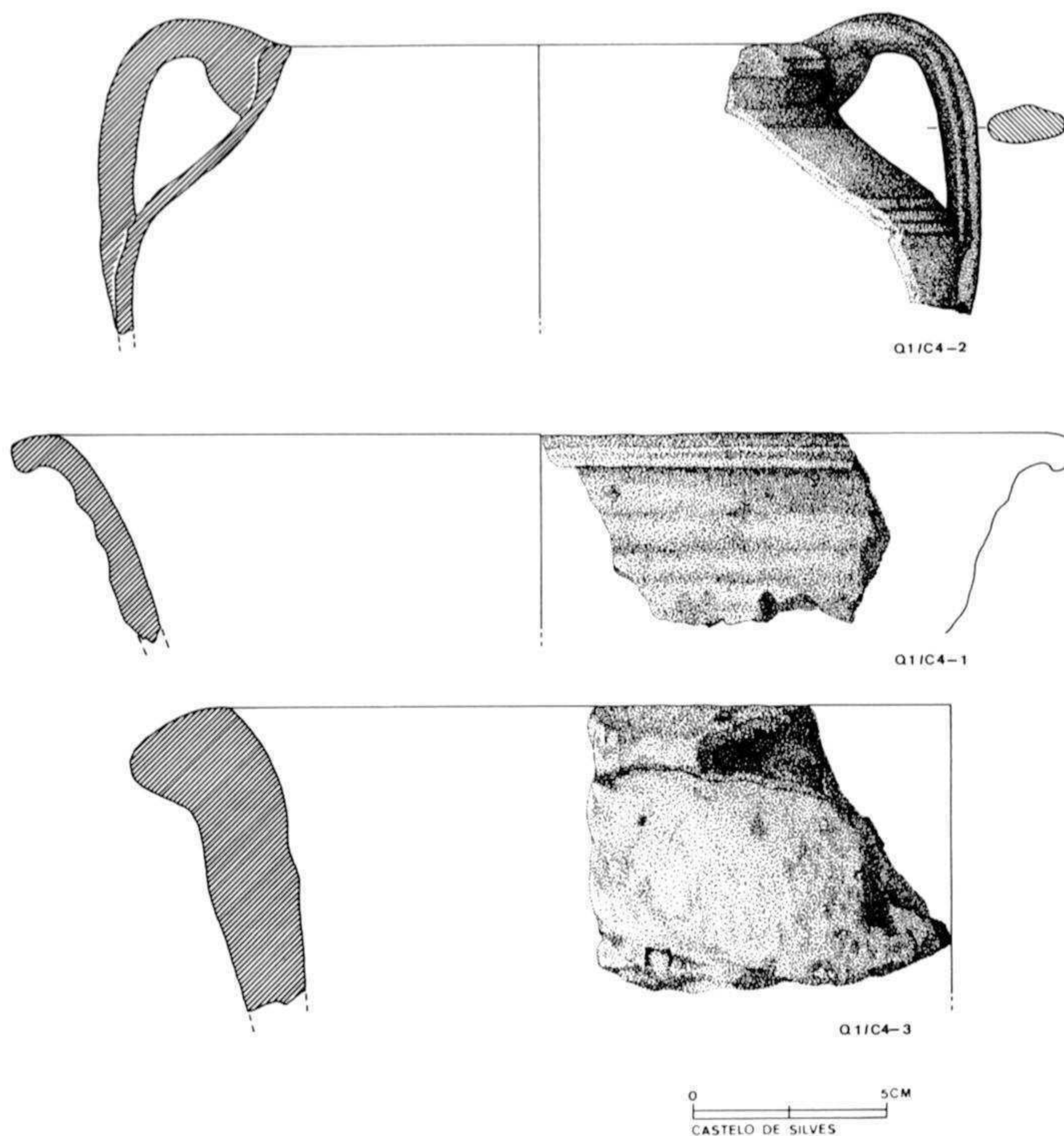
Q3/C4-9 – Fragmento, de vasilha (taça?), com porção do bordo. Este apresenta lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.160 m. A parede tem 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. A superfície interior apresenta tom mais escuro que o da pasta. À superfície exterior foi dada uma aguada, de cor negra, sobre a qual mostra, pintada de cor branca, uma linha horizontal a 0.004 m do bordo, com 0.005 m de largura, assim como restos de duas outras, ligeiramente onduladas, dispostas na vertical.

Q3/C4-13 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é ligeiramente espessado e introvertido, apresentando lábio com secção semicircular. O diâmetro, no bordo, seria de 0.190 m. As paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8) com núcleo de cor bege (10YR7/3), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta, sendo a interior muito bem brunida e a exterior apenas afagada.



Q3/C4-6 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. Este é plano e o seu diâmetro seria de 0.160 m. A parede tem 0.008 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior mostra manchas de cor negra e a interior, bem brunida, oferece decoração pintada, de cor branca, formada por três linhas oblíquas, com larguras que variam entre 0.004 m e 0.008 m, e que, possivelmente, pertenceriam a um motivo estelar ou radial.

Q1/C4-2 – Fragmento, de panela, com porção do bordo e uma asa. O bordo é sub-vertical, ligeiramente espessado, e o lábio apresenta secção semicircular, aplanada, sendo biselado no interior. A asa é vertical, sobrelevada em relação ao bordo, e oferece secção oval com um ligeiro cordão relevado. A sua extremidade superior está fixada ao bordo e a inferior à parede da peça. O diâmetro do bordo seria de 0.130 m. As paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4) com núcleo de cor acinzentada clara (5YR7/2), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de tom um pouco mais claro que o da pasta. Na superfície exterior, junto à extremidade inferior da asa e a 0.040 m do bordo, mostra três linhas, incisadas, formando canelado.



Q1/C4-1 – Fragmento, de grande taça, com porção do bordo. Este é extrovertido e apresenta a face superior do lábio quase plana. O diâmetro do bordo seria de 0.250 m. As paredes têm 0.009 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam manchas de cor negra devido, possivelmente, à mudança do ambiente de cozedura, de oxidante a redutor. A superfície interior foi brunida e a exterior está ligeiramente afagada, notando-se as caneluras deixadas, pelos dedos do oleiro, durante o trabalho ao torno.

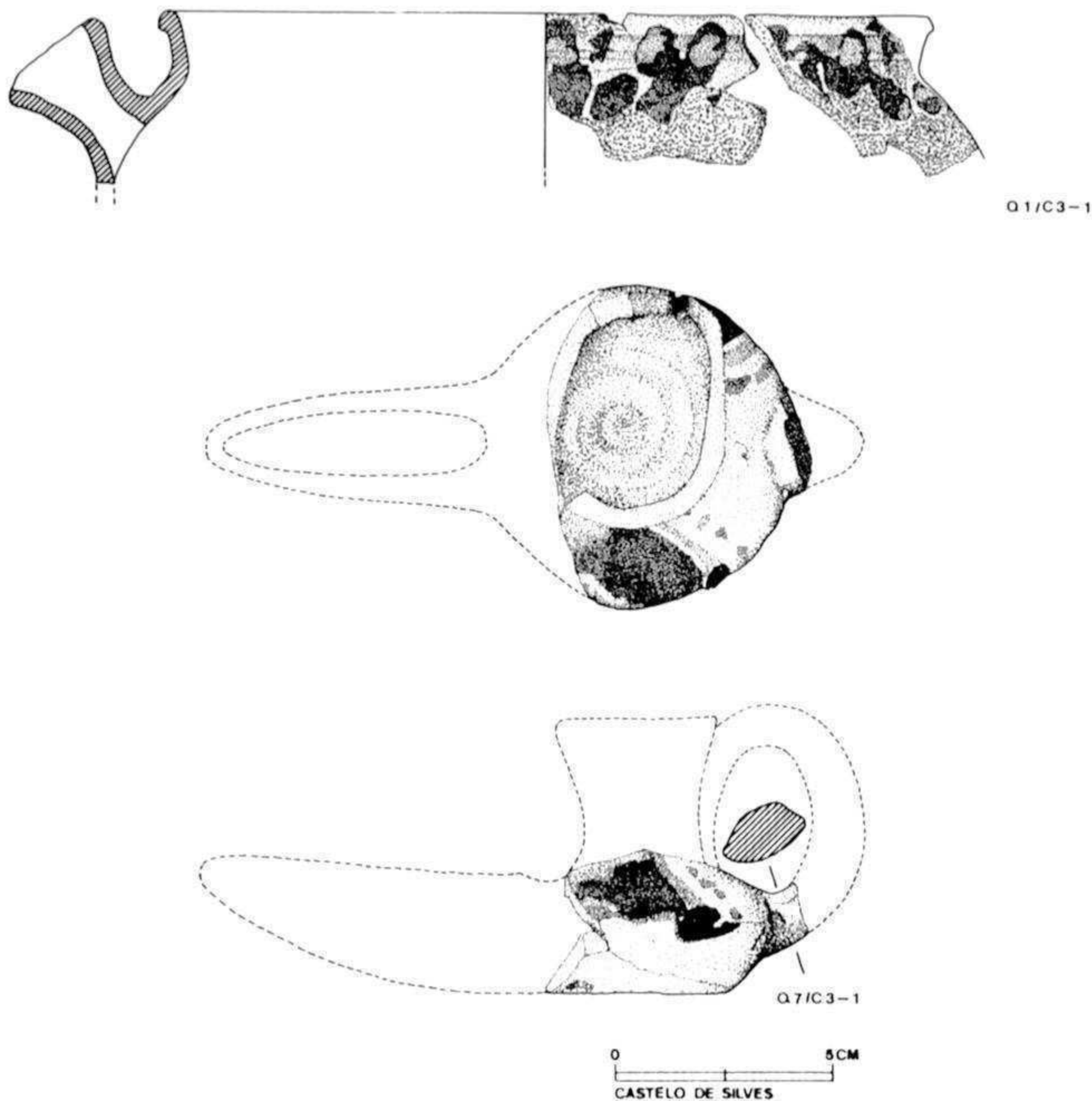
Q1/C4-3 – Fragmento, de grande vasilha ou talha (?), com porção do bordo. Este é espessado, ligeiramente extrovertido, e oferece lábio com secção semicircular. O diâmetro, no bordo, seria de 0.368 m. As paredes têm 0.022 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8) com núcleo de cor cinzenta (10R5/1), pouco homogénea e compacta, contendo muitos elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosso a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta.

Recolheram-se, ainda, nesta camada, 247 fragmentos de cerâmicas formalmente semelhantes a algumas das peças que descrevemos. O estudo estatístico deste espólio conclui que as cerâmicas fabricadas com pastas vermelhas e castanhas totalizam 80,9 %, incluindo 18,4 % decoradas com pinturas de cor branca, 0,5 % com decoração brunida e 2,7 % com brilho metálico. As cerâmicas fabricadas com pastas de cor rosada, bege e cinzenta, somam 17,4 %, incluindo 1,2 % com decoração de cor negra. Apenas 1,3 % oferecem as superfícies vidradas e 0,4 % apresentam-nas esmaltadas.

V.5. CERÂMICAS DA CAMADA 3

V.5.1. Peças fabricadas com pastas claras, decoradas, parcialmente, com vidrado de cor verde

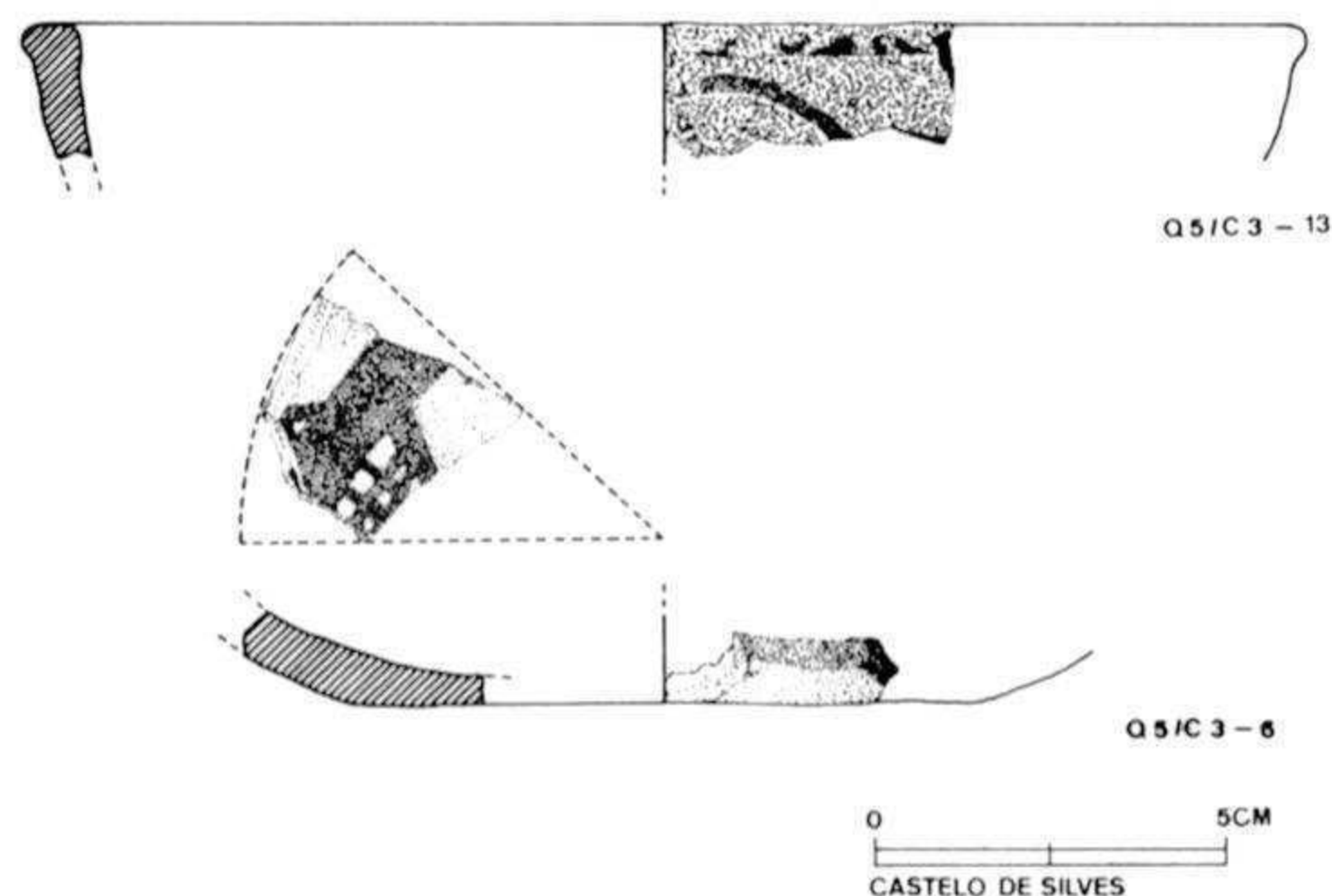
Q1/C3-1 – Três fragmentos, do mesmo bule, com porção do bordo e o gargalo. O bordo é extrovertido e o lábio, espessado, apresenta secção semicircular algo biselada no exterior. O diâmetro do bordo seria de 0.170 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. O gargalo, de forma bitroncocónica, mede 0.025 m de diâmetro e está colocado a 0.020 m abaixo do bordo. A pasta é de cor branca amarelada (5Y8/2) bem depurada, muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies



são da mesma cor da pasta. A superfície externa, sob o bordo, está decorada com manchas, escorridas, de vidrado, de cor verde escura, espessas e pouco aderentes.

Q7/C3-1 – Fragmento, de lucerna, com porção do corpo e do arranque da asa. O diâmetro do corpo seria de 0.074 m e a espessura da asa é de 0.020 m. A pasta é de cor amarela clara (5Y7/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior apresenta dois tipos de técnicas decorativas: a pintura e o vidrado. Primeiro foram pintadas linhas triangulares, ladeadas por ponteados de cor verde clara amarelada, sendo, posteriormente, o seu interior preenchido, em parte, com vidrado, espesso e escorrido, de cor verde escura (técnica da corda seca parcial).

V.5.2. Peças fabricadas com pastas de cores cinzentas e beges



Q5/C3-13 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é espessado exteriormente e apresenta lábio de secção semicircular com a superfície superior plana. O diâmetro do bordo seria de 0.176 m e as paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (10R6/8), homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de tom mais claro que o da pasta. A superfície exterior está decorada com pintura, cor-de-laranja, de que se reconhece, apenas, um traço arqueado com 0.002 m de largura.

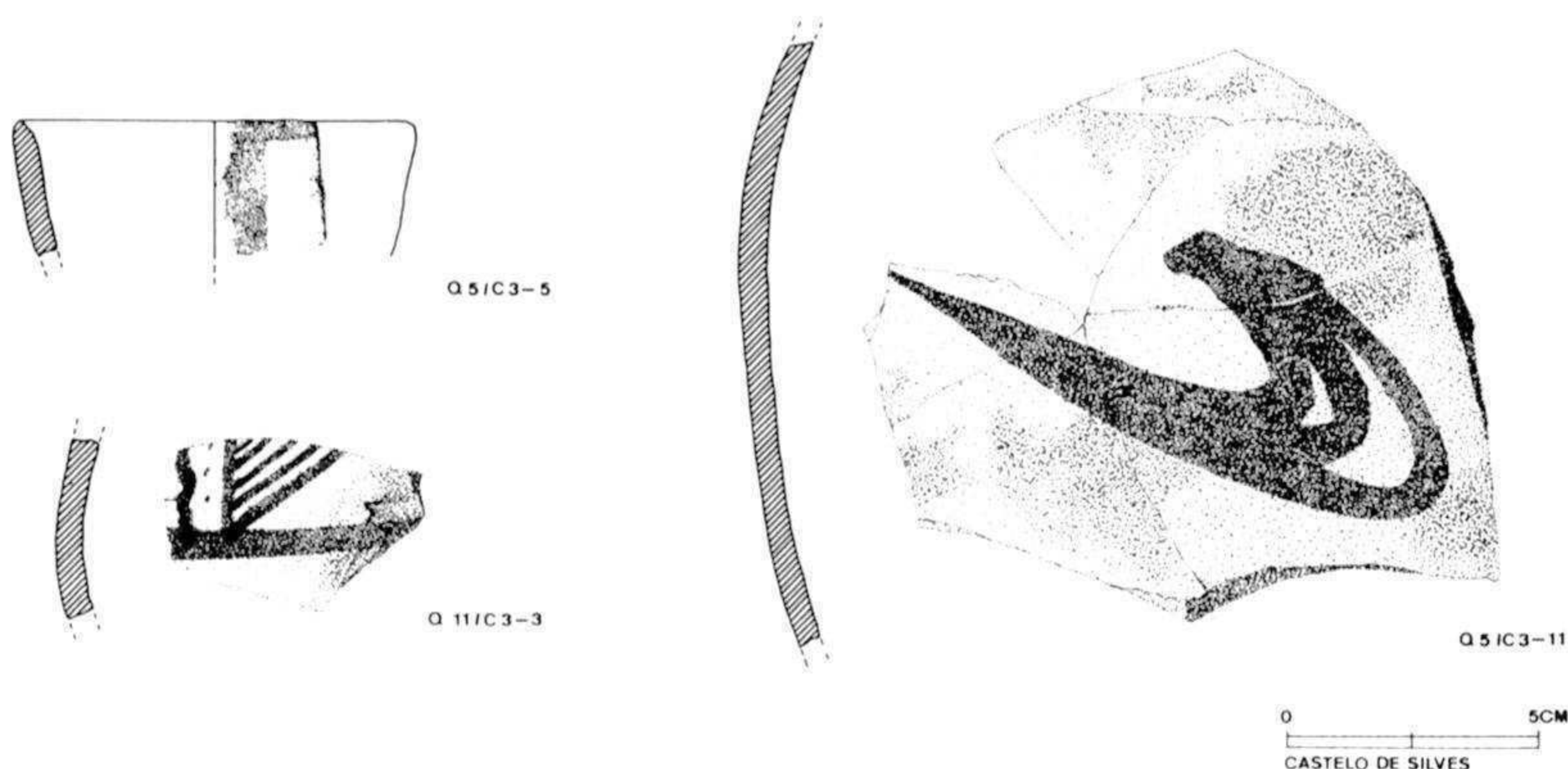
Q5/C3-6 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. Este é plano e o seu diâmetro seria de 0.088 m. As paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege amarelada (5YR7/6), com núcleo de cor cinzenta clara (5YR7/1), homogênea e compacta, contendo muitos elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais claro que o da pasta. A superfície interior mostra restos de decoração, geométrica, pintada, cor-de-laranja, formada por reticulado, limitado por uma linha sub-circular com 0.010 m de largura, e que demarcaria o fundo da peça.

Q5/C3-5 – Fragmento, de vasilha, com porção do bordo. Este apresenta secção semicircular, algo biselada no exterior. O diâmetro do bordo seria de 0.077 m e as paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4), bem depurada, muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As

superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície externa apresenta pintadas, a cor-de-laranja, duas linhas: uma sobre o bordo, com 0.008 m de largura, e outra, escorrida, disposta na vertical.

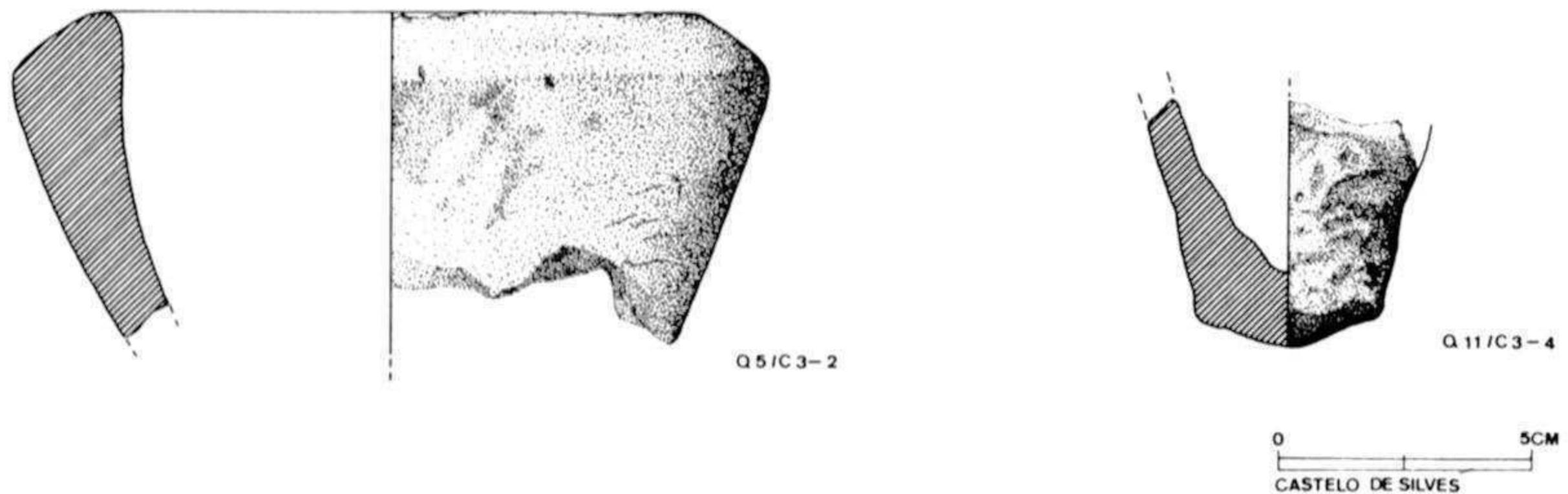
Q11/C3-3 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta tem 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4), bem depurada, muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior apresenta decoração pintada, possivelmente inserida numa cartela delimitada por linhas com 0.005 m de largura, de cor negra. Reconhecem-se, ainda, cinco linhas dispostas obliquamente, e em série, a uma outra, vertical, que, por sua vez, está separada, por vários pontos, de uma linha vertical ondulada.

Q5/C3-11 – Fragmento, de grande vasilha, com porção da parede. As paredes têm 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR7/4) com núcleo de cor acinzentada (10YR7/1), homogénea e compacta, contendo muitos elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais claro que o da pasta. A superfície exterior mostra decoração pintada, de cor castanha escura, formada por um motivo, semicircular, executado com bateria de pincéis.



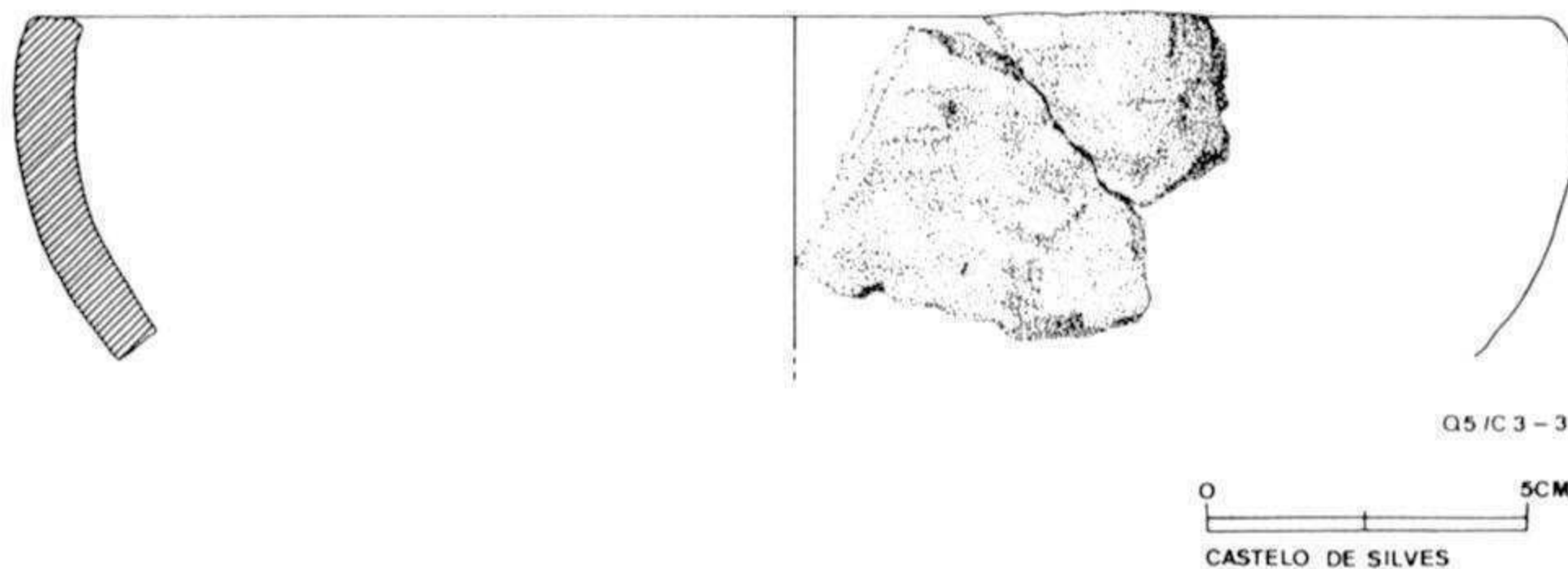
Q5/C3-2 – Fragmento, de almofariz (?), com porção do bordo. Este é espessado e tem lábio em bisel. O diâmetro do bordo seria de 0.118 m e as paredes têm 0.018 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, muito finos. As superfícies apresentam tom mais claro que o da pasta.

Q11/C3-4 – Fragmento, de ânfora (?), com porção do fundo. O seu diâmetro, na base, é de 0.037 m e as paredes têm 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam o mesmo tom da pasta.



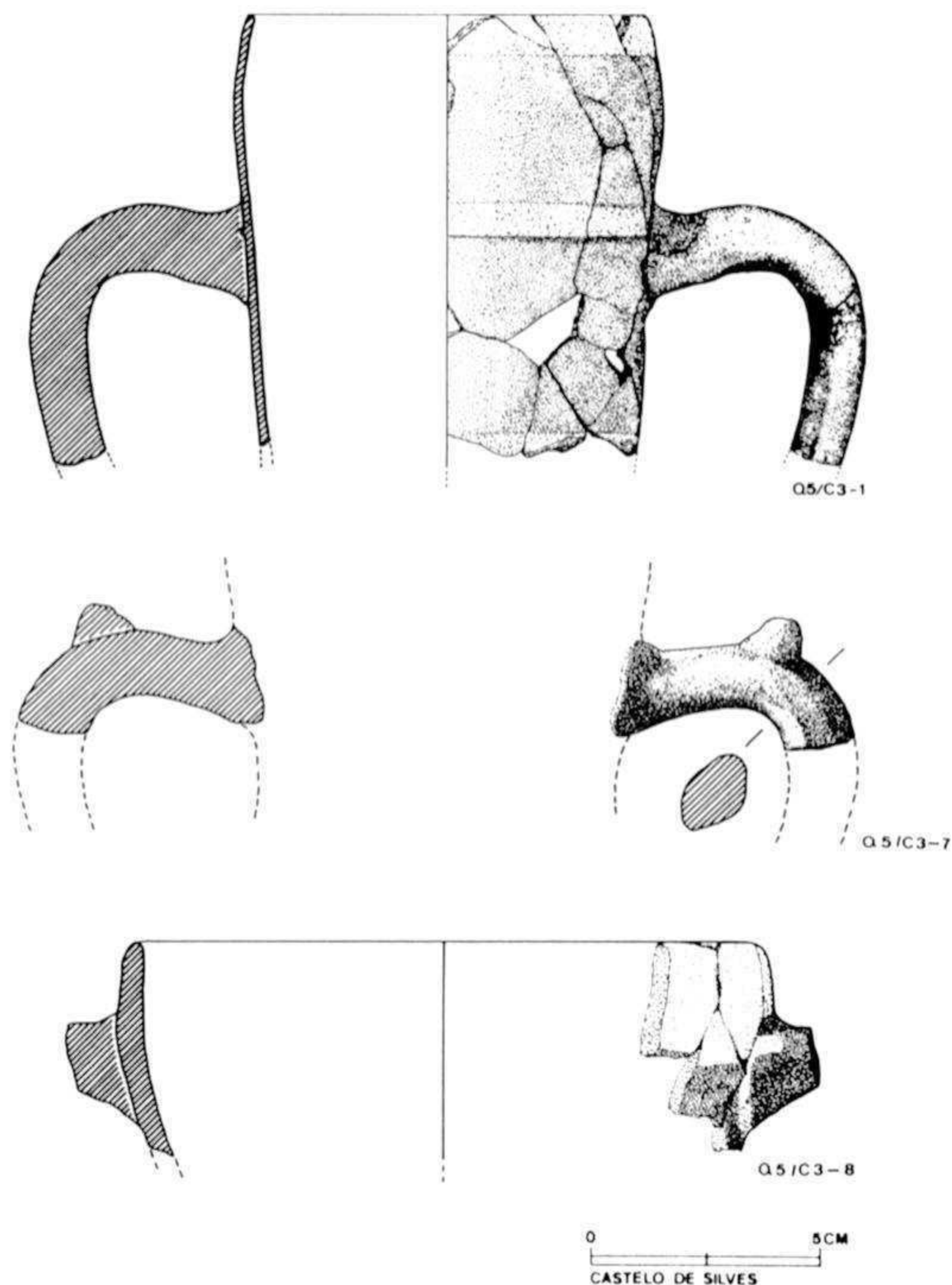
V.5.3. Peças fabricadas com pastas de cores vermelhas e castanhas

Q5/C3-3 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é ligeiramente inclinado, espessado no interior, e mostra lábio plano. O diâmetro do bordo seria 0.235 m e as paredes têm 0.008 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), pouco homogénea e compacta, contendo muitos elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio. A superfície interior apresenta a mesma cor da pasta e a exterior, muito bem alisada, foi pintada, tal como o lábio, de cor branca.



Q5/C3-1 – Fragmento, de jarra, com porção do bordo e duas asas. O bordo está um pouco inclinado, para o interior, e o lábio apresenta secção semicircular algo biselada. O seu diâmetro seria de 0.085 m e as paredes têm 0.002 m de espessura máxima. As asas, arrancam a meia altura do gargalo, são opostas, verticais, e oferecem secção oval. A altura total do fragmento é de 0.095 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies são da mesma cor da pasta e a exterior está decorada por três linhas pintadas com 0.007 m de largura, de cor branca, dispostas, na horizontal, sobre o bordo, a meio do gargalo, e na ligação entre este e o corpo da peça.

Q5/C3-7 – Fragmento, de jarra (?), com porção da asa. Esta, com 0.019 m de espessura máxima, apresenta secção sub-ovalar e um mamilo na parte mais elevada. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies mostram tom um pouco mais escuro que o da pasta.

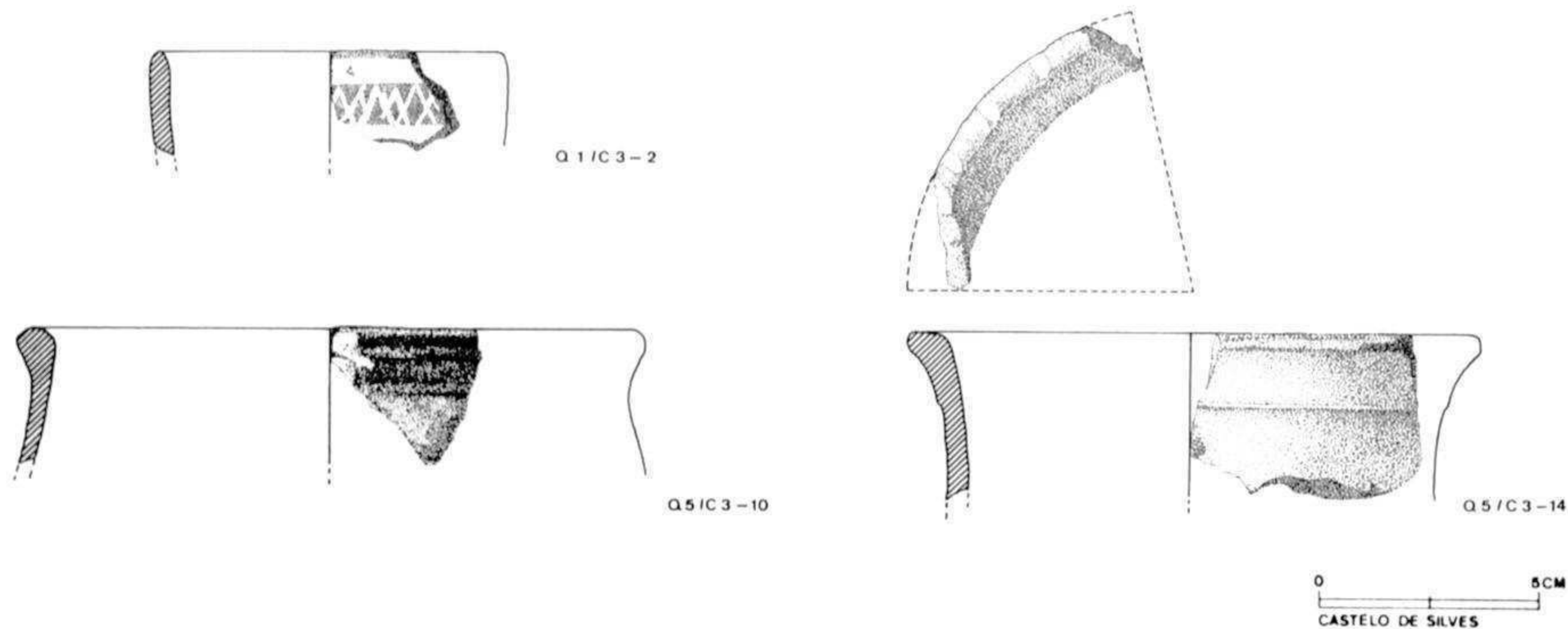


Q5/C3-8 – Fragmento, de vasilha (jarra?), com porção do bordo e o arranque de uma asa. O bordo apresenta lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.132 m. As paredes têm 0.005 m de espessura máxima e a asa apresenta secção oval. A pasta é de cor vermelha acastanhada escura (10R4/2), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interior é da mesma cor da pasta. A superfície exterior foi dada aguada, de cor negra, sobre a qual foram pintadas, a branco, duas linhas: uma sobre o bordo, com 0.026 m de largura, e outra, arqueada, junto ao arranque da asa.

Q1/C3-2 – Fragmento, de púcaro, com porção do bordo. Este apresenta lábio, com perfil de secção semicircular, ligeiramente biselado no interior. O diâmetro do bordo seria de 0.076 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais claro que o da pasta. A superfície exterior mostra decoração pintada, de cor branca, oferecendo um reticulado, com 0.010 m de altura, inserido numa cartela formada por duas linhas horizontais, com 0.005 m de largura, e estando a inferior a 0.002 m do lábio da peça.

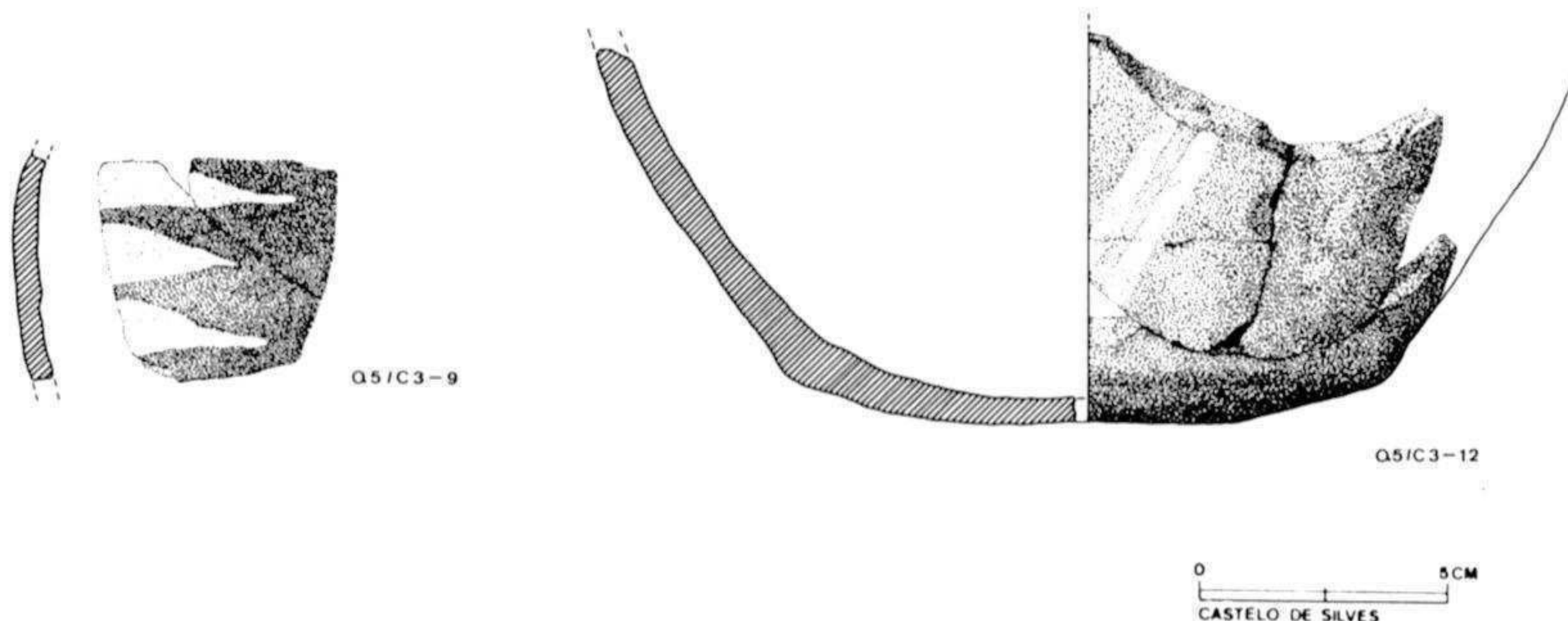
Q5/C3-10 – Fragmento, de pote (?), com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido. O lábio tem secção semicircular. O diâmetro do bordo seria de 0.135 m e as paredes têm 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e calcários, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada de cor cinzenta escura e, sobre o bordo, mostra uma linha pintada de cor negra.

Q5/C3-14 – Fragmento, de cântaro, com porção do bordo. Este é extrovertido com a superfície superior do lábio plana, e o seu diâmetro seria de 0.125 m. As paredes têm 0.006 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR6/8), bem depurada, muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam tom mais claro que o da pasta. A superfície exterior mostra, a cerca de 0.010 m do bordo, um ressalto que a demarca. Sobre a parte superior do bordo foi executada decoração pintada, de cor branca, formada por pequenos traços dispostos radialmente, com 0.006 m de comprimento, espaçados, cerca de 0.012 m, e em série.

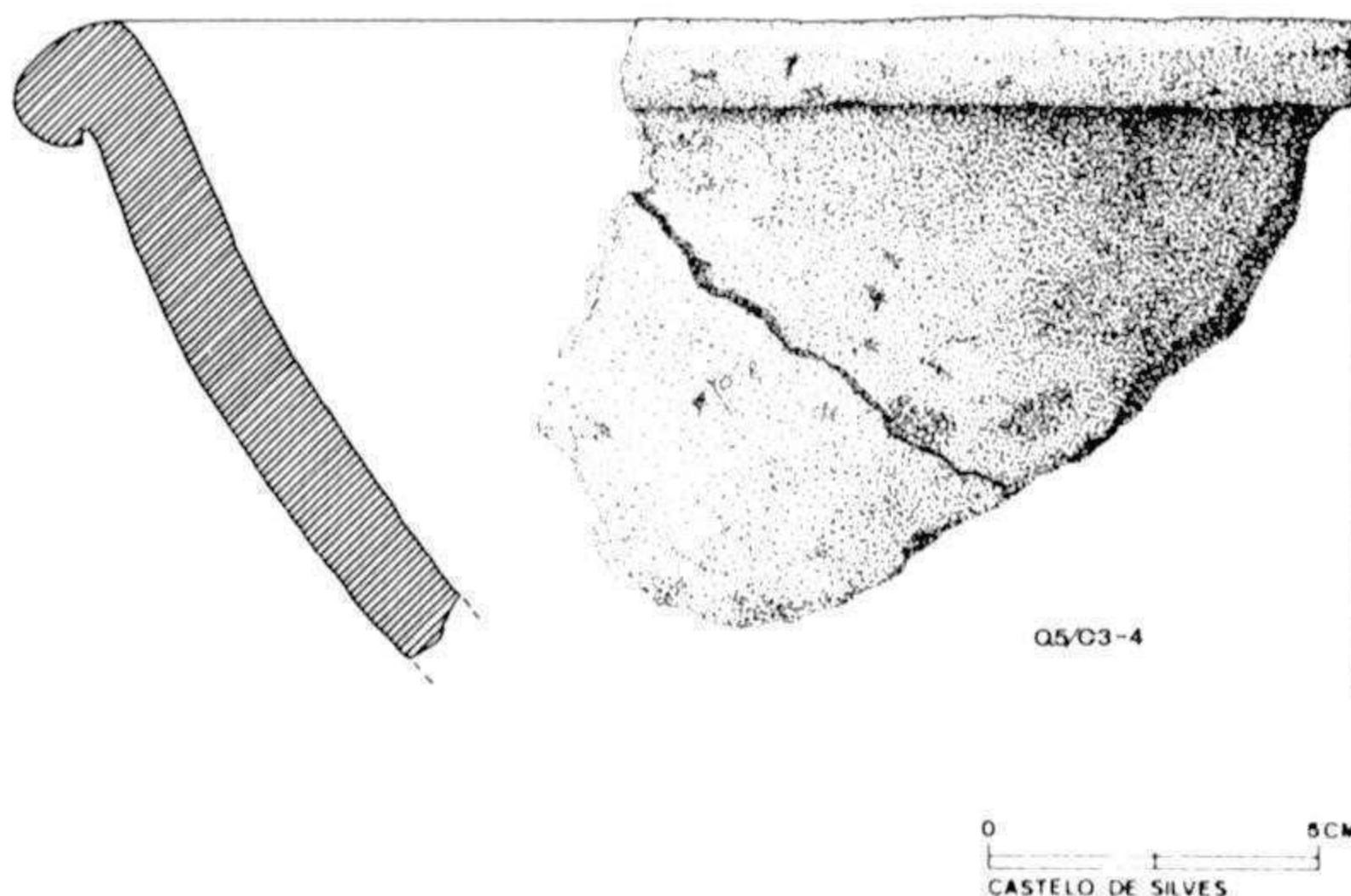


Q5/C3-9 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede do corpo. Esta tem 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R4/6) com núcleo de cor cinzenta (10R4/1), pouco homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosso a fino. As superfícies apresentam aguada de cor negra. A superfície exterior está decorada com três linhas, paralelas, pintadas, de cor branca, com bateria de pincéis.

Q5/C3-12 – Fragmento, de vasilha (panela?), com porção do fundo. Este é ligeiramente convexo e o seu diâmetro seria de 0.118 m. As paredes medem 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/6) com núcleo de cor cinzenta (10R5/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino e alguns, poucos, de grão grosso. As superfícies apresentam aguada de cor negra. A superfície exterior mostra, como decoração, duas linhas paralelas, pintadas de cor branca, dispostas obliquamente, com 0.005 m de largura, separadas cerca de 0.004 m.



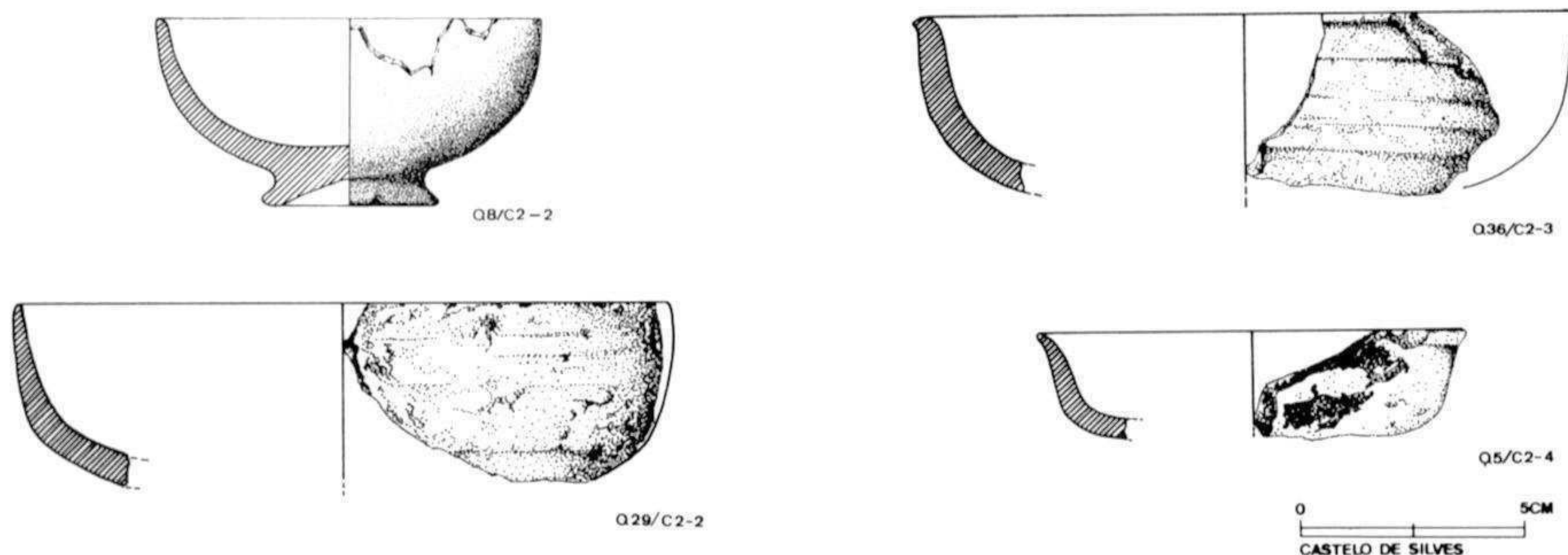
Q5/C3-4 – Fragmento, de alguidar, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com lábio de secção semicircular. O diâmetro do bordo seria de 0.370 m e as paredes têm 0.013 m de espessura máxima. A pasta é de cor avermelhada (5YR6/4), pouco homogênea e compacta, contendo muitos elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a grosso. A superfície interna mostra a mesma cor da pasta. A externa, muito bem alisada, apresenta aguada, de cor rosada clara, quase branca.



Recolhemos, nesta camada, 843 fragmentos de cerâmica formalmente semelhantes a algumas das peças que descrevemos. O estudo estatístico deste espólio conclui que as cerâmicas fabricadas com pastas vermelhas e castanhas totalizam 83,6 % e incluem 13,6 % com decoração pintada de cor branca. 16 % foram fabricadas com pastas de cores claras, em tons de cinzento e bege. A este grupo pertencem os fragmentos com decoração pintada de cor castanha escura a negra, que somam 7,4 % e de cor vermelha, com cerca de 4,4 %. As cerâmicas fabricadas com pastas em tons de bege amarelado e que mostram, na superfície exterior, manchas espessas, de vidrado, representam, apenas, 0,4 %.

V.6. CERÂMICAS DA CAMADA 2

V.6.1. Peças esmaltadas a branco

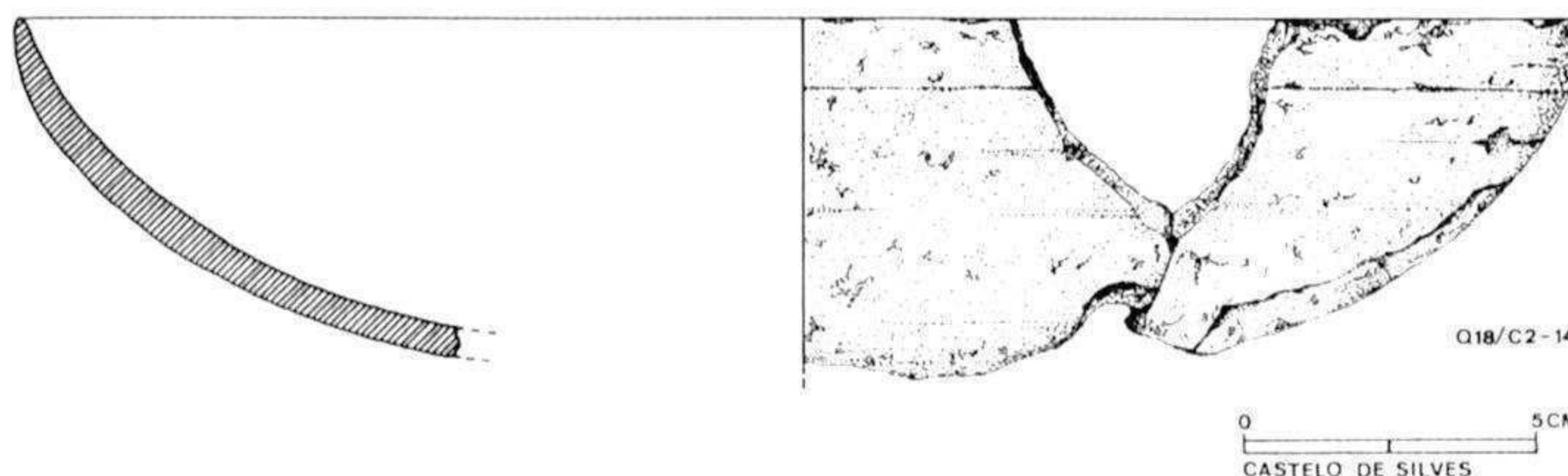


Q8/C2-2 – Fragmento, de taça quase completa, com porção do bordo, lábio de secção semicircular, e o pé em anel. O diâmetro do bordo seria de 0.085 m e o do pé 0.039 m. Mede 0.042 m de altura máxima e o pé tem 0.005 m. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, pouco aderente, de cor branca e oferecem, ainda, restos de decoração de cor dourada.

Q29/C2-2 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Mostra o lábio, com secção semicircular, algo biselado. O diâmetro do bordo seria de 0.145 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca.

Q36/C2-3 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é ligeiramente extrovertido e o lábio apresenta perfil biselado. O diâmetro do bordo seria de 0.146 m. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, não muito aderente e com pouco brilho, de cor branca.

Q5/C2-4 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é extrovertido e o lábio apresenta perfil ligeiramente biselado. O diâmetro do bordo seria de 0.094 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, pouco aderente, de cor branca.

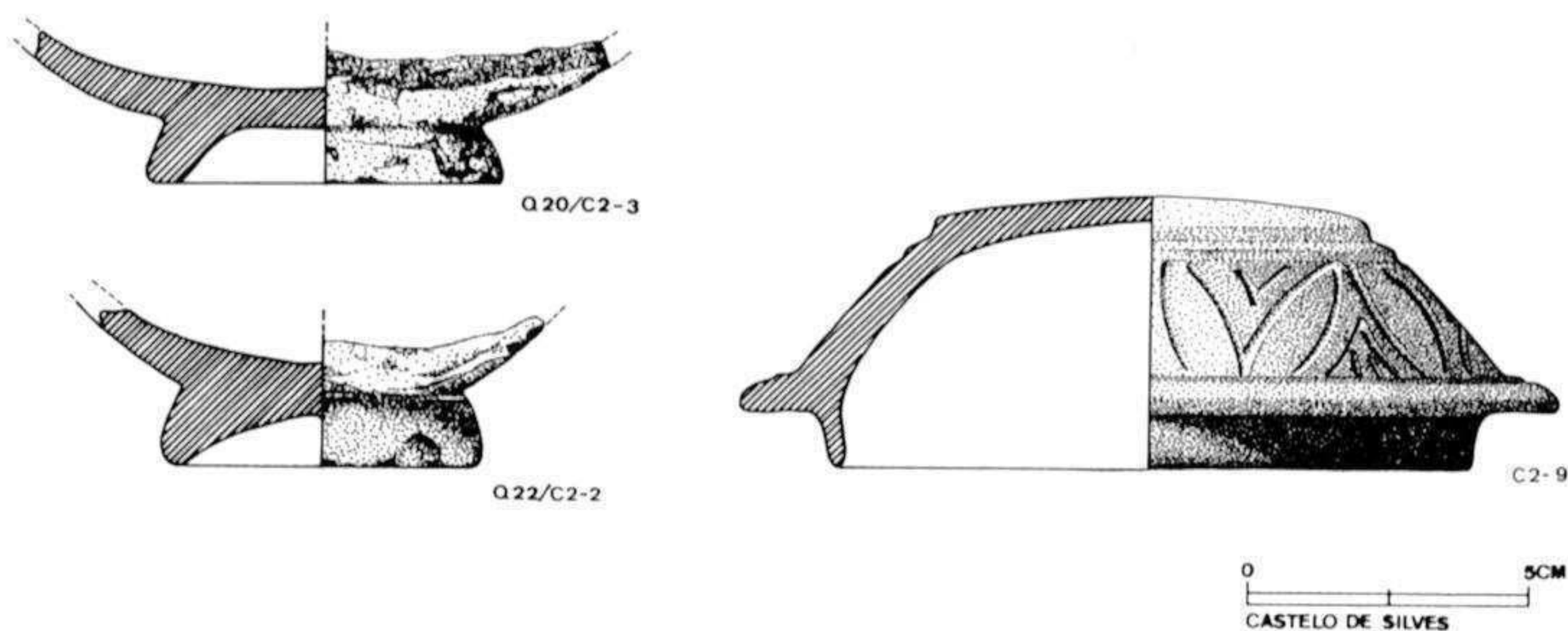


Q18/C2-14 – Fragmento, de grande taça, com porção do bordo. O lábio apresenta secção semicircular, ligeiramente biselada, e o diâmetro do bordo seria de 0.270 m. A pasta é de cor branca (2.5Y8/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interior oferece esmalte, aderente e brilhante, de cor branca. Na superfície exterior o esmalte tem tom um pouco esverdeado.

Q20/C2-3 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. O pé, em anel, mede 0.062 m de diâmetro e tem 0.010 m de altura máxima. A pasta é de cor vermelha amarelada (5YR7/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de barro cozido, de grão fino. As superfícies mostram esmalte, pouco aderente, de cor branca.

Q22/C2-2 – Fragmento, de taça, com porção do fundo. O pé, em anel, mede 0.055 m e tem 0.009 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de barro cozido, de grão fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca.

C2-9 – Tampa, de forma hemisférica achatada, quase completa. Oferece fecho hermético, constituído por uma pequena gola saliente e horizontal. Mede 0.044 m de altura, 0.113 m de diâmetro na boca e 0.009 m de espessura máxima na parede. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A parte superior da peça é demarcada por duas linhas que delimitam, conjuntamente com o arranque do fecho, uma cartela decorada com motivos florais, incisos, muito estilizados. As superfícies apresentam esmalte, aderente e brilhante, de cor branca.



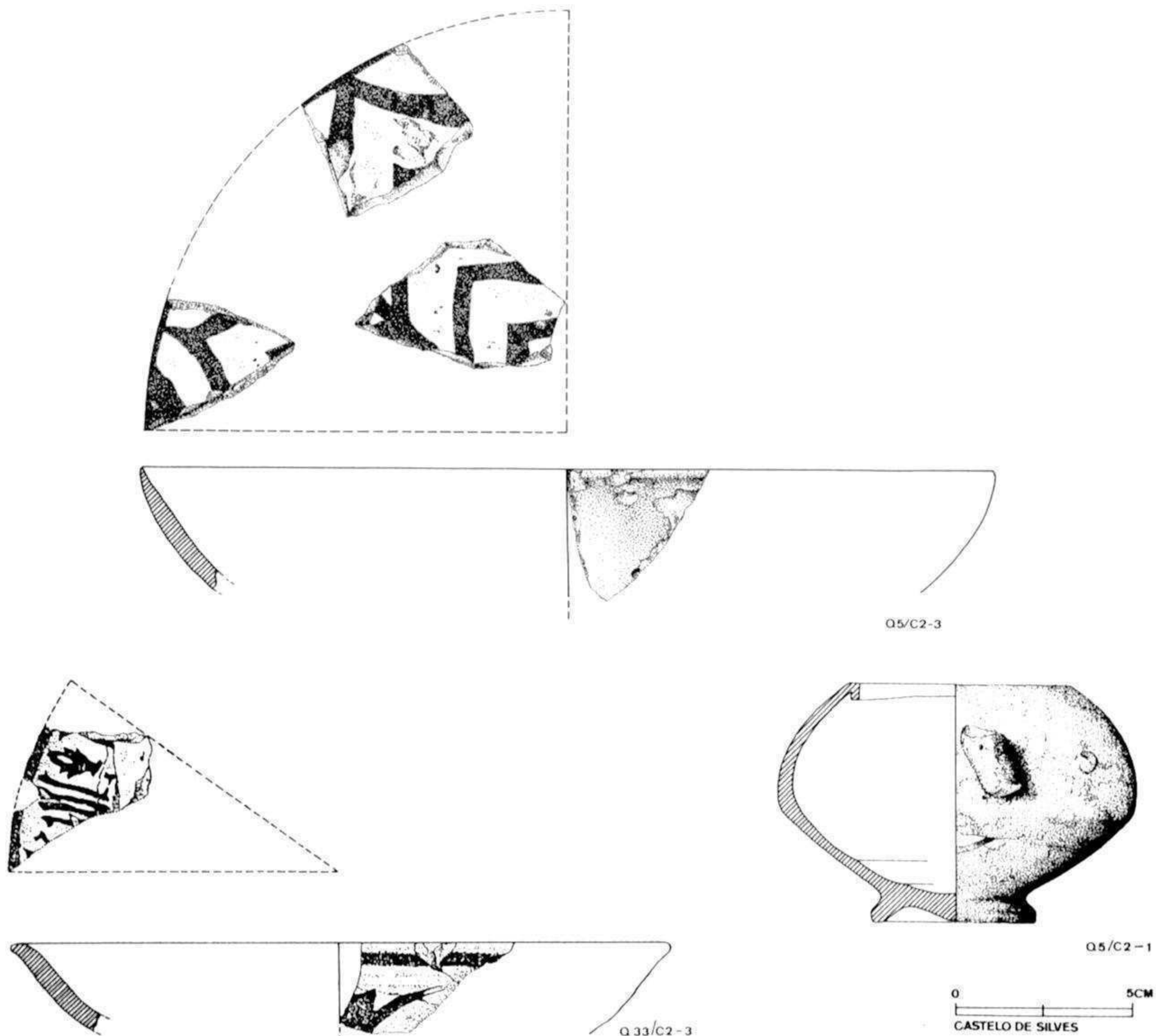
V.6.2. Peças esmaltadas a branco, com decoração a azul de cobalto ou dourada

Q5/C2-3 – Três fragmentos, de grande taça, com porção do bordo. Apresenta lábio, com secção semicircular, algo biselado. O diâmetro do bordo seria de 0.240 m. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, não muito aderente e pouco brilhante, de cor branca. A superfície interior mostra decoração, a azul de cobalto, do tipo floral.

Q33/C2-3 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é extrovertido e tem lábio com perfil semicircular. O seu diâmetro seria de 0.184 m. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, muito aderente e brilhante, de cor branca, ligeira-

mente azulada, e estão decoradas com motivos dourados (técnica do reflexo metálico). No interior reconhecem-se restos de uma inscrição, possivelmente em caracteres cúficos, cujas palavras estão separadas por um bolbo de lótus. Sobre esta composição, demarcando-a do bordo, vê-se uma linha, também dourada, com 0.003 m de largura. A superfície exterior oferece uma outra linha que acompanha o bordo, com 0.004 m de largura, e sob esta mostra, ainda, restos de um motivo fitomórfico.

Q5/C2-1 – Fragmento, correspondente a cerca de um terço de um pequeno pote, com porção do bordo e o pé em anel. O bordo é introvertido e tem o lábio plano. Mostra o arranque da asa. Mede 0.067 m de altura, o diâmetro do bordo seria de 0.062 m, o da asa 0.013 m e o do pé 0.045 m. Este, tem 0.005 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca. Apresenta, na superfície exterior, duas linhas, de cor dourada, uma junto ao bordo e a outra na separação entre a parede e o pé.



V.6.3. Peças esmaltadas de cor verde, de cor verde e branca, de cor verde e amarela e de cor amarela

Q11/C2-4 – Fragmento, de taça carenada, com porção da parede e do bordo. Este é espessado e demarcado, exteriormente, por uma linha incisa. O lábio é algo biselado no exterior e tem a parte superior plana. O diâmetro do bordo seria de 0.142 m. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca na interior e de cor verde turquesa na exterior. Nesta última, a 0.040 m da incisão que demarca o bordo, existe uma outra linha que separa a parede do início do fundo da peça. Estas duas linhas têm 0.004 m de largura.

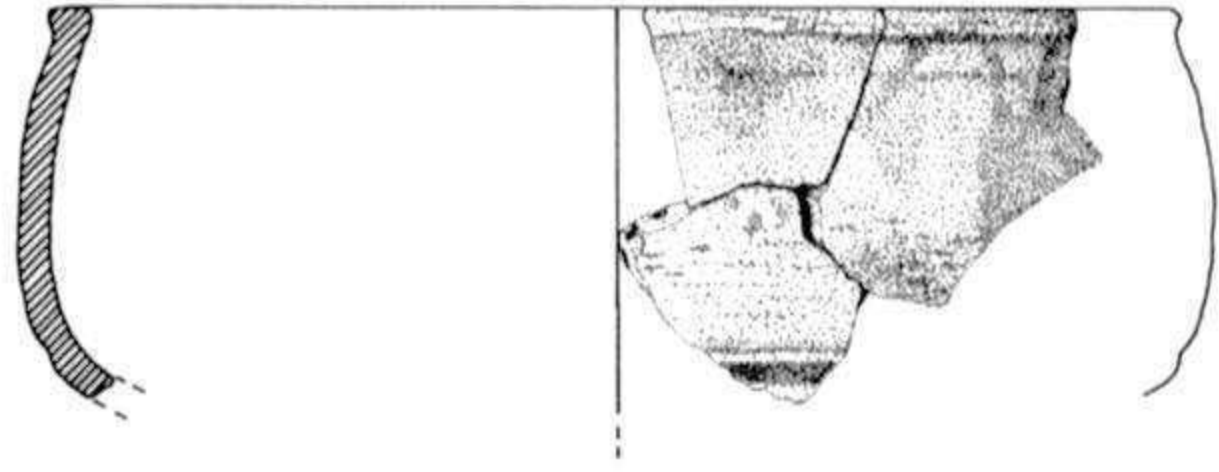
Q11/C2-5 – Dois fragmentos, da mesma taça carenada, com porção da parede e do bordo. Este é espessado, ligeiramente extrovertido e demarcado, exteriormente, por uma linha incisa. O lábio tem perfil semicircular. O diâmetro do bordo seria de 0.190 m. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde clara; quase branca na superfície interior e de cor verde turquesa na exterior. Na superfície exterior, e a 0.038 m da incisão que demarca o bordo, existem duas outras incisões indicando o fim da parede da peça e o início do fundo. Estas linhas, utilizadas como decoração, têm 0.003 m de largura.

Q11/C2-6 – Fragmento, de taça carenada, com porção da parede e do bordo. Este é espessado, ligeiramente extrovertido, e demarcado, no exterior, por uma linha incisa. O lábio tem perfil semicircular. O diâmetro do bordo seria de 0.200 m. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante; a exterior de cor verde e a interior de cor verde, mais clara, um pouco amarelada. A 0.050 m do bordo observa-se uma linha, incisa, com 0.003 m de largura que marca a união da parede com o fundo da peça.

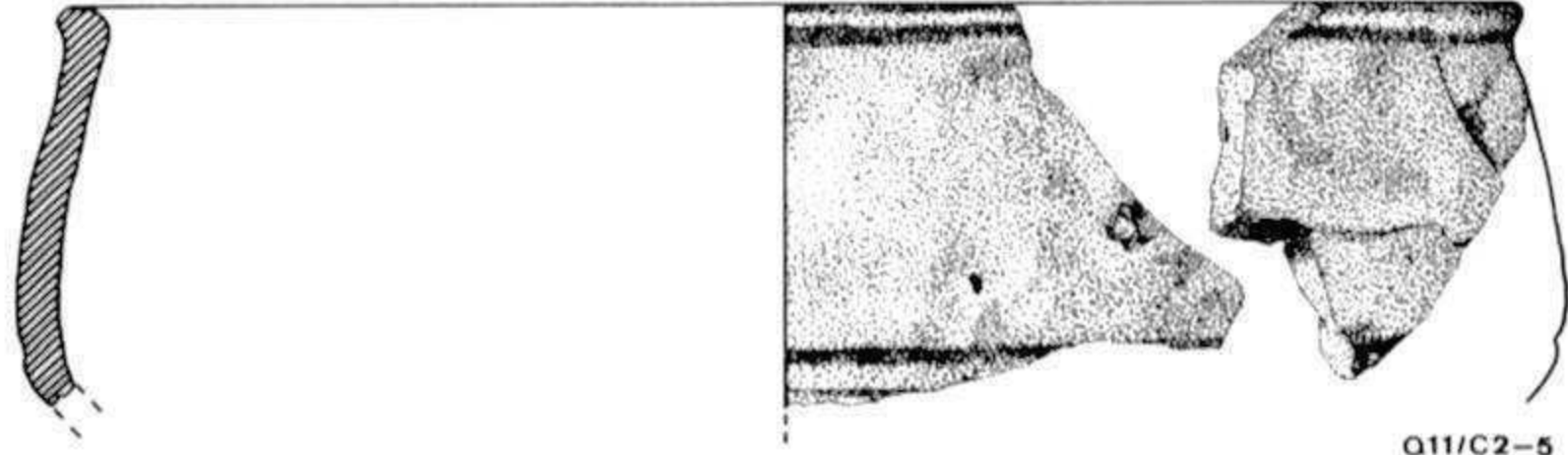
Q11/C2-7 – Fragmento, de taça carenada, com porção da parede e do bordo. Este é ligeiramente estrangulado e demarcado, no exterior, por uma linha incisa. O lábio é biselado na face exterior. O diâmetro do bordo seria de 0.192 m. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde, tendo a exterior tom mais claro. A superfície exterior está decorada com linhas incisadas, paralelas entre si e ao bordo da peça, formando um canelado que se inicia a 0.005 m do bordo. Sobre estas linhas o esmalte ficou melhor conservado e com tom mais escuro. A decoração desta taça é-nos dada não só pela variação cromática das superfícies mas, ainda, pela utilização do canelado, na exterior, que produziu uma acentuação do esmalte verde no interior das linhas incisadas.

C2-2 – Taça carenada, quase completa, com bordo ligeiramente espessado no exterior e pé, alto, em anel. O lábio é plano. Mede 0.082 m de altura, tem 0.138 m de diâmetro no bordo e 0.050 m no pé. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. A superfície exterior encontra-se decorada com linhas incisadas, paralelas entre si e ao bordo, com 0.002 m de largura. O interior das incisões oferece esmalte de tom mais escuro.

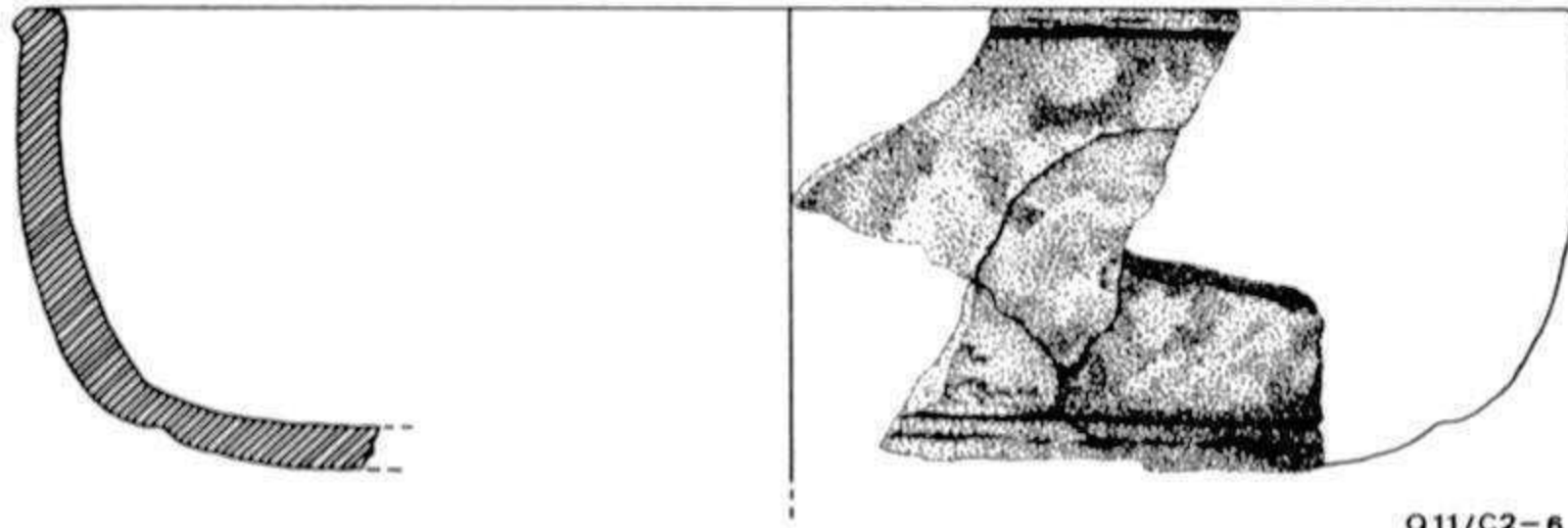
C2-12 – Taça carenada, completa, com bordo ligeiramente espessado e extrovertido. O pé é alto e em anel. O bordo apresenta lábio ondulado. A peça mede 0.073 m de



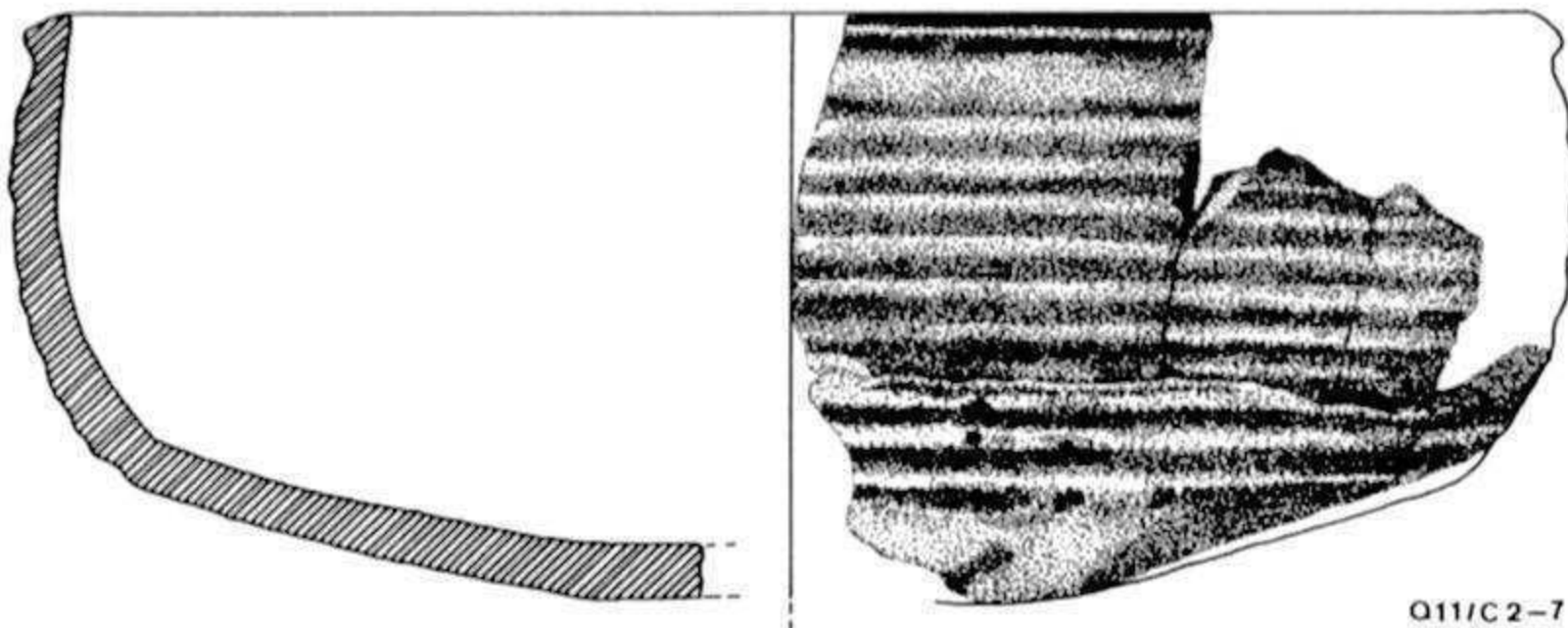
Q11/C2-4



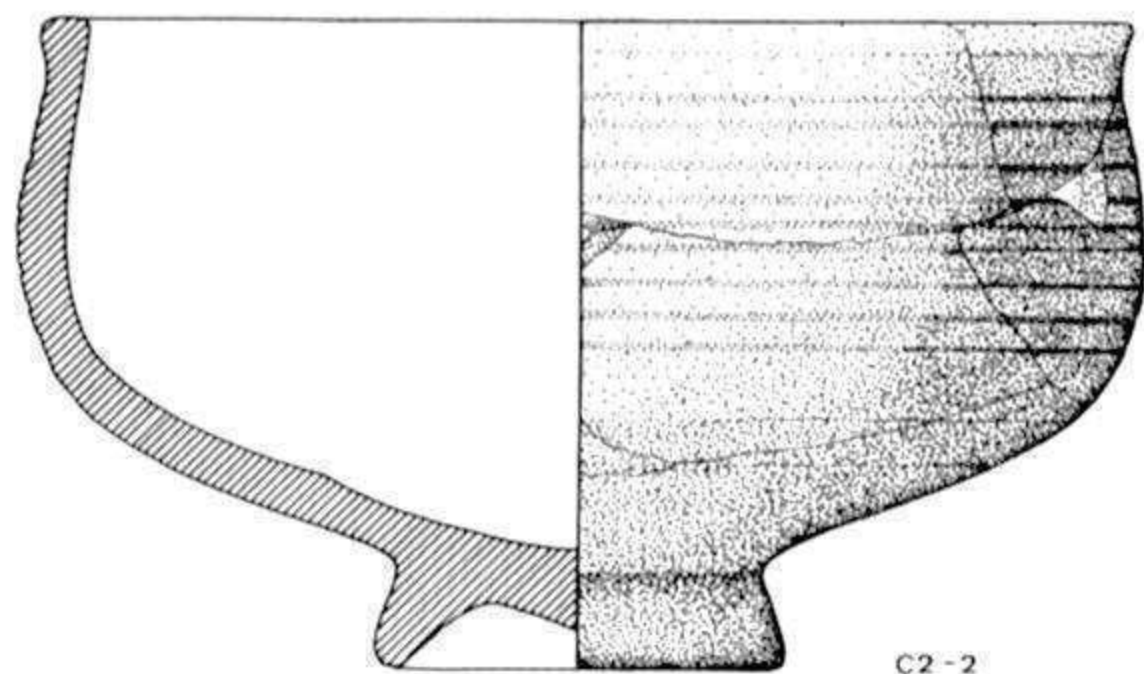
Q11/C2-5



Q11/C2-6



Q11/C2-7



C2-2

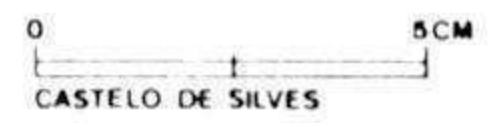




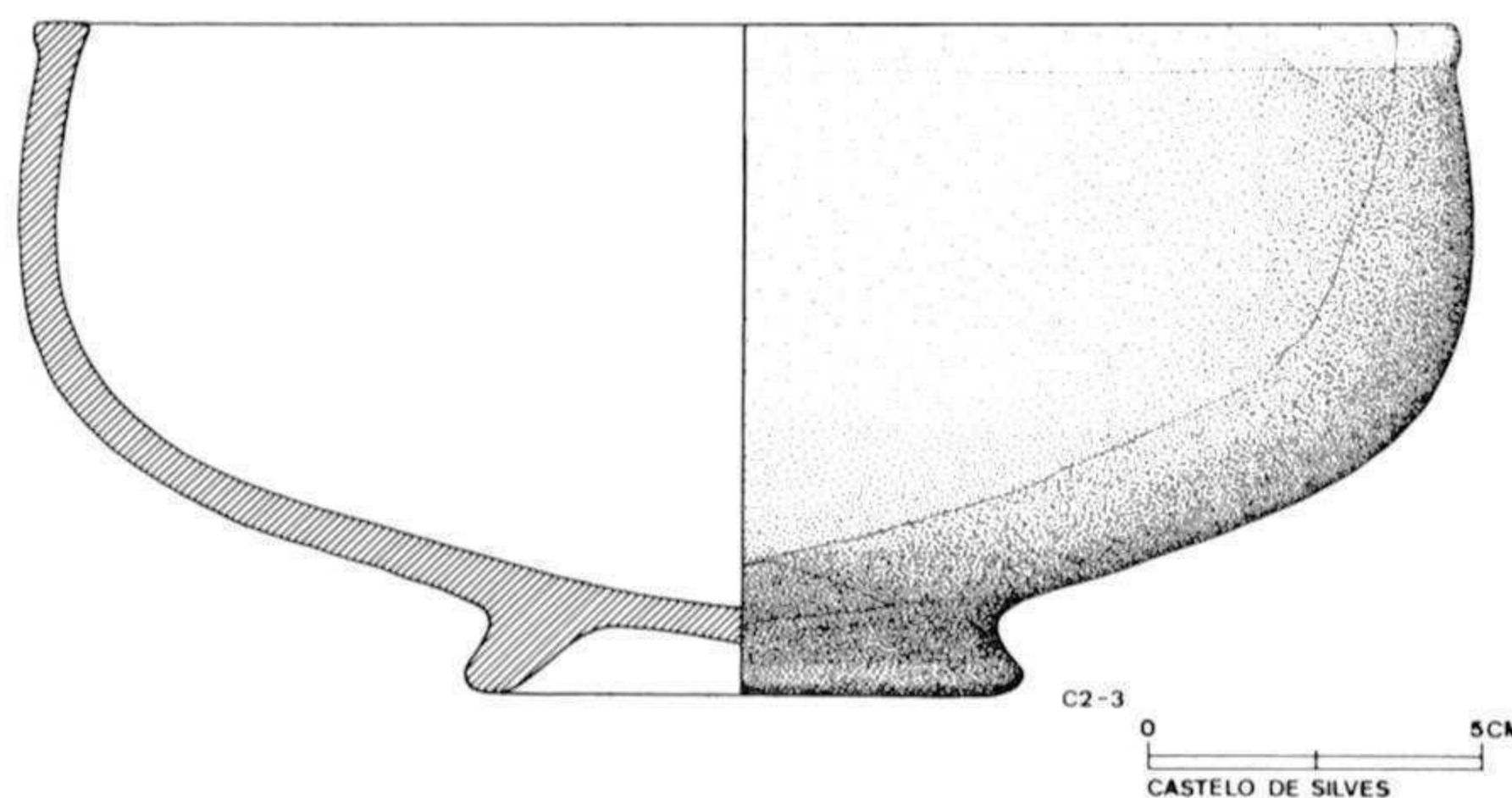
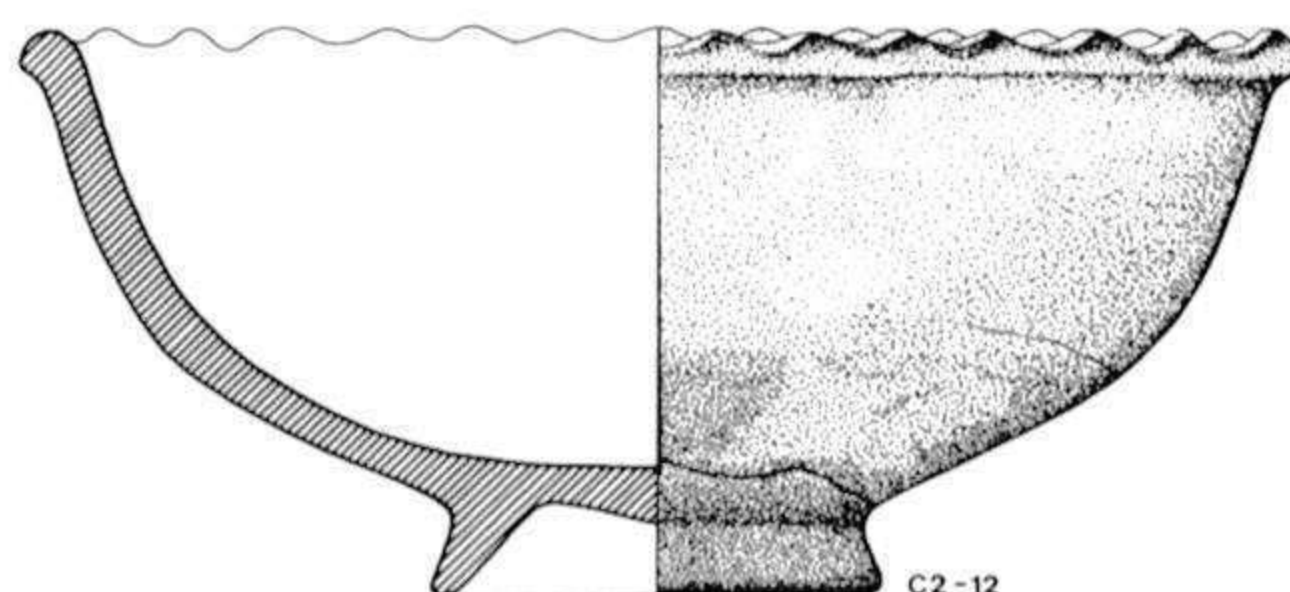
Fig. V. 1. Taça esmaltada (C2 - 12).



Fig. V. 2. Taça esmaltada (C2 - 3).

altura, 0.156 m de diâmetro no bordo e 0.056 m no pé. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte aderente e pouco brilhante; de cor verde, na interior, e de cor verde clara, na exterior, com algumas manchas de tom um pouco mais escuro. O bordo foi decorado a partir de dedadas sucessivas, dispostas em série, formando o ondulado referido.

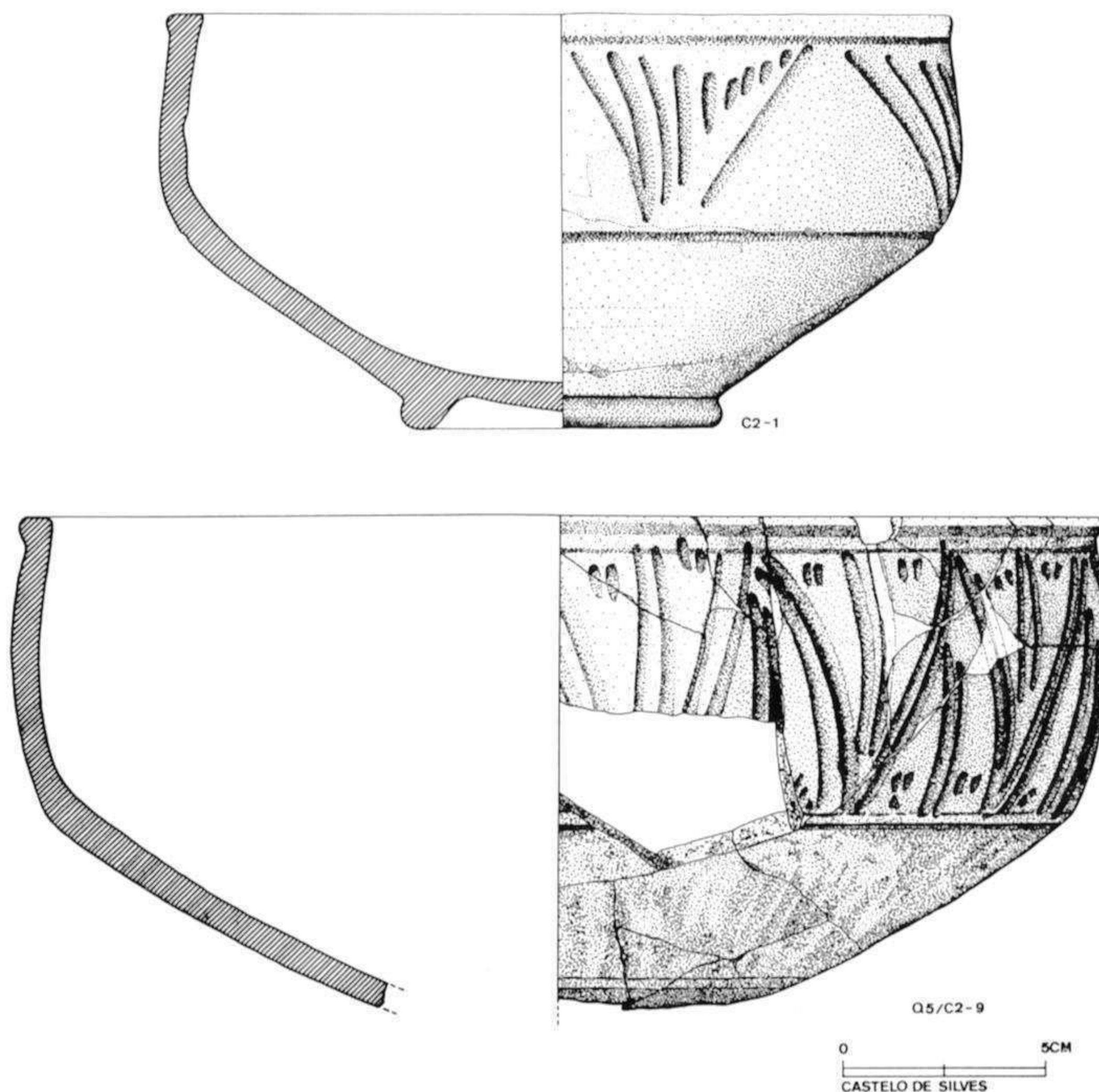
C2-3 – Taça carenada, quase completa, com bordo plano, ligeiramente espessado no exterior, e demarcado por uma incisão. O pé é alto e em anel. A peça mede 0.100 m de altura, 0.213 m de diâmetro no bordo e 0.080 m no pé. A pasta é de cor amarela bastante clara (5Y8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante; de cor verde turquesa na interior, com uma mancha no fundo de tom mais escuro, e de cor verde na exterior.

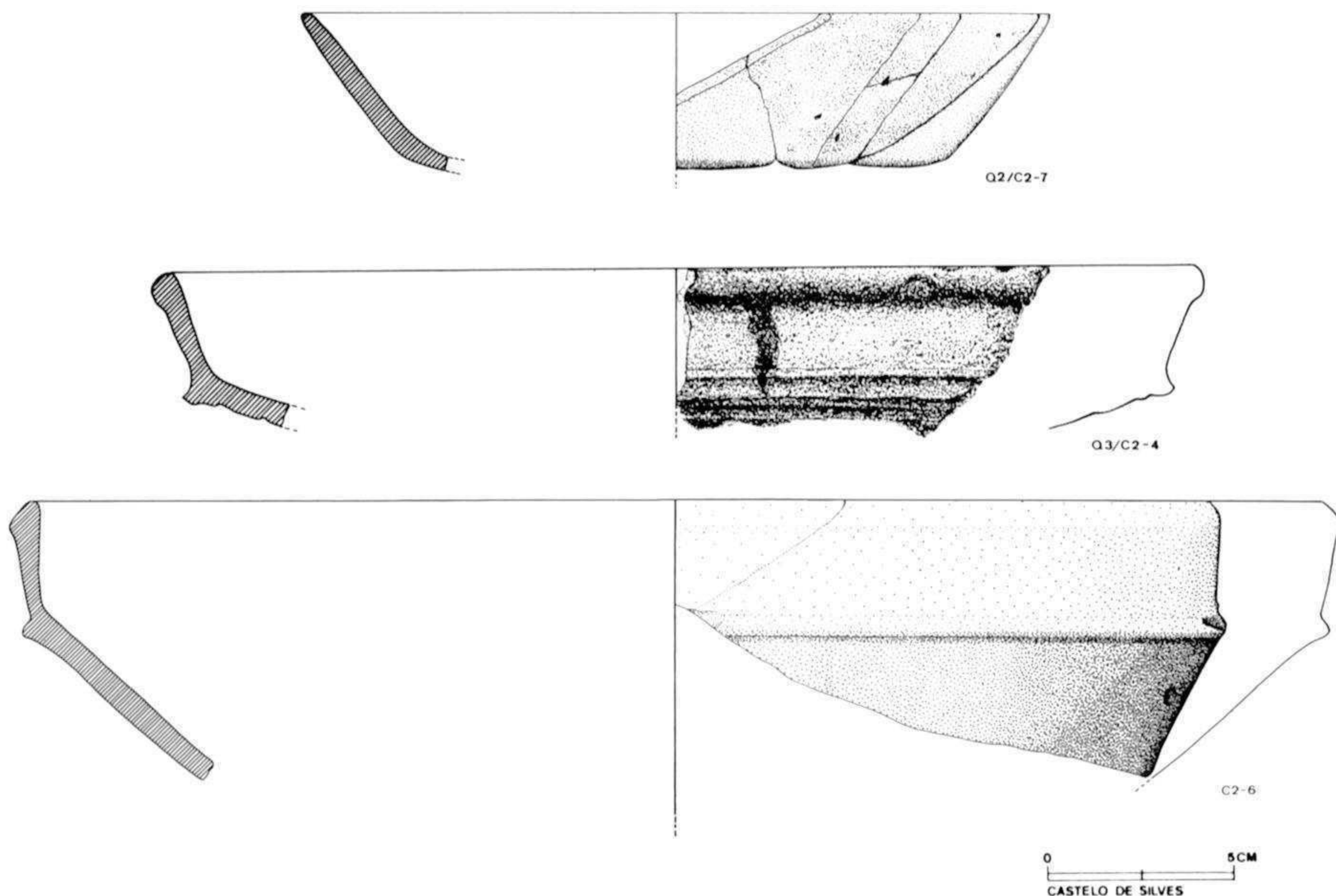


C2-1 – Taça carenada, quase completa, com bordo ligeiramente espessado, no exterior, e demarcado por uma linha incisa. O pé é alto e em anel. O lábio é plano com a face externa semicircular. Mede 0.100 m de altura, 0.180 m de diâmetro no bordo e 0.075 m no pé. A pasta é de cor amarela bastante clara (5Y8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor amarela. A 0.046 m da já referida linha incisa, sob o bordo, existe uma outra, sobre a carena, delimitando uma cartela. Esta mostra, no interior, decoração constituída por cinco motivos florais estilizados, do tipo palmeta, dispostos em linha. Cada palmeta é delimitada por dois traços longos, em V, e cujo interior é preenchido

por oito traços de tamanho decrescentes. O espaço definido entre estes motivos tem forma de arco. Esta teoria decorativa foi realizada através de incisão, larga mas pouco profunda, antes da cozedura. O interior destes motivos apresenta tom mais escuro, que o resto da peça, tal como alguns escorrimentos junto ao pé.

Q5/C2-9 – Fragmento, de grande taça carenada, com porção da parede e do bordo. Este é extrovertido e demarcado, exteriormente, por uma incisão larga. O lábio é plano e o diâmetro do bordo seria de 0.264 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte aderente, mas já pouco brilhante, sendo a interior de cor verde clara e a exterior de cor verde escura. A superfície exterior oferece decoração (delimitada por quatro linhas incisadas, duas de cada lado, que formam uma cartela horizontal) constituída por elementos florais estilizados. Estes foram executados através de incisão larga mas pouco profunda. Os motivos representam palmetas, muito sintéticas, construídos com traços duplos, em forma de V, delimitando triângulos. O seu interior contém dois traços paralelos, verticais, e dois pontos a cada um dos lados. Esta ornamentação tem tom mais escuro que o das superfícies.

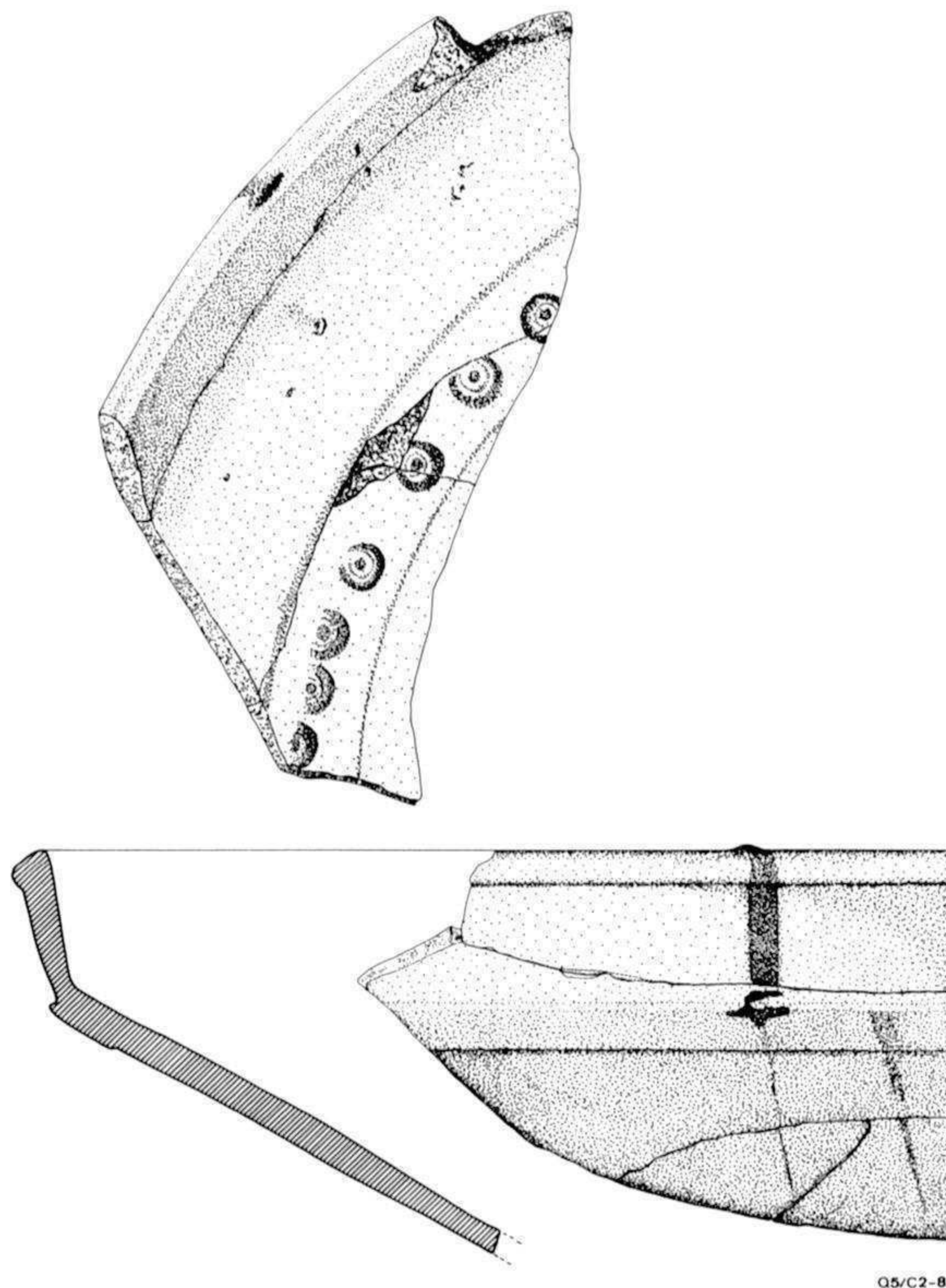




Q2/C2-7 – Fragmento, de taça carenada, com porção da parede e do bordo. O lábio apresenta secção semicircular e o diâmetro do bordo seria de 0.198 m. A pasta é cor-de-laranja (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde turquesa.

Q3/C2-4 – Fragmento, de grande taça com carena acusada, possuindo porção da parede e do bordo. Este é espessado e encontra-se demarcado exteriormente, por uma linha incisa. O lábio apresenta perfil semicircular. O diâmetro do bordo mediria 0.272 m. A pasta é de cor rosada quase branca (5YR8/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde, sendo um pouco mais escuro na superfície interior. A carena, a 0.027 m do bordo, é demarcada por duas linhas incisadas, paralelas entre si e ao bordo, separadas 0.005 m. A superfície da parede exterior mostra, ainda, uma linha esmaltada, escorrida, de tom mais escuro.

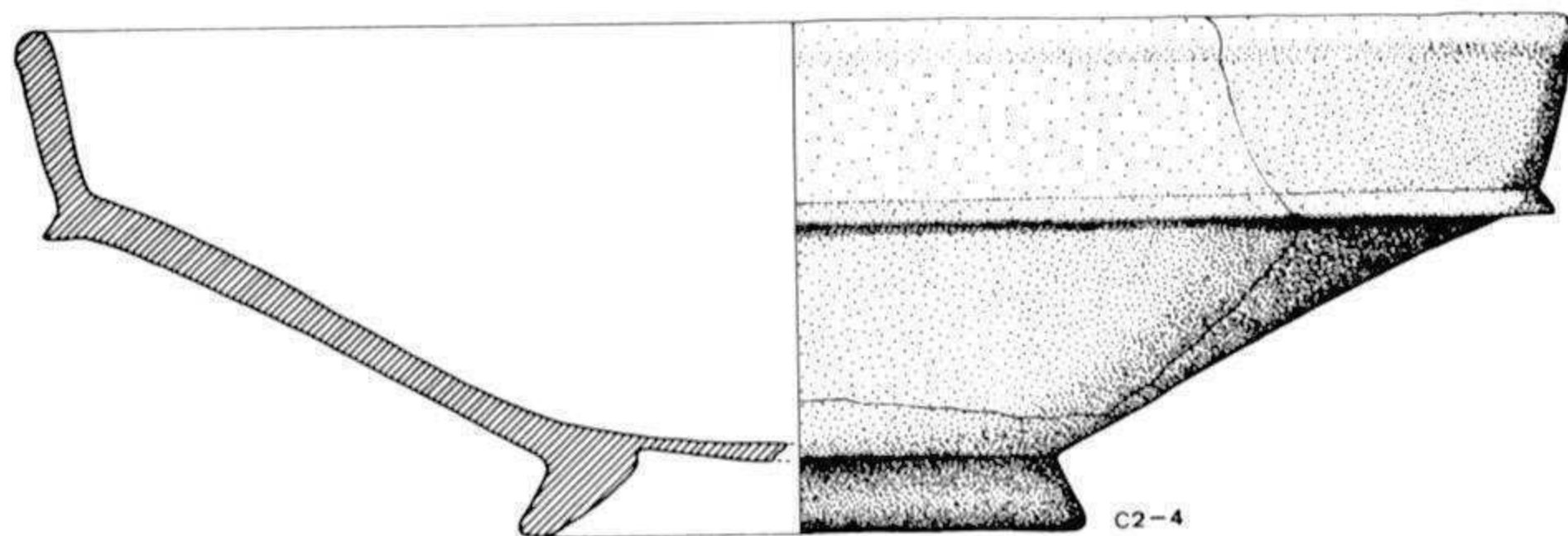
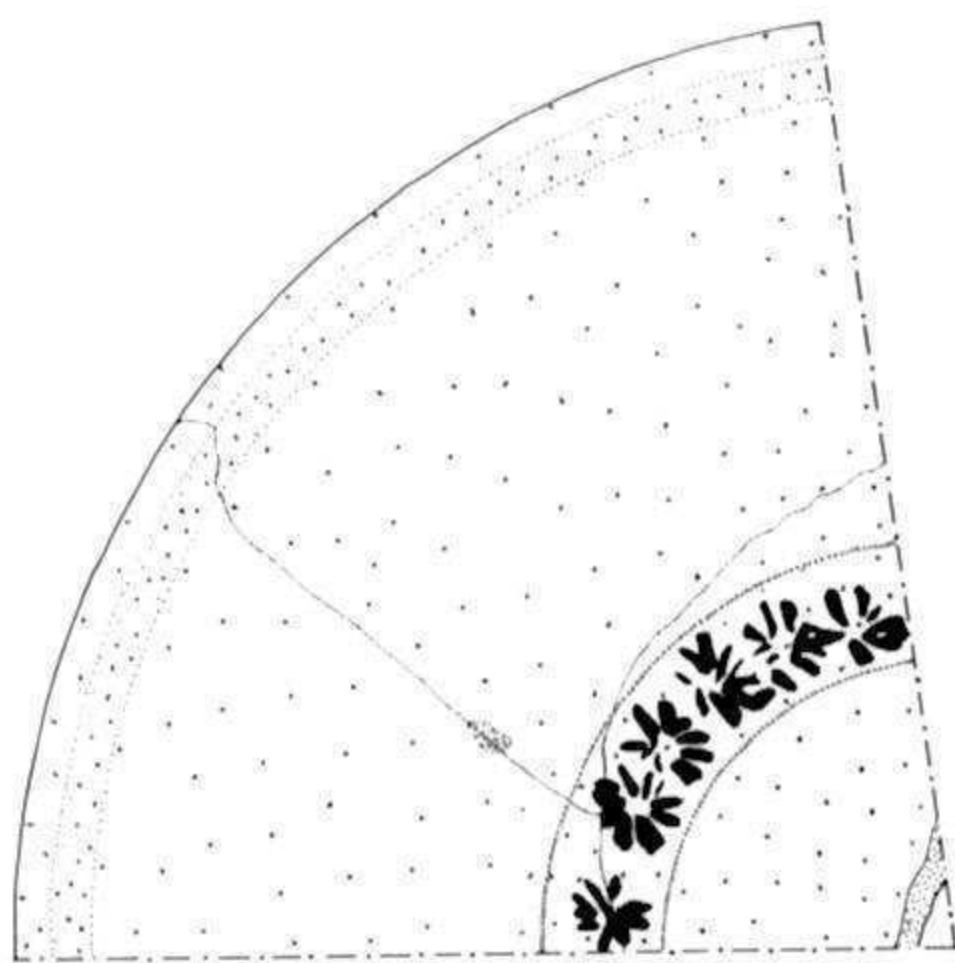
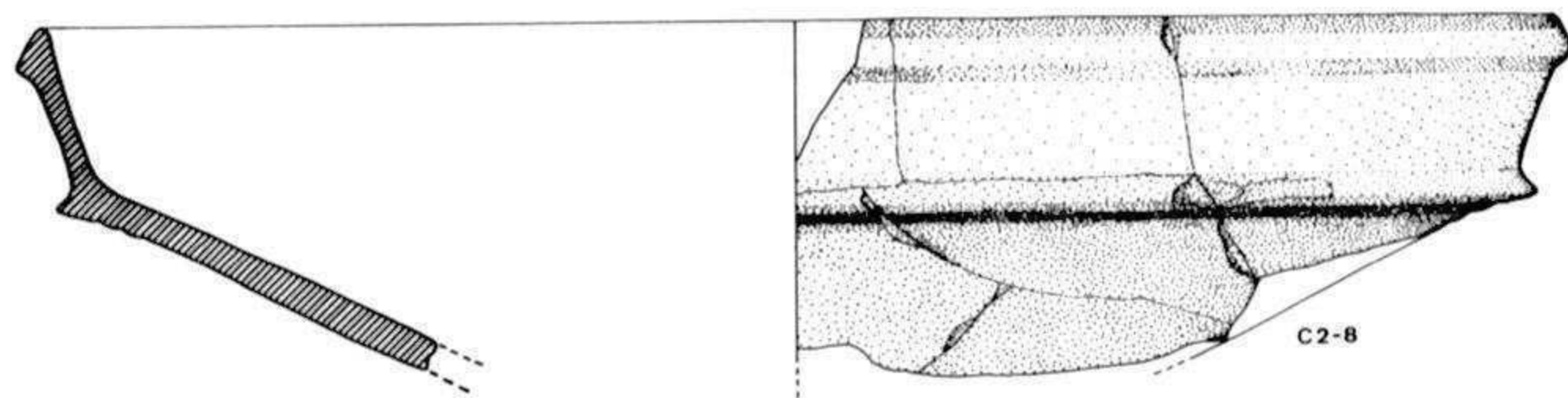
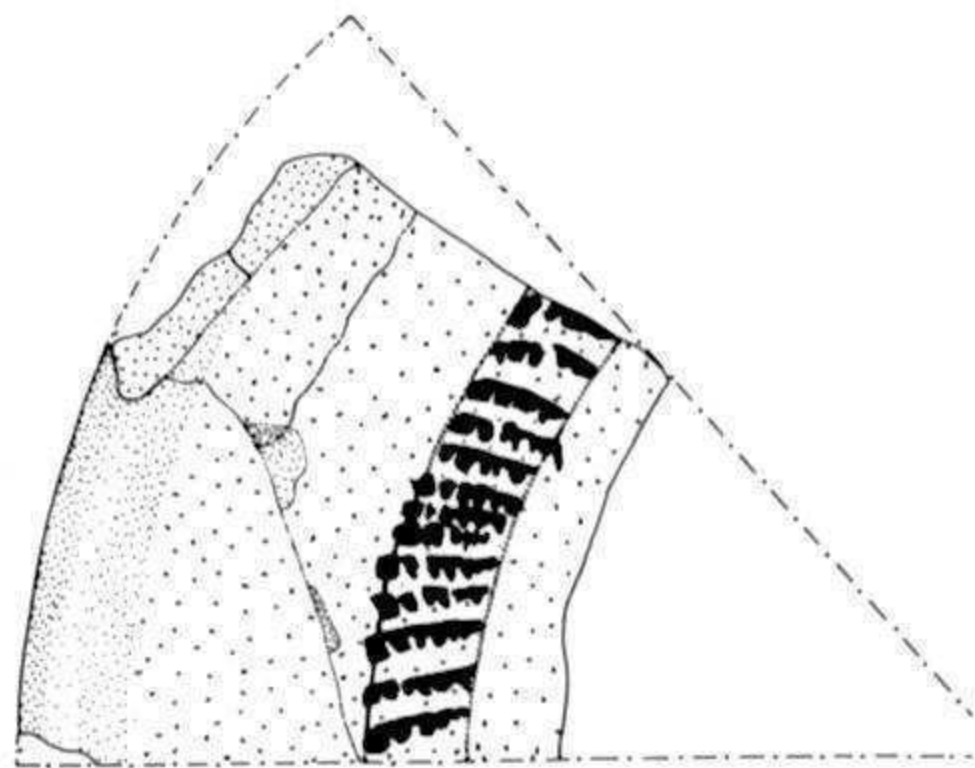
C2-6 – Fragmento, de grande taça com carena alta e acusada, possuindo porção do bordo. Este é espessado e apresenta lábio em bisel. O diâmetro do bordo seria de 0.410 m. A carena encontra-se bem demarcada. A pasta é de cor bege (7.5YR8/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante; de cor verde, na superfície interna e na externa até à carena, e de tom amarelado na parede sob a carena. Esta variação cromática valoriza plasticamente a peça.



Q5/C2-8

0 5CM
CASTELO DE SILVES

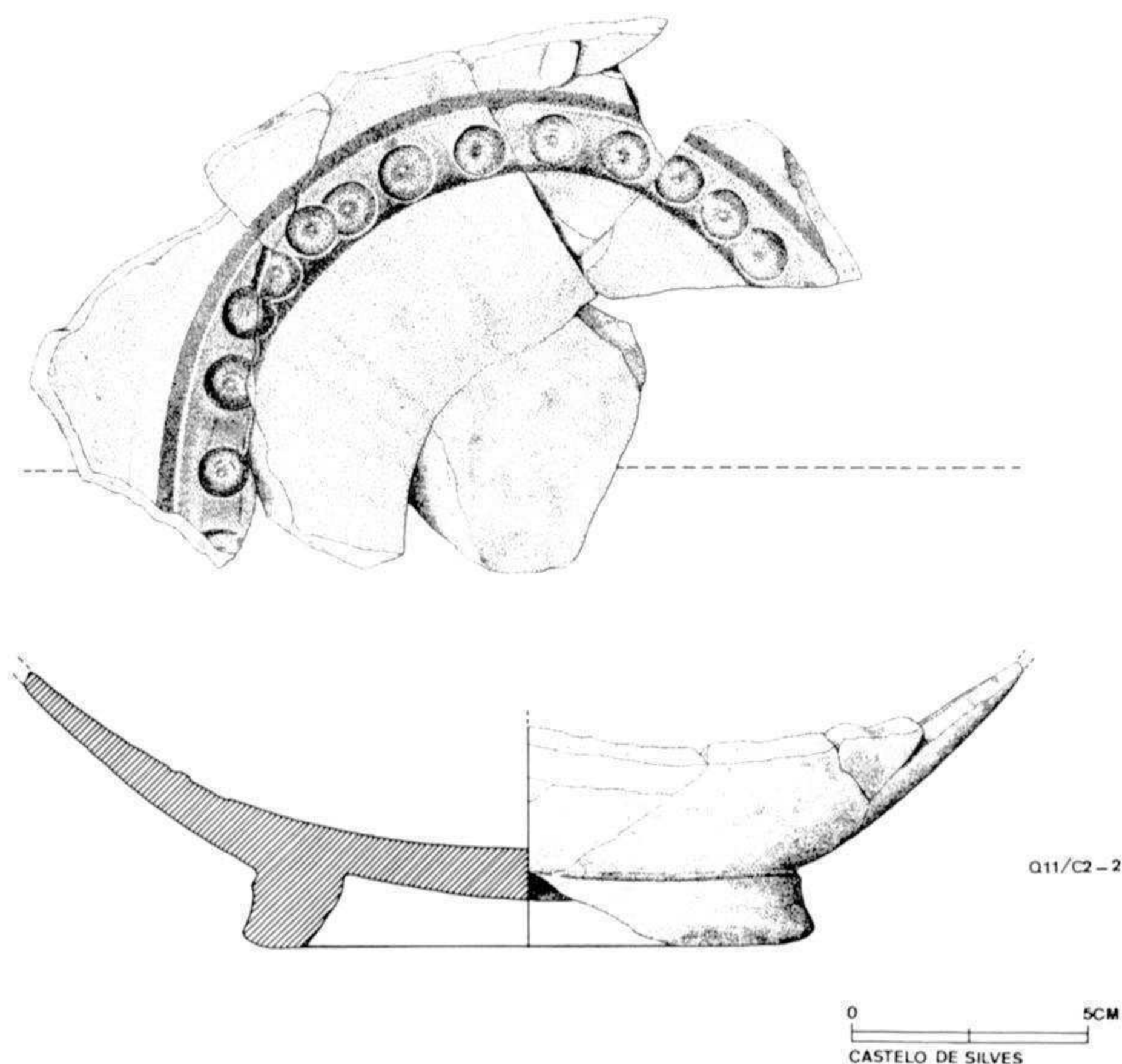
Q5/C2-8 – Fragmento, de grande taça com carena acusada, possuindo porção da parede e do bordo. Este é espessado, exteriormente, e demarcado por uma incisão. O lábio é algo biselado e o seu diâmetro seria de 0.423 m. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), bastante homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde na superfície interna, onde apresenta uma linha escorrida de tom mais escuro, e de cor verde clara na externa. A superfície interna oferece, no fundo, duas linhas incisadas, paralelas ao bordo, que delimitam uma cartela, em forma de coroa circular, ornamentada com estampilhas. Estas são constituídas por dois pequenos círculos, concêntricos, medindo 0.012m de diâmetro.

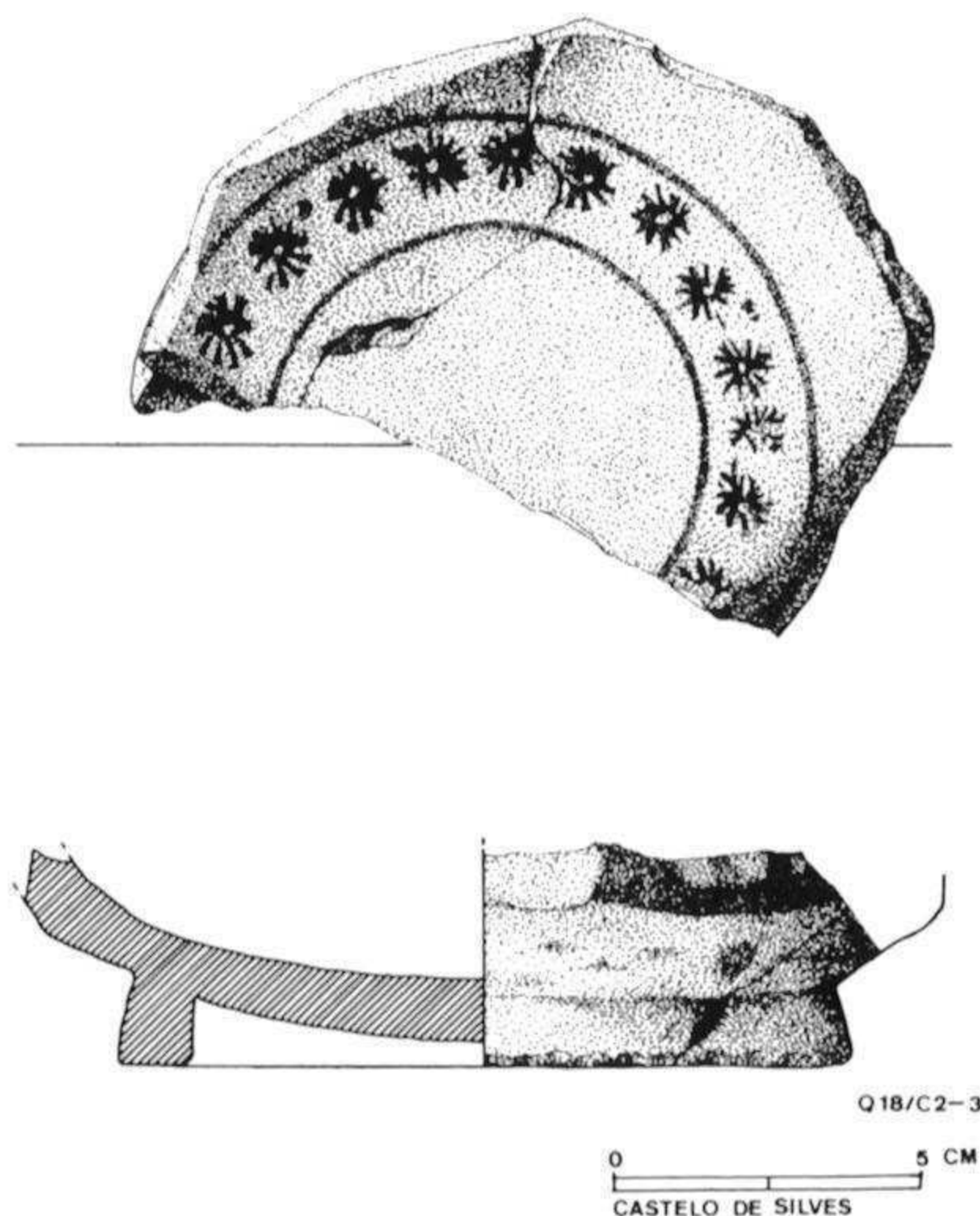


0 5CM
CASTELO DE SILVES

C2-8 – Fragmento, de taça com carena acusada, possuindo porção do bordo. Este é espessado no exterior e o lábio apresenta biselamento. O diâmetro do bordo seria de 0.245 m. A pasta é de cor amarela muito clara (5Y8/3), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. A meio da superfície interna apresenta duas linhas, incisadas, dispostas em círculo e que delimitam uma cartela, em forma de coroa circular, com 0.015 m de largura. Esta foi decorada através de uma matriz, em forma de pente com seis dentes, impressa radialmente. Na parede externa, sob a carena, mostra duas linhas incisadas dispostas paralelamente e na horizontal.

C2-4 – Taça com carena acusada, quase completa. O bordo é demarcado, no exterior, por uma linha incisada. O lábio apresenta secção semicircular. O pé é alto e em anel. A peça mede 0.080 m de altura, 0.235 m de diâmetro no bordo e 0.082 m no pé. Este tem 0.013 m de altura máxima. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte aderente, mais brilhante no interior, de cor verde clara, um pouco amarelada, na superfície exterior e de cor verde na interior. Esta última mostra, no fundo, uma cartela em forma de coroa circular, paralela ao bordo, constituída por duas linhas incisadas concêntricas, com 0.015 m de largura, ornamentada por estampilhagem. As estampilhas representam motivos florais estilizados, com pequenas pétalas radiais, e medem 0.012 m de diâmetro.





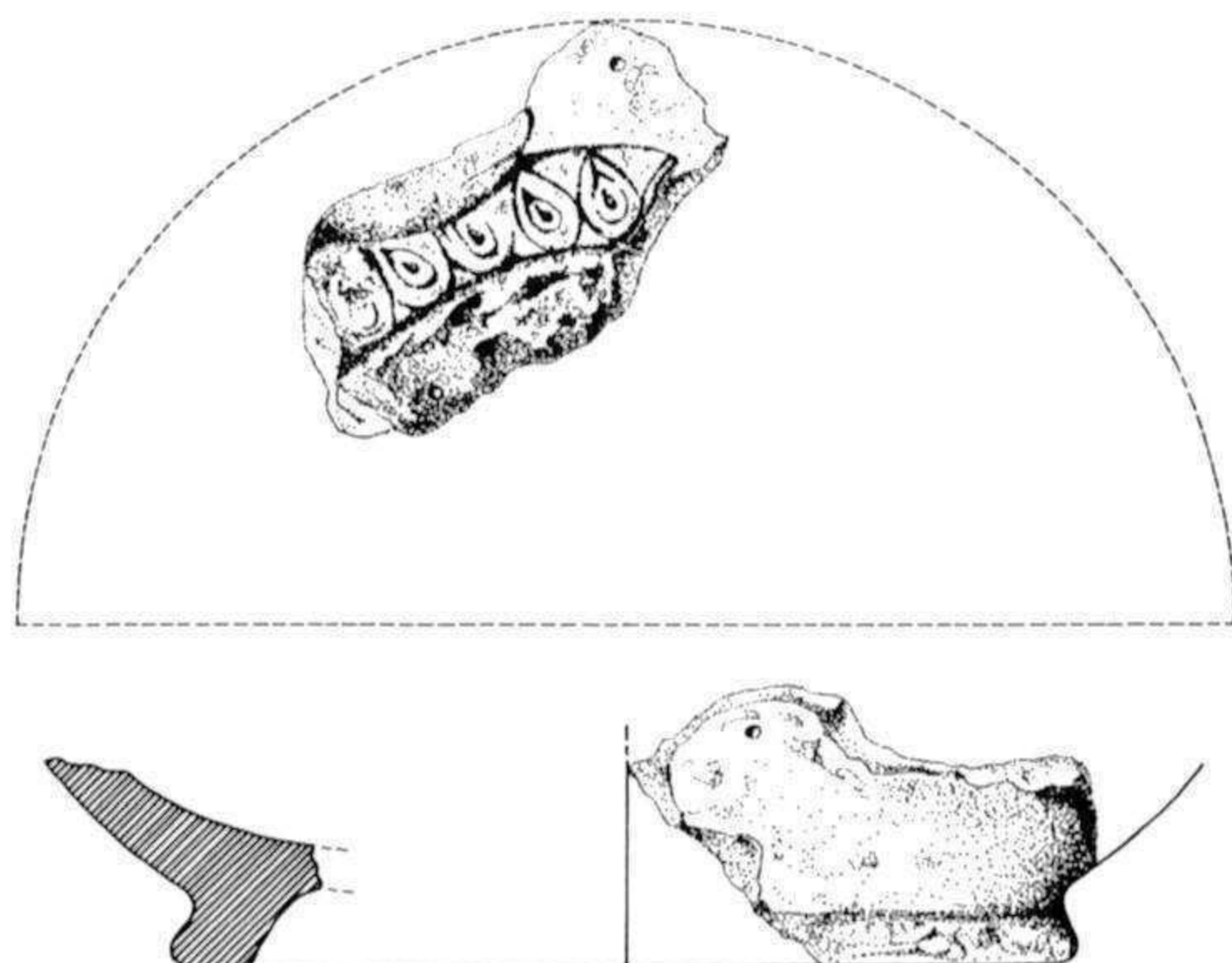
Q18/C2-3

0 5 CM
CASTELO DE SILVES

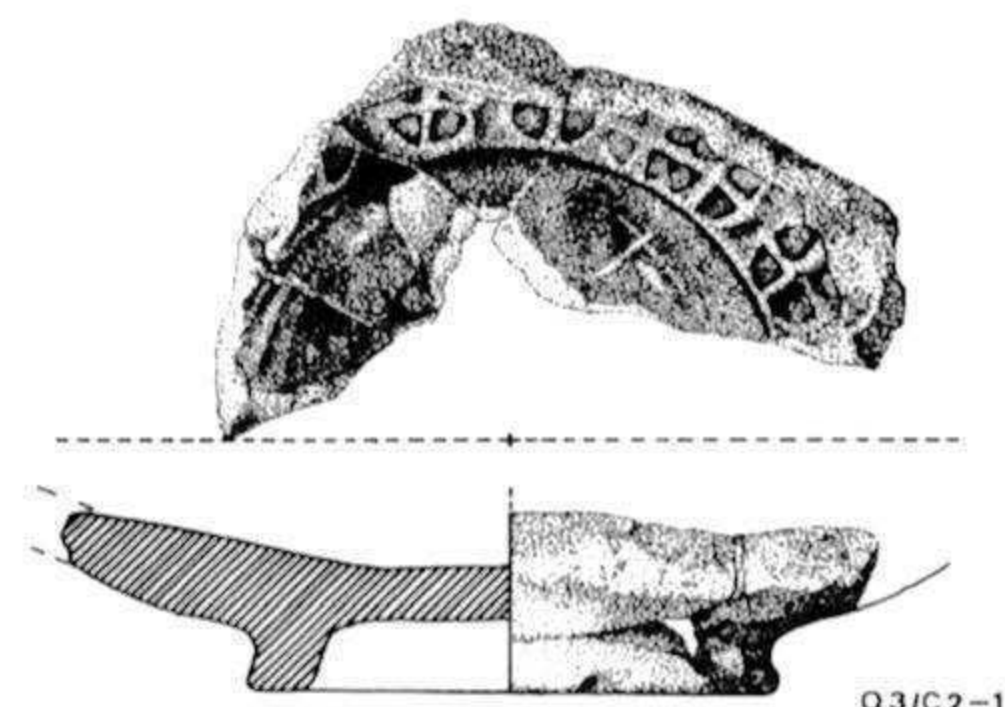
Q11/C2-2 – Fragmento, de grande taça, com porção do fundo e o pé, espesso e alto, em anel. O diâmetro do pé seria de 0.115 m e tem 0.015 m de altura máxima. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde clara na externa e de tom mais escuro na interna. Esta mostra, no fundo, decoração estampilhada inserida numa cartela, formada por dois círculos concêntricos incisos, com 0.019 m de largura. A estampilha é constituída por dois pequenos círculos concêntricos, com 0.011 m de diâmetro.

Q18/C2-3 – Fragmento, de grande taça, com porção do fundo, e pé, espesso e alto, em anel. O diâmetro deste seria de 0.118 m e tem 0.011 m de altura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde tendo a interior tom mais intenso. Esta mostra, no fundo, dois círculos incisos que definem uma cartela, com 0.019 m de largura, decorada por estampilhagem. A matriz oferece motivos florais, de forma circular, com pequenas pétalas radiais e mede 0.011 m de diâmetro.

Q36/C2-1 – Fragmento, de grande taça, com porção do fundo e do pé, espesso e alto, em anel. O diâmetro deste seria de 0.137 m e tem 0.012 m de altura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente e brilhante em especial no interior, de cor verde. A superfície exterior apresenta tom verde claro e a interior mais intenso. Nesta, reconhecem-se, no fundo, restos de uma cartela em forma de coroa circular, com 0.016 m de largura, decorada com estampilhas representando pequenos bolbos dispostos em série. Estes medem 0.015 m de altura e são constituídos por três formas concêntricas.



Q36/C2-1



Q3/C2-1



Q3/C2-1 – Fragmento, de taça, com porção do fundo e com o pé em anel. O diâmetro do pé seria de 0.066 m e mede 0.009 m de altura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde clara na externa e de tom mais escuro na interna. Esta, mostra, no fundo, decoração estampilhada, inserida numa cartela em forma de coroa circular. As estampilhas são circulares, e divididas em quatro quadrantes que contêm, por sua vez, um pequeno círculo inscrito.

Q14/C2-3 – Fragmento, de taça, com porção do fundo e o pé, alto, em anel. O diâmetro deste seria de 0.064 m e mede 0.010 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (10R6/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde clara na exterior e de tom escuro na interior. Esta, mostra, no fundo, decoração estampilhada inserida numa cartela em forma de coroa circular. As estampilhas representam pequenas flores, dispostas em série, medindo 0.010 m de diâmetro.

Q14/C2-2 – Fragmento, de taça, com porção do fundo e com o pé em anel. O diâmetro do pé seria de 0.080 m e mede 0.011 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente e brilhante, de cor verde clara na externa e de tom mais escuro na interna. Esta, mostra, no fundo, decoração estampilhada, formada por pequenas flores dispostas em série, inserida numa cartela, em forma de coroa circular, com 0.018 m de largura. As estampilhas medem 0.010 m de diâmetro e oferecem seis pétalas radiais.

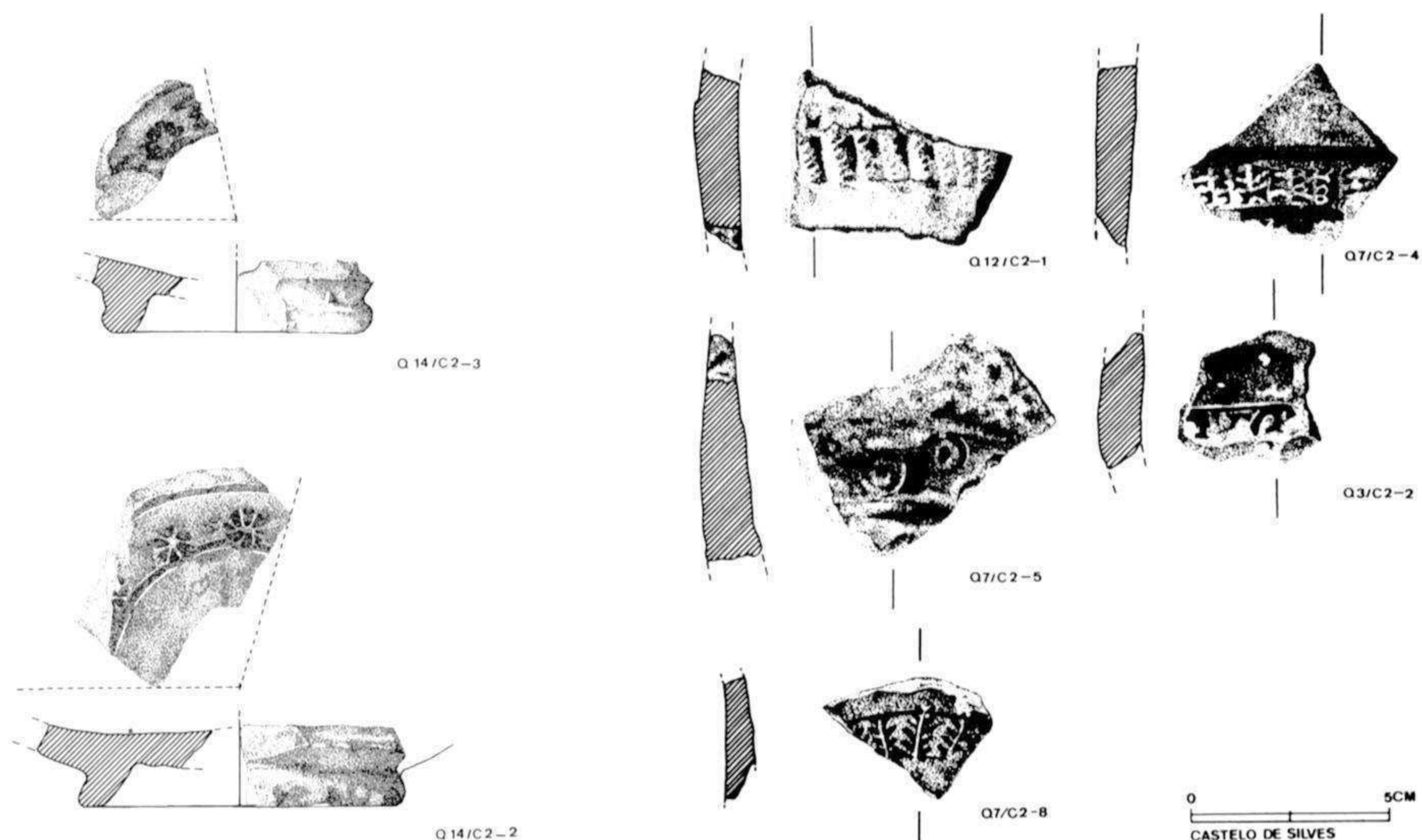
Q12/C2-1 – Fragmento, de uma grande taça, possuindo porção do fundo. Mede 0.011 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte,

aderente e brilhante, de cor verde. A superfície interior oferece tom um pouco mais intenso que a exterior. Mostra os restos de uma cartela, em forma de coroa circular, delimitada por duas linhas incisadas e, medindo 0.014 m de largura, decorada com uma teoria de motivos impressos com «pente» de seis dentes.

Q7/C2-4 – Fragmento, de taça, possuindo porção do fundo. Mede 0.010 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. A superfície interior oferece os restos de uma cartela, com forma de coroa circular, medindo 0.010 m de largura. Esta, está decorada com uma teoria de motivos impressos a «pente».

Q7/C2-5 – Fragmento, de taça, possuindo porção do fundo. Mede 0.019 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície externa mostra esmalte, pouco aderente, de cor verde clara e a interna esmalte, aderente e com algum brilho, de tom mais escuro. Esta, apresenta restos de uma cartela, em forma de coroa circular, com 0.013 m de largura. No interior da cartela observa-se decoração estampilhada, constituída por matrizes impressas em ziguezague, formada por círculos concêntricos que medem 0.011 m de diâmetro.

Q3/C2-2 – Fragmento, de taça, possuindo porção do fundo. Mede 0.011 m de espessura máxima. A pasta é de cor branca (2.5Y8/2), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície externa mostra esmalte, pouco aderente, de cor verde clara e a interna, aderente mas sem brilho, de tom mais escuro. Esta, oferece restos de uma cartela, em forma de coroa circular, decorada por estampilhagem. A matriz utilizada tem forma de círculo e mede 0.012 m de diâmetro.

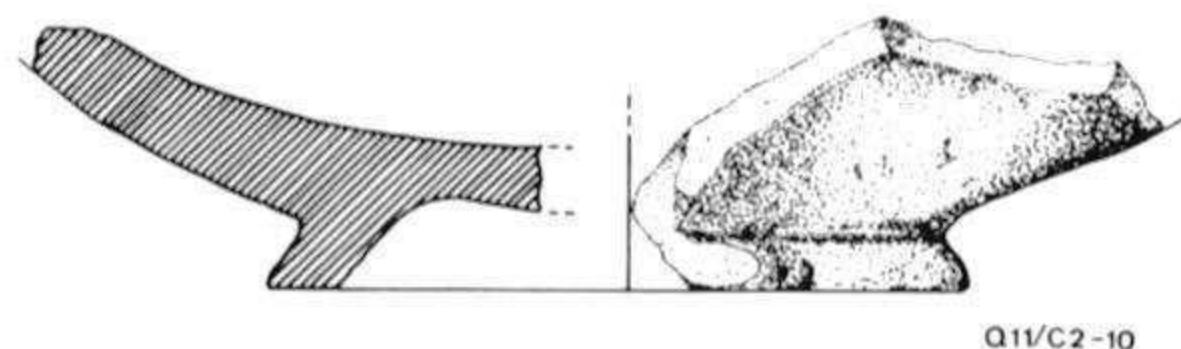


Q7/C2-8 – Fragmento, de taça, possuindo porção do fundo. Mede 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor branca na exterior e de cor verde na interior. Nesta, reconhecem-se os restos de uma cartela, em forma de coroa circular e com 0.012 m de largura, decorada com estampilhas representando motivos fitomórficos ou ramiformes.

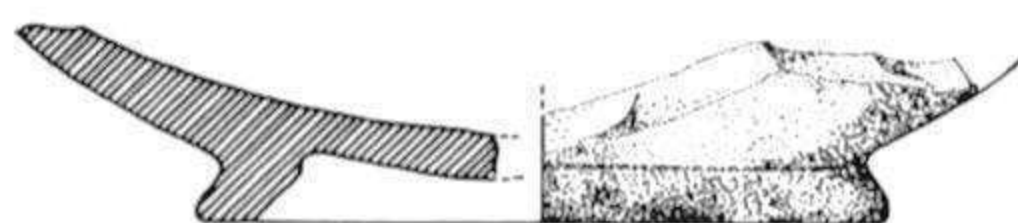
Q11/C2-10 – Fragmento, de taça, com porção do fundo e com o pé em anel. O diâmetro do pé seria de 0.088 m e mede 0.012 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/3), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de barro cozido, de grão fino e alguns, poucos, elementos de grão médio. As superfícies mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde escura na exterior e de tom mais claro, ligeiramente amarelado, na interior.

Q35/C2-1 – Fragmento, de taça, com porção do fundo e com o pé em anel. O diâmetro do pé seria de 0.087 m e mede 0.009 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente e pouco brilhante, de cor verde na interior e de cor verde clara, pouco aderente mas sem brilho, com escorridos, da cor da outra superfície, na exterior. Na superfície exterior, no fundo, reconhece-se uma marca impressa sob o esmalte.

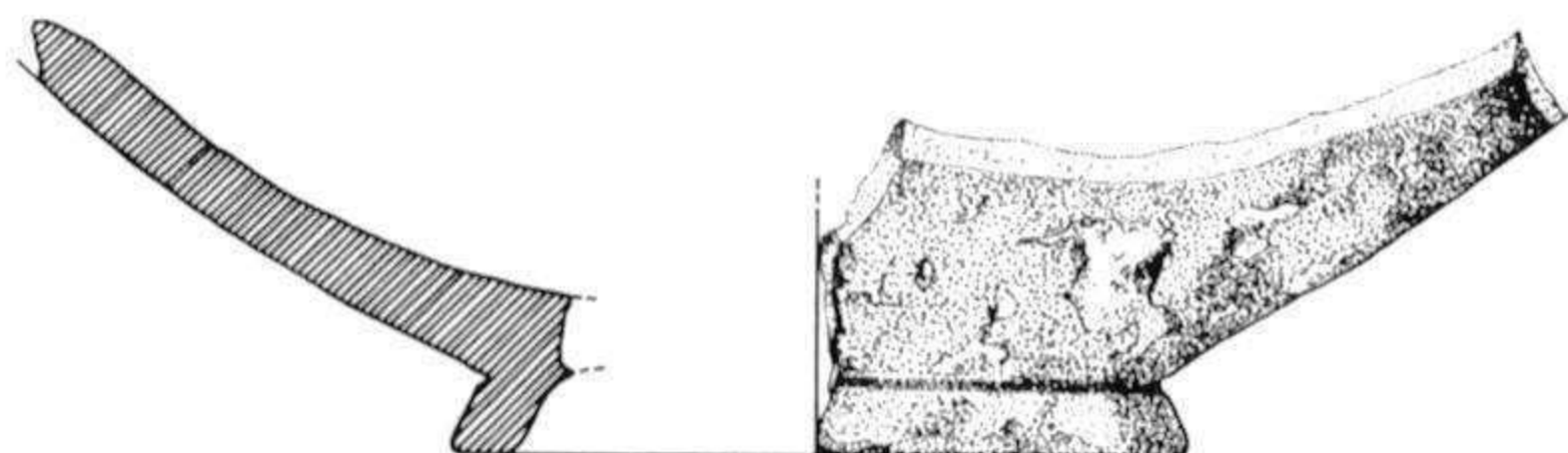
Q14/C2-6 – Fragmento, de taça, com porção do fundo e com o pé em anel. O diâmetro do pé seria de 0.093 m e mede 0.010 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada quase branca (5YR8/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interior mostra esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde e na exterior o esmalte, pouco aderente e sem brilho, é de cor verde clara ligeiramente amarelada.



Q11/C2-10



Q35/C2-1



Q14/C2-6



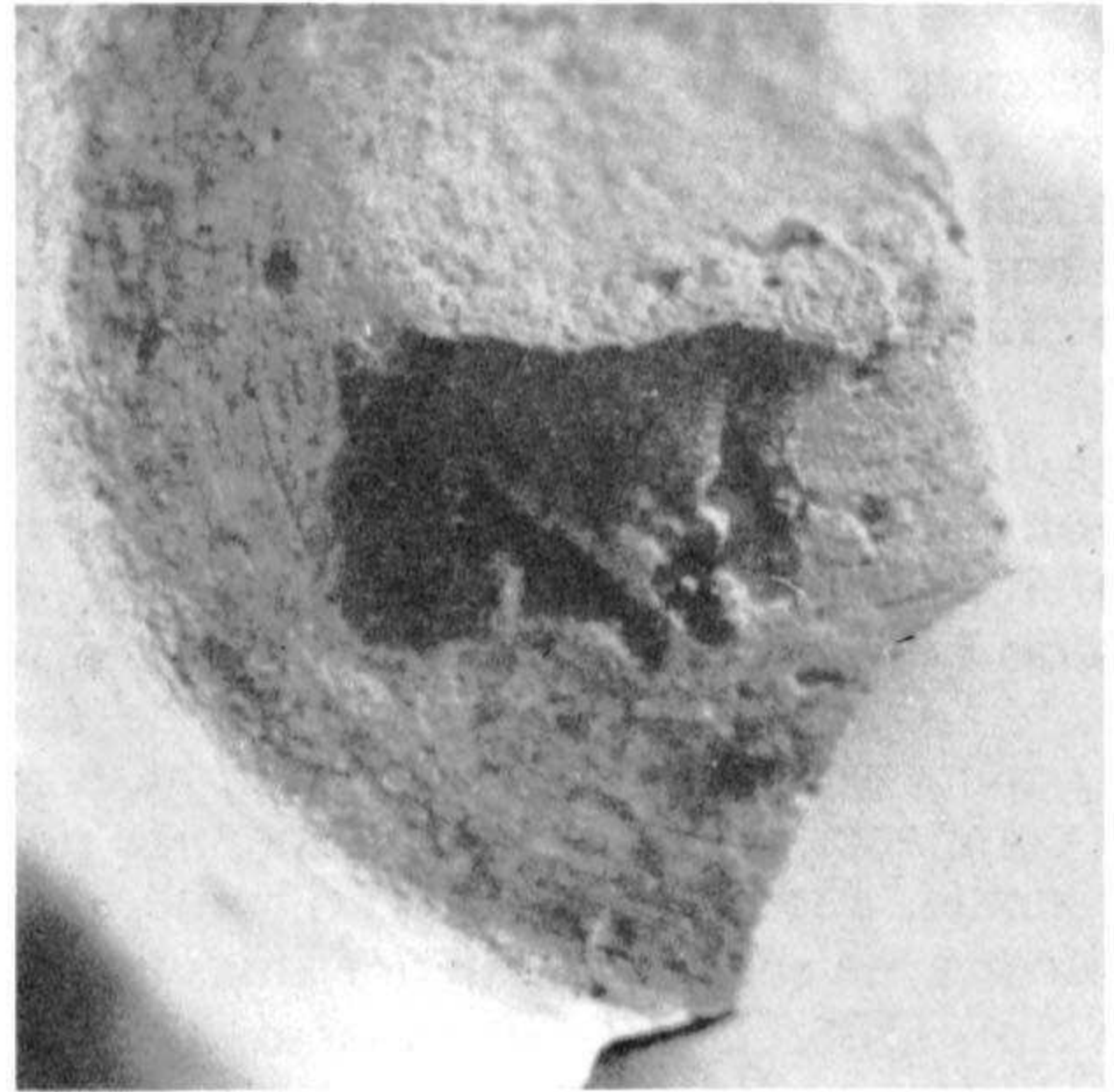
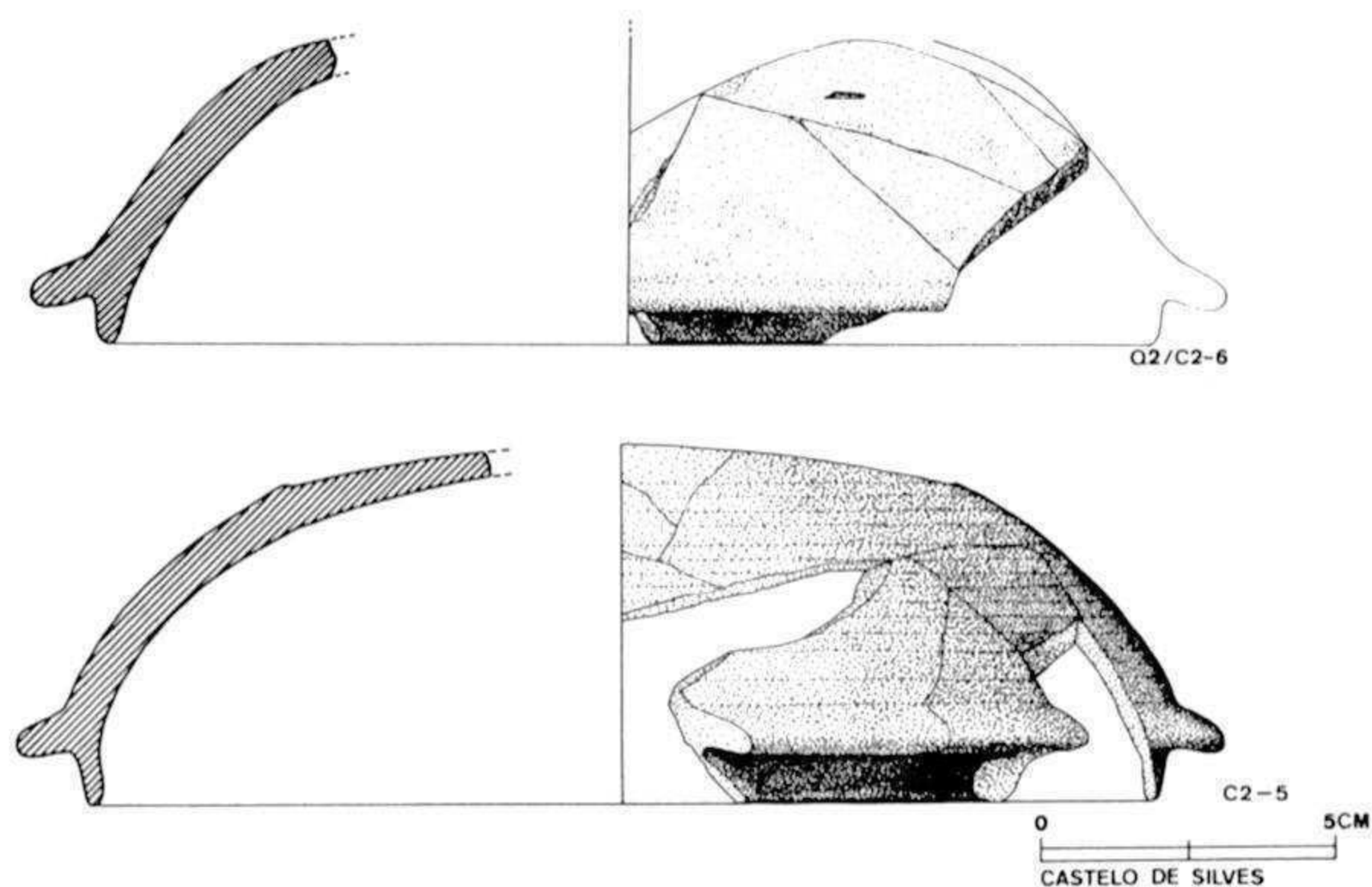


Fig. V. 3. Pormenor, ampliado, de marca epigráfica no exterior do fundo de taça esmaltada (Q35/C2-1).

Q2/C2-6 – Fragmento, de tampa, com porção da parede e fecho hermético. O diâmetro da boca seria de 0.175 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor branca, esverdeada, com escorridos de cor verde.

C2-5 – Fragmento, de tampa, com porção da parede e fecho hermético. O diâmetro da boca seria de 0.175 m. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde amarelada na interior e verde na exterior. Apresenta a superfície mesial, com 0.042 m de largura, decorada por finas caneluras, horizontais, incisadas.



Q18/C2-9 – Tampa, quase completa, de forma hemisférica achatada com fecho hermético e pega. Mede 0.095 m de altura e tem 0.186 m de diâmetro na boca. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor amarela. Mostra três linhas incisivas, paralelas entre si e à boca, uma a meio da parede e duas outras antes da pega. A pega mede 0.030 m de altura e é de forma troncocilíndrica.

Q33/C2-1 – Fragmento, de tampa, com porção da parede e fecho hermético. O diâmetro na boca seria de 0.170 m. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde clara. Mostra, na superfície exterior, duas linhas incisivas, paralelas, sobre o fecho.

Q18/C2-13 – Fragmento, de tampa, com porção da parede e fecho hermético. O diâmetro da boca seria de 0.187 m. A pasta é de cor branca (10YR8/2), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente e pouco brilhante, de cor branca na interior e verde clara na exterior. Mostra, na superfície exterior, duas linhas incisivas, paralelas, junto à parte superior do fecho.

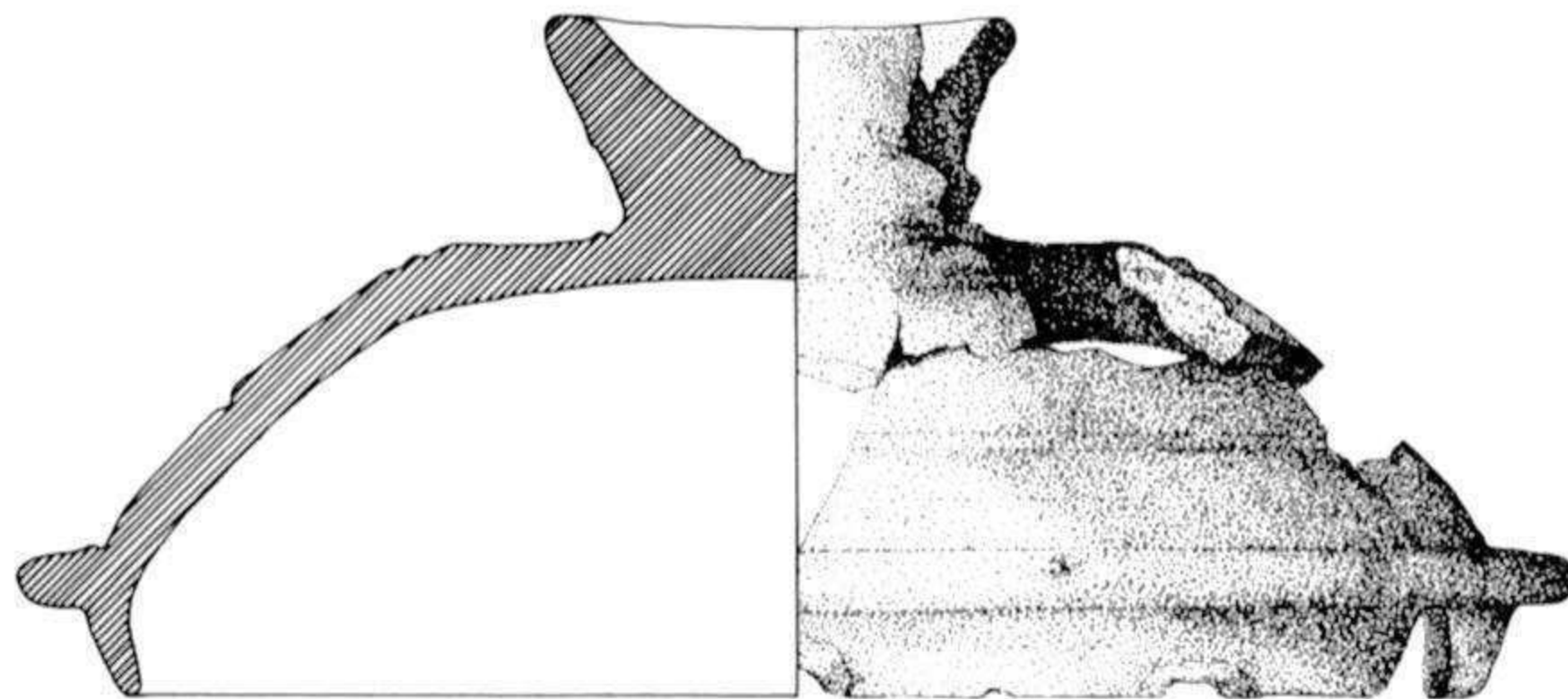
Q38/C2-1 – Fragmento, de tampa, com porção da parede e fecho hermético. O diâmetro da boca seria de 0.166 m. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente e brilhante, sendo na interior de cor verde clara, ligeiramente amarelada, e na exterior de tom mais escuro, em especial, no interior das linhas incisivas que a decoram. Na superfície exterior uma cartela, delimitada por quatro linhas incisivas e paralelas, duas de cada lado, oferece motivos fitomórficos, muito estilizados, em forma de palmeta.

Q11/C2-9 – Fragmento, de tampa, com porção da parede e fecho hermético. O diâmetro da boca seria de 0.167 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor branca na interior e de cor verde turquesa na exterior. Esta, está decorada com linhas horizontais e paralelas (três na parte superior e uma na inferior) e outras verticais formando, com as anteriores, métopas.

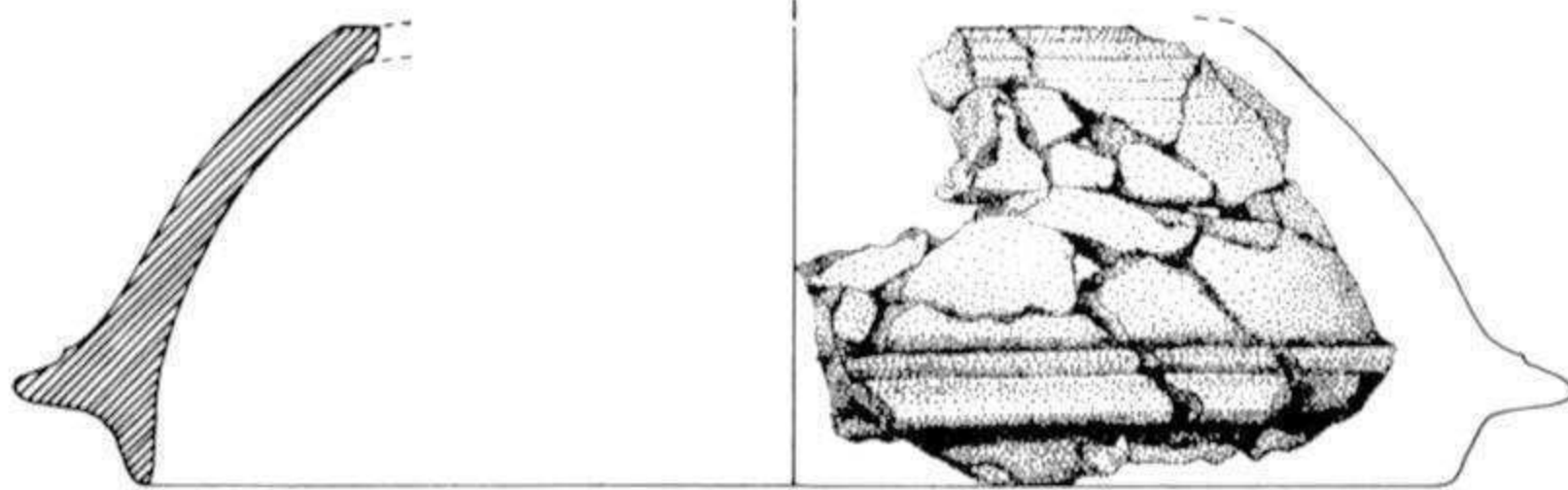
Q33/C2-2 – Fragmento, de jarra, com porção do bordo e uma asa. Tem o bordo ligeiramente introvertido e o lábio oferece perfil semicircular. O diâmetro do bordo seria de 0.105 m. A asa, com perfil oval, apresenta um botão na parte superior. A pasta é de cor rosada (5YR8/3), homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde clara, um pouco amarelada, na interior e verde na exterior. Mostra tom mais escuro sobre o bordo e na parte superior da asa, devido à maior quantidade de esmalte aplicado.

Q11/C2-11 – Fragmento, de jarra, com porção do bordo. Este tem o lábio biselado e ligeiramente extrovertido. O diâmetro do bordo mediria 0.085 m. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. A superfície exterior está decorada por linhas incisivas, paralelas e com 0.003 m de separação, formando canelado. O interior destas linhas mostra tom mais escuro, oferecendo bonita variação cromática.

Q20/C2-4 – Fragmento, de redoma ou garrafa, com porção da parede, do fundo e com o pé em anel. Mede 0.115 m de altura e o diâmetro do pé seria de 0.050 m. A pasta é de cor bege quase branca (7.5YR8/4), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interior mostra esmalte, aderente e pouco



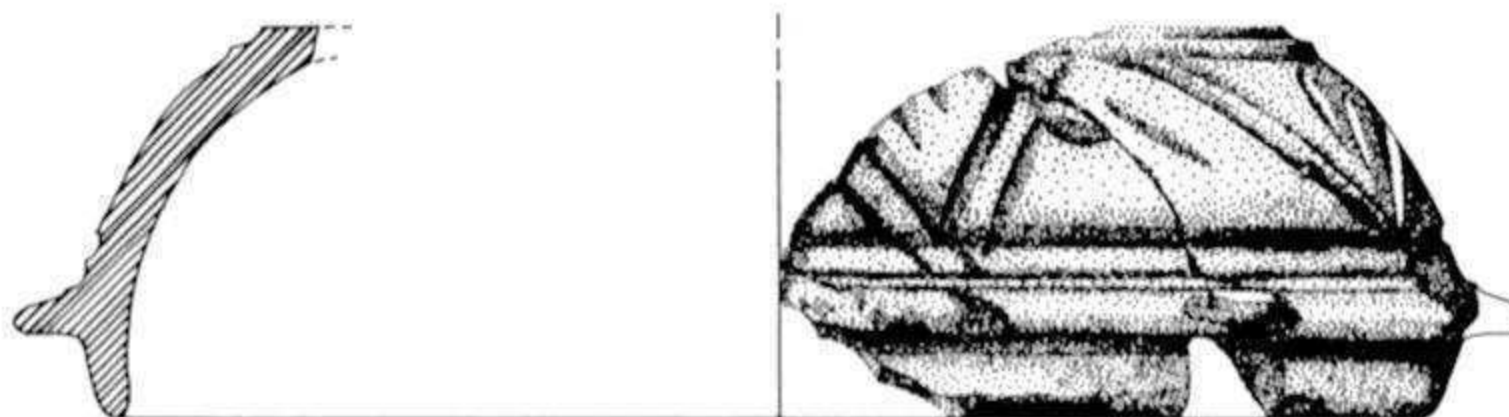
Q18/C2-9



Q33/C2-1



Q18/C2-13

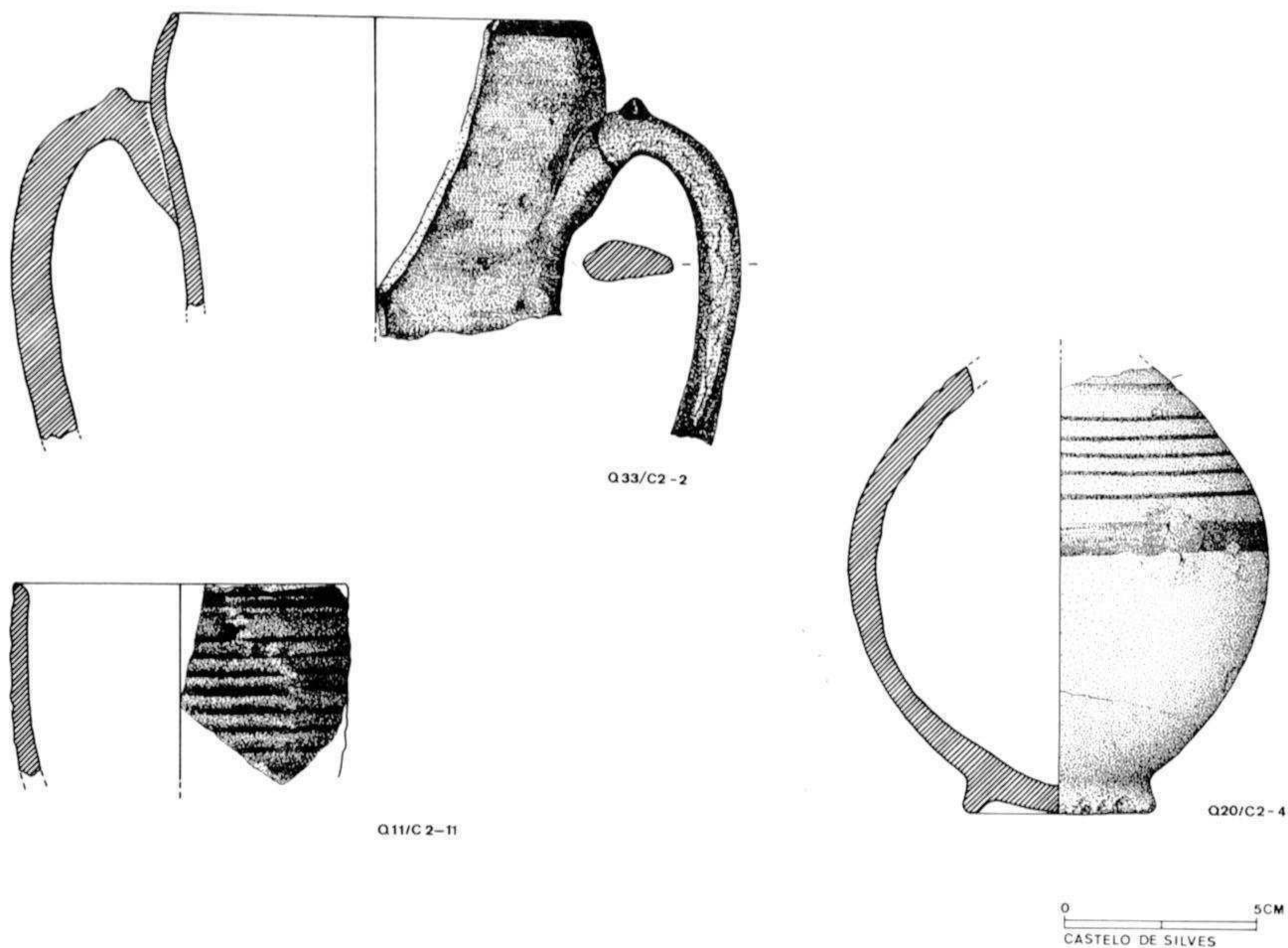


Q38/C2-1



Q11/C2-9

0 5 CM
CASTELO DE SILVES

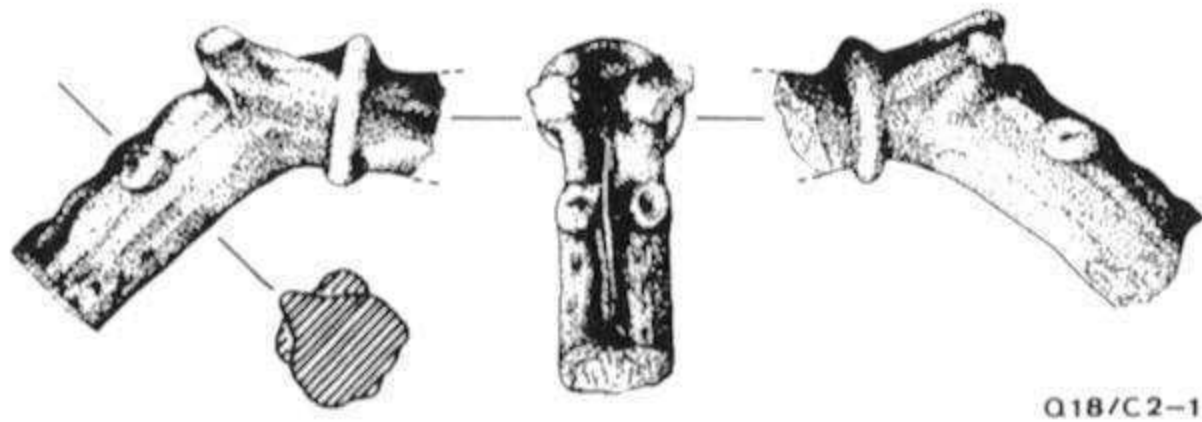


brilhante, de cor verde clara amarelada. A superfície exterior apresenta esmalte, aderente, com algum brilho, de cor branca esverdeada, e decoração com linhas horizontais e paralelas, pintadas de cor negra, sobre uma zona de cor verde turquesa.

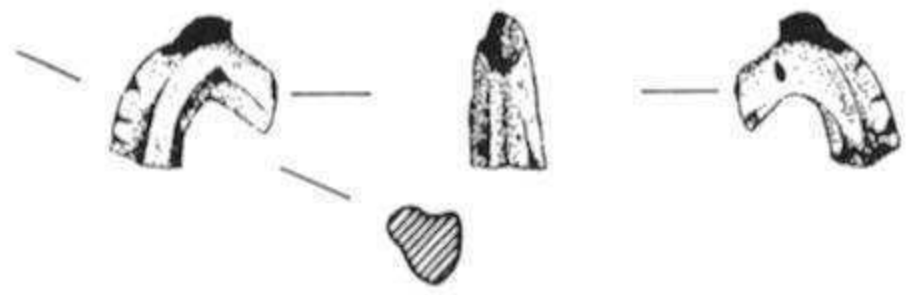
Q18/C2-1 – Fragmento da asa de jarra. Mede 0.050 m de altura e 0.018 m de diâmetro máximo. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), homogénea mas pouco compacta, contendo abundantes elementos, não plásticos, quartzíticos e micáceos de grão médio. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor verde clara. Representa a cabeça de um equídeo, com orelhas e crina bem modeladas, preso por um cabeção. A parte superior da peça mostra esmalte com tom mais escuro.

Q34/C2-2 – Fragmento da asa de pequena jarra. Mede 0.022 m de altura e 0.010 m de diâmetro máximo. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem restos de esmalte de cor verde clara. Representa a cabeça de um equídeo, com os olhos e as crinas marcados através de pequenas incisões.

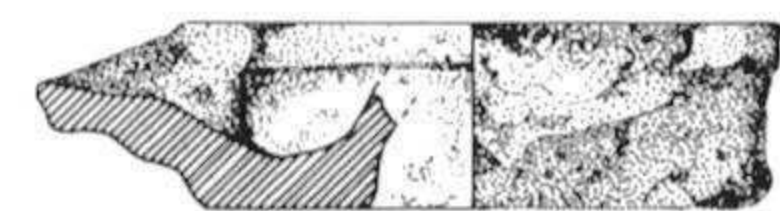
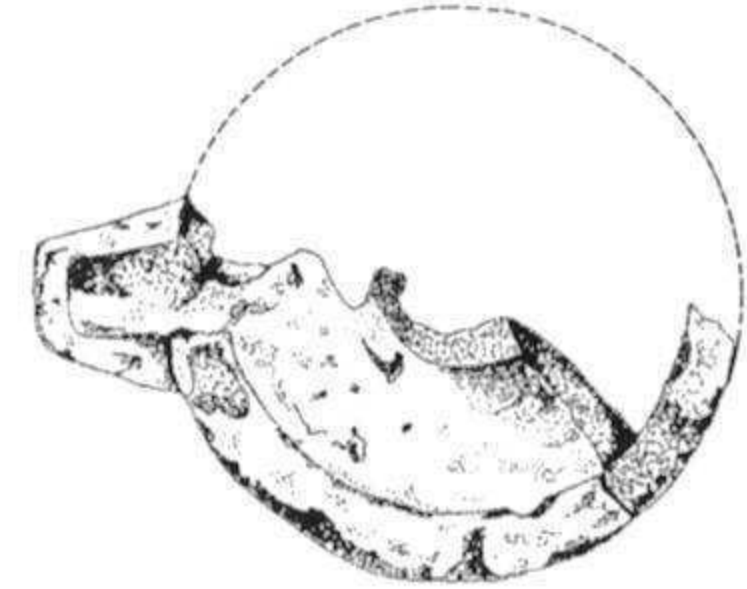
Q8/C2-6 – Fragmento de lucerna, com porção da base, do bico e, possivelmente, de um elemento para suspensão. A base é circular e mede 0.070 m de diâmetro. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interior e o bordo têm esmalte aderente e pouco brilhante, de cor verde turquesa, apresentando a exterior e a base, apenas, restos de esmalte da mesma cor.



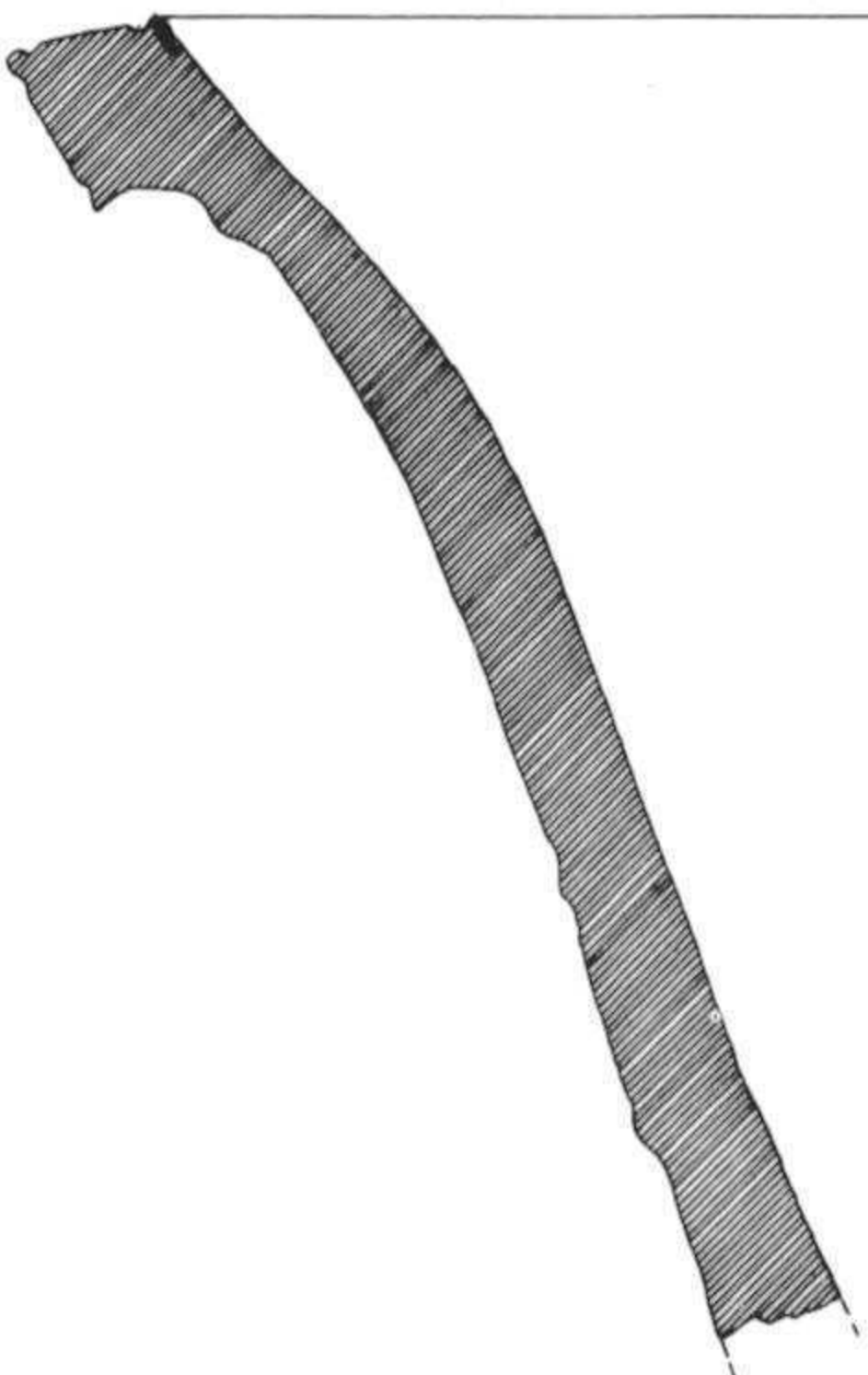
Q18/C2-1



Q34/C2-2



QB/C2-6



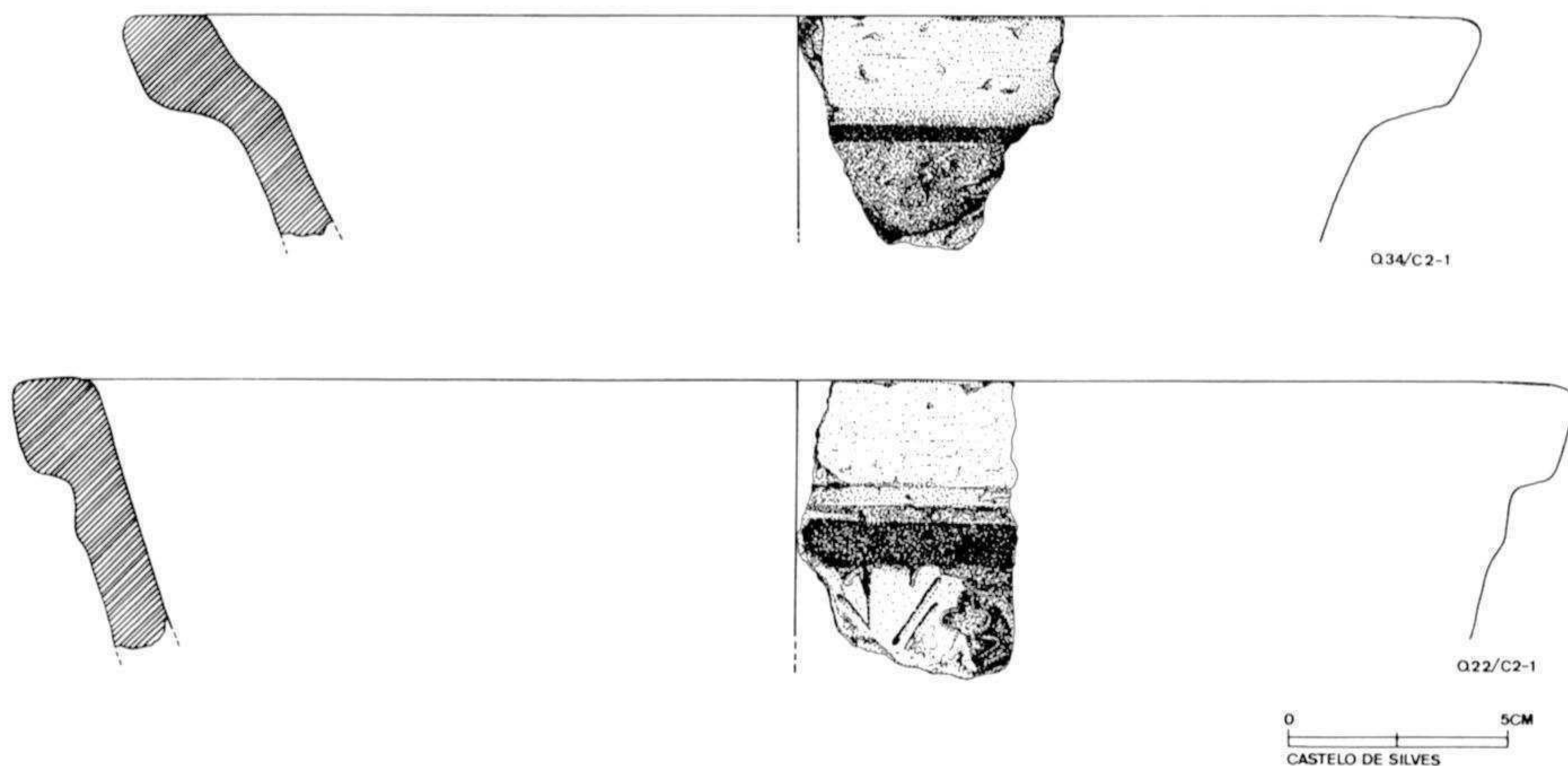
Q.18/C2-10

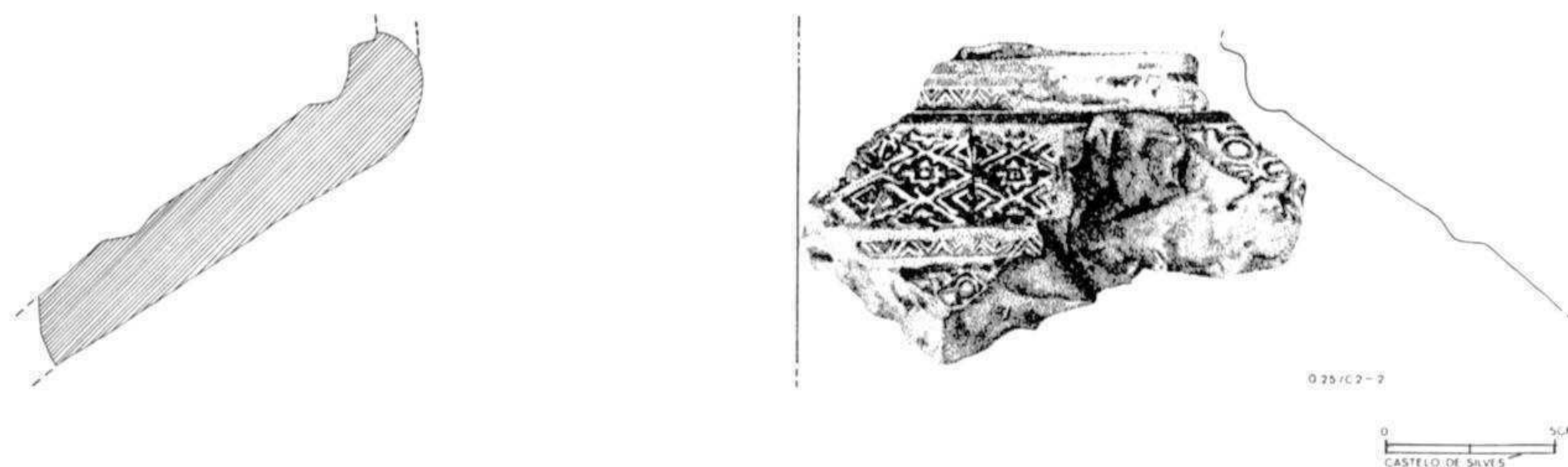


Q18/C2-10 – Fragmento, de talha, com porção do bordo e parte do gargalo. O bordo é extrovertido, apresenta lábio com perfil rectangular, e mede 0.403 m de diâmetro. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, quartzíticos e micáceos de grão médio a fino. A superfície interior e a parte superior do bordo mostram aguada de tom mais claro que o da pasta. A superfície exterior apresenta esmalte, aderente e muito brilhante, de cor verde, com reflexos prateados, e escorridos de cor verde escura. Esta superfície está decorada com estampilhas geométricas, representando losangos, impressas em série sobre o lábio, debaixo deste e em três linhas ou bandas sucessivas sobre o gargalo. Estas estampilhas estão separadas por linhas profundamente incisadas. A ornamentação deste fragmento é conseguida não só através do esmalte, de óptima qualidade, como pelas estampilhas a que se associam as linhas escorridas de cor verde mais escura; oferecendo variações cromáticas e transparências sugerindo a própria água que a peça deveria conter.

Q34/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção do bordo. Este é extrovertido, o lábio oferece perfil rectangular, e mediria 0.300 m de diâmetro. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interior e todo o bordo apresentam aguada de tom mais claro que o da pasta. A superfície exterior e a parte inferior do bordo mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde.

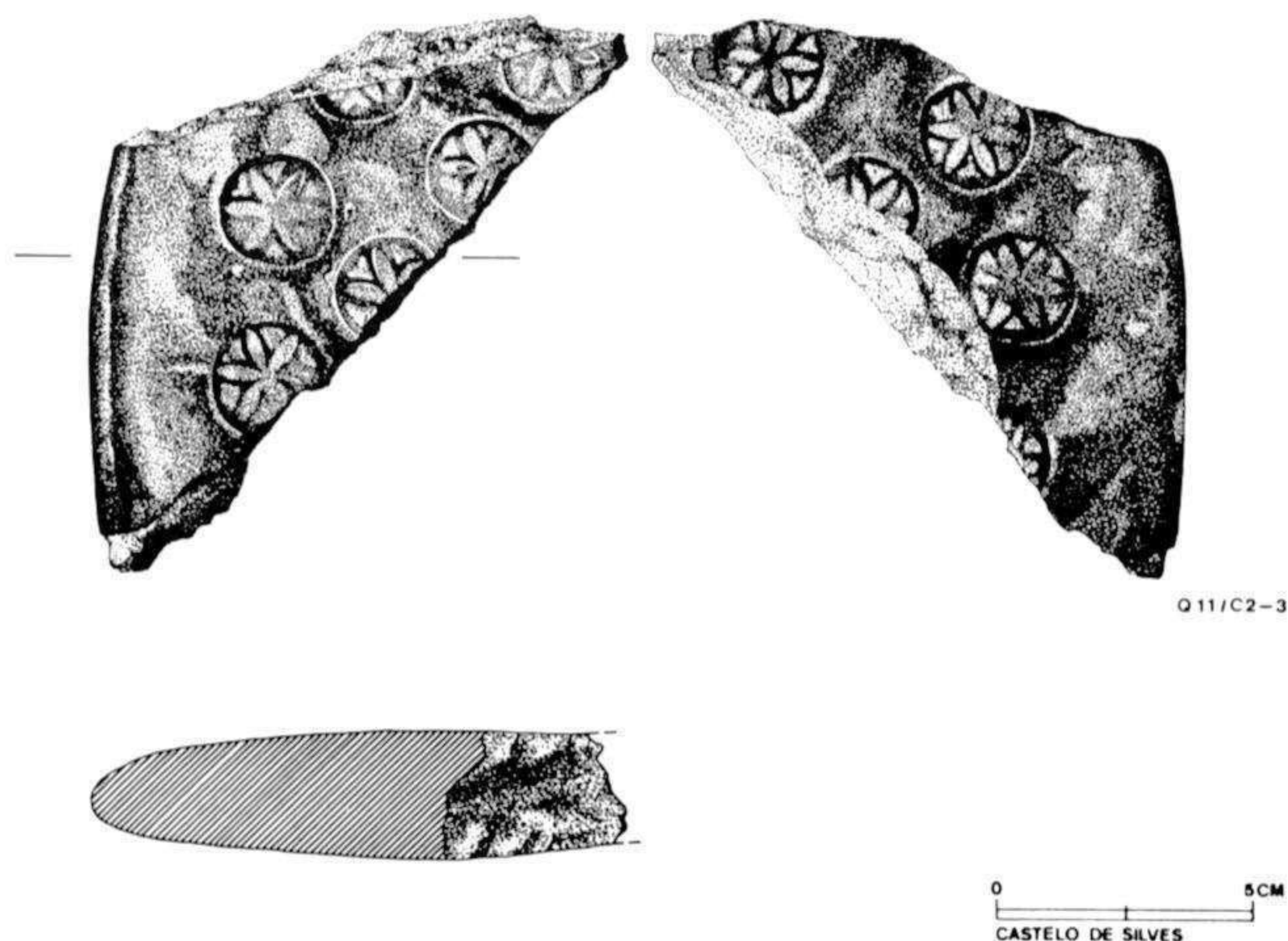
Q22/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção do bordo. Este é extrovertido, demarcado exteriormente por uma linha incisa, oferece lábio com perfil rectangular e mediria 0.346 m de diâmetro. A pasta é de cor cinzenta clara (10YR7/1), homogénea e compacta, contendo muitos elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interior e o bordo apresentam aguada de cor bege clara. A superfície exterior e a área sob o bordo mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. Reconhecem-se os restos de uma estampilha, com motivo arquitectónico, sob o bordo; também esmaltada, de cor verde, mas de tom intenso.

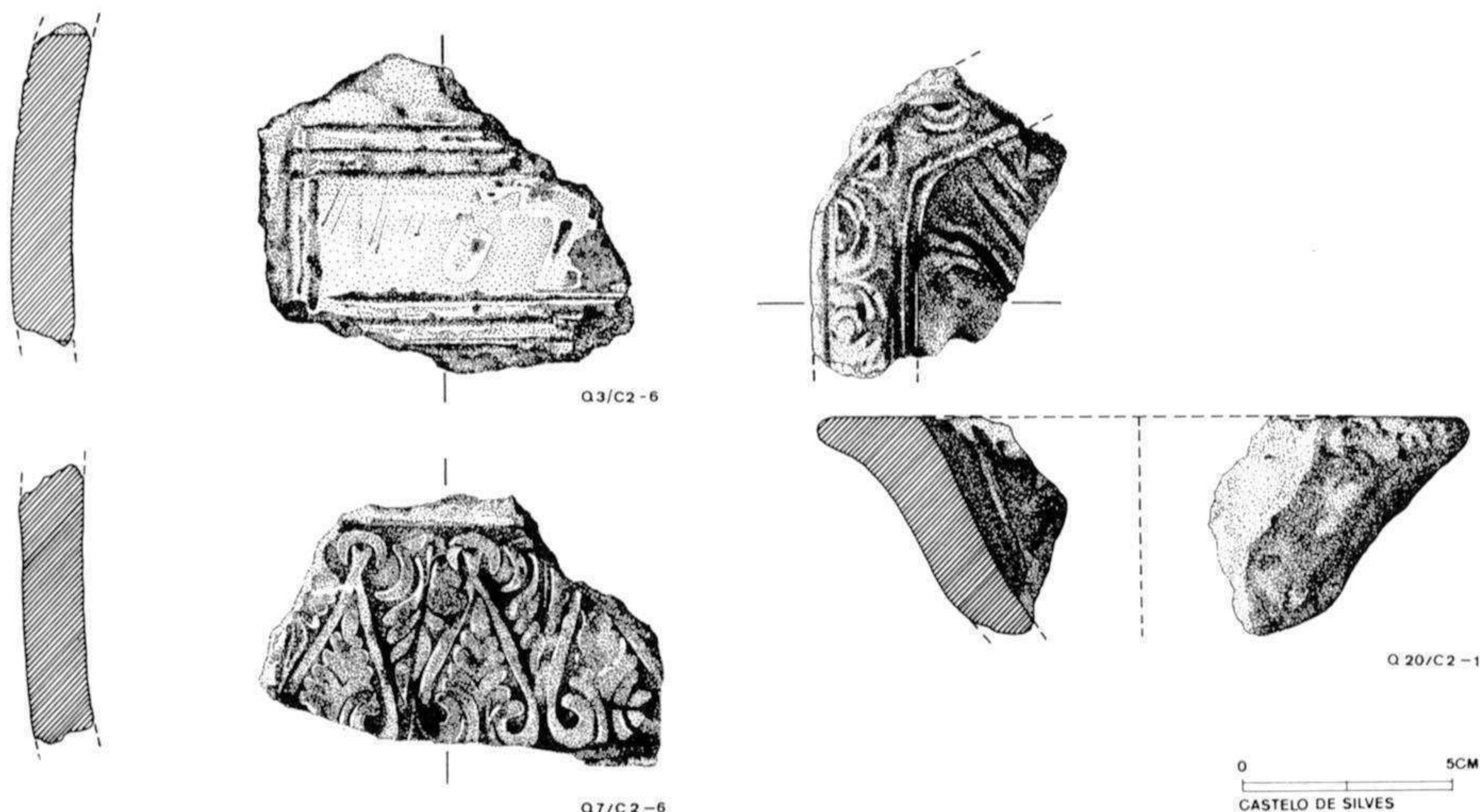




Q25/C2-2 – Fragmento, de talha, possuindo porção da parede, incluindo o arranque da asa e do bordo. Mede 0.020 m de espessura máxima. A pasta é de cor amarela muito clara (5Y8/3), homogénea, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos, feldspáticos e de barro cozido, de grão grosso a fino. A superfície interna, mal afagada, tem a mesma cor da pasta. A superfície externa apresenta esmalte, aderente e pouco brilhante, de cor verde, assim como restos de duas faixas decoradas por estampilhagem de carácter fitomórfico. Estas faixas intercalam com pequenas bandas, também, estampilhadas com linhas, oblíquas, dispostas em série.

Q11/C2-3 – Fragmento, da asa de uma talha, de perfil semicircular. A pasta é de cor acinzentada (10YR7/2), homogénea e compacta, contendo muitos elementos, não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino. As superfícies mostram esmalte, aderente e brilhante, de cor verde e estão decoradas com estampilhas fitomórficas. Estas, oferecem forma circular, com 0.022 m de diâmetro, e no seu interior reconhecem-se seis pétalas dispostas radialmente.





Q3/C2-6 – Fragmento, de talha, possuindo porção da parede. Mede 0.015 m de espessura máxima. A pasta é de cor amarela clara (5Y8/3), homogénea, contendo abundantes elementos, não plásticos, quartzíticos, micáceos, feldspáticos e de barro cozido, de grão grosso a médio. As superfícies oferecem o mesmo tom da pasta e apresentam pingos escorridos de esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. A superfície externa mostra restos de uma cartela, rectangular, delimitada por três linhas incisas. Deve pertencer a uma faixa que não chegou a ser decorada por estampilhagem.

Q7/C2-6 – Fragmento, de talha, possuindo porção da parede. Mede 0.016 m de espessura máxima. A pasta é de cor acinzentada (10YR7/2), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos, não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino. A superfície interna mostra cor ligeiramente mais clara que a da pasta. A superfície externa apresenta esmalte, aderente e brilhante, de cor verde e decoração formada por uma banda de motivos estampilhados, dispostos em série, com palmetas.

Q20/C2-1 – Fragmento, de queimador, com porção do bordo. Este é extrovertido, com a parte superior plana, e tem lábio de perfil semicircular. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino. A superfície exterior mostra tom um pouco mais escuro que o da pasta. A interior e a parte superior do bordo oferecem esmalte, aderente mas pouco brilhante, de cor verde. Só a superfície esmaltada (interior) apresenta restos de decoração estampilhada, pouco reconhecível, que intercala com linhas incisas.

Q18/C2-4 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.016 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha amarelada (5YR7/6), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino. A superfície interior é da mesma cor da pasta. Parte da superfície exterior mostra uma aguada, de cor bege muito clara (10YR8/3), e a restante apresenta esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. Oferece, ainda, decoração formada por duas bandas, paralelas e horizontais, estampilhadas com palmetas dispostas em série. Sob estes motivos observam-se calenuras, paralelas e horizontais.

Q9/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.020 m de espessura máxima. A pasta é de cor acinzentada (10YR7/2), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino e alguns grossos. A superfície interna é da mesma cor da pasta e a externa mostra tom mais claro e esmalte pouco aderente, sem brilho, de cor verde. Esta superfície está, ainda, decorada com estampilhas, de tipo arquitectónico, dispostas em série. Sob estes motivos, a 0.016 m, existe uma outra banda, estampilhada, formada por pequenos triângulos.

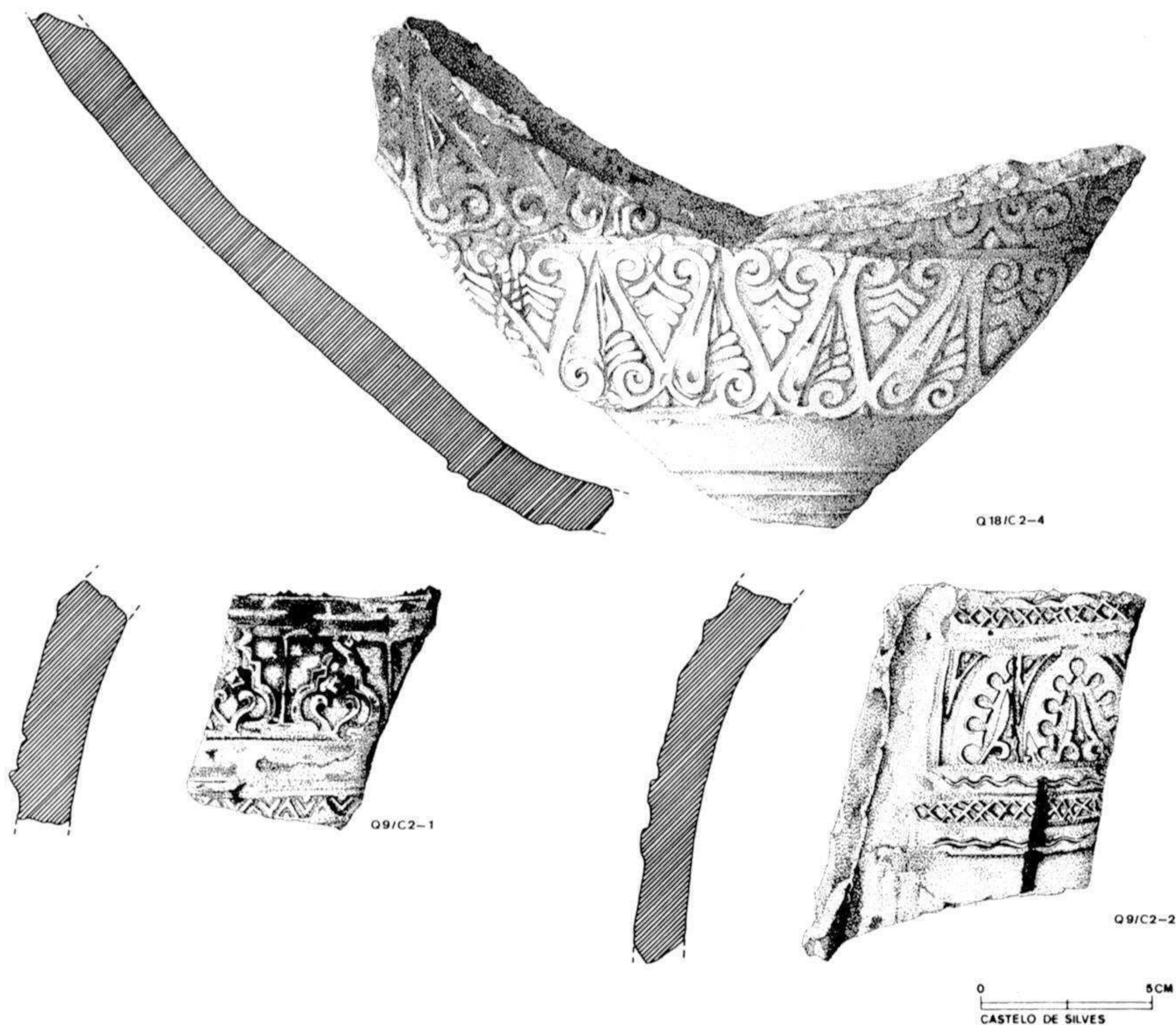




Fig. V. 4. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo arquitectónico (Q9/C2-1).

Q9/C2-2 – Fragmento, de talha, com porção da parede e o arranque de uma asa. Mede 0.017 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/4) com núcleo de cor bege acinzentada (10YR7/2), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão grosso. As superfícies são da mesma cor da pasta mas a exterior apresenta restos de esmalte, pouco aderente e sem brilho, de cor verde. Esta mesma superfície encontra-se decorada, centralmente, com uma faixa estampilhada, com motivos de carácter arquitectónico, representando arcos polilobulados. Ladeiam esta faixa duas bandas estreitas, também estampilhadas, representando losangos dispostos em série. Estas duas faixas intercalam, por sua vez, com linhas, incisadas, onduladas. Sobre estes motivos oferece, ainda, um espesso pingo escorrido de cor verde, permitindo-se supôr que o recipiente teria uma zona esmaltada.

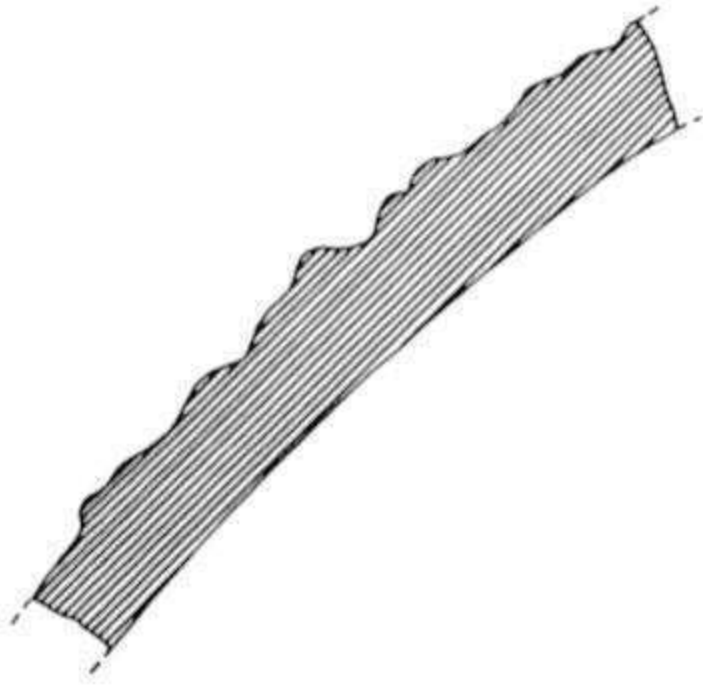
Q18/C2-6 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.017 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/8), homogénea, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos, feldspáticos e de barro cozido, de grão grosso a fino. A superfície interna, mal afagada, apresenta tom um pouco mais escuro que o da pasta. A superfície externa mostra esmalte, aderente e brilhante, em tons de verde. Nesta superfície reconhecem-se três faixas, horizontais, decoradas pela estampilhagem, de matrizes rectangulares, e separadas por linhas incisadas. A matriz da faixa inferior, que mede 0.030 m × 0.035 m é de carácter zoomórfico e representa um quadrúpede com cabeça voltada para trás, boca aberta, pescoço alto e orelhas bem marcadas. O corpo é

curto, assenta sobre patas bem modeladas, com os cascos figurados, e mostra uma pequena cauda. A pata direita dianteira encontra-se levantada, estando o animal como que em pose. No conjunto é uma pequena e graciosa figura, de linhas curvas, que pode representar um onagro ou burro selvagem rodeado de motivos fitomórficos. A faixa superior deste fragmento oferece estampilhas com dois losangos, ladeados por metades de seis outros, formando um conjunto de carácter geométrico. A separar as duas faixas referidas, centralmente, observa-se uma outra, muito estreita, decorada com matrizes formadas por linhas, oblíquas, constituindo pequenos triângulos.

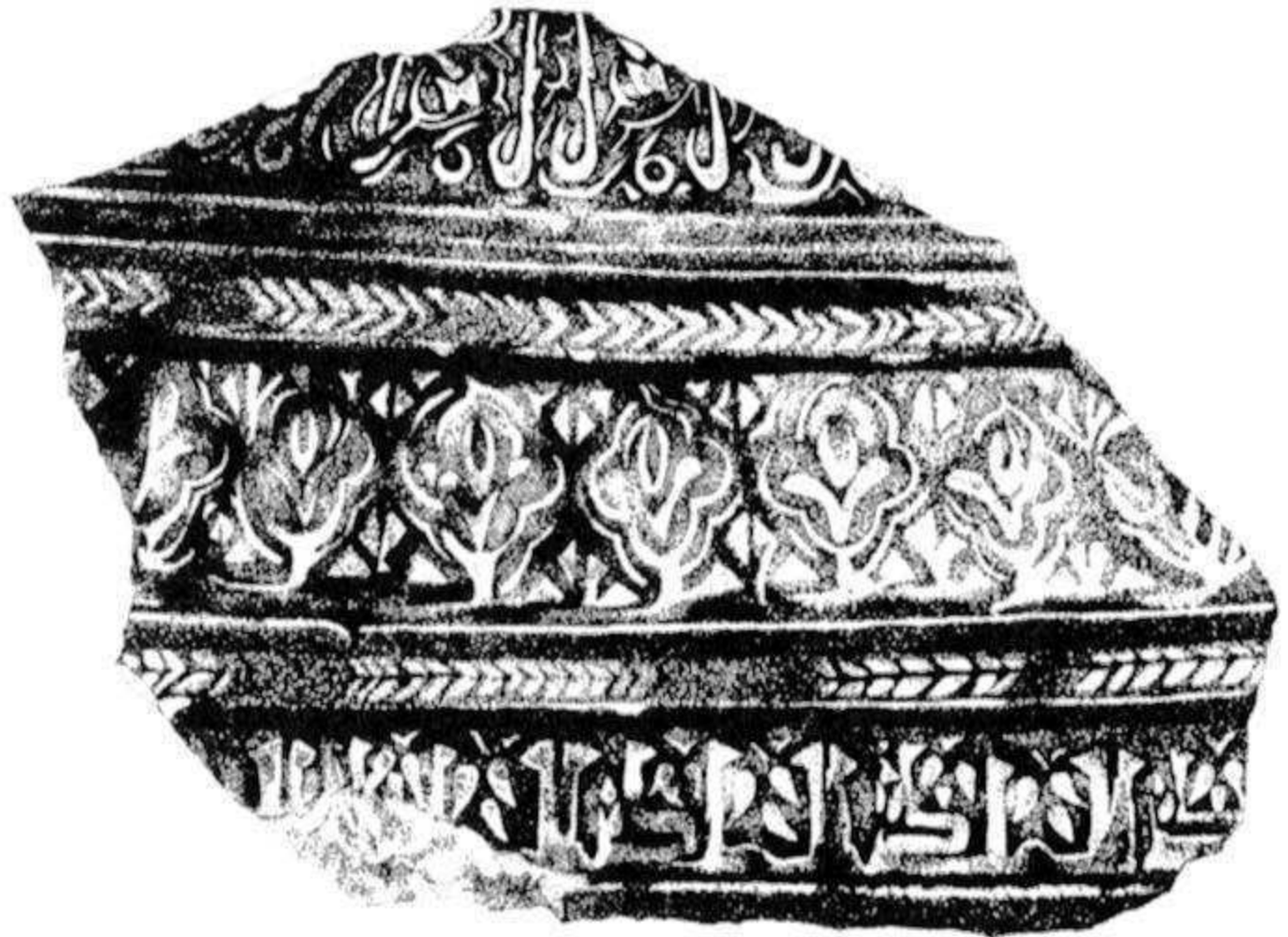
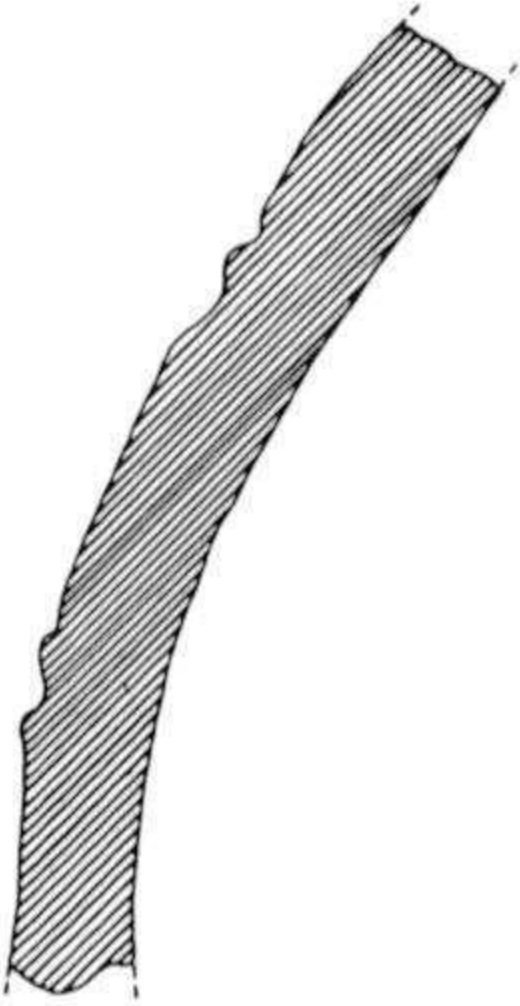


Fig. V. 5. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo zoomórfico (Q18/C2-6).

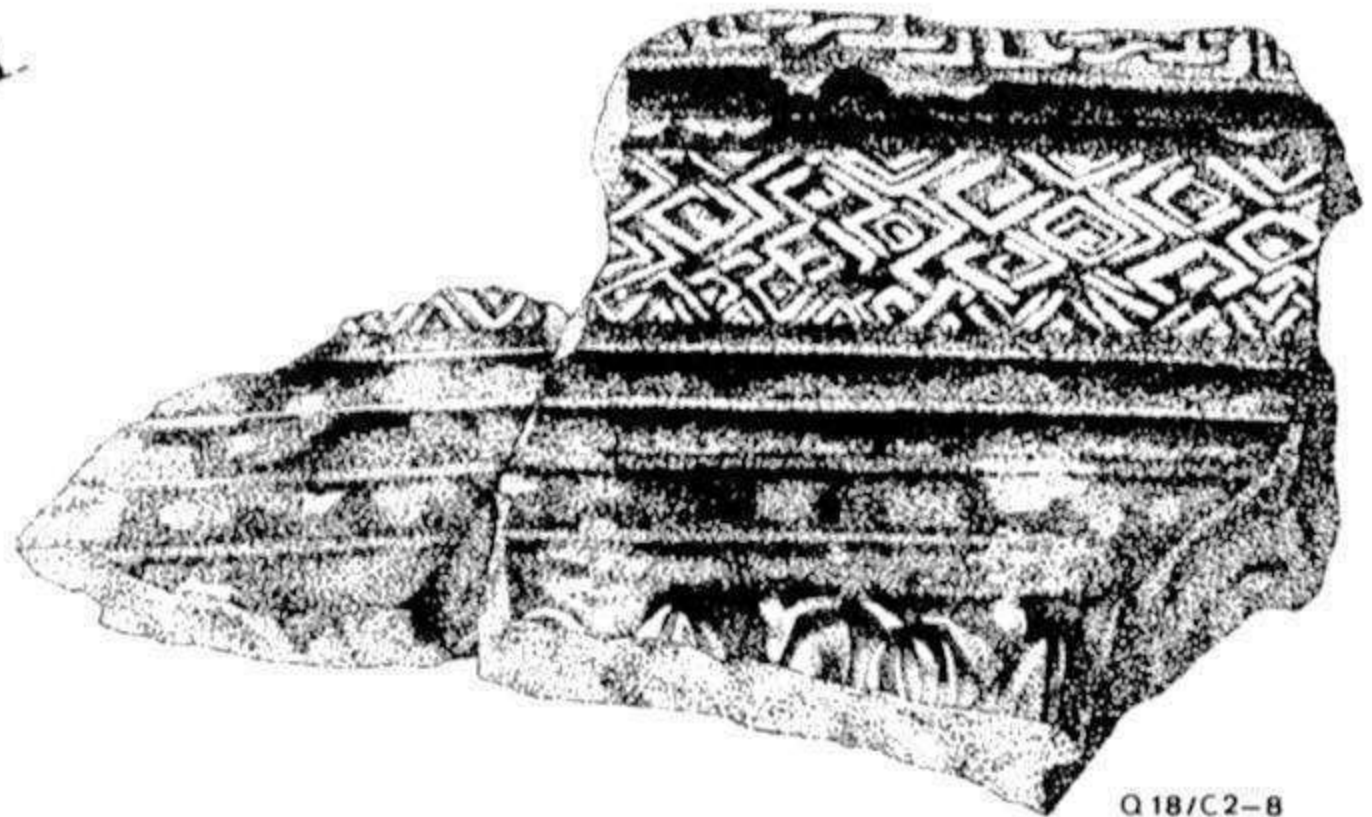
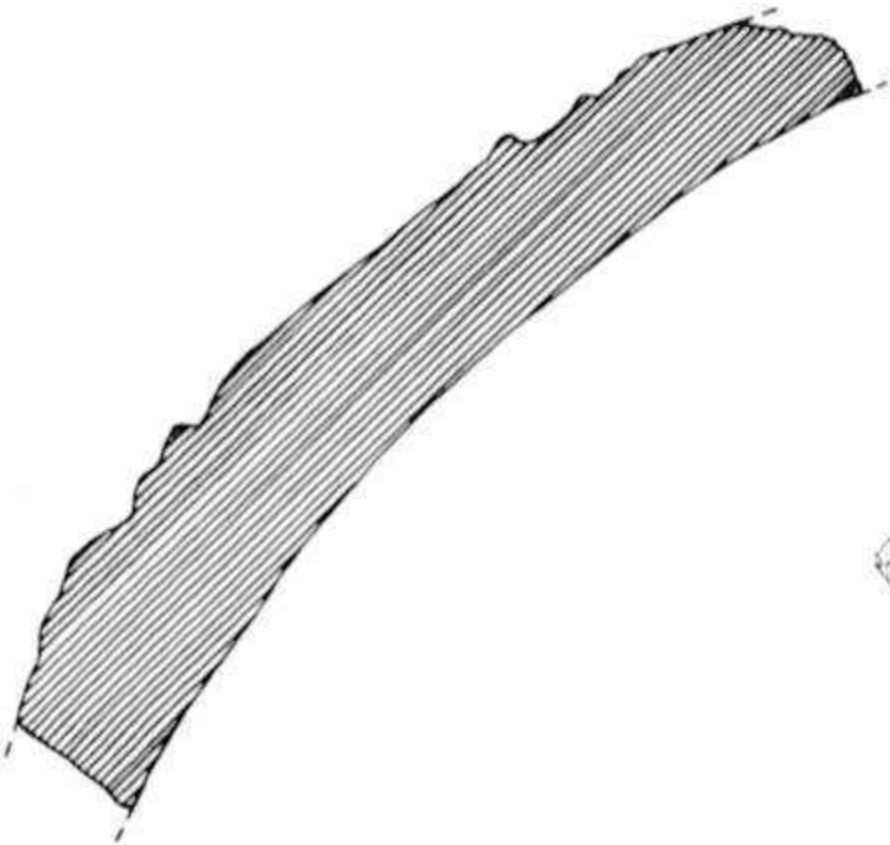
Q14/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.017 m de espessura máxima. A pasta é de cor amarela muito clara (5Y8/3), homogénea, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos, feldspáticos e de barro cozido, de grão grosso a médio. A superfície interna, mal afagada, oferece tom ligeiramente mais claro que o da pasta. A superfície externa apresenta esmalte, aderente e brilhante, em tons de verde e restos de três faixas decoradas por estampilhagem. Estas faixas estão separadas por bandas, que representam um motivo espinhado, realizadas a partir de pequenas matrizes. A primeira faixa mostra uma estampilha incompleta que parece intercalar motivos fitomórficos com epigráficos. Na segunda faixa foi escolhida uma matriz de carácter claramente fitomórfico. Na última faixa reconhecemos um elemento epigráfico ligado a duas flores. Neste fragmento as matrizes de carácter epigráfico e floral, intercalam



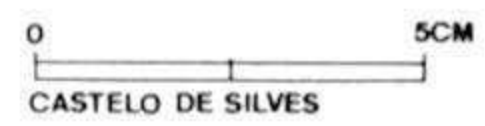
Q18/C2-6



Q14/C2-1



Q18/C2-8



com outra do tipo fitomórfico, e revelam duas inscrições diferentes com tipos de letras, também, bem díspares. Se na primeira faixa predominam os motivos florais, em grande profusão, já na segunda a inscrição e todo o conjunto tem um certo rigor geométrico, podendo pertencer a um tipo de letra mais antigo do que o utilizado na matriz anterior. A decoração desta superfície é conseguida não só pela utilização de diferentes estampilhas mas, de igual modo, pela variação cromática do esmalte.



Fig. V. 9. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo antropomórfico (Q27/C2-1).

Q18/C2-8 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Mede 0.022 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/8), homogénea, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos, feldspáticos e de barro cozido, de grão grosso a médio. A superfície interna está mal afagada e apresenta tom um pouco mais escuro que o da pasta. A superfície externa oferece esmalte, aderente e brilhante, em tons de verde e restos de três faixas, horizontais, decoradas com estampilhas rectangulares. Estas faixas estão separadas por linhas, paralelas e horizontais, incisadas, dispostas em série. Na faixa central a estampilha mostra dois losangos, ladeados por seis triângulos, e é a mesma matriz detectada na peça 6 deste quadrado (Q18/C2-6). Para completar o espaço o oleiro imprimiu, na metade inferior da faixa, parte desta mesma estampilha. A outra faixa, epigráfica e floral, da qual só nos resta uma fracção pode representar a matriz referida na peça 5 deste quadrado (Q18/C2-5). Na zona superior do fragmento observam-se os restos de uma estampilha que oferece um motivo, geométrico, com entrelaçados.

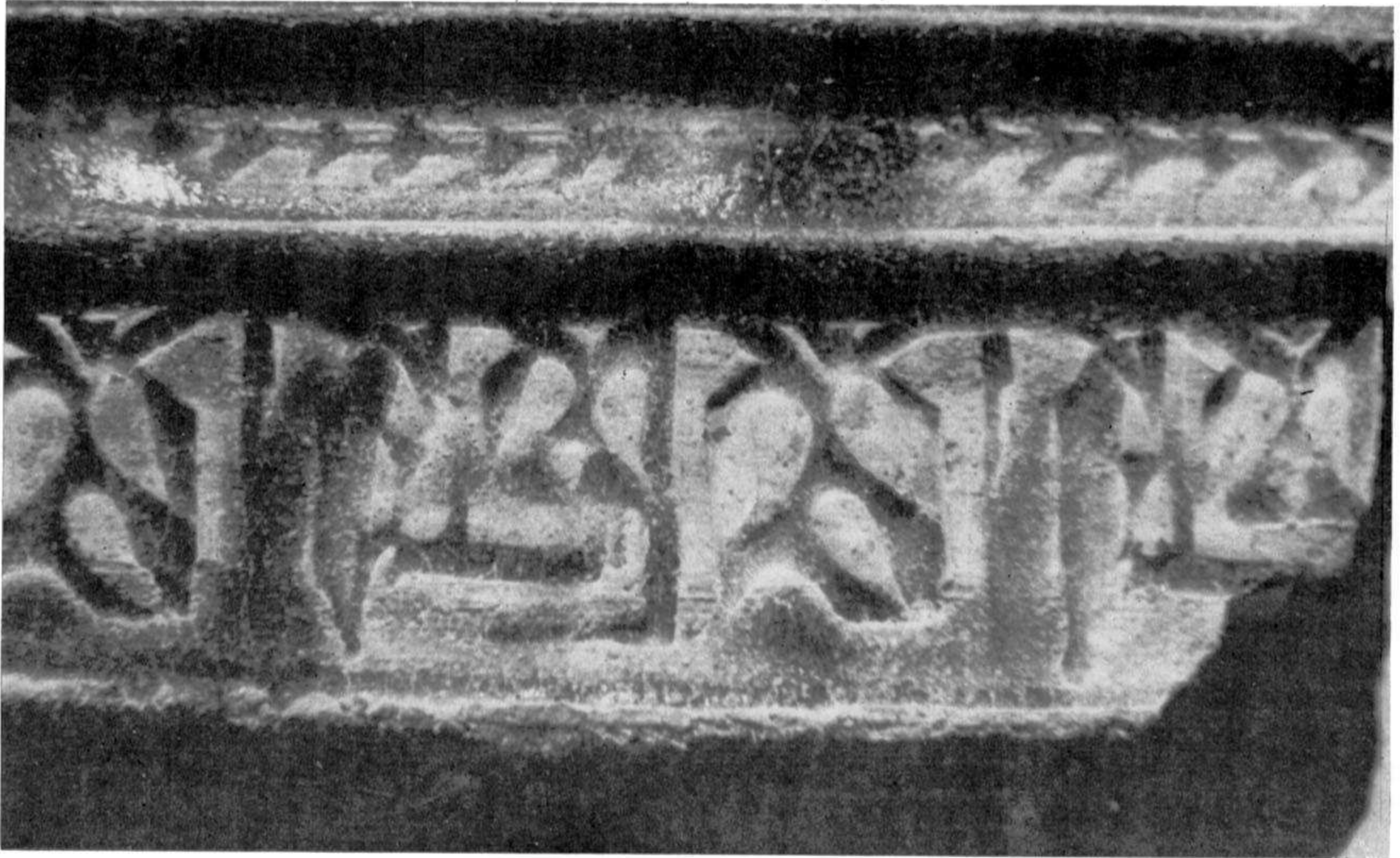


Fig. V. 7. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo epigráfico (Q14/C2 - 1).



Fig. V. 8. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo geométrico (Q18/C2-8).

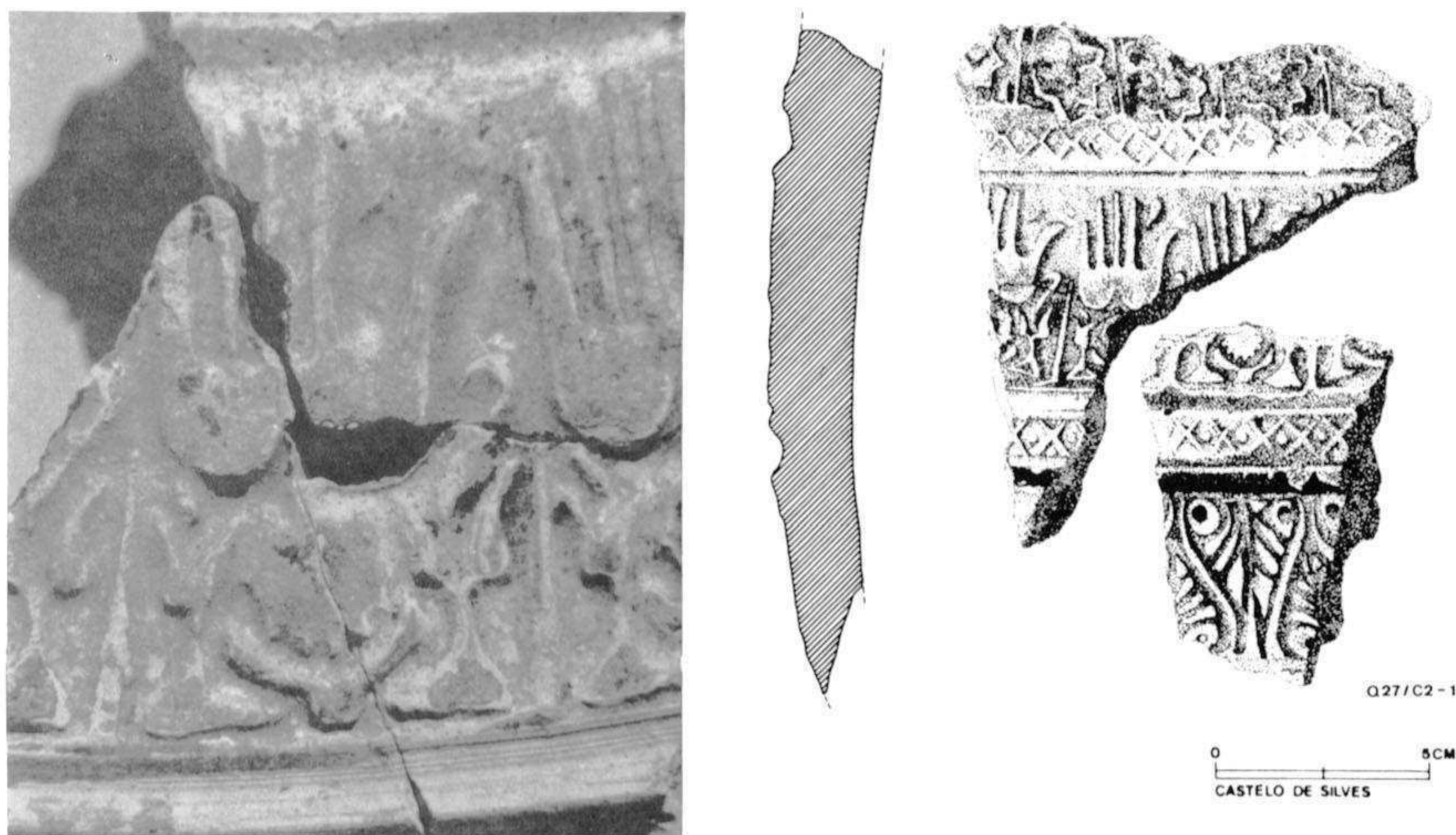
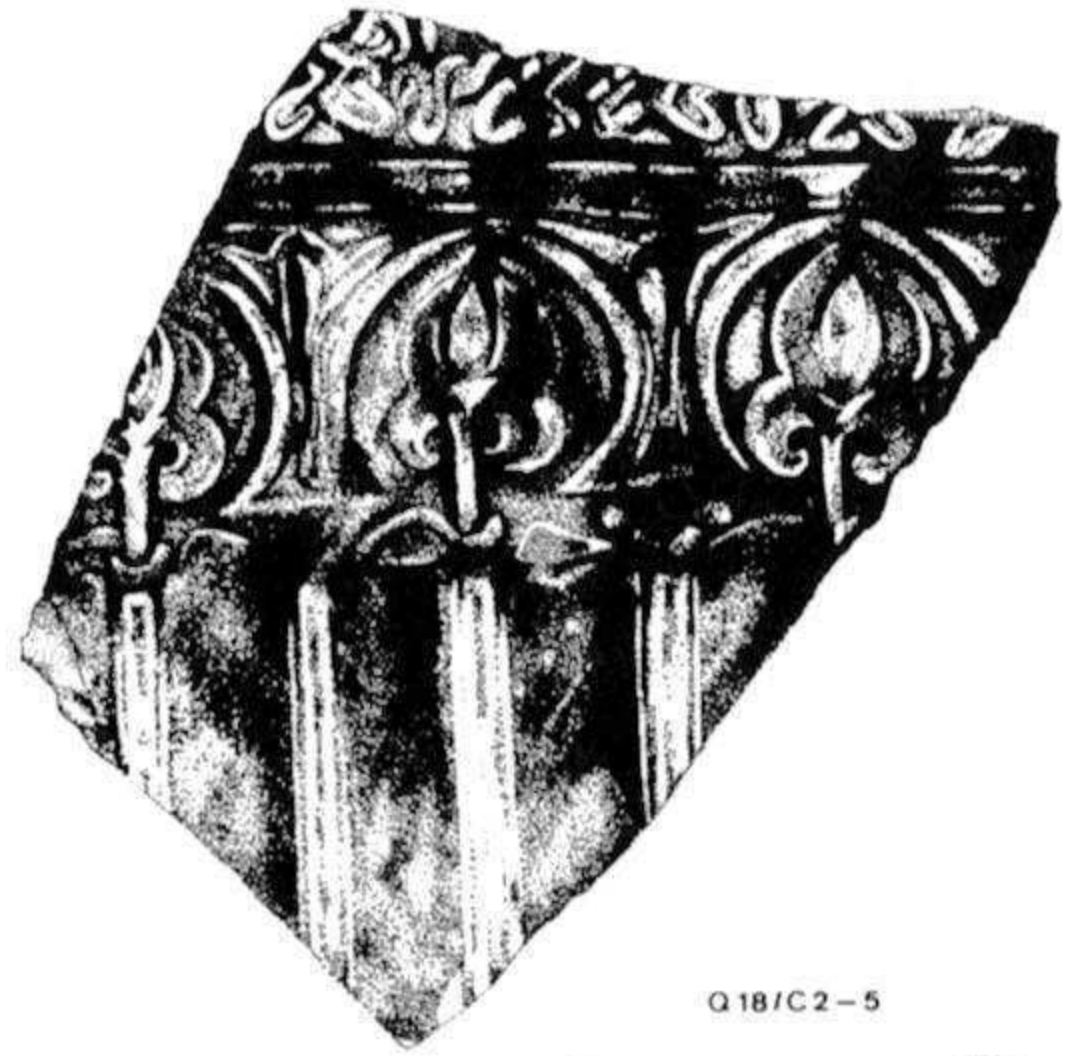


Fig. V. 9. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo antropomórfico (Q27/C2-1).

Q27/C2-1 – Dois fragmentos, da mesma talha, com porção da parede. Esta, mede 0.020 m de espessura máxima. A pasta é de cor cinzenta clara (10YR7/1), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e nódulos de barro cozido, de grão grosso a fino. A superfície interior mostra tom ligeiramente rosado. A exterior apresenta esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. Esta, está decorada com três grandes faixas horizontais estampilhadas, separadas por duas pequenas bandas, também impressas, com matrizes rectangulares constituídas por pequenos losangos, dispostos em série, com um ponto ao centro. A faixa superior é formada por uma grande flor com seis pétalas e botão central. A do meio representa uma mão direita aberta, a «mão de Fátima», com os dedos, estendidos, rodeada por motivos fitomórficos. A última estampilha, de igual modo rectangular, mostra uma palmeta.

Q18/C2-5 – Dois fragmentos, da mesma talha, com porção da parede. Esta mede 0.017 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/6), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície interna apresenta a mesma cor da pasta e a externa mostra esmalte, aderente e brilhante, de cor verde com linhas escorridas e irregulares da mesma cor. Exteriormente o fragmento mostra três faixas, horizontais, decoradas com impressões de grandes matrizes e separadas, entre si, por duas linhas incisas. A primeira matriz, que decora a faixa mais alta do fragmento, representa uma inscrição nazari intercalando com motivos fitomórficos. A faixa que se encontra abaixo oferece estampilha de tipo geométrico e de aspecto meandriforme. A última, revela uma matriz do tipo arquitectónico, que reproduz um arco ultrapassando, preenchido no interior por um elemento fitomórfico. Em conexão com este motivo foram incisas linhas verticais, com altura superior à da própria estampilha, sugerindo o aspecto de arcarias. A variação da tonalidade do esmalte, que cobre esta superfície, assim como os motivos que descrevemos, conferem a esta peça uma invulgar variação plástica.



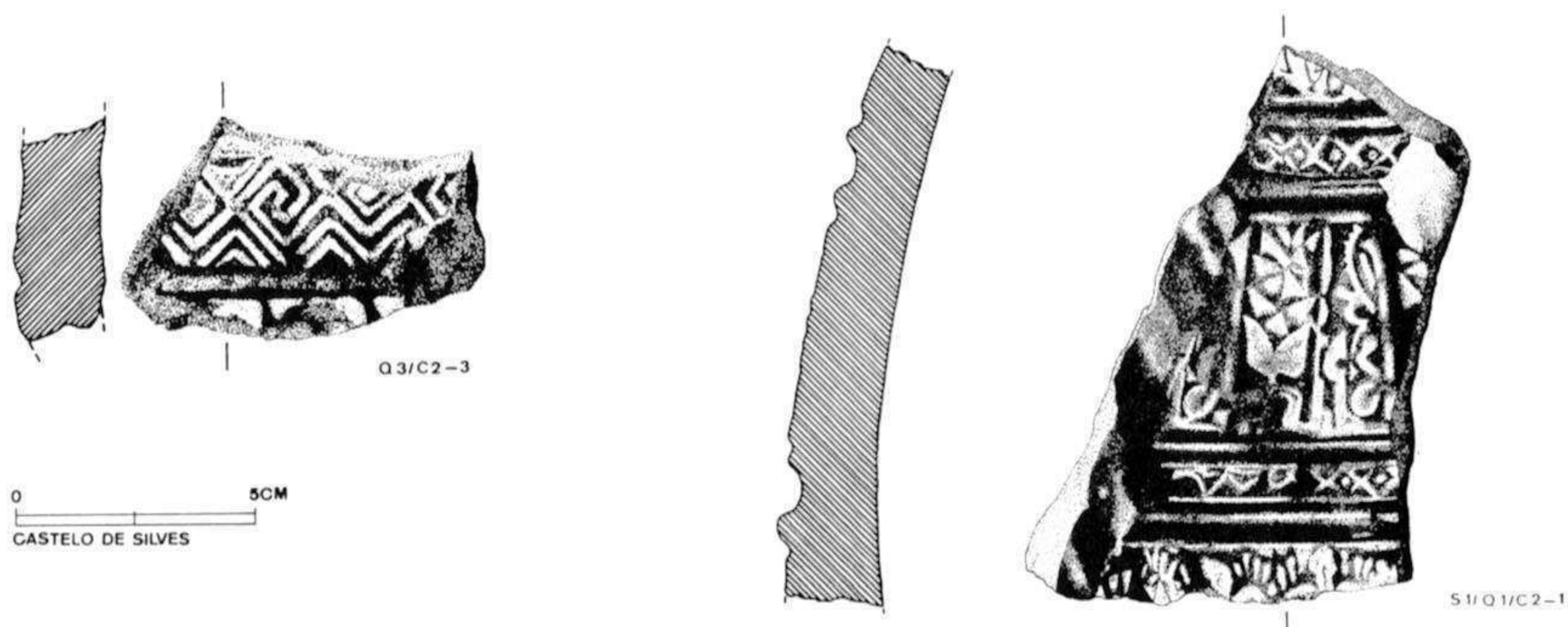
Q 18/C2-5
 0 5CM
 CASTELO DE SILVES



Fig. V. 10. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo arquitectónico (Q18/C2-5).



Fig. V. 11. Pormenor, ampliado, de talha decorada com matriz de tipo fitomórfico (SIQ1/C2-1).

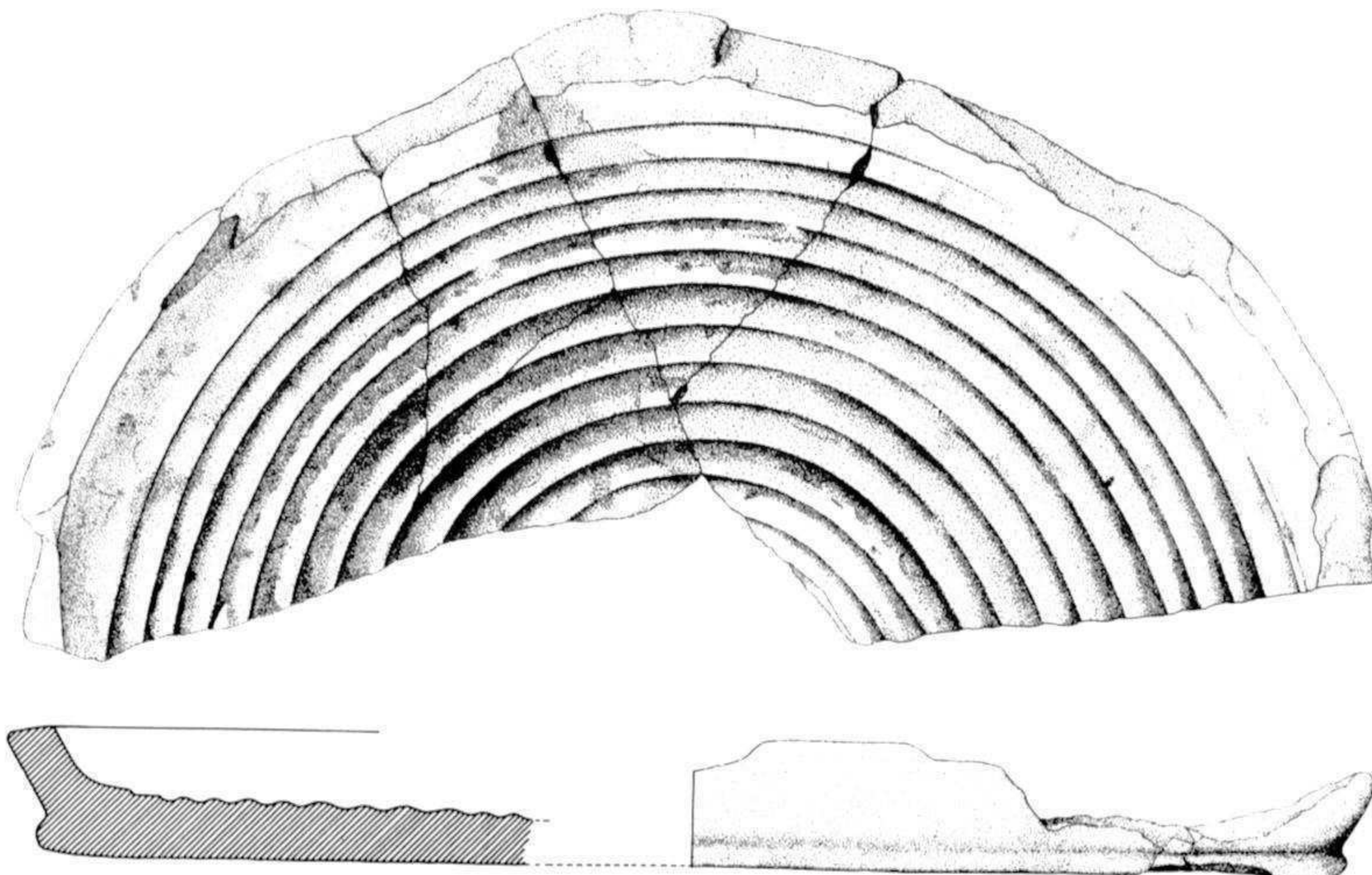


Q3/C2-3 – Fragmento, de talha, possuindo porção da parede. Esta mede 0.020 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada clara (5YR8/4), com núcleo de cor acinzentada (10YR7/1), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino. A superfície interna é da mesma cor da pasta, encontrando-se a externa coberta por esmalte, pouco aderente e sem brilho, de cor verde. Esta, está decorada com um motivo estampilhado, meandriforme, delimitado por uma cartela com duas linhas, incisadas, na parte superior e restos de uma outra na inferior.

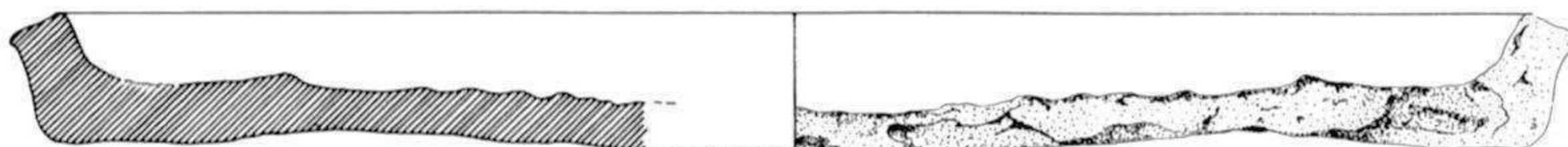
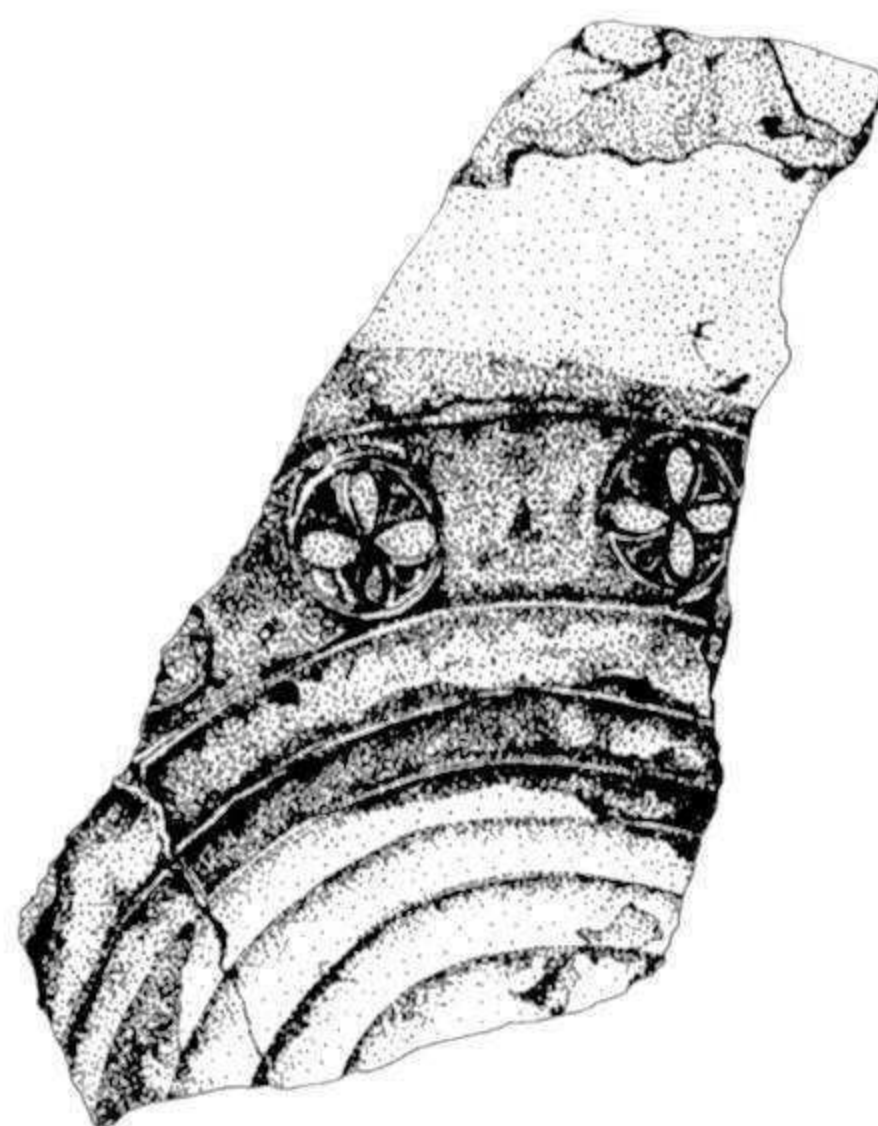
S1/Q1/C2-1 – Fragmento, de talha, possuindo porção da parede. Esta mede 0.020m de espessura máxima. A pasta é de cor bege amarelada (10YR8/4), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosso a médio. A superfície interior mostra tom um pouco mais claro que o da pasta, ligeiramente rosado. A exterior oferece esmalte, aderente e brilhante, de cor verde com linhas, escorridas, de tom mais escuro e apresenta decoração estampilhada. Esta revela motivos epigráficos que intercalam com temas florais inseridos em cartelas. Exibe, ainda, duas outras estampilhas, iguais, impressas a partir de uma pequena matriz com losangos, dispostos em série, com um ponto ao centro.

Q18/C2-2 – Fragmento, da tampa de talha, com porção do bordo e da base. Mostra lábio plano. O diâmetro no bordo mediria 0.300 m e o da base seria de 0.287 m. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/6), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosso a médio. A base da tampa apresenta superfície, ligeiramente rugosa, da mesma cor da pasta. A superfície exterior e o bordo mostram aguada de cor bege clara e, ainda, uma zona com esmalte, aderente e brilhante, de cor verde. Esta foi decorada com linhas incisadas, paralelas e concêntricas, formando canelado.

Q20/C2-2 – Fragmento, da tampa de uma talha, com porção do bordo e da base. Mostra o bordo ligeiramente extrovertido e o lábio plano. O diâmetro no bordo seria de 0.280m e o da base mediria 0.283m. A pasta é de cor vermelha amarelada (5YR6/6), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosso a médio. As superfícies mostram aguada de cor bege, muito clara, quase branca. A parte superior da tampa apresenta decoração incisa, com várias linhas paralelas, formando canelado, mas com intervalos desiguais, e estampilhada. Esta é constituída por matrizes, com 0.020m de diâmetro, onde se inscrevem motivos fitomórficos com quatro pétalas. Parte da superfície exterior oferece esmalte, aderente e brilhante, de cor verde.



Q18/C2-2



Q20/C2-2

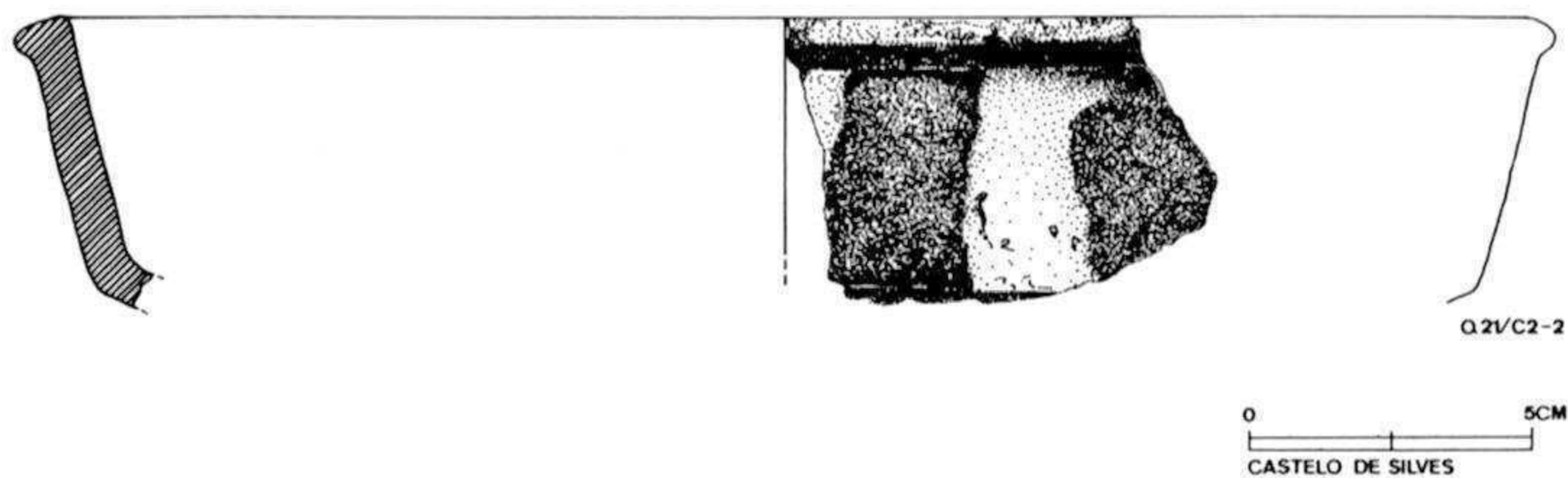
0 5CM
CASTELO DE SILVES



Fig. V. 12. Pormenor, ampliado, de tampa de talha decorada com matriz de tipo fitomórfico (Q20/C2-2).

V.6.3.1. Peças esmaltadas de cor castanha

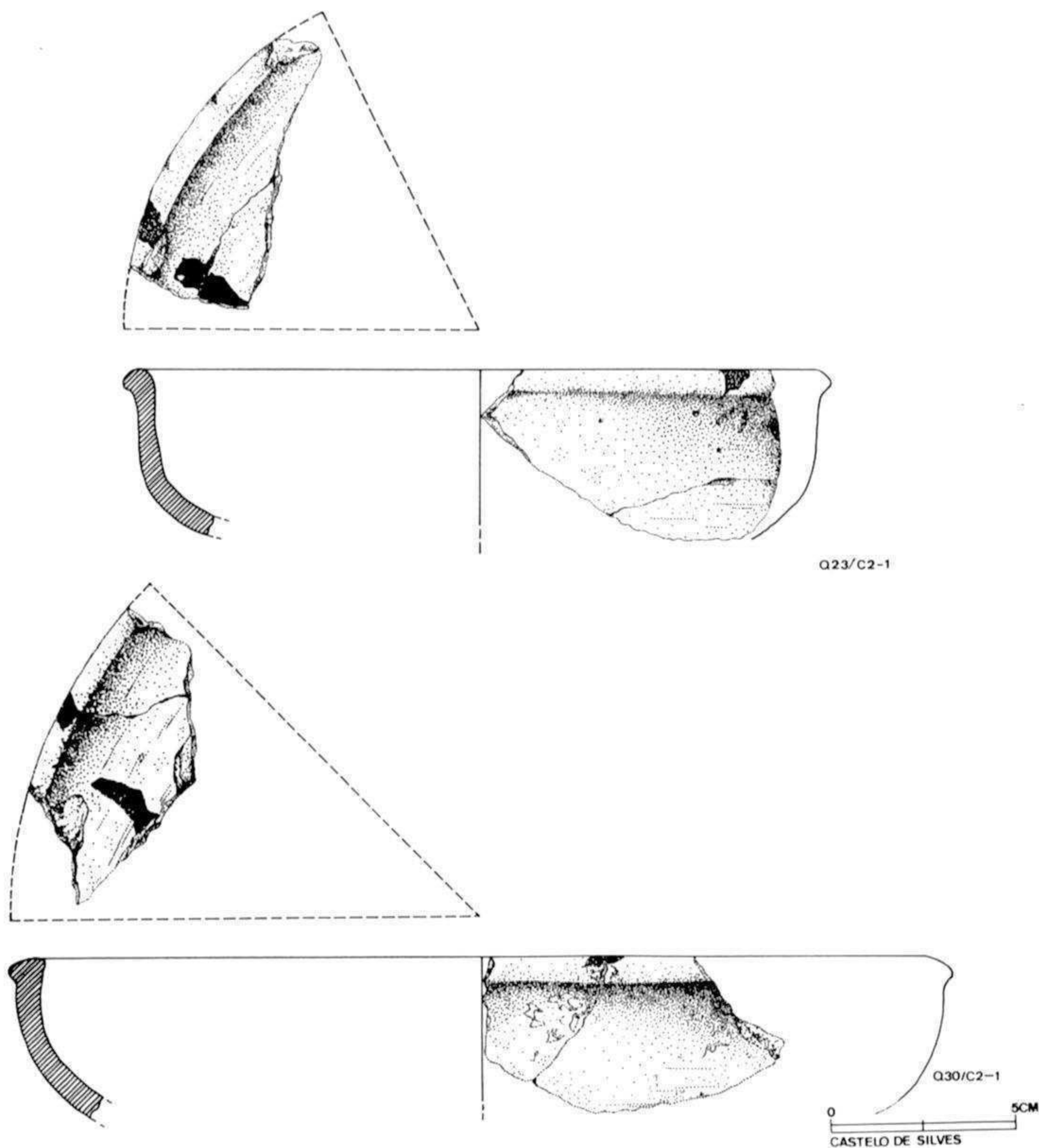
Q21/C2-2 – Fragmento, de grande taça carenada, com porção do bordo. Este é extrovertido com a parte superior plana, demarcado no exterior, e apresenta lábio com secção semicircular. O diâmetro do bordo seria de 0.258 m. A pasta é de cor vermelha acastanhada (10R5/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor castanha. Na superfície exterior, sobre o bordo, mostra manchas verticais, escorridas, separadas cerca de 0.020 m de tom mais escuro que valoriza, cromaticamente, a peça.

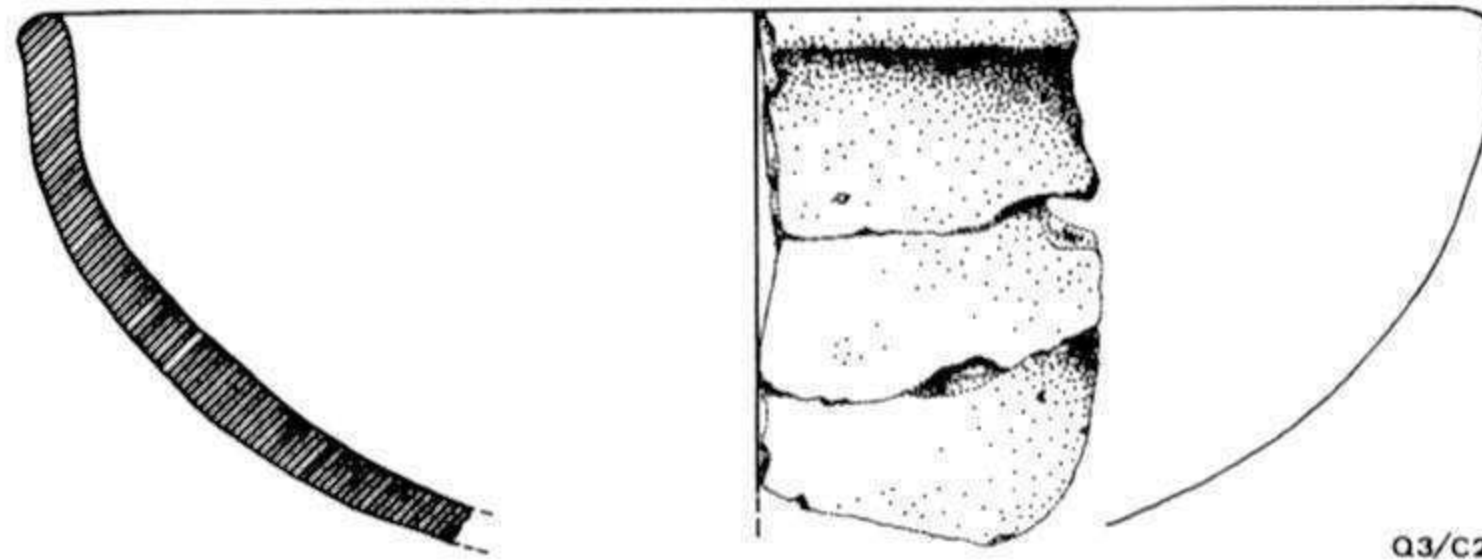
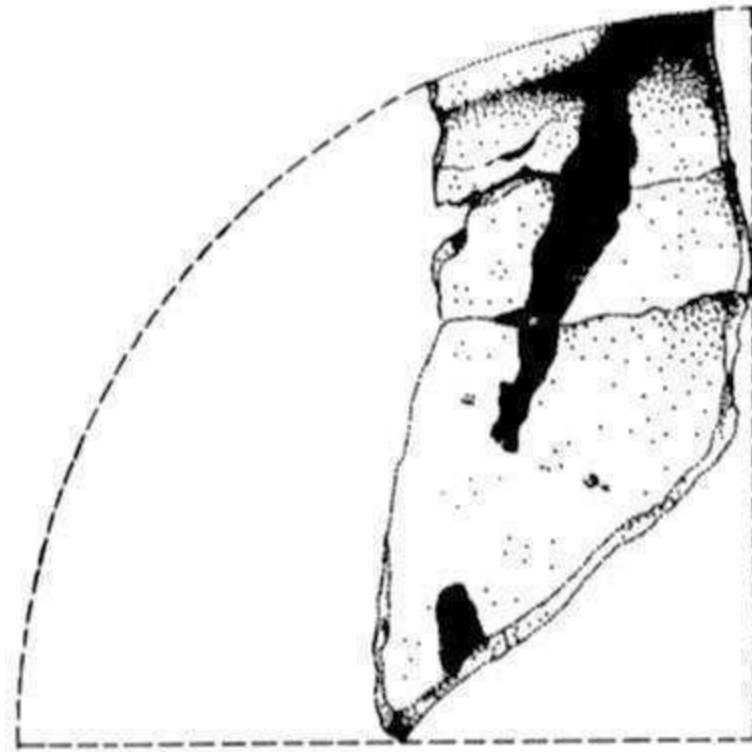


V.6.4. Peças vidradas em tons de castanho, “melado”

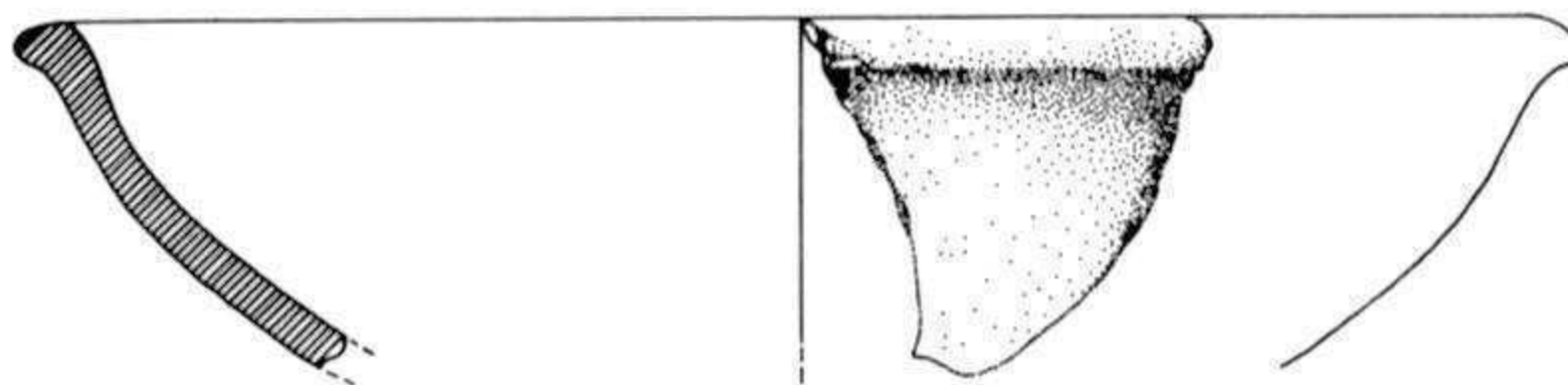
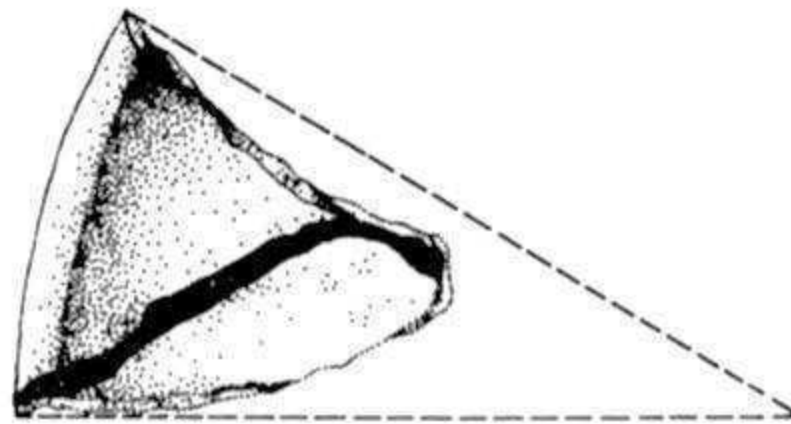
Q23/C2-1 – Fragmento, de taça carenada, com porção do bordo. Este é ligeiramente espessado e extrovertido, apresenta lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.164 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies oferecem vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). Na superfície interna e sobre o bordo reconhece-se uma linha, escorrida, de cor castanha escura.

Q30/C2-1 – Fragmento, de taça hemisférica, com porção do bordo. Este é ligeiramente espessado e extrovertido, tem o lábio algo biselado e o seu diâmetro seria de 0.240 m. A pasta é de cor alaranjada (2.5YR5/8) com núcleo de cor acinzentada (10R5/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies oferecem vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha clara. Apresenta, sobre o bordo, um pingo de cor castanha escura e, dessa mesma cor, uma linha irregular na superfície interior.

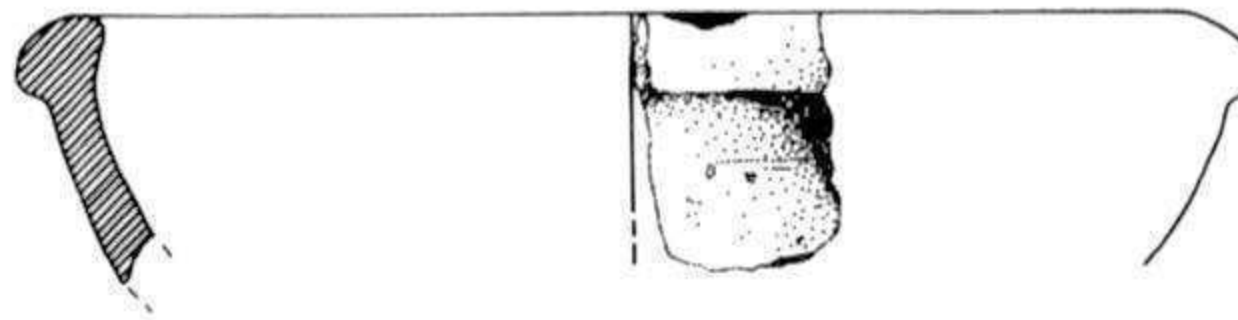




Q3/C2-5



Q7/C2-7



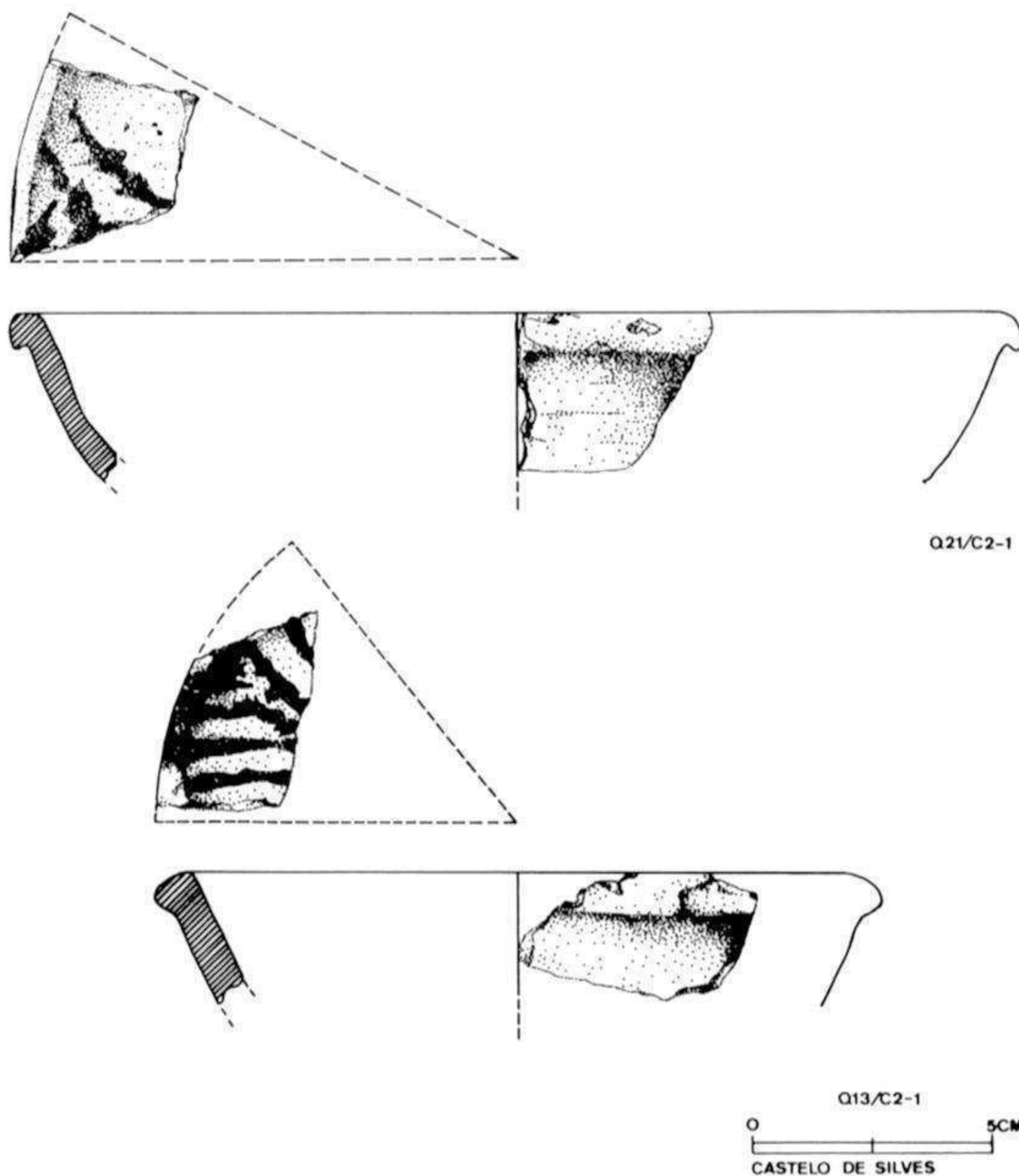
Q36/C2-2



Q3/C2-5 – Fragmento, de taça hemisférica, com porção do bordo. Este é um pouco espessado e demarcado exteriormente, apresenta lábio com perfil semicircular e o seu diâmetro seria de 0.180 m. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies mostram vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha clara, um pouco esverdeada. A superfície interior oferece uma linha escorrida, espessa e de cor negra, que partindo do bordo atinge a área média da parede, assim como restos de uma outra junto ao fundo.

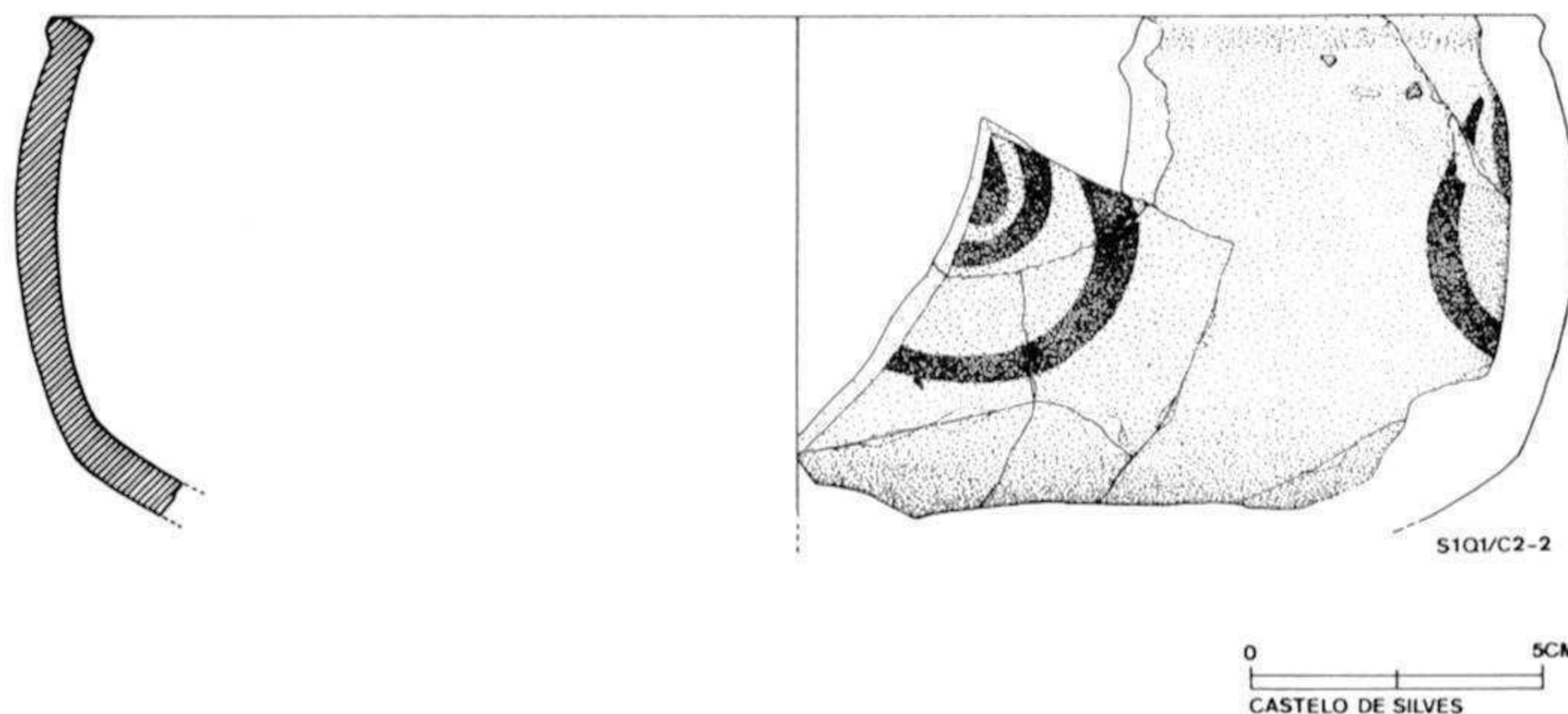
Q7/C2-7 – Fragmento, de taça hemisférica, com porção do bordo. Este é extrovertido, demarcado exteriormente, apresenta lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.190 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão fino. As superfícies oferecem vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha clara (melada). Reconhece-se, internamente, uma linha escorrida, irregular e espessa, de cor castanha, escura, quase negra.

Q36/C2-2 – Fragmento, de pequena taça hemisférica, com porção do bordo. Este é espessado, ligeiramente extrovertido e demarcado na superfície exterior; tem lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.142 m. A pasta é de cor vermelha (2.5YR5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies mostram vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha, um pouco amarelada. Oferece, na parte superior do bordo, uma mancha de cor castanha escura.



Q21/C2-1 – Fragmento, de taça hemisférica, com porção do bordo. Este é extrovertido, demarcado exteriormente por uma incisão, tem o lábio em bisel e o seu diâmetro seria de 0.204 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies oferecem vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha. Na superfície interior, junto ao bordo, reconhecem-se três linhas, escorridas e irregulares, dispostas obliquamente e paralelas entre si, separadas cerca de 0.010m, de cor castanha escura que podem pertencer a uma palmeta.

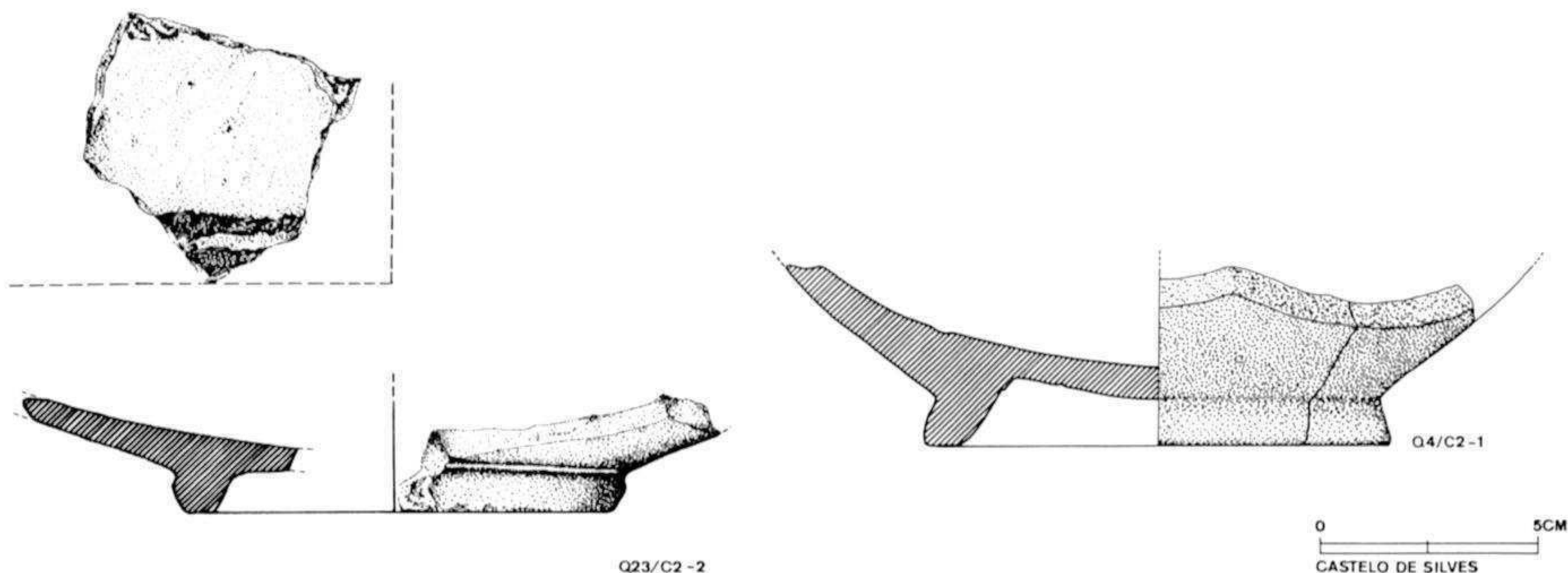
Q13/C2-1 – Fragmento, de pequena taça hemisférica, com porção do bordo. Este é extrovertido, o lábio tem perfil algo biselado, e o seu diâmetro seria de 0.138 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha. Mostra, na superfície interna, seis linhas, escorridas e irregulares, de cor castanha escura, separadas cerca de 0.005 m, formando um motivo espinhado em forma de palmeta.



S1/Q1/C2-2 – Fragmento, de grande taça carenada, com porção do bordo. Este é introvertido e espessado, tem o lábio em bisel e o seu diâmetro seria de 0.254 m. A pasta é de cor vermelha (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies mostram vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). Na superfície exterior reconhecem-se dois conjuntos de linhas, semicirculares, quase concêntricas, separadas 0.050 m, de cor castanha escura que representam bolbos.

Q23/C2-2 – Fragmento, de taça, com porção do pé em anel. A pasta é de cor rosada (5YR7/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino e alguns, poucos, elementos de grão médio. As superfícies mostram vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha clara (melada). Na exterior reconhecem-se duas linhas, escorridas, de cor castanha escura.

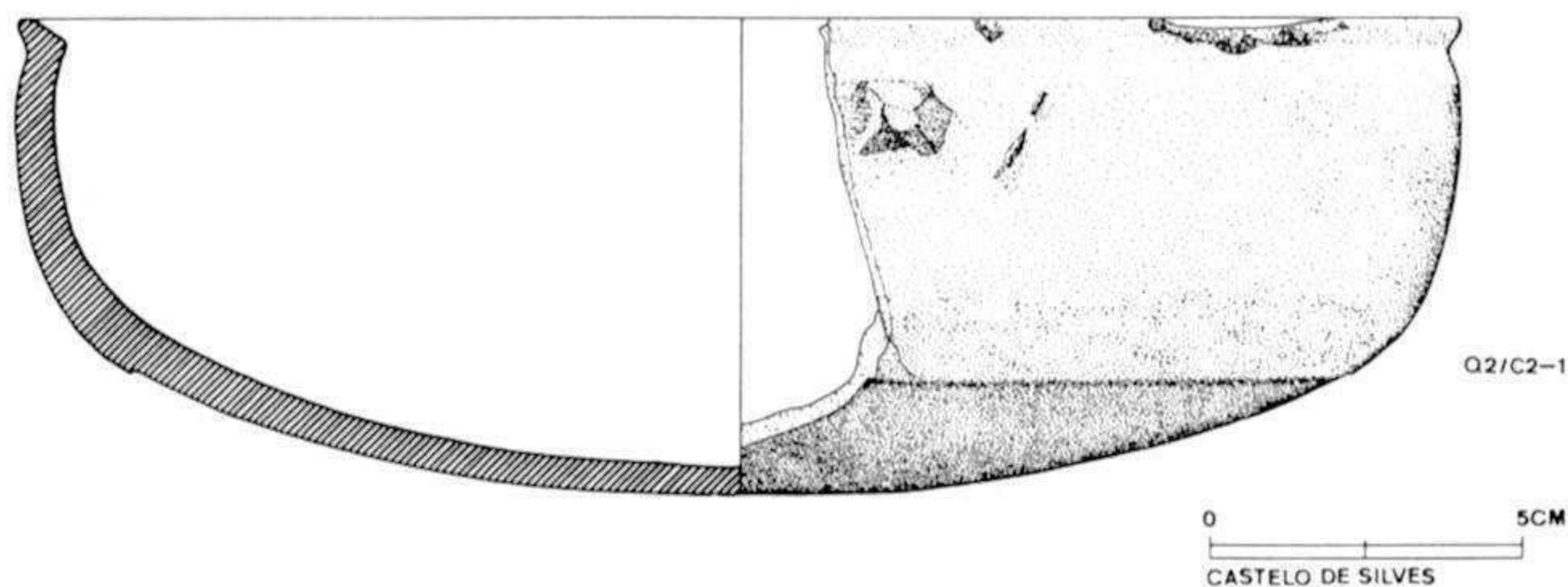
Q4/C2-1 – Fragmento, de grande taça, possuindo porção do fundo, com o pé alto e em anel. Este mede 0.104 m de diâmetro e tem 0.015 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (10R6/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão fino. As superfícies mostram vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). No interior apresenta uma linha incisa, com 0.004 m de largura, em redor do fundo.

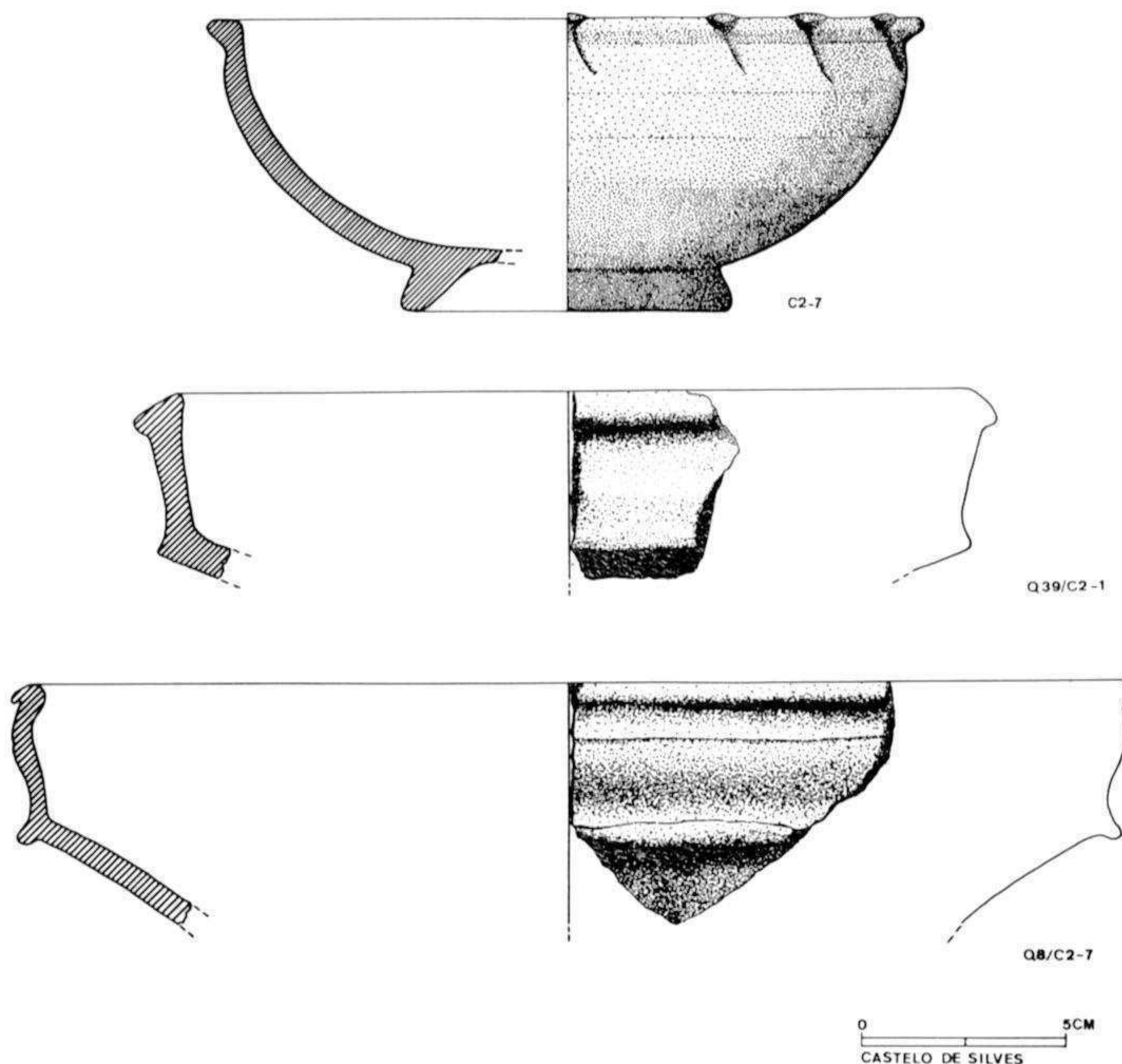


Q2/C2-1 – Fragmento, de taça hemisférica achatada, com porção do bordo e parte do fundo. O bordo é ligeiramente introvertido, o lábio biselado e o seu diâmetro seria de 0.228 m. O fundo é convexo e a peça mede 0.075 m de altura. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies oferecem vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). A superfície exterior mostra, a 0.010 m do bordo, um pequeno elemento de preensão do tipo mamilar.

C2-7 – Taça hemisférica, quase completa, com o pé alto em anel. O bordo é espessado exteriormente, com a parte superior plana, e encontra-se decorado com pequenas dobras que lhe conferem aspecto ondulado. O lábio oferece perfil semicircular, o bordo mede 0.174 m de diâmetro, e tem 0.070 m de altura. O pé apresenta 0.080 m de diâmetro e 0.011 m de altura. A pasta é de cor vermelha (2.5YR5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão muito fino. A superfície exterior mostra onze pequenas linhas oblíquas, intervaladas cerca de 0.040 m, partindo das dobras que decoram o bordo. As superfícies estão cobertas com vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada).

Q39/C2-1 – Fragmento, de taça com carena acusada, com porção do bordo. Este é espessado, demarcado exteriormente, em bisel e o seu diâmetro seria de 0.190 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha ligeiramente amarelada.





Q8/C2-7 – Fragmento, de grande taça com carena acusada, oferecendo porção do bordo. Este é ligeiramente introvertido, espessado, demarcado exteriormente, tem lábio biselado e o seu diâmetro mede 0.262m. A pasta é de cor rosada (10R5/6) com manchas de cor acinzentada, homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies apresentam vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha clara.

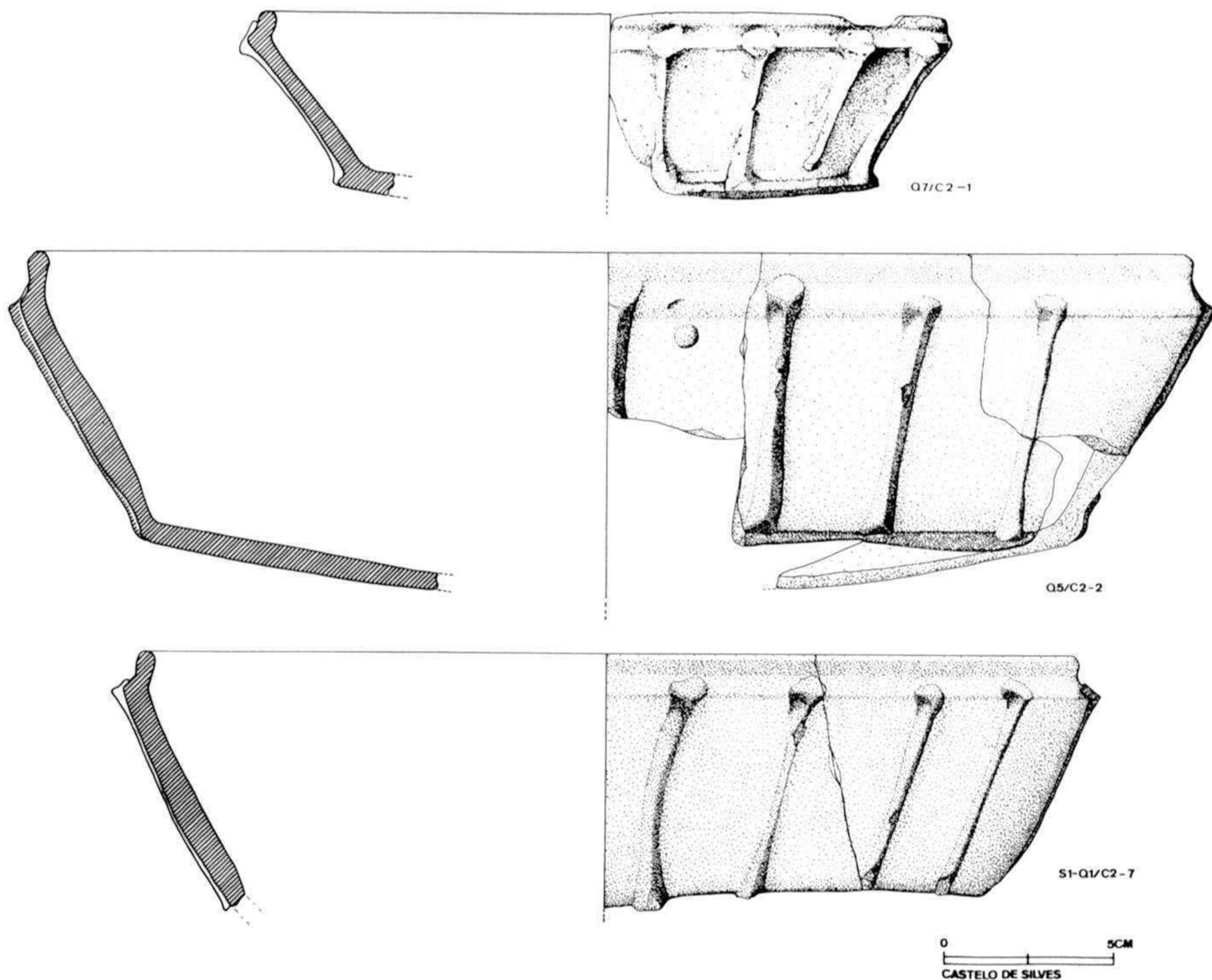
Q7/C2-1 – Fragmento, de taça, com porção do bordo. Este é introvertido, o lábio tem perfil semicircular e o seu diâmetro seria de 0.200 m. Oferece carena acusada e fundo convexo. A pasta é de cor vermelha (10R6/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies apresentam vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). Na superfície exterior observam-se cordões, verticais, em relevo que partem de um cordão horizontal, disposto abaixo do bordo, até outro que demarca a carena. Estes cordões estão separados entre si cerca 0.025 m.

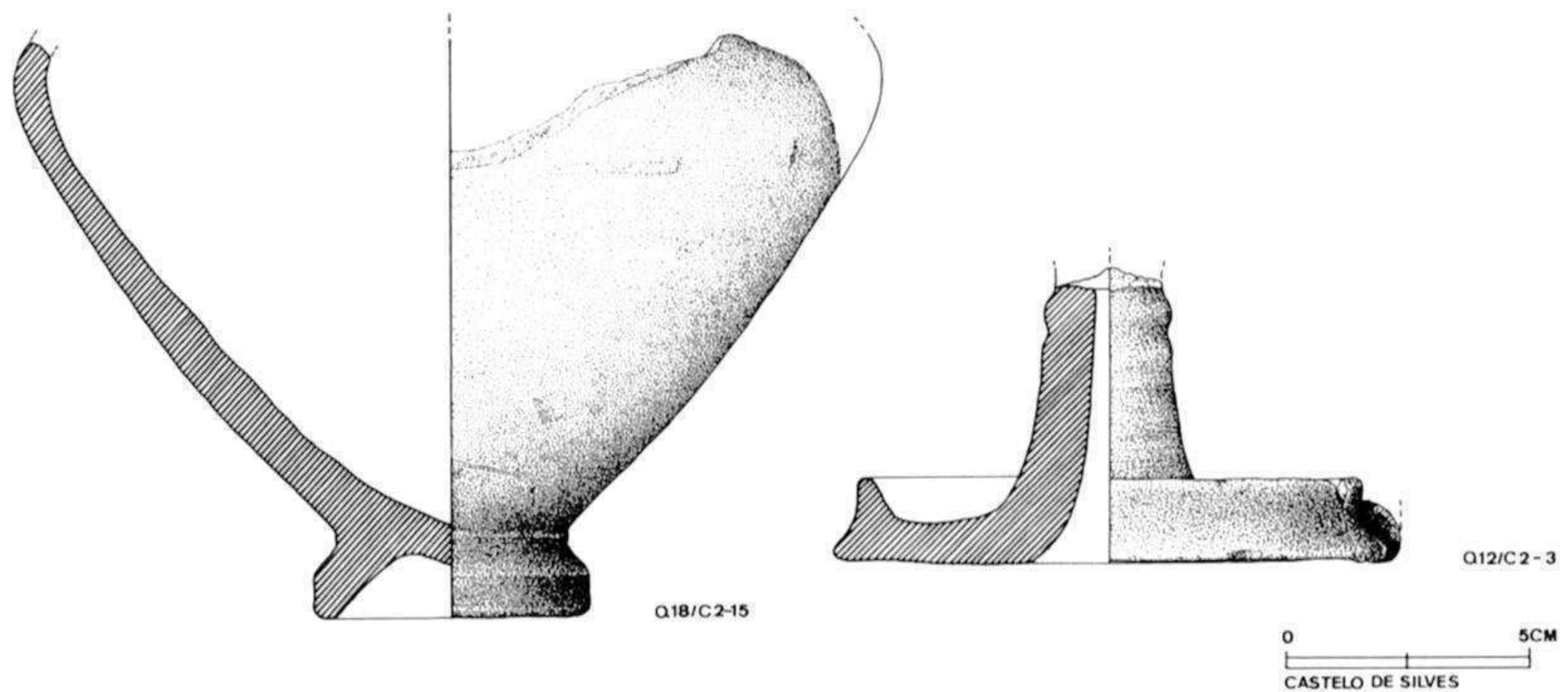
Q5/C2-2 – Fragmento, de grande taça, com porção do bordo e do fundo. O bordo é introvertido, o lábio tem perfil semicircular e o seu diâmetro seria de 0.337 m. O fundo é convexo. A pasta é de cor vermelha (10R5/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino e alguns, poucos, nódulos de caulino de grão médio. As superfícies mostram vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). A superfície exterior oferece cordões verticais, em relevo, paralelos entre si, separados cerca de 0.040 m, que partem de uma zona abaixo do bordo e atingem a carena.

S1/Q1/C2-7 – Fragmento, de grande taça, com porção do bordo. Este é introvertido, tem lábio com secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.275 m. A pasta é de cor rosada (10R6/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies oferecem vidro, aderente e brilhante, de cor castanha (melada). Na superfície externa observam-se cordões verticais, em relevo, que, separados cerca de 0.030 m, partem de uma zona abaixo do bordo e atingem a carena.

Q18/C2-15 – Fragmento, de jarro, com porção da base e do pé. Este é alto, em anel, e o seu diâmetro mede 0.058 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de barro cozido, de grão grosso a fino. As superfícies apresentam vidro, aderente e brilhante, de cor castanha.

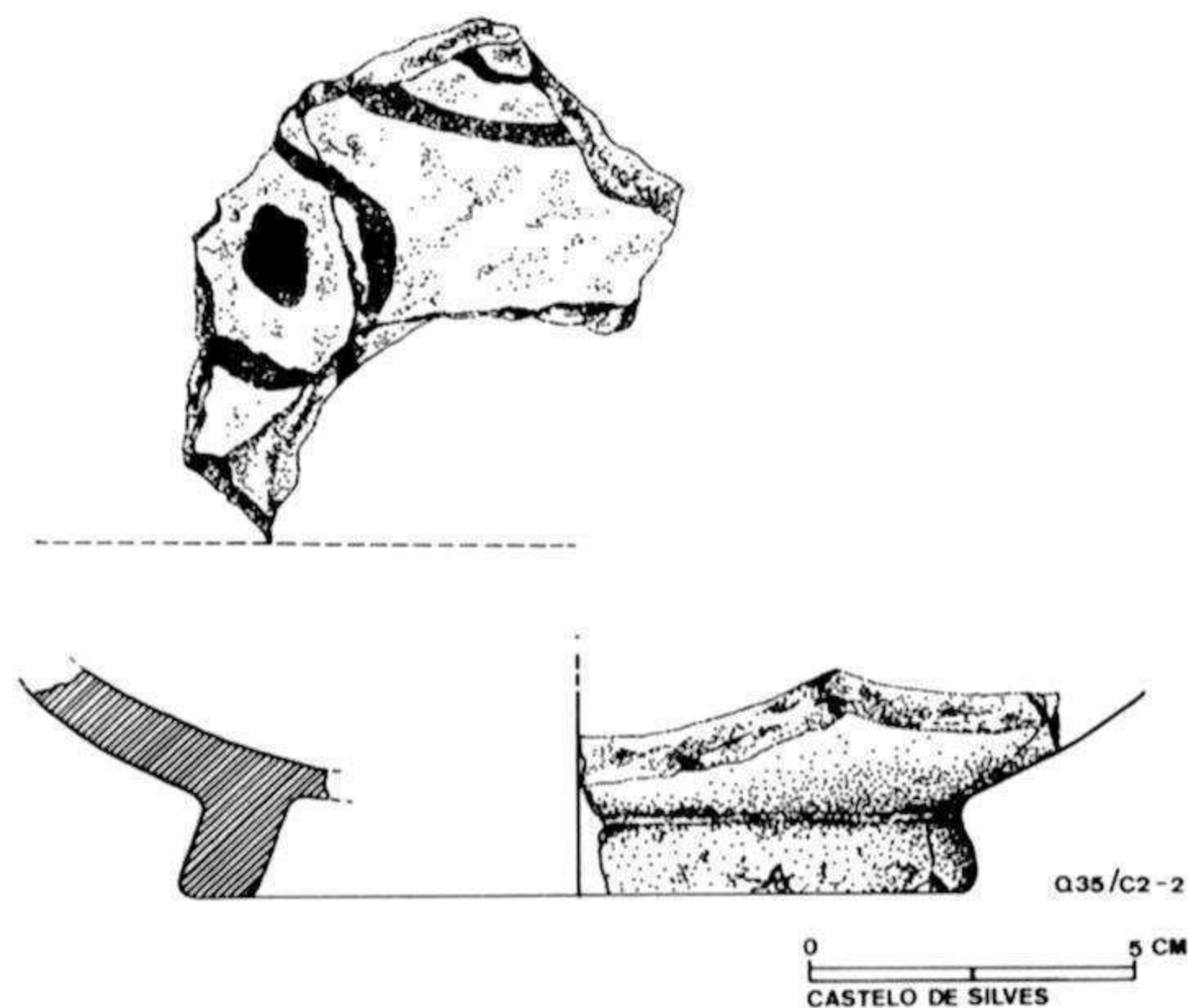
Q12/C2-3 – Fragmento, de lamparina, possuindo porção da base. Esta é em bolacha e mede 0.110 m de diâmetro. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam vidro, aderente e brilhante, de cor castanha amarelada.





V.6.5. Peças com pastas claras e decoração esmaltada, policroma, do tipo corda seca

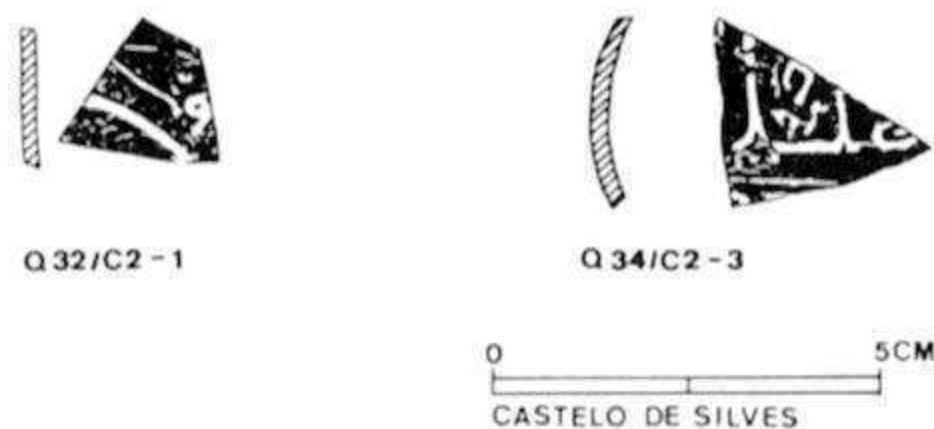
Q35/C2-2 – Fragmento, de grande taça, com porção do fundo e pé alto em anel. Este, mede 0.122 m de diâmetro e 0.015 m de altura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies oferecem esmalte, aderente mas pouco brilhante, sendo de cor verde claro, algo amarelado, na exterior e de cor branca na interior. Esta apresenta decoração, que utiliza a técnica da corda seca, formada por parte do que podem ser dois bolbos. O contorno das figuras é de cor negra, o seu interior de cor verde turquesa, mostrando, ainda, um ponto, ao centro, de cor amarela.



V.6.6. Peças fabricadas com pastas claras, engobe negro e esgrafito

Q32/C2-1 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta, mede 0.002 m de espessura máxima. A pasta é de cor branca (10YR8/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interna é da cor da pasta. A externa mostra engobe de cor negra e decoração esgrafitada, aberta com uma ponta aguçada, constituída por um motivo arqueada, com 0.001 m de largura, ladeado por outros de carácter fitomórfico e geométrico (executados com traço muito fino).

Q34/C2-3 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta, mede 0.002 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interna é da cor da pasta. A externa oferece engobe, de cor negra, e decoração esgrafitada onde se reconhecem os restos de um motivo epigráfico, ladeado por outros de carácter fitomórfico e geométrico. Mostra, ainda, na parte inferior do fragmento duas linhas horizontais e paralelas.



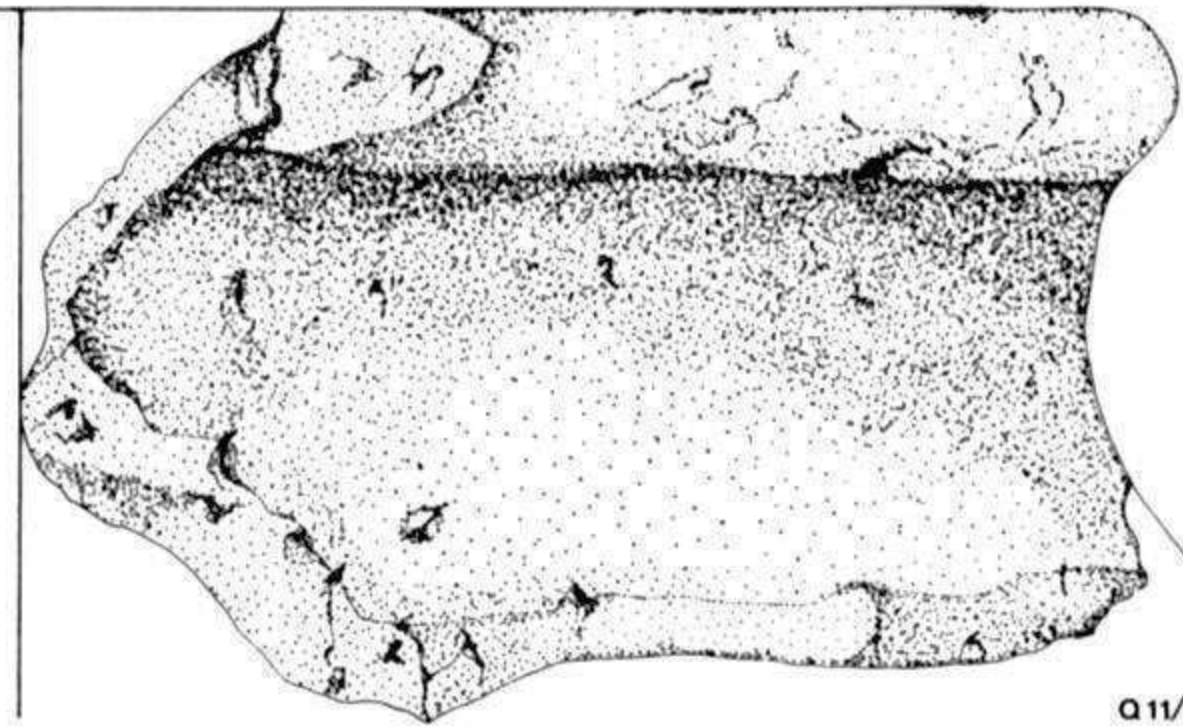
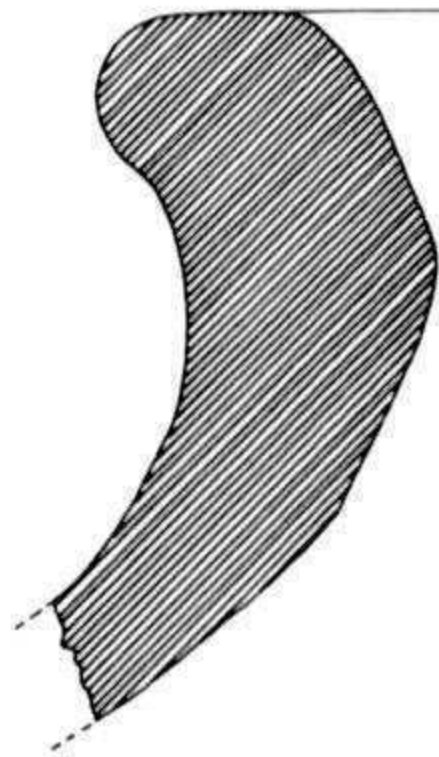
V.6.7. Peças fabricadas com pastas de cor rosada, bege e acinzentada

Q11/C2-8 – Fragmento, de talha, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, apresentando lábio com secção semicircular, e o seu diâmetro seria de 0.280 m. A pasta é de cor bege (10YR7/4), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosso. As superfícies mostram cor ligeiramente mais clara que a da pasta.

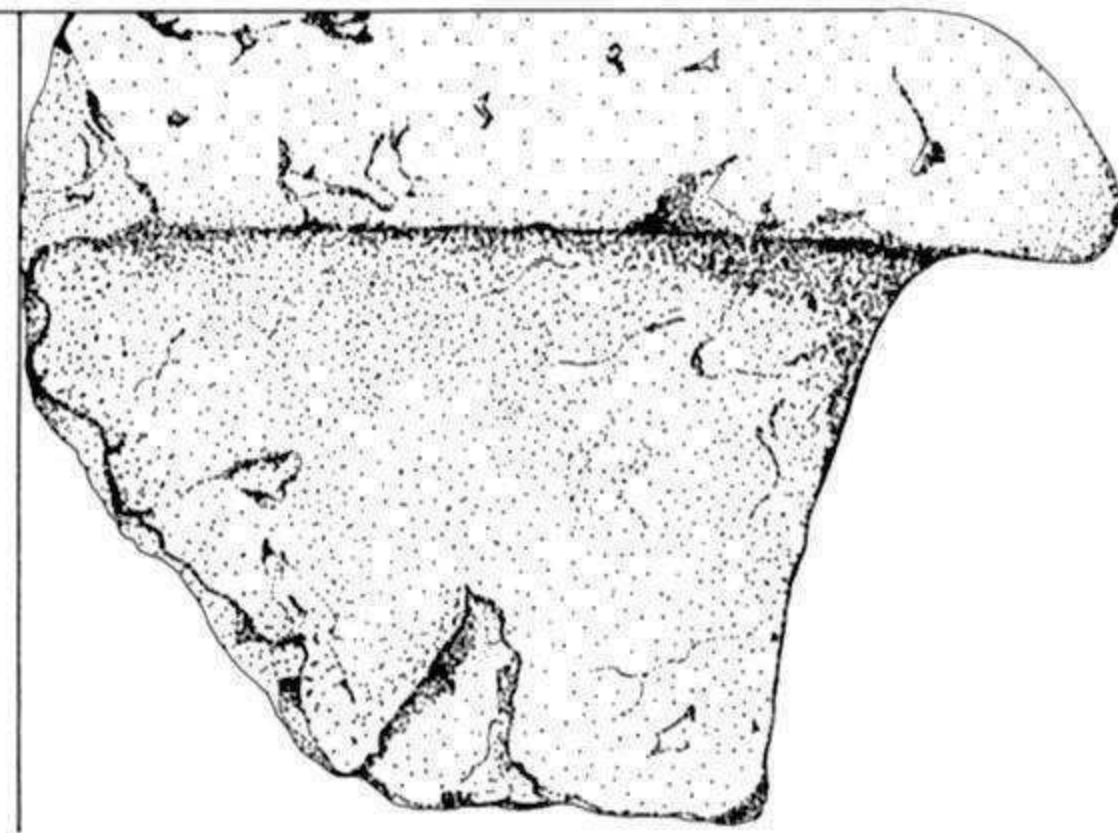
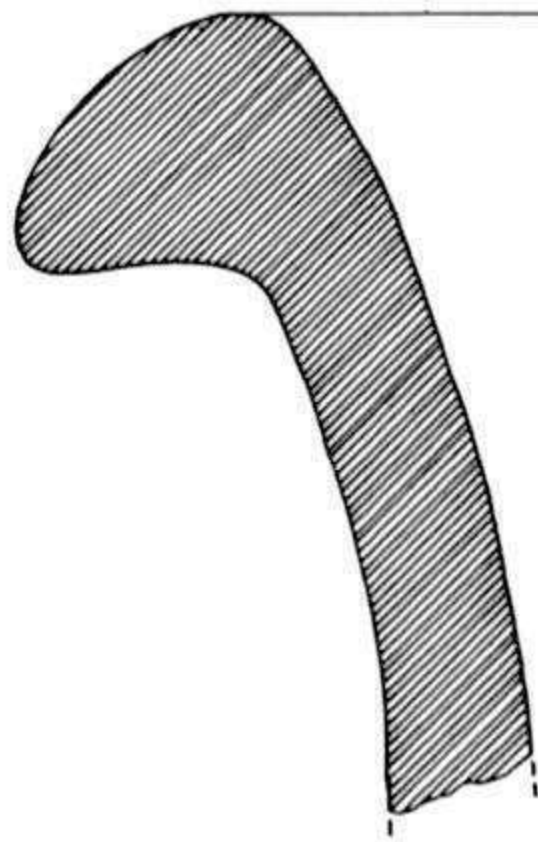
Q29/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, apresentando o lábio em bisel, e o seu diâmetro seria de 0.234 m. A pasta é de cor bege rosada (7.5YR7/4), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosso. As superfícies mostram tom ligeiramente mais claro que o da pasta.

Q25/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, apresentando lábio com secção sub-rectangular, e o seu diâmetro seria de 0.210 m. A pasta é de cor acinzentada clara (10YR7/2), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão grosso a fino. As superfícies apresentam manchas de cor acinzentada sobre uma aguada de tom castanho claro.

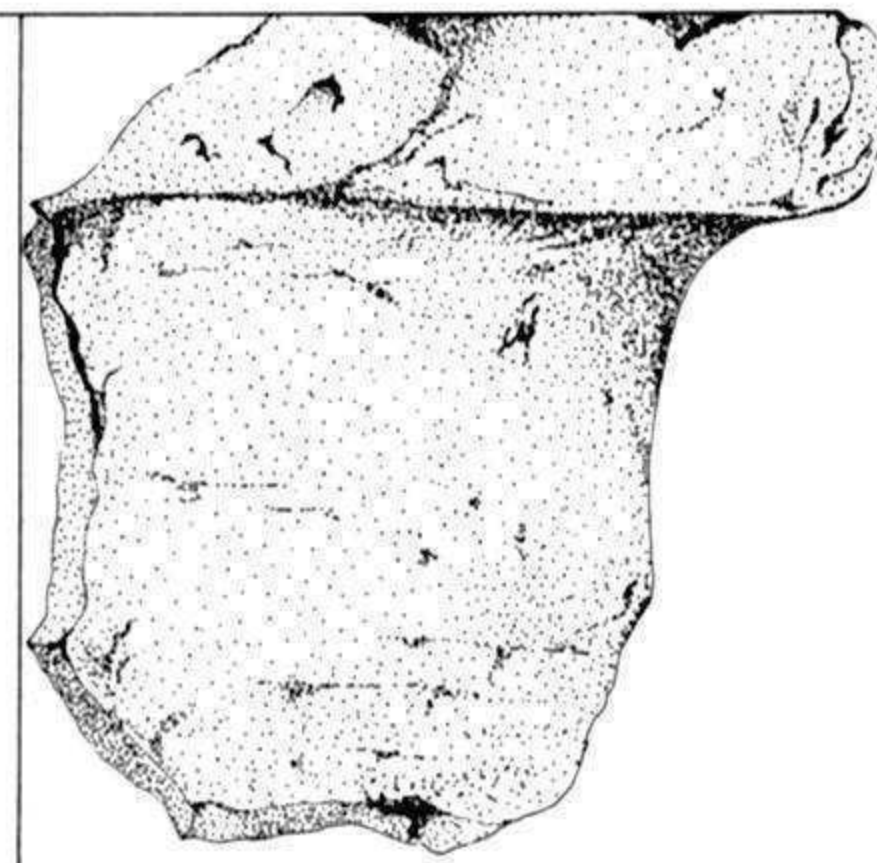
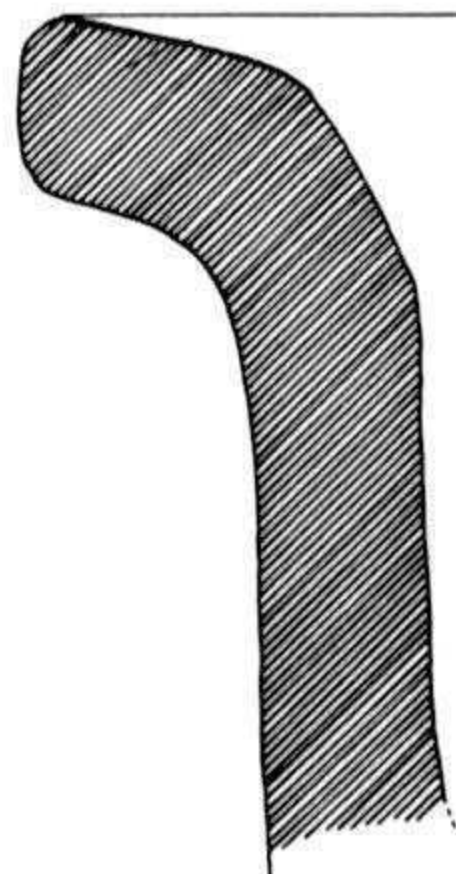
Q3/C2-7 – Fragmento, de talha, com porção de parede e incluindo o arranque do bordo. Mede 0.030 m de espessura máxima. A pasta é de cor amarela clara (5Y8/3), homogénea, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos, feldspáticos, e de barro cozido, de grão grosso a fino. A superfície interna, mal afagada, é de cor semelhante à da pasta. A superfície externa apresenta aguada de tom mais claro que o da pasta. Reconhece-se, nesta superfície, uma pequena estampilha, rectangular, com motivos geométricos, de forma triangular.



Q11/C2-8

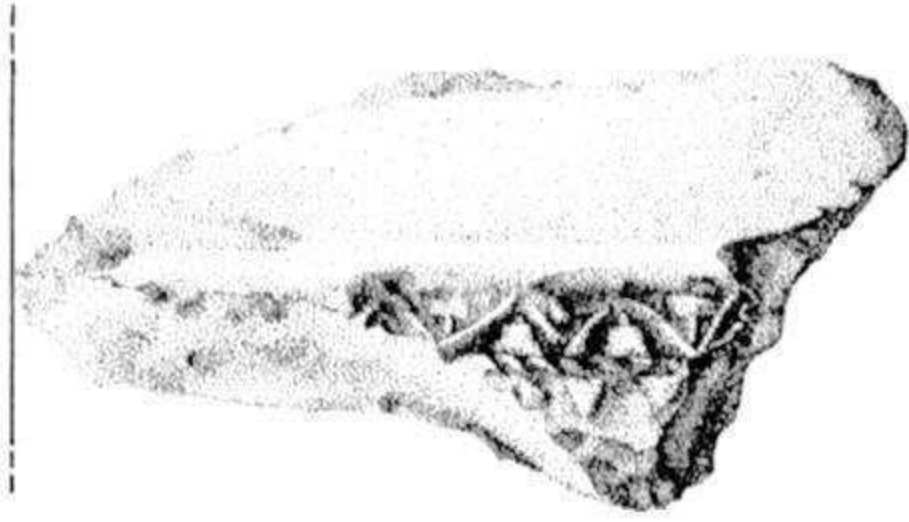
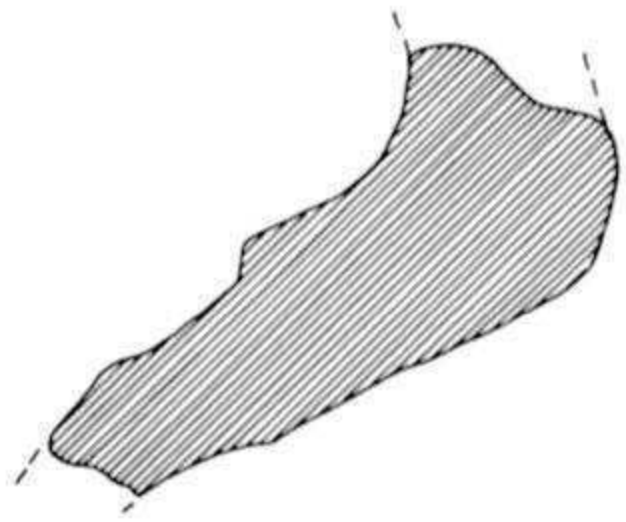


Q29/C2-1

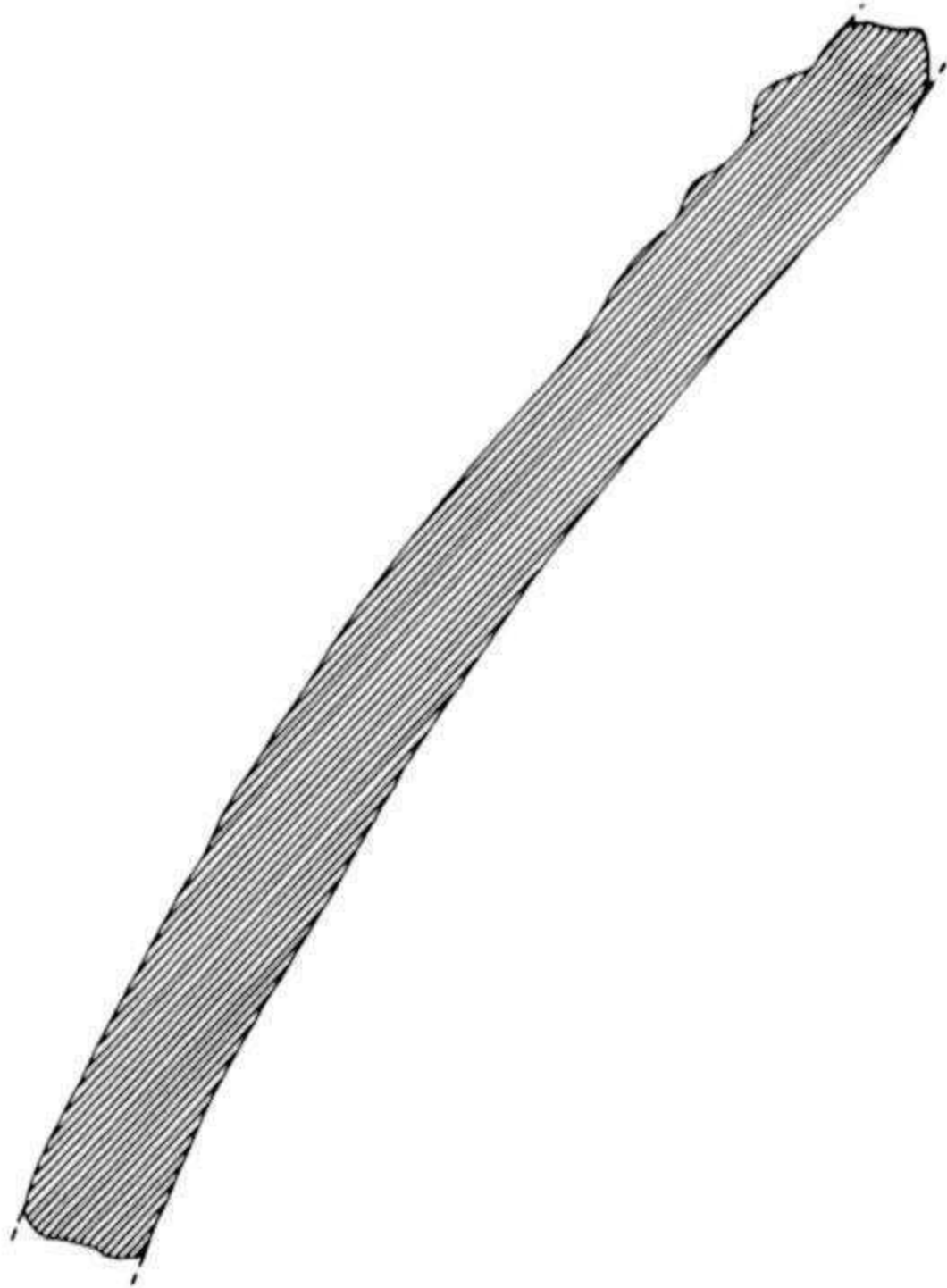


Q25/C2-1

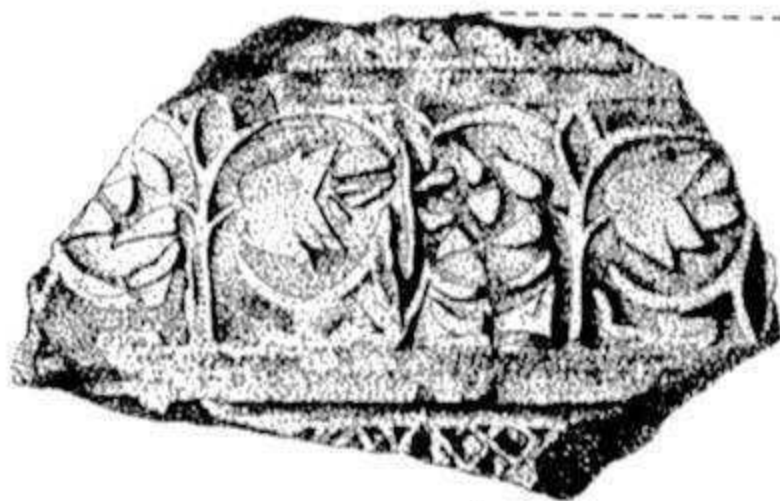
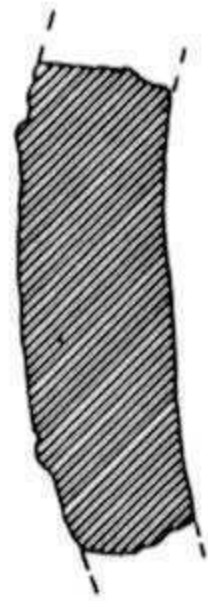




Q3/C2-7



Q18/C2-7



Q9/C2-3



Q18/C2-7 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Mede 0.020 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (2.5YR6/6), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão grosso a fino. A superfície interna é da mesma cor da pasta e a externa apresenta aguada de cor quase branca. A superfície externa está decorada com duas bandas paralelas de estampilhas, dispostas em série, em forma de palmetas. Estas faixas estão delimitadas por duas linhas incisadas horizontais e paralelas. Na parte superior do fragmento reconhecem-se quatro cordões pouco relevados.

Q9/C2-3 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.020 m de espessura máxima. A pasta é de cor acinzentada (5YR7/2), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino e, alguns, grossos. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior está decorada com estampilhas rectangulares, dispostas em série e inseridas numa cartela, representando motivos fitomórficos constituídos por um caule do qual partem duas flores, diferentes, uma de cada lado. Na parte inferior desta faixa reconhece-se uma outra, decorada por uma pequena estampilha representando losangos dispostos em série.

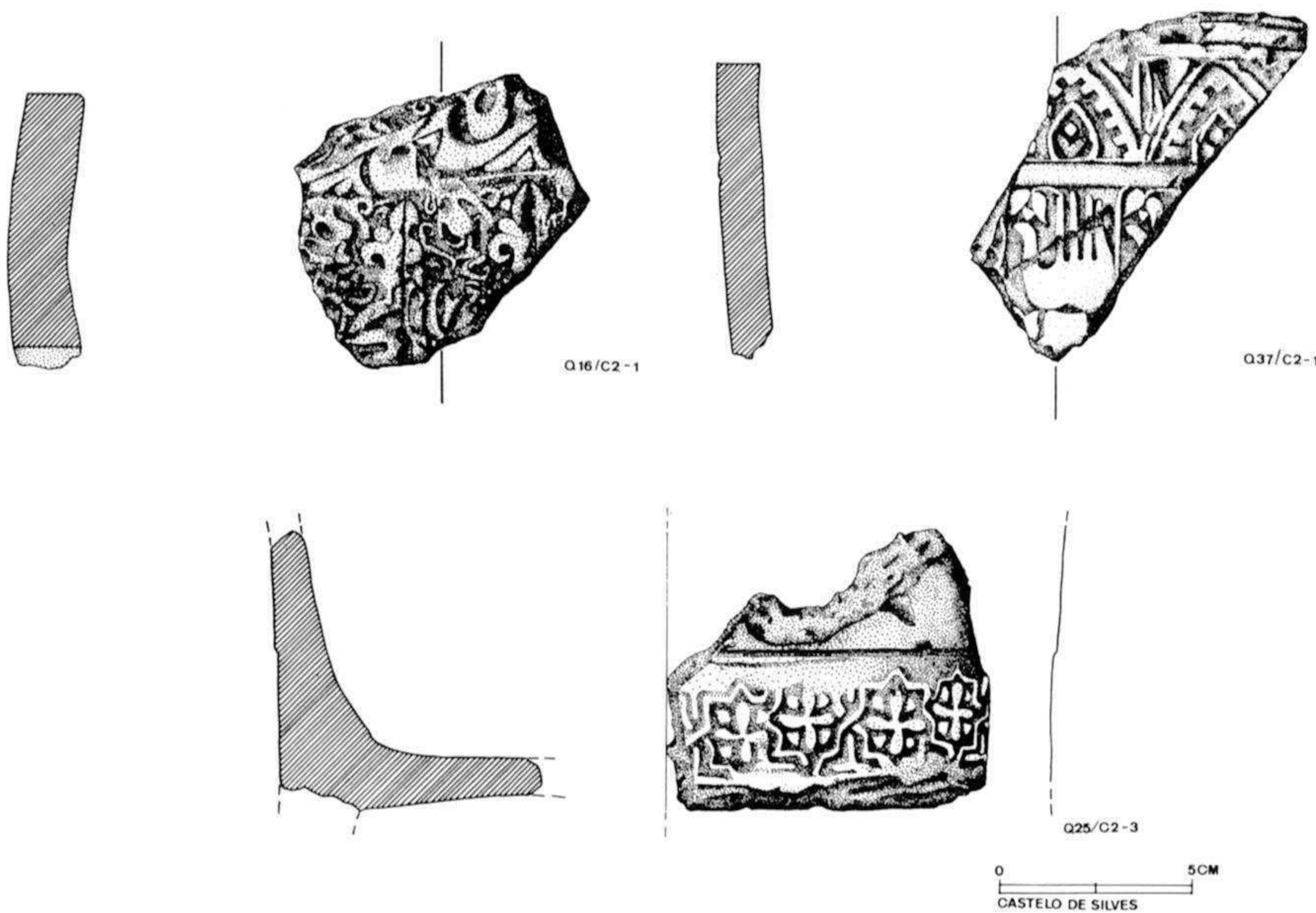


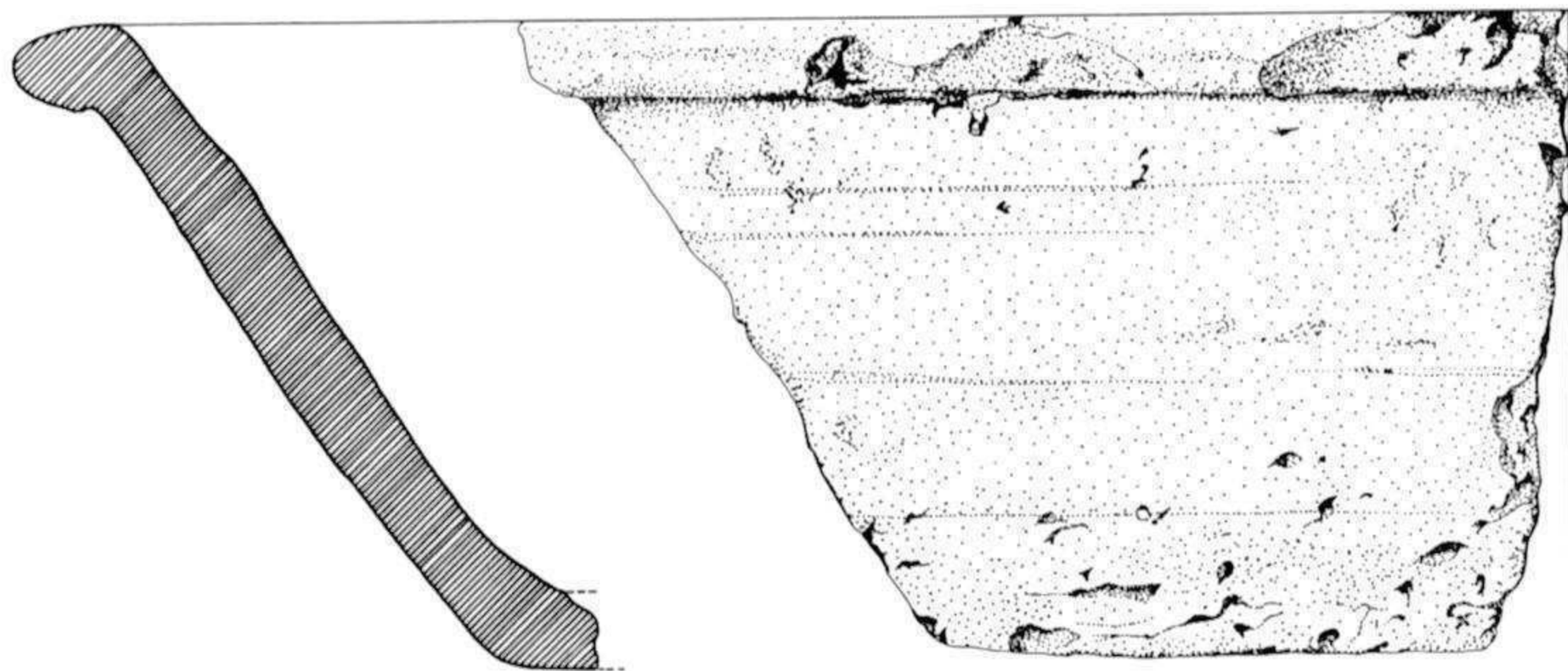
Fig. V. 13. Pormenor, ampliado, de tampa de talha decorada com matriz de tipo fitomórfico (Q9/C2-3).

Q16/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.016 m de espessura máxima. A pasta é de cor amarelada clara (5Y7/6) com núcleo de cor bege (10YR8/3), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a fino. As superfícies têm a mesma cor da pasta. A superfície externa apresenta restos de duas faixas com motivos, estampilhados, de carácter fitomórfico.

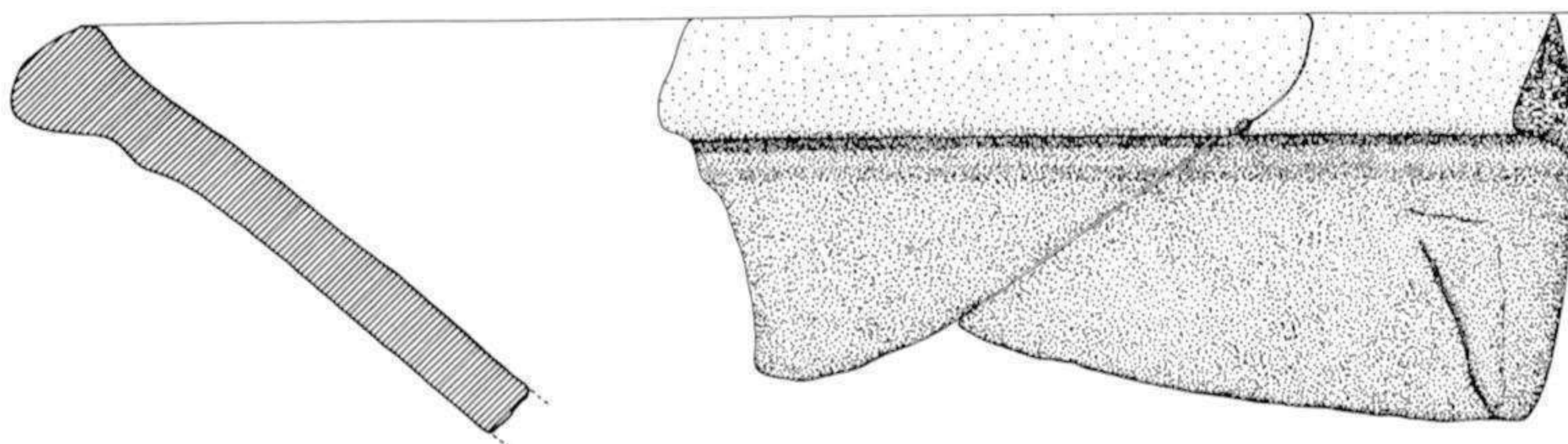
Q37/C2-1 – Fragmento, de talha, com porção da parede. Esta mede 0.011 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e nódulos de barro cozido, de grão médio a fino. A superfície interior mostra tom ligeiramente mais claro que o da pasta e a exterior oferece aguada de cor branca. Nesta, notam-se duas faixas, horizontais, estampilhadas com motivos diferentes separados por linhas incisadas com 0.005 m de largura. Uma das matrizes, na faixa inferior, representa a «mão de Fátima», aberta e com os dedos um pouco separados, ladeada por motivos florais. A outra, é um motivo arquitectónico, composto por um arco polilobulado contendo, ao centro, uma pequena flor.

Q25/C2-3 – Fragmento da base, possivelmente, de um suporte de talha. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), homogénea e compacta, contendo alguns elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta, mostrando a interna uma pequena mancha de vidro verde. A superfície externa oferece uma cartela onde foram inscritos motivos estampilhados, do tipo fitomórfico, dispostos em série.





Q18/C2-11



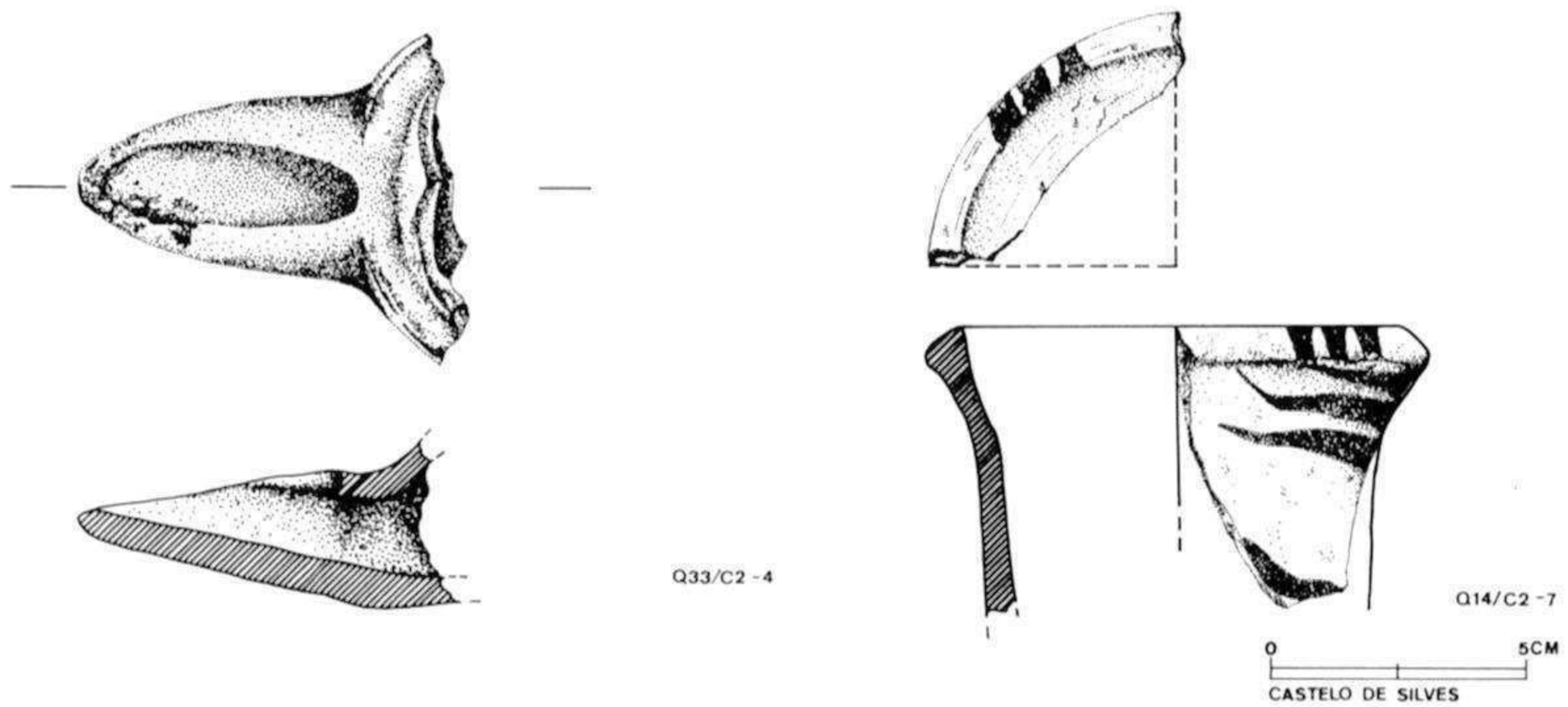
Q5/C2-21



Q18/C2-11 – Fragmento, de alguidar, com porção da parede e do bordo. Este, é extrovertido, o lábio tem perfil semicircular, e o seu diâmetro seria de 0.540 m. A pasta é de cor bege (10YR7/3), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. A superfície exterior é da mesma cor da pasta e a interior mostra aguada de cor bege, clara, quase branca.

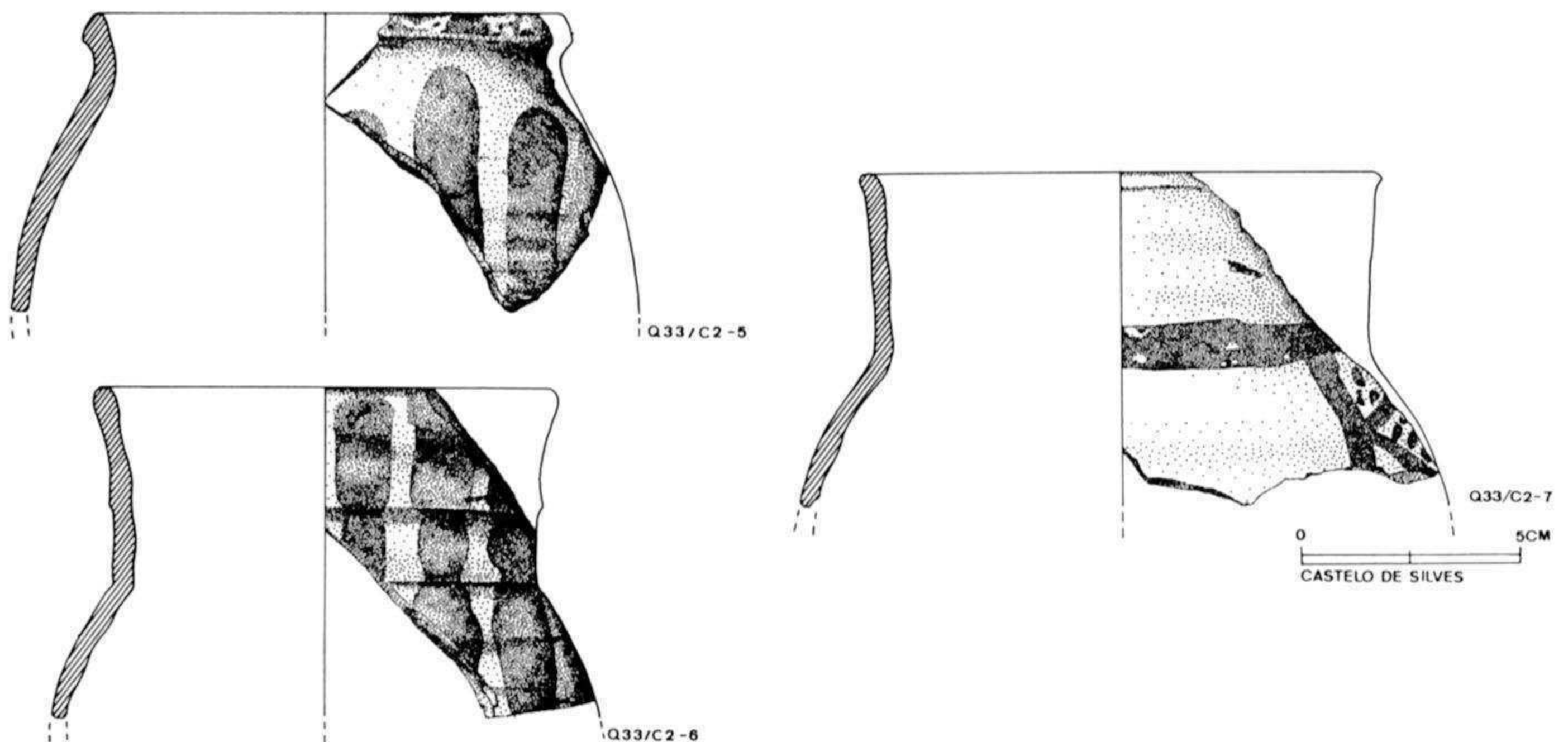
Q5/C2-21 – Fragmento, de alguidar, com porção da parede e do bordo. Este, é extrovertido, demarcado exteriormente por um ligeiro cordão, tem lábio com perfil semicircular e o seu diâmetro seria de 0.560 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e alguns nódulos de barro cozido, de grão médio a fino. A superfície exterior é da mesma cor da pasta e a interior está muito bem brunida.

Q33/C2-4 – Fragmento, de lucerna com corpo circular, possuindo porção do bico. A pasta é de cor rosada (5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam tom bege claro e manchas, de cor cinzenta, na zona do bico. Este mede 0.058 m de comprimento e 0.040 m de largura na base.



Q14/C2-7 – Fragmento, de jarra, com porção do bordo. Este, é extrovertido, mostra lábio algo biselado, e o seu diâmetro seria de 0.086 m. A pasta é de cor bege clara (10YR8/3), homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies são da cor da pasta. Apresenta decoração, pintada, de cor negra; formada por três linhas sobre o lábio e restos de outras tantas, sob o bordo, executadas com bateria de pincéis.

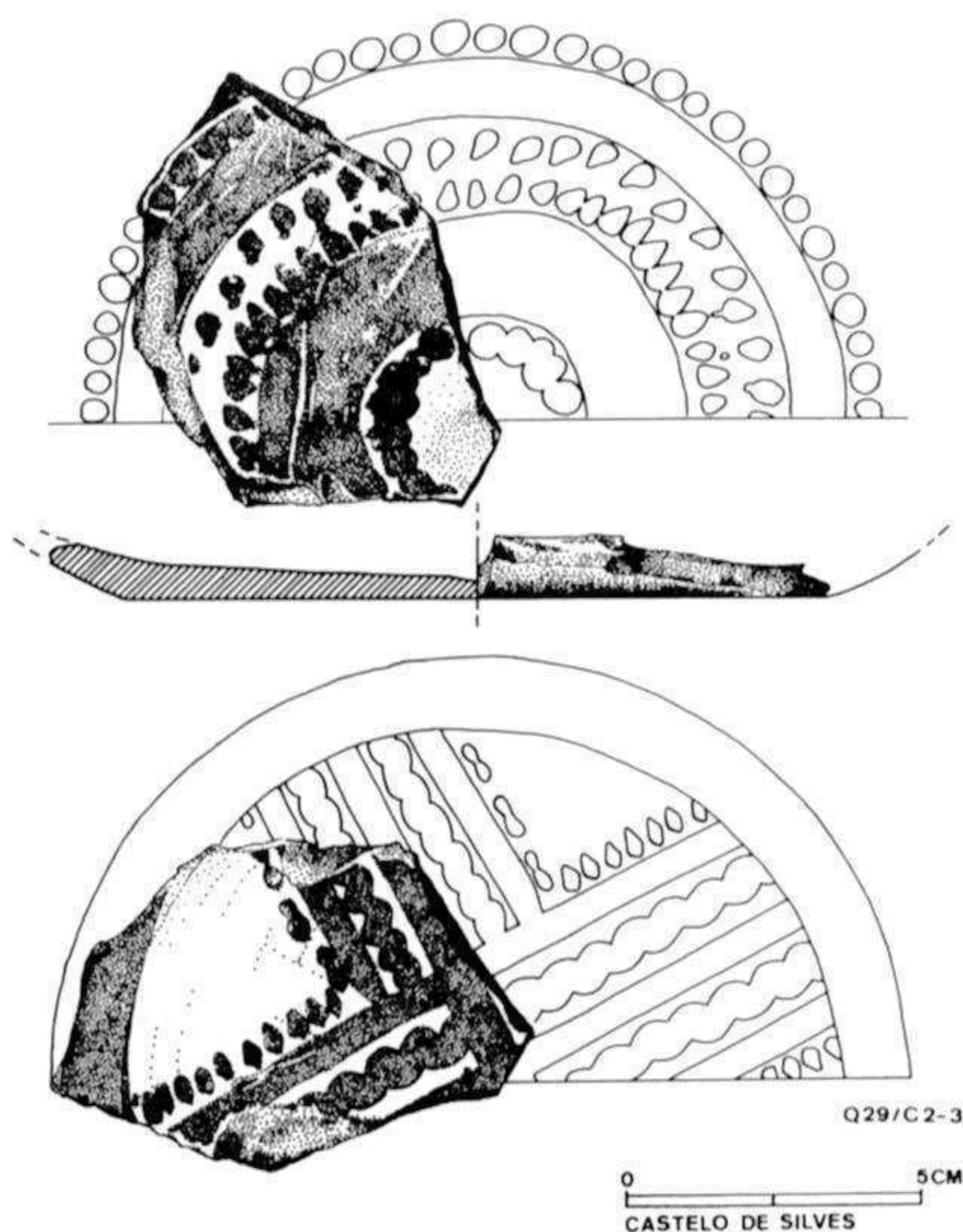
Q33/C2-5 – Fragmento, de pequeno pote, com porção do bordo e da parede. Este é extrovertido, tem o lábio algo biselado e o seu diâmetro seria de 0.106 m. A pasta é de cor bege (10YR8/3), muito homogênea e compacta, contendo elementos, não plásticos, finíssimos. As superfícies apresentam tom mais claro que o da pasta. A superfície externa e a parte superior do bordo, oferecem decoração pintada digitalmente, cor-de-laranja, que no exterior revela três linhas, verticais, separadas 0.007 m.

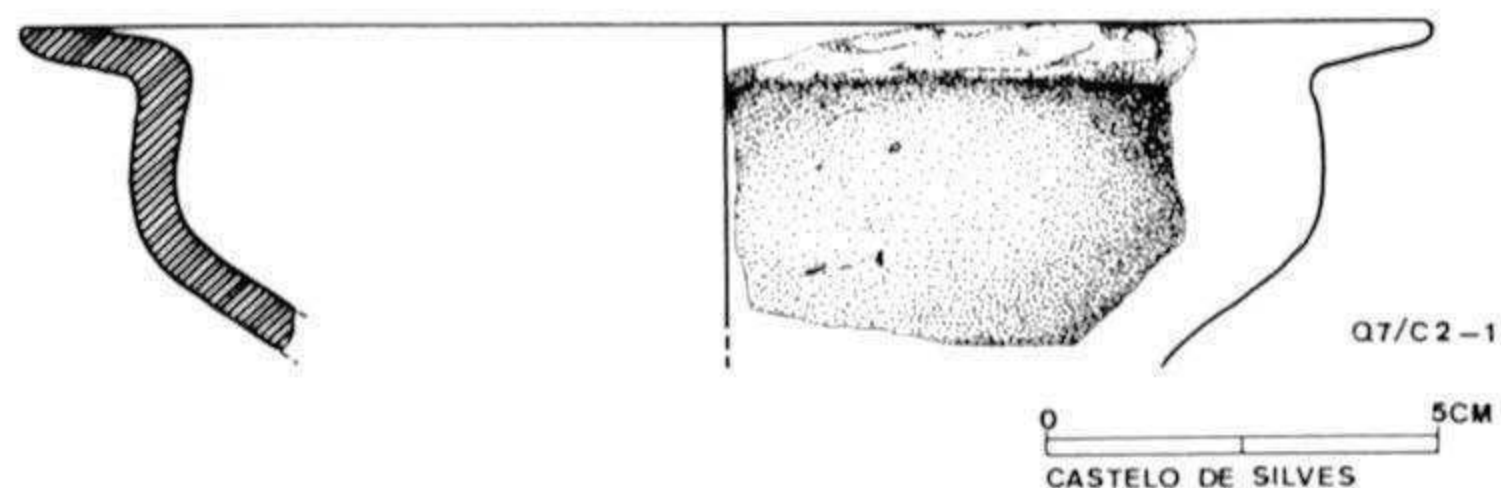


Q33/C2-6 – Fragmento, de jarra, com porção da parede e do bordo. Este, é ligeiramente inclinado para o exterior, o lábio tem perfil semicircular, e o seu diâmetro seria de 0.102 m. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam aguada de cor bege, muito clara. A parte superior do bordo e a superfície exterior encontram-se decoradas com linhas, pintadas digitalmente, cor-de-laranja, dispostas na vertical, separadas entre 0.005 m e 0.007 m.

Q33/C2-7 – Fragmento, de jarra, com porção da parede e do bordo. Este é ligeiramente espessado no exterior, o lábio tem perfil semicircular, e o seu diâmetro seria de 0.116 m. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam tom um pouco mais claro que o da pasta. A superfície exterior mostra decoração pintada, cor-de-laranja, formada por uma linha horizontal, com 0.010 m de largura, que separa o bordo do colo da peça a partir do qual se desenvolve, no sentido descendente, uma faixa, com losangos, preenchida por ponteados.

Q29/C2-3 – Fragmento, de taça ou prato, com porção do fundo. Este, é plano e o seu diâmetro seria de 0.120 m. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam aguada, de cor bege clara, e oferecem decoração, pintada, cor-de-laranja. Na superfície interior o motivo representado é composto por bandas irregulares dispostas em círculo, com larguras variando entre 0.010 m e 0.018 m, pintadas a cheio, que intercalam com outras ponteadas. Na superfície exterior, que é a base da peça, cruzam-se cartelas, com linhas onduladas, acompanhadas por linhas ponteadas irregulares.





Q 7/C2-1 – Fragmento, de taça, com porção da parede e do bordo. Este, é extrovertido, quase horizontal, o lábio tem perfil semicircular, e o seu diâmetro seria de 0.178 m. A pasta é de cor bege avermelhada (5YR6/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino e, alguns poucos, de caulino com grão grosso. As superfícies apresentam tom ligeiramente mais claro que o da pasta. No bordo, e sob este, oferece, ainda, restos de pintura cor-de-laranja.

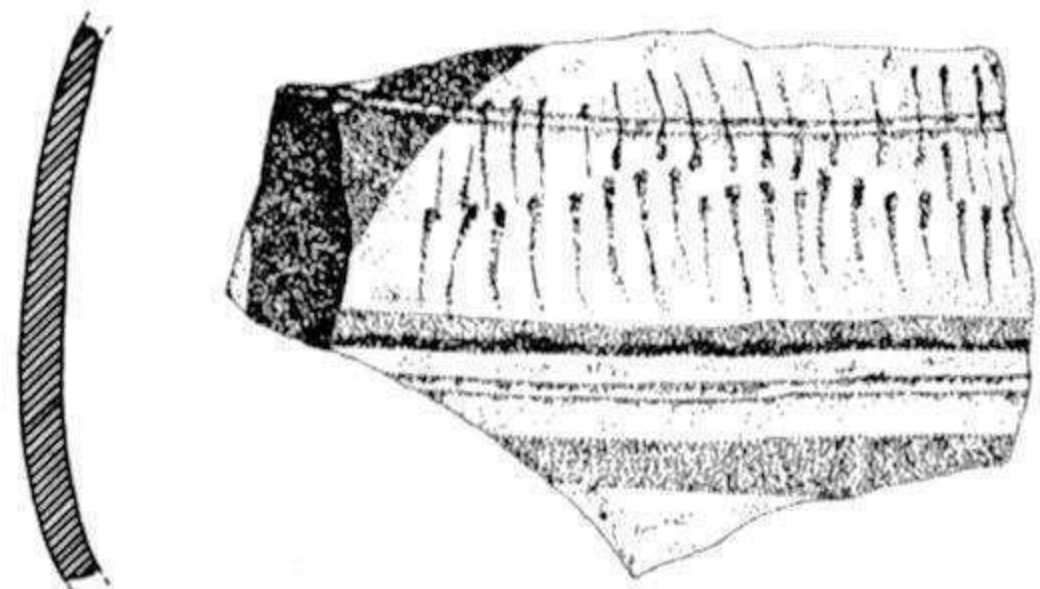
Q39/C2-2 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/6), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies oferecem aguada, de cor bege, quase branca. A superfície exterior apresenta decoração pintada, de cor castanha escura quase negra, constituída por duas séries de pequenas linhas verticais, com dimensões irregulares, delimitadas, na parte inferior da peça, por duas outras linhas, horizontais, separadas 0.013 m. Num dos lados mostra duas linhas, arqueadas, com 0.012 m de largura. As pinturas sobrepõem quatro finas linhas incisas, dispostas duas a duas, e separadas cerca de 0.032 m.

Q14/C2-8 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. A superfície interior é da cor da pasta e a exterior apresenta aguada de cor quase branca. Esta encontra-se decorada com linhas pintadas, de cor castanha escura, formando triângulos inscritos numa cartela, horizontal, com 0.023 m de largura.

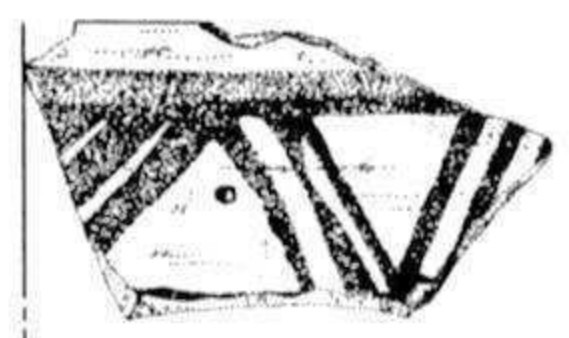
Q14/C2-9 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.007 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (5YR7/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam aguada de cor bege muito clara. A superfície exterior está decorada com linhas pintadas, de cor negra, reconhecendo-se três arqueadas que separam os restos de dois motivos formados, cada um, por quatro linhas verticais ligeiramente onduladas. Estas pinturas sobrepõem três pequenas linhas incisas, horizontais e paralelas, que marcariam o colo da peça.

Q33/C2-8 – Fragmento, de vasilha, com porção da parede. Esta mede 0.004 m de espessura máxima. A pasta é de cor rosada (7.5YR8/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies mostram tom mais claro que o da pasta e a exterior está decorada com uma quadricula, dupla, pintada, cor-de-laranja, com o interior preenchido por ponteados e inserida numa faixa, horizontal, com 0.023 m de largura.

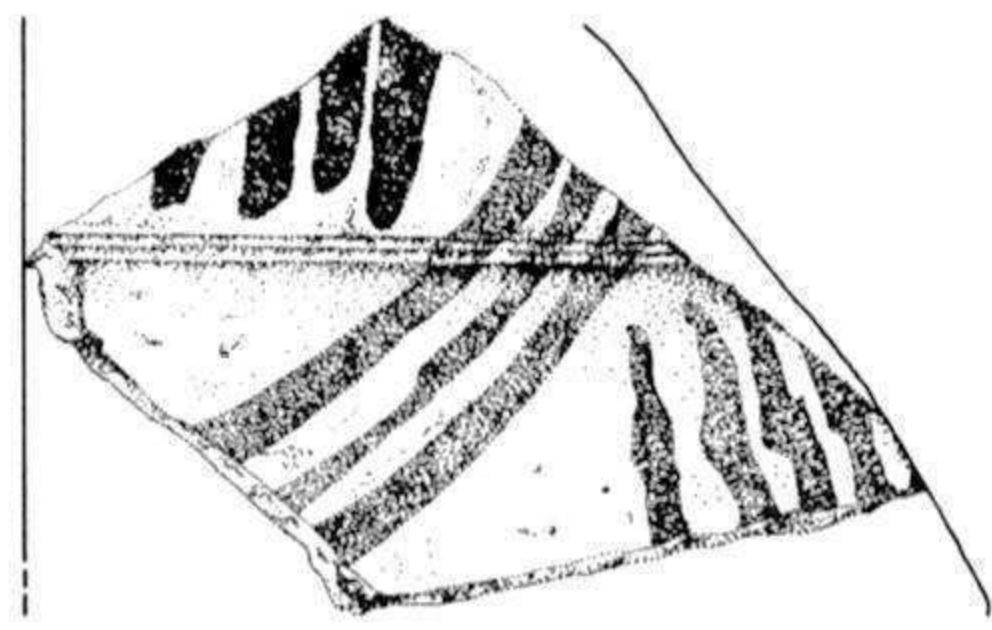
Q37/C2-3 – Fragmento, de jarra, com porção da parede. Esta mede 0.005 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege (10YR8/3), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino de grão médio a fino. As superfícies apresentam a mesma cor da pasta e a exterior está decorada com quatro linhas horizontais, pintadas de cor negra, com 0.013 m de largura, duas de cada lado, formando uma faixa que numa zona mostra um reticulado, constituído por traços mais finos, pintado naquela mesma cor.



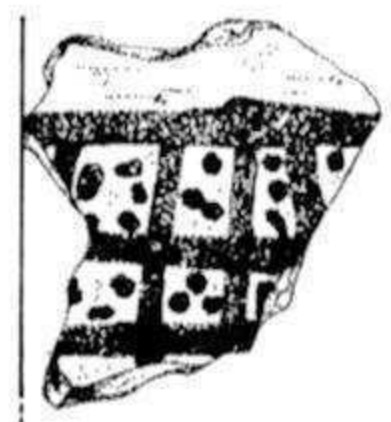
Q39/C2-2



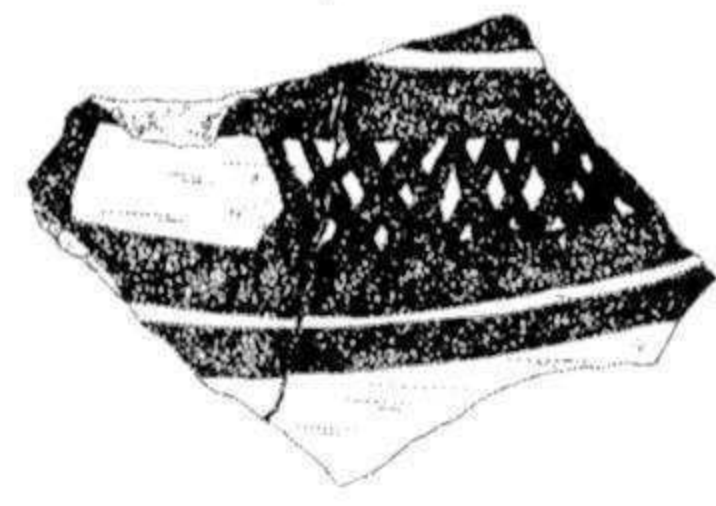
Q14/C2-8



Q14/C2-9

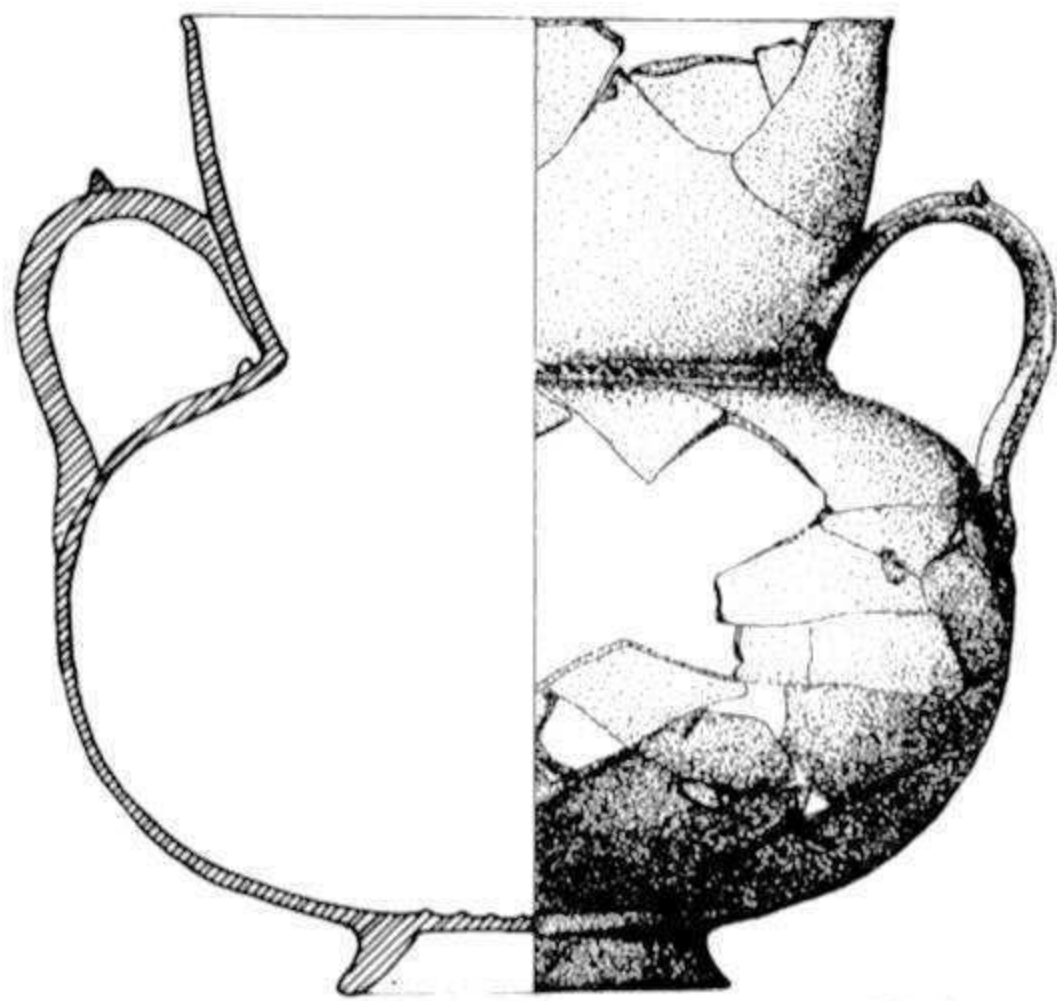


Q33/C2-8

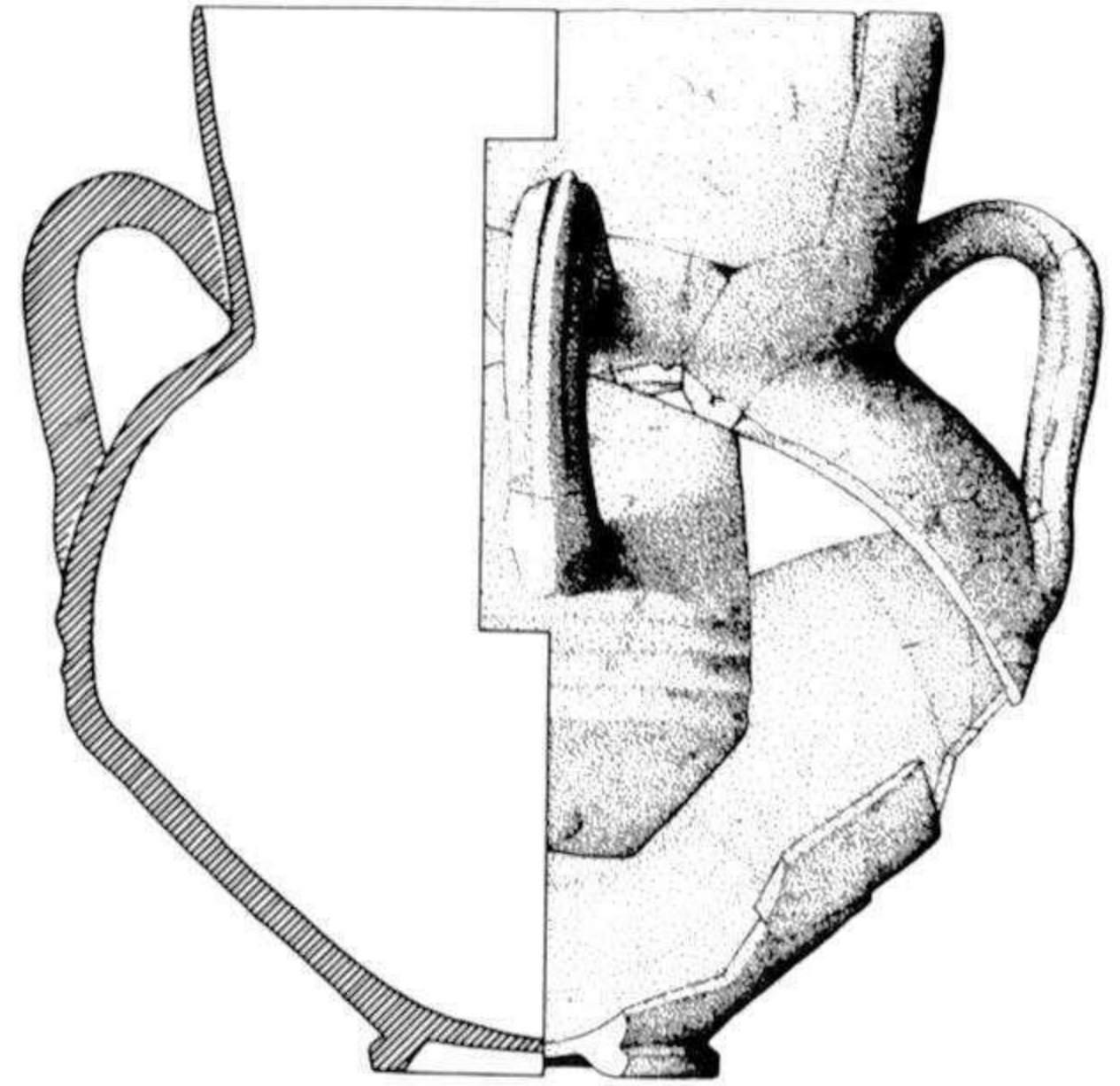


Q37/C2-3

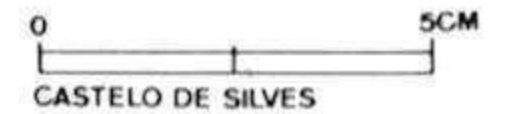




Q8/C2-1



Q8/C2-4



Q8/C2-1 – Jarra. Quase completa, mostra corpo globular e bordo ligeiramente extrovertido, com lábio em bisel. Oferece duas asas opostas e pé, alto, em anel. O diâmetro do bordo é de 0.090 m e mede 0.125 m de altura, as paredes têm 0.003 m de espessura máxima, e o diâmetro do pé é de 0.050 m. A pasta é de cor bege muito clara (10YR8/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, finíssimos. As superfícies são da mesma cor da pasta. As asas estão decoradas com três pequenas caneluras, e exibem, na parte superior, dois elementos de forma triangular. Apresenta, na ligação entre o bordo e o colo, um estreito cordão, em relevo, decorado com incisões que formam pequenos triângulos isósceles.

Q8/C2-4 – Jarra. Quase completa, mostra corpo globular alongado e bordo alto, ligeiramente extrovertido, com lábio em bisel. Oferece quatro asas, opostas duas a duas, e pé em anel. O diâmetro do bordo é de 0.107 m e mede 0.153 m de altura. As paredes têm 0.004 m de espessura máxima e o diâmetro do pé mede 0.050 m. A pasta é de cor bege muito clara (10YR8/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta. As quatro asas estão decoradas com caneluras, paralelas, pouco profundas. Na parte inferior da peça, sob as asas, detectam-se, também, três ligeiras caneluras paralelas.

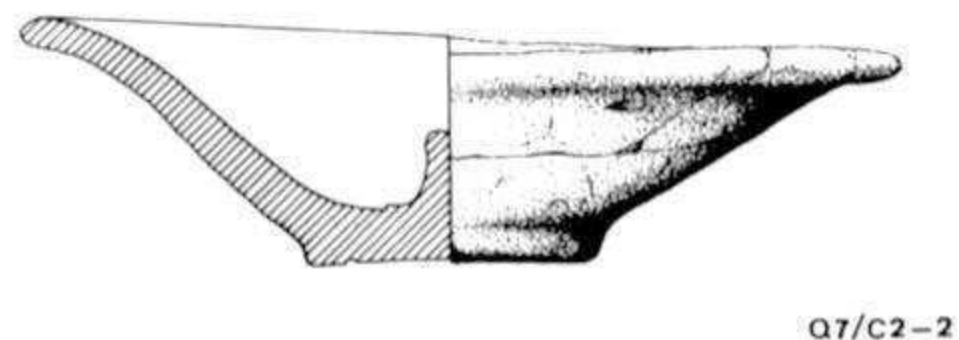
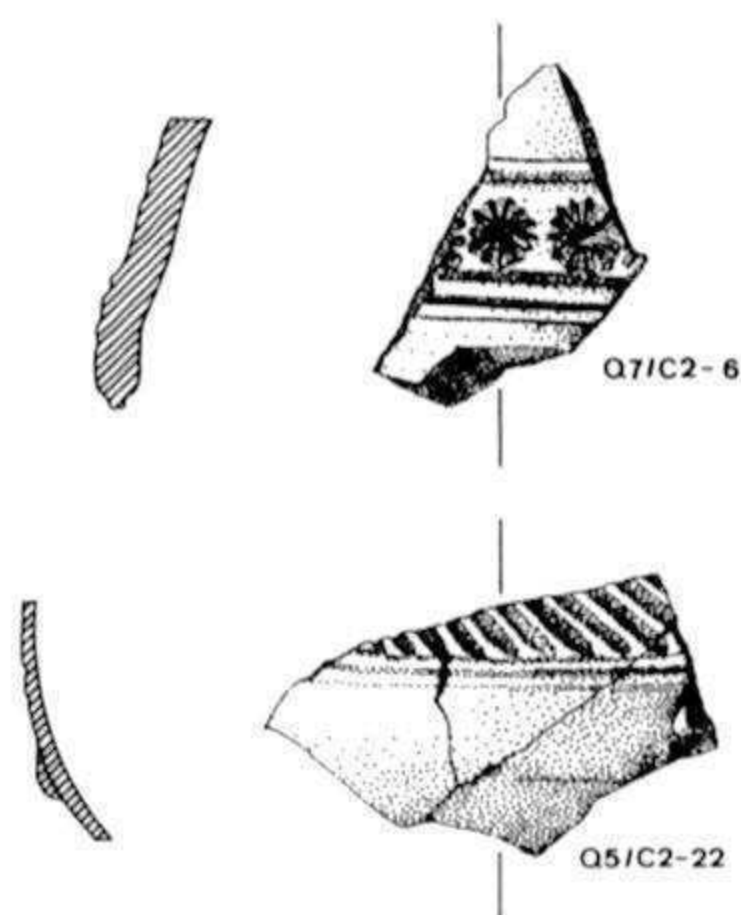
Q7/C2-6 – Fragmento, de jarra, com porção da parede. Esta mede 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor bege clara (10YR8/4), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior mostra uma cartela, delimitada por cinco linhas incisadas (três num lado e duas no outro), decorada com pequenas flores de doze pétalas, impressas, que medem 0.010 m de diâmetro.

Q5/C2-22 – Fragmento, de jarra, com porção da parede. Esta, mede 0.002 m de espessura máxima. A pasta é de cor branca (5Y8/2), homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. As superfícies, muito bem alisadas, são da mesma cor da pasta. A superfície exterior que mostra, ainda, parte do arranque da asa, está decorada com duas linhas incisadas, horizontais e paralelas, que delimitam um motivo constituído por várias outras, obliquas, dispostas em série.

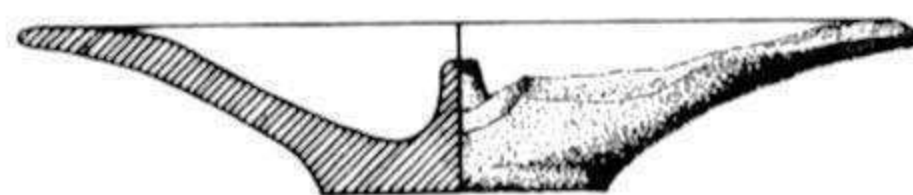
Q7/C2-2 – Tampa. Quase completa, apresenta base plana e pega em botão. O lábio tem secção semicircular e o diâmetro do bordo é de 0.110 m. A pasta é de cor bege (10YR8/3), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta.

Q38/C2-2 – Fragmento, de tampa, com porção do bordo, base plana e pega em botão. O lábio apresenta secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.112 m. A pasta é de cor rosada (5YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies apresentam aguada de tom mais claro que o da pasta.

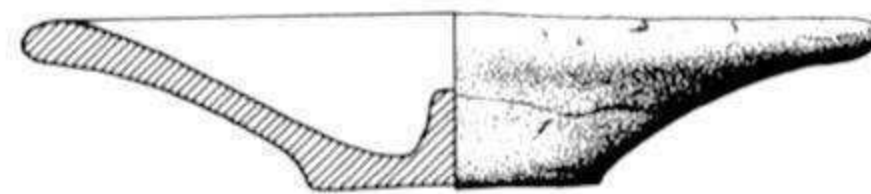
Q7/C2-3 – Tampa, quase completa, com porção do bordo, base plana e pega em botão. O lábio, ligeiramente espessado, apresenta secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.102 m. A pasta é de cor bege (10YR7/4), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo. As superfícies são da mesma cor da pasta.



Q7/C2-2

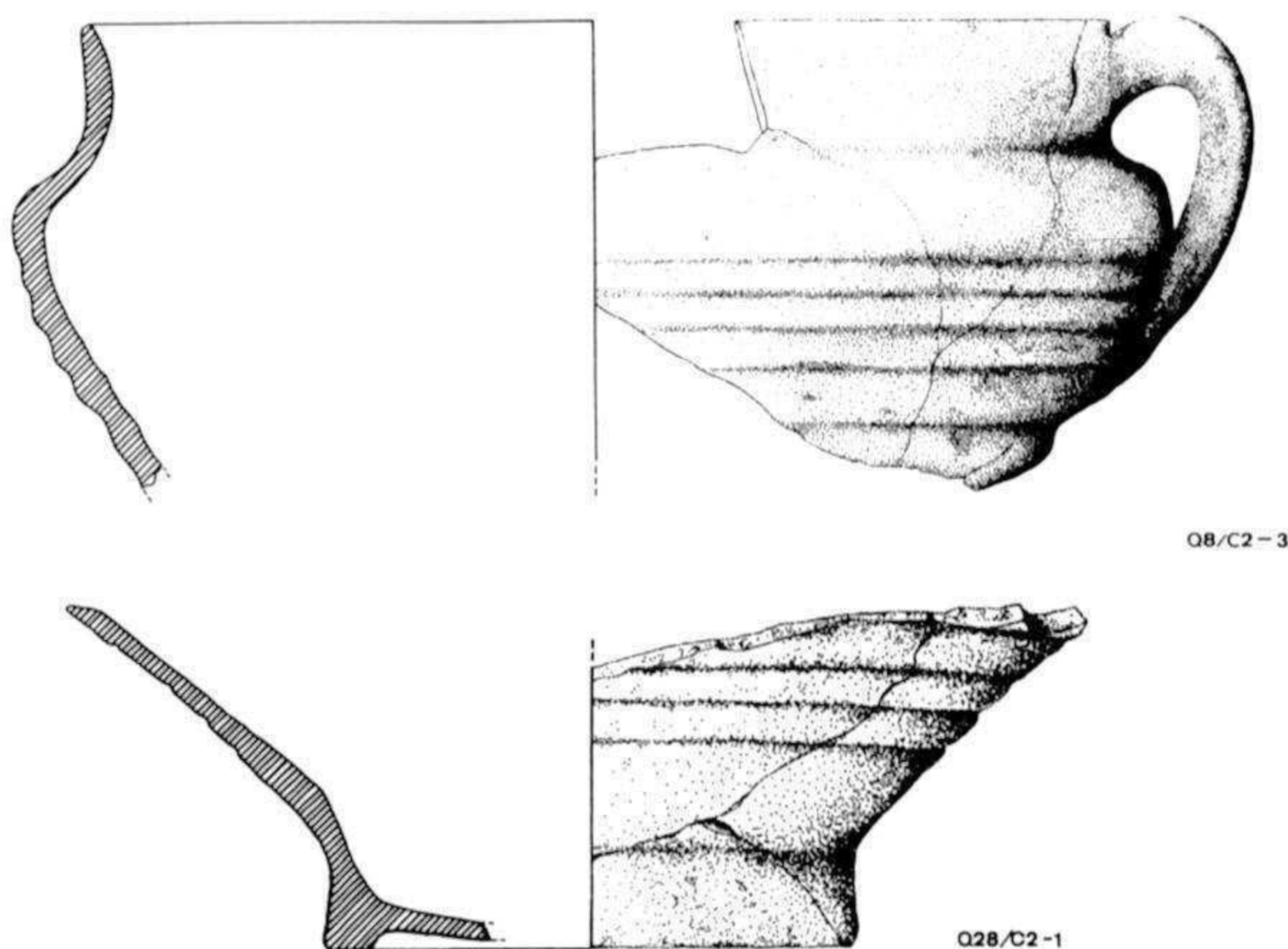
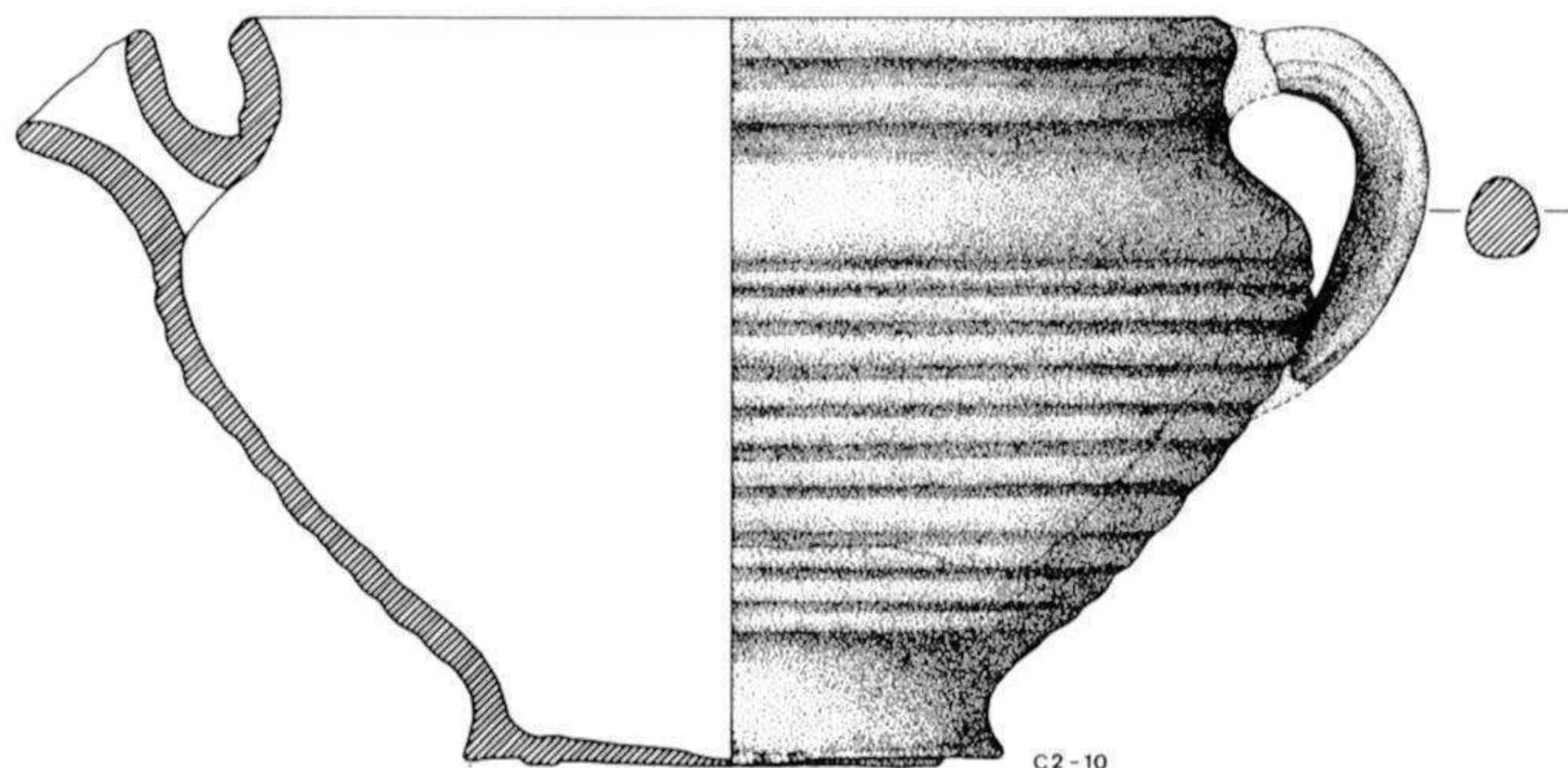


Q38/C2-2



Q7/C2-3





Q8/C2-3



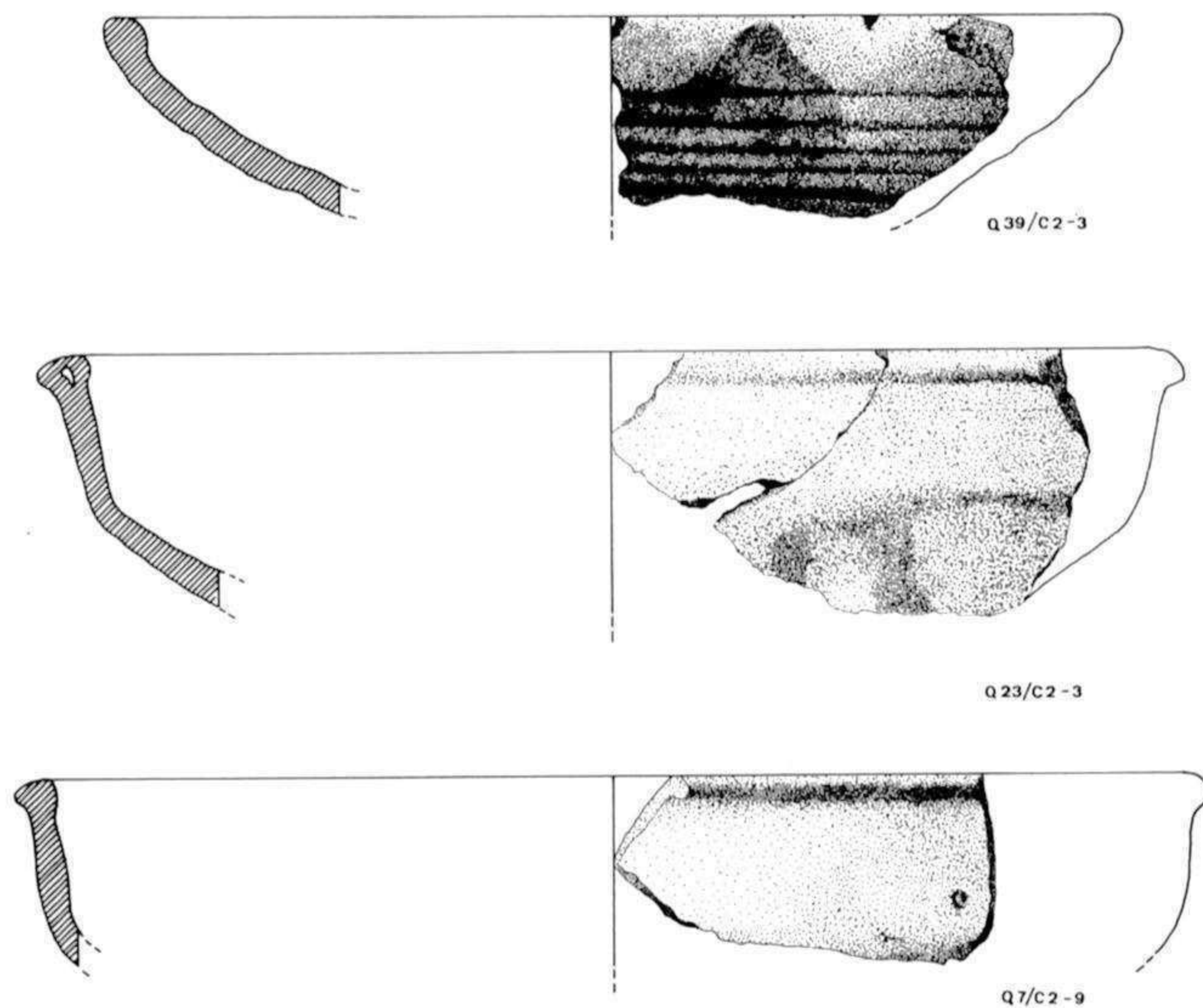
C2-10 – Bule. Completo, oferece corpo de forma ovóide, assente numa base plana. Sob o bordo mostra um pequeno gargalo e, no lado oposto, uma asa com perfil semicircular e secção circular. O bordo, ligeiramente extrovertido, apresenta lábio com secção semicircular e mede 0.160 m de diâmetro. A peça tem 0.123 m de altura máxima e o diâmetro do gargalo é de 0.026 m. A base, onde existe um pequeno rebordo para encaixe, mede 0.088 m de diâmetro. A pasta é de cor bege quase branca (5Y8/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo e, alguns poucos, de caulino com grão médio. As superfícies têm a mesma cor da pasta. A superfície exterior está decorada, a 0.040 m abaixo do bordo, com caneluras que atingem a parte superior do pé.

Q8/C2-3 – Fragmento, de bule, com porção do bordo e uma asa de perfil semicircular e secção circular. O bordo é vertical, tem lábio com secção semicircular e o seu diâmetro mediria 0.180 m. A pasta é de cor rosada (10R6/6), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, finíssimos. As superfícies oferecem aguada de cor quase branca mas com algumas, poucas, manchas acinzentadas. A superfície exterior apresenta, a 0.042 m abaixo do bordo, várias caneluras paralelas.

Q28/C2-1 – Fragmento, de bule, com porção da base. O pé é baixo, em anel, e o seu diâmetro seria de 0.094 m. A pasta é de cor branca (5Y8/2), muito homogénea e compacta, contendo elementos, não plásticos, finíssimos. As superfícies têm a mesma cor da pasta. A superfície exterior, a 0.036 m da base, oferece várias caneluras.

V.6.8. Peças fabricadas com pastas de cores vermelhas, cor-de-laranja e castanhas

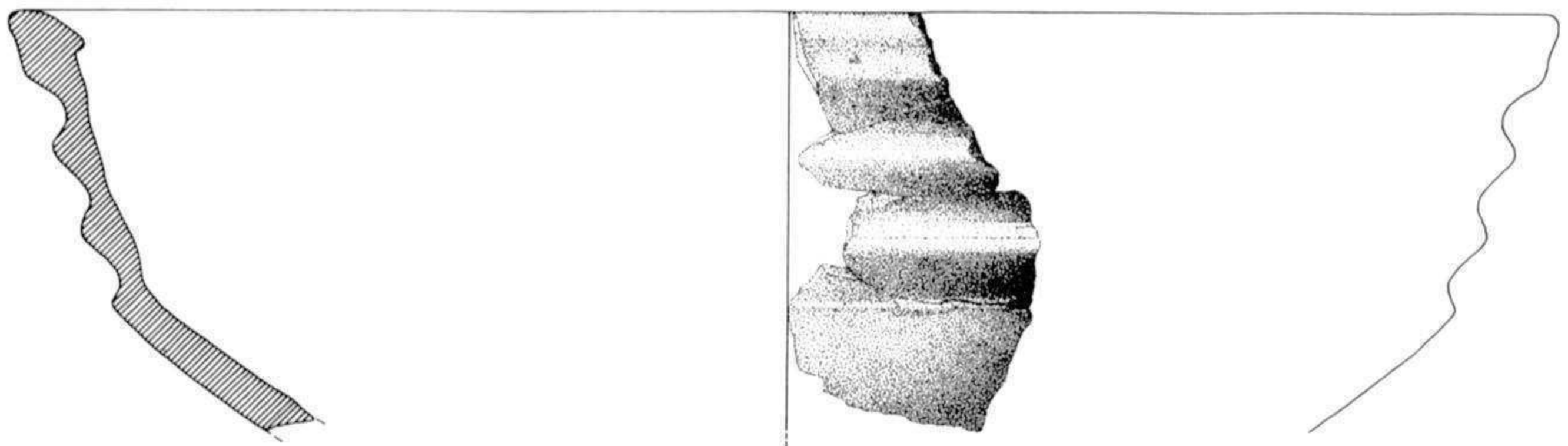
Q39/C2-3 – Fragmento, de taça, com porção da parede e do bordo. Este é ligeiramente introvertido e espessado, oferecendo lábio, com secção semicircular, que mediria 0.210 m de diâmetro. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino e, alguns poucos, grossos. As superfícies são da mesma cor da pasta embora a exterior mostre uma grande mancha, queimada, de cor cinzenta escura. Esta superfície apresenta-se canelada, a 0.015 m do bordo, e observa-se uma linha, pintada, de cor branca.



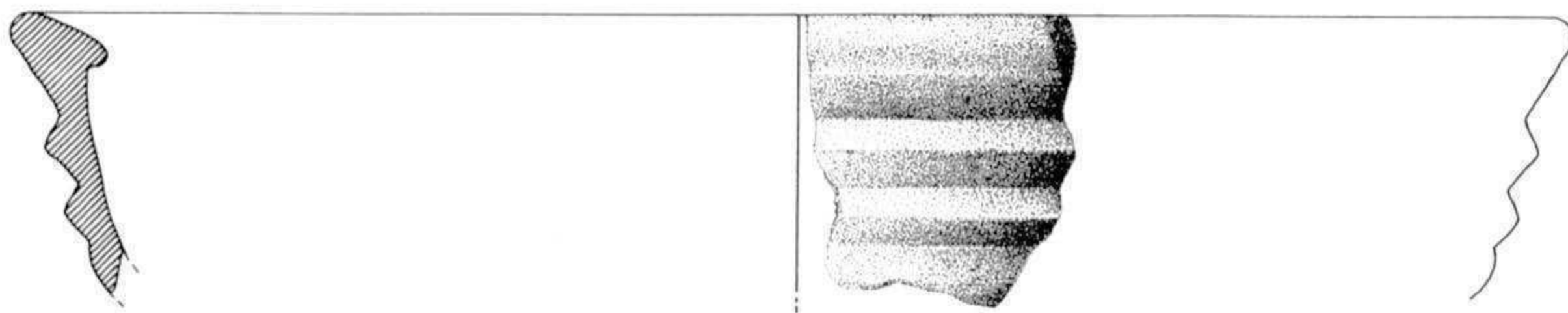
0 5CM
CASTELO DE SILVES

Q23/C2-3 – Fragmento, de taça carenada, com porção da parede e do bordo. Este, é ligeiramente extrovertido e espessado, tem o lábio quase plano e o seu diâmetro mediria 0.228 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta e a exterior está decorada com manchas, pintadas de cor branca, tal como o lábio.

Q7/C2-9 – Fragmento, de grande taça, com porção da parede e do bordo. Este, é ligeiramente extrovertido, o lábio tem secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.240 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8) com núcleo de cor bege (10YR7/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies são da mesma cor da pasta e sobre o bordo apresenta uma linha, pintada, de cor branca.



Q14/C2-4



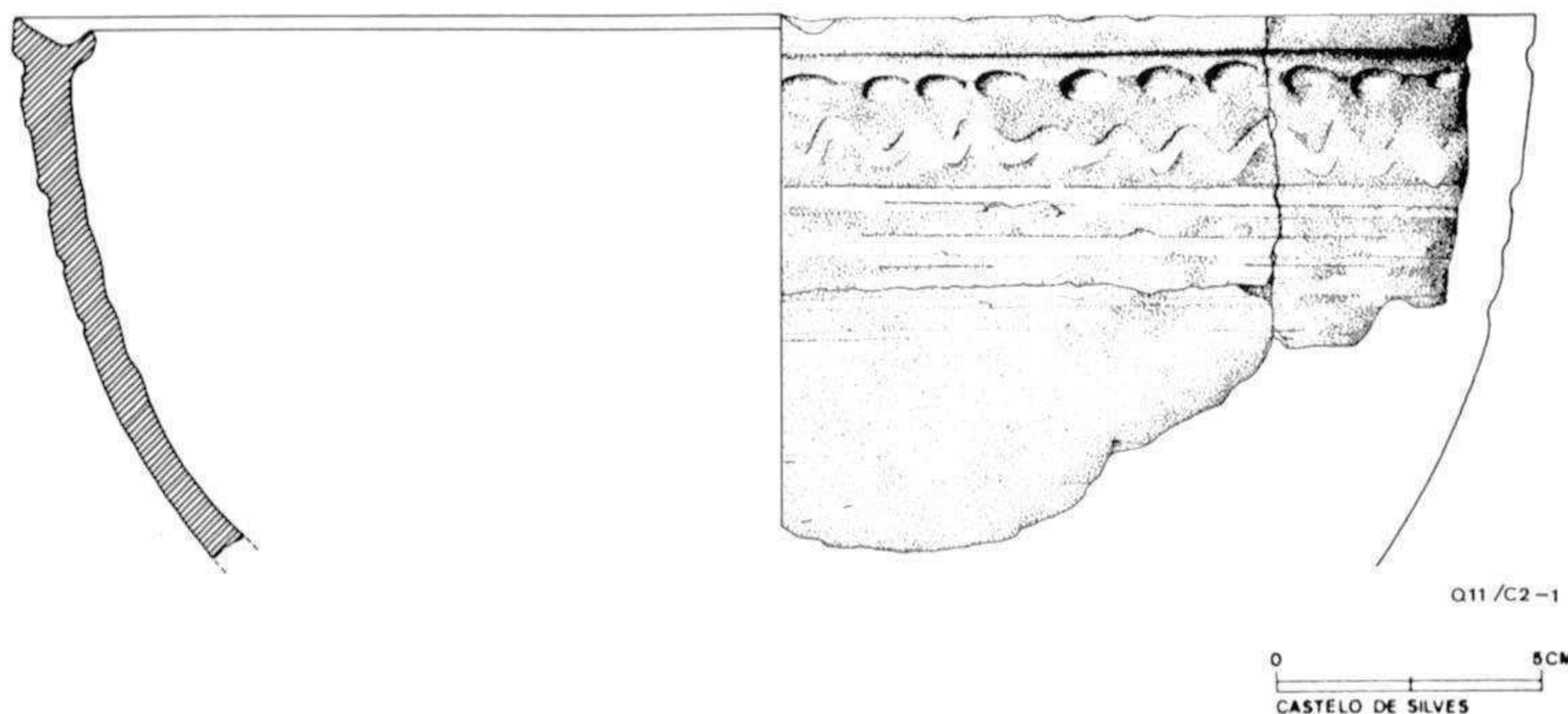
Q2/C2-2



Q14/C2-4 – Fragmento, de grande taça, com porção do bordo. Este, é espessado interiormente, algo biselado, e o seu diâmetro seria de 0.330 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. A superfície interior mostra tom um pouco mais escuro que o da pasta. A exterior, onde se reconhecem três profundas caneluras horizontais, oferece aguada de cor negra. A zona relevada das caneluras foi pintada de cor branca.

Q2/C2-2 – Fragmentos, de grande taça, com porção do bordo. Este, é espessado no interior, biselado, e o seu diâmetro seria de 0.300 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8) com núcleo de cor acinzentada (10R4/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. A superfície interior oferece tom mais escuro que o da pasta e a exterior apresenta três caneluras, horizontais, e manchas de cor branca. Sobre o bordo observa-se uma linha, pintada, de cor branca.

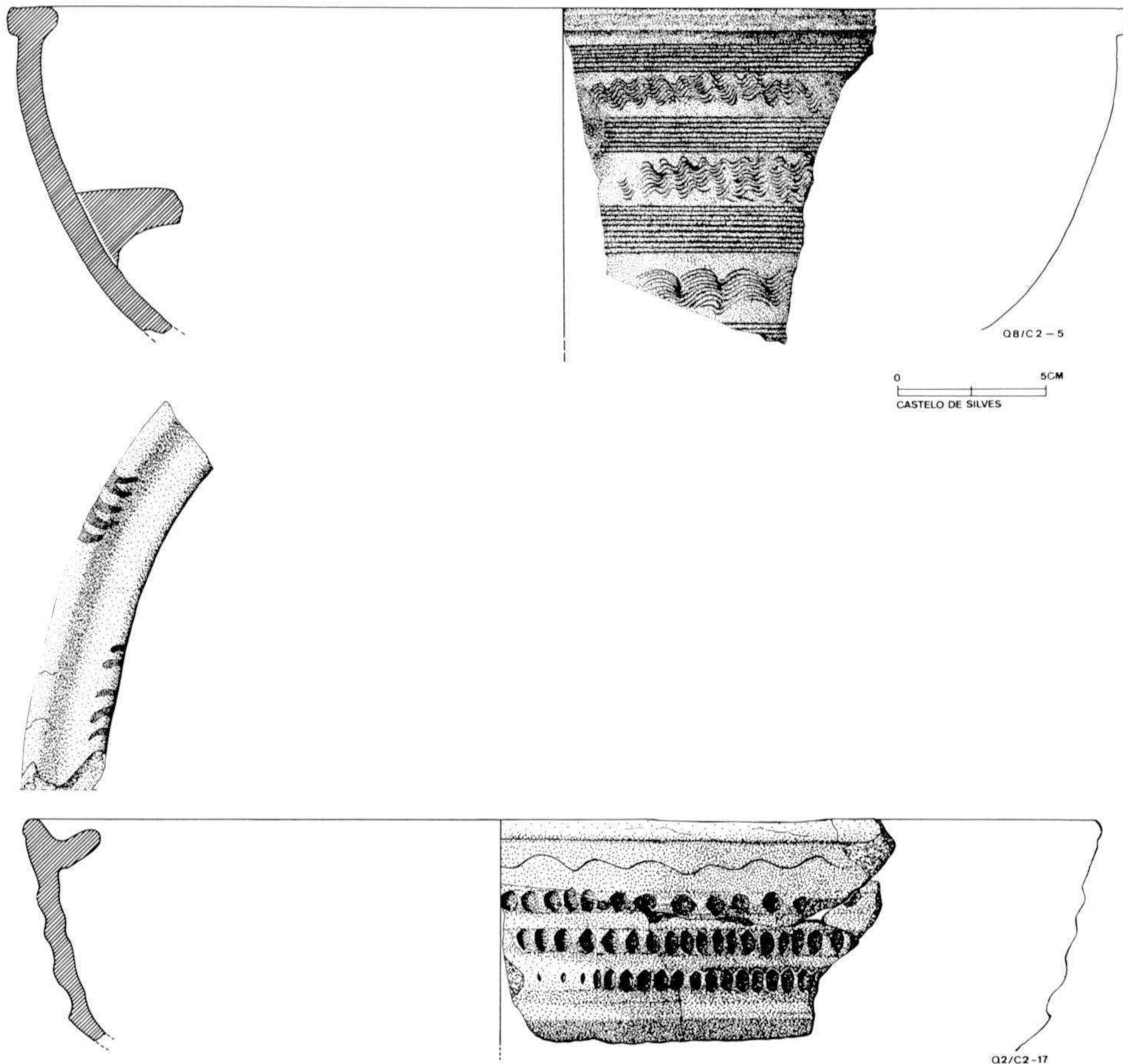
Q11/C2-1 – Fragmento, de grande vasilha, com porção do bordo. Este, é espessado tanto no interior como no exterior, tem a parte superior côncava, está demarcado por uma incisão, e o seu diâmetro seria de 0.282 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8) com núcleo de cor acinzentada, homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais escuro que a cor da pasta. Na superfície exterior observam-se os seguintes motivos, incisos e impressos, dispostos em linhas paralelas e horizontais: uma linha demarcando o bordo, outra com impressões ovais, seguida por uma linha ondulada e por três outras horizontais. Estes motivos estão separados, cerca de 0.005 m a 0.007 m, entre si.

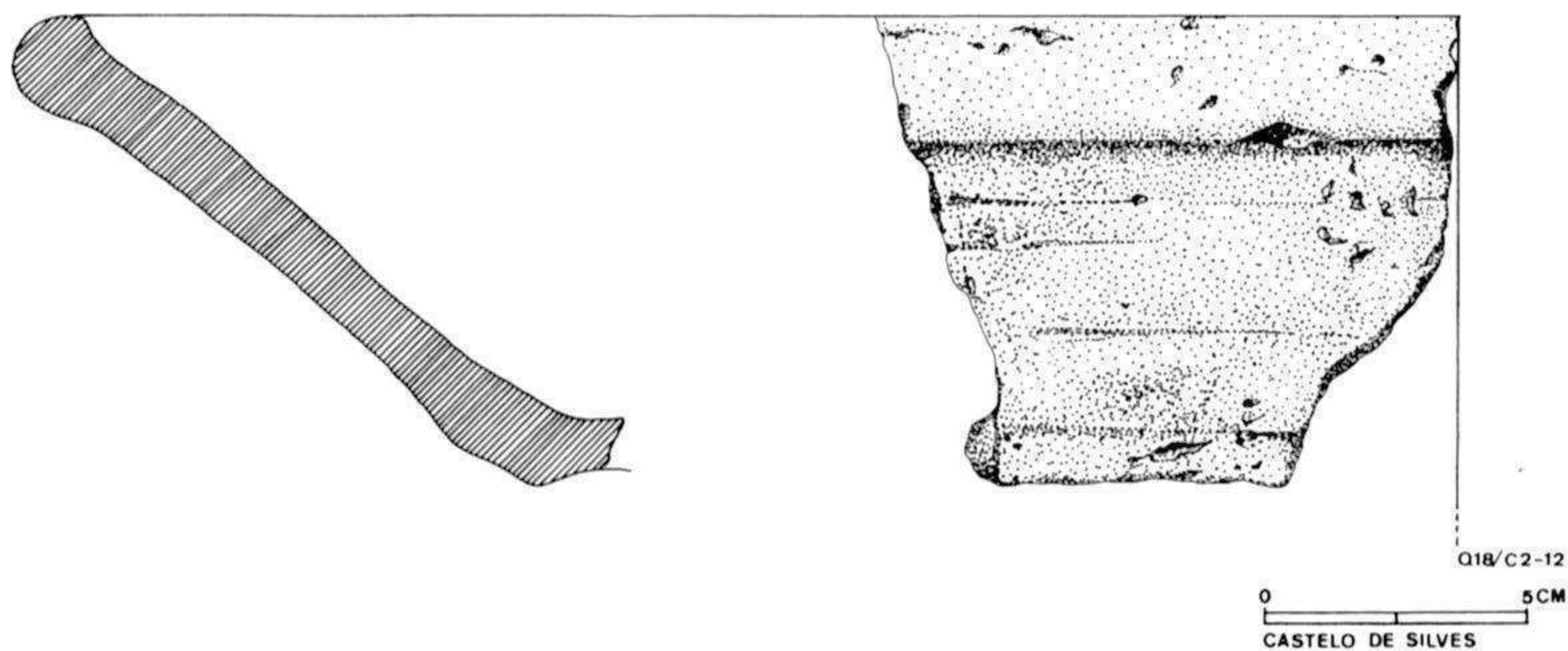


Q8/C2-5 – Fragmento, de grande vasilha, com porção do bordo, da parede e com um elemento de suporte na superfície interior. O bordo é espessado tanto no interior como no exterior, o lábio tem a superfície superior aplanada e o seu diâmetro seria de 0.376 m. A pasta é de cor vermelha (10R4/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam tom vermelho um pouco acinzentado. Na superfície interior sobressai, a 0.060 m do bordo, um elemento que deve ter servido, juntamente pelo menos com dois outros, como suporte, possivelmente, de um filtro. A superfície exterior apresenta decoração incisa intercalando bandas de linhas, paralelas e horizontais, com outras onduladas e irregulares. Ambos os motivos, apesar de diferentes, podem ter sido realizados com um pente.

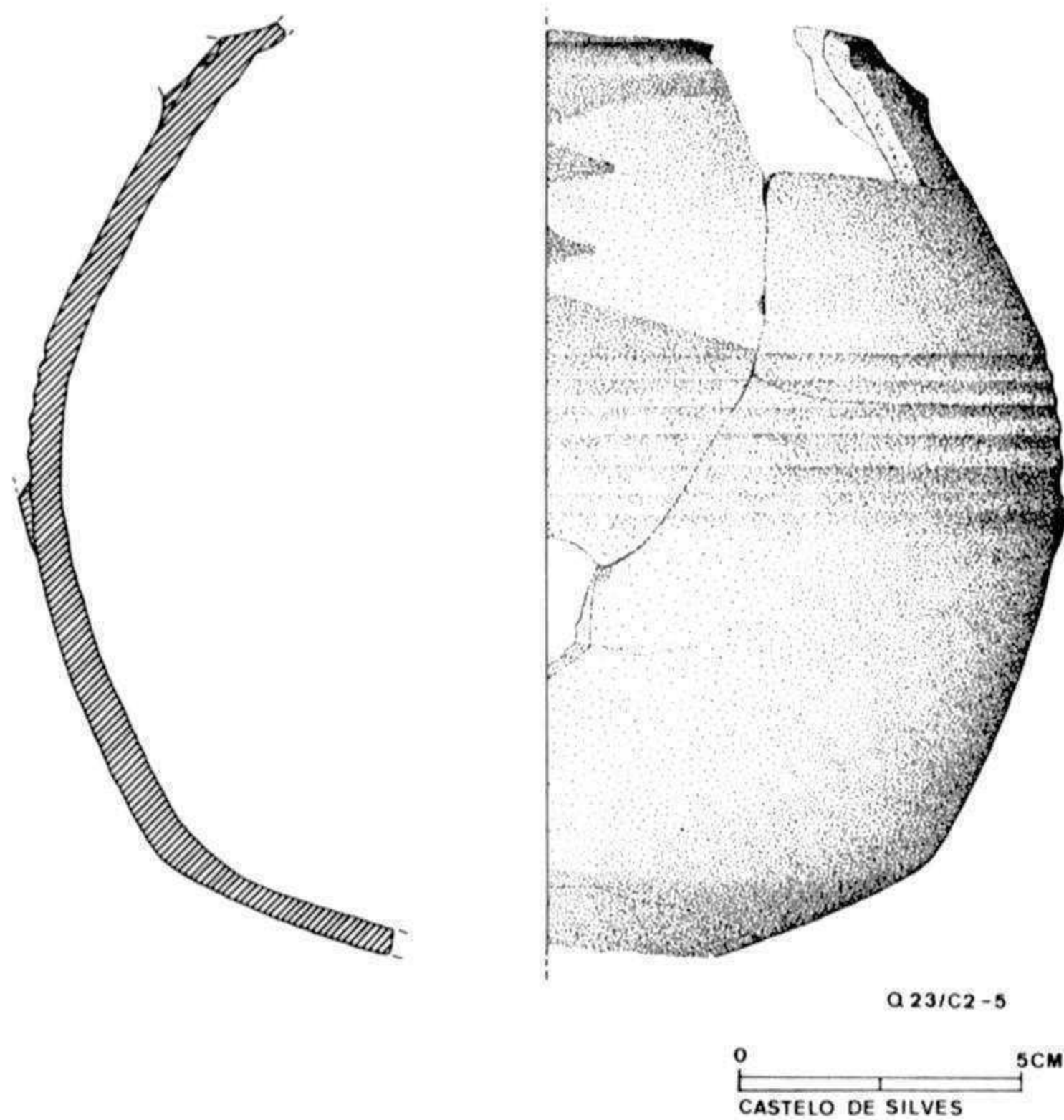
Q2/C2-17 – Fragmento, de grande vasilha, com porção do bordo. Este, é muito espessado interiormente, tem a parte superior côncava, o lábio está marcado, no exterior, por uma incisão e o seu diâmetro seria de 0.396 m. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam restos de aguada de tom mais escuro que o da

pasta. A superfície exterior está decorada com três cordões, horizontais e em relevo, com impressões verticais. Entre os cordões e o lábio observa-se uma linha, ondulada, incisa. O intervalo destas ornamentações encontra-se pintado, de cor branca, assim como a parte superior do bordo que mostra séries de cinco linhas daquela mesma cor.

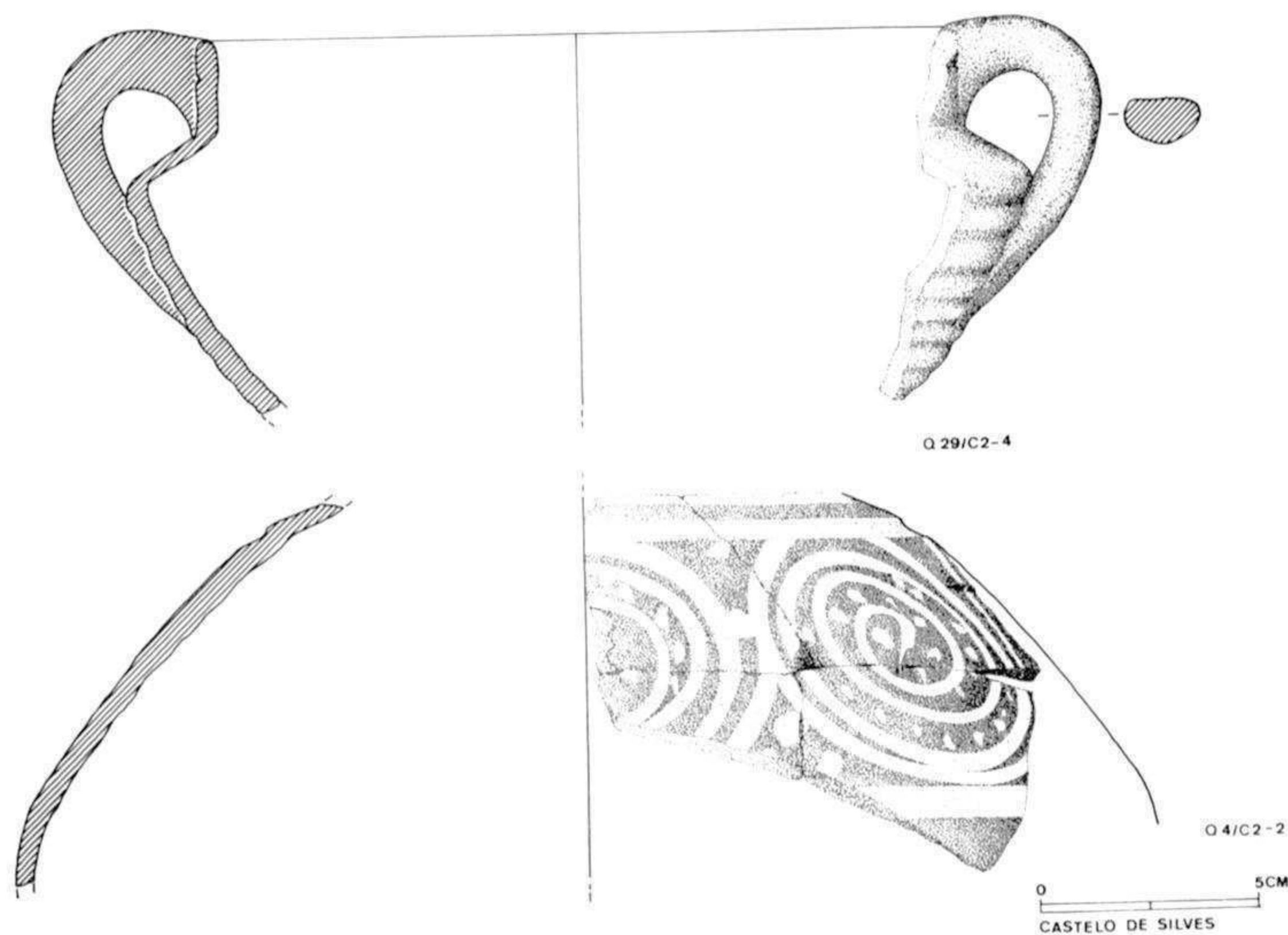




Q18/C2-12 – Fragmento, de alguidar, com porção do bordo, da parede e do fundo. O bordo é espessado, apresenta secção semicircular e o seu diâmetro seria de 0.540 m. A pasta é de cor vermelha acastanhada (5YR6/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino e alguns, poucos, de grão médio. A superfície exterior é da mesma cor da pasta e a interior mostra aguada, de cor alaranjada, encontrando-se bem brunida.

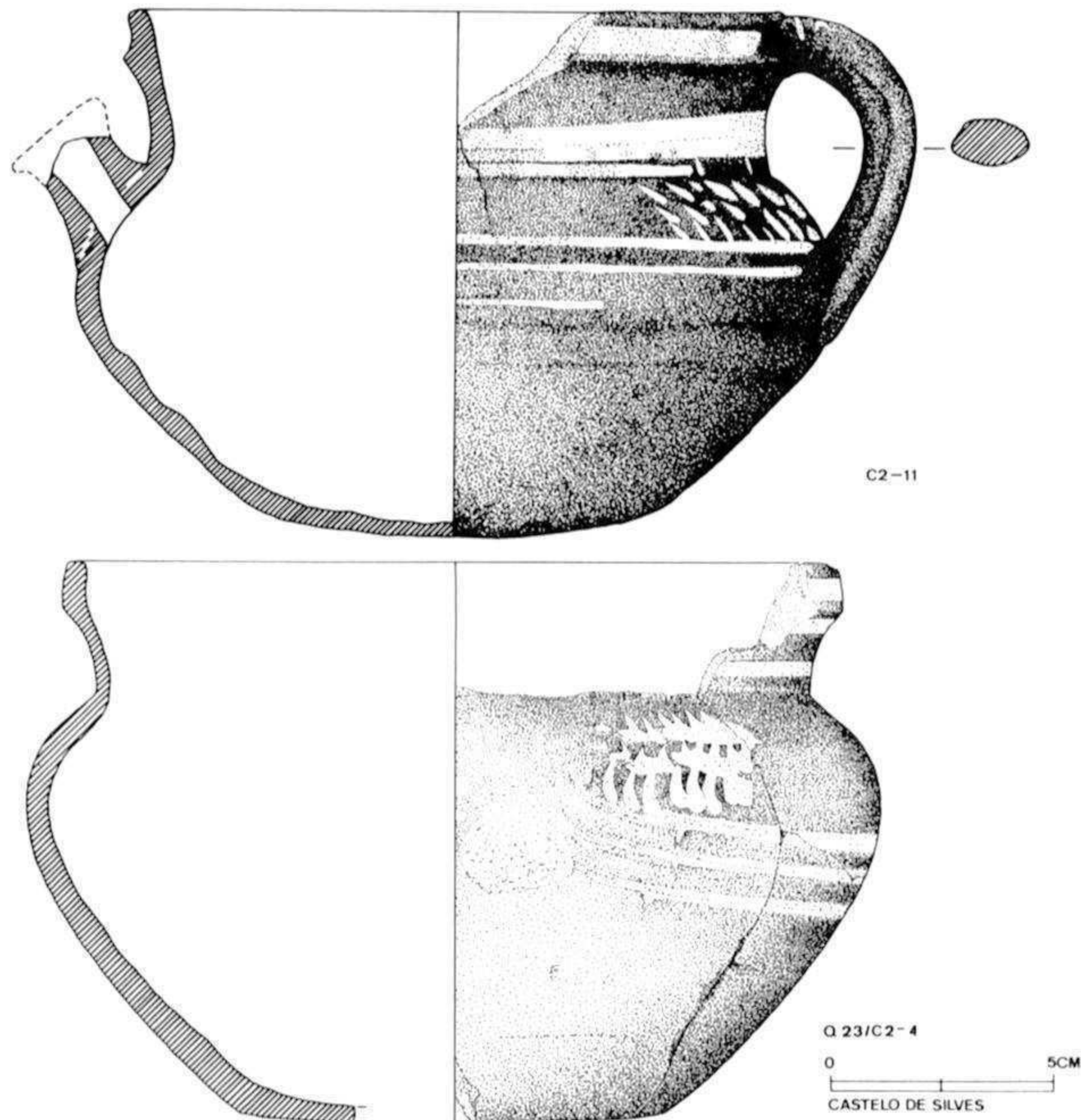


Q23/C2-5 – Fragmento, de panela, com porção da parede e do fundo. Este, é convexo e sobre o corpo da peça observam-se os arranques de duas asas, opostas, de secção oval. Mede 0.183 m de diâmetro máximo. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. A superfície interna é da mesma cor da pasta mostrando o fundo, com aspecto de ter sido sujeito a altas temperaturas, tom quase negro. A superfície exterior apresenta uma linha incisa, na ligação entre o bojo e o colo, e uma banda canelada, a meio do bojo, com 0.030 m de largura. Esta recebeu uma aguada de cor negra, reconhecendo-se, sobre o colo, restos de traços largos, pintados de cor branca, executados com bateria de pincéis.



Q29/C2-4 – Fragmento, de vasilha, com porção do bordo, da parede e uma asa. O bordo é alto, o lábio apresenta secção semicircular, está demarcado, no exterior, por uma linha incisa e mede 0.170 m de diâmetro. A asa tem perfil semicircular e secção oval. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. As superfícies mostram aguada de cor castanha escura; oferecendo, a exterior, decoração canelada. Sobre a asa existem, ainda, duas linhas, horizontais, pintadas de cor branca.

Q4/C2-2 – Fragmento, de grande vasilha, com porção da parede. Esta, mede 0.006 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. As superfícies mostram restos de aguada, de cor castanha escura, e a exterior apresenta, ainda, uma incisão, na parte superior, e decoração pintada, de cor branca, constituída por uma cartela, delimitada por duas linhas horizontais, que oferece grandes motivos espiralados preenchidos por ponteados.

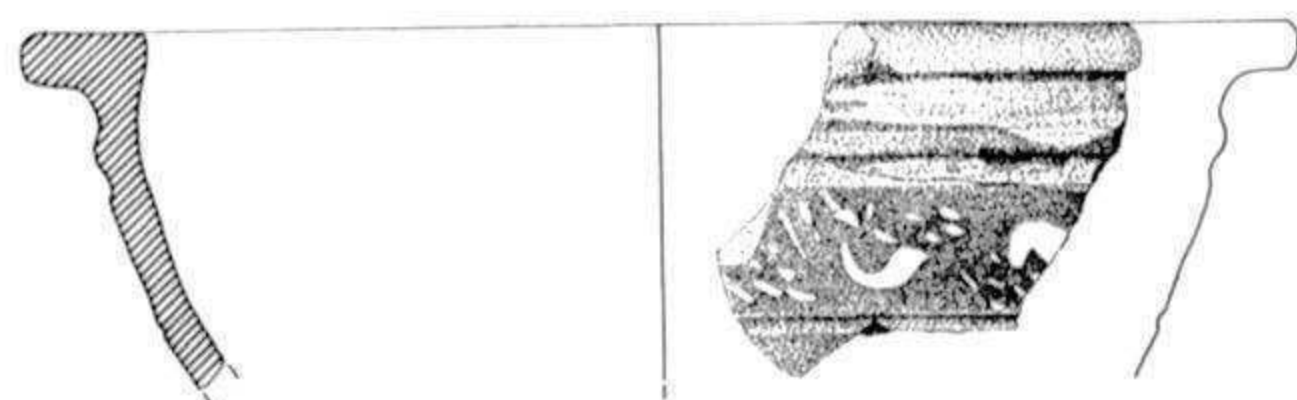
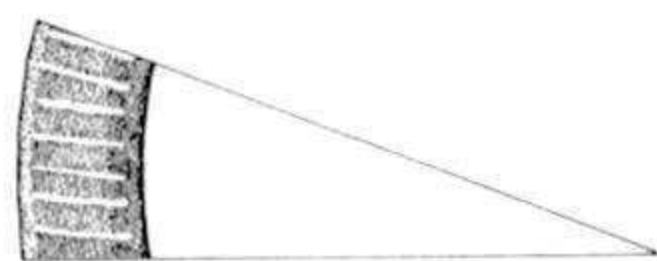


C2-11 – Bule, quase completo, com corpo de forma ovóide e base ligeiramente convexa. O bordo é quase vertical, tem lábio com secção semicircular, está demarcado no exterior, por uma linha incisa, e mede 0.144 m de diâmetro. Abaixo deste apresenta um pequeno gargalo bitroncocónico e, do lado oposto, uma asa semicircular com secção oval. A peça mede 0.117 m de altura. A pasta é de cor vermelha (10R4/6), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio, fino e, alguns, de grão grosso. As superfícies apresentam aguada de cor negra e estão decoradas com linhas horizontais pintadas, de cor branca, sobre o bordo, no colo e no bojo. Medem entre 0.006 m e 0.011 m de largura. No início do bojo observam-se pequenos traços, dispostos obliquamente, pintados, de cor branca, com bateria de pincéis.

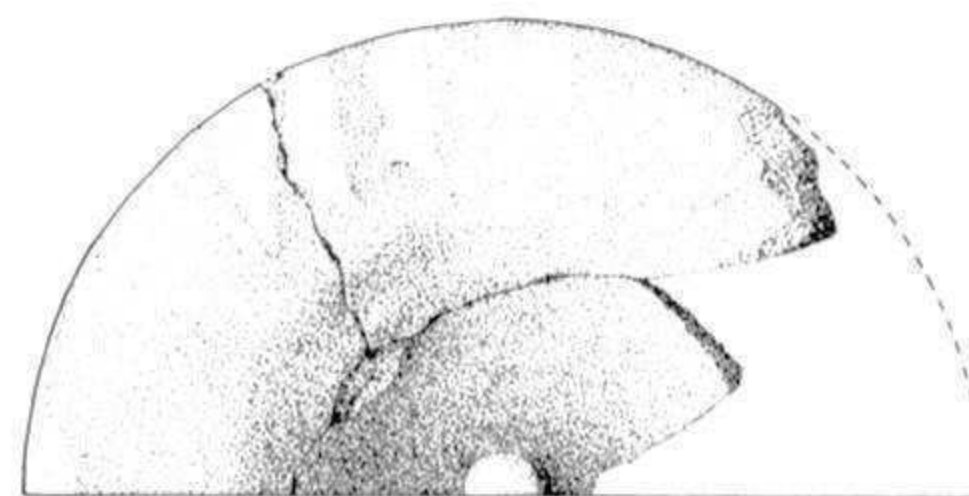
Q23/C2-4 – Fragmento, de bule, com porção do bordo, da parede, e do fundo. Apresenta bordo alto, lábio vertical, com a superfície superior quase plana, medindo 0.170 m de diâmetro. O fundo é plano e mede 0.096 m de diâmetro. A peça tem 0.125 m de altura total. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. A superfície interna mostra restos de aguada, de cor negra, que cobre a totalidade da superfície externa. Esta, está decorada com linhas, pintadas, de cor branca, três sobre o bordo e três outras no bojo, dispostas na horizontal e em paralelo. Sobre o bojo observa-se, ainda, conjuntos de pequenos traços, também de cor branca, pintados com bateria de pincéis.

Q19/C2-1 – Fragmento, de pequena taça, com porção do bordo. Este, é extrovertido, tem a parte superior plana, lábio com secção semicircular, medindo 0.158 m de diâmetro. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. A superfície interior mostra tom mais escuro que o da pasta. A exterior e o bordo apresentam aguada de cor castanha escura. Esta, oferece, sob o bordo, duas linhas incisadas, com 0.005 m de largura, assim como decoração pintada de cor branca. Sobre o bordo reconhecem-se pequenos traços, dispostos radialmente, na superfície exterior duas linhas, horizontais e paralelas, que cobrem as incisões referidas e uma ornamentação formada por tracinhos que lembram motivos fitomórficos.

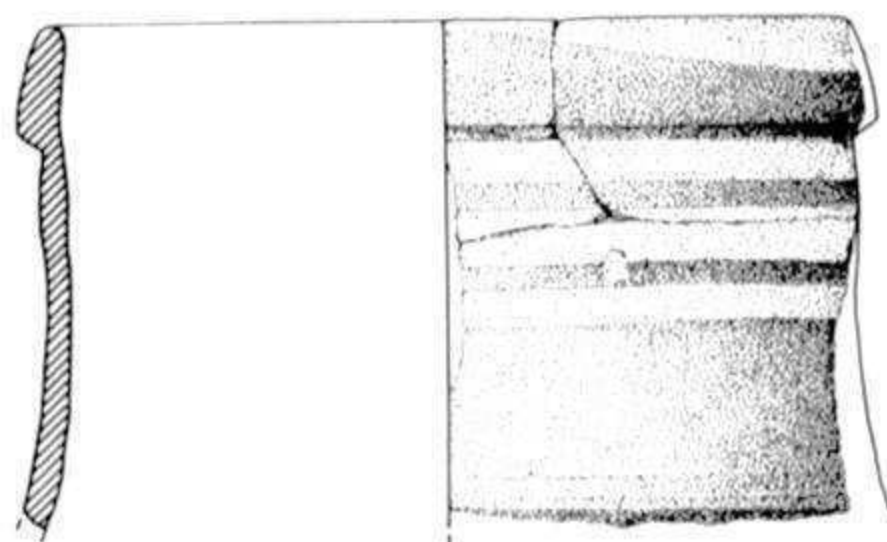
Q18/C2-17 – Fragmento, de cântaro, com porção do bordo. Este, apresenta o lábio com secção semicircular, demarcado por uma linha incisada, medindo 0.100 m de diâmetro. A pasta é de cor cinzenta avermelhada (10R4/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio a fino. As superfícies apresentam aguada, de cor negra, com brilho metálico. A superfície exterior está decorada com quatro linhas, pintadas, de cor branca; uma sobre o lábio e as outras no bordo, dispostas na horizontal, separadas cerca de 0.003 m entre si.



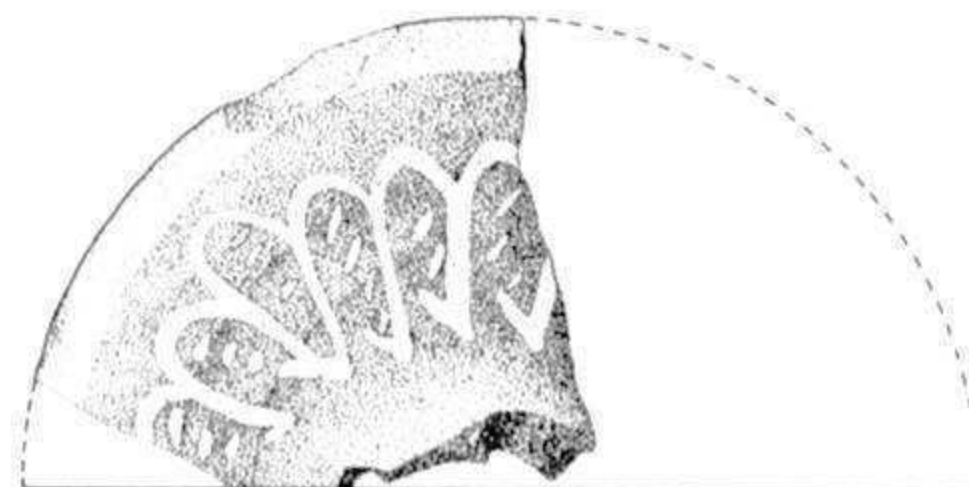
Q 19/C2-1



Q14/C2-3



Q 18/C2-17



Q7/C2-10

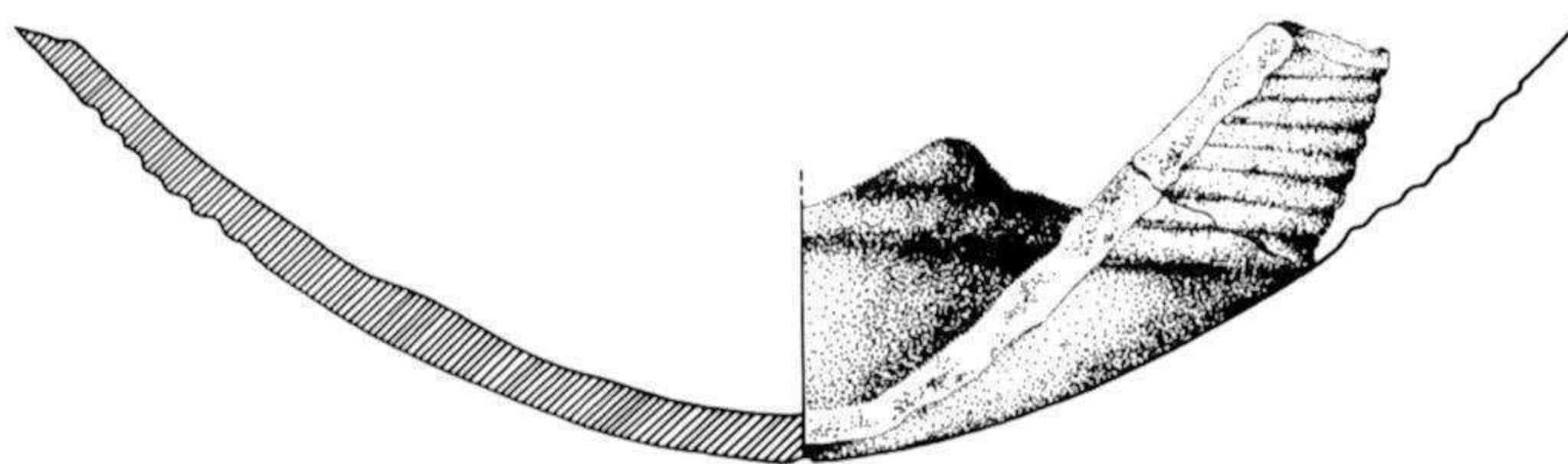


Q14/C2-3 – Fragmento de tampa. Mostra bordo com lábio de perfil semicircular, base plana, e pega de forma troncocilíndrica. Mede 0.116 m de diâmetro no bordo e 0.051 m na base. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão fino. As superfícies apresentam tom um pouco mais escuro que o da pasta. A parte superior oferece decoração pintada, de cor branca, formada por um grupo de três linhas irregulares, dispostas radialmente sobre o bordo, assim como por um pingo, dessa mesma cor, sobre a pega.

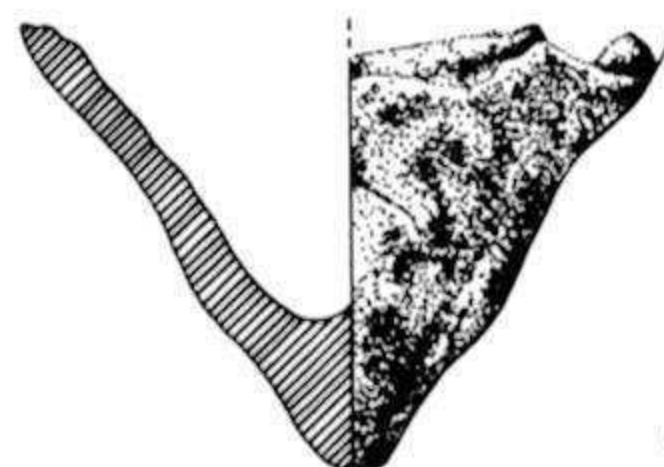
Q7/C2-10 – Fragmento de tampa. Mostra lábio algo biselado e mede 0.118 m de diâmetro. A pasta é de cor vermelha (10R5/8) com núcleo de cor cinzenta (10R5/1), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão fino e alguns, raros, de grão médio. As superfícies são da mesma cor da pasta, tendo a interior tom um pouco mais escuro. A superfície exterior oferece decoração pintada, de cor branca, constituída por uma linha sobre o bordo e uma teoria de motivos fitomórficos, lembrando pétalas, dispostos, radialmente, em redor da pega. Estas pétalas, de uma possível flor, estão preenchidas por pequeníssimos traços oblíquos.

Q18/C2-16 – Fragmento, de ânfora, com porção do fundo. Este apresenta um pequeno ônfalo. A espessura da parede é de 0.009 m. A pasta é de cor avermelhada (5YR6/4), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos, micáceos e de caulino, de grão médio a fino. A superfície interior é da mesma cor da pasta e a exterior apresenta aguada de cor bege, clara, quase branca. Oferece, a 0.035 m do fundo, um canelado constituído por linhas horizontais.

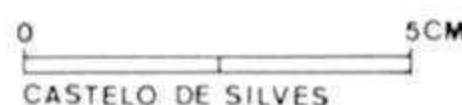
Q28/C2-2 – Fragmento, de ânfora, com porção do fundo. A pasta é de cor vermelha (10R5/8), homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos, de grão médio, assim como alguns, raros, de grão grosseiro. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície exterior mostra algumas manchas de cor acinzentada.



Q18/C2-16



Q28/C2-2



Recolhemos, ainda, nesta camada 11385 fragmentos de cerâmica que, técnica e formalmente, integram os tipos de peças descritas. O estudo estatístico deste material conclui que: 5 % das cerâmicas foram fabricadas com pastas de cor branca, em tons de bege, rosa, amarelo claro, cor-de-laranja, amarelado, vermelho acastanhado e acinzentado, e oferecem as superfícies esmaltadas; 3,6 % das cerâmicas foram elaboradas com pastas cor-de-laranja, rosadas ou vermelhas, e mostram as superfícies vidradas; 24,4 % das peças apresentam pastas de cor bege, rosada, amarela clara, bege avermelhada e acinzentada, incluindo os fragmentos decorados com linhas pintadas de cor castanha escura a negra, cerca de 3,5 %, cor-de-laranja a vermelha, 1,4 %, e 0,1 % que têm engobe de cor negra numa das superfícies e motivos esgrafitados; 67 % das cerâmicas apresentam pastas de cor vermelha, castanha e cinzenta, e pertencem a este grupo as decoradas, numa das superfícies, com linhas pintadas de cor branca, 4,7 %, as peças com uma das superfícies brunidas, 4 %, e 0,5 % que oferecem brilho metálico.

BIBLIOGRAFIA



- Alarcão, J., 1973, *Portugal Romano*, Ed. Verbo, col. História Mundi, 273 pp., 55 figs. 84 ests., Lisboa.
- 1975, *La Céramique Commune Locale et Régionale, Fouilles de Conimbriga*, vol. V, Ed. Boccard, 199 pp., LXXX ests., 1 mapa, Paris.
- Alarcão, J., Delgado, M., Mayet, M., Alarcão, A., e Ponte, S., 1976, *Céramiques Diverses et Verres, Fouilles de Conimbriga*, vol. VI, Ed. Boccard, 258 pp., XLVIII ests, Paris.
- Alarcão, J., e Etienne, R., 1977, *L'Architecture, Fouilles de Conimbriga*, vol. I, Ed. Boccard, 340 pp., Paris.
- Almeida, L. F. de, 1965, Alguns Documentos para a História da Arqueologia em Portugal, *Conimbriga*, vol. IV, pp. 103-108.
- Amiet, P., 1986, Jordanie la Voie Royale, *Archeologia*, n.º 219, pp. 14-26.
- Baltrusaitis, J., 1955, *Le Moyen Age Fantastique*, Ed. Armand Colin, Col. Henri Focillon, 299 pp., 122 figs., Paris.
- Bazzana, A., 1979, Céramiques Medievales: Les Methodes de la Description Analytique Appliquees aux Productions de L'Espagne Oriental, *Mélanges de la Casa de Velazquez*, sep. 185 pp.
- 1980, L'Architecture Militaire Arabe, *Al-Qantara*, vol. I, pp. 339-363.
- 1983, *La Céramica Islámica en la Ciudad de Valencia*, Ed. Ayuntamiento de Valencia, 194 pp., 50 figs.
- 1983 a), "Tipologie..." Les Habitats Fortifiés du Sharq Al-Andalus, *Habitats Fortifiés et Organisation de l'Espace en Méditerranée Médiévale*, Ed. Maison de l'Orient, pp. 19-27, Lyon.
- 1986, Typologie et Fonction du Mobilier Céramique d'une Alqueria Musulmane à Valence aux XI^e et XII^e siècles: Santa Fe de Oliva, *La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Ed. All' Insegna del Giglio, pp. 205-217, Faenza.
- Bazzana, A., e Montmessin, Y., 1985, *La Céramique Islámique du Musée Archeologique Provincial de Jaen (Espagne)*, Ed. Casa Velazquez, 78 pp., 70 figs, Madrid.
- Bélen, M., Fernández-Miranda, M., e Garrido, J.P., 1977, Los Origenes de Huelva, Excavaciones en los Cabezos de San Pedro y la Esperanza, *Huelva Arqueológica*, III, 401 pp.
- Bermejo, J.V., 1976, El Codo en la España Musulmana, *Al-Andalus*, vol. XLI, fasc. 2, pp. 339-354.
- 1983, El Nombre de Al-Andalus, *Al-Qantara*, vol. VI, pp. 301-355.
- Beurdeley, C., e Beurdeley M., 1974, *La Céramique Chinoise*, Ed. Vilo, 318 pp., 159 figs., Paris.
- Blázquez, A., 1901, *Abu-Ab-Alla-Mohamed-al-Edrisi-Descripción de España*, s/editora, 63 pp., Madrid.
- Blázquez, J. M., 1977, *Imagem y Mito, Estudios sobre Religiones Mediterraneas e Ibericas*, Ed. Cristiandad, 529 pp., 167 figs., Madrid.
- Blázquez, J. M., e Urruela, J. J., 1977, Excavaciones en Castulo: Avance de la Campaña 1975, *XIV Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 1187-1196, Zaragoza.
- Botto, C. M., 1899, *Glossario Critico dos principais Monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*, Tipografia Seraphim, 120 pp., 1 planta, Faro.
- Burckhardt, T., 1982, *La Civilización Hispano-Arabe*, Ed. Alianza, 287 pp., 158 figs., Madrid.

- Caeiro, J. O., 1984, *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*, Ed. Assembleia Distrital de Portalegre, 5 pp., 20 figs., 2 ests., Portalegre.
1984 a) *A Necrópole II da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Ed. Assembleia Distrital de Portalegre, 5pp., 18 figs., 3 ests., Portalegre.
- Calderon, S., 1910, *Los Minerales de España*, tomo I, Ed. Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, 416 pp., 81 figs., Madrid.
- Cardenal, M. G., 1980, Recherches sur la Céramique Médiévale, Marocaine, *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, X - XV siècles*, Valbonne, Ed. C.N.R.S., pp. 227-249, Paris.
- Catarino, H., Arruda, A. M., e Gonçalves, V., 1981, Vale do Boto: Escavações de 1981 no complexo Árabe Medieval, *Clio*, vol. 3, pp. 9-27.
- Caviro, B. M., 1968, *Catalogo de Ceramica Española – Paterna, Aragon, Cataluña, Cuerda Seca, Talavera de la Reina, Alcora, Manises*, Ed. Instituto Valencia de D. Juan, 200 pp., 301 ests., 69 figs., Madrid.
- Charleston, R., 1979, *Masterpieces of Western and Near Eastern Ceramics*, Ed. Kodansha, 324 pp., 120 figs., Tóquio.
- Chejne, A. G., 1974, *História de España Musulmana*, Ed. Cátedra S.A., 432 pp., Madrid.
- Coelho, A. B., 1972, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. II, Ed. Seara Nova, col. Paralelos, 296 pp., Lisboa.
1975, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. IV, Ed. Seara Nova, col. Paralelos, 399 pp., Lisboa.
- Cortez, F. R., 1951, Da “Terra Sigillata” Tardia Encontrada em Portugal, *Beira Alta*, sep. com 69 pp.
- Cressier, P., 1983, Fortifications du Rif, *Habitats Fortifiés et Organisation de l’Espace en Méditerranée Médiévale*, Ed. Maison de l’Orient, pp. 45-55, Lyon.
- Croisier, J. P., e Dürr, N., 1981, *Céramiques Islamiques*, Ed. du Tricorne, 95 pp., Genebra.
- Cumont, F., 1966, *Recherches sur le Symbolisme Funéraire des Romains*, Ed. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 543 pp., 103 figs., XLVII ests, Paris.
- Cunha, A. J., 1905, Extratos das Respostas à Circular Dirigida pela Mesa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes às Câmaras Municipais do Paiz, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.^a série, tomo X, n.º 9, pp. 438-508.
- Dias, E. R., 1901, Notícias Archeologicas Extrahidas do “Portugal antigo e moderno” de Pinho Leal, com Algumas Notas e Indicações, *Boletim de Architectura e Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.^a série, tomo IX, n.º 10, pp. 38-48.
- Dias, J. L., 1944, *Etnografia da Beira, Lendas, Costumes, Crenças e Superstições*, vol. I, Ed. do Autor, 213 pp., VI ests., Lisboa.
- Domingues, J. D. G., 1947, O Xarajibe de Silves na Poesia na Arte e na História, *Atlântico-Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, n.º 4, pp. 42-50.
1958, *Guia Turístico de Silves*, 85 pp., 2 mapas, 6 ests., Silves.
1981, *Muralhas e Torres da Almedina de Silves*, Texto policopiado, 21 pp., Silves.
- Duda, D., 1970, *Spanisch-Islamisch Keramik Aus Almería Vom. 12. bis. 15. Jahrhundert*, Ed. F. H. Kerle Verlag, 40 pp., 9 figs., 27 ests., Heidelberg.
- Duque, A. M., e Blázquez, J. M., 1982, *España Romana (218 a. de J. C. – 414 de J. C.) La Conquista y La Explotación Económica*, vol. II, Ed. Espasa-Calpe, 646 pp., 343 figs., Madrid.

- Escudero, M. L. H., 1943, Las Tinajas mudéjares del Museo de Toledo. Intento de sistematización, *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. IV, pp. 146-155.
- Ewert, C., 1971, El Mihrab de la Mesquita Mayor de Almería, *Al-Andalus*, vol. XXXVI, fasc. 2, pp. 391-460.
- Ewert, C., Duda, D., e Kircher, G., 1979, Hallazgos Islamicos en Balaguer y la Aljaferia de Zaragoza, *Excavaciones Arqueológicas en España*, n.º 97, Ed. Ministerio de Educacion y Ciencia, 327 pp., 60 figs., Madrid.
- Fabricius, A. K., 1982, La première Invasión des Normandes dans l'Espagne Musulmane en 844, *Congrés International des Orientalistes*, separata com 22 pp., Lisboa.
- Fernández, J. A. S., e Porres, M. G. L. V., 1982, Tinajas Mudéjares del Museo Arqueológico de Sevilla: Tipología Y Decoración, *En Homenaje a Conchita Fernandez Chicarro*, Ed. Ministerio de Educacion y Ciencia, pp. 457-470, Madrid.
- Fernandez, F. V., 1985, Los Candiles Islámicos del Museo de Badajoz, *Estudios de Arqueologia Extremeña* (Homenaje a D. Jesus Canovas), Ed. Diputacion Provincial de Badajoz, pp. 175-183, 8 figs., Badajoz.
- Figanier, J., 1949, *Moedas Arabes*, I Parte, Ed. Casa da Moeda, 105 pp., Lisboa. 1959, *Moedas Arabes*, II Parte, Ed. Casa da Moeda, 168 pp., Lisboa.
- Frierman, J. D., 1975, *Medieval Ceramics, VI to XIII Centuries*, Ed. Frederick S. Wight Art Gallery, University of California, 72 pp., Los Angeles.
- Gallo, G. N., 1943, Los Fondos Visigodos del Museo Arqueologico de Valladolid, *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, pp. 214-223.
- Garret, A., 1962, *Camões e D. Branca*, Livraria Clássica Editora, col. Clássicos Portugueses, 90 pp., Lisboa.
- Gaspar, J., 1968, A Propósito da Originalidade da Cidade Muçulmana, *Finisterra*, vol. III, n.º 5, pp. 18-31.
- Goitia, F. C., 1965, *Historia de la Arquitectura Española, Edad Antigua y Edad Media*, Ed. Dossat, 743 pp., 594 figs., 6 mapas, Madrid.
- Golvin, L., 1957, *Le Magrib Central a l'Époque des Zirides*, Ed. Arts et Métiers Graphiques, 259 pp., 56 figs., Paris.
- Gómez-Moreno, M., 1940, La Loza Dorada Primitiva de Málaga, *Al-Andalus*, vol. V, fasc. 2, pp. 383-389, 21 figs.
1951, El Arte Árabe Español Hasta los Almohades, *Ars Hispaniae*, vol. III, Editorial Plus-Ultra, 421 pp., 483 figs, Madrid.
- Gomes, R. V., e Gomes M. V., 1983, Novas Moedas Hispânicas de Balsa e Ossonoba, *Actas do II Congresso Nacional de Numismática*, Ed. Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 99-126, III ests, Porto.
1984, Cerâmicas Importadas, dos Séculos XV e XVI, Encontradas no Poço-Cisterna Árabe de Silves, *3.º Congresso sobre o Algarve*, Ed. Racal Clube, pp. 35-44, Silves.
1986, Cerâmicas Estampilhadas, Muçulmanas e Mudéjares, do Poço-Cisterna de Silves. Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985), *Trabalhos de Arqueologia*, 3, pp. 127-141, Lisboa.
- Gomes, M. V., Gomes, R. V., e Beirão, C. de M., 1986, O Cerro da Rocha Branca (Silves) – Resultados Preliminares de Três Campanhas de Escavações, *4.º Congresso do Algarve*, Ed. Racal Clube, pp. 77-83, Silves.
- Gonçalves, V., Catarino, H., e Arruda, A. M., 1980, O Sítio Romano-Árabe do Vale do Boto – Notícia da sua Identificação, *Clio*, vol. 2, pp. 71-79.
- Gualis, G. M. B., 1983, Zaragoza Musulmana, *Guia Historico-Artístico de Zaragoza*, Ed. Ayuntamiento de Zaragoza, pp. 61-92, Zaragoza.

- Guerrero, M. E., 1945, Excavaciones de Asta Regia (Mesas de Asta, Jerez), Campaña de 1942-43, *Acta Arqueologica Hispanica III*, Ed. Ministerio de Educacion Nacional, 67 pp., 8 figs., XXVII ests., Madrid.
- Guerreiro, M. V., e Magalhães, J. R., 1983, *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Col. Cadernos da Revista de História Económica e Social, 3, Sá da Costa Editora, 182 pp., Lisboa.
- Gusmão, A. de, 1956, *A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal (Ensaio de Arqueologia da Idade Média)*, 377 pp., VIII ests., Lisboa.
- Grabar, O., 1984, *La Formacion del Arte Islâmico*, Ed. Cátedra, 242 pp., 131 figs., Madrid.
1984 a), *La Alhambra: Iconografía, Formas y Valores*, Alianza Editorial, 229 pp., 119 figs., Madrid.
- Grube, E. J., 1976, *Islamic Pottery, of the Eighth to the Fifteenth Century in the Keir Collection*, Ed. Faber and Faber, 378 pp., 274 ests., Londres.
- Harper, P. O., e Meyers, P., 1981, *Silver Vessels of the Sasanian Period, Vol. I: Royal Imagery*, Ed. The Metropolitan Museum of Art, 256 pp., 8 ests., Nova Yorque.
- Herculano, A., 1847, *História de Portugal*, tomo II, Livro I e II, Ed. Aillaud Bertrand, 316 pp., Lisboa.
1858, *O Alcaide de Santarém*, Livraria Bertrand, tomo I de Lendas e Narrativas, 49 pp., Lisboa.
- Iria A., 1982, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do séc. XIV (Subsídios para a sua História)*, Ed. Academia Portuguesa da História, 142 pp., Lisboa.
- Irving W., 1963, *Cuentos de la Alhambra*, Ed. Padre Suarez S. L., 356 pp., Granada.
- Jener, S. S., 1948-49, Estampilhas de Alfarrerias Moriscas Cordobesas, *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vols. IX-X, pp. 220-232.
S/D, Nuevos Brocales de Pozo Hispano-Mahometano, separata, pp. 188-201.
- Jenkins, M., 1983, *Islamic Art in Kuwait National Museum, The Al-Sabah Collection*, Sotheby, 157 pp., Londres.
- Jiménez, M. O., 1946, Una Mqabriya Almohade Malagueña del Año 1221 J. C., *Al-Andalus*, vol. XI, fasc. 1, pp. 224-230.
- Jordan, P. A., 1983, Aportacion al Estudio de la Ceramica Romana Vidriada, *Homenaje al Prof. Martin Almagro Basch*, Ed. Ministerio de Cultura, pp. 37-42, Madrid.
- Júdice, P. P. M., 1911, *Atravez de Silves, I Parte - Sé-Castello - Cruz de Portugal e Pelourinho*, Ed. Armando N. de Mascarenhas, 144 pp., Silves.
- Leal, P., 1873, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. IV, Livraria Matos e Moreira e C.^a, pp. 5-507, Lisboa.
- Lévi-Provençal, E., 1938, *La Péninsule Ibérique au Moyen Age d'après Le Kitab Ar-Rawd Al-mi'tar Fi Habar Al-Aktar d'Ibn'Abd Al-Mun'im Al-Himyari*, 310 pp., Brill S.A., Publications de la Fondation de Goeje, n.º XII, E. J. Leiden.
1953, La Description de l'Espagne d'Ahmad Al-Razi - Essai de Reconstitution de l'Original Arabe et Traduction Française, *Al-Andalus*, vol. XVIII, pp. 51-108.
1976, España Musulmana Hasta la Caída del Califato de Córdoba (711-1031 de J.C.), *História de España*, tomo IV, Ed. Espasa-Calpe S.A., 523 pp., 358 figs., Madrid.
- Lévi-Provençal, E., e Torres Balbás, L., 1982, España Musulmana (711-1031), Instituciones, Sociedad, Cultura, *História de España*, tomo V, Ed. Espasa-Calpe S.A., 838pp., 664 figs., Madrid.

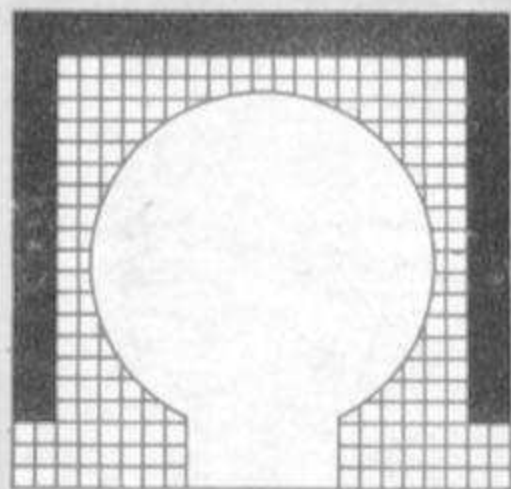
- Llubiá, L. M., 1967, *Cerámica Medieval Española*, Ed. Labor, 194 pp., 294 figs., Barcelona.
- López-Cuervo, S., 1985, *Medina-Az-Zahra, Ingeniería y Formas*, Ed. Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, 169 pp., 122 figs., Madrid.
- Lopes, D., 1895, Cousas Arabico-Portuguesas – Cêrco de Silves, *O Archeologo Português*, vol. I, pp. 274-279.
- 1896, Cousas Arabico-Portuguesas, *O Archeologo Português*, vol. II, pp. 204-210.
- Lopes, J. B. da S., 1844, *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Sucessos dos Cruzados que Partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189* (Escrita em Latim por Hum dos mesmos Cruzados. Traduzida e anotada pelo autor), Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 108 pp., Lisboa.
- Maldonado, B. P., 1967, Notas sobre la Céramica Hispanomusulmana, *Al-Andalus*, vol. XXXII, fasc. 2, pp. 415-437.
- 1968, Influjos Occidentales en el Arte del Califato de Córdoba, *Al-Andalus*, vol. XXXIII, fasc. 1, pp. 206-220.
- 1972, La Loza Doméstica de Madinat Al-Zahra, *Al-Andalus*, vol. XXXVII, fasc. 1, pp. 191-227.
- 1981, *Jerez de la Frontera Ciudad Medieval, Arte Islamico e Mudejar*, Ed. Asocia-cion Española de Orientalistas, 40 pp., XX ests., Madrid.
- Manacorda, D., Paroli, L., Molinari, A., Ricci, M., e Romei D., 1986, La Ceramica Medievale di Roma nella Stratigrafia della Crypta Balbi, *La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Ed. All'Insegna del Giglio, pp. 511-544, Faenza.
- Marçais, G., 1946, *La Bérberie Musulmane et l'Orient au Moyen Age*, Ed. Montaigne, 310 pp., Paris.
- Martí, M. G., 1944, *Cerámica del Levante Español – Siglos Medievales*, Ed. Labor, 666 pp., 751 figs., XXVIII ests., Barcelona.
- Martins, I. M. P., 1986, A Conquista de Silves em 1189, 4.º Congresso do Algarve, Ed. Racal Clube, pp. 117-122, Silves.
- Matos, L., 1971, Cerro da Vila, Escavações de 1971, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, pp. 201-214.
- 1972, Cerro da Vila – Campanha de Trabalhos de 1972, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, pp. 252-262.
- 1983, Malgas Árabes do Cerro da Vila, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, pp. 375-389.
- 1984, Cerro da Vila (Algarve), *Arqueologia*, n.º 10, pp. 137-142.
- Miranda, A. H., 1954, Los Almohades en Portugal, *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 5, pp. 9-74.
- Migeon, G., 1927, *Manuel d'Art Musulman. Arts Plastiques et Industriels*, Éditions Picard, 440 pp., 211 figs., Paris.
- Moreno, H. B., Leal, M. J. S., e Domingues, J. D. G., 1984, *Livro do Almoxarifado de Silves, Século XV*, Ed. Câmara Municipal de Silves, 151 pp., Silves.
- Myers, J. E., e Blackman, M. J., 1986, Conical Plates of the Hispano-Moresque Tradition from Islamic Qsar es-Seghir: Petrographic and Chemical Analyses, *La Ceramica Medieval nel Mediterraneo Occidentale*, Ed. All'Insegna del Giglio, pp. 55-68, Faenza.
- Nykl, A. R., 1940, Algumas Inscrições Arabes de Portugal, *Al-Andalus*, vol. V, fasc. 2, pp. 399-410.
- 1941, Inscrições Árabes Existentes no Museu Arqueológico do Carmo, *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. V, pp. 11, 12.

- Oliveira, F. X., d'A., 1898, *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, Typographia Burocratica, XXV + 299 pp., 7 ests., Tavira.
- Palazon, J. N., 1985, El Despoblado Islamico de Siyasa (Cieza), *Revista de Arqueologia*, ano VI, n.º 53, pp. 30-43.
- 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, Ed. Centro Municipal de Arqueologia e Ayuntamiento de Murcia, 335 pp., 707 figs., Murcia.
- 1986 a), *La Ceramica Esgrafitada Andalusi de Murcia*, Publications de la Casa de Velazquez, Série Études et Documents II, 99 pp., 47 figs., Madrid.
- Parejo, J. B., 1955, Excavaciones en la Plaza de los Aljibes de la Alhambra, *Al-Andalus*, vol. XX, fasc. 2, pp. 436-451.
- Pereira, M. A. G., 1971, Fragmento de Vaso Vidrado a Verde da Estação Romana de Tróia (Setúbal), *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, pp. 145-154.
- Peres, D., 1929, *História de Portugal*, vol. II, Portucalense Editora Lda., 720 pp., Barcelos.
- Philon, H., 1980, *Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries*, Ed. Islamic Art Publications S. A., 323 pp., 645 figs., Atenas.
- Pons, M. R., 1983, *Les Ceramiques Almohades del Carrer de Zavellà. Ciutat de Mallorca*, Ed. Imagen/70, 128 pp., 135 figs., Palma de Maiorca.
- Queiroz, J., 1907, *Cerâmica Portuguesa*, Typographia do Anuario Comercial, 449 pp., 195 figs., Lisboa.
- Redman, C. L., 1980, Late Medieval Ceramics from Qsar es-Seghir, *La Ceramique Médiévale en Méditerranée Occidentale X^e - XV^e siècles*, Ed. C.N.R.S., pp. 251-263, Paris.
- 1986, *Qsar es-Seghir, an Archaeological View of Medieval Life*, Academic Press Inc., pp. 259, Orlando, Florida.
- Reis, P. B., 1934, Moedas de Cilpes e Não Cilpe, *Revista de Arqueologia*, vol. II, pp. 118, 119.
- Retuerce, M., e Zozaya, J., 1986, Variantes Geográficos de la Cerámica Omeya Andalusí; Los Temas Decorativos, *La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Ed. All' Insegna del Giglio, pp. 68-128, Faenza.
- Ribeiro, O., 1961, *Geografia e Civilização*, Ed. Instituto de Alta Cultura, 238 pp., 21 figs., XLVIII ests., Lisboa.
- Ricard, R., 1954, Couraça e Coracha, *Al-Andalus*, vol. XIX, fasc. 1, pp. 149-172, 6 figs., Madrid.
- Riis, P. J., e Poulsen, V., 1957, *Hama-Fouilles et Recherches de la Fondation Carlsberg, 1931-1938*. Ed. Nationalmuseet, 316 pp., 5 ests., 1123 figs., Copenhagen.
- Rice, D. T., 1965, The Pottery of Bizantium and the Islamic World, *Studies in Islamic Art and Architecture, in Honour of Professor K. A. C. Creswell*, Ed. The American University in Cairo, Press for the Center of Arabic Studies, pp. 194-326, Cairo.
- Rios, A. de los, 1886, Secção de Archeologia, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2.^a série, tomo VI, pp. 100, -101.
- Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Ceramica Arabe de Mallorca*, Ed. Diputacion Provincial de Baleares, 338 pp., Palma de Maiorca.
- 1980, La Ceramique Arabe à Majorque (Problèmes Chronologiques), *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale X^e - XV^e siècles*, Ed. C.N.R.S., pp. 297-309, Paris.
- 1983, El Ataifor Tipo III y sus Problemas Cronologicos, *Homenaje al Prof. Martin Almagro Basch*, vol. IV, Ed. Ministerio de Cultura, pp. 117-122, Madrid.
- Rodriguez, J. R. L., 1985, *Terra Sigillata Hispanica Tardia - Decorada a Molde de la Península Ibérica*, Universidad de Valladolid, 401 pp., 33 figs., 127 ests., 1 mapa, Valladolid.

- Rodrigues, M. da C. M., 1975, *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Ed. Junta Distrital de Portalegre, 227 pp., CXXX ests., Lisboa.
- Ruibal, A., 1983, Estudio Histórico-Arqueológico del Castillo de Caracuel, *Al-Qantara*, vol. IV, pp. 385-409.
- Salellas, P. de P., 1950, *Bronces Hispanovisigodos de Origen Mediteráneo. I Jarritos y Patenas Liturgicos*, Ed. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 191 pp., Barcelona.
- Salgado, Fr. V., 1786, *Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve*, Regia Officina Typografica, 316 pp., Lisboa.
- Silva, C. T., Soares, J., Dias, L. F., e Soares, A. C., 1984, Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2.^a campanha (1981), *Arquivo de Beja*, II Série, vol. I, pp. 11-45.
- Smith, A. C., 1985, *Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World.*, Ed. Faber and Faber, 246 pp., 102 figs., Londres.
- Sotelo, E. A. F., 1980, *Sala Municipal de Arqueología – Ceuta, Guia-Catálogo*, 147 pp., LXXVII ests., 36 figs., 2 desdobráveis, Ceuta.
- Tarouca, C. da S., 1952, *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, vol. I, Ed. Academia Portuguesa da História, 291 pp., 4 ests., Lisboa.
- Terrasse, H., 1954, *Les Forteresses de l'Espagne Musulmane*, Ed. Maeste, 35 pp., 8 figs., Madrid.
- 1964, La Mosquée Almohade de Bou Jeloud à Fès, *Al-Andalus*, vol. XXIX, fasc. 2, pp. 355-363.
- Torres, C., 1982, A Alcáçova de Mértola, História de Arqueologia Urbana, *Arqueologia*, n.º 8, pp. 86-95.
- Torres, J. F., 1976, Artes Decorativas Visigodas, *História de Espanha*, tomo III, Ed. Espasa Calpe, pp. 669-830, 594 figs., Madrid.
- Torres Balbás, L., 1934, Plantas de Casas Árabes en la Alhambra, *Al-Andalus*, vol. II, fasc. 2, pp. 380-387.
- 1941, La Alcazaba Almohade de Badajoz, *Al-Andalus*, vol. VI, fasc. 1, pp. 168-203.
- 1942, Las Torres Albarranas, *Al-Andalus*, vol. II, fasc. 1, pp. 216-220.
- 1948, Cáceres y su Cerca Almohade, *Al-Andalus*, vol. XIII, fasc. 2, pp. 446-472.
- 1952, Nuevas Perspectivas sobre el Arte de Al-Andalus Bajo el Dominio Almorávide, *Al-Andalus*, vol. XVII, fasc. 1, pp. 402-433.
- 1953, Estructura de las Ciudades Hispanomusulmanas: La Medina, Los Arrabaldes y los Barrios, *Al-Andalus*, vol. XVIII, fasc. 1, pp. 149-177.
- 1956, Animales de Juguete, *Al-Andalus*, vol. XXI, fasc. 2, pp. 373-375.
- 1956 a), Nichos y Arcos Lobulados, *Al-Andalus*, vol. XXI, fasc. 1, pp. 147-172.
- 1959, Letrinas y Bacines, *Al-Andalus*, vol. XXIV, fasc. 1, pp. 221-234.
- 1970, *Ciudades Hispano-Musulmanas*, tomo II, Ed. Instituto Hispano-Árabe de Cultura, pp. 43-688, Madrid.
- Vallicrosa, J. M. M., 1957, Jarras Menorquinas com Inscrição Árabe, *Al-Andalus*, vol. XXII, fasc. 2, pp. 407-410.
- Vargas, M. F., 1907, Appenso ao “Catalogo das Moedas e Medalhas do Museu do Carmo” – Moedas Arabico-Hispanicas, *Boletim de Architectura e Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.^a série, tomo XI, n.º 1, pp. 230-235.
- Vasconcellos, J. L., 1902, Candeias Árabes do Algarve, *O Archeologo Português*, vol. VII, pp. 119-125.
- 1915, *Historia do Museu Etnológico Português*, Ed. Imprensa Nacional, 444 pp.,

- XLI ests., Lisboa.
 1918, Pelo Sul de Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XXIII, pp. 104-138.
 1930-31, Excursão pelo Baixo Alentejo, 1897, *O Archeologo Português*, vol. XXIX, pp. 230-246.
- Veiga, S. P. M. E., da, 1889, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. III, Ed. Imprensa Nacional, 394 pp., XVII ests., Lisboa.
 1910, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Capítulo V, Tempos Históricos, *O Archeologo Português*, vol. XV, pp. 209-233, 8 mapas.
- Velasco, M. R., 1984, Ceramicas Islamicas Procedentes de Torete (Guadalajara). Nuevos Datos sobre los Grupos Ceramicos de la Marca Media, *Boletim de la Asociacion Española de Orientalistas*, sep., pp. 339-357.
- Viana, A., 1946, *Museu Regional de Beja*. Alguns Objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da Época Romana; Cerâmica Argárica; Cerâmica Árabe, *Arquivo de Beja*, vol. II, pp. 309-339.
 1958, Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique), *Arquivo de Beja*, vol. XV, pp. 25-35.
 1959, Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo, 1 – Castro da Nossa Senhora da Cola (Ourique), *Arquivo de Beja*, vol. XVI, pp. 3-24.
 1961-62, Notas Várias, Circunstâncias Habituais da Exploração Arqueológica em Portugal, *Arquivo de Beja*, vol. XVIII-XIX, pp. 89-225.
- Viana, A., Formosinho, J., e Ferreira, O. V., 1953, De lo Prerromano a lo Arabe en el Museu Regional de Lagos, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXVI; N.º 87, pp. 113-138, VIII ests.
- Vilá, J. B., 1984, *La Sevilla Islámica 712-1248*, Ed. Universidade Sevilla, 416 pp., VI ests., Sevilha.
- Villalba, J. A., 1983, *La Ceramica Hispanomusulmana de Toledo*, Ed. Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos, 88 pp., XXXII ests., Madrid.
- Wilkinson, C. K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, Ed. Metropolitan Museum of Art, 374 pp., 200 figs., 5 ests., Nova Yorque.
- Zoreda, L. C., 1974, Cerámica Sigillata Clara de tipo D Estampada de las Provincias de Murcia y Almería, *Miscelánea Arqueológica*, vol. I, pp. 193-222, Barcelona.
- Zozaya, J., 1969, El Comercio de Al-Andalus con el Oriente: Nuevos Datos, *Boletim de la Asociacion Española de Orientalistas*, ano V., pp. 191-201.
 1975, Ceramicas Islamicas del Museu de Soria, *Boletim de la Asociacion Española de Orientalistas*, ano XI, pp. 135-148.
 1980, Aperçu Général sur la Céramique Espagnole, *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale X^e - XV^e siècles*, Ed. C.N.R.S., pp. 265-296, Paris.
 1981, Cerámica Andalusí, *Cerámica, Esmaltada Española*, Ed. Labor, pp. 37-50, Barcelona.
 1983, Excavaciones en la Fortaleza de Qal'at'Abd-Al-Salam (Alcala de Henares, Madrid), *Noticiario Arqueológico Hispanico*, N.º 17, Ed. Ministério de Cultura, pp. 413-529, Madrid.
- Zozaya, J., e Fernandez-Miranda, M., 1972, El Yacimiento Medieval de Almallutx (Escorca, Baleares), *Noticiário Arqueologico Hispanico*, sep., pp. 199-220.
- N/A, 1842, Portugal-Silves, *O Panorama*, *Jornal Litterário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, vol. VI, pp. 209-211.
- N/A, 1894, Antigas Fortificações, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 3.^a série, tomo VII, pp. 203.
- N/A, 1908, Academia das Belas Artes de Lisboa, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.^a série, tomo XI, n.º 5. pp. 289-360.

Depósito Legal N.º 29378/89
Tiragem: 2 000 exemplares



MUSEU
MUNICIPAL
DE
ARQUEOLOGIA